

O NOVO ROMANCE ÉPICO DO AUTOR BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

WILBUR SMITH

«UM DOS AUTORES DE THRILLERS
MAIS APRECIADOS EM TODO O MUNDO.»

WASHINGTON POST

O DEUS DO DESERTO

EDITORIAL PRESENÇA



O NOVO ROMANCE ÉPICO DO AUTOR *BESTSELLER* DO NEW YORK TIMES

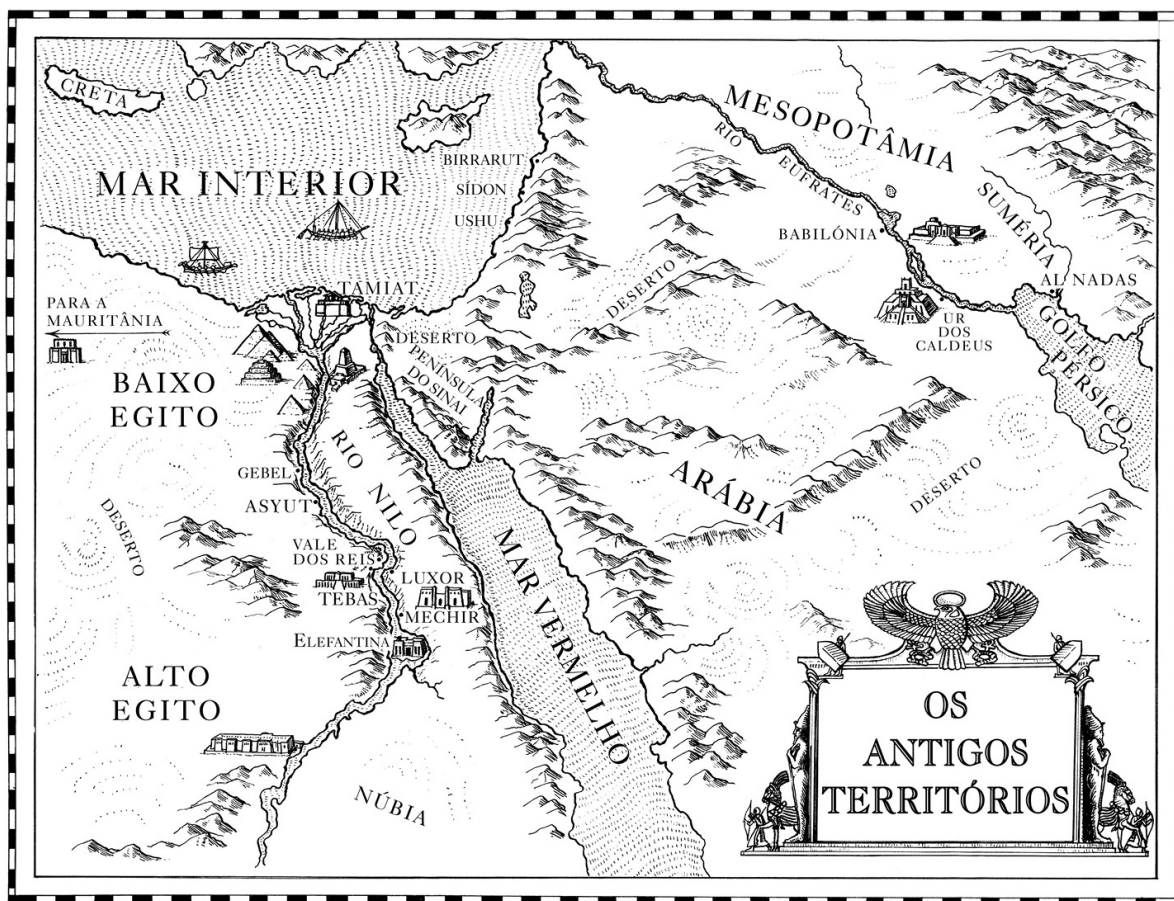
WILBUR SMITH

«UM DOS AUTORES DE *THRILLERS*
MAIS APRECIADOS EM TODO O MUNDO.»

WASHINGTON POST

O DEUS DO DESERTO

 EDITORIAL PRESENÇA



WILBUR SMITH

**O DEUS
DO DESERTO**

TRADUÇÃO DE **ISABEL ANDRADE**

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Desert God*

Autor: *Wilbur Smith*

Copyright © Wilbur Smith, 2014

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por HarperCollins Publishers em 2014

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Isabel Andrade*

Revisão: *Gabriela Varino/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Mapa © Nicolette Caven 2014

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, novembro, 2017

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Dedico este romance a Niso, a minha querida mulher e muito estimada companheira. Não sabia verdadeiramente o que era a felicidade até te conhecer. Agora, preenches todos os meus dias com amor, risos e felicidade.

Contigo a meu lado, nunca ousaria trocar a minha vida pela dos Reis.

Aton fechou por breves instantes os seus pequenos olhos, encovados no meio de duas bolsas de gordura. Em seguida, ergueu-os do tabuleiro de *bao*, que estava colocado entre nós os dois, e dirigiu a atenção para as duas jovens princesas da casa real de Tamose, que, desnudas, se divertiam nas águas límpidas da lagoa.

— Já não são crianças — comentou, absorto, sem deixar transparecer o menor vestígio de interesse lascivo no que via. Estávamos sentados um diante do outro debaixo de uma *barrazza* aberta, com uma cobertura de folhas de palmeira, próximo de uma das lagoas que se formavam nas represas do imenso rio Nilo.

Sabia eu que, com aquela alusão às raparigas, a sua intenção era distrair-me da minha jogada seguinte com as pedras *bao*. Aton não gosta de perder, pelo que, também não tem muitos escrúpulos quanto ao modo como alcança essas suas vitórias.

Aton sempre ocupou um lugar cimeiro na lista dos meus amigos mais antigos e mais queridos. Tal como eu, ele é um eunuco e também já foi escravo. Nesse período de escravidão, muito antes de chegar à puberdade, o seu amo distinguiu-o pelo excecional intelecto e argutas faculdades mentais. Era seu desejo alimentar e concentrar esses dons e evitar que se dissipassem por meio das distrações da libido, e, uma vez que Aton era um bem extremamente valioso, o amo chamou o médico de maior renome de todo o Egito para levar a cabo a castração. Há muito que o amo morreu, Aton, porém, suplantou largamente a condição de escravo. Atualmente é ele o camareiro-mor do palácio real do Faraó de Tebas, mas é também especialista em espionagem e administrador de uma rede de informadores e agentes clandestinos espalhada por todo o mundo civilizado. Existe apenas uma organização que a supera, a minha própria. Neste ponto, como em muitas outras coisas, entramos em amistosa competição um com o outro, e

poucas coisas nos dão maior prazer e satisfação do que marcarmos pontos um contra o outro.

Aprecio grandemente a sua companhia, pois me diverte e amiúde me surpreende com bons conselhos e discernimento. Uma vez por outra consegue testar a minha destreza diante do tabuleiro de *baa*. Habitualmente é pródigo nos elogios que me tece, mas a maior parte das vezes põe à prova a minha própria genialidade.

Agora, ambos observávamos Bekatha, a mais nova das princesas reais, em quase dois anos, embora talvez não se conseguisse antevê-lo ao primeiro olhar, pois era alta para a idade e os seios começavam a despontar, chegando mesmo os mamilos a intumescer com denodo, quando se banhava nas águas frias da lagoa. Era esguia, ágil e de riso fácil, embora detentora de um temperamento volúvel. As feições tinham uma nobreza no entalhe, com um nariz estreito e retilíneo, maxilares fortes e redondos e os lábios delicadamente arqueados. A cabeleira farta e brilhante reluzia ao sol com reflexos acobreados. Herdara-a do pai. Embora ainda não tivesse conhecido a flor vermelha da feminilidade, eu sabia que isso não tardaria a acontecer.

Amo-a, mas a verdade é que amo um pouco mais a sua irmã mais velha.

Tehuti era a mais velha e a mais bela das duas irmãs. Sempre que olhava para ela, parecia estar a ver de novo a sua mãe. A Rainha Lostris havia sido o grande e único amor da minha vida. Sim, eu amara-a como um homem ama uma mulher, porque, ao contrário do meu amigo Aton, fui castrado quando era já homem feito e depois de conhecer o prazer de desfrutar do corpo de uma mulher. A verdade é que o meu amor pela Rainha Lostris nunca foi consumado, posto ter sido castrado previamente ao seu nascimento, mas ganhou bem maior intensidade por nunca ter sido aplacado. Cuidei dela em criança e servi-a como guia ao longo de toda a sua existência feliz, aconselhando-a, orientando-a e entregando-me todo a ela sem reservas. Por fim, amparei-a nos meus braços quando morria.

Antes de partir para o mundo subterrâneo, Lostris sussurrou-me algo que nunca esquecerei:

— Em toda a minha vida, amei apenas dois homens. Tu, Taita, foste um deles.

Foram estas as palavras mais doces e amorosas que alguém me dirigiu.

Planeei e supervisionei a construção do seu túmulo real, depusitei nele o seu corpo, outrora belo e agora inerte. Como desejei acompanhá-la para esse mundo dos mortos. Sabia eu todavia que não podia fazê-lo, pois teria de ficar a cuidar das suas filhas, do mesmo modo que cuidara dela. Na verdade, este não tem sido um fardo muito pesado, dado que a minha vida se tem enriquecido com essa incumbência sagrada.

Aos 16 anos de idade, Tehuti era já uma mulher feita, com uma pele reluzente e imaculada, os braços e as pernas esbeltos e elegantes, como os de uma bailarina, ou como os membros do magnífico arco de guerra de seu pai, que eu mesmo talhara e depositara sobre a tampa do seu sarcófago antes de selar o túmulo.

Tehuti tinha ancas cheias, mas uma cintura estreita como o gargalo de uma ânfora de vinho, os seios eram redondos e tensos e os fartos caracóis dourados que lhe cobriam a cabeça reluziam em todo o seu esplendor, os olhos eram tão verdes como haviam sido os da sua mãe. O seu encanto era de uma perfeição sem limites; e, quando me brindava com o seu sorriso, ficava eu com o coração confrangido. Era de uma natureza gentil, muito paciente, mas destemida e decidida quando era provocada.

Amo-a quase tanto como amo ainda a sua mãe.

— Fizeste um bom trabalho com elas, Taita — elogiou-me Aton, com grande generosidade. — São ambas os tesouros que ainda poderão salvar o nosso Egito da barbárie.

Nisto, como em tantas outras coisas, Aton e eu estávamos em absoluto acordo. Era essa a verdadeira razão pela qual ambos tínhamos vindo para este lugar remoto e isolado do mundo, ainda que todos os restantes habitantes do palácio, o próprio Faraó incluído, estivessem convencidos de que nos havíamos encontrado aqui para darmos seguimento à nossa interminável rivalidade diante do tabuleiro de *baou*.

Não respondi de pronto ao comentário, baixando antes os olhos para o tabuleiro. Aton fizera o seu último movimento quando eu ainda olhava para as meninas. Era o mais hábil jogador de todo o Egito deste jogo sublime, e o mesmo era dizer «de todo o mundo civilizado». À exceção de mim próprio, claro. É habitual ganhar-lhe três jogos em cada quatro partidas.

Agora, a desprevenido olhar, percebia eu que este jogo seria um desses três, porque a sua última jogada fora mal calculada. A disposição das suas pedras ficara assim desequilibrada. Era um dos poucos erros do seu jogo; em vezes sobejas, quando se convencia de que tinha a vitória como certa, lançava toda a prudência ao ar, baixava a guarda e desconsiderava a regra das sete pedras. Em seguida, cuidava de concentrar todo o ataque a partir do castelo a sul e permitia-me assumir o controlo do seu flanco leste ou oeste. Desta vez, era leste. Não precisei de uma segunda oportunidade, e lancei-me ao ataque como uma cobra.

Reclinou-se no banco ao mesmo tempo que avaliava a minha jogada inesperada, e, quando por fim percebeu a espantosa genialidade daquele meu movimento, o seu rosto ensombrou-se ultrajado e, com a voz embargada, declarou:

— Creio que te odeio, Taita. E, se assim não for, decerto que deveria fazê-lo.

— Fui bafejado pela sorte, velho amigo — disse-lhe, ao mesmo tempo que procurava não denunciar o meu regozijo. — Seja como for, isto não passa de um jogo.

Encheu as bochechas de ar e soprou com indignação.

— De todas as coisas néscias que já te ouvi dizer, Taita, esta é a mais crassa. Não se trata apenas de um jogo. Esta é a verdadeira essência da vida — disse, mesmo zangado.

Baixei o braço para debaixo da mesa, peguei na ânfora de vinho e tornei a encher-lhe o caneco. Era um vinho soberbo, o melhor de todo o Egito, que eu trouxera das adegas instaladas nas caves do palácio do Faraó. Aton tornou a encher as bochechas de ar e a soprar, para imprimir reforço à afronta e à ira que sentia, mas, como se agissem por vontade própria, os seus dedos carnudos fecharam-se em volta da asa do caneco e levou-o aos lábios. Em dois tragos,

engoliu o conteúdo, com os olhos fechados em puro deleite. Ao pousar o caneco, suspirou.

— És capaz de ter razão, Taita. Existem outras boas razões para se viver — concluiu, ao mesmo tempo que começava a guardar as pedras de *bao* nas bolsas de cabedal fechadas por dois cordões. — Conta-me, então, as novidades que ouviste vindas do Norte. Surpreende-me uma vez mais com a grandeza da tua inteligência.

Chegávamos, desse modo, finalmente ao verdadeiro propósito daquele nosso encontro. O Norte continuava a ser o nosso maior perigo.

Há mais de cem anos, a traição e a rebelião haviam dividido o nosso grandioso Egito. O Pretendente Vermelho ao Trono, o falso Faraó — cujo nome de propósito não pronuncio e maldito seja para toda a eternidade —, esse traidor rebelou-se contra o verdadeiro Faraó e apoderou-se de todo o território situado a norte de Asyut. O nosso bem-amado Egito mergulhava, desse modo, numa guerra civil que se prolongaria por um século inteiro.

Chegada a vez de o herdeiro do Pretendente Vermelho ascender ao trono, foi esmagado por uma tribo selvagem e guerreira, emergida das estepes setentrionais, situadas para lá do Sinai. Esses bárbaros arrasaram todo o Egito e conquistaram-no pela força de armas, cuja existência desconhecíamos por completo: o cavalo e a quadriga. Depois de derrotarem o Pretendente Vermelho ao Trono e sitiarem a região norte do Egito, do mar Interior a Asyut, esses Hicsos viraram-se para nós, descendo e atacando-nos pelo sul.

Nós, os verdadeiros Egípcios, não tínhamos defesa possível para nos opormos a eles. Fomos expulsos da nossa própria terra e vimo-nos forçados a retirar para sul, para lá das cataratas do Nilo, em Elefantina, e do deserto do fim do mundo. Aí nos mantivemos enquanto a minha ama, a Rainha Lostris, reagrupava as tropas.

No seu todo, a parte que me coube nesta regeneração não foi insignificante. Por natureza, não sou um homem pretensioso; todavia, a este propósito, posso afirmar sem receio de me equivocar que sem o meu papel orientador e de conselheiro, a minha ama e e

Memnon, o seu filho, o Príncipe da Coroa, que é atualmente o Faraó Tamose, nunca teriam alcançado aquilo a que se propunham.

Entre os numerosos outros serviços de que estava incumbido de lhe prestar, fui aquele que construiu as primeiras quadrigas com rodas raiadas, mais leves e rápidas do que as dos Hicsos, construídas com rodas de madeira maciça. Em seguida, procurei os cavalos mais aptos para as puxar. Quando tudo estava pronto, o Faraó Tamose, que era agora um homem feito, desceu às cataratas na dianteira do nosso novo exército e rumou ao Norte, penetrando no Egito profundo.

O chefe dos invasores hicsos apelidava-se a si próprio Rei Salitis, mesmo sem o ser, pois que, quando muito, seria um mero barão saqueador e um foragido. Todavia, o exército que comandava excedia ainda em número o nosso egípcio numa proporção de quase dois para um, além de estar bem apetrechado e ser de grande ferocidade.

Apanhámo-los, todavia, desprevenidos, e, em Tebas, travámos contra eles uma batalha sangrenta. Esmagámos as suas quadrigas e matámos os seus homens, dispersando os sobreviventes em debandada e fazendo-os recuar para norte. No campo de batalha, deixaram eles para trás dez mil corpos e duas mil quadrigas destruídas.

Apesar disso, nas nossas tropas bravas infligiram eles pesadas baixas, porquanto não pudemos prosseguir a luta nem destruí-los por completo. Desde então, os Hicsos têm-se mantido escondidos no delta do Nilo.

O Rei Salitis, esse velho saqueador, está hoje morto. Não morreu ele no campo de batalha pelo golpe de uma espada desferida por um bom espadachim egípcio, como teria sido justo e devido, mas de velhice, deitado numa cama e rodeado pela horda das suas hediondas mulheres e da sua sinistra prole. Entre eles, encontrava-se Beon, o primogénito, que hoje se intitula Rei Beon, Faraó dos Reinos do Alto e do Baixo Egito. A verdade é que não passa de um flibusteiro assassino, pior ainda do que o ímpio pai. Amiúde, os meus espiões informam-me de como Beon, com paulatina firmeza e

determinação, está a reconstruir o exército hicsu, que nós próprios tão severamente mutilámos naquela batalha de Tebas.

Essas são notícias perturbadoras, posto estarmos a ter grande dificuldade em abastecer-nos de matérias-primas para compensarmos as perdas sofridas nessa mesma batalha. O nosso reino meridional, situado no interior, não tem por isso comunicação alguma com o imenso mar Interior, nem com o comércio com as outras nações do mundo civilizado, nem com quaisquer cidades-estado, abastadas em peles e couros, madeira, cobre, antimónio, latão e outras forças de guerra de que estamos tão precisados. Do mesmo modo, carecemos nós de mão de obra e de guerreiros. Precisamos de aliados.

Os Hicsos, nossos inimigos, por seu lado, têm magníficos portos marítimos no delta, onde o Nilo entra no mar Interior e os fluxos comerciais são escoados sem interrupções. Graças à ação dos meus espiões, eu sempre soubera que os Hicsos procuravam firmar alianças com outras nações guerreiras.

Aton e eu encontrámo-nos neste lugar isolado para discutirmos e ponderarmos sobre tais problemas, posto a sobrevivência do nosso bem-amado Egito estar a ser disputada no fio de uma adaga. Em muitas outras ocasiões, Aton e eu havíamos debatido tudo isto, longa e profundamente, agora, porém, estávamos prontos para tomar as derradeiras decisões e para, em seguida, as apresentarmos ao Faraó.

Todavia, as princesas reais tinham outros planos. Ao verem Aton pegar nas pedras *baa*, tomaram-no como um sinal de que agora podiam ser merecedoras de toda a minha atenção. Sou-lhes devoto, mas são ambas muito exigentes. Apressaram-se a sair da lagoa, lançando salpicos de água em todas as direções e tentaram ver qual delas corria mais depressa e me alcançava em primeiro lugar. Bekatha é a mais nova, mas também a mais rápida e determinada, dado estar disposta a fazer quase tudo para conseguir obter o que pretende. Venceu Tehuti por um palmo e foi fria e molhada do banho na lagoa que se atirou para o meu colo.

— Amo-te, Tata — gritou, lançando os braços em volta do meu pescoço e pressionando contra a minha face uma encharcada

mecha de cabelo ruivo. — Conta-nos uma história, Tata.

Vencida na corrida para me alcançar, Tehuti teve de aceitar a posição menos almejada aos meus pés. Com graciosidade e lentidão, desceu o corpo despido, que pingava água para o chão, e abraçou as minhas pernas, estreitando-as de encontro ao seu peito, ao mesmo tempo que apoiava o queixo sobre os meus joelhos e deixava ficar o olhar preso ao meu rosto.

— Sim, por favor, Tata. Conta-nos algo sobre a nossa mãe e diz-nos como ela era bonita e inteligente.

— Antes disso, porém, devo falar com o tio Aton — objetei.

— Ah! Então, está bem. Mas não te demores — interrompeu-me de pronto Bekatha. — É tão aborrecido.

— Não me deterei, prometo — assegurei-lhes e tornei a olhar para Aton, após o que calmamente começámos a falar em hicsônio, o idioma do nosso inimigo figadal, no qual éramos ambos fluentes.

Além de sempre ter zelado pelo conhecimento profundo dos meus inimigos por considerá-lo indispensável, também tenho algum jeito e facilidade com as palavras e as línguas. Desde que regressei a Tebas, tive muitos anos disponíveis para aprender. Aton não se juntou ao êxodo para a Núbia, dado não ser um espírito aventureiro. Desse modo, permanecera no Egito e sofrera o jugo dos Hicsos. Não obstante, aprendera tudo o que eles tinham para ensinar, até mesmo o idioma, mas nenhuma das princesas compreendia uma palavra que fosse.

— Oh, detesto quando falas esse jargão horrível! — reclamou Bekatha a fazer beicinho, e Tehuti acompanhou-a no protesto, mostrando o seu próprio desacordo.

— Se nos amas, Taita, terás de falar em egípcio.

Abracei Bekatha e acariciei a adorável cabeça de Tehuti. Ainda assim, continuei a falar com Aton na língua que as minhas meninas tanto deploravam.

— Não faças caso do pranto infantil. Prossegue, velho amigo!

Aton deixou de fazer o sorriso forçado que exibia e prosseguiu:

— Estamos, então, de acordo, Taita. Precisamos de aliados e de estabelecer relações comerciais com eles, ao mesmo tempo que

teremos de negar ambos aos Hicsos.

Senti-me tentado a dar-lhe uma réplica sarcástica, mas já o aborrecera o bastante diante do tabuleiro de *baou*, porquanto limitei-me a anuir com uma expressão séria.

— Como de costume, foste diretamente ao cerne da questão e formulaste o problema de forma sucinta. Aliados e comércio. Muito bem, o que temos nós para comercializar, Aton?

— Temos o ouro das nossas minas da Núbia, por nós descobertas enquanto estávamos no exílio, para lá das cataratas. — Aton nunca saíra do Egito, mas, quem o ouvisse falar, diria ter sido ele mesmo a comandar toda a expedição daquele êxodo. Sorri para mim próprio, apesar de manter a mesma expressão séria, depois, prossegui:

— Embora o metal amarelo não seja tão valioso como o prateado, o certo é que os homens também o cobiçam. Com as quantidades que o Faraó acumulou no tesouro, conseguiremos comprar prontamente amigos e aliados.

Anuí, concordante, mesmo sabendo que o tesouro do Faraó era largamente sobrestimado por Aton e por muitos que, como ele, não estavam tão próximo do trono quanto eu. Continuei a desenvolver aquele assunto:

— Não te esqueças, todavia, da produção da rica argila negra que a Mãe Nilo deposita ao longo das suas margens a cada inundação anual. Os homens precisam de comer, Aton. As cidades-estado cretenses, sumérias e helénicas têm poucas terras aráveis, porquanto têm sempre muita dificuldade em encontrar milho para alimentar as populações. Nós temo-lo em abundância — relembrei-o.

— Sim, Taita. Dispomos de milho, bem como de cavalos para comercializar; criamos os melhores e mais belos cavalos de combate do mundo. Além de termos outras coisas ainda mais raras e preciosas. — Aton fez uma pausa subtil, e, num relance, passou os olhos pela criança adorável que eu abraçava e pela outra, sentada sobre os meus joelhos.

Nada mais tínhamos a dizer sobre aquele assunto. Os Cretenses e os Sumérios dos territórios instalados entre os rios Tigre e

Eufrates eram os nossos vizinhos mais próximos e mais poderosos. Era comum esses dois povos serem morenos e terem os cabelos castanho-claros, porquanto os seus soberanos consideravam desejáveis as mulheres loiras e de pele clara das tribos costeiras do mar Egeu e da Casa Real do Egito. Não obstante, as pálidas e insípidas mulheres helénicas nem se podiam comparar às nossas resplandecentes joias do Nilo.

Os pais das minhas duas princesas eram Tanus, ele, de fogosos caracóis ruivos, e ela, a muito loura Rainha Lostris. Os melhores traços de ambos haviam passado para a descendência, desse modo, a beleza destas suas filhas tornara-se bem conhecida no mundo inteiro. Havia mesmo embaixadores de terras distantes a realizarem onerosas viagens, percorrendo largas extensões de deserto e atravessando mares de águas profundas, vindo de longe até ao palácio de Tebas, para com extremo cuidado transmitirem ao Faraó Tamose o interesse dos seus amos no estabelecimento de uma aliança matrimonial e marcial com a Casa de Tamose. O sumério Rei Nimrod e o Supremo Rei Minos de Creta haviam sido dois desses senhores que se tinham disposto a enviar-nos altos dignitários com esse propósito.

A meu pedido e com grande benevolência, recebera o Faraó esses dois embaixadores. Aceitara as generosas e elegantes oferendas de prata e madeira de cedro com que o haviam presenteado. Depois de, compassivamente, escutar as suas propostas de casamento com uma, ou com as duas irmãs de Tamose, o Faraó explicara-lhes que ambas eram ainda demasiado jovens para contraírem matrimónio e que deveriam voltar a falar no assunto depois de as meninas atingirem a maturidade. Mas isto tinha-se passado há um certo tempo, agora, porém, as circunstâncias eram outras.

À época, o Faraó discutira comigo a possível aliança entre o Egito e a Suméria, ou Creta. Valendo-me de grande tato, fizera-o entender que, para nós, Creta se tornaria num aliado mais vantajoso do que os Sumérios.

Antes de tudo o mais, os Sumérios não eram uma raça de marinheiros, e, ainda que dispusessem de um exército poderoso e

bem equipado com cavalaria e quadrigas, não possuíam uma marinha digna de distinção alguma. Relembrei ao Faraó que o nosso Egito meridional não tinha qualquer acesso ao mar Interior e que a região norte, com comunicação ao Nilo, era controlada pelos nossos inimigos, os Hicsos, desse modo, éramos fundamentalmente um país sem costa marítima.

De modo idêntico, os Sumérios tinham um acesso limitado ao mar e a sua frota era insignificante quando comparada com as de outras nações, como a dos Cretenses, ou mesmo a dos Mauritanos, os povos situados no Ocidente. Os Sumérios mostravam-se sempre relutantes em se aventurar pela passagem marítima com barcos bem repletos de mercadorias, posto recearem tanto os piratas como as intempéries turbulentas. Em igual medida, as vias terrestres de ligação entre os nossos países comportavam numerosas dificuldades.

Os Hicsos controlavam o istmo que ia do mar Interior ao mar Vermelho e unia o Egito ao deserto do Sinai, pelo norte. Os Sumérios ver-se-iam forçados a cruzar o deserto do Sinai, pela faixa mais a sul, para aí atravessarem de barco o mar Vermelho e virem juntar-se a nós. Esta rota apresentava tantos problemas ao exército, registando-se como dificuldades menores a falta de água e a escassez de condições de navegabilidade no mar Vermelho, que por certo se revelaria uma tarefa impossível de concretizar.

O que numa primeira conversa eu havia proposto ao Faraó, e que agora resumia a Aton, era o estabelecimento de um tratado firmado entre o nosso Egito e o Supremo Rei Minos de Creta. «Supremo Rei Minos» era o título do governante hereditário cretense, o equivalente ao nosso Faraó. Sugerimos, porém, que ele era mais poderoso do que o nosso próprio Faraó seria um ato de traição. Desse modo, bastaria dizer que a sua frota tinha a reputação de ser constituída por mais de dez mil galés de guerra e mercantes, armadas com tão avançados processos de construção que nenhum outro barco conseguiria superá-las em velocidade nem neutralizá-las.

Nós temos aquilo que os Cretenses pretendem: milho, ouro e noivas encantadoras. Os Cretenses têm o que nós precisamos: a mais formidável frota de navios de guerra em atividade, com a qual

poderíamos bloquear os portos dominados pelos Hicsos na foz do delta do Nilo, e, por meio da qual, levaríamos em coluna o exército sumério até às costas meridionais do mar Interior para, desse modo, surpreendemos os Hicsos num mortífero movimento em pinça, que esmagaria o seu exército entre as nossas duas forças.

— Magnífico plano! — aplaudiu-me Aton. — Esse seria um plano quase infalível, não fora um pequeno mas significativo pormenor que descuraste, Taita, meu bom e velho amigo — acrescentou com um sorriso dissimulado, saboreando a vingança pela derrota que eu lhe tinha infligido frente ao tabuleiro de *baô*. Eu nunca fora uma pessoa rancorosa, mas, naquele momento, não consegui refrear-me e deleitei-me um pouco mais no inocente divertimento à custa de Aton. Forcei uma expressão de desalento.

— Ah, não mo digas! Pensei tanto e com todo o cuidado em todos os pormenores. Em que é falho este meu plano?

— Chegas tarde demais. O Supremo Rei Minos de Creta selou já uma aliança secreta com o Rei Beon dos Hicsos — declarou Aton, com um estalido dos lábios e uma palmada alegre bem assente numa das suas coxas elefantinas. Refutava, desse modo, perentório a minha proposta, ou pelo menos assim julgava ele.

— Ah, sim! — repliquei. — Calculo que estejas a referir-te ao bastião comercial, negociado com o Beon, que os Cretenses abriram há cinco meses em Tamiat, no extremo leste da foz do delta do Nilo.

Agora era a vez de Aton se mostrar desarmado.

— Quando soubeste tu disso? Como foi que o soubeste?

— Por favor, Aton! — exclamei, abrindo as mãos num gesto de súplica. — Não estás à espera que revele todas as minhas fontes, pois não?

Depressa Aton recuperou o aprumo.

— O Supremo Rei Minos e o Beon encetaram já conversações, se não estabeleceram mesmo uma aliança de guerra. Por muito grande que seja a sagacidade e a inteligência que todos te reconhecemos, Taita, é muito pouco o que possas fazer a esse respeito.

— E se o Beon tiver nos seus planos uma traição? — inquiri-o num tom de voz misterioso, que o levou a olhar-me surpreendido.

— Uma traição? Não entendo, Taita. Que forma assumiria essa traição?

— Tens alguma ideia, Aton, de quanta prata o Supremo Rei Minos de Creta guarda nesse novo bastião de Tamiat, em território hicso?

— Calculo que deva ser uma quantidade substancial. Se, na próxima estação, o Supremo Rei Minos se propuser comprar ao Beon a maior parte da sua colheita de milho, nessa altura, precisará de ter à mão uma quantidade considerável de lingotes de prata — arriscou Aton, cauteloso. — Provavelmente, qualquer coisa como 10 *lakhs*¹, ou mesmo 20.

— És muito perspicaz, querido amigo; não obstante, mencionaste apenas uma pequena parte dos problemas com que o Supremo Rei Minos se defronta. Ele não se atreve sequer a correr o risco de ordenar aos seus navios bem aprestados de tesouros que se façam ao mar aberto durante a estação das tempestades. Deste modo, cinco meses por ano não poderá ele enviar lingotes de ouro, nem outros metais preciosos, para as costas meridionais do mar Interior, e que no inverno implicará uma travessia de mais de quinhentas léguas para fora da ilha.

Aton apressou-se a interromper-me, tentando antecipar a minha conclusão.

— Ah, sim, naturalmente! Compreendo onde queres chegar. Isso significa, então, que, durante todo esse tempo, o Supremo Rei Minos será incapaz de firmar contratos comerciais com as nações e os estados situados para lá dessa costa africana do mar Interior!

— Durante todo o inverno, terá ele o acesso vedado a metade do mundo — concordei. — Todavia, se conseguir dispor de uma base segura sobre a costa egípcia, a sua frota ficará a salvo das intempéries e das tempestades invernais. Nesse caso, durante o ano inteiro, os seus navios poderiam assegurar as práticas comerciais da Mesopotâmia à Mauritània, sob o protetor sotavento costeiro. — Fiz uma pausa para lhe deixar antever toda a magnitude

do que o Supremo Rei Minos estava a planear, após o que prossegui, desapiedado: — 20 *lakhs* de prata não seriam suficientes para financiar sequer uma centésima parte dessa atividade. 500 *lakhs* aproximar-se-ão mais da quantia provável que ele terá de juntar na sua nova fortaleza de Tamiat para conseguir realizar essas transações comerciais no inverno. Não concordas tu que essa quantidade de lingotes de prata faria qualquer homem contemplar a possibilidade de uma traição, em especial um fora da lei ganancioso e naturalmente pérfido como o Beon?

Por umas cinquenta pulsações, Aton ficou paralisado diante da magnitude da visão com que eu o presenteara. Quando por fim tornou a mexer-se, a voz soou rouca ao perguntar-me:

— Tens, então, provas de que o Beon, desafiando o incipiente acordo com o Supremo Rei Minos, planeia tomar de assalto a fortaleza de Tamiat e roubar o tesouro? É isso o que estás a dizer-me, Taita?

— Não estou com isto a dizer que detenho provas de que seja essa a intenção do Beon. Estou simplesmente a fazer-te uma pergunta. Não estou a afirmar nada — declarei, rindo da sua expressão confusa. Era indelicado da minha parte, mas não consegui conter-me. Nunca no nosso longo convívio e amizade o vira tão perdido em busca de um contra-argumento incisivo ou de uma réplica. Após isso, compadeci-me do meu amigo.

— Ambos sabemos que o Beon é um néscio selvagem, Aton. É capaz de conduzir uma quadriga, manejar uma espada, disparar um arco ou saquear uma cidade. Tenho, todavia, sérias dúvidas de que seja capaz de planear uma visita a esses domínios sem uma deliberação bem pensada e muito ponderada.

— Quem está, então, a planear essa pilhagem do tesouro do Supremo Rei Minos? — perguntou-me Aton. Ao invés de lhe responder de pronto, limitei-me a recostar-me e a sorrir. Ele olhou-me fixamente. Depois, a sua expressão suavizou-se. — Tu? Por certo que não, Taita! Como podes tu estar a planear roubar os 500 *lakhs* de prata do Supremo Rei Minos para em seguida ires pedir aos Cretenses o seu apoio e aliança?

— Na penumbra, é difícil distinguir um hicsos de um egípcio, para mais se este estiver vestido com os aprestos guerreiros hicsos, se levar consigo armas hicsas e falar o idioma — ressaltei, enquanto ele abanava a cabeça, de novo a debater-se com a falta de palavras. Prossegui, ainda a confrangê-lo. — Concordarás tu decerto que semelhante ataque traidor destruiria para sempre todas as possibilidades de Creta e os Hicsos virem a constituir uma aliança contra nós?

Por fim, Aton sorriu.

— Estás tão cheio de engano e astúcia, Taita, que me pergunto se poderei voltar a confiar em ti! — E, em seguida, perguntou-me: — Qual a dimensão da guarnição cretense em Tamiat?

— Neste momento, compreende perto de dois mil soldados e arqueiros. Apesar de quase todos eles serem mercenários.

— Todos esses?! — exclamou, impressionado. Tornou a fazer uma pausa, prosseguindo em seguida: — De quantos homens precisas tu, ou devo antes perguntar, de quantos homens o Beon precisa para levar a cabo esse plano cobarde e vil?

— Basta — comedi-me. Não revelaria todos os meus planos a Aton. Aceitou-o e deixou de me importunar daquele modo direto. Não obstante, fez-me ainda outra pergunta dissimulada.

— Sairias do forte de Tamiat sem deixar nenhum sobrevivente cretense? Matá-los-ias a todos?

— Por certo que deixaria escapar a grande maioria deles — refutei com firmeza a sugestão. — Havia de querer que o maior número possível deles voltasse para Creta para advertir o Supremo Rei Minos da traição do Rei Beon.

— E o tesouro cretense? — quis saber Aton. — Esses 500 *lakhs* de prata? Que destino teriam?

— Os cofres do Faraó estão praticamente vazios. Não conseguiremos salvar o Egito sem esse tesouro.

— Quem avançará à frente desse ataque? — perguntou-me. — Serás tu a fazê-lo, Taita?

Mostrei-me perplexo.

— Sabes bem que não sou um guerreiro, Aton. Sou médico, poeta e um sábio filósofo. Se, todavia, o Faraó me instar a fazê-lo,

de bom grado acompanharei a expedição como conselheiro do comandante.

— E quem será o comandante? O Kratas?

— Gosto do Kratas e é um excelente soldado, mas está velho, teimoso como um asno e de pronto fechado à razão ou a qualquer sugestão — declarei, encolhendo os ombros, enquanto Aton soltava um risinho abafado.

— Descreveste o General Kratas de modo perfeito, ó gentil bardo. Se não fora ele, que outro nomearia, então, o Faraó para esse encargo?

— Talvez venha a nomear o Zaras.

— Ah! O famoso Capitão Zaras da divisão do Crocodilo Azul, da Guarda Real? É um dos meus favoritos, Taita. Não concordas?

Ignorei a provocação.

— Não tenho favoritos. — Uma vez por outra até eu podia manipular e exagerar um pouco a verdade. — Todavia, o Zaras é simplesmente o melhor homem para levar por diante essa empreitada — respondi-lhe sem grande entusiasmo.

Quando diante do Faraó expus o meu plano para desacreditarmos o Rei Beon aos olhos do Supremo Rei Minos de Creta e para comprometermos em definitivo as boas relações entre aqueles dois poderios, que tinham a capacidade de se tornar nos nossos piores inimigos, ele ficou espantado com a brilhante simplicidade do plano por mim delineado.

Havia eu rogado uma audiência privada com o Faraó, e claro que ele ma havia concedido sem a mais pequena objeção. Estávamos a sós no amplo terraço rodeado de palmeiras, que circundavam a sala do trono e do qual se avistava o Nilo no seu ponto mais largo no sul do Egito. Certamente que, para lá de Asyut, o rio se alarga mais ainda e a corrente se lentifica à passagem pelo território que os Hicsos nos tomaram, escoando para o delta antes de desaguar no mar Interior.

Nos dois extremos do terraço, havia sentinelas que asseguravam que não fôssemos avistados, nem ninguém ouvisse o que dizíamos, fossem amigos ou inimigos. Os guardas estavam sob o comando

direto de oficiais de confiança, mas mantinham-se discretamente fora do alcance da nossa vista para que o Faraó e eu não fôssemos perturbados, enquanto caminhávamos devagar pelo pavimento de mármore. Apenas naquele momento em que estávamos a sós me era permitido caminhar a seu lado, ainda que mantivéssemos uma relação muito estreita, desde os primeiros instantes em que ele viera ao mundo.

Na verdade, fora eu quem o trouxera a este mundo. Fora eu quem tomara nas minhas próprias mãos o seu corpo infante, enquanto a Rainha Lostris o expulsava do ventre real com a força de uma pedra lançada por uma físga. O primeiro de todos os gestos que o príncipe me dedicou foi esvaziar a bexiga por cima de mim. Sorrio ainda perante essa recordação.

Desde esse dia que tenho sido seu tutor e mentor. Fui eu quem lhe ensinou a limpar o traseiro, a ler e a escrever, mas também a disparar um arco e a conduzir uma quadriga de guerra. Comigo aprendeu ainda a governar uma nação. Agora, por fim, tornou-se num belo jovem, num guerreiro intrépido e no experiente governante deste nosso bem-amado Egito. Continuamos, todavia, a ser os melhores amigos um do outro, e atrever-me-ia mesmo a dizer que o Faraó me ama como ao pai que nunca conheceu, ao passo que eu o amo como ao filho que nunca tive.

Agora, enquanto escutava o estratagema que lhe propunha, deteve-se e virou-se para me olhar com uma surpresa crescente. Chegado ao desfecho do meu plano, segurou-me pelos ombros com umas mãos robustas e fortes como bronze por manejarem sobremaneira a espada, abrirem o arco e guiarem com as rédeas quatro cavalos emparelhados num carro.

— Tata, meu velho patife! — gritou-me na cara. — Não deixas de me surpreender. Nenhum outro, além de ti, conseguiria congeminar tão ultrajante e desafiante conspiração. Devemos começar de pronto a ocupar-nos dos pormenores mais melindrosos. Bom, ainda me recordo de como detestava que me obrigasses a aprender a falar hicsoniano; agora, sem esse conhecimento, estaria perdido. Nunca poderia comandar essa expedição se não fosse capaz de me fazer passar por um dos nossos inimigos.

Necessitei de várias horas de grande tato, hábil manipulação e paciência para convencê-lo do perigo de deixar o Egito sem liderança num momento tão crucial da nossa História, que excedia em larga escala a glória ou outras vantagens que ele pudesse esperar obter com uma captura bem-sucedida do bastião minoico de Tamiat, bem como do valioso tesouro lá contido. Dei graças a Hórus por ainda ser suficientemente jovem para conservar uma mentalidade flexível, mas também por ter já idade bastante para saber fazer bom uso de algum bom senso. Há muito que aprendi a exercer sobre ele a minha influência a bem dos meus intentos, sem, todavia, deixá-lo perceber que o faço. No fim de contas, de ordinário, levo a minha avante.

Perante a minha sugestão, o Faraó designou Zaras para comandar a expedição. Apesar da sua juventude, com 25 anos apenas — quase a mesma idade do próprio Faraó —, havia já cultivado distinta fama, como o atestava a sua patente militar. No passado, por diversas vezes trabalhara eu com ele, e sabia que a sua reputação tinha grande fundamento. Mais importante ainda era o facto de ele me reverenciar.

Antes, porém, de me dispensar, o Faraó Tamose colocou nas minhas mãos o selo real do falcão. Era esse o modo como o nosso Faraó delegava todos os seus poderes ao seu portador, que passaria a responder apenas a ele. Pelo que, sob pena de ser castigado com a própria morte, homem algum poderia interrogá-lo, nem constranger a sua progressão quando por incumbência estivesse a realizar algum dever real.

Era costume o Faraó conferir o selo real do falcão ao seu emissário escolhido numa cerimónia solene na presença dos membros mais venerandos da corte, mas percebi que, num assunto tão sensível como aquele, decidia fazê-lo no maior secretismo. Ainda assim, foi muito honrado que me senti pela confiança que demonstrava depositar em mim.

Ajoelhei-me e toquei com a fronte no chão diante dele, mas o Faraó inclinou-se e fez-me levantar.

— Nunca me deixaste ficar mal, Taita — disse, abraçando-me. — Sei bem que também agora isso não há de acontecer.

Saído dali, procurei Zaras de imediato e fiz-lhe saber a importância da nossa missão e a oportunidade que se lhe apresentava de, com aquele encargo, fortalecer nele próprio o elevado apreço do Faraó. Acrescentei ainda que o sucesso daquela missão o faria pisar e subir a grande via da progressão pessoal e dos favores reais, sendo com pouca convicção que tentou ocultar de mim o seu assombro.

Em conjunto, elaborámos uma lista dos duzentos e vinte homens que tomariam parte no assalto. Zaras começou por manter firme a convicção de que aquele número de partidários não era suficiente para tomarmos a guarnição cretense de perto de dois mil homens, todavia, depois de lhe explicar as circunstâncias particulares, que não partilhara com Aton, nem mesmo com o Faraó, ele aceitou o meu plano sem quaisquer reservas.

Deixei que escolhesse os seus próprios homens, insistindo apenas no único atributo que todos eles deveriam ter — a capacidade de falarem o idioma hicsó com grande fluência. Zaras era demasiado jovem para ter participado no êxodo para a Núbia, quando os Hicsos haviam subjugado toda a parte meridional do Egito. Na verdade, com a idade de 16 anos, vira-se forçado a engrossar as legiões hicsonianas, daí resultando que falava aquela língua como se fosse um autêntico nativo, e, em qualquer circunstância, conseguia facilmente fazer-se passar por um deles. Não obstante, era um egípcio leal e estivera entre os primeiros a regressar para junto dos seus concidadãos, quando o Faraó Tamose nos levava a descer para as cataratas para defrontarmos os Hicsos na batalha de Tebas, onde fizemos os sobreviventes recuarem de novo para o Norte no meio de grande pânico e do maior caos.

Os homens escolhidos por Zaras para constituírem o grupo de ataque eram altamente experientes, e, na maioria, treinados sob o seu próprio comando. Na totalidade eram marinheiros, bem como soldados, e haviam passado a maior parte da vida incorporados em tripulações de combate a bordo das galés fluviais, quando não se encontravam ocupados a guiar as rédeas das quadrigas de guerra. Nada mais havia que Zaras lhes pudesse ensinar.

Disse-lhe para dividir esta força de combate em pequenos destacamentos de quinze a vinte homens cada para não chamarem demasiado a atenção sobre si próprios quando deixassem a cidade de Tebas.

Quando mostrei o selo real do falcão ao capitão que estava de guarda às portas da cidade, não me interpelou ele com questão alguma. Por três noites sucessivas, aqueles grupelhos de homens de Zaras escapuliram-se para fora da cidade a horas tardias e escuras, encaminhando-se depois para o ermo leste para irem se juntar aos demais e reagruparem-se nas ruínas da antiga cidade de Akita, lugar onde eu os aguardava.

Tinha comigo carroças carregadas de autênticos elmos, armaduras, armas e uniformes hicsos, e esta era apenas uma pequena parte do espólio que havíamos capturado ao inimigo por ocasião da batalha de Tebas.

De Akita progredimos para leste em direção às costas do golfo do Suez, no extremo setentrional do mar Vermelho, com os homens a envergarem túnicas beduínas por cima dos uniformes e das armas.

Montados nos cavalos, Zaras e eu seguimos na dianteira do destacamento principal, e, na pequena vila piscatória de Al Nadas, sobranceira à costa do golfo, aguardámos até os demais se juntarem a nós.

Zaras havia contratado um guia que empregara numa ocasião anterior e que muito vivamente recomendava. De seu nome Al Namjoo, era um homem alto, calado e tinha só um olho; aguardava-nos ele em Al Nadas.

Al Namjoo havia fretado aos da vila todas as embarcações de pesca disponíveis para nos fazer atravessar para a margem oriental. Naquele ponto, o golfo tinha menos de vinte léguas de través, e conseguíamos avistar os pequenos taludes do Sinai, situados no extremo oposto.

Atravessámos noite alta, com as estrelas por único luzeiro do caminho, e desembarcámos na margem oriental do golfo junto a outra pequena vila piscatória, de seu nome Zuba, onde um dos filhos de Al Namjoo nos aguardava. Tinha ele conseguido contratar uma récu de mais de uma centena de burros para transportarem

os nossos pesados aprestos. Não obstante, enfrentámos ainda uma marcha de perto de duzentas léguas, subindo para norte até chegarmos ao mar Interior, embora aqueles homens tivessem treino bastante para progredir em condições dificultosas, porquanto, avançámos com rapidez.

Al Namjoo manteve esse ritmo até chegar ao extremo leste do istmo do Sinai, que une África e Ásia, para, desse modo, reduzir o risco de nos encontrarmos com as tropas hicsas. Por fim, saímos junto à rochosa costa meridional do mar Interior, próximo do porto fenício de Ushu, quase a meio caminho entre a fronteira suméria e essa parte do Norte do Egito, ainda sob o domínio dos invasores hicsos.

Deixei Zaras e os homens no acampamento, instalado nas cercanias do porto, e afastei-me com dois burros carregados de lingotes de ouro, encapotados em sacas de couro cheias de milho, e quatro homens por mim escolhidos para me auxiliarem. Após três dias de regateio com os mercadores do porto, consegui aprestar três galés de média dimensão, atracadas na praia que se estende por baixo do templo fenício de Melkart. Cada uma dessas embarcações conseguia transportar uma centena de homens, que me haviam custado um elevado preço, a ponto de me restar muito pouco ouro nas sacas de milho que connosco havíamos trazido de Tebas.

Fiz saber no porto que éramos um grupo de mercenários a viajar pelo levante para vendermos os nossos serviços ao Rei assírio Al Haturr, que fazia o cerco à cidade de Birrayut. Mal foi terminado o embarque de todos os homens, zarpámos daquela praia, e, ao entrarmos em águas profundas, mas enquanto ainda estávamos ao alcance dos olhos dos vigias de Ushu, virámos de bordo e remámos largo para oriente na direção do Líbano. Ao nos acharmos já fora do alcance da vista de terra, porém, inverti a rota e rumei de volta ao Egito e ao delta do Nilo.

Soprava uma suave brisa marítima que nos era favorável. Içámos as velas dos mastros grandes e, a intervalos regulares, dispensámos os remadores dos remos longos. Tornámos a passar por Ushu, seguindo, todavia, na direção oposta, e mantendo eu as

embarcações abaixo da linha visível do horizonte para, desse modo, continuarem fora do alcance de quem estivesse no porto.

Ainda que cada galé estivesse bem lotada com setenta homens, quando não mais, avançávamos a boa velocidade com ondulação encanoada e branca sob os talões das quilhas à proa de cada navio. Pelo termo da tarde do segundo dia, calculei que a fortaleza cretense de Tamiat se posicionasse a menos de cem léguas de distância.

Como claramente se entende, seguia eu com Zaras na galé dianteira, e havia-lhe sugerido que, tendo nós deixado Ushu já bem para trás, poderíamos agora chegar-nos mais próximo da costa e navegar com terra à vista. Era, para mim, bem mais fácil navegar desse modo e ajuizar da nossa posição quando tinha terra firme como guia. Quando, enfim, o Sol roçou a superfície do mar diante de nós e a obscuridade se adensou nas nossas costas, apontei ao timoneiro uma baía abrigada, mas deserta, com praias arenosas. Prosseguimos adiante até as quilhas fundearem, momento em que os homens saltaram borda fora e, de arrasto, trouxeram as embarcações para a praia.

A viagem de Tebas até onde agora nos encontrávamos fora longa e deveras extenuante, todavia, separavam-nos já poucas léguas do nosso derradeiro destino. Nessa noite, no acampamento, pairava uma contagiante atmosfera de entusiasmo e antecipação, amainada apenas pelo mau prenúncio sentido até pelos homens mais intrépidos em vésperas de uma batalha.

Zaras escolhera dois dos seus melhores homens para seguirem aos comandos das restantes galés. O primeiro deles dava pelo nome de Dilbar e era um homem alto e esbelto, com antebraços musculados e mãos vigorosas. Desde o nosso primeiro encontro que chamava a minha atenção de um modo particular e era merecedor da minha aprovação. Tinha uns olhos escuros e penetrantes, mas também uma cicatriz rosada e luzidia, deixada por um golpe de espada que lhe passara de través por sobre a face direita. Isso, porém, não diminuía em nada a sua boa aparência, e quando dava uma ordem, os homens respondiam à mesma com prontidão e desembaraço.

O comandante da terceira galé era um homem encorpado, de ombros largos e pescoço opado como o de um touro, que dava pelo nome de Akemi. Era um homem jovial, com uma voz de trovão e gargalhadas contagiantes, cuja arma preferida era o machado de cabo alto. Foi Akemi que me abordou depois de os homens terem tomado a ceia.

— Meu Senhor Taita — saudou-me. A primeira vez que os homens haviam usado aquela cortesia, protestara eu com modos benignos, dizendo-lhes não ser digno da mesma. Vendo que ignoravam os meus protestos, coibi-me de persistir. — Os homens perguntaram-me se esta noite lhes daríeis a honra de cantar para eles.

Tenho uma voz excecional e, sob os meus dedos, o alaúde torna-se um instrumento celestial. Raras são as vezes em que me acho em momentos como aquele para negar pedidos deste género.

Nessa noite anterior à batalha de Tamiat, escolhi cantar-lhes «O Lamento da Rainha Lostris», uma das minhas composições preferidas. Junto à fogueira, reuniram-se todos em torno de mim, enquanto entoava todos os cento e cinquenta versos. Entre eles, os melhores cantores juntaram-se a mim em coro, enquanto os restantes trautearam o refrão. Chegado ao último verso, muito poucos dos que me tinham ouvido não tinham os olhos lacrimejantes. As minhas próprias lágrimas não me haviam distraído de modo algum da força e da beleza da minha interpretação.

No dia seguinte, ao raiarem os primeiros albores matinais, já o acampamento estava em marcha. Agora, os homens podiam despir as túnicas e turbantes beduínos e abrir as sacas onde traziam as armas e armaduras hicsas. Na maioria eram manufaturadas em couro chumaçado, sendo todavia os elmos peças de bronze protetoras da cabeça e moldadas com anteparo metálico para o nariz. Cada homem estava armado com um poderoso arco recurvo e uma aljava com flechas de ponta de pedra, decoradas com penas coloridas ao estilo hicsa. A espada era transportada numa bainha bem presa às costas, de modo que o punho ficasse por detrás do ombro esquerdo, ao alcance da mão e a arma pronta a ser

desembainhada. As lâminas de bronze não eram direitas, como as armas egípcias comuns, pelo contrário, havíamos-las recurvado ao jeito do levante.

Era difícil manterem aprestadas armas e armaduras, enquanto manobravam os remos sob o luzeiro direto do Sol, fosse pelo peso excessivo, fosse pelo grande calor que já nos afogueava. Desse modo, todos eles se despojaram das mesmas até ficarem tão-só de tanga, depositando esses aprestos de combate sobre a coberta, debaixo dos bancos dos remadores, entre os próprios pés.

Na maioria, os homens eram de pele clara e um grande número deles tinha cabelos louros. Ordenei-lhes, por isso, que usassem fuligem das fogueiras acesas para cozinhar e com ela denegrissem as barbas e as peles, até estarem todas morenas como as de um qualquer legionário hicsu.

Quando as três bem aprestadas galés foram desencalhadas da praia e levadas pelos remadores até à baía, uma vez mais eu seguia com Zaras na embarcação dianteira, de pé ao lado do timoneiro, que à popa manuseava o grande remo. Ao mesmo mercador, que no porto de Ushu me vendera aquelas embarcações, comprara eu ainda um mapa em papiro, no qual ele alegara ter traçado os supostos pormenores da costa sul do mar Interior entre Gebel e Wadi al Nilam. Arrogava-se ele também de ter traçado aquele mapa com as próprias mãos a partir de observações por si realizadas. Agora, abria-o eu na coberta entre os meus pés e firmava os quatro cantos com seixos acabados de apanhar no areal da praia. Quase de imediato, consegui identificar parte do traçado da costa, ficando com a impressão de que o mapa estava satisfatoriamente preciso.

Durante a manhã, por duas ocasiões, avistámos no horizonte o velame de outras embarcações, mas de pronto nos fizemos à vela e nos afastámos bem delas. Então, no momento em que o Sol descia já a pique sobre nós, o vigia à proa gritou outro aviso ao mesmo tempo que apontava para diante. Cobri os olhos com a sombra da mão e perscrutei na direção por ele indicada. Foi com o maior espanto que vi, ao longo de todo o horizonte, a superfície marinha revolver-se toda em água branca, como se uma grande ventania

avançasse e se abatesse sobre nós. Para mais, não era aquela a época das tempestades.

— Arriar a pega! — ordenei a Zaras, com brusquidão. — Recolher os remos e aprestem-se para largar os ferros à proa.

As águas enfuriadas e revoltosas avançavam direitas a nós, ao mesmo tempo que nos preparávamos para a violenta investida do vento. À medida que se aproximavam, as águas brancas proferiam um rugido sempre crescente.

Agarrei-me, firme, às braçolas de madeira da escotilha, que tinha diante de mim, e preparei-me para o embate. Em seguida, a água em ebulição envolveu todo o casco do navio. O alvoroço tornou-se ensurdecedor, com homens a gritar ordens, juras e perjúrios e as águas a desfazerem-se de encontro aos costados das embarcações. Para meu grande espanto, porém, não havia vento, pelo que soube de imediato que aquela tempestade sem vento era um fenómeno sobrenatural. Fechei os olhos, e, no mesmo instante, comecei a entoar uma oração ao grande deus Hórus, rogando-lhe que nos protegesse, enquanto, com ambas as mãos e forças redobradas, me firmava às braçolas.

Senti, então, uma mão sobre o ombro a abanar-me com brusquidão e uma voz a gritar-me ao ouvido. Sabia eu tratar-se de Zaras, mas recusava-me a abrir os olhos. Aguardava simplesmente que os deuses dispusessem de mim como achassem mais conveniente. Zaras, porém, não parava de me abanar e eu de me sentir vivo. Cauteloso, abri os olhos, embora continuasse a orar em voz baixa. Então, percebi o que Zaras me dizia, e arrisquei um olhar rápido de soslaio para o lado.

Estava vivo o mar, repleto de enormes corpos cintilantes em forma de pontas de flecha. Demorei outro instante a perceber tratar-se aquilo de criaturas vivas, e que cada uma era, no mínimo, do tamanho de um cavalo. Fosse como fosse, eram peixes gigantescos. Agrupavam-se de modo tão compacto que os que estavam por baixo forçavam a passagem pelos outros para virem à tona da água num tumulto de ondas e espuma. A abundância de todos eles estendia-se a todo o alcance da nossa vista.

— Atuns! — gritava-me Zaras. — São atuns!

O Alto Egito é um território sem costa marítima, desse modo nunca tivera eu a oportunidade de passar tempo suficiente em mar aberto para ter testemunhado uma migração de atuns de semelhante grandeza. Já lera tanto sobre tal que devia conseguir reconhecer essa mesma situação. Apercebi-me de que corria o risco de parecer ridículo, porquanto, abri os olhos e gritei tão alto quanto Zaras:

— Pois claro que são atuns. Aprestar arpões!

A primeira vez que embarcara, reparara nos arpões estivados debaixo dos bancos dos remadores. Presumira que viessem a ser usados para repelir piratas e corsários, se tentassem fazer uma abordagem às embarcações. Enquanto as hastes tinham quase o dobro da altura de um homem alto, as cabeças eram constituídas por uma farpa ou gancho de ferro bem afiado. Havia uma aselha atrás da farpa pela qual passavam cordas de coco, enquanto no extremo oposto da linha estava atado um flutuador de madeira talhada.

Ainda que tivesse sido eu a dar a ordem para se usar os arpões, era típico de Zaras ser ele, de entre todos os outros, a arremessar o primeiro. Levava sempre os homens a agir, fazendo-os seguir o seu próprio exemplo.

Arrancara uma das longas armas do sítio onde estivera firmada, debaixo de um dos bancos dos remadores, e, enquanto corria com a mesma direito à amurada do navio, ia desenrolando a linha de retenção. Deu um salto para cima da amurada da galé e foi sem dificuldade que manteve o equilíbrio da longa arma, com a haste apoiada no ombro e a arpoada cabeça apontada para baixo, direita ao cardume reluzente que passava por sob ele veloz como um rio de prata fundida. De cabeças erguidas para ele, todos se espantaram, com uns grandes olhos redondos, cujas pupilas pareciam dilatar-se de terror.

Vi-o acalmar-se, e, em seguida, tomou o peso ao arpão, fez pontaria e arremessou-o para a água que corria por baixo dele. A haste da pesada arma estremeceu quando a ponta se cravou no alvo e todo o arpão foi chicoteado, desaparecendo para debaixo da

superfície revolta pela fuga precipitada do enorme peixe empalado pelas farpas do grampo.

De um salto, Zaras tornou à coberta, e, enquanto o arpão se afastava da embarcação, agarrou na grossa corda corrediça, turva pela rapidez e fumegante pela fricção contra a madeira da amurada. Do mesmo modo, outros três homens da tripulação precipitaram-se para o ajudar, e, após travarem o andamento da corda, debateram-se para dominar o peixe e trazê-lo para junto da embarcação.

Outros quatro homens haviam seguido o exemplo de Zaras, retirando cada um deles um arpão do sítio onde estavam guardados debaixo dos bancos dos remadores e com estes correndo direitos à amurada. Depressa surgiram grupos de homens a debaterem-se de cada um dos lados da embarcação em largos brados de excitação, a gritar imprecações e a berrar ordens incoerentes uns aos outros, ao mesmo tempo que se esforçavam por dominar as colossais criaturas.

Um após outro, os atuns foram sendo puxados para bordo e caceteados até à morte. Antes de o último dos peixes arpoados ser morto e desmanchado, já os restantes do imenso cardume haviam submergido e desaparecido nas profundezas, tão repentina e milagrosamente como haviam aparecido.

Nessa mesma noite, tornámos a deslocar-nos para terra, e, na praia, iluminados pelo luzeiro das fogueiras em que cozinhá-vamos, foi grande o banquete feito com as succulentas carnes daquele atum fresco, a mais delicada e apreciada iguaria de todos os mares. Os homens temperaram os pedaços de carne com um pouco de sal, mas alguns deles, sem conseguirem esperar que ainda fossem para cima dos carvões, tragaram-nos mesmo crus e em sangue, agarrando-se depois aos odres de vinho e sorvendo-o em bons tragos.

Eu sabia que na manhã seguinte estariam fortes, revigorados e ansiosos pelo primeiro sinal da presença do inimigo. Em tudo diferente do milho ou de qualquer outro alimento insípido, a carne desperta o demónio no coração de um guerreiro.

Desse modo, nessa noite, cantei para eles «A Balada de Tanus e a Espada Azul», o hino guerreiro dos Azuis, o que lhes inflamou os

ânimos. Todos os homens se juntaram ao coro, por muito agrestes que fossem as vozes, após o que pude ver a centelha da guerra luzir-lhes no olhar. Estavam prontos para defrontar qualquer inimigo.

Na manhã seguinte, tornámos a fazer-nos ao mar, mal as primeiras luzes nos permitiram avistar os recifes abaixo da superfície e darmos com uma passagem segura por entre os mesmos.

Quanto mais nos aproximávamos das numerosas desembocaduras do delta do Nilo, maior certeza eu tinha da nossa posição, até que, ao final da tarde, passámos por uma foz estuarina, flanqueada, a leste, por um promontório com arvoredos densos mas rasteiros e, a oeste, por um banco de lamas descoberto. No promontório, virado para o mar, erguia-se uma torre rudimentar feita de tijolos de argila caiados, cujo telhado havia ruído, juntamente com a maior parte da parede sobranceira ao mar. Da Torre restava, porém, ainda o bastante de pé para eu perceber ao certo tratar-se a mesma de uma baliza náutica para o canal de Tamiat, possivelmente ali erigida por algum marinheiro egípcio há muito desaparecido.

Corri para a base do único mastro e subi por este acima com algum esforço até chegar à verga inclinada da vela latina. Tracei as pernas em volta da mesma e abracei o mastro principal. Desse ponto vantajoso, consegui avistar terra com clareza, e, de imediato, os meus olhos captaram o perfil quadrado de uma estrutura erigida pela mão humana, que se destacava acima das copas das árvores, bem para o interior, e que, à semelhança da baliza náutica, também fora coberta com cal. Não tive a menor dúvida de que se tratava da torre de vigia do forte comercial minoico e do tesouro que íamos buscar. Tornei a descer da verga, e, mal os meus pés tocaram na cobertura, gritei ao timoneiro:

— Dá água ao leme! Leme para estibordo!

Zaras avançou para mim em passo largo.

— Sim? — indagou. De ordinário, é ele de génio temperado e jovial, porém, em momentos como aquele, ganha jeitos de um homem de decisões rápidas e com reações mais prontas ainda.

— É inteiramente assim! — asseverei, após o que me mostrou um sorriso breve e frio, acompanhado de um brusco aceno de cabeça na direção do leme a confirmar a minha ordem ao timoneiro. Após aquela curva de giração, tornámos rumo ao mar aberto com as outras duas galés a seguirem-nos o rasto. Avançávamos agora em ângulo oblíquo e em afastamento lateral da costa. Não obstante, mal foi passado o promontório seguinte e fomos avistados pelos vigias de posto na torre da fortaleza de Tamiat, dei ordem para que tornássemos a mudar o rumo, e assim recuámos sem outros desvios para os labirínticos mangais do delta.

Graças ao mapa, sabia onde encontrar o que parecia ser um ancoradouro seguro. Arriámos o velame e depositámo-lo por sobre os conveses, ao mesmo tempo que tateávamos o bom caminho por entre os cerrados bancos de papiros e juncos até alcançarmos a abrigada lagoa por mim escolhida. Ali, estávamos bem a coberto de outros olhares por aquela densa vegetação. Com o comprimento de um barco de permeio, largámos ferro nas águas turvas e pouco profundas, com as quilhas quase submersas nas lamas do fundo. Conseguíamos caminhar a vau por entre as três embarcações com a água, nas zonas mais profundas da lagoa, a dar-nos no máximo pela altura do queixo.

Enquanto admirávamos o entardecer e a Lua a elevar-se no céu, os homens fizeram um festim com os pedaços de atum fumado que haviam sobrado. Zaras deambulou em silêncio pelas galés, escolhendo oito dos seus melhores homens e advertindo-os para que estivessem aprestados antes mesmo do novo amanhecer, para assim nos acompanharem numa operação de reconhecimento.

Uma hora antes do alvor, apinhámo-nos em dois dos esquifes que as naus haviam rebocado até ali. À força de remos, cruzámos a extensa lagoa até à costa mais próxima do promontório sobre o qual eu havia avistado a torre de vigia da fortaleza.

Conseguia escutar o ulular das aves dos mangais, bem assim como o murmúrio suave das suas asas enquanto passavam por sobre nós na escuridão. À medida que a luz do dia ia ganhando intensidade, comecei a discernir as longas linhas de voo das aves aquáticas e as suas formações em ponta de lança, recortadas no

céu brilhante de luminosidade desanuviada. Eram gansos e patos bravos, cegonhas, garças e groux com os seus pescoços longos e pernas arrastadas, íbis, garças-vermelhas, entre cinquenta outras espécies ou mais, que, à nossa passagem em remadas largas, se elevavam da superfície da lagoa em enormes bandos. Por fim, o Sol alteou-se acima do horizonte e as vastas extensões do delta em torno de nós ficaram a descoberto, revelando como aquele era um lugar ermo e bravo, incapaz para a vida humana.

Quando, por fim, alcançámos terreno mais firme, tivemos de puxar os esquifes pelas águas rasas e escondê-los por entre o canavial. Eu não estava certo do traçado do forte e suas cercanias, desse modo, avançámos com redobrada prudência pelo meio dos densos bancos de canavial e junco.

De súbito, chegámos à margem de um canal profundo que atravessava o banco de papiros pelo meio e corria de sul, direito às águas abertas do mar Interior. Compunham-no uns cento e cinquenta passos de largo, mas percebi ser de águas demasiado fundas para conseguirmos passá-lo a vau. Na margem oposta do canal, pude distinguir o telhado plano da torre de vigia, que tínhamos avistado na véspera, onde agora as cabeças protegidas por elmos de, pelo menos, três guardas iam aparecendo por cima do parapeito enquanto faziam a patrulha naquela ronda.

Apercebi-me, imediatamente, dos inconfundíveis ruídos da deslocação de uma embarcação a subir o canal em direção ao mar e a aproximar-se do sítio onde nos encontrávamos, pelo que adverti os meus companheiros para se manterem em silêncio. O rangido do cordame, os cânticos entoados pelos marinheiros, os ruídos à proa e o baque dos remos nas toleteiras cresciam em intensidade quando, num repente, uma enorme embarcação de alto-mar entrou a grande velocidade a virar a curva no canal.

Nunca antes eu vira uma embarcação com aquela configuração nem envergadura, todavia, pelas descrições que me haviam sido enviadas pelos meus espiões, era de uma trirreme cretense que se tratava. Era, em simultâneo, um navio de guerra e de carga, com um convés triplo e três ordens de remos, dispostas em cada uma das cobertas.

As proas, compridas e afiladas, apresentavam um reforço de chapas de bronze batido para com o mesmo abalroarem as embarcações inimigas. Possuíam dois mastros, que lhes permitiam marear uma extensão volumosa de pano, apesar de aquele velame estar agora todo arriado e ferrado, enquanto avançava em rosca pelo estreito canal à força dos braços dos remadores. Era um belo navio, de linhas simples e longilíneas e um gio de grande altura. Vê-lo bastava para facilmente se antever a razão pela qual Creta era a potência naval mais imponente do mundo inteiro, e este era o navio mais poderoso e mais veloz de todos os mares. Ainda que navegasse carregado até às escotilhas e bem arriado dentro de água, nenhum outro navio lhe serviria de ameaça. Em todo o caso, perguntei-me que carga levaria aquele nos porões.

À sua passagem pelo sítio onde nos achávamos escondidos, por entre o canavial, pude observar os três oficiais que seguiam à popa e guardavam uma certa distância dos quatro tripulantes que manobravam o comprido remo do leme. Embora as proteções laterais dos elmos ocultassem a maior parte da fisionomia de todos eles, dava a impressão de serem mais altos e robustos do que a mediania dos nossos homens egípcios. Pude ver que as clâmides eram do linho mais delicado e as armas estavam primorosamente polidas e cinzeladas, fazendo-os parecer mais guerreiros do que mercadores.

Ao passar por nós, a brisa fez-nos chegar os odores da embarcação, e pude ver que a ordem superior de longos remos era composta por uma tripulação de homens, mais guerreiros do que bestas de carga. A uma ordem do capitão, podiam saltar dos bancos dos remadores onde se achavam, pegar nas armas que repousavam aos seus pés, bater-se como homens e partilhar o quinhão da vitória.

A ordem mais inferior de remadores, todavia, era ocupada por escravos acorrentados aos madeiros do convés. O fedor que me chegava às narinas era exalado por aqueles infelizes que viveriam o resto da vida amarrados àqueles bancos. Haviam de remar, dormir, comer, defecar e, por fim, morrer naquele mesmo sítio onde seguiam sentados.

A galé cretense passava por nós num movimento varrido quando ouvimos as instruções gritadas pelos oficiais. A ordem superior de remadores levou os remos para fora da água e, assim embarcados, deixou-os suspensos como as asas de uma gaivota prateada, apenas continuando as ordens mais inferiores a mergulhar e a apertar os remos em ritmo brando, à medida que a embarcação virava para contornar a última curva do canal e se dirigia para as muralhas esbranquiçadas da fortaleza, que se avistava ao longe por cima dos tufo dos papiros que atapetavam a margem.

Fomos, então, testemunhas de um acontecimento extraordinário, para o qual eu não estava nada preparado. Uma segunda embarcação, em tudo quase idêntica à primeira, contornou a curva do canal e passou por nós de remada apressada, com o casco bem abaixo da linha de água, de tão pesada era a carga que transportava.

Em seguida, para meu enorme espanto e contentamento, uma terceira trirreme carregada até às escotilhas desceu o canal e cruzou-se connosco de velame bem enfunado. Seguiu as duas embarcações irmãs na direção da fortaleza.

Percebi, então, o que estava a acontecer. Três meses antes, espiões da minha confiança haviam-me informado de que três navios com um grande carregamento de tesouros estavam aprestados para levantar ferro do principal porto cretense de Aggafer. Esta informação, porém, demorara muitos meses a chegar até mim, e, entretanto, a partida dessa frota deveria ter sido retardada por circunstâncias imprevistas, sendo o mais provável por condições atmosféricas adversas. Os meus espiões não tinham conseguido avisar-me a tempo sobre este retardamento.

Contava eu chegar à fortaleza de Tamiat apenas largo tempo depois de esta frota aí ter acostado, descarregado a carga e tornado a zarpar para completar a viagem de regresso a Aggafer.

Era tão remota a possibilidade de eu chegar a Tamiat no momento exato em que esta frota carregada de tesouros o fizesse também que eu só poderia ter sido abençoado por alguma intervenção divina. Desde tenra idade que sei ser o favorito dos deuses, em especial do grande deus Hórus, a quem dirijo as minhas

orações. De que outro modo poderia eu ter herdado por nascimento tantos dotes em talentos e virtudes? Por que outro meio poderia eu ter sobrevivido a tantos e tão terríveis perigos e ameaças mortais que, com toda a certeza, teriam derruído qualquer um menos dotado? De que outro modo teria eu conseguido manter-me tão jovem e esbelto e a minha mente ainda bem acutilante quando todos em meu redor ganhavam rugas, macilência e alquebravam com o avançar da idade? Há algo em mim que me distingue da maior parte dos outros mortais masculinos.

Este era, pois, mais um exemplo dos favores e indulgência de Hórus. Sussurrei-lhe, desse modo, palavras de agradecimento e jurei fazer por ele um muito generoso sacrifício, logo na primeira oportunidade. Assim pensando, arrastei-me até ao sítio onde Zaras se encontrava, e puxei-lhe pela manga.

— Devo atravessar este canal e aproximar-me mais da fortaleza cretense — transmiti-lhe.

Encerra o nosso bem-amado Egito dois enigmas que nunca fui capaz de desvendar. O primeiro é que, embora aqui usemos o cavalo como animal de carga e o carro como nossa primordial arma de guerra, poucos são os egípcios que sabem montar. O segundo enigma advém de, apesar de vivermos nas margens de um imenso rio, quase nenhum egípcio saber nadar. Ao perguntarmos a algum deles a razão pela qual isso acontece, depois de encolher os ombros, responde: «Os deuses desaprovam condutas impróprias e rudes como essas.»

Ainda que tenha declarado que sou muito diferente da maioria, não me atrevo a sugerir que num qualquer aspeto sou superior. Creio, todavia, que bastará dizer que sou ambos, um exímio cavaleiro e um resistente e infatigável nadador.

Sabia eu que Zaras não era detentor de alguma destas aptidões, embora, justiça lhe fosse feita, nunca o vira ser levado de vencida aos comandos de um carro de guerra. Desse modo, ordenara-lhe eu que trouxesse consigo uma boia feita de um tronco de sobreiro para que se mantivesse à tona. Arregaçámos ambos as nossas túnicas e entrámos no canal, Zaras com a espada presa ao flutuador de cortiça e eu carregando a minha às costas. Zaras bufava e soprava

como um hipopótamo macho, enquanto eu nadava como uma lontra e alcançava a margem mais distante do canal antes mesmo de ele se encontrar a meio da travessia. Quando conseguiu completá-la, ajudei-o a sair da água e a subir para terra. Após recuperarmos o fôlego, rastejámos em movimentos paulatinos pelo meio do canavial direitos à fortaleza cretense. Chegados a uma posição com boa visão da edificação, percebi o motivo pelo qual aquele local havia sido escolhido pelos Cretenses. Situava-se no ponto mais alto de uma estreita cumeeira de pedra calcária, que se elevava por entre os macios solos de aluvião e proporcionava sólidas e firmes fundações àquela fortaleza.

Aquele maciço de pedra calcária levava à divisão do fluxo da corrente do canal principal até escavar um fosso em torno da fortaleza. Era grande o número de embarcações de diferentes tipos ancoradas na bacia, formada pela extensão do rio em todo o redor da fortaleza. Na grande maioria tratava-se de simples barcas, que presumi terem sido usadas pelos Cretenses no transporte dos materiais de construção, não havendo, entre elas, um único navio de alto-mar. A única exceção era a esquadra das três magníficas trirremes que se haviam cruzado connosco quando, pouco antes, nos encontrávamos no esconderijo.

Não estavam ancoradas na bacia, mas já atracadas e amarradas ao molhe de pedra, posicionado mesmo por baixo do portão principal da fortaleza de Tamiat, naquele instante aberto de par em par, onde um grupo de soldados de uniforme dava as boas-vindas aos recém-chegados. Pelos elmos emplumados e as decorações douradas, tive a certeza de que muitos eram oficiais de graduação elevada.

Durante todo o tempo em que eu atravessara o canal a nado e fizera Zaras seguir-me até nos acharmos na posição em que agora nos mantínhamos, as tripulações haviam aberto as escotilhas da primeira trirreme e um grupo de escravos acorrentados e seminus dera início à tarefa de descarregar a carga. Os escravos trabalhavam sob as ordens de um grande número de superintendentes, aparelhados apenas com parte das couraças e as

espadas curtas embainhadas nos cinturões, mas todos eles empunhando chicotes de couro entrançado.

Caminhando por cima de pranchas de tabuado, os escravos carregavam para terra uma sucessão de baús de madeira idênticos, que, embora não fossem muito grandes, eram com toda a certeza suficientemente pesados para os escravos irem arriados sob o seu peso. Todo o processo de descarga se desenrolava com extrema lentidão, para grande insatisfação dos superintendentes, que arengavam e vociferavam contra o grupo dos que trabalhavam.

Enquanto os observávamos, vimos um dos escravos perder o equilíbrio quando saía da prancha de tabuado e subia para o ancoradouro e cair desamparado, ao mesmo tempo que largava o baú que tentara equilibrar à cabeça, o qual, ao estatelar-se com grande estrondo de encontro às lajes de pedra, rebentou e se abriu.

Tive um baque ao ver as chispas cintilantes dos raios de sol refletirem-se nas superfícies metálicas dos lingotes de prata, à medida que se iam derramando para fora e amontoando no ancoradouro. Eram barras pequenas e retangulares, que não iam além do tamanho da mão de um homem; em cada baú, porém, seriam em número de vinte ou mais, podendo com toda a certeza uma única ser suficiente para pagar a construção de uma daquelas grandes trirremes, que as haviam transportado por todo o mar Interior. Todas as minhas esperanças e expectativas se haviam cumprido, pois estávamos ali perante o imenso tesouro que eu mesmo antecipara.

Três dos superintendentes se juntaram em torno do escravo prostrado no chão e brandiram os chicotes a gosto, puxando e oscilando os cordões entrançados bem acima das próprias cabeças para com maior força e estampido desferirem incontáveis golpes contra a sua pele luzidia de suor. O homem gritava, contorcia-se e tentava cobrir a cabeça com os braços, mas um dos cordões entrançados apanhou-o na cara e fez saltar da órbita o globo ocular direito, após o que ficou a baloiçar suspenso pelo nervo ótico, batendo-lhe na bochecha à medida que movia a cabeça de um lado para o outro em movimentos arrastados. Por fim, o escravo caiu inconsciente, incapaz de continuar a proteger-se. Um dos verdugos

inclinou-se sobre ele, agarrou-o pelos calcanhares, arrastou-o de costas até à beira do molhe e, rolando-o sobre si próprio, lançou-o à água. O corpo caiu de chapa nas águas do rio e depressa se afundou, desaparecendo por baixo da superfície turva e lamacenta.

No ancoradouro, os restantes escravos reagiram imediatamente aos gritos dos superintendentes, bem como ao estampido dos chicotes. Como se o trabalho nunca tivesse sido interrompido, a fileira de homens seminus tornou a mover-se, cambaleando sob as pesadas cargas que transportavam.

Toquei ao de leve no ombro de Zaras para chamar a sua atenção, e recuámos para o meio do canavial mais denso. Depois de estarmos bem ocultos e em segurança, conduzi-o ao extremo mais distante da fortaleza e à margem do outro braço do rio. Precisei de cerca de uma hora de prudência e manobras cautelosas até conseguir dar com um ponto vantajoso do qual pudesse vislumbrar a configuração estratégica da fortaleza e demais cercanias. Agora podia verificar por mim mesmo as descrições que recebera dos meus espiões.

Embora os muros da fortaleza fossem gigantescos e talvez mesmo intransponíveis, a área que delimitavam não era muito extensa. Na cumeeira, havia muito pouco espaço fortemente delimitado, mas insuficiente para albergar mais alguma coisa além do tesouro, viam-se, porém, casernas prontas a aquartelar um destacamento de guardas com ordens expressas para repelir qualquer tentativa de desembarque, até de um pequeno destacamento que, vindo do mar, subisse um dos canais.

Apesar disso, os Cretenses deviam ter achado necessário ter à mão uma força bem maior, constituída por alguns milhares de homens, que se opusesse a qualquer força inimiga superior que desembarcasse naquela costa e avançasse terra dentro para empreender um ataque mais resolutivo à fortaleza. Haviam resolvido esse problema com a instalação de uma ponte de barcas entre os dois canais do rio, de modo que a fortaleza erigida na ilha no meio do rio pudesse ser rapidamente alcançada pelas tropas defensivas cretenses de ambas as margens.

Do local onde me encontrava, tinha boa visão da maior parte do canal oriental, bem como das terras planas e enxutas que se estendiam para lá do mesmo. Fora aí que os Cretenses haviam montado o acampamento fortificado e onde se encontravam as casernas aquarteladas para o grosso do exército. Havia circundado todo o acampamento com uma paliçada de proteção de toros pontiagudos, que se elevava o dobro da altura de um homem. Pelos meus cálculos, aquele acampamento deveria albergar dois ou três mil soldados.

Havia ainda uma torre de vigia em cada canto do recinto quadrado, e pude ver os telhados das edificações, que se achavam no interior da paliçada, cobertos por um reboco de várias camadas da lama negra retirada às margens do rio e agora seca e bem sólida, que havia também de lhes dar proteção contra as flechas em chamas que o inimigo pudesse disparar por sobre as muralhas.

Ainda com a lama negra do rio, os Cretenses haviam construído uma passagem de tijolo, que se estendia do portão rasgado na muralha mais próxima do rio até à cabeceira da ponte de barcas. Deste mesmo modo, esta protegerá as tropas das flechas inimigas quando se aventurassem a sair do acampamento.

Haviam-se servido de uma série de barcos longos e estreitos, ancorados uns ao lado dos outros, a atravessarem os dois canais ribeirinhos para terem serventia idêntica à ponte de barcas, e, por cima, haviam ainda disposto um passadiço de tábuas entalhadas em cruz, para assim esta ponte permitir que um número incontável de tropas pudesse apressar-se para fora do acampamento para onde quer que fossem mais necessárias.

— Pensaram em tudo com grande pormenor — observou Zaras ao mesmo tempo que examinava as fortificações.

— É por isso que os Cretenses são mais famosos... a atenção dada aos pormenores — concordei, embora continuasse a estudar o terreno, em busca de alguma fragilidade na fortificação defensiva cretense. Por muito que procurasse, dei apenas com uma, a própria ponte de barcas, mas senti-me confiante de que conseguiria lidar com ela.

Dirigi de novo a atenção para o ancoradouro onde as três trirremes ainda se encontravam ancoradas, e, ao avaliar o modo como os Cretenses descarregavam a carga da primeira embarcação, percebi que não era muito eficaz. Se me fosse designada aquela tarefa, havia eu de aparelhar tripés e polias por cima das escotilhas abertas e de içar os baús do tesouro para o convés para cima de paletes. Aí, teria, então, carretas a postos, que faria atravessar o cais e transpor os portões da fortaleza.

Cada escravo cretense carregava um baú sozinho, subindo a escada desde o fundo do convés principal, pelo que, àquele ritmo, seriam necessários vários dias para descarregar toda a mercadoria de cada embarcação.

Fiquei preocupado, pois não tinha calculado toda a imensidão da tarefa até ela se me apresentar assim diante dos olhos. Uma coisa era dizer, de ânimo leve, como se devia lidar com milhões de peças de metal precioso, mas outra coisa bem diferente era ver-me perante todo aquele volume e toda a massa física daquele tesouro, bem como lidar com o problema de lhe deitar a mão e transportá-lo por mar, montanha e deserto, ao longo de centenas de léguas, enquanto era perseguido por um exército sedento de vingança.

Começou a inquietar-me a possibilidade de ter chamado a mim uma tarefa impossível de realizar, e, desanimado, pensei que, se alguma vez conseguisse deitar a mão a tão imensa carga, a única solução talvez fosse levá-la para as águas profundas do mar Interior e lançá-la borda fora, onde ficaria para sempre fora do alcance de ambos, do Rei Beon e do Supremo Rei Minos.

Assim feito, fugiria com todos os homens que tivessem sobrevivido à ira dos Cretenses e regressaríamos à segurança de Tebas. Podia ser que conseguíssemos convencer o Supremo Rei Minos de que o grande culpado fora o Rei Beon, mas tinha sérias reservas quanto a isso.

Não me surgiu de imediato a solução, e, durante perto dos sessenta minutos em que eu e Zaras nos mantivemos escondidos entre os papiros, debati-me com aquele problema. Num repente, atingiu-me como um raio. De tão engenhosa, até a mim me surpreendeu tamanha perfeição.

Ainda pensei em explicar tudo a Zaras, mas decidi não o sobrecarregar com algo tão simples e todavia tão diabolicamente complexo.

Levantei a cabeça e olhei para o Sol. Atingira o seu ponto mais alto há algum tempo e ia já a meio da descida no firmamento. Tornei a olhar para o trio de navios aprestados de tesouros e julgo ter aberto um sorriso largo, porque pressenti que Zaras me observava com a maior das atenções. Creio ter percebido que finalmente me ocorrera alguma coisa, e, impaciente, aguardava as minhas ordens. Eu, todavia, ainda não estava pronto para lhes dar voz.

— Basta! — disse-lhe. — Temos de ir.

— Aonde, Taita?

— De volta para os barcos. Temos muito que fazer antes que a noite caia.

O Sol já se punha quando por fim consegui nadar e Zaras arrastar-se com dificuldade até ao sítio da lagoa onde havíamos deixado as nossas três pequenas embarcações. Os homens ficaram esfuziantes por nos ver. Creio que se tinham convencido de que fôramos descobertos e mortos pelo inimigo, o que os deixaria sem chefia e entregues aos seus poucos recursos. Puseram-se, então, de pronto a disputar a obediência às minhas ordens.

O primeiro dos muitos desafios que me aguardavam era levar todos os homens, fortemente armados e aprestados com as armaduras inteiras, a atravessar os fundos canais fluviais até à fortaleza, quando quase nenhum sabia nadar. Por esse motivo, das nossas três embarcações, escolhi a mais pequena e a mais leve, após o que disse aos homens para, dos outros dois navios, retirarem os cabos e as amarras das âncoras, bem como outros utensílios soltos que pudessem ser-nos úteis. Ainda pensei queimá-los de seguida, mas decerto que os Cretenses dariam pelo fumo e enviariam homens para ali com o propósito de se inteirarem do ocorrido. Em vez disso, ordenei-lhes, pois, que removessem grande parte dos cascos e os submergissem na parte mais funda da lagoa.

Pelas águas chãs, arrastámos, então, a única embarcação por mim escolhida em direção à margem oriental da lagoa, a que se

encontrava mais próximo do forte. Chegados a esse ponto, necessitaria eu de cada um deles para a manobrarmos por terra seca até ao leito do rio. Dei-lhes ordem para que fixassem à proa desta agora única embarcação as amarras das âncoras recuperadas das outras duas submergidas. Com uma centena de homens a puxar por cada cabo, a quilha do barco facilitou a abertura do caminho e o casco deslizou prontamente por cima dos pedúnculos dos papiros, que se iam achatando sob o peso. Ainda assim, teríamos de palmilhar quase meia légua de terra firme antes de alcançarmos o canal principal do rio. Por essa altura, estávamos próximo da meia-noite e a lua cheia ia já bem alta no céu.

Deixei que os homens tivessem algum tempo de repouso na margem do rio para se aliviarem das armaduras e, sem demora, comerem uma refeição fria. Em seguida, a remos surdos, começámos a fazê-los transpor o canal, cinquenta homens em cada travessia. Quando já todos estavam de novo em terra firme, dividi o nosso pequeno destacamento em dois grupos.

Ao maior, em número de cento e cinquenta homens, comandado por Zaras, mandei que avançasse de borco pelo meio do canavial até estar tão próximo quanto possível do portão principal do forte, sem correr o risco de ser descoberto pelas sentinelas, após o que deveria manter-se aí até receber um sinal meu.

Antes de nos separarmos, expliquei a Zaras o meu plano, dizendo-lhe que remaria pelo canal acima com uma equipagem de cinquenta homens. Era minha intenção atacar e destruir a ponte de barcas, que fazia a ligação do acampamento inimigo com a ilha onde se encontrava aquele tesouro. Ainda antes de nos separarmos para ir cada um com a sua tripulação, dei-lhe um abraço breve e repeti-lhe as minhas ordens para que não houvesse mal-entendido algum.

Assim feito, mandei-o embora, ao mesmo tempo que subia a bordo da galé que me aguardava e dava ordens para os remadores apertarem a voga. Aquelas águas do canal eram de correntes fortes e rápidas, mas os homens afastaram o barco com afinco e mestria, seguindo em boa velocidade para montante, rente à margem mais

distante do forte. Em breve, pudemos ver a torre caiada a reluzir ao luar, o que encorajou os remadores a redobram os esforços.

No mesmo instante em que contornámos a última curva do canal, surgiu diante de nós a fortaleza e as três trirremes que se mantinham ancoradas ao molhe de pedra, onde eu as vira pela última vez. O luar estava claro o bastante para eu conseguir distinguir que duas delas ainda estavam carregadas dos metais preciosos até às escotilhas, dado terem as amuradas quase de roxo na água. Era visível a linha de flutuação da terceira trirreme um pouco mais elevada, pelo que boa parte da carga já havia sido descarregada. Ainda assim, calculei que devesse ter no porão mais de metade do carregamento dos baús do tesouro que transportara até ali.

Em parte alguma se avistava uma sentinela cretense que fosse, nem em nenhum dos grandes navios era visível qualquer luz a bordo. Havia, porém, uma chama acesa numa das extremidades do ancoradouro e dois archotes ardiam nos respetivos suportes que ladeavam os portões da fortaleza.

Retirei o elmo de bronze que trazia na cabeça e coloquei-o no colo. Em seguida, ajustei o lenço amarelo-vivo que prendera ao pescoço para com o mesmo ocultar a metade inferior do rosto. Trata-se de um tipo de tecido extraordinário, conhecido como seda, muitíssimo raro e que vale cem vezes mais o seu peso em ouro. É oriundo de uma terra situada nos confins do mundo, onde é fiado, não por homens, mas por lagartas. Detém poderes mágicos, pois consegue desfazer os feitiços e curar enfermidades, como a peste e a febre-amarela. Agora, porém, usava-o eu com o único propósito de ocultar o rosto. As minhas feições são tão peculiares que é sempre muito grande a possibilidade de ser reconhecido por amigos e inimigos. É que a beleza tem um custo. A seguir ao do próprio Faraó, o meu rosto talvez seja o segundo mais conhecido de todo o mundo civilizado, quero eu dizer, do Egito, por isso, quando voltei a pôr o elmo, tornei-me mais um homem sem rosto entre os demais.

Enquanto à voga nos aproximávamos do ancoradouro, vi que as chamas dos archotes refletiam uma luz trémula, suficiente para conseguirmos distinguir apenas as silhuetas das sentinelas envoltas

em mantos grossos e agachadas junto ao calor dos braseiros de vigia.

Não me restou a menor dúvida de que os oficiais cretenses não haviam desejado passar a noite na fortaleza apinhada com as tropas. Desse modo, ao cair da noite, deviam eles ter atravessado a ponte com a maioria dos homens para se dirigirem ao conforto do elaborado acampamento, montado na margem mais distante do canal, situação muito conveniente ao meu propósito.

Mantendo-nos ainda tão distantes do ancoradouro quanto o canal no-lo permitia, carregámos a remo surdo ao passar pelas galés atracadas e pelas ameaçadoras muralhas da fortaleza. Quando as deixámos para trás, pude distinguir na nossa dianteira a fileira de longos barcos, que davam forma e estrutura à ponte de barcas, dispostos de través a toda a largueza do canal.

Em remadas surdas, prosseguimos a subida do canal principal até me parecer que estaríamos a uns duzentos metros a montante da dita ponte de barcas. Mandei, então, os homens virarem a embarcação em oblíquo à corrente e apontarem a proa para o meio da longa e estreita ponte de barcas. Em silêncio, ordenei aos remadores para pararem de apertar a voga e recolherem os remos, deixando que a corrente nos fizesse descer até ao meio daquela ponte.

No último instante, assumi o leme, e, virando o costado para a ponte, acabámos por parar com o estibordo pressionado contra o passadiço devido às fortes correntes. Os homens estavam preparados para esta manobra. Dois pequenos grupos de três tripulantes cada saltaram da proa e da popa do barco e depressa o amarraram à ponte. Os restantes, aprestados com machados e espadas, saltaram, quais formigas, por cima do costado para o pontão. Sem aguardarem por novas ordens, começaram a retalhar as cordas que firmavam a linha de longos barcos uns aos outros.

Foi quase certo que o ruído das nossas estocadas se fez ouvir por todo o canal até ao acampamento, instalado na margem mais distante, pois quase em simultâneo ouvimos o rufar dos tambores cretenses a chamar pelos exércitos. Irrompeu, então, um pandemónio por todo o acampamento: as ordens gritadas pelos

sargentos, o tinido e o embate dos braços contra os escudos, o chocalho das armaduras e o clamor dos tambores, todos chegaram de pronto aos nossos ouvidos. Em seguida, quando os archotes foram acesos, o clarão de luz e o reflexo das chamas cintilaram nos metais polidos dos escudos e das couraças.

Uma longa coluna de soldados de infantaria irrompeu em corrida pelo início do passadiço, que ia da paliçada do muro do acampamento até à entrada da ponte de barcas. Organizados em colunas de quatro soldados, os Cretenses avançaram pela ponte estreita, que se foi vergando e sacudindo sob o peso e o baque dos metais cravejados nas solas das sandálias ao bater no tabuado.

Depressa a fileira avançada inimiga se viu diante do nosso grupo de demolidores combatentes, desmascarado pelo clarão dos archotes, porém, os cabos de amarração entre os pontões resistiam ainda aos golpes de machado desferidos pelos meus homens. Quando apenas cinquenta passos os separavam, ouvi um dos oficiais que comandava aquela carga gritar uma ordem. Não entendi a língua, mas o significado do que disse tornou-se imediatamente claro.

Sem diminuir o fervor da arremetida no passadiço, a falange dianteira dos soldados de infantaria cretenses deteve-se um pouco, tomou balanço e arremessou uma salva de lanças, caindo os pesados projéteis no meio dos meus homens que ainda tratavam de cortar as amarras que mantinham unida a linha de longos barcos. Vi um dardo de arremesso cravar-se num dos meus companheiros pelas costas e paralisá-lo, ficando a ponta a emergir-lhe do peito um bom metro. Após tombar por cima da borda do longo barco sobre o qual se equilibrava, foi sugado para dentro das negras águas. Nenhum dos seus companheiros desviou sequer os olhos do que fazia. Implacáveis, continuaram a desferir golpes vigorosos com os machados sobre a amarração que mantinha os pontões unidos.

Ouvi, então, um estalido e um estouro violentos no momento em que os cabos se partiram, seguidos do ranger e da crepitação das madeiras dos cascos a rolar umas por sobre as outras e a fazer ceder outras cordas que mantinham juntos os demais barcos longos.

Por fim, a ponte dividiu-se em duas partes, mas mantiveram-se ambas ainda juntas pelo nosso navio, que se encontrava de permeio. Dei comigo a gritar a plenos pulmões aos meus homens armados com os machados para que tornassem a embarcar, posto não estar nada preocupado com a minha própria segurança, mas com a dos meus bravos rapazes.

Foi descomedida a torrente de Cretenses de armadura que surgiu nos pontões numa falange compacta, precipitando-se sobre nós em gritos de desafio e brandindo dardos de arremesso. Os meus homens recuavam aos tropeções para o nosso pequeno barco e agachavam-se para evitar os projéteis que batiam violentamente na madeira do casco.

Agora, eu gritava para que alguém desprendesse as cordas que ainda seguravam o barco ao centro da ponte, mas as minhas ordens eram abafadas por todo aquele alvoroço, e, por mais que tentasse, não conseguia fazer-me ouvir, por isso, agarrei no machado de um dos homens, que se encontrava agachado no porão, e corri para a proa. Um cretense desceu o passadiço direito a mim, alcançando-a ambos ao mesmo tempo. Ele arremessara já o dardo e tentava desembainhar a espada, que parecia estar encravada na bainha, soltando-se apenas quando chegámos junto um do outro. Pude, então, ver o seu sorriso largo por baixo do elmo por achar que me tinha à sua mercê e me mataria em menos de um sopro. Desse modo, impeliu a espada para trás e apontou-a ao meu peito pronto a desferi-la, mas eu percebera o movimento dos seus olhos a revelar-lhe a intenção, por isso, consegui antecipar o golpe fatal. Desviei o tronco e a ponta da espada passou por baixo do meu braço, aproveitando a oportunidade para entrelaçar o meu braço por cima do seu cotovelo. Agora, tinha-o todo ao meu alcance. Ainda se tentou libertar com um puxão, mas o passadiço cedeu debaixo dos seus pés, provocando-lhe o desequilíbrio. Nesse instante crucial, larguei-lhe o braço que ainda segurava a espada, e, por não estar à espera desse meu movimento e por ser impulsionado para trás, estendeu os dois braços para mim para recuperar o equilíbrio. Brandi, então, o machado e apontei-o à única parte do seu corpo que não estava coberta pelo metal — o pulso da mão que

empunhava a espada. Também eu me desequilibrei com o balanço e os sacões do barco, por isso, não consegui desferir um golpe limpo, e, em vez de lhe decepar por completo aquela mão, apenas lhe cortei a carne até ao osso pelo interior do pulso. Ouvei os tendões estourar quando se separaram, vi os seus dedos abrirem-se independentes da vontade e a espada cair do meio destes para o chão, sacudindo-se e chocalhando contra o tabuado da ponte. O homem cambaleou para trás até esbarrar com um dos companheiros que se apinhavam atrás dele. Agarrados um ao outro, os dois homens caíram da ponte com um enorme chapão, provocado pelo embate desamparado dos seus corpos com a superfície aquosa, e de imediato o peso das armaduras os arrastou para debaixo da água.

O machado continuava nas minhas mãos e os dois cabos de amarração que seguravam a proa do nosso navio à ponte de barcas estavam tão esticados à minha frente que a água salpicava dos mesmos ao ritmo das torções que lhes eram compelidos. Elevei o machado acima da cabeça e, aplicando todo o meu peso e força naquele golpe, impeli-o para baixo direito ao mais grosso dos dois, partindo-o com um estalo como se da corda de um arco repuxado se tratasse. A nossa embarcação inclinou-se toda quando todo o peso foi transferido para o único cabo mais delgado. Tornei a preparar novo golpe, que fez este cabo partir-se com um enorme solavanco, rodopiando e desmanchando-se a meia altura. A proa do nosso barco empinou-se quando o peso e a resistência lhe foram retirados e baloiçámos livres ao sabor da corrente.

Bem mais dramático foi o efeito que teve na ponte ainda com ambos os segmentos da mesma firmemente presos aos respectivos ancoradouros das duas margens do rio, todavia, no meio do canal, como já estavam separados um do outro, depressa a corrente os arrancou. Vi, então, um imenso e compacto número de Cretenses ser arrastado pelo vacilante passadiço e perder o equilíbrio com o violento safanão. A transferência de peso aumentou a instabilidade das plataformas flutuantes, e homens aprestados em pesadas armaduras perderam o equilíbrio e cambalearam como ébrios, atropelando-se uns aos outros e empurrando-se borda fora.

Horrorizado, vi um dos pontões virar-se e um grande número de homens ser lançado para dentro de água. Em poucos minutos, a maior parte daquela horda de Cretenses debatia-se dentro das águas escuras e afogava-se como ratazanas no fundo de um poço.

O mais trágico, para mim, foi aqueles homens nem sequer serem nossos inimigos, e eu ter deliberadamente engendrado toda aquela destruição para os levar a tornarem-se nossos aliados. Desse modo, foi muito pouca a consolação que senti, ainda que o fizesse pelo meu bem-amado Egito e o meu Faraó, pois fiquei aterrado com as consequências dos meus atos.

Apenas com um enorme esforço de vontade fui capaz de afastar do espírito aquele sentimento de culpa e aquele remorso. Sabia bem que o que fizera não podia ser desfeito, porquanto tratei de afastar da ideia os homens afogados e pensar antes nos meus homens e nas perdas que havíamos sofrido. Forcei-me a virar costas àquele espetáculo e a voltar ao sítio onde cortara as amarras que nos mantinham ainda presos àquele lugar. Gritei aos meus tripulantes, descarregando neles toda a minha fúria, bramindo-lhes para que tornassem a pegar nos remos, empurrando-os para os bancos dos remadores e pontapeando e esbofeteando os que, consternados, hesitavam.

Por fim, tornei a ter o leme nas mãos e os homens começaram a vogar em uníssono. Pus o elmo e dirigimo-nos de volta ao molhe de pedra, situado por baixo do portão principal da fortaleza, onde as embarcações com os tesouros se encontravam ancoradas.

Saltei da pequena embarcação, mal a proa tocou nos degraus de pedra do molhe, e vi Zaras à minha espera, de espada em punho e ofegante por todo o esforço que fizera, mas de sorriso rasgado colado ao rosto, como um idiota.

— Tomámos de assalto os três barcos com o tesouro, e até a fortaleza é nossa! — comunicou-me, apontando os portões escancarados do forte com a lâmina da espada manchada de sangue. — O alvoroço que criastes na ponte de barcas foi uma magnífica manobra de diversão. Abatemos os guardas do forte, enquanto assistiam ao que fazíeis e antes de darem pela nossa

presença ali. Creio que nenhum deles escapou com vida, mas, mesmo que isso tenha acontecido, não irão longe. — Após uma pausa que fez para recuperar o fôlego, perguntou-me: — Como vos correram as coisas ali na ponte, Taita? — Fiquei satisfeito por me dar conta de que, apesar do calor do combate e da nossa vitória, ele continuava a lembrar-se de falar no idioma hicsos.

— A ponte caiu e metade dos nossos inimigos foram arrastados para o rio e morreram afogados — informei-o, lacónico. Após isso, virei-me para Akemi, que viera a correr mal me vira desembarcar. — Assume o comando deste barco e fica com uma dúzia de homens aos remos — ordenei-lhe, após o que aponte para o aglomerado de pequenas embarcações sem tripulantes que se encontravam ancoradas no dique, formado pelo caudal do rio. Depois disse-lhe: — Leva contigo tochas e archotes e queima esses barcos antes que os Cretenses lhes consigam deitar a mão e os utilizem para fazer a travessia dos homens e tornarem a atacar-nos esta noite.

— Assim farei de pronto, amo — retorquiu Akemi.

— Poupa apenas a maior — prossegui. — Aquela embarcação grande além, posicionada no fim da linha. Não incendeies essa. Trá-la para aqui para a deixarmos amarrada ao molhe quando partirmos.

Tanto Akemi como Zaras me olharam surpreendidos, mas foi Zaras quem se atreveu a questionar as minhas ordens.

— Deixá-la para os Cretenses? Porque havíamos de querer fazer isso?

— Convém-nos fazer isso para os oficiais cretenses mais graduados poderem regressar a Creta de pronto e avisar o seu rei do roubo levado a cabo pelos aliados hicsos. Até o grandioso Minos de Creta ficará profundamente afetado com a perda de 500 *lakhs* da sua prata. Ao saber da notícia, ficará sedento do sangue do Rei Beon.

Aguardei no ancoradouro, observando Akemi e os tripulantes a afastarem-se, direitos à bacia fluvial. Vi-o transferir quatro dos homens para a grande embarcação, e, após largarem a bujarrona, tornarem para o ancoradouro onde me encontrava.

Ao largo, na bacia fluvial, Akemi mantinha-se de pé à proa da nossa pequena embarcação com os homens a apertar os remos

para deslizarem ao longo da linha dos barcos ancorados. Ao passarem por cada um, Akemi arremessava uma tocha em chamas para o interior, mas apenas quando os vi a todos arder em lume vivo me senti satisfeito. No meio de toda a confusão então gerada, regressei ao encontro de Zaras.

— Traz esses homens contigo e acompanha-me — ordenei-lhe, e desci o molhe de pedra a correr direito ao sítio onde estava atracada a trirreme cretense mais próxima. — Quero que assumas o comando deste navio, Zaras, porém, irei contigo.

— Assim farei, amo — respondeu-me. — Alguns dos meus homens já se encontram embarcados no mesmo.

— O Dilbar será o capitão daquele — disse-lhe, apontando para a segunda trirreme. — E o Akemi levará o terceiro navio do tesouro minoico.

— Às vossas ordens, amo. — Segundo parecia, Zaras tinha-me promovido, passando do familiar Taita a amo. Continuava, porém, a ser suficientemente íntimo para me fazer perguntas indiscretas, coisa em que não se fazia rogado.

— Assim que estivermos em mar aberto, qual a direção que seguiremos? Tomamos, a leste, a rota da Suméria, ou viramos para oeste, para a costa da Mauritânia? — Em seguida, condescendeu mesmo em me dar um conselho um tanto paternalista. — Temos aliados em ambos esses países. A leste, encontra-se o Rei Nimrod, o governante da Terra dos Dois Rios, ao passo que a oeste, temos um tratado com o Rei Shan Daki de Anfa, da Mauritânia. Qual deles será, Taita?

A minha resposta não foi pronta. Antes disso, inquiri-o com o seguinte:

— Diz-me cá, Zaras, a que rei ou governante de todo este nosso mundo confiarias tu um tesouro de 500 *lakhs* de prata?

Zaras pareceu confuso, pois não lhe havia ocorrido semelhante coisa.

— Talvez... bem, decerto que não seria a Shan Daki. Tem um povo de corsários e ele mesmo é Rei de Ladrões.

— Então e o Nimrod? — aventei. — Não estou certo de que lhe confiasse nem mesmo um pedaço de prata maior do que o meu

polegar.

— Temos de confiar em alguém — protestou —, a menos que encontremos uma ilha deserta e lá enterremos todo esse tesouro de prata até podermos lá voltar para recuperá-lo.

— 500 *lakhs*! — lembrei-o. — Levaríamos um ano inteiro a escavar um poço suficientemente fundo, e precisaríamos de uma montanha de areia para cobri-lo — acrescentei, deleitando-me na sua confusão. — O vento está a nosso favor! — exclamei, erguendo o rosto para o pavilhão minoico, com a imagem do touro dourado de Creta, que ainda adejava no mastro principal da trirreme que eu lhe atribuíra. — E os deuses favorecem sempre os audazes e os valentes.

— Não, Taita — refutou. — O vento não sopra a nosso favor. Está mareiro e sobe diretamente pelo canal, pregando-nos à terra. Precisaremos de todos os nossos remadores para sair para as águas abertas do mar Interior. Se não confiais em Shan Daki, nem em Nimrod, em quem confiais, afinal? Em quem havemos nós de confiar?

— Confio tão-só no Faraó Tamose — respondi-lhe, e, pela primeira vez, deixou transparecer a frustração que sentia em relação a mim.

— Planeais voltar, então, para junto do Faraó pela mesma rota que tomastes para aqui chegar? Carregaremos o tesouro à cabeça desde Ushu, atravessando o deserto do Sinai e cruzando com o mesmo a nado o mar Vermelho? Daí, teremos de fazer apenas uma breve caminhada até chegarmos a Tebas. O Faraó ficará surpreendido por nos ver; disso podeis estar certo — rematou, zombando de mim.

— Não, Zaras — devolvi-lhe no mesmo tom trocista, sorrindo, indulgente. — Daqui, rumaremos para sul, Nilo abaixo. Velejaremos estes três monstros cretenses com o tesouro de prata que carregam diretamente de volta a Tebas.

— Ensandecestes, Taita? — interpelou-me, mostrando todo o seu assombro depois de parar de rir. — O Beon domina cada milha do Nilo, daqui até Asyut. Ser-nos-á impossível velejar trezentas léguas marítimas pelo meio das hordas hicsas. Isso é uma autêntica

loucura. — No meio de toda aquela agitação, confundira os Hicsos com os Egípcios.

— Se falares o idioma hicsso, qualquer coisa, ou mesmo tudo, é possível! — refutei e corriji-o. — Seja como for, já afundámos dois dos nossos navios e deitarei fogo ao terceiro antes de partirmos de Tamiat, para ter a certeza de que não deixamos aqui ficar vestígio algum da nossa verdadeira identidade.

— Em nome da grande mãe Osíris e do seu bem-amado filho, Hórus, creio que acreditais mesmo no que dizeis, Taita. — E tornou a sorrir entredentes. — E planeais fazer-me ficar tão doido varrido como vós, para que, em toda essa loucura, acabe eu a concordar convosco. É isso, não é?

— No campo de batalha, a loucura torna-se sensatez, posto ser a única maneira de sobrevivermos. Anda daí, Zaras. Vou levar-te para casa. — Comecei a subir o portaló para o convés da trirreme e vi-me diante de uma vintena de homens de Zaras. Percebi que já haviam tomado o controlo do navio e todos os homens se achavam embarcados. Na coberta, a tripulação cretense encontrava-se ajoelhada em fila de cabeças baixas e com os braços imobilizados atrás das costas, estando a maioria a sangrar dos ferimentos acabados de infligir. Contavam-se ao todo em número de seis, e os homens de Zaras vigiavam-nos de pé ao seu lado com as espadas desembainhadas.

— Bom trabalho, rapazes — encorajei-os, após o que me voltei para Zaras. — Agora, manda os teus homens despojarem os prisioneiros dos uniformes e armaduras e lançá-los borda fora sob apertada vigilância. — Enquanto Zara lhes dava essa ordem, desci a escada de quebra-costas para o convés de terceira ordem, onde os bancos dos remadores estavam vazios de tripulantes e os longos remos recolhidos. Dispunha todavia de cinquenta homens para tornar a enchê-los. Após uma pausa breve, desci a escada de quebra-costas seguinte que dava acesso ao convés da ordem inferior dos escravos. O cheiro fétido vindo dali de baixo inundou-me por completo, e, de tão intenso, engasguei-me, continuando, porém, a descer.

Candeias acesas fumegavam nos suportes colocados na cobertura baixa, iluminando apenas o suficiente para eu distinguir as fileiras de corpos nus agachados sobre os bancos dos remadores ou a dormir com as cabeças encostadas aos longos remos dispostos à sua frente. Os que estavam acordados ergueram para mim os rostos de olhar vazio e inexpressivo, e, quando se mexiam, tinham as grilhetas que tinham presas aos tornozelos.

A minha ideia era dirigir-lhes umas quantas palavras de incentivo, talvez mesmo oferecer-lhes a liberdade quando chegássemos a Tebas, se apertassem bem os remos; abandonei-a, porém, assim que me apercebi de que apenas em parte eram eles humanos. O encarceramento infame e o tratamento cruel haviam-nos reduzido à categoria de animais, pelo que as minhas palavras amáveis não teriam para eles significado algum. A única coisa que ainda compreendiam era o chicote.

Quase dobrado ao meio para evitar bater com a cabeça no sobrado inferior do convés superior, desci à ré o passadiço por entre os bancos dos escravos até chegar à porta, que tinha a certeza daria acesso ao porão de carga, e que se encontrava trancada por um pesado cadeado de latão. Zaras seguia-me de perto, e, com um passo dado para o lado, afastei-me para o deixar destrancá-lo com a espada e, com um pontapé, abrir a porta.

Antes de entrar no espaçoso porão de carga, retirei uma das candeias do suporte e levantei-a bem alto. Os baús com os preciosos lingotes de prata estavam empilhados de um convés ao outro, porém, havia uma grande clareira deixada no centro da pilha. Fiz um cálculo rápido ao número de baús dos preciosos lingotes que os Cretenses já haviam descarregado para terra, considerando serem, no mínimo, uma centena.

Num momento de ânsia e de pânico, também pensei abandonar aquela pequena parte do tesouro e zarpar com o que já tínhamos a bordo, mas depressa pus essa ideia de parte.

Enquanto os deuses te sorrirem, Taita, aproveita-o ao máximo, antes que tornem a mostrar-se sisudos, disse para comigo, e, voltando-me para Zaras, ordenei-lhe:

— Acompanha-me, e traz tantos homens quantos os que conseguires.

— Aonde vamos?

Apontei para o espaço vazio deixado no meio da pilha de baús.

— Vamos ao forte ver onde os Cretenses guardaram os baús que levaram daqui. Têm prata suficiente para equipar um exército inteiro e fazê-lo deslocar-se até ao campo de batalha, temos, por isso, de evitar que alguma parte desse quinhão caia nas mãos do Beon.

Apressámo-nos a tornar à coberta, e Zaras seguiu-me enquanto descia o portaló até ao ancoradouro, acompanhado por dez dos seus homens que traziam consigo os marinheiros cretenses cativos e a quem tinham despojado de todas as vestes. Dentro do perímetro delimitado pelos portões do forte, encontrámos Dilbar e trinta dos seus homens de vigia aos homens e aos escravos que haviam feito cativos em terra.

Dei ordem a Dilbar para que também despissem a roupa a esses cativos, dado precisarmos de tantos uniformes e armaduras cretenses quantos conseguíssemos arranjar. Todos os oficiais minoicos usavam fios, anéis, vírias e braceletes de ouro e prata e pedras preciosas.

— Tira também essas joias aos cativos — instruí Dilbar a fazer. Retirei da pilha duas das peças de joalheria mais extraordinárias e guardei-as na minha bolsa de couro. À semelhança da maioria das mulheres, também as minhas duas princesas adoravam ouropéis todos bonitinhos e brilhantes.

Dirigi a atenção para os escravos cativos que se mantinham acorrentados e imperturbáveis com semblantes néscios. Percebi de imediato que, embora fossem de diversas proveniências, dado ali haver líbios, hurritas e sumérios, na maioria eram egípcios. O mais provável era terem sido capturados pelos Hicsos e entregues aos Cretenses para os ajudar a construir a fortaleza. Escolhi um deles, que tinha um rosto inteligente e me pareceu não ter sucumbido ainda ao desespero.

— Leva este para a câmara aqui ao lado — ordenei a Dilbar, após o que ele agarrou no egípcio e o puxou até à antecâmara do forte. Uma vez aí, disse-lhe eu para nos deixar a sós. Quando assim

ficámos, mantive-me algum tempo em silêncio a fitar o escravo, que conservou sempre uma atitude de resignação, embora eu visse no seu olhar o desafio que tentava esconder.

Ótimo!, pensei. Ainda é um homem.

Por fim, falei-lhe baixo no nosso doce idioma.

— Tu és egípcio — comecei por dizer, e o seu sobressalto levou-me a perceber que me tinha compreendido. — De que regimento? — perguntei-lhe, mas respondeu-me com um encolher de ombros, fingindo incompreensão, após o que baixou os olhos para os pés.

— Olha para mim! — ordenei-lhe, enquanto retirava o elmo de bronze da cabeça e desenrolava o lenço de seda que cobria a metade inferior da minha cara. — Olha para mim! — repeti.

Ao levantar a cabeça, todo o seu corpo estremeceu de surpresa.

— Quem sou eu? — perguntei-lhe.

— Sois Taita. Em criança, vi-vos no templo de Hathor. O meu pai disse-me que éreis um dos maiores egípcios vivos — murmurou cheio de admiração, após o que se prostrou a meus pés. Fiquei comovido com aquele gesto claro de veneração, mas mantive firme o tom da minha voz.

— Sim, soldado. Sou Taita. Quem és tu?

— Sou o Rohim dos Vinte e Seis Aurigas. Há cinco anos fui capturado pelos porcos dos Hicsos.

— Queres regressar comigo ao nosso bem-amado Egito? — perguntei-lhe, ao que ele sorriu. Faltava-lhe um dente no maxilar superior e tinha a cara magoada e inchada, porque lhe tinham batido, mas nem por isso deixava de ser um guerreiro egípcio, nem de dar respostas prontas e resolutas.

— Servir-vos-ei até à morte!

— Onde guardaram os Cretenses os baús que ontem te obrigaram a descarregar do navio?

— Na caixa-forte que está ao fundo das escadas, mas a porta está trancada.

— Quem tem a chave?

— O gordo da faixa verde. É ele o amo dos escravos.

Eu vira o homem a quem se referia ajoelhado no meio dos outros prisioneiros.

— E ele também tem a chave das tuas grilhetas, Rohim? Vais precisar dela, posto teres tornado a ser um homem livre. — Diante daquela ideia, abriu um sorriso largo.

— Tem todas as chaves enfiadas numa corrente que traz presa à cintura. Esconde-as debaixo da faixa.

Através de Rohim, fiquei a saber que mais de oitenta dos escravos que se encontravam no forte eram arqueiros e aurigas egípcios, por isso, quando os livrámos das grilhetas, foi com rasgado agrado que tornaram a fazer o trabalho de carregarem aqueles baús para o navio e os empilharem na trirreme que estava sob o comando de Zaras.

Enquanto era feita a transferência dos baús com o metal precioso para o navio, Rohim levou-me à armaria. Depois de arrombarmos a porta, fiquei esfuziante com a quantidade de uniformes, armaduras e armas que ali se achavam guardados.

Dei ordem para que todo aquele equipamento fosse carregado nos navios e guardado nos conveses principais dos remadores para estar à mão quando precisássemos do mesmo.

Por último, trancámos todos os cretenses capturados nos seus próprios barracões dos escravos e subimos a bordo das três trirremes que nos aguardavam.

Os homens de que agora dispúnhamos havia-os eu distribuído em número igual pelos três navios, desse modo, os bancos dos remadores estavam todos preenchidos. Por minha ordem, aos escravos ainda agrilhoados nos conveses das ordens mais inferiores, fora dada uma refeição de pão duro, peixe seco e cerveja, que havíamos encontrado nas despensas da fortaleza. Era uma visão patética vê-los encher as bocas com as mãos calejadas e enegrecidas pela imundície e pelos próprios excrementos ressequidos. Do mesmo modo, tragaram a cerveja que lhes demos até os estômagos atrofiados não conseguirem receber nem mais um gole, chegando mesmo alguns a vomitar nas sentinas que tinham entre os pés descalços. O alimento e o tratamento amistoso trouxeram-nos, no entanto, de volta à vida. Eu sabia que desse modo me prestariam melhor serviço.

A aurora despontava no firmamento, a oriente, quando nos achámos prontos para nos fazermos à vela. Tomei o meu lugar à proa da primeira trirreme, ao lado de Zaras, com o elmo dos Hicsos enfiado na cabeça e o lenço de seda a esconder-me o nariz e a boca.

Zaras gritou a ordem de marcha, e os tambores de cada convés inferior anunciaram a partida. Os longos remos mergulharam, então, nas águas, foram puxados e tornaram a assomar à tona da água ao som cadenciado dos tambores. Depois de passar a ordem aos homens dos lemes, virámos para o canal principal do rio com as outras duas trirremes a seguirem-nos em viragens sucessivas. À ré umas das outras, dirigimo-nos com determinação e audácia para sul, rumo à capital dos Hicsos, prontos a palmilhar as duzentas léguas de rio controladas pelo inimigo.

O fumo que saía dos navios ainda a arder lançava um denso banco de nevoeiro por sobre o rio, cobrindo, uma vez por outra, o acampamento cretense no seu extremo mais distante. Quando, porém, uma rajada de vento, vinda do norte, abriu a cortina de fumo, pude ver que a minha própria tripulação não tinha sido a única que havia ficado surpreendida por me ver dirigir para sul.

As tropas do acampamento cretense que haviam sobrevivido à destruição da ponte de barcas tinham-se reorganizado na margem do rio e achavam-se agora armadas com todos os aprestos de combate. Os oficiais que as comandavam haviam escolhido o ponto em que a zona navegável do canal se aproximava mais da margem, para nele disporem as fileiras dos arqueiros, que agora bordejavam a beira da água, estando tão próximo do canal quanto haviam conseguido chegar. Estavam a postos para nos surpreender quando tentássemos passar pela zona afunilada rumo ao norte e para daí alcançarmos mar aberto. Com os arcos esticados e tensos e as flechas bem firmes, todos os homens estavam prontos a disparar.

Quatro dos oficiais mais graduados, os que tinham as maiores plumas nos elmos e as decorações mais luzidias ao peito e nos ombros, sentados nas montadas posicionadas atrás das formações dos arqueiros, preparavam-se para mandar os homens desferir as

flechas sobre nós quando descêssemos por ali direitos ao mar Interior.

O seu espanto foi bem notório ao darem connosco a virar para o braço meridional do canal e ao ver-nos começar a distanciar-nos deles. Por um instante breve, nenhum deles reagiu, mexendo-se apenas quando a trirreme em cujos comandos seguia Dilbar acompanhou o nosso navio naquela viragem. Mal a embarcação de Akemi, que ocupava a retaguarda da frota, concluiu a curva atrás de nós, soaram desesperadas ordens gritadas pelos oficiais cretenses. Desse modo, transpusemos aquelas águas sem a menor dificuldade, enquanto eu me ria ao vê-los impelir as montadas ao longo da margem do rio numa tentativa vã para nos deterem.

Os arqueiros cretenses quebraram as fileiras perfeitamente ordenadas, e, num bando desalinhado, seguiram os oficiais em passo de corrida, detendo-se, porém, assim que, desapiedados, começámos a afastar-nos de todos eles. Levantaram, então, os arcos e, em volteios sucessivos das flechas, dispararam sobre nós em trajetória elevada, lamentavelmente, porém, caindo elas de chapa na esteira do navio de Akemi.

Nas montadas, os oficiais recusaram-se a abandonar a perseguição. Açoitando-as, fizeram-nas seguir pelo caminho à beira-rio na tentativa de alcançarem a nossa flotilha. Quando, aos poucos, se foram achando alinhados com a trirreme de Akemi, desembainharam as espadas, ergueram-se nos estribos e gritaram insultos e desafios bárbaros aos homens de Akemi.

Akemi tinha ordens expressas da minha parte para não disparar flecha alguma sobre os Minoicos, por isso, embora agora fossem um alvo fácil para os arqueiros posicionados no convés superior da trirreme, tanto ele como os membros da tripulação os ignoraram, reação que pareceu deixar os Minoicos furiosos. Subiram a galope o caminho à beira-rio, passando primeiro pela embarcação de Akemi e em seguida pela de Dilbar. Por fim, acharam-se ao mesmo nível onde eu me encontrava na embarcação dianteira.

Sob as minhas ordens, os nossos homens não ensaiaram o mais pequeno gesto para se esconderem, e, enquanto percorria o caminho à beira-rio ao mesmo passo que nós e à distância de uns

escassos cem passos, o quarteto de oficiais cretenses pôde comprovar a autenticidade dos nossos uniformes e acessórios hicsos.

Por esta altura, já nos tinham seguido para cima de umas boas três léguas, mas as montadas depressa começaram a dar mostras de cansaço. Quando, à entrada do mar Interior, a brisa da terra soprou mais forte, empurrando-nos para sul, afastámo-nos deles a um ritmo contínuo. O caminho à beira-rio acabou por desembocar num lodaçal, fazendo os cascos das montadas já em dificuldade enterrarem-se na lama até aos joelhos e levantarem torrões negros de lama com as patas. Viram-se, então, forçados a abandonar a perseguição, detendo-se montados, de mãos nas rédeas e olhares desesperados cravados em nós, vendo-nos velejar e afastarmo-nos deles.

Fiquei deveras satisfeito com a maneira como toda a operação decorreu. Os oficiais minoicos haviam visto tudo o que eu quisera que vissem, ou seja, três barcos carregados de piratas hicsos com 500 *lakhs* de lingotes de prata do Supremo Rei Minos a bordo a dirigirem-se para sul, rumo a Mênfis, a capital do Rei Beon.

Agora, chegara o momento de darmos início à nossa transformação para o papel seguinte. Dei ordens para que os uniformes e as armas cretenses, que havíamos confiscado na fortaleza de Tamiat, fossem trazidos para o convés, após o que os nossos homens, a rir e em grande chacota, despiram os uniformes e apetrechos hicsos que traziam vestidos e os substituíram pela panóplia do esplendor militar minoico, desde os elmos dourados e as espadas gravadas às botas de couro fino e macio que lhes davam pelos joelhos.

Do mesmo modo, Akemi e Dilbar haviam recebido de mim ordens expressas para não deixarem os seus homens desfazer-se dos uniformes hicsos que tinham acabado de despir, lançando-os ao rio, posto, caso fossem levados pela corrente e recuperados pelas tropas minoicas estacionadas em Tamiat, o meu embuste seria assim prontamente descoberto.

Não seria necessário um grande exercício de imaginação para os Cretenses perceberem que nós os havíamos enganado, desse modo, mandei que todo o equipamento hicsso descartado fosse guardado em segurança em embrulhos e arrumado nas cobertas de baixo.

Depressa nos dirigimos para sul com o vento a soprar diretamente pela retaguarda, com todo o pano largo e os bancos dos remadores em movimentos ascendentes e descendentes como as asas prateadas de um bando de enormes cisnes brancos que voassem em cunha. Estas trirremes minoicas eram os navios mais compridos e rápidos que existiam, e, apesar da imensa carga que transportavam em homens e prata, a velocidade que atingiam era assombrosa. Além da velocidade, reinava ainda um entusiasmo de tal modo contagiante por sabermos que nos dirigíamos para casa que todos os homens se mostravam muito bem-dispostos.

Ao deixarmos para trás o delta e a sua miríade de afluentes e navegarmos finalmente no principal braço do rio, os três navios da flotilha estenderam-se numa linha única e dirigiram-se velozes para sul com os membros das tripulações a gritarem desafios e insultos amistosos de uma trirreme para outra.

Cruzámo-nos velozes com barcos de pesca ancorados e depressa ultrapassámos outras pequenas embarcações, carregadas de produtos e mercadorias comerciais. À nossa passagem, olhei-as do alto da cobertura de cima, e, embora na maioria fossem hicsos, entre os seus tripulantes, vi uns quantos rostos egípcios, que nos dirigiam olhares estarelecidos.

Para mais, não me é nada difícil distinguir essas duas raças, pois que os meus Egípcios são um povo formoso, com rostos vivos e inteligentes, fronteiras altas, olhos grandes e bem separados entre si e feições delicadamente esculpidas. Em suma, é muito comum a um primeiro olhar percebermos que se trata de uma raça superior.

Os Hicsos, por seu lado, possuem muito poucos destes atributos. Em todo o caso, não estou de modo algum com isto a tecer néscios preconceitos contra eles. Tenho, todavia, boas razões para os abominar com um ódio profundo e intenso, posto tratar-se de ladrões e bandidos, todos eles, sem exceção alguma; deleitam-se

com a crueldade e a tortura; a sua língua tosca e gutural fere os ouvidos dos homens civilizados; veneram Set, que é o mais horrível de todos os deuses, e roubaram-nos a nossa terra e escravizaram o nosso povo.

Não obstante, não sou intolerante, nem guardo rancor, e abomino os que o são e o fazem. A verdade é que, com todas as minhas forças, procurei encontrar no caráter nacional dos Hicsos traços honrosos dignos de menção, e todos os deuses sabem como não foi por minha culpa que não encontrei nem um.

Nesse momento, ao olhar para alguns exemplos dessa raça desafortunada, ocorreu-me um pensamento fortuito de que algures no futuro poderia ser apropriado eu expressar a minha desaprovação de um modo mais concreto e sem ambiguidades. Deveria empreender um gesto o qual até o Rei Beon pudesse considerar muito bem merecido.

Será deveras um dia ditoso para todos os Egípcios, pensei. Então, sorri, e outro pensamento se intensificou na minha mente: Por que razão não há de esse dia chegar mais cedo do que tarde? Todo o plano me ocorreu, então, quase na forma definitiva, a passarem apenas alguns instantes desde a concepção ao surgimento claro.

No camarote do capitão, instalado na coberta de baixo, havia eu visto uma boa porção de rolos de papiro, bem como uma tábua de escrita. Os Cretenses são um povo letrado e culto, usam uma variedade de letras cuneiformes, não muito diversas das dos Sumérios. Consigo ler e reconhecer os símbolos, embora, confesso, naquela época ainda não estivesse familiarizado com o idioma minoico, e, por consequência, não conseguisse manter uma conversa nessa língua.

Como qualquer um esperaria que acontecesse, os Hicsos são completamente analfabetos. Todavia, graças aos meus espiões, fiquei a saber que eles capturaram e escravizaram escribas egípcios a quem obrigam a ler, escrever e traduzir para eles os nossos hieróglifos.

Também desse modo fiquei ciente de que, graças a esses mesmos escribas, haviam eles aprendido a usar aves para enviarem

mensagens mais depressa, cobrindo longas distâncias. Ao jeito dos símios, os Hicsos são grandes imitadores, dado que, embora raras vezes consigam achar a solução para um problema por meio de uma ideia original, é frequente plagiarem as invenções de mentes maiores do que as suas.

Em breves palavras, pedi licença a Zaras e apressei-me a descer ao camarote instalado por baixo da coberta principal. O material de escrita continuava onde eu o vira da última vez, dentro de um estojo ornamentado e decorado com pinturas de Thot em miniatura, o deus da escrita com cabeça de íbis.

Sentei-me de pernas cruzadas na coberta e abri o estojo de escrita. Foi com grande satisfação que vi que, além dos rolos de papiro de diferentes formatos e tamanhos e de um conjunto de pincéis e blocos de tinta, no interior se achavam ainda quatro casulos em miniatura, do tamanho da unha do polegar, primorosamente entrançados com mechas de crina de cavalo. Esses casulos podiam ser presos à pata de um dos pombos-comuns que criávamos para comer, pois essas aves tinham também a estranha capacidade de regressar de modo infalível ao mesmo pombal onde tinham eclodido do ovo, sem se aperceberem de que, presos às patas, transportavam consigo aqueles pequenos casulos mensageiros.

Apressei-me a escolher um pedaço de papiro suficientemente pequeno para caber num desses casulos mensageiros. Em seguida, escolhi o mais delicado e fino dos pincéis de escrita e, de um bloco de carvão, retirei um pedaço de tinta fresca.

Não precisei de ponderar sobre o conteúdo da mensagem, posto que toda esta estava bem clara no meu espírito. Quando a necessidade o impõe, consigo desenhar hieróglifos que, além de minúsculos e pintados com toda a precisão, também são claros e legíveis, pois sempre fui dotado de uma caligrafia delicada e primorosa.

«Para o poderoso Beon, Faraó do Alto e do Baixo Egito», principiei a minha missiva com a saudação habitual. Era por demais evidente que ele não era nenhuma daquelas coisas, mas esses atributos reinavam entre aqueles a que ele mais aspirava. «Eu,

Supremo Rei Minos de Creta, vos saúdo. Como garante da minha amizade e obséquio, à Vossa Majestade envio como tributo três grandes navios carregados com o meu mais valioso tesouro. Ao segundo dia do mês de Epifi, zarparão do meu entreposto de Tamiat, situado no delta do Nilo. Tenho fé de que chegarão ao vosso palácio de Mênfis ao quinto dia do mesmo mês. Adiei a chegada desta informação o mais que pude para evitar que caísse nas mãos de homens malévolos antes de chegar ao vosso nobre conhecimento. Confio na vossa amizade para que recebais estas oferendas com o mesmo espírito de respeito e reconhecimento com que vos são enviadas.»

Mal fora acabada de secar a tinta desta missiva, foi com o maior cuidado que enrolei o pequeno pergaminho, e, após colocá-lo no casulo mensageiro de um dos pombos, selei-o com uma cola de goma-arábica. Em seguida, saí do camarote do comandante, desci para a coberta de baixo e aproximei-me da porta da entrada do porão de carga.

A fechadura ainda não fora substituída, após o rude tratamento que Zaras lhe dera, por isso, a porta abriu-se prontamente sob a pressão da minha mão, fechando-a de seguida atrás de mim. Continuava à parte o baú que eu abrira com o intuito de inspecionar o conteúdo e cuja tampa perdera então o mecanismo de segurança. Tornei a forçar a abertura com a adaga que pertencia à minha indumentária cretense, e, em seguida, ajoelhei-me diante do baú e retirei do interior um dos lingotes de prata. Embora fosse pesado, pu-lo na bolsa que trazia presa ao cinto e tornei a subir para a coberta de cima e a ocupar o meu lugar ao lado de Zaras. Falei-lhe em voz baixa para que nenhum dos membros da tripulação escutasse o que eu lhe dizia.

— Dentro da próxima hora, deveremos chegar ao porto fluvial de Kuntus, onde o Beon mantém um posto aduaneiro para recolher impostos de todas as embarcações que por ali passam...

Zaras interrompeu-me com um risinho abafado.

— Isso não terá a menor importância, amo Taita. Não nos retardaremos nele. Afastá-los-ei como se fossem mosquitos...

— Não, Zaras. O que farás será recolher os remos e arriar o velame para deixar que o barco do posto aduaneiro atraque junto ao nosso navio. Quando o fizerem, deverás mostrar-te respeitoso para com aquelas pessoas. Devo entabular uma conversa com o cobrador de impostos, dado precisar da sua colaboração. — E com isto afastei-me da amurada do navio antes que ele me importunasse ainda com outras perguntas. A verdade era que eu não tinha a certeza do que iríamos encontrar quando chegássemos a Kuntus.

Subimos o rio em boa velocidade, deixando todos os outros navios com os quais nos cruzávamos completamente atónitos, dado sermos as embarcações a remos mais rápidas de todo o Nilo. Mesmo um homem montado num cavalo não conseguiria ultrapassar-nos para, com a devida antecedência, dar um aviso prévio da nossa chegada iminente. Ao verem-nos subir o rio em célere aproximação contra a corrente, os outros navios tentavam evitar-nos, quer refugiando-se nas margens, quer arriando o velame e rumando para norte para deixarem que a corrente os afastasse do nosso caminho. Não sabiam eles quem éramos, mas, naqueles tempos de inquietação e incerteza, carregados com as nuvens de fumaça da guerra que pairavam por sobre o mundo inteiro, homem cômscio algum corria riscos.

Quando contornámos outra curva larga do rio, vi o porto de Kuntus estender-se diante de nós ao longo de toda a margem oriental. Reconheci-o pela elevada torre de vigia, construída em pedra e erigida no cimo da colina sobranceira à povoação, onde se agitava no topo de um mastro um grande pavilhão negro, símbolo da coleta de impostos. Sabia eu que ele tinha homens posicionados no alto da mesma torre para detetarem qualquer embarcação que tentasse passar dissimuladamente por ali sem pagar o imposto devido.

Enquanto nos aproximávamos do porto, um falucho, com outro pavilhão negro dos impostos hasteado, zarpou do molhe de pedra do porto e seguiu direito a nós para nos intercetar a meio do rio. Ordenei a Zaras que enrolasse as velas e recolhesse os remos de modo que permitisse a atracagem, junto à embarcação, daquele falucho com vários hicsos fortemente armados a bordo e todos

reunidos na coberta aberta. Zaras inclinou-se sobre a amurada do navio e entabulou uma conversa gritada com um deles, que nos disse ser Grall de seu nome e tratar-se do cobrador provincial dos impostos.

Fiquei verdadeiramente aliviado por aquela conversa ser feita no idioma dos Hicsos. Se aquela criatura, Grall, se tivesse dirigido a nós em minoico, eu teria reagido de modo deveras embaraçado ao tentar explicar-lhes que ninguém a bordo de uma trirreme minoica falava uma palavra daquela mesma língua. Foi nesse mesmo instante que decidi que, à primeira oportunidade, me dedicaria ao seu estudo. Aliás, graças à minha habilidade para o domínio das línguas estrangeiras, estava eu confiante que apenas em escassos meses seria já capaz de passar por um nativo de Creta.

Da coberta do falucho, Grall pediu, em nome do Rei Beon, que lhe fosse permitido vir a bordo da embarcação. Como eu o havia instruído, Zaras não esboçou objeção alguma, antes ordenou de imediato aos membros da tripulação que fizessem descer uma escada de corda para permitir que Grall subisse a bordo. Tratava-se ele de um homem baixo e robusto, pelo que trepou pela corda acima num instante com a mesma agilidade de um macaco.

— Sois vós o comandante deste navio? — perguntou ele a Zaras.
— Tenho por incumbência inspecionar a papeleta do registo desta embarcação.

— Naturalmente, meu senhor — anuiu Zaras. — Antes disso, porém, deixai-me que vos convide a vir ao meu camarote para partilharmos um copo do nosso excelente vinho minoico, e, em seguida, tereis tudo o que desejardes. — Dito isto, com um gesto amistoso, pegou no braço do homenzinho e, descendo com ele a escada de comunicação entre os conveses, encaminhou-o para o camarote do comandante.

Até àquele momento, mantivera-me imóvel na retaguarda, mas agora esperava que Zaras fechasse a porta do camarote por baixo da coberta onde me encontrava para logo os seguir no maior silêncio.

Zaras e eu tínhamos planeado aquele encontro com o máximo de cuidado, prestando a maior atenção a todos os pormenores, e eu

tomara as devidas precauções para abrir um orifício de vigia na antepara, através do qual poderia ver e ouvir tudo o que se passasse no interior daquele camarote. Agora, via que Zaras sentara o visitante de frente para esse orifício de vigia. Grall tinha mais do que uma vaga semelhança com um enorme sapo venenoso. Deste tinha a mesma boca rasgada e os mesmos olhinhos pequenos e brilhantes como contas, além de o rosto estar adornado com variadas e corpulentas verrugas. Quando engolia copiosas goladas do vinho que Zaras lhe servira, toda a garganta se contraía como se estivesse a tragar um rato-de-água, o alimento predileto do sapo gigante. Fiquei fascinado com aquele espetáculo, tão próximo da natureza autêntica.

— Estais decerto ciente de que, por foro diplomático, o Rei Beon concedeu às nossas embarcações isenção tributária. — Zaras falava num tom de voz avisado e respeitoso.

— Cabe-me a mim determinar se esta embarcação está qualificada ou não para ter tal isenção, capitão — declarou Grall, baixando o caneco de vinho. — Não obstante, ainda que esteja apta para ter essa isenção, é possível que tenha de vos cobrar pelos meus serviços — E com isto, fez um sorriso astuto e dissimulado. — Será, porém, uma quantia irrisória, podeis estar descansado.

— Assim será inteiramente — anuiu Zaras, com um aceno de cabeça. — Todos precisamos de ganhar a vida. Estou-vos, porém, muito grato por ter esta oportunidade de conversar convosco em privado. Preciso de enviar uma mensagem para Mênfis a informar o vosso Rei Beon da nossa chegada iminente, com o intuito de lhe entregar uma quantidade considerável de lingotes de prata, como tributo do nosso Supremo Rei Minos. — Zaras pôs uma mão debaixo da mesa, retirou o lingote de prata que eu lhe dera pouco antes e colocou-o sobre a mesa entre ambos. — Tendes a prova disso nesta amostra.

Lentamente, Grall pôs o caneco de lado e cravou os olhos no lingote de prata até parecerem estar prestes a saltar-lhe das órbitas. A boca de sapo pendia frouxa e entreaberta, desse modo, o vinho pingou-lhe para fora dos lábios e escorreu pela barba que lhe cobria o rosto. Parecia ter perdido a capacidade de falar, sendo quase

certo que nunca em toda a sua vida os seus olhos haviam pousado em semelhante tesouro.

— Pergunto-me se aqui em Kuntus tendes aves mensageiras, capazes de voar até Mênfis e levar uma mensagem minha ao vosso rei para, com a devida antecedência, o advertir da nossa chegada à sua cidade capital — prosseguiu Zaras.

Grall coaxou e assentiu com um aceno de cabeça. Mostrou-se incapaz de articular uma frase coerente como resposta ou de desviar os olhos do lingote de prata reluzente.

— Talvez devêssemos considerar este lingote como um pagamento pelos seus inestimáveis serviços — propôs Zaras, empurrando a barra de prata um centímetro mais para junto do seu interlocutor. — Um sinal do pacto que existe entre as nossas duas grandes nações. — Com estas palavras, Zaras depositou ao lado do lingote de prata o casulo do pombo mensageiro com a minha missiva no interior. — É esta a mensagem que deverá ser enviada ao vosso Rei Beon, se fizer o obséquio.

Uma das mãos de Grall rastejou por cima da mesa, como uma enorme aranha peluda, e esticou-se toda por sobre o lingote. Ergueu-o num gesto reverente, e fê-lo deslizar para dentro da frente do colete de couro tingido que trazia vestido e atou os cordões em volta dele com as mãos a tremer de emoção. O lingote fazia um chumaço considerável por baixo do colete, mas ele segurou-o bem de encontro ao peito com a mesma ternura com que uma mãe dá de mamar ao seu bebé.

Levantou-se um tanto titubeante, e, com a mão que tinha livre, pegou no casulo mensageiro.

— Entendo agora que estais envolvido em importantes assuntos de Estado, Vossa Excelência — declarou, dirigindo a Zaras uma ampla vénia. — Peço-vos que perdoais a minha intromissão. Sem dúvida que considero um privilégio ser-me dada a honra de fazer uma das minhas aves levar a vossa missiva ao Rei Beon, que a terá nas suas mãos neste mesmo dia, antes de o Sol se pôr. Nem mesmo nesta vossa magnífica embarcação conseguiríeis chegar a Mênfis antes do meio do dia seguinte ao de amanhã.

— Sois muito amável. Acompanhar-vos-ei agora de volta e em segurança ao vosso falucho — disponibilizou-se Zaras, mas Grall ia já a meio da subida da escada entre conveses, dirigindo-se para a coberta superior.

Zaras e eu ficámos a ver o falucho regressar a toda a brida a Kuntus, demorando-nos nós o suficiente para vermos ainda Grall sair à pressa e aos tropeções da sua embarcação para o molhe e desaparecer no interior da povoação. Só então dirigi um aceno de cabeça a Zaras para que desse aos marinheiros ordem de largada do pano e a todos os remadores a voz para recomeçarem a marcha em voga apertada rumo ao sul.

Olhei para trás por sobre a popa e vi um cavaleiro sair do meio das edificações dispersas de Kuntus e subir a galope o trilho para a torre de vigia, situada no promontório. Com a palma da mão aberta em concha, fiz sombra sobre os olhos e vi-o estacar na base da torre, lançar as rédeas a um peão que ali o aguardava, desmontar e entrar às pressas na construção de grande altura.

Apenas instantes passados, o mesmo homem tornou a aparecer no cimo da plataforma da dita torre, e a sua silhueta recortou-se contra o céu enquanto levantava ambos os braços acima da cabeça. Um pombo purpúreo começou a esvoaçar ao sair do meio das suas mãos postas em concha, e, com um volteio do corpo, não tardou a elevar-se no ar com um bater de asas ágil e rápido.

O pássaro descreveu três círculos em torno da torre, após o que firmou voo numa direção precisa para sul. Chegado a meio do rio, o voo fê-lo descer para logo tornar a elevar-se no ar, embora, ao passar mesmo por cima da nossa embarcação, fosse ainda baixo o suficiente para eu imaginar que conseguia ver a forma do pequeno casulo preso a uma das patas metida debaixo das penas da cauda.

No resto daquela tarde, velejámos para sul. Depois, mal o Sol se afundou por detrás das colinas que cobriam a margem oeste, dei ordem a Zaras para procurar um ancoradouro seguro para passarmos a noite, pelo que escolheu um troço de águas pouco profundas numa curva do rio Nilo, fora da grande corrente principal.

Eu sabia que Grall fizera os cálculos corretamente, e que ainda nos achávamos a um dia e meio de caminho, rumo a Norte, até Mênfis. Zaras designou, então, um vigia para cada uma das nossas três embarcações, e, em seguida, destacou várias outras sentinelas para terra de modo que garantisse que nenhum salteador

conseguiria entrar de assalto nos navios a coberto da escuridão noturna.

Enquanto jantávamos em volta de uma das fogueiras que havíamos acendido no acampamento, discuti com os meus três capitães as táticas de abordagem de um navio inimigo. No tempo em que estivera a escrever o meu célebre tratado sobre combate naval, estudara também esta manobra nos termos teóricos. Descrevi-lhes, então, com profusos pormenores como, nesse processo, conseguiriam infligir o maior dano possível nas embarcações inimigas, bem como nos membros das tripulações, sem todavia destruírem o navio, nem sacrificarem as vidas dos homens. Reforcei e deixei claro que o mais importante nesses casos era ensinar os homens a pôr-se na posição firme de emergência, que deveriam adotar antes da colisão com qualquer navio inimigo.

Em todos os demais aspetos, aquela foi uma noite tranquila e sem incidentes. Antes de romper o dia, já nos agitávamos, e, mal houve luz suficiente para distinguirmos o canal de navegação, apanhámos as âncoras e largámos o pano, zarpando de novo. Pela noite dentro, o vento ganhara intensidade, soprando agora de nordeste com uma tamanha força que nos empurrava para diante com todo o viço, fazendo a espuma levantada pelas proas molhar-nos os rostos quando os virávamos para as mesmas. Os homens estavam de muito bom humor, e até os escravos, que ainda se achavam acorrentados nos conveses inferiores, haviam respondido bem ao aumento das rações, bem como à minha promessa de alforria mal chegássemos a Tebas. Conseguia eu ouvi-los cantar, mesmo daquela minha posição em frente ao leme.

Creio que era eu, então, o único homem a bordo a estar apreensivo quanto à nossa embarcação. Tudo havia corrido tão bem desde a nossa partida de Tebas que os homens começavam a acreditar ser eu infalível e eles invencíveis, todavia, eu sabia bem serem falsas essas duas suposições. Nem eu próprio sabia o que iríamos encontrar quando chegássemos a Mênfis, desse modo, comecei a arrepender-me amargamente por ter sido ambicioso a ponto de alertar Beon para a nossa chegada. Em retrospectiva, pensava agora que havia de ser bem melhor e mais seguro

chegarmos à sua capital pela calada da noite sub-repticiamente em vogas surdas. Também não me senti mais tranquilo quando Zaras se aproximou do sítio onde me encontrava, junto à amurada do navio, metido com os meus pensamentos nestas conjeturas e me deu umas palmadinhas nas costas com tamanha bonomia que me deixou tão desconcertado quanto pasmado.

— Apesar da reputação que tendes, Taita, nunca me dei conta que fôsseis um destemido tão imprudente. Não conheço ninguém que sonhasse sequer empreender qualquer uma das proezas que pusestes em prática, porquanto, devíeis compor uma balada que celebrasse todos esses vossos feitos heroicos. Se não o fizerdes, ver-me-ei na obrigação de eu mesmo o fazer em vosso nome — declarou, rindo à gargalhada e dando-me outra palmada, que me doeu mais ainda do que a primeira.

Embora o território pelo qual continuávamos a navegar fosse egípcio, há muitos anos que fora conquistado pelos nossos inimigos. Desde a infância, não tornara eu a visitar esta parte do rio, desse modo, este era para mim um lugar desconhecido, bem como para todos os homens que comigo seguiam a bordo, com uma única exceção — Rohim dos Vinte e Seis Aurigas. Durante cinco anos e meio, o escravo egípcio, que eu encontrara e libertara no forte de Tamiat, estivera cativo pelos Hicsos durante cinco anos e metade desse tempo andara acorrentado aos bancos dos remadores de uma galé que patrulhara este troço do Nilo.

Pusera-se atrás de mim e de Zaras, enquanto navegávamos a trirreme, rumo ao sul, de velame todo enfunado e voga bem apertada. Naquele troço navegável do canal, conseguia ele indicar-nos as voltas e reviravoltas que havíamos de dar, muito antes de chegarmos ao ponto exato em que tínhamos de o fazer, bem como advertir-nos dos obstáculos ocultos por sob a superfície que devíamos contornar e evitar.

Ao entardecer, lançámos âncora e preparámo-nos para passar a noite, mas, com o novo alvor, tornámos a içar as velas e a sulcar as águas, contornando as margens pelo Nilo acima. Era aquele o quinto dia do mês de Epifi, o dia em que eu pusera Beon de sobreaviso sobre a nossa chegada a Mênfis.

Prosseguimos viagem por mais quatro horas até, por fim, chegarmos a uma curva estreita e apertada que corria por entre pequenas escarpas. Dali, emergimos para um percurso retilíneo de águas calmas que se estendia diante de nós por umas boas duas léguas marítimas.

— Este é o último troço antes de chegarmos a Mênfis — informou-nos Rohim. — No termo desta reta, o canal curva para o lado esquerdo e, logo a seguir, a cidade de Mênfis estende-se pelas duas margens acima.

— Pôr o peito à barra! — ordenei a Zaras. — Deixa os homens dos remos descansar até chegarmos a essa curva e que bebam água dos cantis de pele. Deverão estar prontos para nos levar a subir o rio em boa velocidade mal eu dê essa indicação. — As outras duas trirremes seguiram o nosso exemplo assim que recolhemos os remos, e continuámos todos a deslizar pelo canal retilíneo apenas ao sabor do velame.

O rio formigava de embarcações de todos os tipos e tamanhos, das galés aos lugres e aos barcos longos. Estes tinham um comportamento todo diverso de quaisquer outros com que até então nos tivéssemos cruzado, e, embora respeitosamente nos cedessem passagem, não faziam qualquer menção de fugir de nós. Pelo contrário, os membros das tripulações acenavam-nos e gritavam saudações amistosas à nossa passagem.

— Estão à nossa espera — disse eu a Zaras, em tom complacente, tentando ocultar o meu alívio. — Parece que o nosso pombo-correio deu com o caminho de regresso ao seu pombal.

Zaras olhou-me com espanto não dissimulado.

— Não era isso o que tínheis previsto? Esperáveis algo menos do que isto, amo? — perguntou-me, diante do que abanei a cabeça negativamente e dei meia-volta. Era assustador os homens esperarem de mim a concretização de um milagre todos os dias. Sou mais astuto e matreiro do que a maioria dos outros homens, bem sei, não obstante, estou convicto de que a sorte é preferível à inteligência e a sorte é uma amante caprichosa, posto nunca saber ao certo quando me vai abandonar.

Desci ao corredor dos bancos dos remadores, onde me deparei com a mesma confiança infantil e expectativas desmesuradas. Os homens saudaram-me com sorrisos e zombarias tolas, que retribuí com igual inocência. O meu verdadeiro propósito, todavia, era verificar se os arcos escondidos debaixo dos bancos estavam prontos a enristar e se as aljavas colocadas a seu lado estavam bem repletas de flechas.

Com o vento a soprar forte todo de popa, subimos rapidamente o canal com a derradeira curva do rio a parecer correr veloz ao nosso encontro. Sem deixar transparecer urgência alguma, ainda a sorrir e a trocar ironias com os homens, voltei a ocupar ao leme a minha posição anterior.

Olhava de relance por sobre cada um dos bordos para me certificar de que as trirremes de Dilbar e Akemi se achavam em cada um dos meus flancos em formatura de ataque, posicionadas em ponta de seta, quando os vi de braços direitos levantados numa saudação breve para me indicarem que estavam a postos para o combate.

Assim que começámos a entrar na curva, com um aceno de cabeça para Zaras, gritei apenas:

— Remos!

Estendemos as asas e as pás articuladas dos remos sulcaram a superfície.

— Puxar! — reforcei a voz de comando, e as pás afundaram-se mais, pararam na vertical dentro de água e impulsionaram-nos para diante, quase dobrando a velocidade a que seguíamos. Os tambores faziam a marcação do ritmo, aumentando-o à medida que íamos ganhando velocidade.

Tínhamos acabado de fazer a curva quando, de repente, as margens do rio se abriram de um lado ao outro e vimos a cidade de Mênfis estender-se diante de nós com a ofuscante luz do Sol a refletir-se das paredes e dos roques de mármore e das torres e das cúpulas abobadadas revestidas a folha de ouro. Diante dos nossos olhos, havia uma profusão de palácios e de templos em todo o seu esplendor, quase a rivalizarem com os da minha bem-amada Tebas.

Bordejavam cada margem do rio três ou quatro fileiras de pequenas embarcações, estando cada uma delas bem carregada de pessoas a ponto de não conseguirmos descortinar o número exato. A maior parte desses navios estava engalanada com bandeirinhas brancas e vermelhas, cores que eu sabia serem de regozijo e alegria para os Hicsos, e as gentes que as enchiam saudavam-nos em grande alarido, acenando-nos com folhas de palmeira, em sinal de boas-vindas, e entoando melodias e cânticos nativos em grande alvoroço.

A larga estria que descia ao longo de todo o centro do Nilo fora toda deixada livre de embarcações para nos permitir passar, e, no extremo mais distante desta veloz via aquosa, encontrava-se ancorado um conjunto de barcas e galés fluviais, engalanadas com pinturas magníficas, no centro do qual se achava a barcaça real, que se destacava das restantes que estavam no rio, à exceção do nosso trio de trirremes.

— Apertar a voga para ganhar velocidade — elevei o tom da voz acima do tumulto para gritar a ordem a Zaras. — A barcaça vermelha ao centro da fileira de navios deve ser a do Beon. Apontar para ela.

Num gesto certificativo, levei ambas as mãos ao lenço de seda que tapava a parte inferior do meu rosto, logo abaixo dos olhos, após o que, com determinação e firmeza, empurrei o elmo de bronze por sobre a cabeça, pois queria estar totalmente seguro de que ninguém da corte de Beon seria capaz de me reconhecer em momento algum mais comprometedor.

Os dois homens que manejavam o leme mantiveram o aríete de bronze à proa da trirreme firmemente apontado ao centro da barcaça estatal do Rei Beon, enquanto as outras duas trirremes da nossa esquadra guardavam as posições recuadas de meio barco de comprimento de cada um dos nossos lados, para que fôssemos nós os primeiros a abalroá-los. Os nossos tambores marcavam a cadência das remadas para impor a velocidade da investida, ao mesmo tempo que eu ouvia o bater do meu coração quase a corresponder-lhes na perfeição.

De pronto diminuiu de quatrocentos passos para duzentos a distância entre nós e a barcaça vermelha, podendo eu agora aperceber-me de estar esta ancorada pela proa e pela popa, de modo que desse o costado à corrente. No centro da coberta superior achava-se uma pirâmide alta e íngreme encimada por um dossel em forma de tenda, por baixo do qual, apesar de ainda estar demasiado longe para me aperceber de quaisquer pormenores, consegui discernir o trono, onde estava sentada uma volumosa figura humana.

Em volta do trono, via disposta uma guarda de honra de alabardeiros, todos eles fortemente aprestados e envergando armaduras completas, cujos elmos e couraças lhes conferiam uma aparência reluzente e beligerante.

A ladear a barcaça real, achava-se ancorada uma fileira de embarcações mais pequenas lotadas com os cortesãos, pertencentes ao séquito de Beon. Fiquei com a sensação de que se contavam em número de algumas centenas, embora fosse impossível calculá-lo com exatidão por serem uma massa tão compacta, além de a maior parte das mulheres estar oculta atrás dos homens, mais altos do que elas. De todos, porém, ouvíamos as gargalhadas e os aplausos e recebíamos largos acenos. Alguns homens apresentavam-se de armadura cerimonial e elmos com adornos metálicos, ao passo que os restantes, tanto homens como mulheres, envergavam indumentárias feitas de tecidos lustrosos e exóticos de todas as cores imagináveis. Eram tão fantásticos e multicolores como uma nuvem de borboletas que tivessem acabado de eclodir e agitassem as asas, rodopiassem e bailassem ao sabor do vento.

Numa embarcação mais pequena, ancorada ao lado da imponente barcaça real, um grupo de músicos tocava as bárbaras melodias hicsas, aumentando a cacofonia gerada pelos tambores e alaúdes, as trombetas de corno de animal, os instrumentos de sopro de madeira e as flautas de junco.

Avançávamos tão rápido em direção à barcaça real que depressa pude discernir os pormenores que antes haviam ficado obnubilados pela distância. Na parte superior do estrado em forma de pirâmide e

a coberto do dossel lacado, achava-se o Rei Beon, sentado no trono de prata batida que herdara de seu pai, o Rei Salitis, após a sua morte.

Reconheci-o mal o vi, pois já antes o vira no campo de batalha de Tebas, na qualidade de comandante da ala esquerda dos Hicsos, com quarenta mil soldados de infantaria e arqueiros sob as suas ordens, embora não fosse o tipo de homem de quem prontamente nos esquecêssemos.

Era uma figura colossal, posto serem as suas vestes brancas tão volumosas como uma tenda de campanha, bojando-se em torno do proeminente abdómen. As barbas negras, frisadas e entrançadas em grossas réstias pendiam-lhe numas quantas dispersas até à cintura, enquanto outras haviam sido lançadas para as costas por sobre ambos os ombros. A essas tranças haviam sido cosidas correntes e outros adornos reluzentes de prata e ouro, e trazia na cabeça um elmo em forma de grande coroa, todo ele de prata polida, que se achava cravejado de joias cintilantes, dispostas em padrões muito ornamentados. O seu aspeto era de tal modo magnífico, quase a lembrar um deus, que até a mim, que abomino todas as coisas relacionadas com os Hicsos, deixou impressionado.

O Rei Beon mostrava uma mão levantada, com a palma aberta virada para nós, num gesto de saudação ou de bênção. Ainda hesitei quanto à sua verdadeira intenção, porém, sorria.

Em poucas palavras e com um dedo em riste, mostrei a Zaras o ponto mais vulnerável do casco da barcaça real, onde se concentrava a maior pressão sobre as principais vigas de madeira do navio, ou seja, apenas um pouco adiante do pódio mais alto.

— Toma aquele como o teu ponto de referência, Zaras, e mantém-no bem firme na mira até ao momento do impacto.

Como agora nos havíamos aproximado mais, via eu bem que o Rei Beon deixara de sorrir, estando a sua mandíbula inferior descaída e a boca aberta de modo que se lhe viam os dentes da frente com manchas castanhas. De repente, fechou-a, mostrando com esse gesto que percebera demasiado tarde a hostilidade nas nossas intenções. Deixou cair as patas peludas nos braços do trono

e tentou levantar-se, mas movia-se devagar e de um jeito desengonçado.

De súbito, os cortesãos apinhados nas barcas que flanqueavam a embarcação real também se aperceberam da ameaça que constituíam as nossas trirremes a dirigirem-se para eles a toda aquela velocidade. Os gritos histéricos das mulheres chegaram com toda a clareza aos meus ouvidos, enquanto via os homens fazerem tudo para chegar ao bordo das barcas ancoradas, desembainharem as armas e desafiarem-nos com inúteis gritos de guerra e impropérios furiosos. Vi muitas das mulheres perderem os sentidos e serem pisadas, ao mesmo tempo que outras eram trazidas para a frente e desviadas para as amuradas do navio, de onde saltavam ou eram empurradas borda fora para as águas profundas do Nilo. E nós avançávamos por sobre toda aquela tremenda confusão como uma avalanche montanhosa.

— Remos! — ordenou Zaras, com um grito suficientemente alto para ser ouvido por cima das lamúrias e dos guinchos dos Hicsos. Os remadores de ambos os bordos da nossa trirreme levantaram os remos até estarem na posição vertical e encaixaram-nos nas respectivas calhas para que não se desenganchassem com a força do impacto, mantendo nós aquela mesma velocidade enquanto cobríamos as derradeiras milhas de águas abertas.

No último instante antes do impacto, deixei-me cair de joelhos na coberta e agarrei-me com firmeza aos bancos dos remadores que estava à minha frente, e pude ver então que os homens que estavam em meu redor tomavam por fim as minhas instruções a sério, pois cada um deles se dobrou ao meio com os braços a envolver as pernas fletidas e a cara pressionada de encontro aos joelhos.

Colidimos com a barca real no ponto exato que eu indicara a Zaras, com o enorme aríete de bronze maciço sobressaído da proa a rasgar em estilhaços e esquírolas a madeira do casco com um estrondo crepitante. Na colisão, a maioria dos nossos homens foi lançada para fora dos bancos dos remadores que ocupava e caiu na coberta; eu, todavia, por conseguir manter-me agarrado aos bancos

de madeira maciça, pude observar tudo o que se passava em meu redor.

Fiquei a ver como todo o peso e força da nossa trirreme se concentraram numa pequena zona do costado da barçaça real, e, com a precisão da lâmina de um pesado machado que cunhasse contundente um tronco de carqueja, trespássamo-lo com a maior limpeza, e, enquanto o trilhávamos desse modo, as duas metades separadas do casco rolaram por debaixo da nossa proa.

Ao mesmo tempo que a realenga barçaça era impelida para trás, vi uma profusão de homens da guarda real hicsa serem lançados em torvelinho dos degraus da pirâmide régia, tal qual as folhas outonais dos altos ramos dos plátanos são varridas pelos vendavais invernosos. O Rei Beon foi lançado mais alto do que todos os outros, com as vestes brancas a enfunarem-se-lhe em torno do corpo enorme e balofo e as tranças desgrenhadas da barba a vergastarem-lhe a cara, caindo de costas no rio com os braços e as pernas em grande agitação. O ar que ficara retido nas pregas das vestes manteve-o a flutuar à tona da água a uns escassos trinta passos do sítio onde me encontrava a tentar levantar-me, utilizando os bancos dos remadores como ponto de apoio.

Posicionadas de cada um dos bordos do meu navio, as outras duas trirremes da esquadra abalroaram sem o menor esforço as barçaças mais pequenas da formação hicsa, rasgando-lhes os cascos e catapultando os passageiros das cobertas para o rio no mais completo pânico.

Os destroços da barçaça real caíram de cada um dos lados da nossa trirreme num tumulto de velas rasgadas, cordame quebrado em estalos crepitantes e fragmentos de madeira lançados pelo ar, acompanhados pelos gritos agonizantes dos homens que eram esmagados entre os cascos implacáveis e trituradores. Até a nossa cobertura se inclinou, formando um ângulo reto e levando homens e objetos soltos da equipagem a resvalarem para bombordo.

Por fim, com um forte sacolejo, a nossa magnífica embarcação soltou-se dos destroços, e, com uma elegância quase feminina, recuperou o equilíbrio e reganhou a posição correta dentro de água.

Zaras tornava a gritar «Remos!», ordem à qual os homens responderam com a rapidez necessária, puxando pelos pesados remos para os retirar das calhas e os passar pelos toletes.

— Reverter a voga! — tornou a gritar Zaras, mas apenas os remadores dos bancos à ré conseguiram fazer chegar os remos à água, dado os homens da frente terem a bloquear-lhes os movimentos todos os destroços da barçaça real que agora se afundava.

Os que foram bem-sucedidos nisso, mergulharam as pás dos remos e, com algumas vogas forçadas, libertaram os navios, levando a que, em segundos apenas, as secções rasgadas da barçaça real se enchessem de água, virassem e se afundassem, fazendo eclodir à superfície uma explosão de bolhas de ar que haviam ficado retidas.

Olhei de relance para as outras duas trirremes e vi Dilbar e Akemi gritarem ordens aos seus homens, levando os remadores a apressarem-se a subir para os respectivos bancos, a porem os remos a postos e a apertarem a voga ao som da cadência dos tambores, enquanto os timoneiros os orientavam para voltarem à formação inicial, liderada pela minha embarcação.

Pelo meio de nós, a superfície do rio estava juncada de cabeças humanas a flutuar, corpos ensopados a debater-se e destroços dos naufrágios. Os gritos dos homens e das mulheres que se afogavam eram tão plangentes como os balidos das ovelhas quando sentem o cheiro a sangue ao transpor os portões do matadouro.

Durante um largo minuto, fiquei horrorizado a olhar para toda aquela carnificina e a sentir-me quase dominado pela culpa e o remorso, momento em que deixei de conseguir forçar-me mais a olhar para aquelas desditas criaturas condenadas como se fossem meros animais hicsos. Eram, porém, seres humanos a debater-se pela própria vida, pelo que o meu coração se condoeu por eles.

No momento seguinte, tornei a ver o Rei Beon, e, num instante apenas, os meus sentimentos transmutaram-se. O meu coração tornou a mostrar-se rebelde e caprichoso com a mesma rapidez e infalibilidade com que um pombo volta ao pombal onde nasceu. Veio-me à ideia o que Beon fizera a duzentos dos nossos melhores

e mais bravos arqueiros quando os seus hicsos brutais os capturaram durante a batalha de Naquada, cercaram, barricaram no templo de Set, situado na colina sobranceira ao campo de batalha, e os queimaram vivos em sacrifício ao seu monstruoso deus.

Agora, com uma mão, Beon agarrava-se a uma tábua despedaçada da barcaça real, enquanto a outra empunhava a espada adornada de joias e com esta decepava as cabeças das mulheres do seu harém que tentavam salvar-se da morte certa, recolhendo-se no mesmo pedaço de madeira que ele. Assim, brutal e inclemente, afastou-as, mostrando não querer partilhar aquele seu poleiro com alguma delas. Vi-o golpear uma menina, que não era mais velha do que a minha querida e pequenita Bekatha, fazendo a lâmina abrir-lhe o crânio até ao queixo, como se fosse uma romã madura, e, enquanto o sangue vivo jorrava do interior até tingir de vermelho a água em seu redor, Beon insultou-a com linguagem imprópria e tornou a golpeá-la.

Inclinei-me de imediato e peguei no arco de guerra recurvo que estava debaixo dos bancos dos remadores à minha frente. Como as flechas haviam saído da aljava e estavam espalhadas aos meus pés, armei uma delas enquanto me endireitava e puxava pelo arco todo. Como um qualquer arqueiro experimentado, soltava sempre um pouco a corda quando esta me tocava nos lábios. Desta vez, porém, tinha as mãos a tremer de raiva e a flecha desviou-se do alvo. Em vez de acertar na garganta de Beon, o sítio para o qual eu fizera pontaria, a flecha cravou-lhe o antebraço ao pedaço de madeira ao qual se agarrava, o mesmo onde matara a concubina ainda criança.

Zaras e os outros que me observavam deram urros de júbilo. Todos sabem como sou bom atirador, pelo que julgaram ser aquela a minha intenção deliberada para com Beon. Peguei noutra flecha e desta vez, reconheço, exibí os meus dotes diante do meu público. Cravei-o intencionalmente ao bocado de madeira o braço de Beon cuja mão segurava ainda a espada, ficando, desse modo, de braços abertos cravados no grosso madeiro, como se estivesse crucificado, e deixando-o a uivar como o servil e cobarde chacal que era.

Sou um homem de natureza compassiva, desse modo, não deixei que sofresse muito mais do que o que na realidade merecia, por isso, a terceira flecha cravou-se mesmo no meio da garganta.

Os membros das tripulações das nossas três trirremes seguiram o meu exemplo, e, depois de pegarem nos arcos e nas flechas, acorreram para os bordos dos navios e dispararam-nas sobre os desgraçados que dentro de água por baixo deles se debatiam contra a morte.

Senti-me impotente para evitar que aquilo acontecesse, ou talvez me faltasse motivação e vontade para o fazer, dado que muitos dos meus homens haviam perdido os pais e os irmãos às mãos daqueles abjetos miseráveis, por eles as suas mães e irmãs haviam sido estupradas e as suas casas incendiadas e reduzidas a cinzas.

Desse modo, fiquei simplesmente parado a ver a fina flor da nobreza hicsa ser rapidamente podada pela raiz. Quando o último cadáver flutuante, repleto de flechas, foi arrastado pela corrente, tornei a assumir o comando dos homens, e, amaldiçoando-os, incitei-os a voltarem para os seus lugares nos bancos dos remadores.

Sem darem quaisquer mostras de arrependimento e ainda em urros de grande júbilo pela sanguinária matança, os membros das tripulações içaram as velas e tornaram a pegar nos remos, deixando nós os Hicsos à mercê do seu horrível deus Set, ao mesmo tempo que nos dirigíamos para sul, rumo a Tebas e ao verdadeiro Reino do Egito.

Nunca ficara claramente delimitada a fronteira entre o nosso bem-amado Egito e a parte do território ocupada pelas hordas dos Hicsos. A disputa parecia oscilar entre as duas fações numa base quase diária à medida que os ataques e contra-ataques se sucediam e a boa fortuna do conflito declinava e se transformava em malogro por toda a região.

Havíamos partido de Tebas ao quinto dia do mês de Paini, no momento em que o Senhor Kratas levara os invasores hicsos a recuar umas boas vinte léguas para norte da cidade de Sheik Abada. Não obstante, agora estávamos bem a meio do mês de

Epifi, e muitas coisas podiam ter mudado durante a nossa ausência, ainda que tivéssemos o elemento-surpresa do nosso lado.

Nem as tropas hicsas da linha da frente, nem os nossos homens que lutavam sob as ordens do Senhor Kratas podiam estar à espera do milagroso aparecimento de uma frota de navios de guerra minoicos no rio Nilo a mais de quatrocentas léguas de distância das costas do mar Interior.

Nas recônditas regiões meridionais do Nilo, não havia nenhuns navios, fossem eles hicsos ou egípcios, capazes de se oporem às nossas trirremes, tendo nós acabado de dar mostras da nossa invencibilidade. Sem dúvida que os Hicsos podiam pôr pombos-correios no ar para desse modo tentarem avisar as suas tropas alocadas entre a nossa localização atual e o Egito. Esses pássaros, todavia, são espíritos livres e voam apenas para onde os seus ovos tenham sido incubados e eclodido, e não para outro qualquer destino da preferência dos seus manipuladores.

Ao cair da noite, não tivemos de lançar ferro por aquelas serem já águas nossas conhecidas, pois daquela porção do rio era-nos familiar cada curva e banco de areia, cada canal e obstáculo.

Seis dias e seis noites depois de termos saído de Mênfis, e poucas horas antes do meio da noite, no momento exato em que a Lua subia para o seu primeiro quarto crescente, passámos pelos acampamentos de ambos os exércitos. As fogueiras de vigia das legiões oponentes estendiam-se por várias léguas ao longo das duas margens do Nilo, existindo entre as mesmas apenas uma estreita faixa obscurecida pela penumbra, que demarcava uma terra de ninguém. Mesmo os nossos navios não traziam luz alguma acesa, além de uma pequena luminária coberta à popa, por forma a mantermos o contacto visual uns com os outros por entre a escuridão. Essas luzes ténues, porém, não eram visíveis das margens do rio, e, por eu não querer que fôssemos reconhecidos por nenhum dos dois exércitos, seguimos pelo meio do rio, velejando sem contratempos até estarmos finalmente de regresso ao nosso bem-amado Egito.

Ao romper da aurora, aproximámo-nos de uma pequena flotilha de oito galés fluviais que avançavam na nossa direção, vindas dos

lados de Tebas. Mesmo a uma certa distância, apercebi-me de que estavam bem equipadas de soldados egípcios e traziam hasteado o pavilhão das cores azuis do Faraó Tamose, pelo que deduzi tratar-se de navios de abastecimento com provisões e reforços para o exército do Senhor Kratas.

Assim que viram a nossa estranha esquadra avançar para eles, todos os seus homens cobriram a cabeça com o respetivo elmo, e, apavorados, trataram de fugir de nós. Nos dias anteriores, dera eu ordens aos homens para coserem toscos mas eficazes galhardetes azuis a alguns fios como forma de nos prepararmos para aquele nosso grande encontro. Cada uma das nossas trirremes hasteou um no mastro grande e as galés afastaram-se para a margem para nos deixar passar. Os membros das tripulações olhavam-nos atónitos, enquanto velejávamos rumo a Tebas e lhes fazíamos apenas uma breve saudação de cortesia. Estou certo de que nenhum deles alguma vez vira embarcações como aquelas nossas trirremes.

Este encontro tê-lo-ia eu evitado se me tivesse sido possível fazê-lo, porquanto teria sido bem melhor o destino das trirremes carregadas com aqueles tesouros manter-se para sempre um mistério para o Supremo Minos de Creta. Nunca deveria ele ter dúvidas de que os Hicsos eram os falsos aliados que lhe haviam roubado o seu precioso cúmulo de prata escondida. Todavia, para ser bem-sucedido nisso, teria eu de garantir que o quinhão por nós capturado, por muito colossal e conspícuo que fosse, desapareceria sem deixar rasto. Esta era uma missão que por certo teria desencorajado qualquer homem de menor envergadura e mais poucos recursos, porém, eu havia já delineado o grande desenlace.

Na época anterior à expulsão do nosso povo da sua terra-pátria pelos Hicsos, e por conseguinte anterior ao nosso êxodo, tínhamos como governante máximo o Faraó Mamose. Nesse tempo, eu mesmo, Taita, era escravo do Senhor Intef, o nomarca de Carnaque e grande vizir de todos os vinte e dois nomos do Alto Egito. Não obstante, entre os seus numerosos outros títulos e cargos honoríficos, era ele ademais o Senhor da Necrópole e o Guardião dos Túmulos Reais, cujo encargo o tornava responsável pela

manutenção dos túmulos de todos os faraós, passados e presentes, vivos e mortos. Todavia, muito mais importante ainda fora o encargo recebido de ser o arquiteto oficial do túmulo do Faraó Mamose.

Nunca o meu amo, Senhor Intef, havia sido dotado de quaisquer habilidades criativas, posto terem-lhe sido conferidos talentos mais no acometimento da destruição e do caos. Tenho dúvidas de que conseguisse desenhar um curral para o gado ou mesmo um pombal, menos ainda que fosse capaz de conceber um elaborado túmulo real, condicente com o estatuto de um faraó. Assim, ao mesmo tempo que conservava para si próprio a gratidão e os favores reais intrínsecos ao título, abandonou todo o trabalho árduo, que não era do seu agrado ou que estava para lá das suas escassas aptidões e talentos limitados, e deixou-o a meu cargo.

Não são felizes as memórias que guardo do Senhor Intef, pois foi ele quem deu a um dos seus sequazes a ordem para me castrar. Tratava-se ele de um homem cruel, capaz da barbárie mais absoluta, todavia, no final, acabei por saldar com ele as contas que tínhamos pendentes.

Muito antes da chegada desse dia feliz, fui eu quem desenhou todos os túmulos, galerias subterrâneas e câmaras funerárias do magnífico túmulo do Faraó Mamose, supervisionando e dirigindo o trabalho dos construtores, pedreiros, artífices e todos os artesãos que haviam sido chamados a participar nessa empreitada.

O sarcófago exterior do Faraó Mamose foi entalhado a partir de um único e gigantesco bloco de granito, era todavia suficientemente espaçoso para acomodar um conjunto de sete caixões de prata, que se encaixavam na perfeição uns nos outros, sendo o mais interior deles o que acolheria o corpo embalsamado do Faraó. Tudo isto acresceu-lhe um volume e um peso colossais, circunstância que o fez ser transportado na mais absoluta reverência ao longo dos mais de mil e oitocentos metros que medeiam o templo funerário, situado nas margens do rio Nilo, e o túmulo construído na encosta do Vale dos Reis.

Para conseguir levar a cabo este transporte, concebi e dirigi a construção de um canal, que se alonga retilíneo como uma seta da margem do rio Nilo à entrada do túmulo real, atravessando a

planície ribeirinha de solos negros. Este canal tinha largura e profundidade suficientes para acolher a barcaça fúnebre do Faraó.

O Faraó Mamose havia sido vencido pelo destino, por esse facto, antes de os Hicsos nos expulsarem da nossa pátria, não chegaria a jazer um único dia sequer nesse seu túmulo. Desse modo, quando embarcámos para o longo êxodo, foi sob as ordens da sua esposa, a Rainha Lostris, que transportámos o seu corpo embalsamado. Muitos anos mais tarde, a Rainha Lostris ordenou-me que desenhasse e construísse outro túmulo no deserto selvagem da Núbia, situado a milhares de léguas mais para sul, onde agora Mamose repousava.

O túmulo original, erigido no Vale dos Reis, permanecera vazio durante todos aqueles anos, todavia, mais importante ainda para os meus planos, era o facto de o canal por mim construído, que se estendia do templo funerário, situado na margem do Nilo, ao túmulo real, manter um espaço excecional para se descansar. Sabia-o bem, dado que, pouco antes, montado no cavalo, percorrera eu aquela margem com as minhas duas princesas para lhes ir mostrar o túmulo vazio de seu pai, embora, deva confessar, nenhuma delas tenha mostrado grande interesse naquela lição sobre a sua história familiar.

Apesar dos muitos anos passados, lembrava-me ainda das dimensões exatas da barcaça fúnebre do Faraó Mamose; é que graças à minha memória infalível, nunca me esqueço de um facto, de um número, nem de um rosto.

Neste momento, avaliava eu as dimensões genéricas das nossas trirremes, carregadas com os tesouros minoicos. Após isso, dei ordem a Zaras para se apressar a lançar a âncora nas águas calmas, enquanto eu descia até à quilha da trirreme para avaliar da quantidade de água que a cobria com todo o carregamento do metal precioso guardado no porão, vendo que esta diferia ligeiramente de um navio para outro.

Regressei à superfície muito satisfeito com os resultados das minhas pesquisas, pois agora podia comparar as dimensões da barcaça fúnebre do Faraó Mamose com as das trirremes capturadas. O canal funerário acolheria a passagem da maior das

minhas trirremes com dez côvados de sobra para cada lado do casco e com a margem de quinze côvados de água por baixo da quilha. Mais encorajador ainda era, todos aqueles anos antes, eu ter revestido o canal inteiro com blocos de granito e ter concebido um sistema de diques e represas, para que estivesse sempre cheio com as águas do Nilo.

Por experiências bastas vezes vividas, sei bem que, se acedermos a prestar aos deuses o respeito e a reverência que nos merecem e esperam de nós, amiúde se mostrarão dispostos a retribuir-nos o cumprimento. Apesar da natureza caprichosa de alguns deles, por esta vez, todavia, haviam-se lembrado de mim.

Planeei que o último troço da nossa viagem até chegarmos à entrada do canal fúnebre fosse feito pouco depois de o Sol se pôr, uma vez que, a coberto da noite, poderíamos amarrar os nossos navios ao molhe de pedra por baixo do templo funerário do Faraó Mamose. É certo que Mamose é agora um deus e tem o seu próprio templo sobranceiro ao Nilo. Era, todavia, curta a distância que tínhamos de percorrer do molhe onde Zaras e eu havíamos desembarcado.

Este não é um templo muito imponente, admito, e assumo toda a responsabilidade por isso. Quando, depois do nosso êxodo e após derrotarmos os Hicsos na batalha de Tebas, regressámos a esta cidade, a minha Senhora, a Rainha Lostris, mostrou-se determinada em dedicar um templo ao esposo, o Faraó há muito falecido. Queria ela render-lhe desse modo homenagem, ao mesmo tempo que lhe agradecia o nosso regresso seguro de paragens sertanejas.

Como é claro, chamou-me ela para a construção desse templo, porém, ao dar-me conta da extensão e opulência do edifício que tinha em mente, fiquei deveras preocupado e chocado, pois, além de ter de suplantar e ofuscar o grandioso palácio dos Faraós, deveria ainda ser erigido na margem oposta do rio. O Faraó Mamose quase levava este nosso bem-amado Egito à penúria com a edificação dos seus dois túmulos: o primeiro a ser instalado aqui, à entrada do Vale dos Reis, e o segundo, mais elaborado ainda, que se tornou no túmulo mais oneroso de toda a Núbia.

Agora, a minha Senhora, que eu adorava e venerava, planeava tornar a depauperar os cofres desta nossa nação com a construção de uma nova e imponente edificação em memória do esposo.

Ditosamente exercia eu uma influência considerável sobre o seu único filho, o atual Faraó Tamose, que é um rapaz sensato. Numa escala muito inferior e a propósito de uma experiência bem amarga há muito ocorrida, aprendera eu a controlar os excessos mais desregrados da minha rainha. Desse modo, as dimensões do templo de Mamose que acabámos por estabelecer conferiam-lhe metade do tamanho do edifício do coletor de impostos de Tebas, conseguindo eu evitar mesmo o assentamento de chãos de mármore.

Uma edificação destas dimensões não requeria já os serviços de uma tão grande quantidade de sacerdotes, como os que a minha rainha tinha em mente, pelo que redargui paulatinamente todas as suas determinações até, num gesto resignado, acabar por lançar as mãos ao ar e aceitar a minha contraproposta de apenas quatro sacerdotes, bem diferente do número inicialmente proposto por ela de quatrocentos.

Agora, depois de Zaras e eu nos termos afastado do rio a caminho da porta das traseiras do templo e termos entrado na nave sem anunciar a nossa chegada, deparávamo-nos com os quatro religiosos em questão mais do que um tanto ébrios pelo efeito do vinho de palmeira ordinário a desfrutarem da companhia de duas jovens senhoras, que, por uma qualquer razão arcana e obscura, estavam sem roupa alguma vestida. Absortos, todos se ocupavam de um ritual de oração, com dois dos sacerdotes de Mamose, que parecia consistir em se reboarem pelo chão de ladrilhos de terracota, agarrados uns aos outros, proferindo gritos de abandono selvagem. Os dois sacerdotes desocupados estavam em pé, parados junto deles a bater palmas, exortando os devotos fiéis a manifestarem com maior fervor ainda toda a sua devoção religiosa.

Não demorou muito até um deles dar pela nossa presença, momento em que as duas senhoras correram a recolher as suas vestes e desapareceram pela porta secreta, posicionada atrás da estátua do deus Mamose, sem que tornássemos a vê-las ou fossem

sequer aludidas na nossa decorrente conversa com os ditos sacerdotes.

Os sacerdotes de Mamose acolhem favoravelmente o que lhes digo, porquanto, desde a morte da Rainha Lostris, assumi eu mesmo a responsabilidade de lhes pagar os estipêndios mensais devidos. Ajoelharam-se os quatro perante mim, genufletindo com veemência e invocando, em nome do deus, a bênção divina para que me bem fizesse.

Enquanto se achavam assim ajoelhados e prostrados a meus pés, retirei o selo do falcão do Faraó do interior da túnica, deixando-os mudos de espanto. Foi quando o sumo sacerdote rastejou até próximo dos meus pés para os tentar beijar, e senti o seu cheiro avassalador a suor, a vinho pataqueiro e a uma feminilidade ainda mais pataqueira. Recuei e Zaras dissuadiu-o de persistir naquelas demonstrações de piedade, batendo-lhe nas nádegas desnudas com a parte lisa da espada.

Nesse momento, dirigi-me aos quatro homens em breves palavras, mas com firmeza, lançando-lhes o aviso estrito de que nunca deveria ser mencionada nem reconhecida perante ninguém, à exceção da própria pessoa do Faraó Tamose, a presença dos três grandes navios de guerra atracados no cais em frente ao portão principal. Além disso, guardas armados seriam postos, tanto de dia quanto de noite, em lugar sobranceiro ao templo e no túmulo vazio, instalado no extremo mais distante do canal. De futuro, apenas esses homens, sob as ordens do Capitão Zaras, estariam autorizados a entrar no recinto sagrado, além de garantirem que os quatro sacerdotes permaneceriam em restrito encarceramento naquelas mesmas instalações.

Por último, ordenei ao sumo sacerdote que me entregasse o grande molho de chaves do túmulo e de todos os outros monumentos de que estava encarregado, e, no momento em que Zaras e eu regressávamos aos nossos navios, deixámo-los ainda a manifestar o seu dever e devoção para comigo e o Faraó, bem como a sua estrita obediência às minhas ordens.

A descida da entrada para o Vale dos Reis até ao ancoradouro no rio tinha menos de vinte côvados, mas foram precisos quatro açudes

em separado para levantarmos cada uma das nossas trirremes até essa altura, antes de podermos transportá-las para o túmulo. Por baixo do templo, a remos, levámos a primeira embarcação para a represa, após o que encerrámos as comportas. Nesse recinto, o nível das águas estava cinco côvados abaixo do nível das águas do canal.

Quando demonstrei aos meus três capitães como haviam de abrir as comportas do fundo, as águas do canal superior escoaram para o açude, fazendo levantar aos poucos o enorme navio até ao nível do mesmo canal. Quando, de seguida, as comportas foram encerradas, cinquenta homens agarrados às guias de reboque estavam prontos para puxar pela enorme trirreme ao longo do canal até descer para o açude seguinte, enquanto atrás desta o mesmo processo se repetia para a elevação da segunda embarcação.

Nenhum dos meus homens alguma vez vira algo como aquilo, o que não era de estranhar, pois fora eu mesmo quem inventara todo aquele sistema e não havia nada de semelhante no mundo inteiro. Ficaram eufóricos e inquietos com o que interpretaram ser um ato de bruxaria, embora de habitual o meu tipo de magia implicasse muito trabalho árduo.

Felizmente dispunha eu de mais de duzentos homens para usar neste labor, entre os quais se contavam os escravos acorrentados nos porões pelos Minoicos e que eu tornara homens livres, apesar de estarem obrigados a trabalhar para conservar a própria liberdade.

A água que fora drenada do canal mais elevado com o propósito de fazer subir a embarcação tinha de ser repostada, e consegui fazê-lo bombeando água fresca do rio por meio de uma bateria de picotas, constituída por uma correnteza de baldes que serviam de contrapeso, sendo cada uma delas manipulada por dois homens. Tratava-se aquela de uma tarefa complicada e laboriosa, que teria de ser repetida quatro vezes para cada trirreme.

Antes de cada navio ser levantado para o primeiro açude, arriámos o velame e deitámos os mastros no chão da cobertura superior. Em seguida, cobrimos o casco com esteiras de junco entrançado até adotar a aparência de um monte de detritos, para

que, quando, na manhã seguinte, os cidadãos de Tebas acordassem e olhassem para o rio não vissem nada de estranho na margem mais distante, pois as três grandes trirremes teriam desaparecido como se nunca tivessem existido.

No dia seguinte, foi pouco antes do raiar da alva que concluímos o reboque das embarcações pela campina e as ancorámos à entrada do túmulo de Mamose. Os homens estavam exaustos, porquanto, ordenei a Zaras que lhes distribuisse rações suplementares de peixe seco, cerveja e pão e os deixasse descansar durante as horas mais quentes do dia.

Regressei por aquele mesmo caminho do canal até ao templo, e vi que os sacerdotes pareciam já ter recuperado dos extenuantes rituais, cultos e orações da noite anterior. Para eu poder reportar ao Faraó o sucesso da nossa expedição, levaram-me eles mesmos a atravessar o rio no esquife do templo.

Era aquela uma incumbência agradável, pelo que eu me achava muito ansioso pela sua concretização. A minha devoção ao Faraó é suplantada apenas pela que ainda sinto pela sua mãe, a Rainha Lostris. É certamente inútil comparar superlativos, porquanto deliberadamente não incluo nesta equação as minhas princesas reais. Bastará dizer que a minha devoção à família real é extensível a todos os membros.

Os meus sacerdotes amansados deixaram-me na escadaria que corre por debaixo dos bazares sobranceiros ao rio, que, àquela hora tão matutina, se encontravam já apinhados de gente. Afastei-me depressa, serpenteando pelas ruelas estreitas em direção aos portões do palácio. Com o elmo amolgado e a cara imunda, ninguém conseguiria reconhecer-me, apesar de um grupo de pequenos delinquentes se pôr a dançar à minha volta a insultar-me e a atirar-me pedras. Apanhei um dos projéteis em pleno voo e devolvi-o com uma força consideravelmente superior àquela com que o havia recebido. O diabrete, que, sem a menor dúvida, era o líder do grupo, gritou de dor ao mesmo tempo que esfregava o couro cabeludo onde lhe abrira uma ferida, que sangrava copiosamente, e levou os sequazes para o lanço de escadas em busca de refúgio seguro.

Ao chegar aos portões do palácio, retirei o meu disfarce e o capitão de patrulha reconheceu-me de imediato, cumprimentando-me respeitosamente.

— Devo falar com o Faraó! — anunciei. — Envia um mensageiro a informá-lo de que o aguardarei aqui pelo tempo que for necessário.

— Peço-vos que me desculpais, Senhor Taita. — Não o corriji, pois começava a habituar-me ao meu novo título. — O Faraó não se encontra em Tebas, e não está previsto o seu regresso para breve.

Assenti com um aceno de cabeça. Fiquei bastante dececionado, mas não surpreendido. O Faraó despende a maior parte do tempo e energia na prossecução da interminável campanha contra os Hicsos a norte.

— Leva-me, então, até junto do camareiro-mor, o Senhor Aton.

Ao chegar aos seus aposentos privados, Aton apressou-se a abraçar-me à porta.

— Que notícias me trazes tu, velho amigo? — quis saber. — Como correu a nossa aventura?

— Na verdade, trago notícias de grande calado — retorqui com uma expressão sombria. — O tesouro do Supremo Rei Minos que se achava guardado na fortaleza de Tamiat foi saqueado e o Rei Beon assassinado.

Afastou-me e segurou-me com os braços estendidos, enquanto fitava o meu rosto.

— Zombas de mim, meu bom Taita — acusou-me. — Qualquer homem honesto choraria ao ouvir essas notícias! Quem havia de cometer tão hediondos crimes?

— Infelizmente, foram ambos cometidos pela mesma mão, Aton. Talvez consigas tu reconhecê-la? — E, com estas palavras, levantei a minha mão direita e parei-a diante do seu rosto. Fitou-a com um fascínio inteligentemente fingido. Para se conseguir sobreviver durante tanto tempo no posto de camareiro-mor do rei, tinha de se ser um ator dramático muito dotado.

Então, abanou a cabeça e começou a rir entredentes, a princípio, baixinho, depois, a elevar rapidamente o volume das gargalhadas até acabar a roncar e a gritar de júbilo. Cambaleou pela sala,

esbarrando com a mobília e rindo com tanto gosto que a barriga e todo o seu corpo se agitavam num mesmo compasso. De repente, parou de rir e desapareceu no interior do compartimento contíguo. Decorrido um momento de silêncio e antes de me dar tempo para o seguir, ouvi um barulho em tudo idêntico às cheias do Nilo, engrandecidas pelas cataratas, que durou bastante tempo, antes de Aton regressar ao sítio onde eu o aguardava, desta vez, com uma expressão de novo séria e a compor a túnica.

— Tiveste sorte, caríssimo amigo, por eu ter chegado a terra a tempo, de contrário, podias ter acabado afogado como o Rei Beon.

— Como sabes tu que o Beon morreu afogado?

— Tenho outros olhos e ouvidos além dos que vês na minha cara.

— Se sabes assim tanto, conta-me o que se passou com o tesouro do Minos.

— Nada ouvi dizer — negou, abanando a cabeça, pesaroso. — Saberás tu acaso alguma coisa acerca disso?

— Apenas que estavas enganado.

— De que modo estava eu enganado?

— Disseste-me que o tesouro devia ter uma centena de *lakhs*, não foi? — Ao que ele assentiu e eu prossegui: — Pois é, infelizmente, enganaste-te nos cálculos.

— Podes provar-me isso? — interpelou-me.

— Posso fazer bem mais do que isso, Aton. Posso deixar-te tomar-lhe o peso — garanti-lhe. — Todavia, antes de deixarmos o palácio, tenho de fazer chegar uma mensagem ao Faraó.

Aton apontou para a caixa de escrita, que se encontrava aberta num canto da sala.

— Escreve a tua mensagem que o Faraó a receberá antes de a noite cair — garantiu-me.

A minha mensagem foi breve e críptica.

— Por favor, sê paciente comigo — pedi a Aton, ao mesmo tempo que lha entregava —, mas há perto de duas Luas que não me lavo, nem visto roupa limpa. Devo ir fazê-lo aos meus aposentos aqui do palácio antes de regressar ao túmulo de Mamose na tua companhia. — Também não achei necessário mencionar-lhe que ainda não vira as minhas duas princesinhas desde que voltara.

Assim que entrei nos meus aposentos, mandei um dos meus escravos entregar nos aposentos das mulheres da família real uma missiva dirigida a Suas Altezas, após o que ambas chegaram com a intensidade e a fúria do vento Camsin do deserto no momento exato em que entrava para a tina do banho preparada com água quente. Elas são as únicas pessoas no mundo a quem permito que me vejam desnudo, à exceção dos meus escravos. Não obstante, esses também são todos eunucos como eu, pelo que não contam.

Agora, empoleiradas no rebordo de mármore da tina do banho, Tehuti e Bekatha seringavam-me com perguntas, sem fazerem caso da minha nudez. Certa vez, há muitos anos, Bekatha falara por ambas sobre esse assunto, dizendo: «Tu és igualzinho a mim e a Tehuti; nós os três parecemos tão mais puros sem todas estas coisas a baloiçar à nossa frente.»

Agora, chapinhava os seus pezitos puros dentro da tina do banho e queixava-se:

— Tem sido tão aborrecido desde que te foste embora. O que andaste tu a fazer para teres demorado tanto? Tens de jurar que da próxima vez nos levas contigo. — Despejei um cântaro de água quente pela cabeça para evitar ouvir o insulto que Bekatha me dirigia.

— Trouxeste-nos um presente, Taita? Ou esqueceste-te? — Foi Tehuti quem me interpelou. Na qualidade de irmã mais velha, tinha ela um entendimento mais sólido sobre o valor intrínseco das coisas.

— Claro que trouxe uma coisa para cada uma de vocês. Como podia eu alguma vez esquecer-me destas duas pestinhas? — repliquei, e ambas bateram as palmas de contentamento.

— Mostra-nos! — ciciou Bekatha.

— Sim, mostra-nos, querido Taita — concordou Tehuti. — Mostra-nos, por favor. Nós amamos-te tanto.

— Pois, então, tragam cá a minha bolsa — disse-lhes, apontando para o sítio onde estava, em cima do espreguiceiro no aposento contíguo, e, como sempre, foi Bekatha a primeira a alcançá-la. Voltou para junto de mim aos pulinhos e a brandir a bolsa de

cabedal. Nessa altura, deixou-se cair sobre as lajes de mármore com as pernas cruzadas e a bolsa no colo.

— Vá, abre-a! — instiguei-a. Como sempre, a pensar nas minhas duas princesas, eu tinha escolhido duas peças de joalharia do saque que tínhamos feito aos oficiais minoicos que havíamos feito cativos em Tamiat.

— Está alguma coisa envolta nesse pano vermelho? — perguntei, e Bekatha deu um guincho de excitação.

— Está, meu incomparável e encantador Taita. Este é meu? O vermelho é meu?

— Claro que sim.

As suas mãos tremiam de excitação, enquanto desembulhava o pequeno embrulho. Quando pegou no colar de ouro, os seus olhos encheram-se de lágrimas felizes.

— É a coisa mais linda que alguma vez vi! — murmurou.

Suspensas da corrente, havia duas figuras douradas. Apesar de minúsculas, estavam completas e com todos os pormenores bem distintos. A maior retratava um touro, de cabeça baixa, em posição de investida, pronto a dar uma chifrada com as hastes perigosamente recurvas. Duas pedras verdes miúdas representavam os olhos, que brilhavam de ira, e os quartos dianteiros curvados para diante simbolizavam a fúria e a força bruta. Mostrava-se o touro em posição de ataque diante da outra figura, uma rapariga esbelta, de formas esguias, cujos mamilos nos seios nus eram assinalados por dois rubis vermelhos, exibindo ainda uma grinalda de flores na cabeça, lançada para trás, como se se risse do touro enraivecido e dançasse fora do alcance dos chifres mortais.

— Ela é tão rápida que o touro nunca a apanhará. — Ao dizer isto, Bekatha volteou o colar para que, entre as suas mãos, as duas figuras bailassem.

— Tens toda a razão, Bekatha. Esse é o amuleto que te protege do perigo. Sempre que o usares, estarás a salvo dele. A bailarina do touro há de proteger-te sempre de qualquer perigo. — Peguei no colar que ainda segurava entre as suas mãos e pus-lho ao pescoço. Em seguida, baixou os olhos para o colar e moveu os ombros para

fazer as duas figurinhas bailarem sobre a pele luzidia do seu peito pueril. Era adorável quando se ria.

Tehuti aguardara pacientemente que eu dirigisse para ela a minha atenção, o que me fez sentir um pouco culpado quando me voltei para ela, dado não me agradar mostrar favoritismo algum.

— O vosso presente está no interior do pano azul Vossa Alteza.

Desembrulhou-o com o maior cuidado e soltou um arquejo ao ver o brilho resplandecente do anel.

— Nunca vi nada reluzir com tamanho brilho — gritou Tehuti.

— Põe-no no dedo maior — sugeri-lhe.

— Fica grande. Aqui, cai.

— Isso é por se tratar de uma pedra muito especial. Nunca debes mostrá-la a homem algum, a menos que...

— A menos que o quê?

— A menos que queiras que ele se enamore de ti. De contrário, debes mantê-lo oculto na palma da mão. Não te esqueças de que a magia funcionará uma única vez, portanto, tem o maior cuidado para saberes a quem debes mostrar esse anel.

Depois de o envolver com os dedos bem fechados, declarou:

— Não quero que homem algum se enamore de mim — respondeu, determinada.

— Porque não, queridinha?

— Porque, quando eles se enamoram de nós, tentam pôr-nos um bebé no ventre, e, quando ele já está cá dentro, não quer tornar a sair. Ouvi as mulheres do harém gritarem, e não quero que isso aconteça comigo.

— Pode ser que um dia venhas a mudar de opinião — respondi-lhe com um sorriso. — Todavia, esta pedra possui ainda outras qualidades que a tornam especial.

— Diz-nos quais são. Porque é ela assim tão especial, Taita? — Bekatha não se atemorizou com os escrúpulos tolos da irmã.

— Uma das razões é por se tratar do material mais duro que há no mundo. Nada consegue cortá-lo, nem riscá-lo, nem mesmo a adaga de bronze mais afiada. Por isso lhe chamam diamante, «a Pedra Mais Dura». Nem a água consegue molhá-la, todavia, apegasse à pele da mulher que a usar como amuleto.

— Não acredito nisso que dizes, Taita — declarou Tehuti um tanto desconfiada. — Essa é mais uma das histórias que costumavas inventar.

— Espera e verás como é verdade o que te digo; lembra-te, porém, de uma coisa... — acrescentei, brandindo um dedo com seriedade à sua frente — ... nunca o mostres a um homem a menos que o ames muito e queiras que ele te ame para sempre. — Além de as minhas meninas adorarem as minhas histórias e eu não gostar de as desiludir, nunca saberei a razão pela qual lhe disse isto.

Levantei-me da tina do banho e chamei por Rustie, o meu escravo principal, para que me trouxesse uma toalha para me secar.

— Vais-te embora outra vez, Taita? — interpelou-me Tehuti num tom acusador, manifestando os seus instintos de mulher madura. — Voltaste para estar aqui não mais de uma hora e tornares a partir. Quem sabe se agora não é para sempre — acrescentou quase a desfazer-se num pranto.

— Não! Não! — exclamei, deixando cair a toalha e abraçando-a. — Isso não é verdade. Não irei além da margem oriental, para visitar o túmulo vazio do teu pai.

— Se o que dizes é verdade, leva-nos, então, contigo — propôs Bekatha.

— Oh, sim, por favor! Deixa-nos ir contigo, querido Taita — insistiu Tehuti.

Fiz uma pausa para considerar a sugestão, e percebi que me era tão apelativa como parecia sê-lo para as minhas meninas.

— Há apenas um problema em relação a isso — fingi-me relutante. — É um grande segredo o que nos leva lá, e vocês têm de jurar que não contarão a ninguém o que viram, nem o que fomos lá fazer.

— Um segredo! — exclamou Bekatha num grito com os olhos a brilhar perante aquela ideia. — Juro, Taita. Juro por todos os deuses nunca dizer a viva alma uma única palavra acerca disso.

Quando eu, as princesas e Aton lá chegámos, os três navios com o tesouro continuavam atracados no ancoradouro à entrada do

túmulo do Faraó Mamose.

Zaras e os seus homens tinham trabalhado muito durante a minha ausência. Seguindo as minhas instruções, eles haviam colocado tapetes de junco em torno do recinto do túmulo para evitar que fôssemos vistos das colinas circundantes. Eu estava decidido a trabalhar durante toda a noite na descarga das trirremes. Os espiões hicsos podiam contudo esgueirar-se até ali a coberto da noite, e, uma vez que teríamos de laborar à luz das tochas, o junco seria de vital importância para mantermos secreta a nossa atividade.

Valendo-me da experiência adquirida em Tamiat, delineara em pormenor o melhor procedimento para a descarga dos navios. Agora, sob as minhas instruções e supervisão, Dilbar e um grupo de homens seus armavam pesadas paletes de madeira envernizada, que haviam levantado da coberta da primeira trirreme. Ao todo, mediam oito cúbitos quadrados e encaixavam perfeitamente nas escotilhas dos porões. Depois, na coberta superior de cada embarcação, seriam montados tripés e roldanas por cima das mesmas. A partir daí, os meus homens baixariam as paletes até aos porões, onde outra equipa de homens colocaria sobre aquelas os baús com os lingotes de prata. Em seguida, os baús seriam içados para a coberta em lotes de vinte, seriam empurrados para fora do navio e descidos até ao ancoradouro.

— O que vem naqueles baús, Taita? — quis saber Tehuti. Toquei na ponta do meu nariz, mostrando-lhe um gesto conspirativo.

— Ora aí está o grande segredo. Mas, dentro em breve, mostrar-vos-ei o que é. Só têm de ser um bocadinho mais pacientes.

— Nunca gostei de ser paciente — lembrou-me Bekatha. — Nem por um bocadinho.

No momento da descarga das paletes, os baús seriam recebidos por uma longa fileira de homens, que se estenderia pelo ancoradouro, passaria pela entrada do túmulo, desceria quatro lanços de escadas, e, ao longo dos túneis com pinturas e decorações, percorreria as três amplas antecâmaras até chegar aos quatro depósitos do tesouro, situados em redor da câmara funerária do Faraó, onde o seu sarcófago ainda se encontrava vazio à espera do corpo embalsamado que nunca chegaria. Este vasto complexo

havia sido escavado na própria rocha, um trabalho que nos havia levado, a mim e a mais dois mil operários, vinte anos a concluir, mas da qual ainda hoje me sinto merecidamente orgulhoso.

— Meninas, vocês podem ser de um grande préstimo para o tio Aton e para mim — dirigi-me às minhas princesas. — Vocês sabem contar e já conseguem escrever, uma coisa que apenas um em cada cem destes néscios sabe fazer — declarei com um meneio brusco de cabeça para a fileira de homens seminus que trabalhavam.

Deleitadas por poderem exhibir a sua instrução, as duas meninas lançaram-se sobre os rolos do contador como se de um jogo se tratasse.

Dera eu instruções a Zaras para que, na minha ausência, instalasse dois pesados braços de balança no primeiro depósito do tesouro. Agora, Aton e eu manobrávamos cada um deles. No mesmo instante em que os baús eram suspensos nos braços dos artefactos, gritávamos às meninas o seu peso. Bekatha trabalhava com Aton, ao passo que eu tinha Tehuti como minha ajudante. Num comprido rolo de papiro, ambas tomavam nota de cada peso, e, após cada conjunto de dez baús, calculavam elas a soma parcial.

Quando o primeiro depósito do tesouro ficou completo, continha 233 *lakhs* de prata pura. Mandeí os homens subirem à superfície e dispensei-os por uma hora para que descansassem, comessem e bebessem. Uma vez sozinhos na sala do depósito do tesouro, fiz uma pausa para cumprir a promessa que fizera às minhas meninas e mostrar-lhes o conteúdo dos baús. Levantei a tampa de um deles e, do interior, retirei um lingote de prata, que as deixei manusear e admirar à vontade.

— Não é tão bonito como o meu colar — foi Bekatha quem fez o comentário, ao mesmo tempo que acariciava o amuleto que trazia ao pescoço.

— Isto é tudo teu, Taita? — perguntou-me Tehuti, pensativa, olhando em volta para todas aquelas pilhas de baús.

— Pertencem ao Faraó — respondi-lhe, enquanto anuí-a com gravidade, após o que fiquei a vê-la fazer alguns cálculos. Era boa com números. Por fim, ao concluir o total, sorriu.

— Estamos tão contentes contigo, Taita — declarou, usando o plural majestático como se lhe tivesse sido conferido por pleno direito.

Assim que os homens regressaram, fi-los voltar ao trabalho, deslocando os braços das balanças para a segunda câmara do tesouro, um pouco mais pequena do que a primeira, mas na qual arranjámos espaço para guardar outros 216 *lakhs* de prata.

Nesse momento, vindo do ancoradouro, Zaras chegou para me dar conta de que as duas primeiras trirremes haviam sido totalmente descarregadas, porém, havia ainda uma quantidade substancial de tesouro na terceira e última embarcação que teria de ser trazido para terra.

— O alvor aproxima-se, Senhor Taita — advertiu-me, pois eu havia perdido por completo a noção do tempo —, e os homens estão à beira da exaustão. — Notei uma ponta de censura no seu tom de voz e no seu semblante lúgubre. Ocorreu-me dar-lhe uma boa reprimenda, pois não estou habituado a ver as minhas decisões serem questionadas pelos meus subordinados, além de também eu me sentir cansado, ainda que não estivesse exausto. Apesar do meu porte esguio e esbelto, a minha resistência é maior do que a da maioria dos homens, porém, contive-me.

— Os teus homens trabalharam bem, Zaras, aliás, como tu próprio, acontece que devo apelar um pouco mais à tua compreensão. Iremos juntos ao ancoradouro para avaliarmos o que ainda tem de ser feito.

Foi então que cometi um erro fatal.

Olhei de relance para Tehuti e vi-a atrás de mim agachar-se em cima do banco e baixar a cabeça sobre o rolo de papiro. Os seus cabelos caíram para a frente numa onda dourada, que lhe escondeu o rosto. No meio de todos os seus labores, tornara a não arranjar tempo para os pentear.

— Tehuti, trabalhaste como uma menina escrava — disse-lhe. — Acompanha-me lá acima, porque um pouco do ar fresco da noite te dará um novo alento.

Tehuti endireitou-se, lançou a cabeça para trás e afastou o cabelo da cara, deixando-se ficar a olhar para Zaras, que lhe devolveu o olhar.

À luz das candeias, vi as pupilas dos olhos verdes de Tehuti dilataram-se, e, nesse instante, ouvi as gargalhadas dos deuses das trevas num tom escarninho e distante, percebendo de imediato e por mero instinto que o nosso pequeno mundo mudara de forma drástica.

Ambos haviam ficado parados e imóveis como estátuas de mármore a fitar-se.

Tentei olhar para Zaras através do olhar da minha princesa, e, embora eu ajuíze melhor a beleza feminina do que a masculina, pela primeira vez, vi como a beleza dele excedia em muito a da mediania dos homens. Ainda que soubesse eu não pertencer ele a uma linhagem distinta, reparei na aura imponente que o envolvia, pois eram nobres o seu porte e atitude.

Sabia eu que o seu pai era um mercador de Tebas, que acumulara grande fortuna com o trabalho árduo e fizera tudo para que o filho recebesse a melhor educação que o dinheiro podia pagar. Zaras era inteligente e pertinaz, e tão bom soldado quanto as suas insígnias militares o atestavam. As suas origens eram, todavia, humildes, o que por certo não o tornava num bom partido para tomar a mão de uma princesa da Casa Real de Tamose. De todo o modo, o Faraó decidiria por ela quem o seria, com o auxílio de um pequeno conselho da minha parte.

Depressa me interpus entre o casal, interrompendo aquele contacto visual. Tehuti olhou-me como se eu fosse um desconhecido que até esse momento nunca tivesse visto, porém, ao tocar-lhe na mão, toda ela se agitou num leve estremecimento um pouco antes de o seu olhar se focar melhor em mim.

— Acompanha-me, Tehuti — ordenei-lhe, observando o seu rosto. Com um esforço desmedido, recuperou o controlo sobre si mesma.

— Sim, claro. Peço-te desculpa. Estavam longe os meus pensamentos, Taita. Claro que te acompanho.

Conduzi-a à porta do depósito do tesouro, com Zaras no seu encalço. Havia uma elasticidade nos passos dele, e, no seu

semblante, uma expressão de deslumbramento misturada com um júbilo que lhe inundava as feições. Conhecia-o eu bem, todavia, jamais o vira naquele estado.

Tornei a interpor-me entre o jovem casal.

— Tu não vens, Capitão Zaras. Verifica antes os braços das balanças a ver se foram transferidos para o depósito do tesouro seguinte, depois disso, os homens podem tornar a descansar. — Estas eram ordens comuns, dadas a um oficial da sua categoria, mas eu tinha de o distrair daquele seu presente e tão perigoso fascínio.

Só agora me apercebia de que Tehuti e Zaras podiam nunca se ter encontrado antes, posto ela viver no pequeno mundo do harém do palácio, do qual tinha autorização para sair apenas de acordo com um estrito sistema de acompanhantes, de cuja corrente protetora eu era provavelmente o elo mais importante.

Na qualidade de princesa lindíssima que era, a sua virgindade tinha um valor incalculável para a Coroa e para o Estado. Evidentemente era bem possível que Zaras a tivesse visto à distância durante um dos cortejos reais ou no desfile de algum festival religioso. Não obstante, ele jamais prestara serviço no corpo militar da Coroa, estando a sua ação confinada ao campo de batalha ou ao treino e ao exercício das suas tropas. Estava eu certo de que, até esse dia, nunca ele estivera suficientemente próximo dela para conseguir apreciar de perto a sua extraordinária presença e beleza.

— Dá de comer aos homens e distribui mais um canequinho de cerveja por cada um deles. Deixa-os descansar até que eu dê novas ordens em contrário. — Dei a Zaras algumas instruções breves antes de conduzir as duas princesas à superfície, deixando o meu subordinado a observar-nos fixamente.

Assim que transpusemos os portões do túmulo, detive-me para olhar de relance para leste, e vi como os prenúncios purpúreos do alvor tingiam já o firmamento a nascente. Em seguida, baixei os olhos para as fileiras de homens e apercebi-me de como muitos

deles cambaleavam de extremo cansaço. Zaras fora preciso na avaliação que fizera daqueles dois factos.

Subi à pressa o portaló da terceira trirreme, e, quando cheguei à coberta, soaram os acordes das trombetas, acompanhados do som das rodas das quadrigas, que se aproximavam velozes, vindas dos lados do rio e do extremo mais distante da cidade. Apressei-me a descer a amurada do navio e perscrutei a planície pelo meio da penumbra.

O luzeiro das tochas e o tumulto só podiam significar uma coisa: o Faraó tinha recebido a minha mensagem e havia regressado a Tebas. Senti o coração bater mais depressa, como sempre acontece quando sei que a presença real se acerca de mim. Percorri uma vez mais o portaló à pressa, pedindo aos gritos para trazerem mais tochas e um destacamento da guarda de honra, mas o Faraó antecedeu todos esses meus preparativos. A quadriga real irrompeu da escuridão da noite com o restante esquadrão enfileirado atrás dela. O Faraó trazia as rédeas enroladas em volta dos pulsos, e, assim que me viu, gritou uma saudação radiante e apertou-as com toda a força.

— Bons olhos te vejam, Taita. Há quanto tempo! — E, com isto, lançou as rédeas ao ajudante e saltou para o chão com as rodas ainda em andamento, mas, como bom auriga que era, manteve o equilíbrio e alcançou-me numa dezena de passadas largas. Estreitou-me num abraço esmagador e levantou-me do chão diante de todos os meus homens, alheio à minha dignidade. Todavia, como tudo lhe perdoo, acabei a acompanhá-lo nas gargalhadas.

— Deveras, Majestade. Há tempo demasiado. Uma hora sem a vossa presença é como uma semana sem o brilho do Sol.

Voltei a recuperar a compostura e olhei-o com uma expressão inquisitiva. Apercebi-me, então, de que vinha coberto de pó e sujidade, como se tivesse andado numa campanha difícil, mas reparei também que vinha investido de uma elegância e nobreza, dignas de um verdadeiro faraó. Ao avistar as irmãs, que aguardavam para o saudar e prestar-lhe reverência, aproximou-se e abraçou-as, cada uma por sua vez, antes de tornar para junto de mim.

Apontando na direção das três magníficas trirremes, que permaneciam atracadas no ancoradouro, perguntou:

— Que embarcações são aquelas? Mesmo com os mastros arriados e os remos recolhidos, mais que duplicam em tamanho qualquer outro navio que eu tenha visto antes. Onde as encontrei, Taita? — A mensagem que lhe enviara era críptica e destituída de quaisquer pormenores. Não obstante, não esperou pelas minhas respostas às suas perguntas e prosseguiu: — E quem são estes rufiões? Faço-te partir com um punhado de homens e regressas com um pequeno exército todo teu, Taita!

De um extremo ao outro, varreu com o olhar as fileiras de homens que se estendiam do ancoradouro às profundezas do túmulo real. Os que estavam mais próximo de nós deixaram cair os baús do tesouro que passavam entre si e lançaram-se por terra em sinal de obediência.

— Peço-vos que não vos deixeis iludir pelas aparências, Vossa Majestade. Não se trata de rufiões, porquanto todos eles são homens corajosos e dos melhores guerreiros que o vosso Egito tem.

— Mas, então, e esses navios? — indagou, dando meia-volta para estudar as trirremes com interesse redobrado. — Como explicas tu a sua presença aqui?

— Faraó, deixai-me que vos leve para um lugar onde possamos conversar mais à vontade — implorei-lhe.

— Muito bem, Taita. Sempre adoraste ter esses pequenos segredos, não é? — E com estas palavras, dirigiu-se para os portões do túmulo sem tornar a olhar para mim. Segui o Faraó Tamose pelo interior do pretenso túmulo do seu pai.

Ao entrar na primeira câmara do tesouro, estacou e ficou a observar com atenção as pilhas de baús de madeira que enchiam todo o espaçoso aposento. Julguei que me fosse interpelar acerca do conteúdo, mas já devia eu saber que não se rebaixaria com isso a ponto de perder parte da sua dignidade.

— É curioso que todos estes baús estejam marcados com as insígnias do Supremo Rei Minos — observou simplesmente antes de entrar na segunda câmara e depois na terceira, onde Aton se ajoelhou diante dele.

— E é ainda mais estranho que o meu digníssimo camareiro-mor participe nesses teus negócios duvidosos, Taita — notou o Faraó, inclinando-se para diante sobre uma pilha inacabada de baús, ao mesmo tempo que esticava as pernas e os olhava com uma curiosidade intensa. — Agora conta lá, Taita. Conta-me tudo!

— Talvez seja melhor que eu vo-lo mostre, Faraó — argumentei e aproximei-me do baú que abrira para as suas irmãs. Depois de levantar a tampa, retirei do interior o mesmo lingote de prata reluzente que mostrara às minhas princesas, ajoelhei-me e ofereci-lho. Tomou-o das minhas mãos, virou-o devagar na sua, e, com a ponta do dedo, percorreu o cunho do selo gravado no metal. Era igualmente o buliçoso touro de Creta que espalhava a devastação.

Por fim, interpelou-me em voz baixa:

— Tem o peso e o toque da prata verdadeira, porém, decerto não o será.

— Não só pode sê-lo como é bem assim, Faraó. Cada baú que aqui vedes está cheio de lingotes como esse.

Tornou a ficar em silêncio por longo tempo, e, sob o pó e o bronzeado do rosto, pude ver como corava de intensa emoção. Quando voltou a falar, a voz suou rouca.

— Quanto está aqui, Tata? — Usou o meu diminutivo, o que era sempre um sinal de gratidão e afeto para comigo.

— Todos estes baús estão cheios, Mem. — Em contrapartida, tratei-o como em bebé. Eu era a única pessoa a quem ele permitia semelhante liberdade.

— Acaba lá com os teus jogos patetas e diz-me que quantidade de prata me trouxeste. Tenho dificuldade em calcular tamanha grandeza. — O tom da voz continuava a mostrar quão impressionado estava.

— O Aton e eu pesámos a maior parte — repliquei.

— Isso não responde à minha pergunta, Tata.

— Pesámos apenas os lingotes do metal precioso das duas primeiras embarcações minoicas e uma parte da terceira e última. Até este momento, temos um total de 449 *lakhs*, Faraó. É possível que ainda nos falte pesar outros 100 *lakhs*, embora o número possa ascender aos 150.

Tornou a mergulhar no silêncio, franzindo o sobrolho e abanando a cabeça. Por fim, declarou:

— Perto de 600 *lakhs*. Isso seria suficiente para erigirmos uma cidade duas vezes maior do que Tebas, com todos os templos e palácios.

— E ainda para construirmos dez mil navios e sobrar-nos o suficiente para combatermos numa dúzia de guerras, meu Faraó — concordei em voz baixa. — O bastante para reconquistarmos o nosso bem-amado Egito aos bárbaros Hicsos.

— Deste-me os meios necessários para derrotar e destruir o Beon e toda a multidão que o segue — assentiu o Faraó, com a voz mais viva a elevar-se com essa perspectiva.

— Sugeris isso demasiado tarde, Faraó — Aton levantou-se e pôs-se à minha frente para captar toda a atenção do Faraó. — O Beon dos Hicsos já foi morto por afogamento. — Em seguida, recuou e apontou para mim com um floreio. — Foi Taita quem o matou — declarou com ênfase.

O olhar fixo do Faraó desviou-se para mim.

— É verdade isto que o Aton declara? Além de todos os demais serviços que prestaste à minha Coroa, ainda mataste o Beon? — exigiu saber de mim o Faraó.

Baixei a cabeça em sinal de aquiescência. Considero a jactância abominável em qualquer homem, para mais em mim próprio.

— Conta-me como foi, Taita. Quero ouvir cada pormenor relacionado com a morte desse animal monstruoso.

Antes de conseguir responder, Aton cortou-me a palavra.

— Peço-vos que me concedeis mais uma vez a vossa régia atenção, meu Faraó — pediu ele ao nosso rei com uma vénia. — É uma história que merece toda a vossa egrégia atenção. A seguir ao nosso último grande triunfo sobre o tirano dos Hicsos, este feito passará a fazer parte da nossa gloriosa história militar. As gerações vindouras contá-lo-ão aos seus filhos, e esses, por sua vez, aos filhos deles. Rogo-vos, Vossa Majestade, que me permitis organizar esta noite os festejos desse grande triunfo, nos quais deverão participar todos os membros do Alto Conselho de Estado e de toda a vossa real família. Durante esses festejos de vitória, poderemos

prestar todas as honrarias devidas a uma proeza militar, que seguramente nunca terá tido par na nossa História.

— Tendes razão, Senhor Aton. O Taita depôs diante de mim um banquete que não poderá ser engolido de um único trago. Devemos saborear cada pedaço. Devo informar o meu Conselho deste golpe de sorte incrível. Oito dos meus conselheiros encontram-se instalados no meu palácio de Tebas, bem próximo daqui. O Senhor Kratas segue-me de perto, vindo lá do Norte, e vós, Taita e Senhor Aton, já aqui estão. Porquanto poderemos reunir todo o Conselho dentro de umas três a quatro horas.

— Tempo suficiente para vos refrescares e descansares, meu Faraó — disse-lhe, deixando resvalar o olhar pela sua indumentária.

— Trata-se esta de uma sujidade justa e honesta, Taita, justificada pelo sangue hicso — acrescentou o Faraó, mostrando-me um sorriso largo. — Porém, como tantas vezes acontece, tens toda a razão. Manda os meus escravos aquecerem água para o meu banho.

No momento em que todos os membros do Alto Conselho de Estado egípcio se reuniram, a terceira e última trirreme já tinha sido descarregada e havíamos pesado todos os lingotes do metal precioso transportado no porão. As festividades por aquele triunfo haviam sido preparadas e o Sol já se punha.

Fui informar disso o Faraó, na esperança de encontrá-lo a descansar. Para o desobrigar da necessidade de se deslocar ao palácio e tornar a regressar antes de a noite cair, eu mesmo dera ordens para que a câmara funerária de seu pai fosse preparada de molde a tornar-se nos seus aposentos provisórios, uma vez que, por nunca ter albergado cadáver algum, o aposento não se achava maculado com o espectro da morte. Tratava-se aquele de um espaço tranquilo, fresco e bem arejado pelos ventos que penetravam por entre as rochas e ascendiam à superfície. Os servos haviam posto ali o leito, bem como todo o mobiliário de campanha.

Não obstante, em vez de estar a descansar, encontrei o Faraó perfeitamente desperto e alerta, caminhando de um extremo ao outro do aposento a ditar mensagens a três dos seus secretários.

Envergando já um uniforme limpo, sobre o qual colocara uma couraça de bronze polido com gravações douradas, tinha ainda o cabelo molhado e com jeitos. Era tão gracioso quanto bela havia sido a sua mãe.

Assim que me baixei diante dele e pus um joelho no chão, deteve-me pousando uma mão no meu ombro.

— Não, Taita — admoestou-me. — É minha firme intenção fazer-te fidalgo e meu conselheiro pessoal quanto antes. Não mais terás de te prostrar diante de mim.

— Que generosidade a vossa, Faraó. Não sou merecedor de semelhante honra — disse-lhe, encarnando o papel de pessoa de grande modéstia.

— Evidentemente que não o és — concordou. — Faço-o apenas para te impedir de andares constantemente a baixar-te e a levantar-te à minha frente. Pelas unhas encravadas dos dedos grandes dos pés de Set, como diria o Kratas, juro que me pões tonto. Levanta-te, pois, e diz-me qual o cômputo geral do tesouro que reuniste para mim.

— Anunciei-vos 600 *lakhs*, meu Faraó, porém, faltam-nos 20 *lakhs* para contarmos com essa quantia.

— É o bastante, e mais do que o suficiente para eu reconquistar o meu reino e tu conservares a cabeça em cima dos ombros. — Uma vez por outra, o sentido de humor régio tende a ser macabro. — Os outros membros do meu Conselho já se encontram reunidos?

— Sim, estão todos presentes, inclusive o Senhor Kratas, que chegou há uma hora.

— Acompanha-me até eles.

No momento exato em que transpusemos os portões do sepulcro, apercebi-me da magnitude e da extensão do que Aton havia preparado em minha honra. Por entre fileiras de guardas reais, aprestados com o mais completo uniforme cerimonial, o Faraó conduziu-me à grande tenda que havia sido erigida na margem do canal.

Quando entrámos, percebi que toda a corte já ali se encontrava, aguardando para nos receber, incluindo toda a família real: as duas irmãs e as vinte e duas mulheres e cento e doze concubinas. Vi

também os senhores da nobreza, os generais do exército, os conselheiros de Estado e o respetivo corpo de altos funcionários. Encontravam-se ali para me felicitar todos os homens e mulheres do Egito inteiro a quem o Faraó podia confiar o segredo dos muitos milhões de lingotes minoicos.

Assim que entrámos, levantaram-se em uníssonos, e os homens desembainharam as espadas para com estas formarem um arco por baixo do qual o Faraó e eu passámos. No mesmo instante, um grande número de alaúdes e de trompas, que se achava a postos no lado de fora da tenda, irrompeu ao som de uma marcha heroica.

O Faraó e eu demorámos algum tempo a chegar aos lugares que nos estavam destinados, posto todas as pessoas ali reunidas quisessem tocar-me, apertar-me as mãos e encher-me de felicitações e aclamações.

Em redor das paredes da tenda e a curta distância umas das outras, havia enormes ânforas de vinho, que excediam a altura de um homem. Quando, por fim, todos os comensais se sentaram, os servos encheram grandes taças com o vinho tinto trazido nessas ânforas e colocaram uma diante do Faraó, que a recusou com um desvio da mão.

— É ao Taita que são devidas todas estas honrarias. Sirvam-no desse bom vinho tinto, para que seja o primeiro a bebê-lo.

A atenção de todos os presentes dirigiu-se para mim quando me levantei e ergui a taça na direção do Faraó.

— Todas as honrarias para o nosso Faraó, pois é ele a alma do nosso bem-amado Egito. Sem o Faraó e sem o Egito, nada mais somos senão pó. Todos os nossos esforços serão infrutíferos. — Levei a taça aos lábios e bebi um grande gole, enquanto todos aqueles homens e mulheres da nobreza se levantavam e gritavam pelo meu nome. Até o Faraó sorriu.

Tive a sensação de que, quanto menos falasse, mais gostariam de mim, porquanto fiz uma vénia ao Faraó e tornei a sentar-me.

O Faraó levantou-se e pousou a mão direita no meu ombro, falando depois num tom de voz forte e claro, que chegou a todos os recantos da enorme tenda.

— O Senhor Taita agiu em meu favor — começou por dizer. — Prestou-nos, a mim e ao Egito, um serviço de tamanha grandeza e valia, como outros antes dele fizeram, ou maior ainda. Merece, pois, ser honrado por mim e por todos os Egípcios já nascidos, bem como pelos que ainda estão por nascer. Fi-lo, desse modo, ascender à condição de nobre. Doravante, será conhecido como Senhor Taita de Mechir. — Aqui, o Faraó fez uma pausa e enfatizou um silêncio respeitoso, durante o qual a maior parte dos ilustres comparsas tentou ocultar as suas expressões confusas. Mechir é uma povoação situada na margem leste do Nilo, a trinta léguas a sul de Tebas. Trata-se de um aglomerado de humildes cabanas de argila e de uma população composta por uma variedade igualmente insípida e humilde de espécimes da raça humana. O Faraó deixou-nos refletir um bom bocado sobre este enigma.

— Concedi-lhe também, para seu pleno usufruto, toda a propriedade real, situada na margem leste do rio Nilo, entre a muralha sul da cidade de Tebas e o aglomerado de Mechir.

Um grito contido de espanto percorreu todos os presentes. A margem do rio, de Mechir a Tebas, pertence tão-só às trinta léguas de terra irrigada e mais fértil de todas as propriedades da Coroa.

Num instante apenas, o Faraó tornava-me num dos dez homens mais ricos do Egito.

Como era bom de esperar, fiquei muito surpreendido e feliz com este gesto magnânimo. Não obstante, enquanto beijava a sua mão direita, ocorreu-me a ideia atrevida de que, desde que eu o tornara um dos reis mais ricos do mundo, nenhum de nós os dois sofrera amargamente com esta troca de favores.

Agora, o Faraó elevava a sua taça de vinho de prata e sorria para os restantes comensais ali reunidos.

— Minhas rainhas, meus príncipes e princesas, ilustríssimos senhores e damas da nobreza, proponho-vos um brinde. Gratidão, reverência e uma longa vida para o meu Senhor Taita.

Puseram-se de pé, elevando bem alto as suas copas de vinho, e gritaram em uníssono:

— Gratidão, reverência e uma longa vida para o Senhor Taita.

Era provavelmente a primeira vez na nossa História que um faraó egípcio brindava a um dos seus súbditos. Agora, porém, tornava a sentar-se, e, com um único gesto, dava indicação a todos os presentes para que o fizessem também.

— Senhor Aton! — chamou para o outro extremo da mesa. — O vinho é excelente, e tenho a certeza de que o banquete não o será menos. — Aton tem a reputação de ser o maior conhecedor vinícola da nossa terra. Segundo alguns, foi por essa mesma razão que alcançou ele o elevado estatuto de Amo da Residência Real.

Todavia, nem sempre a reputação é bem merecida. Aton é bom, mas não é o melhor. Os filetes de perca do Nilo que servira tinham estado insuficiente tempo no sal e a abetarda do deserto estava um tudo-nada cozida demais. Além disso, permitira que o cozinheiro do palácio usasse e abusasse da mistura de especiarias *Baharat*. Se me tivesse sido dada essa incumbência, desconfio que a refeição teria tido melhor preparação, mas o vinho era suficientemente bom para diluir todos estes triviais inconvenientes.

Quando Aton se levantou para me prestar o seu louvor, todos os presentes estavam em franca e turbulenta animação. Passou-me pela ideia o nome do poeta que eu mesmo teria escolhido, caso estivesse no seu lugar, mas, naturalmente que estava impossibilitado de o fazer por ser eu mesmo o objeto da composição. Em todo o caso, esperava que fosse Reza ou Thoiak quem Aton escolhera para me render aquela grande homenagem.

Aton acabou por nos surpreender a todos. Embora desse crédito e enaltecesse os bardos mais reconhecidos do Egito, tentou justificar a sua derradeira decisão, realçando o facto de aquele sobre quem recaiu a sua escolha ter sido testemunha dos acontecimentos em questão. Naturalmente que esta era uma ideia absurda. Desde quando os factos eram da maior importância para uma boa história?

— Grande Faraó e damas da realeza, peço-vos que vos aproximais e escutais um valoroso oficial da Divisão do Crocodilo Azul da Guarda Real, que navegou com o Senhor Taita. — Após uma pausa enfática, prosseguiu: — Deixo-vos com o Capitão Zaras.

A assistência estava imóvel e imperturbável e assim permaneceu quando Zaras transpôs as cortinas da tenda e se inclinou para se ajoelhar diante do Faraó, cujo semblante deu mostras de tanta surpresa quanto o de qualquer outro dos presentes. Julgava eu ser o único que ouvira já o Capitão Zaras da Divisão do Crocodilo Azul da Guarda Real até se fazer luz no meu espírito com a mesma clareza e justeza com que uma lâmina ocupa o interior de uma bainha.

Lancei um olhar rápido à Princesa Tehuti, que se achava posicionada entre o Senhor Kratas e o Senhor Madalek, o tesoureiro do Faraó. Naquele momento, sentada na banquetta na primeira fila, com o rosto fogueiro e a expressão arrebatada, a princesa fitava Zaras. Não chamava desabridamente a atenção sobre si própria, aplaudindo, nem valendo-se de outra estratégia alguma reveladora da sua aprovação pela escolha de Aton, todavia, sabia eu bem que fora ela a fazê-lo. Em certo sentido, havia forçado Aton a tomar aquela ridícula decisão.

Jamais minimizei os méritos diplomáticos das minhas duas princesas, mas aquilo parecia ser obra de bruxaria. Dirigi a atenção para Bekatha e de imediato percebi que também ela tomava parte naquela manobra conspirativa. No extremo oposto da mesa do banquete, revirava os olhos e fazia caretas tolas na tentativa de chamar a atenção da irmã mais velha. Tehuti, porém, ignorava-a ostensivamente.

Senti-me mais irritado do que nunca, mas tinha igualmente o coração cheio de compaixão por Zaras. Era muito bom rapaz e um bom oficial e acabara por me afeiçoar a ele, do mesmo modo que um pai pode amar um filho. Agora, estava ali diante de todos prestes a ver-se coberto de ridículo, e haviam sido as duas harpias reais sem coração a arquitetar toda aquela crueldade terrível.

Tornei a olhar para Zaras, que parecia nem se aperceber da calamidade que estava prestes a abater-se sobre si próprio. Ali parado, era um homem alto, formoso e bem composto no uniforme. Quem dera que houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para o livrar daquela situação, mas sentia-me impotente. Talvez ele conseguisse fazer uma desajeitada declamação como um noviço,

mas os seus esforços seriam sempre comparados, por aqueles severos juízes, aos de Reza e Thoiak, ou mesmo, deuses e deusas nos livrassem disso, às aclamadas obras de arte criadas pela minha própria mão.

Apercebi-me, então, de um leve murmúrio de vozes femininas, um som em tudo idêntico ao zumbido das abelhas quando andam sobre um canteiro primaveril do meu jardim a sugar o néctar das flores. Tornei a olhar para o mesmo grupo e vi que Tehuti não era a única mulher que fazia uma apreciação valorativa de Zaras, posto que algumas das mais velhas eram ainda mais ostensivas na demonstração do seu interesse, pois sorriam e cochichavam por detrás dos leques. Zaras nunca havia estado na corte, desse modo, jamais elas haviam posto nele os seus olhos dissolutos.

Em seguida, ele fez um gesto categórico, e toda a tenda mergulhou no silêncio e na quietude, a ponto de eu conseguir ouvir ao longe no deserto o aulido lamuriento de um chacal.

Zaras começou a falar. Havia eu ouvido a sua voz dar ordens aos seus homens, comandá-los no fragor da batalha ou encorajá-los quando fraquejavam, mas nunca me tinha apercebido do seu timbre, nem da sua profundidade. A voz soava como um gongo e elevava-se como o Camsin por sobre as dunas do deserto. Estrondeava como o mar tempestuoso por sobre um recife e sussurrava como o vento nos ramos mais altos dos cedros.

Às primeiras estrofes, cativara já todo o auditório.

Era excelsa a escolha de palavras, sendo quase certo que nem mesmo eu conseguiria aprimorar tanto o efeito que criavam. A cadência era quase hipnótica e a narrativa, irresistível, arrastando-as com o mesmo vagar dos detritos que são apanhados pelas inundações do Nilo.

Ao descrever a trajetória das três flechas com que pus fim à vida do impostor hicso Beon, de um salto todos os senhores do Egito se puseram de pé e gritaram aclamações, enquanto o Faraó me segurava no braço com tamanho aperto que as manchas negras que deixou na minha carne se mantiveram por vários dias depois disso.

Dei comigo a rir e a chorar, acompanhado pelo restante auditório, e, no final, levantei-me como eles para o aplaudir.

Ao pronunciar a derradeira estrofe, Zaras virou-se para a entrada da imensa tenda e, abrindo os braços de par em par, disse:

— Invocou, então, em voz alta e do seguinte modo o nobre Taita todos os deuses do Egito, bem como o seu Faraó Tamose: *Resgatei-o para vós, como prova da minha grande gratificação, ainda que esta seja apenas a milésima parte do tesouro que diante de vós deposito. Eis a prova e o testemunho do amor e do dever que vos tenho e guardo, Faraó Tamose.*

No deserto, soou o rufar solene de um tambor, e, quase a justo tempo, transpuseram a entrada da tenda dez guerreiros todos aprestados com armaduras e elmos, carregando uma palete com lingotes de prata todos empilhados numa pirâmide reluzente.

Em uníssono, toda a assistência se levantou e se manifestou num tumulto de ovação e exaltação.

— Saudemos todos o régio Faraó! — gritaram, e, logo em seguida, acrescentaram: — Toda a honra e toda a glória para o Senhor Taita!

Depois de Zaras ter acabado de falar, não o deixaram partir logo. O Faraó falou com ele alguns minutos, após o que os homens lhe apertaram as mãos ou lhe deram palmadas nas costas, enquanto algumas daquelas mulheres que haviam tomado vinho davam risadinhas nervosas e se roçavam nele como um gato o faria.

No instante em que chegou ao pé de mim, demos um abraço breve e felicitei-o:

— Belo escrito e muito bem dito, Zaras. És um guerreiro, mas também um poeta.

— Vindo essas palavras de um bardo da vossa nomeada, Senhor Taita, regozijo-me com o que ouço — respondeu, e fiquei comovido ao ver como era tão sentido o que dizia. Afastou-se e passou pelo meio da assistência, saudando-a, sem todavia deixar transparecer para onde se dirigia. Por fim, curvou-se diante da Princesa Tehuti, fazendo-lhe uma vénia.

Embora agora estivessem ambos no canto mais distante do sítio onde me encontrava sentado, de modo tão pronto como leio e

interpreto o sentido dos hieróglifos num rolo de papiro, também consigo ler o sentido das palavras proferidas por lábios alheios sem ter de ouvir um único som.

— Devíeis ter vergonha, Capitão Zaras! A vossa poesia fez-me chorar! — Foram estas as primeiras palavras que ela lhe dirigiu, e que o fizeram ajoelhar-se à sua frente. Como o capitão tinha o rosto escondido de mim, não pude ver o modo como lhe respondeu, mas Tehuti reagiu rindo. — Sois galante, capitão, perdoo-vos porém numa única condição. Que prometeis muito em breve tornar a cantar para nós. — Zaras devia ter aquiescido, posto ter ela prosseguido, dizendo: — Estarei atenta ao vosso cumprimento dessa promessa. — Ele levantou-se e afastou-se dela, respeitosamente.

Isso!, pensei. Afasta-te daí, seu tolo. Não és tu o melhor partido. Neste momento, corres bem maior perigo até do que aquele por que alguma vez hás de passar no campo de batalha. Tehuti, porém, deteve-o com um gesto gracioso.

— Que desajeitada sou! — tornei a ler nos seus lábios. — Parece que deixei cair um dos meus anéis. Ainda agora o tinha posto no dedo. Podeis fazer-me o obséquio de mo encontrar, Capitão Zaras?

Mostrando-se tão ansioso como um cachorro, tornou a baixar-se aos seus pés, escrutinando o chão diante dela. Quase de imediato, pegou em alguma coisa, e, quando se endireitou, estava quase virado de frente para mim, pelo que consegui ler nos seus lábios:

— Foi este o anel que perdestes, Vossa Alteza?

— Sim, na verdade, foi esse mesmo. Foi-me oferecido por uma pessoa muito especial, o homem que esta noite elogiastes de modo tão maravilhoso. — Todavia, proferidas estas palavras, ela não fez a mais pequena menção de tomar das mãos dele aquela bugiaria.

— Referis-vos ao Senhor Taita?

— Naturalmente! — aquiesceu ela, com um aceno de cabeça. — Vede, porém, como é cristalina a pedra do anel que segurais.

— Cristalina como água — concordou ele, segurando no anel contra a luz do facho mais próximo. Obrigara-o ela a observá-lo com toda a minúcia, só então ficando satisfeita, pelo que estendeu a mão para ele.

— Obrigada, capitão — agradeceu quando ele depositou o anel na sua mão aberta em concha, e, levantando os olhos para ele, lhe sorriu.

Nesse mesmo instante, pensei: Ainda que naquele anel não haja magia alguma, ela existe em quantidade suficiente no teu sorriso, Princesa Tehuti, para fazer derrubar as muralhas de Mênfis e de Tebas. Como pode alguma vez um jovem imaturo como o Zaras resistir a tamanhos ardis?

Aguardava-me uma primeira tarefa mais importante e urgente — fazer desaparecer sem deixar rasto as três enormes trirremes cretenses. Teria eu de incutir no Supremo Rei Minos de Creta a certeza absoluta de que os Hicsos eram os responsáveis pelo roubo do tesouro. A raiva deveria ser exacerbada pelo conhecimento de que o culpado era um seu pretenso aliado.

O primeiro pensamento que me ocorreu foi o de dar ordem para que as três embarcações fossem consumidas pelas chamas e as cinzas lançadas ao Nilo, para que o mistério do seu desaparecimento se perpetuasse para todo o sempre. Todavia, a avaliação da muita quantidade de madeira que seria obrigado a destruir fez-me desistir dessa ideia.

O Egito é um território praticamente sem florestas substanciais, porquanto, para nós, a madeira é quase tão valiosa como o ouro e a prata. Ao pensar na quantidade de navios de guerra e quadrigas que poderia construir a partir dos cascos das três trirremes, não consegui dar a ordem para que fosse ateado fogo a tamanho espólio tão duramente conquistado.

Discuti o assunto com o Faraó e o Senhor Kratas, na qualidade de comandantes supremos do nosso exército.

— Mas onde, em todo este nosso Egito, heis de esconder vós toda essa quantidade de madeira, Taita, meu grande malandro? — perguntou-me Kratas. — Não pensastes nisso, pois não?

O Faraó correu em minha defesa.

— Uma das coisas de que podeis estar absolutamente certo, Senhor Kratas, é que o Taita terá seguramente pensado nisso, pois ele pensa em tudo.

— O Faraó é deveras bondoso para comigo, e eu tento fazer o melhor que posso com toda a humildade — murmurei, após o que Kratas rugiu com uma gargalhada diante dos meus protestos.

— Nada tendes de humilde, Taita. Até o fedor dos vossos traques é pretensioso e ostensivo. — O Senhor Kratas é o meu brutamontes preferido, porquanto em todo o Egito não há quem consiga excedê-lo na mais indiscreta e completa grosseria. Ignorei o seu comentário e dirigi-me ao Faraó.

— Como sempre acontece, o Faraó tem toda a razão. Na verdade, ocorreram-me umas quantas ideias sobre esse assunto. A questão maior é que teremos de acondicionar todo um regimento no túmulo do vosso divino pai, o deus Mamose, para guardar o tesouro de prata que ali armazenámos. E esse mesmo regimento poderá servir dois propósitos.

Agora até Kratas me escutava com o máximo de atenção.

— Prossegue, Taita! — incitou-me o Faraó.

— Pois bem, o que quero dizer, Faraó, é que tornei a medir as antecâmaras do túmulo. Se desmancharmos os cascos das trirremes em pranchas individuais, teremos espaço suficiente para as guardarmos naquelas câmaras subterrâneas, onde ficariam escondidas até podermos usá-las de novo numa qualquer empreitada de guerra. — Neste momento, virei-me para Kratas pronto a desafiá-lo. — Mas estou certo de que o Senhor Kratas tem um plano bem melhor do que este. Quem sabe, se conseguirmos levar os cascos para as águas profundas do mar Vermelho, o meu Senhor Kratas consiga, em nosso proveito, submergi-los sob a inúmera massa de excrementos que tão profusamente emana dos seus nobres lábios?

— Pelas lândeas dos pelos púbicos emaranhados de Set, Taita, esse é um dos vossos melhores gracejos que já ouvi. A ver se não o esqueço! — exclamou Kratas, rebentando a rir à gargalhada. Aguenta bem uma piada sobre si próprio, sendo essa uma das muitas razões por que o admiro tanto.

Foram necessárias muitas semanas e metade de um regimento de homens para desmancharmos as trirremes até as reduzirmos a pranchas individuais, numerarmos cada uma delas e as

empilharmos nas antecâmaras subterrâneas. Mas, ao menos assim, podia finalmente dar por concluído o meu truque de ocultamento e aquelas imensas embarcações esfumarem-se para todo o sempre.

Acreditava eu haver naquele subterfúgio um benefício suplementar. Conseguira eu manipular o Faraó e levá-lo a incumbir Zaras da tarefa de desmanchar e armazenar os navios, com ordens expressas para permanecer no interior do recinto da câmara funerária até toda aquela incumbência estar concluída. Desse modo, quando as princesas Tehuti e Bekatha, tanto em separado quanto em conjunto, me questionaram sobre o seu paradeiro, pude informá-las com toda a honestidade que o Faraó o havia enviado numa missão militar muito secreta, da qual era provável que regressasse apenas daí a muito tempo.

O palácio de Tebas era para Zaras um lugar bem mais perigoso do que qualquer campo de batalha hicso. À noite, deitado e a transpirar de terror, temia eu pela sorte do meu protegido. Além de o considerar um amigo leal, que arriscava a vida por mim, era ele também um intrépido soldado, um erudito e agora revelara-se também como poeta. Tínhamos muitas coisas em comum. Não obstante, como qualquer outro homem da sua idade, tinha ele uma grande fraqueza que de modo algum era mitigada pelo facto de a maior parte do tempo a não ver, posto conservá-la recolhida debaixo do saio.

Sei agora também quão implacáveis e insensatas podem ser as jovens quando os seus ovários estão em brasa. As gónadas da minha querida Tehuti haviam-se incendiado no preciso instante em que o vira, e não me ocorria forma alguma viável de extinguir aquelas chamas.

Nos dias seguintes ao meu regresso a Tebas, dei comigo assoberbado pelas circunstâncias que me assaltavam, fosse para onde fosse que me virasse.

O Faraó requeria a minha atenção a todas as horas do dia para discutirmos a tormenta política que estalara entre os Hicsos e o Supremo Rei Minos.

Aton e eu havíamos acordado que, devido à urgência e ao perigo da situação, melhor faríamos se declarássemos uma trégua relativamente às operações de espionagem dos nossos rivais. Por enquanto, deveríamos também reunir os nossos recursos e cooperar com cada um dos outros para a segurança e talvez mesmo para a derradeira sobrevivência do nosso bem-amado Egito.

A todas as horas da noite, mulheres e homens estranhos e anónimos apareciam às nossas portas com mensagens e informações, provenientes de norte, para desaparecerem logo em seguida. O seu número só era excedido pelo dos pombos-correios, que cobriam o mesmo trajeto e a mesma distância. De vez em quando, imaginava eu que havíamos de ter tantas aves no ar em simultâneo a sulcar os céus que estes haviam na verdade de se tornar tão purpúreos como a cor da sua plumagem.

Aton e eu tínhamos de analisar e debater cada mensagem que recebíamos, avaliando-as com o máximo de cuidado antes de as transmitirmos ao Faraó e ao seu Estado-Maior.

Recebemos uma informação breve, mas alarmante, sobre o relato da cremação do Rei Beon, que eu matara com flechas certeiras no Nilo, defronte da cidade de Mênfis. Os Hicsos tinham o bárbaro costume de reduzir a cinzas os corpos dos seus heróis assassinados, em vez de os embalsamarem, como fazemos nós, povo mais avançado e civilizado.

Ao mesmo tempo, levaram ainda a cabo sacrifícios humanos para aplacar a ira dos seus deuses monstruosos, dos quais Set é o expoente máximo. Aton e eu ficámos a saber que cem dos nossos guerreiros egípcios, que haviam sido capturados pelos Hicsos, tinham sido lançados ainda vivos para o meio das chamas da pira funerária de Beon, seguidos de uma centena de virgens, cuja única função era satisfazerem os prazeres de Beon no outro mundo. Algumas dessas virgens não tinham mais de 5 anos, idade suficiente para saberem o que estava a acontecer-lhes apenas quando os seus corpos haviam tocado nas chamas dessa pira. Depois de escutar este relato, como pode uma pessoa sensível tentar arranjar argumentos contra o facto de os Hicsos serem a forma mais abjeta de vida animal?

Fui a primeira pessoa de Tebas a saber que, depois da cremação de Beon, Gorrab, o seu irmão mais novo, fora coroado o novo Rei dos Hicsos.

A primeira preocupação de Gorrab parecia ser a vingança da morte do irmão mais velho, posto ter retirado da frente de batalha dez mil soldados das tropas, que se batiam contra as nossas forças egípcias, na fronteira entre Sheik Abada e Asyut. Esta decisão de Gorrab foi feliz para o Egito, pois as forças do Faraó começavam a ficar implacavelmente comprometidas em toda a frente dessa batalha. Os Hicsos nunca são parcimoniosos com as vidas das suas tropas, e estão sempre dispostos a empreender uma batalha de desgaste, se a menor oportunidade se lhes apresentar. Até esse momento, o Faraó infligia pesadas baixas no exército de Beon, em contrapartida, porém, os seus próprios homens impunham-lhe um castigo bem maior.

Agora, de uma assentada, a pressão era aliviada e ao Faraó era dada a possibilidade de tornar a consolidar a sua força e de ganhar vantagem no seu posicionamento, uma vez que Gorrab dera ordens para que perto de um quarto do exército estacionado a norte atacasse as forças cretenses, que eu havia deixado intactas em Tamiat.

Gorrab testemunhara a morte do irmão, posto ser ele quem comandava a guarda transportada a bordo da barcaça real. Vira as três trirremes cretenses abalroarem-nos, tal como vira os uniformes minoicos dos oficiais e dos membros das tripulações, no momento em que haviam lançado aquele ataque injustificado e traiçoeiro.

Gorrab havia visto um dos arqueiros cretenses disparar intencionalmente três flechas sobre o seu irmão desarmado, enquanto, dentro de água, se debatia pela vida. Mais tarde, mandara retirar do rio o corpo do Rei Beon eivado de flechas, e por ele chorara, enquanto introduzia a tocha acesa na pira funerária. Em seguida, com as próprias mãos, colocara a coroa hicsa na cabeça e declarara a Creta uma guerra devastadora em grande escala.

Foi com grande satisfação que Aton e eu seguimos a campanha de Gorrab contra os Minoicos. Através dos nossos espiões, ficámos a saber que os oficiais das altas patentes minoicas, como os

comandantes, haviam saído de Tamiat e tornado a Creta na galé que eu mesmo deixara à sua disposição, mas que tinha capacidade para transportar apenas quarenta homens, tendo os restantes sido deixados no forte. Quando a mesma galé chegara a Creta, o comandante informara o Supremo Rei Minos do vergonhoso e cobarde ataque que os Hicsos haviam empreendido ao forte, bem como da captura que haviam feito das embarcações com o tesouro cretense. Informou ele ainda o Rei Minos que os piratas não tinham feito a menor tentativa para ocultar a sua identidade, estando aprestados com os uniformes hicsos completos, tendo-os ouvido inclusive conversar nesse mesmo idioma.

O Supremo Rei Minos enviou de imediato a Tamiat uma esquadra de galés de guerra com o intuito de resgatarem os dois mil homens das tropas cretenses ainda aí estacionadas, porém, esses navios chegaram demasiado tarde.

O Rei Gorrab havia aí aportado antes deles com os seus dez mil homens, e, ainda que os Cretenses se tivessem batido com valerosa galhardia, Gorrab massacrara a maior parte deles. Apesar da rendição dos sobreviventes, o soberano decapitou-os a todos e, com as suas cabeças, construiu uma pirâmide no ancoradouro, instalado por baixo do forte. Vinda de Creta, a esquadra de guerra que ocorreu em seu auxílio chegou pouco depois de o Rei Gorrab ter regressado a Mênfis e ter deixado a pilha de cabeças humanas a apodrecer ao sol, enquanto os abutres devoravam o que restava dos corpos dos homens das forças minoicas. Não tendo mais o que fazer, a dita esquadra de socorro zarparou de regresso a Creta para informar daquele massacre o seu Rei Minos.

Diante do altar daqueles seus deuses grotescos, o Supremo Rei Minos fez um juramento solene de vingança, após o que mandou zarpar uma frota de galés de guerra com a incumbência de arrasar todos os portos hicsos e as suas bases estacionadas ao longo de toda a linha de costa do Norte de África.

O Rei Gorrab retaliou, levando a cabo o massacre de todos os Minoicos que, no Norte do Egito, viviam sob a sua jurisdição. Os Minoicos são um povo engenhoso e laborioso, porquanto são altamente dotados para todos os ofícios e comércios, estando deste

modo acima de todos os comerciantes e demais espíritos industriais. Onde quer que se faça sentir o doce aroma da prata e do lucro, lá se acharão os Minoicos.

De que outro modo conseguiriam os habitantes de uma ilha tão pequena como Creta converter o seu país na potência dominante que se sobrepõe hoje a todos os territórios que circundam o mar Interior?

No Norte do Egito, viviam vários milhares desses Minoicos, e o Rei Gorrab fez a sua fúria abater-se sobre essas populações locais com toda a crueldade e ferocidade animal, tão bem conhecidas do povo hicsu. Depois de arrastarem os Minoicos para fora das suas casas e violarem as mulheres e as crianças, mesmo as da mais tenra idade, encaminharam-nos a todos, homens, mulheres e crianças, para os templos por eles próprios erigidos aos seus deuses e pegaram fogo aos telhados, para que se abatessem sobre as suas cabeças.

Conquanto a população minoica tentasse fugir da região, foram muito poucos os que de entre eles conseguiram escapar. Os navios do Supremo Rei Minos resgataram alguns dos mais afortunados, que viviam nas povoações e nos portos situados ao longo da costa do mar Interior, enquanto outros, que viviam no interior um pouco mais adiante, fugiram para os desertos circundantes do nosso bem-amado Egito. Não obstante, aí pereceram devido à sede e ao vivo interesse dos Beduínos, uma gente igualmente cruel e voraz.

Apesar disso, algumas centenas de minoicos fugiram com as suas famílias para sul, provenientes de Mênfis e de Asyut, conseguindo um bom número deles furtar-se às quadrigas hicsas que os perseguiram e alcançar as nossas linhas de combate. Aí, o Senhor Kratas ordenou aos nossos homens que dessem abrigo e proteção a esses foragidos e os tratassem com cordialidade.

Mal soube eu do sucedido, subi para a minha montada e às pressas juntei-me às nossas legiões, que engrossavam essas linhas da frente no combate contra os Hicsos. Conhecia eu ainda rapazes alguns dos comandantes mais graduados dessas nossas legiões e ensinara-lhes mesmo a ciência e a arte da guerra, além de a minha

influência os ter ajudado também a ascenderem aos seus respetivos e atuais altos cargos militares.

O Senhor Remrem, que havia sido nobilitado pelo Faraó no campo de batalha de Tebas, chefiava agora um regimento, sob as ordens supremas do General Kratas, o comandante-chefe.

Hui, que era um proscrito quando o capturei, tornara-se um oficial graduado com quinhentas quadrigas sob as suas ordens. Todos estes velhos amigos e conhecidos se mostraram radiantes por me acolher no acampamento, incluindo aquele danado e reprovável do Kratas, o comandante-chefe, que tinha apenas o Faraó acima dele. Na noite do dia em que cheguei, o Senhor Kratas tentou embriagar-me até perder o conhecimento, todavia, seria eu mais tarde a levá-lo para o seu leito e a segurar-lhe na cabeça enquanto vomitava tudo o que tragara e ainda tinha no estômago. Na manhã seguinte, foi com uma certa aspereza que me agradeceu e mandou o seu ordenança dispor diante de mim em parada todos os fugitivos minoicos que haviam conseguido escapar à ira do Rei Gorrab e chegar às nossas linhas.

Esses desafortunados contavam-se num número próximo dos quarenta, um grupo deplorável, que fugira com escassos bens e deixara para trás as próprias famílias, dizimadas pelos Hicsos.

Percorri com vagar as diversas fileiras que os compunham, tratando esses refugiados com respeito e amabilidade, mas valendo-me também de uma certa astúcia e sagacidade para lhes fazer algumas perguntas pertinentes.

Por último, no extremo oposto da fileira, cheguei junto de uma família de três membros muito encostados uns aos outros. O pai exprimia-se em egípcio com desenvoltura, mas com uma pronúncia cerrada. De seu nome Amythaon, até três semanas antes havia ele sido mercador em Mênfis, vendendo milho, vinho e couro. Tornara-se tão bem-sucedido nos negócios que mesmo eu ouvira falar dele aos meus vários agentes espalhados por aquela cidade. Os Hicsos haviam queimado a sua casa e o seu armazém e violado a própria esposa à sua frente, deixando-a esvair-se em sangue até morrer.

Gostei logo de Icarion, o seu filho de 19 anos, um rapaz alto e bem constituído, de cabeleira escura, farta e encaracolada e um

rosto alegre. Não se mostrava ele consternado, nem destroçado, com o infortúnio que lhes acontecera, ainda que não pudesse dizer o mesmo do seu próprio pai.

— Decerto que fugiste de Mênfis a voar com as asas por ti próprio construídas, não foi? — interpelei-o.

— Assim foi — respondeu-me Icarion, percebendo de imediato a minha alusão ao seu nome —, guardei eu, porém, uma boa distância do Sol, senhor.

— Sabes ler e escrever, Icarion?

— Sei, sim, senhor, ainda que não me agrade tanto fazê-lo como à minha irmã.

Observei-a, parada atrás dos dois familiares masculinos, estudando o seu rosto. Apesar de não dever tanto à beleza como as minhas duas princesas, pois são poucas as que se equiparam a elas, era bastante bonita, com uns longos cabelos escuros e um rosto que denotava uma inteligência radiosa.

— Chamo-me Loxias e tenho 15 anos — disse, antecipando-se às minhas perguntas. Era quase da mesma idade da minha querida Tehuti. O seu egípcio era tão perfeito como se tivesse vindo ao mundo para se dedicar a esse idioma.

— Sabes escrever, Loxias?

— Sei, sim, senhor. Sei escrever nos três sistemas: com hieróglifos, na escrita cuneiforme e com os caracteres minoicos.

— É ela que trata das minhas contas e escreve toda a minha correspondência! — interveio o pai, Amythaon, com uma interjeição.

— É uma rapariga esperta.

— Podes ensinar-me a falar minoico e a escrever em Linear A?

— perguntei-lhe.

Por alguns instantes, considerou essa possibilidade, após o que respondeu:

— É possível, mas tudo dependerá da vossa habilidade, Senhor Taita. O minoico não é um idioma fácil. — Reparei que usara o meu nome acompanhado do título, o que me permitiu observar que era tão esperta como o pai se vangloriara de ser.

— Põe-me à prova. Diz alguma coisa em minoico — instiguei-a.

— Muito bem — concordou, e, em seguida, proferiu uma longa sequência de frases ciciadas e exóticas.

Repeti-as. Tenho bom ouvido para os sons musicais, tanto instrumentais quanto articulados. Consigo replicar a cadência e a pronúncia proferidas por qualquer ser humano sem me enganar. Neste caso, embora não fizesse a mais pequena ideia do que dizia, articulei na perfeição. Os três olharam-me perplexos e Loxias ruborizou de irritação.

— Zombais de mim, Senhor Taita. Não precisais de quem vo-lo ensine. Falais essa língua quase tão bem quanto eu — arguiu. — Onde a aprendestes? — Devolvi-lhe um sorriso misterioso, e deixei que adivinhasse.

Nesse mesmo dia, escolhi uns quantos cavalos do regimento de Hui e partimos os quatro para sul com destino a Tebas. Encontrei para a pequena família perdida um alojamento confortável a pouca distância das muralhas da cidade, numa das pequenas povoações da minha recentemente oferecida propriedade de Mechir.

Todos os dias, eu passava algumas horas com Loxias a aprender a falar e a escrever em minoico. Ao cabo de poucos meses, ela admitiu nada mais ter para me ensinar.

— O discípulo superou já o mestre. Creio que deverá haver muito mais que podeis ensinar-me, Senhor Taita.

Nenhuma das minhas princesas se mostrava tão ávida por aprender, nem era tão competente a fazê-lo quanto eu. No princípio, ambas se mostraram inflexíveis em não querer ter nada que ver com uma língua tão ridícula e rude como a minoica, nem quiseram partilhar a companhia de uma campestina minoica de origens humildes. Informaram-me que essa era a sua decisão conjunta e que era absolutamente decisiva e irrevogável, não havendo nada que eu pudesse fazer para a alterar. Quando mo comunicaram, foi Tehuti quem fez toda a despesa da conversa, limitando-se a irmã a

manter-se ao seu lado em silêncio e a anuir a sua concordância com acenos de cabeça.

Dispus-me a falar com o irmão mais velho, o Faraó Tamose. Em linhas gerais, expliquei-lhe a necessidade de nós, Egípcios, incrementarmos as florescentes relações que estávamos a ter com Creta, além de tirarmos partido delas, e ainda como em grande medida isso dependia da capacidade de as duas raparigas comunicarem com o Supremo Rei Minos e com a sua corte. Em seguida, apresentei-lhe em pormenor os planos que eu próprio havia delineado para as irmãs.

O Faraó mandou chamar as duas pequenas rebeldes e objetou a sua decisão, concluindo o discurso de sentido único com tamanha gravidade e ameaças contundentes que, a certa altura, até eu fiquei preocupado com a possibilidade de ele as levar por diante. As princesas revogaram de imediato a decisão terminantemente resoluto; todavia, nos dias que se seguiram a este episódio, fizeram questão de me mostrar o seu grande amuo para comigo.

Aquele rancor depressa foi posto de parte quando determinei um prémio para a discípula que mostrasse ter feito maiores progressos na semana anterior, assim considerados pelos critérios de Loxias, a sua nova mestre de línguas. Esse prémio consistia sempre num adereço feminino por elas muito desejado, que Amythaon encontrava a meu pedido num dos bazares da cidade.

Não tardaram a aprender a conversar, argumentar e expressar emoções num minoico fluente, ao mesmo tempo que Loxias excedia a sua incumbência, ensinando-lhes uma série de palavras e expressões mais adequadas às tabernas e bordéis dos cortiços da cidade do que aos salões do palácio. Nos meses subsequentes, aqueles três diabretes deleitaram-se a ver-me chocado com semelhante palavreado.

Em pouco tempo se tornaram um trio tão unido que as princesas levaram Loxias com elas para o palácio para viver no harém real.

Ser dono e senhor da propriedade de Mechir permitiu-me ter uma desculpa para fugir do palácio sempre que me apetecia montar e cavalgar livremente pelas minhas terras, de habitual na companhia

das minhas princesas e da onnipresente Loxias. Ensinara-as a montar com as pernas abertas, uma proeza notável para qualquer mulher ou homem egípcio, para mais quando se tratava das próprias irmãs do Faraó.

Além disso, mandei construir arcos especiais para as três raparigas com cuidadosos ajustes à força de cada uma delas. Com a prática, passaram a conseguir tensionar a corda do arco até aos lábios e, com duas das três flechas que as deixava disparar, acertarem no alvo, que lhes colocava a cem passos de distância. Ia mantendo vivo o seu entusiasmo por este desporto graças à atribuição de prémios e aos rasgados louvores que fazia à melhor senhorinha arqueira do dia.

Enquanto nos campos os meus serviçais faziam as sementeiras de milho, bandos de pássaros selvagens desciam em voo picado sobre nós para roubarem as sementes, por isso, comecei a pagar às meninas uma recompensa extravagante por cada pássaro que conseguissem abater com as flechas. Depressa todas elas se tornaram formidáveis caçadoras, capazes de atingir aqueles predadores emplumados em pleno voo.

Saberem caçar e montar eram aptidões que eu tinha a certeza de que seriam de grande valia em algum momento das suas vidas futuras.

Profusa e genuinamente, desfrutei do tempo em que pude imiscuí-las nos meus próprios assuntos, uma vez que, quando regresssei ao palácio, tive, uma vez mais, de estar totalmente ao serviço do Faraó, porquanto raros eram os dias em que não me chamava à sua presença, pelo menos uma vez, para eu resolver um problema, dar-lhe um conselho ou a minha opinião sobre um qualquer assunto. Aprendi a não me sentir humilhado, nem perder a compostura quando ele rejeitava algum conselho meu apenas para, pouco depois, o recuperar e apresentar como uma ideia sua.

Outro problema com que nessa ocasião tive de lidar foi o escoamento do tesouro que trouxera do forte minoico de Tamiat para o Faraó Tamose.

Mostrava-se o Faraó ansioso por começar a gastá-lo na prosperidade dos seus súbditos, e tive de o impedir de saldar as dívidas do Estado com os lingotes de prata gravados com o selo do Supremo Rei Minos de Creta.

— Grande Faraó, vós e eu estamos bem cientes de que Minos tem espiões espalhados por todas as cidades do nosso bem-amado Egito — lembrei-o. — Não passaria muito tempo até que um deles enviasse uma mensagem para Creta a informá-lo de que todas as feiras e tabernas de Tebas estavam inundadas de lingotes de prata gravados com o selo do touro cretense.

— Por esse andar, nunca poderei gastar os lingotes de prata que guardámos ali nos depósitos do tesouro? — interpelou-me, indicando com o queixo o túmulo de seu pai, erigido na margem mais distante do Nilo. — Para evitar que o Rei Minos seja alertado para a sua localização aqui? — O tom da voz era desgostoso e o semblante denotava aborrecimento.

— Peço-vos que me perdoeis, Real Egito. Sois o pai da nação, e esse tesouro pertence-vos, podendo, por isso, usá-lo como bem vos aprouver. Tendes, todavia, de modificar a sua aparência para que homem algum vivo, e, em especial o Supremo Minos, jamais consiga reconhecê-lo.

— E como vamos nós conseguir fazer isso, Taita? — Só em parte se mostrava mais tranquilo. Ao menos olhava o meu rosto de frente com uma expressão novamente amistosa e interessada.

— Teremos de dividir os lingotes em fragmentos bem mais pequenos, devendo ter cada um deles sempre o mesmo peso; digamos meio *deben*. Cada um poderia exhibir a imagem do vosso busto real.

— Hum! — murmurou. Eu sabia que havia de lhe agradar a ideia de ter a sua efígie estampada nesses fragmentos. — E que nome daríamos nós a esses meus fragmentos de prata, Tata?

— Sem dúvida que o Faraó poderia pensar em melhor designação, mas ocorreu-me a ideia peregrina de poderem vir a ser conhecidos como *mems* de prata.

Sorriu satisfeito.

— Parece-me um nome muito apropriado, Tata. Mas, então, e que imagem poderemos nós estampar no verso desses meus *mems* de prata, na face oposta à minha efígie?

— Isso será por certo o Faraó a decidir — respondi-lhe, baixando a cabeça e evitando o seu olhar fixo.

— Certamente que serei eu a decidi-lo — concordou. — Parece-me, no entanto, que poderás fazer uma sugestão.

Escolhi os ombros.

— Acompanho-vos desde que viestes a este mundo, Majestade.

— É verdade. Só Hórus sabe como te tenho ouvido contar essa história incontáveis vezes. Quando relatas que a primeira coisa que fiz quando cheguei a este mundo foi urinar em cima de ti, penso sempre que deveria tê-lo feito mais e durante mais tempo.

Fingi não ter escutado esta última parte do comentário.

— Sempre vos apoiei com lealdade e fidelidade. Talvez seja adequado dar continuidade a essa tradição. — Depois de proferir estas palavras, fiz uma pausa, mas ele instigou-me a continuar.

— Prossegue! Creio, porém, estar a entender qual a direção que estamos a seguir.

— Talvez — continuei com toda a modéstia —, talvez o Faraó considere apropriado que a imagem do falcão ferido decore o reverso da sua *mem* de prata — sugeri, diante de cujas palavras ele deu uma sonora gargalhada.

— Nunca me desiludes, Tata. Desde o princípio que tinhas tudo bem pensado! — O falcão ferido com uma asa partida é o meu hieróglifo pessoal.

Sob os auspícios do Faraó e guardando o mais absoluto segredo, criei no interior do recinto do túmulo de Mamose um sistema de cunhagem desta moeda. *Moeda* foi a nova palavra que inventei para designar estas pequenas parcelas de prata. O Faraó aceitou estas minhas sugestões sem objeção alguma.

Esta cunhagem de moeda foi outra das façanhas por mim realizadas, que revelou ser um incremento extraordinário para o progresso e a prosperidade do nosso bem-amado Egito. Nos tempos que correm, este sistema monetário, que funciona sem sobressaltos, tornou-se um instrumento fundamental para a

governança e o comércio, tendo sido um dos legados por mim deixados ao meu Egito e uma das principais razões por que seremos sempre a nação mais auspiciosa do mundo. Apesar de, daí em diante, outras nações nos terem imitado, a *mem* de prata é hoje a moeda reconhecida e satisfatoriamente aceite em todos os países do mundo.

Também graças a uma pequena recomendação da minha parte, o Faraó mudou o nome do túmulo de seu pai para «a Real Casa da Moeda», erradicando, deste modo, daquele lugar qualquer deletéria mácula de morte e inumação. Ao pôr em prática essa mesma deliberação, o Faraó nomeou-me responsável pela instituição, acrescentando com isso afazeres substanciais aos meus outros deveres e responsabilidades. Não obstante, nunca me queixo, quando o dever chama.

Uma das primeiras incumbências que tive nas minhas novas funções de diretor foi a nomeação de Zaras para Guardião da Real Casa da Moeda e do Tesouro. Consegui impor a minha vontade perante o Faraó para que lhe concedesse o comando de um batalhão de guardas que o ajudasse a cumprir com os seus deveres e obrigações. Claro que isto punha Zaras em tudo sob a minha maior e mais absoluta autoridade.

Uma vez que a Princesa Tehuti arquitetara um estratagema para o levar a olhar de perto o anel de diamantes e com isso a deixar bem claras as suas intenções perante mim, havia eu, então, sido muito cauteloso, procurando que Zaras se mantivesse afastado da margem ocidental do Nilo. Sabia eu bem que, quando a minha querida se fixava num determinado curso da sua ação, era extremamente difícil, para não dizer mesmo impossível, dissuadi-la desse propósito ou fazê-la mudar de opinião.

A única maneira que me ocorreu de ser bem-sucedido nos meus intentos foi pôr fim a qualquer contacto entre ela e Zaras até eu conseguir decidir sobre o seu inevitável destino, que, sem dúvida alguma, se prendia com o facto de vir a tornar-se rainha e consorte da figura militar mais poderosa do mundo e não o joguete e a seguidora de acampamentos de um qualquer soldado raso, por muito agradável e afável que ele fosse.

Um dos poucos factos que me constou sobre a enigmática figura do Supremo Rei Minos foi a sua predileção por mulheres bonitas de sangue real. Para ser rigorosamente verdadeiro, mesmo este não era um facto irrefutável, mas um mero rumor que, pela frequência da repetição, se tornara um facto concreto.

Ainda assim, estava eu confiante em que esta figura obscura mas onipotente achasse as minhas princesinhas irresistíveis e que, por seu intermédio, conseguisse eu manipular o minoico de acordo com a minha vontade e o interesse maior do nosso bem-amado Egito. Confortei-me com a ideia de que Tehuti não podia esperar maior honra, nem mais alta responsabilidade do que ocupar um trono e salvar a sua terra-pátria dos bárbaros. Assim que compreendesse isso, não tardaria ela a abandonar aquele seu frívolo fascínio por Zaras.

Entretanto, porém, teria eu de manter esse valeroso jovem confinado à Real Casa da Moeda, e dar-lhe muito poucas, ou nenhuma, oportunidades de atravessar o rio, para não andar como um cão a farejar o harém real com todo o sentido virado para uma certa fêmea com cio.

Até que isso acontecesse, o Faraó e todos nós, os membros do Conselho Real, havíamos seguido com a maior atenção a escalada do conflito entre o Supremo Rei Minos e Gorrab, o Rei dos Hicsos. Havíamos feito tudo o que estivera ao nosso alcance para intensificar essas hostilidades entre ambas as partes, infelizmente, sem grande sucesso, pois Creta ficava muito distante de nós e não tínhamos contacto algum com o seu governante.

Enquanto aguardava pelo melhor momento para pôr em prática o meu plano relativamente a Tehuti e Bekatha, aproveitei para ficar a saber tudo o que podia acerca de Creta e do Supremo Rei Minos. A este propósito, Amythaon e a filha, Loxias, forneceram-me informação de um valor incalculável sobre aquela ilha e cidade-estado, a sua história e população, os seus recursos, e, mais importante ainda, os seus governantes.

É deliberadamente que aqui uso «governantes» no plural, pois parece que Creta tem quatro reis. O Supremo Rei Minos, como o

próprio título indica, domina sobre os outros três reis menores, que vivem em diferentes palácios, embora tenham uma ligação e acesso ao grande palácio de Cnossos por caminhos magnificamente pavimentados com lajes de mármore. No Egito, havíamos de nos referir a eles como sátrapas, ou governadores, mas não como reis.

Quando o questionei mais em pormenor, fiquei a saber que Amythaon havia nascido numa pequena povoação, situada a escassas três léguas das muralhas de Cnossos, a cidadela do Supremo Rei Minos. O seu pai havia sido um oficial do palácio, desse modo, em criança, assistira ele a muitos festivais e procissões em honra de Minos. Era ele a primeira pessoa com quem eu falava que havia visto de facto esse rei com os seus próprios olhos. De acordo com as suas palavras, Minos é uma figura majestosa e imponente, que aparece sempre em público com uma máscara com a forma da cabeça de um touro, toda feita de prata pura, pelo que jamais algum dos súbditos lhe viu o rosto.

— Ele é imortal — declarou Amythaon. — Reina desde a genitura da nação, que se perde na noite dos tempos.

Anuí com sapiência, porém, ocorreu-me que, se nenhum dos súbditos jamais lhe vira o rosto, como podiam eles saber que se tratava do mesmo homem que sempre reinara? Parecia-me ser bem possível que, quando o vigente Supremo Rei Minos morresse, o seu sucessor tivesse muito simplesmente de colocar aquela máscara de prata e dar continuidade ao reinado.

— Possui uma centena de esposas — prosseguiu Amythaon o relato, esperando ver-me impressionado. Fiz uma expressão de assombro. — O Supremo Rei Minos recebe esposas de todos os outros reis das cidades-estado espalhadas pelas ilhas que pintalgam o mar Egeu. Quatro vezes por ano, nos festivais que marcam a mudança das estações, elas são-lhe enviadas sob a forma de tributo.

— Quantos reis vassallos tem o Supremo Rei Minos, Amythaon?

— Ele é um monarca poderoso. Ao todo, são eles vinte e seis reis vassallos, meu senhor — respondeu-me —, incluindo os três da própria ilha de Creta.

— Quantas esposas lhe enviam eles?

— Todos os anos, cada rei vassalo lhe envia sete esposas.

— Isso dá-lhe portanto um acréscimo anual de cento e oitenta e duas esposas. Concordas com estes meus cálculos, Amythaon? — Fiquei a vê-lo contar pelos dedos até, por fim, anuir com aceno de cabeça.

— Assim é, meu senhor.

— Consegues, então, explicar-me como é possível o número das suas esposas se manter em cem, como começaste por afirmar?

— Ao certo, não sei, senhor. Foi isso o que o meu pai comentou comigo quando eu ainda era criança — respondeu, parecendo perplexo, pelo que lhe fiz outra pergunta para o aliviar do embaraço.

Amythaon foi-me ainda de maior préstimo ao fazer a descrição da topografia da ilha de Creta, bem como da população. Eu havia guardado daquela ilha alguns mapas, supostamente fidedignos, contudo, todos diferiam muito entre si. Amythaon estudou-os comigo, corrigindo-os sem descanso, na substância e nos pormenores, e acabando por consolidar toda essa informação num único mapa principal por si garantido como perfeito. Nesse mapa, apareciam todas as cidades e vilas, portos e ancoradouros, estradas e caminhos de passagem que atravessavam as cordilheiras cretenses.

Graças às suas ligações familiares, Amythaon pôde fornecer-me ainda números fidedignos relativos à armada e ao exército minoicos.

Era substantivo o número de soldados rasos. Todavia, esses homens eram na sua larga maioria recrutados entre mercenários das outras ilhas helénicas ou entre os Medos e os Arianos da Ásia Oriental. Devido à natureza acidentada da própria ilha de Creta, disse-me ele que os Minoicos possuíam relativamente poucas quadrigas, quando o seu número era comparado com o dos exércitos hicsos ou mesmo com o do nosso Faraó.

Segundo parecia, o Supremo Rei Minos compensava esta inferioridade numérica com o grande poderio da força naval, que suplantava em muito qualquer outra força do mar Interior. Amythaon mostrou-se em condições de me fornecer uma estimativa do número e do tipo de navios que compreendia. Todavia, os números por ele avançados eram em tão grande escala que depressa percebi serem

eles exagerados, embora pensasse que, se eu estivesse enganado e os seus números certos, o Supremo Rei Minos era, na verdade, um homem francamente poderoso.

Armado de toda esta informação, considerei ser chegado o momento de nós, Egípcios, intercedermos muito ativamente a favor de Creta na guerra entre os Minoicos e os Hicsos, ao mesmo tempo que com isso poderíamos levar por diante o decisivo e derradeiro alento que nos faltava para finalmente derrotarmos os bárbaros Hicsos e os escorraçarmos da nossa terra-pátria.

Aton e eu reunimos toda a informação e os dados secretos que havíamos recebido dos nossos agentes, tendo ele ficado impressionado com a magnitude da pesquisa por mim feita e reunida, bem maior do que aquela que ele próprio conseguira juntar, sem que vez alguma eu tivesse depreciado os seus esforços.

Após um longo debate, pusemo-nos de acordo quanto ao plano mais exequível, que compreendia o início da nossa abertura direta e amistosa para com os Minoicos, bem como o nosso empenho no estabelecimento de uma aliança com eles, por forma a transformarmos as nossas duas nações na potência dominante à face da Terra; um poder que os Hicsos nunca poderiam ter esperança sequer de desafiar.

Foi então que, no meio do meu entusiasmo, cometi um erro quando disse a Aton:

— Lembro-me de, na época anterior à incursão dos Hicsos no Egito, mantermos sempre com Creta contactos diplomáticos ténues, mas mutuamente vantajosos. Todavia, a invasão do Alto Egito pelos Hicsos isolou a porção sul do nosso país, o que inviabilizou quase por completo a continuação dos nossos contactos com Creta. Os nossos dois países seguiram caminhos diferentes, separados pela fatia que os Hicsos interpuseram entre nós.

Aton escutou-me com uma expressão de assombro a despontar devagar das feições rechonchudas. Ao fazer uma pausa para escutar a sua resposta, vi como me olhava fixamente em silêncio, a ponto de me ver obrigado a insistir para que falasse.

— Qual é, então, a tua opinião, Aton? Não te parece apelativo este meu plano?

Sem responder ao que lhe perguntava, retomou abruptamente o que eu começara por dizer.

— Ter-te-ei ouvido corretamente, Taita? Disseste que, na verdade, te lembras da época anterior à invasão dos Hicsos da nossa terra-pátria?

De habitual, mostro-me extremamente relutante quanto à revelação da minha idade. Mesmo aqueles que, como Aton, me conhecem bem, consideram-me várias décadas mais novo do que realmente sou. Se lhes dissesse a minha verdadeira idade, pensariam, no mínimo, que sou louco, ou, no máximo, mentiroso. A invasão dos Hicsos ocorreu há quase noventa anos, e, sim, lembro-me muito bem dela. Agora, porém, tinha de emendar o erro.

Desvalorizei o impacto da pergunta com um risinho.

— Expresso-me de modo desadequado. O que queria eu dizer era: de tudo o que li e ouvi relacionado com a época anterior à invasão dos Hicsos, quando o Egito mantinha relações amistosas com Creta. — Após estas palavras, apressei-me a continuar: — Se vamos tentar reatar essas mesmas relações amistosas e dar início a um outro tratado de defesa mútua entre os nossos dois países, será extremamente difícil fazê-lo de uma maneira tão direta, não te parece, Aton?

Não respondeu de imediato. Continuava com aquela mesma expressão de estranheza gravada no semblante, e vi o seu olhar descer hesitante do meu pescoço para as minhas mãos, que repousavam sobre a secretária de madeira de cedro que tinha à minha frente. Aton sabe, tão bem quanto eu, que os estragos causados pela passagem do tempo são sempre mais visíveis nessas partes do corpo humano. Não obstante, eu sou uma exceção, dado que a pele que cobre todo o meu corpo é lisa e imaculada como a de um rapaz a quem não tenha crescido ainda um único pelo no queixo. Aton não conseguiu achar nenhuma das provas que procurava nessas minhas zonas e que atestavam a minha verdadeira idade. Desse modo, limitou-se a anuir, pensativo, e tornou a dirigir a atenção para o assunto por mim abordado.

— Evidentemente que é bem verdade o que dizes sobre a situação atual, Taita. Seria praticamente impossível estabelecermos um contacto direto com o Rei Minos. Identificaste o problema de modo correto, mas agora, diz-me, qual julgas tu ser a solução? — Aton amenizou o desafio com um tom de voz brando.

— Estou certo de que saberás que o Supremo Rei Minos mantém uma missão diplomática na corte do Rei Nimrod da Acádia e Suméria, na cidade-capital da Babilónia.

— E certo estás! — confirmou Aton. — Porém, ainda que enviássemos um emissário nosso à Babilónia para estabelecer contactos com o embaixador cretense, implicaria isso empreendermos uma viagem bem mais difícil do que a que fizeste para atacar o forte de Tamiat.

— Assim seria, Aton, deparar-nos-íamos quase com o dobro da distância e seria decididamente um feito bem mais perigoso e incerto. Teria esse nosso emissário de viajar para Oriente até às costas do mar Vermelho, após o que teria de atravessar não só esse mar, mas também o vasto e hostil deserto arábico, que se estende para lá dele. Esse é um território abandonado por todos os deuses benevolentes e habitado apenas por tribos beduínas hostis e por todo o género de malfeitores e párias sanguinários, constantemente foragidos à justiça. De Tebas à Babilónia, a distância conta-se bem para cima das mil e quinhentas léguas, e os percalços também não se ficariam por aí.

— Porque não, Taita? Julguei que estávamos de acordo quanto à presença de um embaixador do Rei Minos na Babilónia.

— De facto, assim é, todavia, esse embaixador não teria nem a capacidade, nem a autoridade, para negociar uma aliança entre Creta e o Egito. Ver-se-ia na obrigação de enviar o nosso emissário a Creta, à corte do Supremo Rei Minos, com uma missiva sua. O nosso homem ver-se-ia forçado a achar um navio no porto de Tiro, ou no de Sídón, no extremo mais oriental do mar Interior. Depois de acordar uma passagem com o capitão do navio, teria de navegar com ele metade da extensão do mar Interior, escapando às tempestades invernosas, à investida dos piratas e às galés de

guerra dos Hicsos até chegar à presença do Supremo Rei Minos, na cidadela de Cnossos, na ilha de Creta.

— Quanto tempo crês tu que demoraria essa viagem a ser feita, Taita?

— Talvez demorasse um ano, se fosse bafejado pela sorte e se os deuses lhe concedessem os seus favores. Porém, se isso não acontecesse, demoraria duas vezes mais esse tempo.

— Em dois anos, muita coisa pode mudar — lembrou-me Aton.

— Mais uma vez, os percalços também não se ficariam por aí — ressalvei —, porque, depois de o Supremo Rei Minos estudar a missiva do Faraó e a discutir com o Conselho, a sua resposta teria ainda de aqui chegar a Tebas, seguindo a mesma rota. A viagem de regresso poderia demorar tanto tempo como três ou quatro anos.

— Não! — exclamou Aton, terminantemente. — Não nos podemos permitir esperar todo esse tempo. O Rei Gorrab poderia estar já em Tebas por essa altura com cem mil dos seus rufiões assassinos. Tem de haver outra solução.

— Estou convencido de que tens razão, meu caro Aton. O que tens tu em mente? — perguntei-lhe, passando o problema para as suas mãos. Por vezes, até a minha paciência é posta à prova por este esmiuçar das ideias a que tenho de me votar para o cabal esclarecimento dos que me rodeiam, como se fossem meus filhos.

— Não tive ocasião de refletir sobre o problema como tu fizeste. Talvez tenhas chegado a algum tipo de solução? — quis ele saber com um sorriso insinuante, e, claro que eu condescendi. Dou comigo muitas vezes a pensar que sou demasiado indulgente para com os que não são tão perspicazes quanto eu. Só o grande Hórus sabe quão pouco reconhecimento recebo por isso.

— E se a um embaixador egípcio, designado pelo Faraó, fosse concedida uma escolta poderosa para que ele pudesse viajar depressa e em segurança, cruzando o mar Vermelho e o deserto que se estende para lá do mesmo, sem ter de temer os bandidos nem os Beduínos? E se a esse embaixador fosse entregue prata suficiente para, em Tiro, fretar uma embarcação suficientemente grande e veloz para eludir ou sair vencedor de qualquer confronto com piratas ou com as galés de guerra hicsas?

— Ah! — exclamou Aton, com os olhos a brilhar.

— E se esse magnífico navio se dirigisse diretamente para Cnossos, em Creta? E se esse embaixador levasse oferendas que fossem muito cobiçadas e valorizadas pelo Supremo Rei Minos? — inquiri-o, inclinando a cabeça para o lado e olhando-o de soslaio, ciente do que dizia. — Fazes alguma ideia das oferendas que o Rei Minos deveria achar mais satisfatórias?

— Creio bem que sim, meu velho amigo — anuiu Aton, com uma gargalhada. — Se tudo o que tenho ouvido for verdade, o Rei Minos tem um pesado par de testículos que faz por compensar muito mais bastas vezes do que as que tu e eu somos privados. Tem um apetite insaciável por aquelas coisas a que nós os dois não reservamos particular cuidado.

Acompanhei zelosamente as suas gargalhadas, ainda que não ache particularmente divertida a minha condicionante física.

— Mas, diz-me, Taita, o que ganharíamos nós com tudo isso? Como nos ajudaria isso a coordenar a ofensiva contra as legiões do Rei Gorrab? O comandante do exército egípcio continuaria a ter de responder perante o Faraó, em Tebas, e todas as suas ordens teriam de ser comunicadas, passando além de todas essas longas distâncias de que tu e eu já discutimos e cuja existência lamentamos.

— Uma vez mais, tornaste a pôr o dedo na ferida — elogiei-o. — Contudo, também pensei um pouco nesse pormenor. Se o embaixador do Faraó ostentasse o real selo do falcão, poderia tomar decisões em plena batalha de modo concertado com o Rei Minos e os seus altos dignitários, instalados em Creta, sem incorrer nesses retardamentos tão prolongados. Muitas vezes, é com uma reação rápida, propiciadora da alteração das circunstâncias, que se consegue vencer batalhas.

Aton abanou a cabeça com tamanha veemência que as bochechas bateram como as asas de um pelicano.

— Nunca! Jamais o Faraó entregaria o comando dos exércitos, ou a condução de uma guerra, a alguém em quem não tivesse plena confiança.

— Pois quê, Aton! Crês que não há no Egito ninguém em quem o Faraó Tamose confie sem reservas?

— Assim é, creio que não... — começou por dizer, porém, interrompeu-se e fitou-me cheio de indignação. — Tu, Taita? Decerto não estarás a insinuar que te seja confiado o comando absoluto da ala norte do exército egípcio sob o selo do falcão! Nem soldado és, Taita! O que sabes tu acerca da arte da guerra?

— Se não leste os meus rolos de pergaminho intitulados «A Arte da Guerra», diz-me que direito tens tu de me julgar por conta desse assunto. Todos os aspirantes à academia militar são instruídos e aprendem por esse meu tratado, tornado autoridade máxima sobre o tema.

— Reconheço nunca os ter lido, posto os teus famosos rolos de pergaminho serem de tão grande fôlego e os assuntos sobre os quais versam não despertarem o meu interesse de um modo particular, dado ser muito pouco provável que alguma vez venha eu a comandar uma legião — confessou Aton. — Não obstante, o que queria eu dizer era que esse rabiscar em rolos de pergaminho não é o mesmo que tomar decisões no fragor da batalha. Que conhecimentos prontos e de ordem prática possuis tu para poderes seguir aos comandos de um exército?

— Meu pobre Aton, conheces tão pouco acerca de mim — disse-lhe, tornando compassivo o tom da minha voz. — Antes de abandonarmos de vez este assunto, deixa-me que te diga apenas que fui eu quem concebeu as primeiras quadrigas para o nosso exército, tal como fui eu quem conduziu a quadriga que levou o Faraó Tamose para o campo de batalha de Tebas. O Faraó confiou em mim para o aconselhar em prontas decisões no fragor da batalha. Foi de tal modo relevante a minha participação no campo dessa batalha que, depois de sairmos vitoriosos, o Faraó me agraciou com as medalhas de ouro da Valia Militar e do Louvor. Desse dia em diante, o Faraó confia em mim toda a sua vida, porquanto poderá tornar a decidir fazê-lo.

— Não sabia nada disso, Taita. Peço-te que me desculpes a minha presunção, velho amigo. És um homem de grande valia em bastas coisas.

Creio ser necessário, uma vez por outra, relembrar a Aton o seu lugar e deixar tudo bem esclarecido. Considerava, todavia, de extrema utilidade a sua ajuda na elaboração da apresentação que estava a preparar para o Faraó Tamose com respeito à missão a Creta. Quando lhe é indicada a direção correta, Aton demonstra ter uma sagacidade apurada para os pormenores.

O Faraó não era tão lesto como Aton a menosprezar as minhas capacidades, em especial, devido ao sucesso de que eu gozara tão recentemente na fortaleza de Tamiat, porquanto se mostrou favoravelmente disposto a dedicar toda a sua atenção e consideração aos meus planos de restabelecimento dos contactos com o Rei Minos. Durante dois dias inteiros, estive eu sentado comigo a analisar com cuidado todos os pormenores, buscando qualquer falha na elaboração do meu plano ou um qualquer prisma que pudesse ter-me escapado. No termo desse processo, limitou-se a reconhecer o meu trabalho, dizendo:

— Não vejo falha alguma no teu plano, Tata. Não obstante, é possível que o Senhor Kratas e o Estado-Maior tenham alguma objeção a fazer.

Na presença do Faraó e de todo o Conselho, expus o meu plano ao Senhor Kratas, após o que se levantou de um salto e caminhou com sonoras passadas por toda a câmara do Conselho cada vez mais irritado pelo ultraje que lhe causavam as minhas palavras. Brandiu um dedo debaixo do meu nariz e deu dois murros na mesa do Conselho com aqueles punhos enormes e peludos, ao mesmo tempo que berrava a todos os deuses, benignos e malignos, as suas preocupações e premonições de desastre. No fundo, Kratas é um rufião e tem os modos de um imbecil. É, todavia, um magnífico guerreiro, se não mesmo um dos maiores.

Aguardei até que estivesse rouco, depois de ter gritado todas as juras, palavrões e maldições no seu palavreado excessivo e começasse a tragar o ar de boca aberta sem dizer mais nada, como um peixe acabado de ser retirado do rio, tudo isto antes de interpor eu num tom de voz sereno e razoável:

— Há uma coisa que me esqueci de referir, meu senhor. Terei de levar comigo para Creta Hui e Remrem, pelo que estou certo de que, entre os vossos homens, conseguireis encontrar substitutos à sua altura.

Horrorizado, Kratas fitou-me em silêncio, depois, desatou a rir à gargalhada. O seu riso começou por ser um risinho renitente e sufocado até crescer em volume e encher toda a câmara de modo mais contundente do que os seus impropérios haviam feito pouco antes. As pernas pareciam ceder perante todo aquele júbilo, a ponto de nem conseguirem suportar o seu enorme peso, pelo que recuou aos cambaleios e deixou-se cair com estrondo sobre a cadeira, especialmente concebida para resistir ao seu peso e volume e que era transportada para onde quer que ele fosse. Agora, porém, as juntas guinchavam, protestando contra a sua opulenta massa, e as pernas entortaram-se a ponto de quase se partirem.

Kratas parou de rir tão de repente como começara por fazê-lo, e, levantando o fundo da túnica com as duas mãos para limpar do rosto as lágrimas provocadas pelo riso, deixou a descoberto toda a sua abundante virilidade. Em seguida, depois de deixar cair as vestes em volta dos joelhos, dirigiu-se ao Faraó no seu tom de voz habitual:

— Majestade, se ponderarmos com toda a serenidade, o plano de Taita parece mesmo ter algum mérito. Só a ele teria ocorrido semelhante ideia, e apenas ele teria tomates para vir expô-la perante este Conselho. — E, com estas palavras, segurou na própria testa num gesto de dissimulado arrependimento. — Peço-vos desculpa, senhores, creio ter escolhido uma metáfora inconveniente — disse com seriedade, embora em seguida se tivesse desmanchado a rir outra vez.

— Significa isso, então, que Hui e Remrem poderão acompanhar-me a Creta? — consegui perguntar-lhe com o semblante neutro, apesar da sua infeliz alusão ao que eu tinha em falta.

— Levai-os convosco, Taita. As vossas aspirações à glória marcial merecem ser recompensadas. Com a minha bênção, levais dois dos meus melhores homens, pois pode ser que consigam

salvar-vos de vós mesmo, com ou sem tomates, embora eu tenha sérias dúvidas de que alguém consiga fazê-lo.

Os preparativos para a viagem à Babilónia demoraram quase dois meses a ficar concluídos.

A minha maior preocupação prendia-se com a segurança e a comodidade das princesas e do respetivo séquito, constituído por oitenta e três escravos e serviçais, que atenderiam às suas necessidades mais imediatas, além de cozinheiros, ajudantes de cozinha, aias, amas de guarda-roupa, prestadores de cuidados de beleza, cabeleireiros, massagistas, músicos e outros animadores. Além disso, as minhas meninas haviam insistido em levar consigo também uma adivinha e três sacerdotisas de Hathor, a deusa da alegria, do amor e da maternidade, para se ocuparem das suas necessidades espirituais. Sem nenhum capricho lhes negar, o irmão mais velho satisfez-lhes assim todas essas extravagâncias, contra os meus melhores conselhos.

Os cofres do Tesouro do Faraó estavam repletos com o tesouro e ele pôs a circular sem quaisquer limites as moedas de prata cunhadas. Passados tantos anos de parcimónia forçada no reino, creio que, mais do que as irmãs, ele apreciava agora esta indómita extravagância.

Assim encorajadas, as minhas meninas acharam que também precisariam de tratadores para toda a inúmera diversidade de gatos domésticos, macacos e pássaros, cães de caça e falcões que levariam consigo, além ainda dos tratadores e dos moços de estrebaria necessários para cuidar dos vinte cavalos por elas escolhidos das cavaliças reais.

Considerava eu essencial as minhas meninas apresentarem-se soberbamente vestidas e mostrarem-se no seu melhor, enquanto estivéssemos em Creta, sob o escrutínio do Supremo Rei Minos e da sua corte. O Faraó concordou comigo, desse modo, as melhores costureiras do Egito foram postas a cortar e a coser o deslumbrante guarda-roupa por mim mesmo concebido para cada uma das nossas princesas.

As minhas meninas percorreram comigo as lojas dos *souqs*, os tradicionais mercados, de Tebas até termos várias arcas grandes bem cheias de joalharia deslumbrante, o melhor da riqueza e da insigne importância do nosso reino com que poderíamos impressionar e encantar o Rei Minos e os seus ministros. Uma semana antes da esperada partida de Tebas, Tehuti e Bekatha ataviaram-se com todos aqueles fatos e adornos de gala e desfilaram perante mim e o Faraó para que as admirássemos e dêssemos a nossa abonação. Fiquei satisfeito por saber que homem algum, fosse rei ou plebeu, conseguiria resistir à beleza de ambas.

Por aquela altura, as duas meninas quase se entregavam à histeria da excitação, tanto pelos preparativos quanto pelas descrições que Loxias lhes havia feito da ilha de Creta. Nunca nenhuma delas vira o mar, e, menos ainda, navegara nele, tal como nunca tinham visto grandes montanhas, nem bosques densos de árvores altas. Também nunca haviam visto montanhas a jorrar fumo e fogo, por isso, a maior parte das noites obrigavam-nos, a mim e a Loxias, a manter-nos acordados até tarde para respondermos às suas perguntas e solicitações de uma nova descrição detalhada dessas maravilhas.

Nos últimos dias antes da partida, a Real Casa da Moeda, instalada na margem poente do rio, trabalhou dia e noite na conversão de cem dos maiores lingotes cretenses em peças menores de *mem* de prata, que cobririam as despesas da viagem e o nosso sustento, enquanto estivéssemos em Creta, bem como nas outras terras distantes, que havíamos de visitar pelo caminho.

Dois batalhões da guarda montada do Crocodilo Azul constituiriam a escolta militar que acompanharia a nossa caravana pela longínqua Babilónia, a formação de maior reputação do nosso exército egípcio. O Faraó mandara todos os homens engalanar-se com a armadura completa, pouco tempo antes criada, constituída por um elmo emplumado, couraça e grevas, transportando os soldados arcos de guerra recurvos, lanças, espadas e escudos. O custo de produção de todo este armamento e armaduras passara

além das 2 mil *deben* de prata, não obstante, todo o seu magnífico aparato deixaria deslumbrados todos quantos os vissem.

— É um preço de pouca monta que teremos de pagar pela sobrevivência do nosso bem-amado Egito — afirmei, encolhendo os ombros quando lhe fiz saber o seu custo.

— De nada vale vires queixar-te agora. Foi tudo ideia tua, Tata. — E assim, diante dele, fiquei sem argumentos.

Os preparativos para a viagem corriam com tamanha amenidade que eu devia ter calculado que as coisas não continuariam desse modo até ao fim, em especial se a Princesa Tehuti se mantivesse tão profundamente envolvida nos mesmos como fizera questão de estar.

Planeara eu sair de Tebas no último dia do mês de Epifi, esse que sempre fora para mim um mês afortunado. Todavia, quando apresentei à minha adivinha predileta um vaso com uma amostra das minhas fezes, acabadas de defecar, para que realizasse o serviço de adivinhação que lhe pedira, advertiu-me, depois de as inspecionar, de que a data por mim escolhida não era auspiciosa, devendo, pois, evitá-la a todo o custo.

Aconselhou-me ela que adiasse o início da viagem para o primeiro dia do mês de Mesore. Sempre considerara confiáveis todos os seus presságios, mas foi com uma certa relutância que aceitei o conselho e pus a circular um aviso com o adiamento da partida, dirigido a todos quantos iriam acompanhar a caravana, entre os quais, bem-entendido, as minhas duas princesas.

Menos de uma hora passada, irromperam ambas numa fúria pelos meus aposentos do palácio, sem convite algum, nem aviso prévio. Era Tehuti quem liderava a ofensiva, mas, como de costume, Bekatha dava mostras de todo o seu apoio à irmã mais velha, cobrindo, resoluta, a sua retaguarda.

— Oh, prometeste, Tata! Como podes tu ser tão cruel a ponto de estragares assim o nosso contentamento, Tata? Há tanto tempo que esperamos ansiosas pelo início desta viagem. Será que já não nos amas?

Não sou um homem fraco; a maior parte das vezes, consigo exercer a minha vontade férrea, porém, não sou capaz de fazê-lo contra as minhas princesas. Quando atacam de modo concertado, não há homem algum que se atreva a contrariá-las, nem mesmo eu.

Bem cedo, ao raiar do novo dia, atravessei o Nilo, e, montado no meu cavalo, segui ao longo do canal até à Real Casa da Moeda para aí avisar Zaras da nova data da partida, como me fora pedido pelas nossas princesas, e ainda para me certificar de que, antes de partirmos, Zaras entregava os últimos dez sacos de moedas de prata *mem* nos depósitos reais do palácio.

No total, em prata, levaríamos connosco para cima de 10 *lakhs*, uma quantidade suficiente para podermos construir uma frota de navios de guerra e pagar a um exército inteiro de mercenários. Ainda tinha alguma relutância em ignorar o conselho da minha adivinha e pôr em perigo tamanho tesouro.

Ao entrar na Real Casa da Moeda, encontrei-a tão quente e ruidosa como uma ferraria. As chamas das forjas crepitavam e rugiam e a zoeira dos malhos aturdiu-me e punha-me os ouvidos dormentes.

Vi Zaras no outro extremo da oficina. Com o tronco despido da túnica, elevava agora um malho de bronze bem acima da cabeça, com os músculos dos braços a brilhar do suor, que também lhe escorria pelas faces e acabava a pingar-lhe do queixo. Era mesmo típico daquele rapaz não descansar um pouco que fosse, enquanto houvesse trabalho para fazer, e, apesar da sua categoria militar elevada, lançara-se sem descanso ao trabalho braçal menor de cunhagem das moedas.

Foi muito agradável que fiquei a observá-lo. Não o via há algumas semanas e quase me esquecera do quanto começara a gostar dele no decurso da expedição a Tamiat que havíamos partilhado. Cheguei mesmo a sentir uma forte pontada de remorso por não o ter à minha direita na longa viagem que havia de nos levar à Babilónia e a Cnossos.

Zaras deve ter pressentido nele o meu olhar, pois ergueu os olhos e viu-me. Com um golpe seco e um estrondo, atirou o malho para o

chão de pedra, e, com as mãos nas ancas e os cotovelos afastados, mostrou-me um sorriso largo por entre o fumo e os gases da forja.

Apesar da nossa amizade, fiquei surpreendido com o entusiasmo do seu acolhimento quando se aproximou de mim em passadas largas.

— Julguei que vos tínheis esquecido de mim e me havíeis deixado para aqui a apodrecer, embora saiba que seríeis incapaz de o fazer. Um homem como vós nunca abandona um amigo. Já poli a armadura e afiei a espada. Estou pronto para vos acompanhar, mal receba essa ordem de marcha.

Fiquei perplexo e tive mesmo de me valer de todo o controlo sobre mim próprio e temperança para não deixar escapar a minha recusa, nem para, noutros termos quaisquer mais grosseiros, dar mostras da minha confusão.

— De ti não esperava nada menos do que isso — disse-lhe na esperança de o meu sorriso ser convincente. — Mas como soubeste tu... — prossegui, deixando a minha voz esmorecer antes de lhe comunicar que não fazia a menor ideia daquilo a que estava a referir-se.

— Nesta mesma manhã, uma ordenança do Conselho de Guerra trouxe-me uma ordem. Mas evidentemente que eu sabia que havíeis de me chamar. — E, com estas palavras, tornou a rir, lembrando-me como aquele som era agradável e desobrigado. — Nenhum outro amigo meu ocupa um cargo tão elevado.

— Com que selo vinha essa ordem, Zaras?

— Hesito em saber se devo pronunciar o seu nome em voz alta, mas... — interrompeu-se e lançou um olhar rápido em redor em jeito de grande confiança, antes de pegar na bolsa que trazia à cintura, e, com o máximo cuidado e profundo respeito, retirar do interior um pequeno rolo de papiro e mo entregar.

Sobressaltei-me ao reconhecer a estampa real que selava o papiro.

— O Faraó? — Fiquei por demais surpreendido ao perceber como o Faraó interviera pessoalmente num assunto tão trivial.

— Assim é — anuiu, observando-me solenemente, enquanto eu desenrolava o papiro e lia a ordem contundente e explícita.

Ponha-se de imediato sob o comando direto do Senhor Taita. Ele lhe dará novas ordens às quais deverá obedecer incondicionalmente, ainda que arriscando a própria vida.

— Aonde vamos nós, Taita? — quis saber Zaras, baixando o tom de voz até soar apenas um sussurro impaciente. — E o que vamos nós fazer quando lá chegarmos? Estou bem certo de que nos defrontaremos numa dura batalha, não é assim?

— Responderei a essa tua pergunta quando for chegado o momento mais propício para o fazer. Por enquanto, não posso dizer-te mais nada — declarei, abanando a cabeça com severidade. — Mantém-te, todavia, nessa prontidão.

Dirigiu-me uma saudação com o punho cerrado, porém, ainda que tivesse conseguido retirar do semblante aquele sorriso rasgado, continuava com os olhos a brilhar.

Tratei do modo mais rápido da questão da cunhagem das moedas, razão que ali me levava a encontrar-me com ele, após o que me apressei a voltar ao palácio. Queria desesperadamente falar com o Faraó e levá-lo a revogar a ordem que dera a Zaras; todavia, nem mesmo eu podia irromper por ali dentro e chegar à presença real sem ser anunciado, nem convidado a fazê-lo. Existe um protocolo real muito estrito que deve ser observado por quem solicitar uma audiência.

Dirigi-me de imediato à antecâmara dos aposentos realengos, onde várias dezenas de escribas reais, sentados no chão de pernas cruzadas diante dos respectivos cavaletes de escrita, redigiam afanosamente as missivas e as ordens que lhes haviam sido incumbidas. De pronto, o escriba principal me reconheceu e se apressou a vir ao meu encontro, não obstante, foi incapaz de me ajudar.

— O Faraó saiu do palácio antes mesmo de amanhecer e não comunicou a ninguém para quando poderíamos aguardar o seu regresso. Sei bem que havia de querer falar convosco, se aqui estivesse. Não quereis aguardar o seu regresso, Senhor Taita?

Preparava-me para recusar a sugestão quando, de repente, ouvi a inconfundível entoação faraónica a retumbar pelos corredores do poder. O Faraó entrou na antecâmara em passadas largas, seguido

por um enxame de oficiais e dignitários. Mal me viu, fez um desvio rápido e pousou pesadamente uma mão sobre o meu ombro.

— Ainda bem que estás aqui. Tornaste a antecipar-te aos meus desejos, Tata. Preparava-me para te mandar chamar. Acompanha-me. — Sem retirar a mão ainda pousada no meu ombro, conduziu-me aos seus aposentos privados e introduziu-me de imediato numa profunda discussão sobre uma série de assuntos complexos. Em seguida, dispensou-me com o mesmo repente e brusquidão com que me recebera e dirigiu a atenção para os rolos de pergaminho que estavam espalhados por cima da mesa baixa que tinha à sua frente.

— Peço-vos que me concedeis um pouco mais do vosso tempo, Mem. — Perante estas palavras, ele levantou a cabeça e olhou-me desconfiado e inquisitivo. — Em relação ao assunto do Capitão Zaras e das suas ordens...

— De quem? — O Faraó parecia algo confundido. — Que ordens?

— O Zaras. O Capitão Zaras que me acompanhou a Tamiat.

— Ah, esse! — respondeu. — Sim, queres que ele também te acompanhe na missão a Creta. Não percebo é por que razão precisavas tu da minha autorização para fazeres essa nomeação, nem por que motivo não falaste diretamente comigo, se achavas que era tão importante proceder desse modo. Não me parece nada teu pedires à minha irmã para interceder por ti. — Dito isto, tornou a baixar a cabeça para os rolos de pergaminho. — Seja como for, agora já está feito e espero que estejas satisfeito com o resultado, Tata.

Naturalmente que tivera as minhas suspeitas em relação ao que estava subjacente a todo aquele assunto, porém, havia subestimado o descaramento e a desonestidade da minha princesa. Era a primeira vez que interferia ela deste modo tão direto no funcionamento da cadeia do comando militar, porquanto, deparava-me agora com a necessidade de tomar uma decisão imediata: capitular cobardemente ou ver-me forçado a entrar em confronto com a minha Princesa Tehuti, que nunca demonstrara a mais pequena hesitação em empregar todo o seu superior poderio real,

bem como quaisquer outros subterfúgios, por forma a conseguir o que queria. Fiz uma vénia.

— Sois magnânimo, Real Egito, e estou-vos reconhecido por isso — declarei, aceitando o inevitável.

Quando todos os preparativos ficaram concluídos e a caravana pronta para partirmos de Tebas, pedi ao Senhor Aton que pusesse no ar um pombo-correio, cujo ovo tivesse sido chocado no pombal que estava à guarda do embaixador egípcio na Babilónia e cujo ninho o pombo conhecesse bem. Na missiva transportada pelo mesmo pássaro, pedia eu ao nosso embaixador que informasse o Rei Nimrod da Acádia e Suméria de que as princesas reais seguiam para a capital em missão diplomática e que o Faraó Tamose lhe ficaria extremamente grato se Sua Majestade o Rei Nimrod preparasse as cordiais e extensas boas-vindas às mesmas senhoras da nossa realeza.

Quatro dias volvidos, chegou outro pombo-correio ao nosso pombal real de Tebas, proveniente da Babilónia e trazendo uma missiva do Rei Nimrod, enviada pelo nosso embaixador egípcio estabelecido naquela mesma cidade.

O rei reafirmava o seu empenho pessoal no estabelecimento de uma aliança entre as duas nações e expressava grande satisfação em poder acolher as senhoras da nossa realeza no seu palácio, cuja hospitalidade durante toda aquela longa visita ele esperava que fosse do pleno agrado de ambas.

Mal recebemos essa missiva, pus Zaras na dianteira da caravana real com uma forte escolta militar com o intuito de desimpedirem o caminho por onde passasse a dita caravana real e que nos levaria de Tebas à zona costeira mais próxima do mar Vermelho. Em jeito de desculpa, pedi-lhe para se certificar da inexistência de salteadores e criminosos menores, capazes de armar emboscadas pelo caminho, embora a verdadeira razão que me assistia fosse para o manter bem afastado do alcance da minha querida Tehuti.

Não sei ao certo como Tehuti teve conhecimento da minha tentativa para a iludir, mas ela tem espiões espalhados por todo o lado, além de o harém real ser um ninho de intrigas e rumores.

Nessa mesma manhã, dera eu ordens a Zaras para que assumisse o comando da guarda dianteira, estando agora sentado no meu jardim, junto ao lago dos peixes, a desfrutar de um copo de vinho com o qual tenho o hábito de acolher a chegada da noite e de celebrar o dia que passou com todos os seus feitos e triunfos, bem como com os seus ocasionais falhanços. Ela aproximou-se de mim, tão silenciosa como uma sombra, e, tapando-me os olhos com as suas mãos frescas e sedosas, segredou ao meu ouvido:

— Adivinha quem é!

— Não faço a menor ideia de quem se trata, Vossa Alteza.

— Oh! Deves ter espreitado! — protestou, após o que deslizou o corpo para o meu colo. Envolvendo-me o pescoço com os braços, declarou: — Querido Tata, amo-te tanto que farei tudo o que me pedires. E tu, também farás tudo o que eu te pedir? — quis saber, enquanto me abraçava.

— Sem dúvida que farei, Vossa Alteza. Farei tudo o que não ponha em perigo a vossa segurança, nem vá contra os melhores interesses do nosso bem-amado Egito.

— Eu nunca te pediria nada que se parecesse com isso — atalhou, parecendo horrorizada com a minha insinuação. — Será, todavia, uma viagem muito longa a travessia daquele horrível deserto da Suméria e Acádia. Seguramente que eu e a minha irmã nos iremos aborrecer e ansiar por algum divertimento. Era maravilhoso se tivéssemos um bardo a cantar para nós e a recitar-nos os seus poemas.

— Foi por isso que pedistes ao Faraó Tamose, vosso irmão, para designar o Capitão Zaras para nos acompanhar na caravana que nos levará à Babilónia?

— O Capitão Zaras! — exclamou, com os olhos esbugalhados de surpresa. — Ele vem connosco? Mas isso é maravilhoso! Ele é um poeta dotado e tem uma voz encantadora. Sei que gostas dele. Durante o dia, podia acompanhar-nos, a Bekatha e a mim, e manter-nos entretidas.

— Antes de mais, o Capitão Zaras é um guerreiro, não um trovador errante. Já levamos connosco um grupo de competentes músicos, atores e atrizes, bobos, malabaristas, dançarinos,

acrobatas e animais domados, entre eles, um urso amestrado. O Zaras seguirá aos comandos da dianteira da caravana para desobstruir o nosso caminho e nos proteger a todos, em especial, a vós e à vossa irmã mais nova.

O sorriso insinuante desapareceu dos lábios de Tehuti. Depois de se afastar de mim e de me fitar com o olhar gélido, interpelou-me:

— Porque estás tu a ser tão mau para mim, Taita? — Naquele instante, passara a ser Taita, a firme advertência sobre a reprovação real. — Peço-te uma coisa tão singela.

— É esta a razão que me assiste, Vossa Alteza — comecei por dizer, pegando-lhe na mão direita e virando a palma para baixo para que ficasse bem visível o anel de diamantes, que ela não tirara do dedo desde que eu lho oferecera, exceto quando levava Zaras a procurá-lo e a entregar-lho.

Retirou a mão da minha com brusquidão e escondeu-a atrás das costas, deixando-nos ficar a olhar um para o outro em silêncio.

Ela própria definira os principais termos do nosso combate, ao mesmo tempo que desembainhava o punhal alegórico. Levantou-se e afastou-se de mim, movendo os lábios com graciosidade, sem, no entanto, olhar para trás nem proferir nenhuma outra palavra.

No primeiro dia do mês de Mesore, na dianteira da guarda avançada, Zaras chegou ao porto de Sagafa, instalado na margem mais próxima do mar Vermelho. De imediato, pôs no ar um pombo-correio com uma missiva dirigida a mim a dizer que encontrara uma flotilha de barças e barcos à vela pronta a fazer o transporte de toda a caravana, tendo sido com esta garantia que dei ordem de marcha.

Enquanto subíamos a escarpa do Nilo, o Faraó acompanhou-me na dianteira da caravana, e, chegados ao elevado cume, todos desmontámos.

As princesas vinham sentadas em banquetas acolchoadas, ocupando cada um dos lados do Faraó, e todos os conselheiros e oficiais mais velhos formavam um círculo em torno do trio real. Nesse momento, o Faraó chamou-me para a dianteira e à sua frente me ajoelhei. Levantando-se, dirigiu-se à assembleia.

— Invoco todos os meus bem-queridos e leais súbditos aqui reunidos para que sejais testemunhas das diligências que se seguem.

Todos, incluindo Tehuti e Bekatha, responderam, gritando «Salve, Faraó! Que a sua vontade seja honrada e a esta obedeçamos!

Entre as suas mãos, o Faraó elevou acima da cabeça a pequena estatueta de ouro de um falcão.

— É este o falcão do meu selo, do meu sinete e da minha insígnia. O seu portador falará com toda a minha autoridade, granjeada por direito divino. Que todos quantos o virem tomem em devida conta e boa consciência todo o meu poder e toda a minha ira.

Ainda ajoelhado, juntei e pus as mãos em concha, após o que o Faraó se inclinou sobre mim e depositou nelas o falcão do seu selo.

— Usa-o com sabedoria, Senhor Taita, e devolve-mo da próxima vez que nos encontrarmos.

— Escutar as vossas ordens é obedecer-lhes, Real Egito — gritei, numa voz sonora e nítida.

Em seguida, fez-me levantar e abraçou-me.

— Que Hórus e todos os deuses do Egito vigiem favoravelmente todos os teus feitos.

Virou-se e despediu-se das irmãs antes de montar o cavalo e de todo o séquito se reunir em seu redor. Tocou com as esporas no garanhão e desceu a escarpa a galope em direção às reluzentes muralhas de Tebas, erguidas nas margens do grande rio Nilo, depois de passar pela retaguarda da caravana, que subia a mesma escarpa em sentido contrário.

Os escravos esticaram um toldo de pelo de camelo entrançado para que nos sentássemos debaixo do mesmo e nos abrigássemos do sol escaldante e intenso. Ali sentados, vimos o Faraó e o respetivo séquito tremeluzir ao longe e desaparecer lá em baixo no vale. A caravana aproximou-se e começou a passar por nós.

Na dianteira, seguia um batalhão de Guardas dos Crocodilos Azuis, logo seguidos de cinquenta camelos e dos respetivos cameleiros árabes. Cada um destes desajeitados animais transportava quatro enormes sacos com água, dois de cada lado

dos dorsos corcundas. Teríamos de confiar neles para nos levarem a percorrer as longas extensões desérticas que separavam os poços e os oásis naquela vastidão escaldante da Arábia.

Atrás dos camelos e da preciosa água, seguia um segundo batalhão de Guardas dos Crocodilos Azuis, estrategicamente posicionado para guardar aquelas reservas de água, mas também com a possibilidade de recuar para proteger as princesas e o segmento mais vulnerável da caravana, caso fôssemos surpreendidos por inimigos.

Embora eu tivesse planeado a nossa viagem de modo que passássemos bem a sul e a leste da península do Sinai, que os Hicsos reclamavam como seu território, não corríamos risco algum de Gorrab vir a saber dos nossos planos e enviar um batalhão de quadrigas para nos interceptar.

A seguir à cerrada formação de guardas, vinham outros cinquenta daqueles camelos magricelas, movendo-se em passadas largas, que faziam o transporte das tendas, do mobiliário e da restante parafernália necessária para o acampamento, montado sempre que, ao longo do dia, parássemos para descansar.

Sucediam-nos a pé a caterva de seguidores, servos e escravos, que, por sua vez, tomavam a dianteira de outros vinte dromedários, aprestados para fazer o transporte dos pesados sacos das moedas de prata.

A retaguarda da caravana era constituída pelo terceiro batalhão de Guardas dos Crocodilos Azuis, pelos camelos e cavalos soltos, bem como pelos carros onde vinha toda a bagagem. Foi no momento em que chegaram ao sítio onde já descansávamos que dei ordem para montarem o acampamento no local exato onde estávamos sentados.

Após isso, avançámos até ocupar a nossa posição no centro da extensa e sinuosa procissão, que se alongava pelo deserto por quase uma légua. Esta pesada e lenta massa de homens e animais demorou dez dias inteiros a alcançar a costa oeste do mar Vermelho.

Saindo do porto de Sagafa, acompanhado pela guarda de honra, Zaras subiu o caminho a galope e veio ao encontro da caravana até chegar às representantes da nossa realeza, momento em que refreou o passo, saltou da montada e saudou as duas princesas.

Diante de Tehuti, pousou um joelho no chão e saudou-a com o punho cerrado, gesto ao qual ela respondeu com um sorriso jovial e caloroso.

— Capitão Zaras, muito me agrada ter-vos na nossa companhia em toda a restante viagem até à Babilónia. Recordo-me bem da vossa declamação sobre a tomada da fortaleza de Tamiat, depois do vosso regresso dessa missão com o Senhor Taita. Dar-me-ia grande satisfação ter-vos a jantar connosco esta noite e, a seguir, entreter-nos com outra declamação. Quanto à restante viagem, é meu desejo e minha determinação que abdiqueis do lugar que ocupais na dianteira desta caravana a favor de outro oficial e tomeis um lugar capaz de nos dar proteção direta, a mim e à minha irmã, a Princesa Bekatha.

Suspirei fundo e de modo assaz manifesto para que ela me ouvisse, porém, ignorou o meu protesto abafado e concentrou toda a sua atenção em Zaras. Com um certo desconforto e gaguejando um pouco, foi assim que ele lhe respondeu, a primeira vez que o ouvia dirigir-se a ela:

— Vossa Alteza, ouvir uma ordem vossa é obedecer-vos. Peço-vos, todavia, que me perdoeis, pois devo informar disso de imediato o Senhor Taita, a quem o Faraó pôs no comando desta caravana e a quem confiou o selo real do falcão.

Fiquei impressionado com a lealdade de Zaras para comigo, bem como com aquela sua tentativa de lembrar a Tehuti quem ali era detentor da autoridade máxima. O pobre rapaz tentava desesperadamente furtar-se ao conflito de interesses com que ela experimentava condicionar os seus movimentos.

Preparava-me para acorrer em seu auxílio quando toda a ira real se abatesse sobre ele, porquanto Tehuti não estava habituada a ver sequer as suas ordens mais insignificantes serem postas em causa. Voltou, porém, a surpreender-me quando, em vez de pôr Zaras no lugar, ela lhe sorriu, concordante, e lhe dirigiu um aceno de cabeça.

— Fazei-o sem demora, Capitão Zaras. O vosso dever como soldado vem antes de todas as demais considerações.

Zaras recuou até se pôr a meu lado e, num movimento intencional, eu desviei a cara para que o que dizíamos ficasse longe do alcance dos ouvidos da princesa, enquanto descíamos para a beira da escarpa, abaixo da qual se encontravam as edificações dispersas de Sagafa, situada na orla marítima.

Seguindo o meu exemplo, Zaras baixou a voz quando me disse que, enquanto aguardava a nossa chegada, aproveitara para atravessar o mar num pequeno mas veloz barco à vela até ao porto pesqueiro de El Kumm, situado na costa mais distante. Deslocara-se aí para se certificar de que o nosso guia beduíno recebera as nossas ordens e que tanto ele como os seus homens nos aguardavam ali para nos ajudarem a fazer a travessia do deserto arábico.

Era ele Al Namjoo, o mesmo guia que nos levara a atravessar a península do Sinai, durante a viagem que havíamos feito até às margens do mar Interior e ao forte de Tamiat.

— É com grande satisfação que posso dizer-vos que há bem mais de dois meses que o Al Namjoo aguarda a nossa chegada, desde que recebeu a minha missiva a comunicar-lhe a nossa vinda — garantiu-me Zaras, aparentemente satisfeito consigo próprio. — Acompanham-no dois filhos, embora os tenha enviado à frente para fazerem o reconhecimento dos poços e dos oásis existentes ao longo da rota da caravana. Até agora, têm-lhe feito saber da existência de água potável em todos eles, como é esperado nesta altura do ano.

— Fico aliviado por saber isso — respondi-lhe. Porém, após estas palavras, olhei-o de soslaio e pedi-lhe: — Continua, Zaras. Ias dizer mais alguma coisa — incitei-o, deixando-o surpreendido.

— Como é que vós... — começou por dizer, e eu terminei a frase por ele.

— Como é que eu sei? Fiquei a saber porque tu não és muito hábil a esconder seja o que for de mim. Digo isto como um elogio, não como um reparo.

Abanou a cabeça e deu uma gargalhada conformada.

— Estivemos demasiado tempo longe um do outro, meu senhor. Esqueci-me como conseguis ler os pensamentos de um homem. Porém, tendes razão, meu senhor, preparava-me para mencionar mais uma coisa, todavia, hesitei com receio que me tomasses por alarmista.

— Nada do que possas dizer-me me fará acreditar nisso — garanti-lhe.

— Nesse caso, devo dizer-vos que, enquanto me encontrava no acampamento do Al Namjoo, foram trazidos do deserto três refugiados. Achavam-se eles num estado lastimoso, quase a morrer de sede e pelos graves ferimentos que traziam. Aliás, a verdade é que um deles morreu mesmo pouco depois de chegar à segurança das tendas do Al Namjoo, enquanto outro não conseguiu falar.

— Porque não, Zaras? — perguntei-lhe. — Que desgraça se abateu sobre esses infelizes?

— Meu senhor, o primeiro foi esfolado vivo com lâminas de espada incandescentes, porquanto, a maior parte da pele foi assim queimada e desapareceu. A sua morte só pode ter sido uma misericordiosa libertação de tamanha agonia. Quanto ao outro homem, a língua fora-lhe arrancada da garganta do modo mais brutal, o que o deixou apenas capaz de grunhir e mugir como um animal.

— Em nome de Hórus, o misericordioso, o que se abateu sobre eles? — interpelei Zaras.

— O terceiro homem escapou a tamanhos danos tão brutais. Conseguiu dizer-nos que era o chefe de uma caravana constituída por cinquenta camelos e por homens e mulheres em igual número, que faziam o transporte de sal e lingotes de cobre da localidade de Turok quando foram atacados por Jaber al Hawsawi, aquele a quem os homens chamam o Chacal.

— Conheço apenas a sua reputação — admiti. — É um dos homens mais temidos de toda a Arábia.

— São muito boas as razões para o temermos, meu senhor. Mutilou e esventrou todos os homens e mulheres da caravana com o simples propósito de se divertir. Claro que o Chacal e os seus

homens copularam com os prisioneiros, tanto homens quanto mulheres, antes de os massacrarem.

— Onde está agora o Chacal? Esse homem sabe para onde foram?

— Não, meu senhor. Desapareceu no deserto, porém uma coisa é certa, andará pelas rotas das caravanas à socapa e à espreita, como o animal que lhe dá o nome.

Nesse instante, Tehuti virou-se na sela e perguntou-nos por cima do ombro:

— Do que falam vós desse modo tão sério? Aproximai-vos e venhais fazer-nos companhia, a mim e a Bekatha. Se tu e Zaras contam histórias um ao outro, também queremos que as partilhem connosco.

Nem mesmo eu me atrevia a desrespeitar as suas ordens uma segunda vez em tão pouco tempo, e ambos levámos as nossas montadas a aproximar-se das princesas. Com grande habilidade, Tehuti interpôs o seu cavalo entre mim e Zaras para nos impedir de continuarmos a discutir assuntos que nada lhe interessavam. Nesse momento, o terreno acidentado e pedregoso pelo qual seguíamos confluíu num cume montanhoso e Tehuti deteve o seu cavalo e deixou escapar um grito de pasmo e gáudio.

— Vejam! Oh, olhai só para isto! Alguma vez viram rio tão extenso e azul como este? Pela cabeça galhuda de Hathor, deverá ser cem vezes mais largo que o nosso Nilo. Nem consigo ver a outra margem.

— Não se trata de um rio, Vossa Alteza — informou-a Zaras. — Isto é o mar; o mar Vermelho.

— É imenso — notou Tehuti, cheia de entusiasmo, porém, Zaras não a conhecia bem para saber que exagerava para se exhibir diante dele. — Deve ser o maior mar que há no mundo!

— Não, Vossa Alteza — corrigiu-a Zaras, respeitosamente. — Este é o mais pequeno de todos os mares. O mar Interior é o maior, embora homens avisados tenham estimado que o grande oceano negro, no qual este mundo flutua, é maior ainda.

Tehuti voltou-se para ele e esbugalhou os olhos de espanto.

— Capitão Zaras, sabeis tantas coisas, talvez quase tantas como o Senhor Taita. Deveis por isso acompanhar-nos, a mim e à minha irmã Bekatha, pelo menos algumas horas por dia para nos instruíres nessas tantas matérias.

Tehuti não se desvia facilmente dos seus propósitos.

A travessia da Arábia foi infinitamente mais difícil e exigente do que a viagem a Tamiat que havíamos realizado no ano anterior. Por essa ocasião, éramos uma companhia constituída por menos de duzentos homens, que viajavam ligeiros e velozes, tendo tido apenas de atravessar o golfo do Suez, esse estreito dedo de água a Ocidente, preso entre o Egito e a península do Sinai, com menos de cinquenta léguas de extensão.

Agora, tínhamos de nos manter bem mais para sul, para evitarmos a todo o custo entrar na península do Sinai, onde podiam estar emboscadas as quadrigas hicsas que Gorrab devia ter enviado para ali com o propósito de nos intercetar.

Vimo-nos por isso forçados a atravessar a zona mais larga do mar Vermelho, numa viagem de mais de duzentas léguas, e a transportar para cima de mil homens e animais em cinquenta barcos à vela tradicionais, de conveses descobertos. Cada uma dessas pequenas embarcações podia transportar apenas dez camelos de cada vez, porquanto, tiveram de fazer diversas travessias.

Com todos estes fatores em mente, tive de contar, pelo menos, com dois meses inteiros para levarmos a nossa caravana a atravessar toda a Arábia.

Deixei a realeza acampada junto à costa, no lado egípcio, enquanto os principais elementos da caravana eram transportados de barco pelo estreito mar. Tendo aprendido com más experiências anteriores, sabia eu não ser sensato permitir que as princesas se aborrecessem, nem deixá-las ter demasiado tempo livre para fazerem o que quisessem.

O recinto onde se encontrava a realeza havia sido cuidadosamente isolado do restante acampamento, e, embora fosse do tamanho de uma pequena vila, excedia mesmo o de uma grande

urbe na sumptuosidade dos cargos aí instituídos e no excesso do conforto e do luxo de que os seus habitantes se rodeavam.

Com uma certa regularidade, as princesas saíam para uma caçada, sob as minhas orientações, perseguíssemos nós as velozes gazelas do deserto, que pareciam esvoaçar tão ligeiras como traças ao atravessar as desérticas planícies salgadas, ou subíssemos nós às montanhas onde as cabras de hastes recurvas ensombravam os penhascos e as arribas. Quando o entusiasmo destas caçadas esmoreceu, as minhas meninas passaram a lançar os falcões amestrados aos gansos e patos bravos que nadavam bem rentes à costa.

Noutras alturas, organizei eu piqueniques em ilhas costeiras, nas quais as minhas meninas podiam banhar-se nas águas translúcidas ou pescar a golpe de lança os peixes-espada e robalos gigantes, que, em grandes cardumes, enchiam os recifes de corais subaquáticos.

Insisti, porém, numa coisa: a maior parte das manhãs tinham de ser preenchidas com os estudos, por isso trouxera connosco dois escribas eruditos encarregados de as orientarem na escrita, na matemática e na geometria. Agradava-me ser eu mesmo o tutor de ambas. As nossas lições eram constituídas por um trabalho sério e intenso, intercalado por ataques de riso e risinhos femininos, mas estas eram as minhas atividades favoritas do dia. Elas conversavam com Loxias em minoico, fazendo por me excluir deliberadamente dessas conversas, como se não conseguisse perceber uma única palavra desse idioma. Discutiam os assuntos mais íntimos com referência a pormenores obscenos. Loxias era a que mais se destacava das três, desse modo, instituía-se a autoridade máxima em todos os assuntos carnis e eróticos. Ao ouvi-la, todavia, ficava claro que lhe faltava a experiência prática, dado que contava inteiramente com uma imaginação vivaz e fértil relativa aos pormenores.

No decurso dessas mesmas sessões, na verdade, consegui ficar a conhecê-las melhor e descobrir o que estava realmente a passar por aquelas lindas e irrequietas cabecinhas.

Todas elas declararam ter descoberto o amor da sua vida, com Loxias a decidir-se pelo Senhor Remrem, ainda que na sua presença ela se transmutasse em pedra, dado que ficava privada da capacidade de falar e incapaz de fazer qualquer outra coisa além de corar e baixar os olhos. Creio que se deixara impressionar por Remrem por ele ser um Senhor do Conselho Real, enquanto ela era uma simples plebeia, para mais, estrangeira. Não parecia nada decepcionada por ele ter o dobro da sua idade, nem por já ter três esposas, nem tão-pouco por ignorar tranquilamente a sua existência.

Bekatha deixara-se encantar por Hui, o famoso cavaleiro e auriga. Todavia, desde que eu o havia capturado, desconhecia ela quase por completo ser ele irmão do nefando criminoso Basti, o Cruel. Fizera eu todos os possíveis por amansá-lo e torná-lo um homem civilizado, contudo, ainda permaneciam nele muitos traços bárbaros, em particular, no que dizia respeito ao sentido de humor. Do que Bekatha mais gostava era de andar com ele no carro aos saltos nos terrenos mais escarpados que Hui conseguisse encontrar, posto desse modo podia ela passar os braços em volta da sua cintura e guinchar como uma alma possuída do Hades. Ambos adoravam trocar piadas e insultos, totalmente enigmáticos para quem os ouvisse, mas que os faziam rir a bandeiras despregadas. Em sinal da sua aprovação especial, Bekatha atirava-lhe pedacinhos de pão e de fruta por cima da mesa quando ele aceitava o seu convite para jantar connosco.

Tehuti mantinha-se indiferente a estas manifestações e exhibições de afeto, e nenhum de nós a interpelava sobre esse assunto.

Passávamos os serões todos juntos a desvendar enigmas, a contar histórias e a fazer rimas, a cantar e a tocar algum instrumento musical ou ainda a representar algum papel ou a recitar poesia.

Deste modo e, segundo um planeamento cuidado, consegui manter as três meninas que estavam à minha guarda longe de tropelias perigosas, a ponto de os dias passarem tão depressa como aves migratórias. Por fim, a maior parte da caravana havia passado para a margem oriental daquele mar e era chegado o momento de nós a seguirmos.

Antes de romper o dia, na manhã do décimo quinto dia do mês de Athyr, reunimo-nos na praia, enquanto as três sacerdotisas de Hathor, habilmente auxiliadas por Tehuti e Bekatha, ofereceram em sacrifício à deusa um belo cordeiro branco.

Prometemos à mesma deusa sacrificar um camelo se porventura nos tratasse com benevolência enquanto estivéssemos no mar e se nos guiasse em segurança até à outra margem. Após isto, embarcámos e afastámo-nos da praia.

A deusa deve ter-nos escutado, pois fez soprar do Egito uma vigorosa brisa quente que nos encheu o velame e fez a flotilha navegar veloz pelas águas tormentosas. Antes de cair a noite, África tinha desaparecido por sob as ondas que íamos deixando para trás.

Quando a escuridão encheu toda a terra, cada uma das embarcações suspendeu uma candeia no cimo do mastro para nos mantermos à vista uns dos outros. Guiámo-nos pelas estrelas, mantivemos o rumo de leste, e, ao romper da aurora, recortávamos a longínqua linha da costa arábica como uma fileira de dentes de tubarão apodrecidos, pondo em contraste o negro e o azul claro do céu matinal. Norteámo-nos assim o dia inteiro, e o Sol ainda estava a um palmo acima da linha do horizonte quando cinquenta homens dos Guardas dos Crocodilos Azuis saltaram borda fora para, agarrados aos cascos das pequenas embarcações, as puxarem bem para dentro da praia seca e segura. As meninas puderam desembarcar em solo asiático sem molharem os seus delicados pezinhos. O acampamento real, com todos os confortos, já estava montado acima da linha marcada pela água na maré alta e pronto a recebê-las, uma vez que eu mesmo o havia disposto desse modo.

Todavia, não quisemos deter-nos nesse lugar, posto todos os dias precisarmos nós de grandes quantidades da preciosa água doce.

A caravana principal e a da bagagem haviam partido muitos dias antes de nós, e, por esta altura, já deviam ter percorrido para cima de cem léguas. No segundo dia após chegarmos à Arábia, depois de montarmos os cavalos e os camelos que trazíamos, partimos no seu encalço.

Assim que nos afastámos das moderadas temperaturas marítimas, depressa a excessiva intensidade escaldante do sol do meio-dia nos impediu de prosseguir viagem. Daí em diante, começámos a caminhar ao final da tarde, depois de o sol ter perdido um pouco da sua ardência astuciosa. Viajávamos noite dentro, parando apenas uma hora por volta da meia-noite para dar aos cavalos e aos camelos água retirada das provisões que a caravana principal nos havia deixado nos bebedouros. Após isso, retomávamos a marcha depois do romper do dia. Quando o calor se tornava insuportável, montávamos as tendas e sentávamo-nos à sombra a suar até o Sol estar suficientemente baixo para podermos repetir aquele mesmo ciclo.

Passados quinze dias e quinze noites, alcançámos por fim o corpo principal da caravana. Por essa altura, já tínhamos as bolsas de água de couro abaixo de metade da sua capacidade, restando-nos uns escassos litros de água esverdeada, viscosa e desagradável ao paladar a marulhar no fundo, por isso, vi-me forçado a reduzir a ração diária para quatro malgas por pessoa.

Ainda não tínhamos entrado no deserto propriamente dito e já as dunas se estendiam profusamente diante de nós como se não tivessem fim. Os cavalos davam mostras de grande cansaço e dificuldade em prosseguir, posto que, mesmo quando transportavam um cavaleiro leve, a areia macia tornava a sua progressão extremamente penosa. Aliviei-os das suas cargas para irem juntar-se à manada dos cavalos que seguia na dianteira da caravana e escolhi os camelos mais velozes para substituírem as montadas das meninas e do nosso restante grupo.

Al Namjoo garantiu-me que o ponto de água seguinte se encontrava apenas a alguns dias de distância, desse modo, peguei nas meninas, em Zaras e na escolta de homens por si escolhidos a dedo, e, à frente da coluna principal, seguimos no encalço do poço prometido.

Al Namjoo cedeu-me como guia Haroun, o seu filho mais velho, desse modo, conseguimos avançar bem mais depressa do que o grosso da caravana. Cavalgámos velozes durante toda a noite, e, aos primeiros raios do albor, Haroun deteve-se no cimo de outra

enorme duna de areias avermelhadas cor de tijolo e apontou para a nossa frente.

Diante de nós elevava-se um penhasco de rochas estriadas, cujos estratos horizontais apresentavam um vivo contraste de cores, que ia do dourado cor de mel e do branco calcário a diversos matizes de vermelho, azul e preto. Alguns dos estratos menos densos haviam sofrido a erosão dos ventos de um modo mais profundo que os que se achavam acima e abaixo deles, tendo-se assim formado galerias suspensas e fundas cavernas oblongas, como se tivessem sido desenhadas por algum arquiteto demente.

— Chama-se este sítio Miyah Keiv — disse-nos Haroun, pelo que pude traduzi-lo do árabe para «A Caverna de Água».

Haroun conduziu-nos sob uma parede de rocha vertical, em cuja base se abria uma greta lateral de tetos baixos, capaz de acolher um homem alto sem ter de se curvar, mas com uma largura de mais de cem passos e tão funda e escura que não se conseguia ver quanto media até à falésia.

— A água encontra-se nas profundezas desta gruta — disse-nos Haroun. As princesas e Loxias fizeram os camelos ajoelhar-se e saltaram das selas de madeira talhada. Enquanto eu encaminhava as três para o interior da abertura, Zaras recuou com os seus homens para nos darem espaço e tempo para estarmos sozinhos.

O chão de pedra inclinado ia descendo aos poucos por baixo dos nossos pés, com a luz do dia a esmorecer e o ar a tornar-se cada vez mais frio, até nos arrepiarmos com o contraste sentido na nossa pele entre aquela temperatura e o calor provocado pelo sol direto.

Naquele momento, consegui sentir o cheiro a água doce e ouvi-la gotejar algures à nossa frente. Ardia-me a garganta por causa da sede, e, embora tentasse engolir, tinha a boca toda seca. As meninas deram-me as mãos e puxaram-me para o fundo do declive.

Vimos um grande reservatório defronte de nós, cuja superfície resplandecia com os reflexos da luz que ali chegava através da entrada da gruta. Essa mesma luz criava a ilusão de que a própria água era negra como tinta de choco. Apesar disso, nenhum de nós hesitou e foi com gritos joviais que mergulhámos nela, sem sequer nos despojarmos das nossas túnicas e sandálias. Ajoelhei-me até a

água me dar pelo queixo, e foi então que me apercebi de que, ao invés de serem negras, aquelas águas eram claras como o diamante que eu oferecera a Tehuti. Enchi a boca e suspirei de prazer.

Bebi dos melhores vinhos das caves do palácio do Faraó em Tebas, mas nenhum deles se comparava àquele primitivo e divino manancial.

No meio do reservatório, as meninas salpicaram-me com água e umas às outras por entre arquejos e gritos de frio. Encorajados pelo nosso alvoroço, Zaras e os seus homens desceram o declive à pressa, e, no meio dos seus próprios gritos e gargalhadas, também eles se lançaram para dentro das águas escuras.

Depois de bebermos toda a água que os nossos estômagos conseguiam armazenar, os homens encheram os cantis de couro que trazíamos e levaram-nos lá para fora para junto dos camelos, posto que Zaras não permitiu que os animais entrassem no reservatório. Além de o teto de pedra ser demasiado baixo para passarem, era muito elevado o risco de, com os seus excrementos, conspurcarem a pureza sublime daquelas águas.

Haroun confirmou os meus cálculos de que por aquela altura a nossa caravana principal se encontraria pelo menos a três dias de distância de nós. Isso não me preocupou excessivamente, dado as meninas estarem cansadas da viagem e isso lhes permitir descansar e recuperar em definitivo as forças.

O que verdadeiramente me preocupava era a nossa vulnerabilidade naquele lugar, pois a localização daquele poço devia ser bem conhecida de todas as tribos beduínas, instaladas nas redondezas, a poucas centenas de léguas. Éramos um grupo pequeno, mas os nossos animais, armas e armaduras eram objetos muito cobiçados por essas tribos e atrairiam os seus elementos mais iníquos. Se soubessem da nossa presença naquele poço e que éramos tão poucos, correríamos grande perigo. Teríamos de nos manter alerta e certificarmo-nos de que não baixaríamos a guarda.

Depois de Zaras e os seus homens se terem refrescado, chamei-os ao exterior da caverna, indiquei os postos de vigia dos sentinelas e organizei a nossa defesa para garantir a segurança daquela zona.

Na companhia de Zaras e Haroun, explorei as imediações e procurei por ali quaisquer vestígios da presença recente de outros seres humanos.

Estávamos os três fortemente armados. Além de levar o meu arco pendurado num ombro e uma aljava com trinta flechas no outro, a minha espada de bronze ainda baloiçava na bainha que trazia pendurada à cintura do lado direito.

Uma vez chegados à duna mais próxima, separámo-nos; antes de nos afastarmos, porém, acordámos que tornaríamos a encontrarmos em Miyah Keiv, antes de o Sol atingir o ponto máximo, o que aconteceria dentro da próxima hora. Mandeï Zaras descrever um círculo por fora em direção ao norte e Haroun ir investigar o que parecia ser o trilho de uma caravana marcado no vale por baixo de nós. Eu seguiria a elevada duna em direção ao sul.

Era difícil não sermos observados, posto aquele terreno quase não nos oferecer cobertura alguma, todavia, fiz todos os possíveis por me manter resguardado da linha do horizonte para evitar que algum inimigo pudesse ver-me a grande distância.

Depressa me senti fascinado com aquela paisagem árida e desoladora, que também mantinha intacta uma beleza misteriosa. Compunham-na uma infinidade de dunas, tão inconstantes como as ondas de um mar calmo ou tão suaves e dóceis como o corpo de uma mulher bonita, desprovida de rebordos abruptos, maleável e escultural. As cristas dessas ondas de areia iam sendo desgastadas pelos ventos, que lhes mudavam as formas mesmo diante dos meus olhos. Rapidamente as pegadas humanas e animais se tornavam indistintas para desaparecerem por completo pouco depois disso.

À medida que ia avançando por aquela paisagem, não encontrei nada naquele outro mundo que me desse a menor indicação de que alguma vez homem ou animal ali tivesse passado, até que, num repente, me apercebi de um pequeno fragmento de osso queimado pelo sol, protuberante na areia junto aos meus pés. Ajoelhei-me para o retirar dali e fiquei surpreendido ao ver que se tratava do

crânio e do pequeno bico aberto de um noitibó. Aquela ave devia ter-se desviado muito da sua rota habitual por ação de ventos fortes atípicos.

Voltei para trás e desci a ladeira da duna. Uma vez na base, encaminhei-me para a entrada do reservatório subterrâneo, e, ao aproximar-me do interior, chegaram-me cada vez mais nítidos gritinhos femininos, risos e água chapinhada.

Zaras havia regressado antes de mim, e, juntamente com os seus homens, tinham retirado as selas dos camelos e levado os animais para debaixo da saliência da entrada da gruta para aí se manterem ajoelhados e resguardados do sol direto. Os homens escovavam-nos depois de lhes terem pendurado no focinho os sacos de couro com as rações de milho. Chamei por Zaras.

— Encontrei alguma coisa?

— Não, meu senhor, nada.

— Onde está o Haroun? Já voltou?

— Ainda não, mas não tardará a chegar — respondeu-me. Hesitei à boca da gruta, pois tudo me parecia perfeitamente rotineiro e banal, embora não conseguisse perceber a razão daquela minha ansiedade persistente. Sabia bem, todavia, que não podia menosprezá-la.

Ao invés de entrar na gruta, dei meia-volta e segui na direção oposta, rente à parede rochosa. Estava fora do alcance da entrada quando cheguei a um ponto em que uma fenda estreita se abria na face vertical da rocha. Ainda não me tinha apercebido dela, e analisei-a por um bocado antes de decidir que podia trepar ao cimo da escarpa para ver o que se propagava para lá da mesma. Estendi os braços e experimentei agarrar-me com uma mão à rocha exposta.

O sol aquecera de tal modo a superfície que logo me queimei como se tivesse tocado em carvão incandescente. Num impulso, afastei a mão com tamanha rapidez que deixei cair a caveira do pássaro que ainda trazia comigo. Chupei o dedo escaldado para atenuar a dor, e, em seguida, baixei-me para apanhar a caveira. Detive-me, porém, antes mesmo de os meus dedos lhe tocarem.

Junto à parede da rocha, que o vento ainda não havia causado erosão, era visível uma única pegada humana na areia compacta. Enquanto a observava, apercebi-me de que uma porção dessa pegada se abatera numa talhada de areia mole, deixando claro quão recentemente havia sido feita.

Tinha a certeza de que não pertencia a nenhuma das minhas meninas, posto ser a pegada deixada por um grande pé masculino, calçado numa sandália com sola de couro lisa. Apesar disso, ainda conseguia ouvir atrás de mim as vozes sumidas e as gargalhadas ocasionais de Zaras e dos seus homens. Regressei sem mais delongas ao ponto do qual conseguia ver a entrada da gruta e o grupo de homens reunidos defronte dela, e bastou-me um rápido olhar de relance para comprovar com toda a certeza aquilo que já sabia. Todos os homens traziam calçadas sandálias militares com solas cravejadas com taxas de latão, conforme o regulamento.

Havia, porém, um estranho entre nós.

O meu pensamento seguinte dirigiu-se para a segurança das minhas meninas. Inclinei a cabeça para escutar as vozes que continuavam a emergir das profundezas da caverna, e, de imediato, reconheci duas delas, embora não conseguisse identificar a terceira. Enquanto tentava ocultar a minha agitação, em passadas largas, cruzei-me com os meus homens e entrei na gruta. Apressei-me a descer o declive de pedra até à beira da lagoa, detive-me alguns instantes para deixar que os meus olhos se adaptassem à penumbra, após o que se fixaram nos corpos esmaecidos e casadoiros que mergulhavam e rodopiavam nas águas escuras como lontras brincalhonas. Contavam-se, todavia, apenas em número de dois.

— Bekatha! — gritei-lhe com a voz a elevar-se, denotando o pânico cada vez maior que sentia. — Onde está a Tehuti? — Num repente, levantou a cabeça, deixando os cabelos de um ruivo dourado, e agora molhados, colarem-se ao rosto.

— Foi lá fora fazer uma oferenda a Set, Tata! — Era este um dos eufemismos infantis que usavam para o culminar do processo digestivo humano.

— Para que lado foi ela?

— Não vi para onde foi. Só me disse que ia lá fora fazer isso.

Tehuti era uma menina muito caprichosa. Eu sabia que havia de se esconder bem de todos os olhares antes de se permitir dar livre curso às funções mais íntimas do corpo. Não escolheria ela manter-se naquela gruta, pelo que teria antes ido para o deserto. Tornei a correr para a entrada da gruta. Zaras e os seus homens ainda se encontravam onde eu os havia visto pela última vez, reunidos em grupo no lado esquerdo da entrada. Voltei a gritar a Zaras.

— Viste a Princesa Tehuti sair desta gruta?

— Não, meu senhor.

— Então, e vocês, homens? Algum de vocês a viu? — Todos o negaram em silêncio com meneios de cabeça.

A Tehuti deverá tê-los evitado. É possível que tenha encontrado outra saída da gruta, pensei. Dei meia-volta, e, a correr, passei de novo pela fenda aberta na superfície da rocha, junto da qual vira a pegada do forasteiro.

— Escuta-me, Hórus! — invoquei o meu deus, rezando com todo o fervor do meu ser e dando livre curso ao estranho poder que tinha dentro de mim e que aprendera a invocar em momentos de profunda e desesperada necessidade. — Abre-me os olhos, ó Hórus. Deixa-me que veja. Ó, meu bom deus, deixa-me que veja!

Fechei os olhos com força durante dez batidas do meu coração, e, quando tornei a abri-los, a minha visão havia ganho uma clareza mais luminosa. O grande deus Hórus havia escutado as minhas preces, posto estar eu a ver com maior clarividência. Em torno de mim, as cores eram agora mais vivas, as formas tinham ganho maior definição e os contornos eram mais definidos.

Fixei o olhar na parte inferior da parede rochosa, e vi-a. Não era Tehuti, mas a recordação do sítio onde havia estado um momento antes, como se isso fosse um eco ou uma sombra de si mesma. Era uma mancha a destacar-se do esplendor, uma diminuta nuvem intangível. Nem sequer era humana na forma, nem nos contornos, apesar disso, eu sabia que era ela. Afastava-se de mim em passos de dança, avançando paralela à parede estriada da rocha.

O instinto fez-me saber que estava a ser perseguida, e que tentava escapar ao perigo. Consegui sentir o seu medo repercutir-se

no meu coração e experimentar o gosto do seu terror na parte posterior da minha língua.

— Às armas, Zaras! — bradei com estridor. Ainda não me havia apercebido de como a minha voz era capaz de se elevar com tamanho furor. — Deixa cinco homens de guarda a Bekatha e Loxias. Os restantes de vocês, montem e sigam-me!

Como sabia que Zaras me tinha ouvido, desatei a correr sem olhar para trás, concentrando todo o meu ser na nuvem evanescente que não era Tehuti, mas a sua própria essência.

Num repente, percebi como os meus pés tinham asas. Corri mais depressa e mais depressa ainda, mas a pequena nuvem deslocava-se à mesma velocidade que eu, sugando-me como se eu tivesse ficado preso ao seu rasto. Depois, de súbito, desvaneceu-se no vazio à minha frente naquele ponto em que a parede rochosa estriada se virava para dentro de si própria.

O fulgor luzente esvaeceu-se dos meus olhos, e recuperei a visão normal. Os meus passos tornaram-se mais lentos e mais pesados, agora privados daquela graça divina. Ainda me forcei a continuar a caminhar até chegar ao sítio onde essa sua imagem se havia desvanecido, após o que me detive com a respiração ruidosamente ofegante.

Lancei em meu redor olhares desenfreados, porém, não vi nada. Ela havia desaparecido.

Em seguida, baixei os olhos para o chão por baixo de mim e apercebi-me de que, ainda que a minha visão dela se tivesse esmaecido, ela havia deixado na areia as pegadas dos seus pés descalços, então protegidos da ação do vento. Ergui os olhos para as seguir e vi que, um pouco mais adiante, tornavam a desaparecer, embora desta vez não fosse em resultado do vento. Em vez disso, a areia havia sido alisada pelos pés de homens que calçavam sandálias de solas lisas. Não fui capaz de determinar quantos eles eram ao certo, mas calculei que fossem em número de uma dezena, senão mais. Ficou claro para mim que Tehuti havia sido perseguida por aqueles homens, e, no momento em que eles a haviam apanhado e firmado, ela havia oferecido resistência. Vi onde e como Tehuti havia resistido, dado possuir ela a força de um gato selvagem

quando alguém a provocava; porém, no final, eles haviam conseguido dominá-la.

Entre todos, haviam-na arrastado até à base da parede da rocha. Apercebi-me aí de outra fissura na face do penhasco; esta, porém, era mais larga e não tão escarpada como a primeira.

Encontrei-lhe mais parecenças com uma escadaria do que com uma chaminé. Sabia que conseguia subir facilmente por ali acima, mas os camelos teriam de procurar outro caminho de modo a alcançarem o cimo da escarpa. Olhei para trás e vi Zaras a conduzir o primeiro camelo ao longo da base, enquanto se dirigia para mim. Assim que me alcançou, gritou de imediato:

— O que se passa, Taita? O que queirais que façamos?

— A Tehuti foi sequestrada. Haviam de ter estado aqui escondidos à sua espera. Ela afastou-se sozinha até aqui, e eles levaram-na — respondi-lhe, apontando para a fenda no penhasco. — Tê-la-ão arrastado até lá cima, onde os nossos camelos não conseguem segui-los.

— Quem são esses homens? Qual a sua proveniência?

— Não faço ideia, Zaras. Não me faças mais perguntas despropositadas. Continua a caminhar ao longo da base da falésia até dares com uma forma de a subires. Vou já por aqui atrás deles.

— Mandarei metade dos meus homens seguir-vos para vos darem cobertura. Depois disso, levarei os restantes comigo para nos encontrarmos no cimo do penhasco.

Não lhe respondi, pois queria poupar o fôlego para a subida que me esperava. Subi a bom ritmo, gerindo, porém, as minhas forças, ao mesmo tempo que ouvia Zaras e os seus homens atrás de mim. Ainda que a maior parte deles fosse muito mais nova do que eu, mantive sempre uma boa distância na dianteira deles.

A meio caminho do cimo da escarpa, ouvi vozes vindas de cima, desse modo, detive-me alguns instantes para escutar. Ainda que não falasse o idioma árabe na perfeição, compreendia o suficiente para saber de que falavam.

Os homens que estavam por cima de mim eram beduínos, e instigavam-se mutuamente a apressar-se mais ainda. Em seguida,

ouvi um grito abafado de Tehuti; teria reconhecido aquela voz em qualquer sítio e em que circunstâncias fosse.

— Ânimo, Tehuti — gritei-lhe lá para cima com a cabeça lançada para trás. — Estou a chegar. O Zaras também aí vem com todos os seus homens.

O som da sua voz foi um estímulo para mim, pelo que de pronto tornei a subir com renovada força e determinação. Ouvi, então, por cima de mim o relinchar de um cavalo, um tumulto de cascos e o tilintar de arreios. Os homens que a haviam feito prisioneira preparavam-se agora para montar e partir.

Tehuti tornou a gritar, mas o sentido das suas palavras perdeu-se no meio dos gritos dos árabes, enquanto subiam para as montadas. Logo em seguida, ouvi o estalar dos chicotes a instigarem-nas a partir a galope. Os cavalos resfolegavam enquanto os respetivos cascos se cravavam com golpes secos nas areias moles.

Percebi, então, a razão pela qual aqueles bandidos haviam deixado os cavalos no cimo da falésia. Sabiam que podiam voltar rapidamente para junto destes, ao passo que nós havíamos de perder tempo a procurar outro caminho pelo qual pudéssemos trazer os nossos camelos, contornando o intransitável penhasco.

Fazendo um derradeiro esforço nos últimos metros da subida, cheguei lá acima transpondo o rebordo da falésia com um impulso. Depois, detive-me um instante para avaliar a situação.

Tinha diante de mim um bando de alguns trinta, ou quarenta, cavaleiros árabes, vestidos com albornozes e quefiés empoeirados. Por essa altura, todos haviam conseguido montar os cavalos e a maior parte deles já se afastava a toda a brida do sítio onde eu ainda me encontrava, instigando com gritos selvagens as montadas a avançar e trocando entre si guinchos de júbilo triunfante.

Um dos bandidos ainda continuava a debater-se corpo a corpo com Tehuti. Havia-a sentado na parte da frente da sela, e, enquanto eu os observava, montou atrás dela. Era um homem enorme e brutalhado, de aparência imponente, com uma barba escura e encaracolada. Correspondia bem à descrição que Al Namjoo me havia feito do bandido Al Hawsawi, o Chacal. Eu, todavia, não tinha a certeza absoluta de que fosse ele.

Tehuti esperneava furiosamente para se libertar das suas mãos, mas, com toda a facilidade, ele retinha-a na sela com um único braço a imobilizar-lhe os dois membros superiores. Vi como ela ainda tinha a túnica e os cabelos molhados da água do lago, e como os seus caracóis húmidos baloiçavam e bailavam livremente em volta da sua cabeça.

Olhou de relance para trás, e, ao ver-me no rebordo da escarpa, o seu rosto iluminou-se com um patético lampejo de esperança. Consegui ler os seus lábios, enquanto pronunciava o meu nome.

— Tata! Ajuda-me, por favor!

Com a mão livre a segurar as rédeas, o sequestrador puxou pela cabeça do cavalo para que este desse meia-volta, e, com um chuto, instigou o animal a atravessar a galope a planície juncada de rochas, e, deste modo, a afastar-se de mim a toda a brida. Numa ocasião, ainda olhou para trás, por baixo do braço, e esboçou um sorriso exultante. Agora, eu estava certo de que se tratava do Chacal. Ocorreu-me um pensamento fugaz: como teria ele sabido que estávamos a dirigir-nos para este penhasco estriado de Miyah Keiv?

Ao aproximarem-se dele, os elementos do grupo rodearam-no até todos formarem uma massa compacta, pelo que não consegui contar o seu número. Ao vê-los partir, senti-me quase soterrado pela onda de raiva selvagem, mas impotente, que se abatia sobre mim e ameaçava sufocar-me.

Não tardei a recuperar o juízo entorpecido e a fazer deslizar o arco de guerra recurvo que trazia ao ombro. Em três movimentos rápidos, tensionei a corda do arco, e, levantando o braço para levar a mão atrás das costas, retirei uma flecha da aljava.

A distância que nos separava era cada vez maior. Eu sabia que, numa questão de poucos segundos, tanto Tehuti como o sequestrador estariam fora do alcance do disparo da flecha. Pus-me em posição, com o ombro esquerdo a auxiliar-me na pontaria, e levantei os olhos acima do horizonte distante, calculando o ângulo de lançamento que tinha de emprestar à flecha por forma a atingir o Chacal.

O júbilo próprio do combate ingurgitou o meu coração quando me apercebi de que o corpo do Chacal se havia interposto entre mim e Tehuti, e que, desse modo, inadvertidamente, ele protegia o corpo dela da flecha, podendo eu fazer um disparo limpo sem receio de a atingir. Puxei pela corda do arco até a flecha roçar nos meus lábios, e cada músculo dos meus braços e da parte superior do tronco se estirou devido ao imenso peso do arco tencionado. São muito poucos os homens que conseguem esticar ao máximo a corda do arco, como eu faço. Não se trata pura e simplesmente de força bruta, posto requerer também firmeza e equilíbrio e a capacidade de se alcançar uma sensação de unicidade com o arco.

Quando abri os três dedos que sustinham a corda do arco, a flecha recuou e rasgou a pele do interior do meu antebraço, sentindo logo o sangue vivo brotar da ferida assim infligida a mim mesmo. Nem tivera tempo de pôr o protetor de braços de couro para me resguardar daquele desfecho.

Não senti dor alguma. Em vez disso, notei uma ligeireza tão grande no coração, em tudo idêntica à da flecha que acabava de disparar e fazia voar, porque me dei conta da perfeição do disparo que havia feito. Tive a certeza que o porco que levava Tehuti prisioneira estava morto, antes mesmo de ele se aperceber disso.

Então, de repente, dei um forte grito de raiva e frustração ao ver o cavaleiro que cavalgava depressa atrás do meu alvo desviar o cavalo da sua trajetória. Só Hórus sabe por que razão o fez, possivelmente, para evitar um buraco. Fosse qual fosse o motivo, com isso, tapou-me a visão do meu alvo. Vi a flecha atingi-lo como a um falcão de bico recurvo e a cravar-se-lhe na parte superior das costas, a um centímetro de distância da coluna vertebral. O homem lançou a cabeça para trás, e, retorcendo-se em agonia, tentou passar a mão por cima do ombro para agarrar na haste da flecha e puxá-la. Continuava, porém, a bloquear o meu alvo.

Armei uma segunda flecha e desferi-a também, na desesperada esperança de o homem ferido acabar por cair da sela e da montada, enquanto a flecha seguisse em pleno voo, deixando assim a descoberto o corpo de Al Hawsawi. Todavia, o árabe ferido mantinha-se obstinadamente apegado à sela, e só quando aquela

minha segunda flecha o atingiu no pescoço por trás é que a sua carcaça inerte derribou do cavalo e rebolou várias vezes na terra solta, levantada pelos cavalos que corriam diante dele.

Por essa altura, já Al Hawsawi estava fora do meu alcance. Desferi outra flecha direita a ele, mesmo sabendo que não tinha a mais pequena possibilidade de o atingir. Ainda me amaldiçoava, a mim e a todos os deuses obscuros que haviam protegido Al Hawsawi, quando a última flecha caiu a uns vinte passos dos cascos traseiros do seu cavalo.

Desatei a correr para o sítio onde jazia o corpo do homem cravejado com duas das flechas. Queria alcançá-lo antes que exalasse o último suspiro, para que ainda conseguisse extorquir dele alguma informação à custa de uns quantos murros e pontapés. Podia ser que, com um pouco de sorte, conseguisse mesmo ficar a saber o nome do vilão que levara Tehuti, bem como o sítio onde poderia encontrá-lo.

Isso, porém, não aconteceu. O bandido sem nome já estava morto quando me detive ao seu lado e me inclinei sobre ele. Um dos olhos estava revirado para cima e afundado no crânio de modo que apenas o branco do globo ocular se mostrava visível, ao passo que o outro olho parecia encarar-me com uma indignação muda. Ainda assim, pontapeei-o; mais do que uma vez. Em seguida, sentei-me ao seu lado e rezei uma oração desesperada a Hathor, Osíris e Hórus, pedindo a cada um deles que mantivesse Tehuti a salvo até eu conseguir encontrá-la.

O que mais me desgosta nos deuses é o facto de raramente estarem à mão quando mais precisamos deles.

Desse modo, enquanto aguardava que Zaras viesse ao meu encontro, entreguei-me à tarefa de arrancar as flechas do cadáver do bandido que eu mesmo acabara de abater. Em todo o Egito, não há arqueiro algum que seja capaz de me igualar no disparo de uma flecha.

Zaras ainda demorou perto de uma hora a chegar, altura em que o grupo de bandidos beduínos há muito havia desaparecido por entre o pó e a luminosidade ofuscante do horizonte. De uma

maneira geral, sou um homem capaz de controlar por inteiro as emoções, posto conseguir manter-me tranquilo e sossegado diante de um qualquer desastre ou tragédia. Refiro-me, neste caso, ao saque de cidades, ao massacre de exércitos e a contratempos menores de índole semelhante. Mau grado essa circunstância, com a perda de Tehuti, dei comigo mergulhado numa profunda raiva, impotente e avassaladora, e, quanto mais eu tinha de esperar, mais as minhas emoções emergiam em ebulição à flor da pele.

Os homens a quem Zaras mandara subir a escarpa para irem no meu encalço tornaram-se no alvo da minha fúria. Invetivei-os com gritos enraivecidos e insultos severos por serem tão lentos e completamente inúteis. Acusei-os de serem cobardes e de adiarem de propósito a chegada ali quando eu estava mais precisado do seu auxílio.

Quando por fim me apercebi do pó levantado pelos camelos de Zaras ao aproximarem-se pelo rebordo superior da parede rochosa e estriada, não consegui conter-me nem por mais um instante. Desatei a correr ao seu encontro para o receber, gritando-lhe para que se apressasse, ainda que por enquanto se encontrasse fora do alcance da minha voz e não conseguisse ouvir-me.

Contudo, no momento em que se aproximou o bastante para eu conseguir ler a expressão do seu rosto, dei-me conta de que a sua aflição igualava a medida da minha, quando não chegava mesmo a excedê-la. Do mesmo modo inclemente e violento como eu lhe gritava para que se apressasse, implorou-me ele ainda mais alto para que lhe dissesse onde estava Tehuti e confirmasse se continuava viva.

Foi então que percebi que o que unia aqueles dois jovens não era um mero enamoramento ocasional e transitório, mas que se tratava da mesma nobre e imaculada paixão que eu havia sentido pela mãe de Tehuti, a Rainha Lostris. Foi-me, então, dado ver que a angústia de Zaras pela perda de Tehuti seria tão devastadora como havia sido a minha pela morte da sua mãe.

No momento exato em que reconheci este facto, entendi também que o mundo havia mudado para nós os três.

Observei Zaras a trazer os seus homens para junto de mim com tanta rapidez quanta o galope dos camelos lho permitia. Eram uns animais magníficos.

Numa distância mais curta, os cavalos beduínos seriam capazes de suplantar os camelos, todavia, não conseguiriam manter esse passo veloz por mais de duas ou três horas. Em contrapartida, os camelos conseguiam correr o dia inteiro por sobre terreno arenoso e escarpado. Pouco antes, os camelos haviam bebido o seu quinhão de água, dessa feita, não teriam de tornar a beber nos próximos dez ou mais dias. Nessas condições de sede, calor e cansaço devido ao solo arenoso, os cavalos estariam esgotados no amanhecer seguinte, ao passo que os camelos poderiam continuar a correr de hoje a uma semana.

Quando Zaras se aproximou do sítio onde me encontrava, dei-lhe aquela ordem prontamente, posto trazer um homem armado montado no dorso de cada camelo. Sem delongas, ordenei que metade deles desmontasse e regressasse a pé à gruta para fazer a guarda das outras duas meninas. Bem entendido que a segurança de Bekatha era uma centena de vezes mais significativa do que a de Loxias, de todo o modo, eu havia-me afeiçoado à mocita cretense.

Zaras demonstrara possuir bom senso ao carregar cada camelo com um cantil de pele bem repleto de água. Isso explicava a sua chegada atrasada. Agora, metade das selas estavam vazias, o que me permitiria rodar os cavaleiros a intervalos regulares. Fiquei igualmente agradado ao ver que Zaras havia trazido consigo o nosso guia principal, Al Namjoo, posto ninguém conhecer melhor o terreno do que ele.

Quando começámos a subir, fazendo eu com que cada cavaleiro guiasse mais um camelo além do seu, arriado com aquela carga de tranquilizadores cantis bojudos e gorgolejantes, puxando-o atrás de si por uma corda, senti-me disposto a apostar um saco de *mems* de prata em como alcançaria Al Hawsawi antes mesmo do meio-dia da jornada seguinte.

O vento havia diminuído de intensidade até se tornar numa suave brisa, porém, continuava a estar demasiado calor para conseguir dar-nos algum alívio. Ao menos já não soprava com intensidade

suficiente para apagar o rasto do Chacal, dando-me isso assim a possibilidade de o seguir. Mantive o avanço dos camelos num ritmo por mim considerado prudente.

Calculei a passagem do tempo pelo ângulo do Sol, e, ao cabo de três horas, dei-me conta de que havíamos ganho bastante terreno aos nossos adversários. Detivemo-nos um pouco para rodarmos os cavaleiros das montadas e permiti que cada homem bebesse duas malgas de água antes de retomarem a marcha. Ainda não forçávamos o ritmo do andamento, mas mantínhamos um suave galope que os camelos faziam parecer muito ágil e descontraído.

Ao cabo de outras duas horas, recebi a confirmação de que estávamos prestes a apanhar os fugitivos. Encontrámos derreado e coxo um dos cavalos do Chacal a avançar devagar pelo trilho deixado pelos seus companheiros de estábulo. Eu estava bastante satisfeito com a nossa progressão, pelo que confessei a Zaras a minha esperança de que os apanharia antes mesmo de a noite cair.

Esta opinião provou ser prematura, já que uma hora depois de a ter manifestado, chegámos a uma primeira bifurcação. Levantei uma mão com o intuito de indicar ao meu séquito que se detivesse, após o que confirmei esse mesmo gesto com uma ordem verbal transmitida a Zaras.

— Deixa os homens desmontarem e esticarem as pernas. Cada um deles pode beber duas malgas de água, devem, todavia, manter-se mais recuados e terem cuidado para não pisarem, nem apagarem, as pegadas antes de as termos interpretado.

Separar o grupo perseguidor era um velho estratagema beduíno, que consistia em dividir os elementos em dois grupos iguais. Em seguida, cada um partia numa direção distinta. Neste caso, tratava-se de uma tática com uma dupla eficácia, posto ser-nos impossível decidir qual dos dois grupos havia levado Tehuti consigo. Deste modo, víamo-nos forçados a separar também as nossas forças em duas para levarmos a cabo as duas perseguições.

Desmontei e entreguei a Zaras as rédeas do meu camelo para que as segurasse por mim. Em passo ligeiro e cauteloso, prossegui a pé até chegar ao ponto em que o nosso grupo se havia dividido. Apercebi-me de que, antes de se separarem, os beduínos não

havam descido das montadas, pelo que não consegui discernir as pegadas de Tehuti. Agachei-me, e, uma vez mais, invoquei o auxílio dos deuses.

— Grande Hórus, deixa-me ver. Abre estes débeis olhos cegos e mostra-me o caminho, suplico-te. Abre os meus olhos, amada Hathor, prometo oferecer-te um sacrifício de sangue, que fará as delícias do teu coração.

Depois de fechar os olhos, escutei vinte batidas do meu coração antes de tornar a abri-los. Olhei em redor com o maior cuidado, todavia, desta vez a minha visão não sofrera a mais pequena alteração. O deserto mantinha-se o mesmo. Não havia clarão algum translúcido a iluminar as areias brutais; sombra alguma a trebelhar e a guiar-me.

Foi então que ouvi uma voz, diante da qual baixei a cabeça para lhe prestar a máxima atenção. Era todavia apenas o sussurro do vento a roçar-se por entre as dunas. Virei a cabeça devagar para deixar que se roçasse também no meu ouvido. Ouvi, então, baixo mas distintamente.

— Deixa que Hathor te mostre o caminho. — Foi a voz de Tehuti que soou. Apressei-me a olhar de novo em volta na esperança de a encontrar à altura do meu ombro, mas não a encontrei. Fechei os olhos e aguardei pelo pequeno milagre que sabia que havia de acontecer. Em silêncio, inclinei a cabeça e fechei os olhos, dispondo-me a murmurar uma expiação à deusa Hathor pelos meus recentes pensamentos depreciativos que lhe havia dirigido.

— Precisamos de ti agora, doce Hathor. Tehuti e eu precisamos de ti.

Foi então que uma cena com vários anos começou a desenrolar-se por detrás das minhas pálpebras cerradas. Tehuti e eu tornávamos a estar no pequeno barco de junco a navegar nas águas sagradas do Nilo. Ela sorria de deleite e segurava no ar o presente que eu acabara de lhe oferecer para celebrar a flor vermelha da sua feminilidade. Tratava-se de uma linda joia, em cujo entalhe empenhara eu todo o meu amor e habilidade. De uma delicada corrente via-se suspensa uma minúscula cabeça dourada

de Hathor, a deusa do amor e da virgindade, representada com dois grandes chifres.

Sem deixar de sorrir, Tehuti passou a corrente de ouro em volta do pescoço, e, com as duas mãos, acolchetou o fecho atrás. A cabeça dourada bailou alegremente no vale de pele sedosa entre os seios, e a imagem da deusa sorriu-me de um modo enigmático.

— Andarei sempre com ele posto, Tata. — Recordo que foram estas as palavras exatas de Tehuti. — Sempre que o sentir roçar na minha pele, pensarei em ti e o meu amor por ti crescerá de intensidade. — Cumprira essa promessa. Quando nos reuníamos após uma breve ausência minha, mostrava-me sempre o amuleto, pendurado na corrente de ouro, e de pronto o levava aos lábios.

Não conseguia alcançar o motivo que me levava agora a pensar neste episódio quando o tempo e a prontidão eram tão prementes e importantes, por isso, tentei afastá-lo do pensamento. Não obstante, a recordação persistia. Então, com um repentino rasgo de excitação, ocorreu-me que aquela joia estaria impregnada com a energia essencial de Tehuti. Conseguiria detetá-la com igual infalibilidade, como se ela estivesse ali mesmo em carne e osso. De imediato, a voz do vento me confirmou o que eu havia já entendido.

— Encontra Hathor, e encontrar-me-ás também.

Quando de um salto me levantei, apercebi-me de que ainda me conservava no ponto exato em que o grupo de Al Hawsawi se havia dividido. Vi como um grupo de dez homens se havia afastado para norte, e decidi começar por segui-lo primeiro. Avancei com movimentos lentos, mantendo-me alinhado com um dos lados do trilho deixado pelos cascos dos cavalos.

Abri-me à minha percepção interior para assim receber instruções de Tehuti ou de Hathor, porém, nada senti. Após ter retomado a marcha, logo percecionei uma emoção que me comoveu. Era uma sensação de frustração e solidão que se intensificava mais e mais a cada novo passo que dava.

Regressei então ao ponto de onde havia iniciado a marcha e senti essa desagradável sensação começar aos poucos a mitigar-se, até que desapareceu no momento exato em que cheguei de novo ao local onde os dois grupos se haviam separado.

O segundo grupo de bandidos havia-se afastado em direção ao sul. Segui, desse modo, também o seu trilho.

Quase no mesmo instante, senti uma mudança no meu estado de ânimo. Tornava-me mais e mais cheio de júbilo a cada novo passo que dava, logo após o que senti uma mãozinha quente tomar a minha e apertá-la. Baixei os olhos, mas, apesar de a minha mão continuar vazia, pressenti, sem a menor dúvida, que uma presença se achava a meu lado e conduzia os meus passos.

Comecei a correr, ao mesmo tempo que esquadrinhava a superfície de areias ressequidas, e, cobertos outros cem passos, reparei em algo que cintilava no chão do deserto à minha frente. Apesar de estar enterrado pela metade na areia amarela, reconheci-o de imediato. Baixei-me, apoiando-me sobre um joelho, e afastei para o lado os grãos de areia solta. Peguei, então, no diminuto resto de ouro amarelo e levei-o aos lábios.

Tornei a olhar para Zaras, que, parado ao lado do seu camelo, me observava. Fiz-lhe sinal agitando uma mão por cima da cabeça e instei-o a aproximar-se. Apressou-se a montar o camelo e a fazê-lo avançar, puxando atrás de si o meu animal pela rédea do cabresto que tinha presa a ele.

— Como podeis estar tão certo de que ela seguiu nesta direção e não noutra qualquer? — interpelou-me, ao mesmo tempo que me entregava as rédeas do meu camelo.

— Reconheces esta bugiganga? — perguntei-lhe, abrindo a mão e mostrando-lhe a cabeça dourada que repousava na palma da minha mão aberta em concha. Assentiu com a cabeça sem pronunciar uma única palavra.

— Ela deixou-a aqui para que eu a encontrasse. Como um sinal.

— Que maravilhosa ela é — disse num tom revelador de toda a sua admiração. — Em todo este nosso mundo não há mulher alguma capaz de se lhe comparar.

Cavalgámos ainda outras duas horas antes de alcançarmos um outro cavalo beduíno moribundo. Estava parado, mas com a cabeça pendente, incapaz de dar mais um passo que fosse. O ginete havia-o açoitado sem piedade antes de o abandonar à sua sorte. Tinha os quartos traseiros lacerados pelo chicote e o sangue havia

coagulado, formando uma massa negra e brilhante sobre as feridas abertas.

— Dá-lhe água — ordenei, e o próprio Zaras desmontou para encher uma cuba de couro com água retirada de um dos cantis de couro transportados pelo seu camelo. No mesmo instante, também eu desmontei e tomei posição atrás do ombro do animal, após o que desembainhei a espada. Zaras pôs a cuba de couro com água defronte do desafortunado animal e fê-lo mergulhar nela o focinho. Deixei-o beber ainda uns quantos goles de água antes de levantar a minha espada com ambas as mãos bem acima da sua cabeça. O animal continuava a beber quando, com todo o meu peso e força, fiz a lâmina desferir um único golpe.

Tratou-se aquela de uma decapitação limpa, com a cabeça do animal a desprender-se por completo do coto do pescoço. A carcaça caiu de borco com o sangue a jorrar em golfadas bombeadas pelos vasos sanguíneos rasgados. Logo em seguida, tombou sobre um dos lados.

— Não desperdices a água — adverti Zaras, ao mesmo tempo que limpava a lâmina da minha espada ao lombo do cavalo, e após o que tornei a restituí-la à bainha.

Vi Zaras devolver a restante água da cuba de couro ao cantil de couro de onde a retirara. Eu precisava ainda de alguns instantes para me recompor e recuperar a compostura, posto ter sofrido quase o mesmo que o cavalo antes de o atingir com aquele golpe misericordioso. Abomino a crueldade, bem como o sofrimento desnecessários em qualquer uma das suas formas, e alguém havia abusado selvaticamente daquele cavalo. Todavia, eu evitava que a manifestação clara e verdadeira dos meus sentimentos se assomasse à luz do dia, uma vez que se os meus homens tivessem conhecimento dos mesmos o mais provável era acharem-me um excêntrico e perder um pouco do respeito que tinham por mim.

No momento em que o Sol tocou no horizonte, já nós havíamos passado por três outros desditosos cavalos, e, pela fundura cada vez maior das pegadas deixadas na areia, pude perceber que alguns dos fugitivos árabes partilhavam a respetiva sela com mais companheiros. Outros deles tinham-se visto obrigados a caminhar,

agarrando-se aos estribos de couro das montadas para conseguirem manter-se de pé.

A cada hora que passava, encurtávamos mais depressa a distância que nos separava deles. Mesmo depois de o Sol se pôr, consegui fazer o meu séquito prosseguir. Por fim, a lua cheia elevou-se no firmamento e iluminou-nos o caminho. Era tão intenso o seu resplendor prateado que projetava uma sombra por sobre cada uma das marcas dos cascos que os cavalos árabes haviam deixado impressas na areia. Eu conseguia distingui-las de longe. Hathor é a deusa da Lua, desse modo, soube que aquela era a sua resposta às minhas preces. Avançámos a um ritmo que, segundo os meus cálculos, era o dobro do de uma perseguição. Os camelos responderam em conformidade.

Passámos por outros dois cavalos tombados no caminho junto ao trilho, porém, vi que se achavam já mais além da fase do sofrimento, pelo que não quis perder mais tempo a prestar-lhes assistência. Em seguida, reparei numa figura humana que jazia no meio do nosso caminho. Notei algo de familiar nela, porquanto, dessa vez detive o meu camelo e obriguei-o a ajoelhar-se.

— Cuidado, Taita! — advertiu-me Zaras, um tanto inquieto e ansioso. — Pode tratar-se de uma armadilha. É possível que esteja a fingir-se de morto, e pode ter uma faca a postos, escondida na mão.

Tomei em consideração a advertência e desembainhei a espada, todavia, quando, junto àquela figura humana, me inclinei sobre ela, mexeu-se, levantou a cabeça com enorme esforço e olhou para mim. O luar iluminou o rosto daquele homem e consegui, então, reconhecê-lo.

Fiquei a olhá-lo fixamente com tamanha perplexidade que a princípio nem fui capaz de articular uma palavra sequer.

— O que se passa, Taita? O que vos aflige? — perguntou-me Zaras com um grito. — Conheceis esse homem? — Todavia, não respondi diretamente àquelas perguntas.

— Traz-me aqui o Al Namjoo — ordenei a Zaras sem olhar para ele. O homem que se achava a meus pés começou a gemer, aterrorizado, assim que levantou os olhos para mim. Em seguida,

cobriu a metade inferior do rosto com o quefié feito em farrapos, que lhe fora atado em volta do pescoço, e desviou a cabeça de mim.

Ouvi Zaras dizer a Al Namjoo para se acercar de nós e logo em seguida o barulho do seu camelo a ser forçado a ajoelhar-se atrás de mim.

— Chega aqui, Al Namjoo — disse-lhe num tom de voz severo. Escutei o ranger dos seus passos na areia, enquanto vinha pôr-se a meu lado. Não me voltei para o encarar.

— Aqui estou, meu amo — respondeu em voz baixa.

— Reconheces esta pessoa? — perguntei-lhe, ao mesmo tempo que, com a biqueira da minha sandália, tocava no homem estendido a meus pés.

— Não, senhor, não consigo ver o seu rosto... — murmurou baixo Al Namjoo, todavia, pelo tremor da sua voz, percebi que mentia. Agachei-me e peguei na ponta do quefié do homem para o retirar do seu rosto. Ouvi o grito abafado de Al Namjoo.

— Agora consegues ver o seu rosto — disse-lhe. — Quem é ele?

Pairou sobre todos nós um silêncio denso e diuturno, e a figura supina enterrou o rosto no espaço curvo do próprio braço e começou a chorar com soluços entrecortados. Não conseguia olhar-nos de frente.

— Diz-me, Al Namjoo, quem é este monte de esterco fedorento? — A figura de retórica que eu havia escolhido para descrevê-lo era bem reveladora da minha ira e angústia.

— É o meu filho, Haroun — respondeu num sussurro o ancião.

— E porque chora o teu filho, Al Namjoo?

— Chora porque traiu a confiança que vós e eu depositámos nele, senhor.

— De que maneira traiu ele a nossa confiança, ancião?

— Disse ao Al Hawsawi, o Chacal, onde podia encontrar-nos. Conduziu-o ao reservatório da caverna, para que ali aguardasse a nossa chegada.

— E qual é o castigo que melhor se adequa a semelhante traição, Al Namjoo?

— Esse castigo é a própria morte. Deveis matar o Hanoun, senhor.

— Não, ancião — disse-lhe, desembainhando a minha espada. — Não o matarei eu. Ele é teu filho. És tu quem deverá matá-lo.

— Mas não posso matar o meu próprio filho, senhor — declarou, recuando e afastando-se alguns passos de mim. — Seria esse o ato mais obscuro e vil que imaginar se pode. O meu filho e eu seríamos condenados ao inframundo das trevas de Set para toda a eternidade.

— Mata-o, pois rezarei pela tua alma. Sabes como sou um homem de poder. Sabes como consigo interceder junto dos deuses. É sempre possível que eles atendam às minhas orações. Terás de aproveitar essa oportunidade.

— Por favor, amado amo. Poupei-me a essa terrível obrigação. — Agora, também ele chorava, todavia, em silêncio. Pude ver como as lágrimas lhe luziam na barba prateada sob o efeito daquele luar. Deixou-se cair de joelhos e beijou-me os pés.

— Morrer às mãos do seu pai é o único castigo que lhe é conveniente — respondi-lhe, fazendo caso omisso dos seus rogos. — Levanta-te, Al Namjoo. Mata-o, ou matarei primeiro os teus dois filhos mais jovens, o Talal e o Moosa, para, em seguida, matar o Haroun e por último te matar a ti. Não restará linha de sucessão masculina alguma em tua casa. Não haverá ninguém que reze pelo vosso desaparecimento.

Levantou-se titubeante e coloquei o punho da minha espada entre as suas mãos. Fitou-me diretamente nos olhos, e pôde ver como a minha determinação era tão férrea como um diamante. Baixou os olhos num gesto resignado.

— Fá-lo! — insisti, e com ambas as mãos enxugou as lágrimas do próprio rosto. Em seguida, ergueu o queixo com determinação e foi com firmeza que agarrou o punho da espada que eu mesmo lhe oferecia. Passou diante de mim e estacou por sobre Haroun.

— Fá-lo! — repeti, após o que ergueu a espada e a desferiu uma vez, duas vezes e ainda uma terceira. Depois, largou a minha arma e deixou-se cair por sobre o cadáver do filho primogénito. Embalou contra o peito a cabeça deformada e aberta, ao mesmo tempo que os miolos amarelos lhe escorriam por entre os dedos. Começou, então, a entoar o tocante lamento de luto.

Apanhei a minha espada do chão e limpei a lâmina ao cadáver, após o que regressei para junto do meu camelo e o montei. Deixei Al Namjoo sozinho a recompor-se da sua perda e uma vez mais retomei o caminho do Chacal, indo no seu encalço.

O meu sentido de compaixão não abarca toda a humanidade. A minha magnanimidade não cobre todos os pecados cometidos contra mim.

Ao raiarem os primeiros luzeiros do albor, chegámos ao local onde Al Hawsawi havia dividido uma segunda vez os seus homens. Fora aquele um ato desesperado, pois significava isso que a sua primeira divisão não me havia afastado da sua rota.

Desmontei e perscrutei as marcas deixadas no caminho, para, desse modo, fazer uma estimativa do número de beduínos que os compunham.

Num primeiro grupo, havia seis cavalos, enquanto no segundo eram em número de quatro, com cada montada a transportar dois ginetes. Isso somava um total de vinte homens, sem contar com os cinco que seguiam a pé.

Levantei a cabeça para, com o olhar, seguir o rasto deixado pelo grupo maior, que havia escolhido seguir a rota do norte. O meu coração começou a bater em compassos acelerados, mal vi as pegadas pequenas e delicadas que conhecia tão bem seguirem as restantes. Eram eles que haviam levado Tehuti consigo.

Agora, porém, havia ela desmontado, e, pelas marcas ali deixadas, percebi como, contra a sua vontade, estava a ser arrastada por dois dos árabes. Logo corri para ir examinar as pegadas mais de perto. O meu alívio converteu-se em fúria quando me dei conta de que um dos seus pés descalços sangrava, posto ter-se cortado nas aceradas estilhas de pedra que pejavam aquela porção de areia.

O rasto era claro e inequívoco, desse modo, não tive a mais pequena dúvida de que Tehuti se achava incluída no grupo que havia rumado para norte. Ainda assim, sabia eu que a minha fúria podia interferir com o meu bom raciocínio, pelo que teria de me certificar de que não tinha a mais pequena dúvida quanto a isso.

— Mantém-te aqui até que eu te chame — ordenei a Zaras, com um grito. Deixei-o e segui a sucessão de pegadas bem distintas. Havia percorrido não mais de cento e vinte passos quando as pegadas da princesa desapareceram por completo, todavia, esse facto não me deixou excessivamente preocupado.

Consegui perceber que um dos árabes montados num cavalo, possivelmente o próprio Al Hawsawi, havia agarrado nela e a içara para a sua montada. Seria de esperar que, a partir desse momento, prosseguisse caminho sentada na sela atrás dele. Semelhantes sinais não só eram evidentes, como eram reforçados pela aura que emanava da cabeça de Hathor, que eu segurava na palma fechada da mão direita.

Olhei para trás e fiz sinal a Zaras para que se juntasse a mim, o que fez, trazendo-me o meu camelo. Montei-o e conduzi o séquito para diante, seguindo as pegadas dos árabes, que se haviam dirigido para norte, levando Tehuti consigo.

Seguimos a galope por sobre uma pequena colina que tornava o solo desértico ondulante, e, no momento em que subíamos para a elevação seguinte, tomei consciência de que a aura que emanava da joia de ouro da Princesa Tehuti começava a desvanecer-se e a perder o poder. Larguei as rédeas de repente e deixei o olhar espriar-se devagar em meu redor por toda a vasta paisagem de dunas.

— O que vos aflige, meu senhor? — perguntou-me Zaras, ao mesmo tempo que aproximava o seu camelo do meu.

— Afinal de contas, a Tehuti não seguiu nesta direção — garanti-lhe com determinação. — O Chacal enganou-nos.

— Não é possível, Taita. Também eu vi as suas pegadas. Disso não tenho a mais pequena dúvida — desafiou-me.

— Em determinadas ocasiões, consegue-se ver a mentira com toda a clareza, ao passo que a verdade se mantém oculta — respondi-lhe, enquanto virava a cabeça da minha montada.

— Não entendo, meu senhor.

— Acabo de me dar perfeita conta disso, Zaras. Muitas coisas há que nunca chegarás a entender, pelo que não perderei mais tempo

a tentar explicar-tas. — Foi uma resposta antipática da minha parte, todavia, tinha de descarregar a minha própria frustração em alguém.

Ainda que o expressassem em voz baixa, foi-me dado ouvir os resmungos e as queixas dos nossos homens quando se viram forçados a dar meia-volta e a seguir-me. Zaras fê-los calarem-se com um grunhido.

Regressei ao ponto em que havia perdido as pegadas descalças de Tehuti, no momento exato em que fora de novo içada por Al Hawsawi para a sela do seu cavalo. Desmontei e entreguei a rédea principal do meu camelo a um dos homens para que segurasse nesta.

Percebi que havia algo que eu próprio negligenciara, mas continuava a escapar-me.

Regressei ao ponto em que os dois grupos de beduínos se haviam separado, e, com grande minúcia, esquadrinhei todo o terreno. Teriam havido pegadas a seguir numa qualquer direção contrária?, perguntei-me. A resposta foi terminantemente negativa. Desde o ponto exato em que os dois destacamentos se haviam bifurcado, cada um deles seguira a sua marcha em linha reta; ninguém havia voltado para trás.

Não obstante, sabia eu que buscava a resposta na anomalia, sem, no entanto, conseguir vê-la, nem reconhecê-la.

— Ela tem de ter seguido para trás — sussurrei para comigo. — Não prosseguiu para diante com o segundo grupo, desse modo, teve de ter seguido para trás.

Detive-me nas minhas próprias palavras. Por que razão havia eu empregado as palavras «seguido para trás»? Admirei-me com a minha incorreção naquele contexto, posto de habitual o meu uso linguístico ser irrepreensível.

— Uma pessoa não segue para trás — emendei-me em voz alta. Sabia que agora me aproximava da solução. — Uma pessoa volta para trás, ou caminha para trás... — tornei a interromper-me. Era isso mesmo! Percebera, finalmente!

Retrocedi, correndo para o sítio onde terminavam as pegadas descalças de Tehuti.

Posto saber eu já o que procurava, encontrei de imediato. Havia outro conjunto de pegadas masculinas que pareciam seguir naquela mesma direção do norte, como todas as demais do grupo. Naquele momento, porém, apercebi-me de certas diferenças subtis.

Essas pegadas estranhas começavam a aparecer no mesmo ponto em que as de Tehuti haviam desaparecido, tendo pisado todas as outras previamente marcadas. Quem quer que fosse o autor daquelas pegadas, carregava algo muito pesado. De maior significado ainda era o facto de, a cada passo dado, os calcanhares das sandálias dessa pessoa lançarem um fio de areia para trás... quando expectável seria que os dedos grandes dos pés arrastassem a areia para diante.

— Foi o Chacal que deixou aqui estas pegadas — concluí, quase conseguindo ver tudo aquilo desenrolar-se diante dos meus olhos ao mesmo tempo que falava. — Começou por deixar a Tehuti no ponto exato em que o grupo se dividira. Obrigou-a a caminhar diante do seu cavalo, seguindo aquele grupo que rumava para norte. Depois de terem percorrido já duzentos passos, ele desmontou, mandou que o seu cavalo seguisse com aquele mesmo grupo de homens, após o que pegou na Tehuti e a carregou nos braços até ao sítio onde o primeiro grupo o aguardava; a partir daí, porém, caminhou para trás, levando-a deitada sobre um dos ombros. O primeiro grupo tinha outro cavalo à espera de ambos, dele e da Tehuti, tendo sido nele que a levou com o grupo que se dirigia para sul. Desse modo, conseguiria confundir-nos e levar-nos a seguir o grupo que rumara para norte. Tudo isto era tão diabolicamente rebuscado e astucioso que fiz um sorriso torvo. — Todavia, não foi tão astucioso assim — comentei em voz alta, com satisfação.

Zaras e os seus homens olhavam-me de semblantes confusos e no mais completo assombro, que se intensificou quando não fiz caso algum das manifestas pegadas de Tehuti, e os levei de volta ao sítio onde os dois grupos de beduínos se haviam separado.

Quando partíamos no encalço do grupo mais pequeno, que se dirigia para sul, esperei que Zaras, ou pelo menos um dos seus homens, protestasse, mas foi com uma certa decepção que percebi que nenhum deles era capaz de se armar de coragem suficiente

para contestar a minha decisão. A cada légua que eu os conduzia mais para sul, ia crescendo em intensidade o calor que irradiava da cabeça dourada da deusa que eu sustinha ainda na palma da mão.

Naquele momento, eu sabia bem o muito que Tehuti estava a sofrer. Quando o Chacal a capturara, trazia ela vestida apenas uma túnica leve de algodão, pelo que isso a devia proteger muito pouco da sela de madeira que tinha debaixo de si ou do Sol que brilhava alto por sobre ela. Eu bem vira o sangue que brotara dos seus pés feridos quando fora obrigada a caminhar descalça. É que os pés de uma princesa egípcia são bem mais delicados do que os de uma menina campesina.

Consolava-me unicamente o facto de estar convicto de que o Chacal nunca se permitiria, nem a ele nem a nenhum dos seus homens, violar o seu corpo ainda tão tenramente maduro, posto ser ela muito mais valiosa no estado virginal. Ele teria de ser suficientemente perspicaz para se dar conta de que, pelo preço do resgate, poderia comprar dez mil formosas escravas meninas. Apesar disso, estava eu muito tentado a incrementar maior ritmo às montadas e a forçar os camelos ao andamento máximo para poupá-la a mais uma hora de tormento.

O meu bom senso habitual refreou-me. Sabia que o Chacal havia de sacar de mais alguns truques, e que isso me obrigaria a ter na manga um ás de reserva. Diminuí a velocidade dos camelos para uma marcha mais descontraída, sem que, no entanto, pudéssemos fazer mais paragens para beber ou para descansar, e progredimos dessa maneira por toda aquela manhã.

Então, uma hora depois de o Sol atingir o seu ponto mais elevado, subi por outra cumeeira de arenito compacto, e, mal cheguei ao pico, fiquei parado a observar a extensa bacia da superfície que se abria por muitas léguas de distância. Tratava-se de um vale com gigantescas esculturas naturais que haviam sido talhadas pelos ventos da eternidade. Os antemuros e os pináculos da rocha vermelha petrificada compulsavam tão alto as suas cúpulas que pareciam fazê-las roçar no ventre do céu azul esmaecido, ainda que as bases tivessem sido erodidas por ação do

vento até ficarem reduzidas a delgados pilares sobre os quais se sustinham as cabeças maciças.

Os meus olhos eram os mais veteranos de todo o séquito, todavia, como de costume, demonstravam ter bem maior acutilância do que os dos restantes, pelo que fui o primeiro a discernir ao longe a presença dos fugitivos. Inclusive, quando os indiquei a Zaras, nem assim os homens foram capazes de distinguir aquele grupo humano por entre os lugares sombreados do sopé de um dos gigantescos monólitos de pedra. Todavia, justiça lhes seja feita, o ar quente que irradiava das rochas escaldantes expostas ao sol tremulava e estremecia, criando assim uma miragem e perturbando-lhes a visão.

Foi então que um pontinho de luz do Sol foi refletido da lâmina ou da ponta de uma lança e fez a sua atenção focar-se ali de imediato. Ouviram-se brados de triunfo e gritos de guerra sanguinários, vindos do séquito que seguia atrás de mim, e percebi que o pior ainda estava para vir. Agora estávamos diante de homens desesperados, e Tehuti corria um perigo bem maior do que alguma vez correria desde que o Chacal a sequestrara.

Com um gesto abrupto, silencieei os homens e conduzi-os à parte de trás do espinhaço, deixando de vigia aos beduínos um sargento de confiança e dois dos seus homens. Após essas manobras, quando tornámos a estar fora da linha do horizonte, permiti que os restantes homens do séquito desmontassem, repousassem e preparassem as armas para o combate.

Da bolsa de pele que guardara no fardo de couro transportado pelo meu camelo, retirei o arco de guerra e a aljava com uma boa provisão de flechas, levando-os comigo quando pedi a Zaras que nos afastássemos para conversarmos em privado. Mal encontrei um assento numa laje de arenito, indiquei-a ao meu capitão para que se sentasse a meu lado.

— Todos os seus cavalos estão esgotados, pelo que não conseguem continuar. O Chacal escolheu o terreno no qual irá opor toda a sua última resistência — comecei por lhe dizer, e logo prossegui explicando-lhe com exatidão o que tinha de fazer para libertar Tehuti das garras do Chacal sem lhe causar dano algum.

Quando terminei, fi-lo repetir as minhas instruções, para que não houvesse mal-entendido algum.

Enquanto conversávamos, substituí a corda do arco por uma nova. Em seguida, do interior da aljava, escolhi três flechas que, ao primeiro olhar, pareciam ser perfeitas. Fi-las rodar entre as mãos para detetar em cada uma a mais pequena distorção, e, depois de passarem pelo meu rigoroso escrutínio, escondi-as debaixo do cinturão. Deixei as flechas por mim rejeitadas na aljava, que pus ao ombro e firmei às costas. Era muito pouco provável que tivesse a possibilidade de disparar mais do que uma única flecha, para mais, a distância seria muitíssimo grande. Se outra oportunidade se me apresentasse, não teria tempo a perder com a escolha de outra flecha.

— Estou pronto, Zaras — levantei-me e dei-lhe uma palmada no ombro. — E tu?

Levantou-se de um salto, e respondeu:

— Sim, Taita! Estou disposto a morrer pela Princesa. — Aquela era uma declaração melodramática, todavia, fiquei comovido com a sinceridade. O amor juvenil tem um esplendor peculiar só seu.

— Creio que tanto a Princesa Tehuti quanto eu preferíamos que te mantivesses vivo — observei com aspereza, e levei-o de volta ao séquito para que nos juntássemos aos homens, que agora nos aguardavam.

Enquanto Zaras lhes dava as respetivas ordens, apropriei-me da armadura de pele de crocodilo e do elmo de bronze de um dos guardas e coloquei-os de molde a esconder a minha túnica tão característica e a minha longa cabeleira solta, pois não pretendia eu destacar-me de entre os meus homens.

Uma vez terminados todos os preparativos, tornámos a montar os camelos e a transpor a cordilheira que havíamos começado por descer na direção do vale dos monólitos de arenito, fazendo agora avançar os camelos a passo lento até ao sítio onde o Chacal e os seus homens nos aguardavam.

Aproveitei esta última oportunidade para ajustar o protetor de couro do meu antebraço esquerdo, que havia ficado magoado

aquando do ricochete da corda do arco. O ferimento que eu próprio me infligira continuava aberto e purulento.

Zaras conduzia todo o séquito. Os homens avançavam juntos e bem alinhados a uns vinte passos de distância dele, enquanto eu já não seguia na frente do grupo ao lado do meu capitão.

Irreconhecível na minha nova armadura emprestada, tomei posição no extremo do flanco esquerdo da segunda fila, e ocultei o arco de guerra debaixo do pano da sela do camelo, onde o inimigo não conseguiria vê-lo até ao momento em que eu o levantasse.

Zaras avançava a bom ritmo na dianteira da formação, deste modo, podia centrar em si próprio toda a atenção do Chacal. Ao pegar na sua espada ao contrário e erguê-la nas alturas com o punho bem à vista, exibia o sinal universal de tréguas.

Eu sabia que o Chacal havia de estar à espera desse convite ao diálogo, posto estarmos bloqueados num impasse, além de ele não ter escapatória possível, dado todos os seus cavalos se encontrarem esgotados e os seus homens fora de combate.

Por outro lado, não podíamos simplesmente carregar sobre eles, para pôr cobro a tudo aquilo, enquanto ele continuasse a brandir um punhal de encontro à garganta de Tehuti.

Eu teria de confiar em Zaras para me pôr dentro do alcance de tiro do Chacal sem provocar a sua reação assassina, e à medida que nos aproximávamos, pude, assim, inspecionar todo o terreno de um modo mais efetivo.

A partir da minha interpretação dos rastos por eles deixados, conseguira eu perceber que o número de homens de Al Hawsawi se havia gradualmente reduzido a quinze sobreviventes, quer pela divisão feita no grupo inicial, quer pelas condições adversas do deserto. Contava eu com cinquenta e seis guardas, incluindo Zaras, encontrando-se todos eles relativamente vivazes e em excelentes condições para o combate. Assim, só poderia haver um único desfecho, no caso de as coisas terminarem em recontro. Morreriam todos, inclusivamente a própria Princesa Tehuti.

Al Hawsawi havia escolhido com o maior cuidado o seu derradeiro posicionamento debaixo daquele colossal monólito de arenito. A rocha protegia-lhe os dois flancos, mas também lhe dava

uma vantagem adicional. O teto protetor de arenito, que se estendia por sobre toda a sua posição, limitava inclusivamente a tão grande cobertura do arco de guerra. Eu não podia guardar uma grande distância deles, nem levantar o arco o suficiente para o disparar e matar o Chacal, sem que a flecha batesse primeiro no teto da rocha posicionada por cima da sua cabeça. Teria de o fazer mais de perto e disparar um tiro com uma trajetória bem mais plana.

Todavia, aquela rocha vermelha também era um cárcere para o Chacal, posto vedar-lhe qualquer linha de retirada. Teria, por isso, de negociar connosco uma troca: as vidas dos seus homens e a dele próprio, pela da minha princesa.

Conduzidos por Zaras, cavalgámos devagar até ao sítio onde o Chacal nos aguardava à distância.

Agora, conseguia eu ver que todos os cavalos dos beduínos haviam sucumbido à sede e às duras condições climatéricas. Os árabes haviam arrastado as últimas carcaças de molde a com elas descreverem um semicírculo virado para fora na nossa direção. Era por detrás dessa barricada improvisada e pateticamente insuficiente que agora estavam agachados os sobreviventes. Apenas aparecia o alto das respetivas cabeças, assim como as pontas das lanças e das lâminas recurvas das cimitarras que brandiam para nós.

Ao mesmo tempo que nos aproximávamos deles, dei-me conta de que, pelo menos, três dos árabes seguravam em arcos com as respetivas flechas tensas, preparados para as disparar sobre nós. Os Beduínos, porém, não são particularmente bons arqueiros. Os seus arcos são frouxos e têm metade do alcance da poderosa arma de lâmina recurva, que eu levava bem firmada debaixo do pano da sela à altura do joelho e pronta a ser sacada.

Agora, tudo dependia de quão perto daquelas diminutas fortificações Zaras conseguiria levar-me antes de, com um grito, Al Hawsawi ordenar a interrupção da nossa progressão. A cada passo dado pelo meu camelo, calculava eu a distância cada vez mais curta.

Chegámos ao ponto crucial em que eu sabia que poderia baixar a minha trajetória e alcançar qualquer um dos árabes com o arco, sem precisar de ter receio de esbarrar no teto de pedra suspenso que

protegia as suas cabeças. Soltei um suspiro sonoro de enorme alívio. Cada passo dado para diante pelo meu camelo era um reforço da minha posição.

O guarda que ocupava a fila dianteira da minha dispôs-se a vigiar-me enquanto eu me agachava e deitava mão firme ao arco de guerra. Em seguida, sem baixar os olhos e com a mão que tinha livre, escolhi uma flecha das que trazia no cinturão. Coloquei-a sobre o extremo superior do punho do arco e sustive-a ali com o dedo indicador da mão esquerda.

O meu camelo levou-me para diante outros cinco passos lentos e majestosos até que um homem se levantou, e, após caminhar em direção ao centro da linha beduína, nos encarou. Retirou da cabeça o capuz do albornoz para revelar o próprio rosto, e rugiu-nos umas quantas palavras em árabe.

— Alto! Não se aproximem mais — O eco da sua voz ressoou por todo o teto de arenito que estava por cima dele.

Reconheci-o de imediato como o animal de barba negra que eu havia visto três dias antes a arremessar Tehuti para cima da sua sela, ao mesmo tempo que, por baixo do seu braço levantado, me lançava um olhar malicioso de soslaio. No mesmo instante, pude confirmar esse facto assim que tornou a gritar.

— Sou Al Hawsawi, o chefe guerreiro dos Beduínos. Todos os homens temem o poder que detenho.

Agachou-se e, por detrás do cadáver do seu cavalo, no espaço onde a havia escondido, levantou Tehuti do chão.

Segurou-a, então, de tal modo que pudéssemos vê-la bem e reconhecer o seu rosto. Postado atrás dela, firmava ele o braço esquerdo em volta do seu pescoço, asfixiando-a para que não se atrevesse a opor-lhe resistência, nem a gritar, ao mesmo tempo que, com a mão direita, empunhava a sua espada desembainhada. O corpo de Tehuti serviu de escudo ao beduíno durante todo o tempo em que, por cima do ombro da menina, nos fulminou com o olhar.

Al Hawsawi havia despojado Tehuti de todas as suas vestes, sabendo eu que a intenção daquele gesto era humilhá-la e demonstrar como detinha total domínio sobre ela. Os seus membros pareciam mais esguios e juvenis quando comparados com o maciço

braço peludo, que ele imobilizava em volta do seu pescoço. A pele da sua figura nua era opalescente como madrepérola, e os seus olhos estavam tão dilatados pelo pavor que pareciam ocupar-lhe o rosto por inteiro.

Zaras saltou do dorso do seu camelo, e, sem deixar de mostrar a sua espada invertida, começou a caminhar devagar até ao sítio onde Al Hawsawi mantinha Tehuti retida. Levantou a viseira do elmo para revelar a sua própria identidade, como Al Hawsawi fizera.

No momento exato em que Tehuti reconheceu Zaras, vi como o terror se desvanecia dos seus olhos e, a substituí-lo, surgia a luz intensa da bravura e da esperança. Os lábios da princesa moveram-se para articular o seu nome, mas o som pronunciado foi abafado pelo peso do braço maciço que lhe apertava a garganta.

Nesse instante, senti-me orgulhoso dela, do mesmo modo que sempre me havia sentido orgulhoso da sua mãe. Todavia, logo descartei essas recordações e pensamentos para que me não distraíssem. Os meus olhos avaliaram o alcance de tiro, ao passo que a minha mente fez o cálculo da altura e da inclinação da flecha em pleno voo.

Senti a suave brisa roçar-me no ombro esquerdo, mas apercebi-me de que, no sítio onde Al Hawsawi se encontrava, se achava protegido da mesma pelo volume de uma enorme placa de arenito. Só um arqueiro muito expedito conseguiria acertar naquele alvo: primeiro, pela inclinação do vento para a direita, depois, pela porção de ar imóvel que a flecha encontraria na descida para os últimos côvados, antes de se cravar no alvo.

Al Hawsawi começava a ficar furioso, proferindo insultos e advertindo Zaras para que se detivesse e não se aproximasse mais. Sustinha a espada na mão direita e pressionava agora a ponta da lâmina de bronze por baixo da mandíbula de Tehuti, roçando na suave depressão do seu pescoço.

— Fica onde estás, ou mato esta vadia e extirpo-lhe os ovários pútridos e enfermos — gritou o beduíno a Zaras.

— Ninguém tem de morrer — respondeu-lhe Zaras, num tom de voz conciliatório e sossegado. — Podemos conversar — acrescentou, continuando a aproximar-se do par. Fiz daquele

mesmo modo com o meu camelo, posto Zaras estar a ganhar terreno que me era muito útil. Cada passo dado pela minha montada, encurtava eu a distância do disparo, ainda que o tornasse bem menos formidável.

O mais importante ainda era ele estar a obrigar Al Hawsawi a virar-se um tanto para continuar a encará-lo de frente, abrindo desse modo a zona do alvo para que eu pudesse disparar a flecha.

Teria eu tão-só de desviar a atenção do Chacal o tempo suficiente para conseguir esticar o arco e disparar a flecha, fazendo-a voar direita ao alvo.

Sem mover a cabeça, soltei o grito de um falcão de caça no momento em que inicia a sua descida. Posto o meu emblema de vida ser o do falcão ferido, aperfeiçoei bem aquele grito. Nem o falcoeiro mais experimentado consegue distinguir a minha imitação da voz da ave verdadeira. As paredes da rocha amplificavam o eco do som, de modo que, com toda a nitidez, se sobrepôs à invetiva de insultos de Al Hawsawi.

Todos os Beduínos são ávidos falcoeiros, e Al Hawsawi logo reconheceu aquele chamamento evocativo, não sendo capaz de lhe resistir. Interrompeu a torrente de insultos, e levantou os olhos para ver de onde era proveniente aquele grito. Foi não mais do que um instante de distração, mas era tudo quanto eu necessitava.

Coloquei a melhor flecha no arco, tocando-se e encaixando-se ambos na perfeição, como os corpos dos amantes divinos que correm um para o outro no paraíso. Puxei a corda do arco até me roçar nos lábios e soltei-a. Fiquei a ver a flecha subir pelo ar e atingir o seu ponto mais elevado. Roçou o teto da rocha, mesmo por cima da cabeça do Chacal, sem lhe tocar, e logo iniciou a descida.

Na minha opinião, aquela flecha movia-se com grande elegância, todavia, sabia eu bem que só um olhar tão acutilante como o meu conseguiria segui-la.

Em seguida, apercebi-me de que os olhos do Chacal piscavam nervosamente dentro das órbitas. Após isso, ainda que eu soubesse ser de todo impossível aquilo acontecer, ele viu, ou, como um animal selvagem, pressentiu a presença da flecha a descer direita a ele. Virou a cabeça um tanto para cima, e o seu corpo começou a

rodar, pelo que a flecha se cravou na parte superior do seu peito, um palmo desviado para o lado. Havia-se deslocado apenas o suficiente para perturbar o meu alvo, pelo que percebi de imediato que a ponta da flecha não atingiria o seu coração.

Não obstante, o peso e a velocidade do impacto fizeram-no retroceder alguns passos. Por instinto, abriu os braços de par em par, ainda a tentar recuperar o equilíbrio, todavia, as pernas cederam ao seu peso e caiu redondo no chão de arenito.

Com movimentos giratórios do corpo, Tehuti conseguiu soltar-se do aperto das mãos do sequestrador e vi como contorcia o corpo no ar e caía com a mesma agilidade de um gato. De pronto se levantou, e, despida e encantadora, deteve-se, ainda que momentaneamente confusa pelo repentino tumulto que se havia instalado em seu redor.

Zaras havia-se preparado para o grito do falcão, exatamente como havíamos acordado pouco tempo antes. Assim que emiti aquele ruído, logo se precipitou para o sítio onde se achava Tehuti.

Ele mostrou-se tão ágil e rápido como uma chita em plena caça, e teve de passar por cima do corpo prostrado do Chacal para chegar junto de Tehuti. Ao ver como a flecha o trespassara e se projetava para fora da parte superior do tronco de Al Hawsawi, julgou que eu o havia matado, por isso, não lhe prestou maior atenção. Alcançou Tehuti antes mesmo de os outros beduínos se darem conta do que estava a acontecer. Agarrou-a por um braço e puxou-a para trás de si, escudando-a assim com a envergadura do seu próprio corpo. Lançou ao ar a espada invertida que segurava na outra mão, e, antes de cair no chão, apanhou-a pelo punho e pôs-se em posição de ataque, assim se mantendo à espera do grupo de árabes que se havia precipitado para ele.

— À carga! — ordenei aos nossos homens para investirem de molde a protegerem o casal. — A eles, rapazes! — instiguei-os, aferroando o meu camelo para que avançasse num galope zoupeiro, ao mesmo tempo que armava outra flecha. Vi um dos arqueiros árabes certificar-se da sua próxima trajetória e levantar o arco para fazer pontaria para Zaras.

Disparei a flecha apenas um instante antes de o dito árabe conseguir desferir a sua, atingindo-o na garganta mesmo a tempo de lhe arruinar o disparo. Enquanto a sua flecha descrevia uma órbita ampla, o árabe caiu de joelhos, agarrado à haste da minha seta, que se lhe projetava para fora da garganta, fazendo o sangue vivo e lustroso sair-lhe aos borbotões pela boca ofegante.

Intrépido, um dos seus companheiros investiu sobre Zaras, com a cimitarra bem levantada no ar, e desferiu-lhe um golpe na cabeça. Zaras, porém, esquivou-se da lâmina do árabe, e usou esse impulso para, com um golpe limpo, lhe cortar pela altura do cotovelo o braço que sustinha a espada. O árabe gritou e recuou aos tropeções, agarrado ao coto do braço, acabando por esbarrar com o homem que se encontrava ajoelhado com a minha flecha cravada na garganta, após o que caíram juntos, formando uma única rodilha, que dessa feita entrou a carga dos companheiros.

Disparei a terceira flecha e neutralizei outro dos bandidos beduínos. Zaras virou a cabeça e dirigiu-me um sorriso breve, mas rasgado, de abonação. Sem conseguir acreditar no que os meus olhos viam, apercebi-me de como o jovem insensato, na verdade, se divertia.

— Volta para aqui! — gritei-lhe. — Traz a Tehuti para que fique em segurança.

Ele levantou-a do chão, como se de uma menina pequena se tratasse, e, com um impulso, susteve todo o peso do seu corpo no ombro esquerdo.

— Ponde-me no chão! — gritou-lhe ela, agitando as pernas em grande fúria como que para se soltar. Ele fez caso omisso dos seus protestos e voltou para trás ao nosso encontro, ao mesmo tempo que corríamos para diante para cobrir a sua retirada.

Al Hawsawi jazia no mesmo sítio onde a flecha o abatera. Todos nos havíamos esquecido dele e dirigido toda a atenção para o beduíno que iniciara a investida, desse modo, fui tão culpado como qualquer um dos meus homens. Sabia eu que o Chacal conseguira eludir o meu golpe fatal, pelo que era bem possível que ainda estivesse vivo. Julguei, todavia, que, no mínimo, o tivesse ferido com gravidade, e que por conseguinte não constituía ainda uma

ameaça para nenhum de nós, posto o seu corpo inerte ter ficado estatelado no chão com a espada maniatada sob o seu peso.

Zaras vira-se forçado a passar por cima dele para chegar junto de Tehuti, e agora dava início à retirada e tornava a passar por sobre ele com toda a atenção concentrada nos árabes que o ameaçavam.

De repente, Al Hawsawi deu meia-volta e sentou-se direito. Embora agora segurasse a espada na mão direita, já não tinha forças para se levantar.

— Em guarda, Zaras! — gritei-lhe, ao mesmo tempo que tateava à procura de outra flecha, todavia, a tampa fechada da aljava frustrou a minha ação de puxar por aquela. — Atrás de ti, Zaras! Cuidado com o Chacal.

Quem sabe se a minha voz foi abafada pelo burburinho do combate, ou se ele não compreendeu a minha advertência, pelo que o certo é que um último passo dado atrás o pôs bem ao alcance da espada de Al Hawsawi.

Com um incoerente grito de desespero, o Chacal investiu de encontro a ele com um golpe desferido pelas costas, a partir de baixo. Embora carecesse de força, a ponta da espada de Al Hawsawi estava suficientemente afiada para rasgar o saio de couro de Zaras e penetrar nas suas robustas pernas juvenis.

Al Hawsawi tentou por todos os meios sacar a espada das duras carnes de Zaras, todavia, faltavam-lhe já as forças para o fazer. Caiu então para trás e ficou apoiado nos cotovelos. Enquanto ofegava com um barulho rouco para tentar respirar, a ponta da flecha que sobressaía do seu peito contorceu-se num espasmo até lhe cortar a respiração, e um fio de sangue correu-lhe pelo canto da boca.

Todo o corpo de Zaras se afrouxou e cedeu, para logo reganhar a rigidez habitual, e a espada que segurava na mão direita caiu aos seus pés. Tehuti conseguiu soltar-se do aperto do seu braço esquerdo e levantou-se.

— Ide ter com o Taita — ouvi-o pronunciar com dificuldade, apesar das dores que o tomavam. — Fui morto. O Taita vos defenderá. — Tornou a dobrar-se para agarrar no baixo-ventre, no sítio onde a lâmina da espada se cravara fundo no seu interior.

Tehuti fez caso omissso das suas instruções, e manteve-se paralisada ao seu lado. Tive a sensação de que no princípio não foi capaz de compreender o que havia acontecido, até que baixou a vista e viu o punho da espada do Chacal a sair debaixo do saio de Zaras, e o sangue a escorrer e a pingar de entre as suas pernas.

Com o tronco a pender para diante, Zaras caiu de joelhos, e inclinou a cabeça até a testa lhe bater no chão.

O rosto de Tehuti, que permanecia de pé junto a Zaras, contorceu-se até se tornar numa máscara iracunda e gritar para Al Hawsawi:

— Mataste o Zaras! Mataste o meu homem! — exclamou, apanhando a espada de Zaras do sítio onde a tinha deixado cair. Virou-se para o Chacal com uma força desproporcionada para a delicadeza do seu corpo e uma fúria que não combinava com a sua feminilidade e cravou a ponta da espada na garganta do Chacal.

O pouco fôlego que lhe restava saiu-lhe com um silvo da traqueia rasgada, fazendo-o agarrar com as duas mãos na lâmina despida da espada, como se quisesse desse modo impedi-la de o trespassar de novo. Com uma força desvairada, Tehuti arrancou-lhe da garganta a lâmina colérica. Enquanto esta deslizava pelos dedos fechados de Al Hawsawi, o seu gume bem afiado cortou-lhos até ao osso.

Tehuti posicionou-se por cima dele e desferiu-lhe repetidos golpes no peito, por entre as costelas e nos genitais.

Correndo, os meus homens passaram por Tehuti, direitos ao único beduíno sobrevivente, que estava diante deles, e, inclinado na sela, se preparava para investir sobre eles com as suas compridas lanças de cavalaria.

Deixei-os avançar. Soltei as rédeas do meu camelo quando me achava já junto a Tehuti e desmontei do dorso. Lancei os meus braços em torno dela e segurei-a assim até se mostrar tranquila e logo lhe retirei a espada das mãos.

— Mataste-o por dez vezes — disse-lhe com brusquidão. — Agora, o Zaras precisa da nossa ajuda. — Sabia que o seu nome aplacaria a sua fúria e tornaria a sua mente mais concentrada.

Eu não queria obrigar Zaras a ser deslocado, posto bastas vezes essa ação ter dado provas do agravamento de um ferimento como o que ele sofrera. Dei então ordem aos homens para que improvisassem um abrigo por cima dele para que aí mesmo repousasse.

Enquanto o construía, mandei que o sargento dos guardas fosse retirar dos cadáveres árabes as túnicas mais limpas e menos ensanguentadas que encontrasse e mas trouxesse, tendo-as eu usado para proteger Tehuti do sol e do fascinado escrutínio dos homens.

Em seguida, ordenei-lhes que arrastassem uma légua para sul as carcaças dos cavalos árabes mortos, assim como os cadáveres do Chacal e dos seus homens e os deixassem, assim, ao abandono no deserto. Devido às altas temperaturas que agora se registavam, começariam a apodrecer transcorrida somente uma hora. A última imagem que guardo do Chacal foi vê-lo a ser reboqueado nu atrás de um camelo com um laço passado num nó corredio em volta dos tornozelos e a cabeça aos sacolejos pelo chão pedregoso, ao mesmo tempo que os braços estendidos acima da cabeça se sacudiam como se quisessem despedir-se de mim.

Trouxera comigo o meu estojo de esculápio, assim como um pequeno suprimento de ervas e produtos de botica, que, quase como se fizessem parte do meu próprio corpo, sempre me acompanhavam para toda a parte. Antes, porém, de começar a examinar o ferimento de Zaras, sabia eu bem que aqueles meus recursos eram parcos e desadequados para aquela tarefa de o tratar que tinha pela frente.

Não podia ali contar com tipo de auxílio traquejado algum, posto os guardas abrutalhados que me acompanhavam serem na totalidade altamente experimentados em acabar com as vidas humanas, contudo, era abissal a sua ignorância no que dizia respeito a operações de salvamento e de socorro.

De todos os que me acompanhavam, a única pessoa em quem eu podia confiar era Tehuti. Auxiliara-me ela já no tratamento de cavalos feridos, bem como de outros animais domésticos. De certa maneira, todavia, continuava eu a vê-la ainda uma menina. Não

queria que visse morrer Zaras, embora fosse isso o mais provável que lhe acontecesse. Não tinha, porém, alternativa alguma.

— Terás de me ajudar a cuidar dele, Princesa — disse-lhe enquanto preparava um xarope de sumo de uma flor vermelha bosquímana, suficientemente potente para deixar um touro aturdido.

— Claro — respondeu em voz baixa, mas com uma determinação de tal sorte inabalável que me fez pensar logo na sua mãe. — Diz-me simplesmente o que pretendes que eu faça, que logo o farei.

— Em primeiro lugar, certifica-te de que ele bebe tudo isto — recomendei, entregando-lhe o copo de cobre transbordante do soporífero. Ela dispôs a cabeça de Zaras no regaço, susteve o recipiente junto dos seus lábios e apertou-lhe as fossas nasais para que assim se visse forçado a tragá-lo. Entretanto, peguei nos meus instrumentos operatórios.

Quando as pupilas dos olhos de Zaras se dilataram, e ele caiu num torpor induzido pelo produto de botica, retirámos-lhe a armadura e as bermudas de baixo. Em seguida, assim todo nu, estendemo-lo ao comprimento de borco sobre uma cama de mantas de sela. Era bem certo que já antes eu vira Zaras despido, mas, à semelhança de todas as outras vezes, também desta fiquei impressionado com a magnificência do seu físico. Senti um pungimento profundo por tão cedo termos de devolver à terra aquela obra-prima da natureza.

Separei-lhe as pernas para poder alcançar o ponto de entrada da lâmina do Chacal, posto decerto esta ainda estar a selar o ferimento. Sei bem que alguns dos que se arrogam cirurgiões teriam arrancado a espada, sem pensar duas vezes, nem ter o menor cuidado, lacrando nesse mesmo instante o destino do paciente.

Enquanto estudava o ângulo e a profundidade da entrada da lâmina, vi como a estocada da espada havia deixado completamente intactos os seus genitais, uma questão que despertava em mim sentimentos contraditórios.

Regozije-me em silêncio pelo bem de Zaras e Tehuti, não obstante, no que a mim mesmo dizia respeito, não era coisa que me deixasse preocupado. Quem sabe não teria sido preferível aqueles órgãos básicos de Zaras terem ficado inutilizados pela investida da

bainha cortante da espada beduína. No caso de assim ter acontecido, então, muitos dos problemas que eu antecipara e se achavam agora iminentes poderiam ter desaparecido com um único golpe. Descartei tais pensamentos indignos e centrei toda a atenção na remoção daquela lâmina.

Havia trespassado a nádega esquerda. Se tivesse golpeado a base dura do osso pélvico, o ferimento não teria sido tão extenso, nem tão grave.

Todavia, não fora isso o que acontecera, e pude determinar que havia encontrado um jeito de penetrar a bacia óssea que continha as entranhas de Zaras. Eu tivera já a possibilidade de dissecar e de estudar centenas de cadáveres humanos, e sei bem que os alimentos que ingerimos passam por esses tubos carnudos até serem expelidos pelo orifício fundamental, situado na base das nádegas.

Naquele momento, porém, fiquei deveras assustado. Se a lâmina do Chacal tivesse perfurado um daqueles tubos dos intestinos de Zaras, os dejetos ter-se-iam infiltrado na cavidade do estômago. Tais dejetos, aos quais todos nos referimos em termos familiares como «excrementos», são constituídos por humores malignos que lhes conferem aquele fedor desagradável e tão característico. Esses humores são do mesmo modo um veneno mortal, pelo que, se transcorrerem livremente pelo corpo, serão bem a causa de gangrena, sendo pois a morte a inevitável consequência.

Eu tinha de retirar de imediato a espada do interior de Zaras, pelo que chamei seis dos homens mais fortes para que o imobilizassem, dado que, apesar da eficácia do poderoso opiáceo que lhe administrara, a dor que lhe causaria aquela minha manobra decerto tornaria nulo o efeito calmante da droga.

Tehuti sentou-se com a cabeça de Zaras apoiada no regaço, começando logo a acariciar-lhe os cabelos e a embalá-lo como uma mãe faz ao seu bebé. Os homens que o seguravam ocuparam as suas posições e imobilizaram-lhe os membros. Ajoelhei-me entre as suas pernas, e, com as duas mãos, agarrei com toda a firmeza no punho da espada.

— Segurem-no bem firme! — ordenei-lhes, após o que me inclinei para trás, aplicando nesse gesto todo o meu peso e força, mantendo sempre a lâmina alinhada com o canal de entrada para desse modo evitar causar ainda maiores danos na carne e entranhas.

O corpo inteiro de Zaras ganhou rigidez. Cada músculo se distendeu tão tenso como o mármore rijo, ao mesmo tempo que berrava como um touro ferido em plena agonia. Os seis homens fortes firmaram-no com alguma dificuldade, todavia, por largos instantes, nada cedeu. A lâmina de bronze ficara bem encravada no osso pélvico, sendo também aí mantida pela sucção do tecido esponjoso. Por fim, ao desaparecer a sucção, a lâmina soltou-se, do mesmo modo, do ferimento, o que me fez perder o equilíbrio e cair para trás.

Com um estremeção, Zaras soltou um último gemido, e, com um baque do corpo no chão, tombou inconsciente. Eu já havia preparado um chumaço de lã de cordeiro, que deposei sobre a ferida, ordenando a Tehuti:

— Mantém isto aqui bem seguro, mas põe nele todo o peso do teu corpo para tentarmos estancar a hemorragia — Em seguida, olhei para os homens que ainda o imobilizavam. — Larguem-no! — ordenei-lhes.

Dirigi a minha atenção para a espada que segurava entre as mãos, e, a olho nu, fiz um cálculo da profundidade a que penetrara.

— Uma mão e meia de largo; meio côvado — calculei, ainda que o terror ensombrasse a minha esperança. — É profunda, demasiado profunda!

Comecei logo a levantar o chumaço de lã que Tehuti pressionava de encontro à ferida, após o que me debrucei sobre ela para a examinar.

Era um corte que media bem dois dos meus dedos juntos de través. Tão depressa quanto aliviei a pressão sobre a ferida, vazou de imediato um gotejar fino de sangue, que todavia parecia limpo e são. Aproximei dele o rosto e cheirei-o, sem que lhe detetasse o odor a fezes.

Senti uma centelha de renovada esperança; seria possível que o gume de bronze bem afiado daquela espada não tivesse rasgado as

suas entranhas?

Tehuti observava-me atentamente.

— O que estás tu a fazer, Taita?

— Estou a tentar calcular as nossas possibilidades.

Tornei a pôr o chumaço de lã de cordeiro à entrada do ferimento e verti sobre ele uma boa porção de vinho destilado com a finalidade de refrear os humores malignos. Em seguida, mudando de posição, postei-me atrás de Zaras e pousei uma mão sobre cada uma das suas nádegas. Endireitei-me e logo as separei, deixando escapar um leve suspiro de alívio. O seu orifício estava limpo e tenso.

Havia, porém, ainda outro teste que precisava de fazer. Levei uma mão sobre a parte baixa das suas costas e exerci uma forte pressão para baixo. Ouvi um ruído seco ao mesmo tempo que se libertavam gases dos seus intestinos, seguidos de um jorro de excrementos líquidos e sangue vivo, expelidos pelo ânus. O fedor levou-nos, a Tehuti e a mim, a estremecermos por entre grandes caretas.

Naquele instante, soube com uma certeza funesta que, na verdade, a espada lhe havia perfurado as entranhas. Senti-me devastado de desolação e desespero. Zaras era um homem morto. Cirurgião algum deste mundo, por muito habilidoso que fosse, conseguiria salvá-lo. Nem mesmo eu seria capaz de o fazer. Agora estava nas mãos de Set.

Não levantei os olhos para avaliar a expressão de Tehuti, embora pressentisse que o seu olhar se mantinha fixo em mim. Sentia-me indefeso, e detestava essa mesma sensação. Não é uma coisa à qual alguma vez me tenha habituado.

— Taita — chamou-me ela num sussurro. Todavia, eu continuava sem conseguir levantar os olhos para ela e sem ser capaz de reconhecer a minha própria incapacidade.

— Por favor, Taita! — insistiu, elevando um pouco o tom da voz. — Consegues salvar-lhe a vida, não consegues? Podes salvar o Zaras para mim? — Tinha de lhe dar uma resposta; não podia deixar que sofresse por muito mais tempo daquela maneira.

Levantei a cabeça e olhei-a. Nunca vira tanta amargura nem tamanho sofrimento como os dela, ainda que, pouco antes, tivesse

eu visto uma multidude de mulheres recentemente enviuvadas.

Ocorreu-me primeiro dar-lhe uma resposta negativa e pronunciá-la de imediato, chegando mesmo a negá-lo com a cabeça. Não obstante, fui incapaz de pronunciar a palavra «não». Não podia abandonar aqueles dois jovens.

— Sim! Posso salvá-lo para ti, Tehuti — Sabia que era insensato dizê-lo. Falar de um final é sempre seguramente melhor do que infundir uma falsa esperança, todavia, não conseguia suportar assistir à sua angústia nem ao seu desespero.

Em silêncio, supliquei aos deuses benévolos para que perdoassem a minha mentira, e dispus-me a empreender com Set uma batalha pela alma de Zaras.

A única coisa que tinha como certa era que teria de agir com a maior rapidez. Nenhum corpo humano consegue sobreviver a uma angústia de tipo semelhante durante muito tempo.

Eu não tinha outras orientações para seguir. Não havia no mundo cirurgião algum que se tivesse atrevido a ir até onde eu estava disposto a arriscar.

Restava-me um último frasco da flor vermelha bosquímana, que talvez fosse suficiente para manter Zaras inconsciente durante uma hora, no máximo. Eu iria precisar de todo o frasco.

Teria de lhe abrir a cavidade do estômago e descobrir onde as entranhas de Zaras haviam sido perfuradas. Teria ainda de reparar os cortes feitos pela espada e cosê-los para tornar a uni-los. Em seguida, teria de expulsar os humores malignos que se lhe haviam escapado dos intestinos para a cavidade do estômago.

Felizmente, à semelhança de todos nós, Zaras comera pouco desde que havíamos saído de Miyah Kiev. Além de os mantimentos serem escassos, eu ainda racionara com grande rigor as reservas. Desse modo, não teria ele o intestino cheio de dejetos. Fazia-me acompanhar de infusões de casca de salgueiro e seiva de cedro; eram, todavia, em quantidade insuficiente para eu poder realizar a tarefa de expelir todo o veneno. De todos, o produto mais eficaz era o vinho destilado, mas eu tinha apenas um pequeno cantil de couro

cheio do mesmo. Tanto Tehuti como eu lavámos as mãos numa tigela pequena que continha um pouco desse precioso líquido.

Há muito que eu havia descoberto que o calor reduz os humores, quando não chega mesmo a destruí-los. Seguindo as minhas instruções, dois dos meus homens puseram sobre o lume um grande pote de água. Quando esta começou a agitar-se em furiosa ebulição, lancei para o interior as minhas lâminas e agulhas cirúrgicas de bronze, bem como as suturas de corda de tripa.

Forcei Zaras a tragar outra grande dose do xarope da flor vermelha bosquímana, enquanto Tehuti lavava o seu estômago com o vinho destilado.

Em seguida, os meus guardas mais corpulentos e robustos imobilizaram Zaras, mais uma vez, e coloquei um chumaço de couro entre os seus dentes para que não os partisse nem estalasse quando as mandíbulas se cerrassem devido à dor agonizante. Tudo estava a postos, e eu não podia arranjar outra desculpa alguma para retardar mais aquela operação.

Fiz o primeiro corte rasgado ao longo da parede do estômago, tendo começado logo abaixo do umbigo e terminado na crista do osso púbico. Zaras uivou por detrás da mordança de couro, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

Mostrei a Tehuti como havia de manter o ferimento aberto, dispondo os seus dedos em ambos os lados da longa incisão feita por mim e puxando para fora os lábios de pele para assim os manter afastados. Agora, podia eu introduzir bem fundo as duas mãos na cavidade estomacal até à altura de ambos os pulsos. Posto guardar eu ainda na memória a trajetória que a lâmina da espada havia seguido no momento em que fora impelida para o interior do estômago, foi esse o trajeto que segui.

Quase de imediato, no tecido viscoso das entranhas, encontrei uma perfuração igual ao comprimento do meu dedo mais pequeno, e vi como os dejetos pestilentos dos alimentos digeridos saíam por aquela abertura. Para cosê-la, usei a minha agulha de bronze recurva e a corda de tripa, cosendo-a em pontos esmerados e regulares. Em seguida, retirei para fora a serpente escorregadia das entranhas e espremi-a entre as duas mãos para me certificar de que

não existiam outras fissuras. A minha sutura era impermeável, todavia, a pressão forçou a saída de imundície castanha e turva de três outros cortes mais profundos feitos nos intestinos.

Suturei de igual modo aqueles cortes mais pequenos, trabalhando com um delicado equilíbrio entre a velocidade e a eficácia. Dei-me conta de que Zaras claudicara devido àquele tratamento extremo que me vira forçado a infligir nele.

Quando me senti satisfeito por já não detetar outro dano algum causado pela espada, tanto Tehuti como eu já nos havíamos habituado ao fedor fecal, que, todavia, era um lembrete constante da importância de extirpar todos os humores do seu corpo antes de lhe fechar a cavidade estomacal escancarada. Tudo o que fede de modo tão execrável só pode ser malévolos.

Enquanto Tehuti continuava a manter aberta a ferida do estômago, sorvi largos tragos do vinho destilado, e, através dos meus lábios franzidos, derramei-o em esguichos para o interior das reentrâncias e das convoluções das entranhas. Após isso, rodámos o corpo para que ficasse de lado, e, desse modo, drenámos todos os fluidos do estômago.

Em seguida, tornámos a lavar os intestinos com a água fervida, que entretanto esfriara até atingir a temperatura do corpo, e drenámo-la inteiramente.

Por último, lavámo-lo com a nossa própria urina, uma das receitas mais eficazes contra os humores, todavia, a urina deve ser recente e ainda não estar contaminada por nenhum outro fluido, nem por nenhuma outra substância corporal. O ideal seria provir ela diretamente de uma bexiga sã, que não tivesse tido contacto algum com os órgãos sexuais do dador: com o pénis e a pele dos lábios masculinos ou femininos.

No meu caso, não havia qualquer problema, dado que a extirpação das marcas visíveis do meu sexo era uma história tão antiga que a sua recordação já não me causava sequer o mais leve tremor. Enquanto vazava as minhas águas para cima de Zaras, Tehuti limpou as suas partes íntimas com um chumaço de lã ensopado no vinho destilado, e, quando me afastei de Zaras, ela pôs-se de cócoras por cima dele e abriu os lábios da vulva, logo

apontando um jorro sibilante de urina para a cavidade estomacal. Uma vez concluído aquele procedimento, rolámos para o lado o corpo inerte do enfermo para assim o drenarmos uma terceira e última vez.

De imediato, fechei o estômago, acompanhando cada ponto que dava com a declamação de um verso da oração para selar feridas.

— Fecho a tua cruel boca vermelha, ó coisa maldosa de Set! Abandona este lugar. Assim te ordeno: vai-te!

» Abandona-me, Anúbis, cabeça de chacal, deus dos cemitérios. Deixa este homem viver.

» Chora por ele, Hathor de bom coração. Mostra-lhe a tua misericórdia e alivia a sua dor. Deixa-o viver!

Havia já obscurecido o dia quando acabei de selar o estômago com os farrapos de tecido rasgados à bainha da minha túnica e o deixei repousar na liteira improvisada do refúgio. Tehuti e eu sentámo-nos em cada um dos seus flancos, estando a postos para lhe prestar todo o alívio e auxílio que nos fosse possível.

Quando, no meio do delírio, Zaras irrompeu em enorme bravata e resistência contra os demónios imaginários e reais que se conglomeravam em torno da liteira, Tehuti deitou-se a seu lado, e, tomando-o nos seus próprios braços, estreitou-o de encontro a si e começou a entoar uma canção.

Reconheci a canção de embalar, pois era uma daquelas que a Rainha Lostris costumava cantar a Tehuti quando ainda era muito criança. Aos poucos, Zaras foi-se aquietando.

Os seus homens instalaram as fogueiras acesas do acampamento num círculo em torno do refúgio no qual aguardávamos com Zaras. Creio que rezavam por ele, como também nós fazíamos, posto ter escutado o murmúrio das suas vozes por toda a longa e cálida noite adiante.

Já junto ao alvorecer, deixei-me adormecer. Nada mais podia fazer, além de poupar as minhas reservas para as tarefas que sabia vir ainda a ter de realizar.

Senti uma mão pequena e morna a puxar-me pelo ombro, um gesto que me despertou de imediato. Através das frinchas do teto

do refúgio, vi que a manhã não tardava a romper. Eu havia dormido muito pouco, sentia-me, porém, tão culpado por tê-lo feito sequer, como se tivesse cometido um assassinio.

— Taita, acorda. Tens de me ajudar. — Consegui aperceber-me do esforço que ela fazia para reprimir as lágrimas e não se desfazer num pranto.

— O que se passa, Princesa?

— Ele está com a pele em brasa. O Zaras está a arder por dentro. A temperatura do corpo está tão elevada que quase me queimo ao tocar-lhe.

Eu tinha à mão um círio de madeira de cedro. Aproximei-o da fogueira e introduzi a extremidade no meio das brasas moribundas, após o que soprei sobre elas. Assim que o lenho começou a arder, acendi a candeia que havíamos colocado à cabeceira da liteira e inclinei-me sobre Zaras.

Tinha o rosto ruborizado e luzidio por causa do suor, e, embora estivesse de olhos abertos, não conseguia ver nada por se encontrar em estado de delírio. Sempre que tentávamos sossegá-lo e tranquilizá-lo, afastava-nos com empurrões violentos, movia a cabeça de um lado para o outro e gritava insultos contra nós.

Esperava eu já que aquilo acontecesse, pois conhecia perfeitamente aquela febre elevada como prenúncio da investida violenta dos humores malignos. Havia eu visto já muitos casos que apresentavam de um modo quase exato aqueles mesmos sintomas. Todos eles haviam terminado no falecimento do enfermo, todavia, também eu preparara já a minha primeira linha defensiva.

Chamei os meus seis sequazes, e, entre todos, conseguimos enfaixar Zaras num casulo de mantas de selas de cavalo, de maneira a permitir-lhe mover não mais do que a cabeça. Após isso, ensopámos as referidas mantas com vários baldes de água e abanámos-las para desse modo acelerar o processo de evaporação. Isso reduziu a temperatura corporal de Zaras até começar a tremer de um frio relativo.

Mantivemos esse mesmo procedimento ao longo de grande parte da manhã, contudo, pelo meio-dia, as suas forças começaram a desvanecer. Via-se que estava a seguir o mesmo curso de todos os

meus anteriores enfermos a quem eu havia retirado os humores. Nem tão-pouco lhe restavam forças para resistir ao tratamento que eu forçava o seu corpo a receber.

Não pronunciava qualquer som, ainda que os dentes rangessem e a pele agora pálida tivesse adquirido uma tonalidade azulada.

Despojámo-lo do casulo de mantas e Tehuti tornou a tomá-lo nos seus braços, ficando a olhar-me por detrás do corpo molhado e trémulo.

— Disseste que conseguias salvá-lo, Taita, mas agora entendo que não serás capaz de fazê-lo.

A profundidade do seu desespero calou tão fundo dentro de mim como a espada do Chacal que havia penetrado e ferido Zaras.

Na época do êxodo, quando nós, Egípcios, fomos expulsos da nossa terra pelos invasores hicsos, fugimos para sul, passando pelas cataratas do Nilo e chegando às zonas mais recônditas de África. Por longos e muitos anos, deambulámos por paragens desérticas, mas sobrevivemos nelas, até recobrarmos as forças suficientes para voltarmos para aqui e recuperarmos o que nos pertencia por direito de nascimento. Durante todo esse tempo, aprendi a conhecer e a entender as tribos negras. Eram dotadas de conhecimentos e capacidades especiais que muito lhes invejava, sentindo-me especialmente atraído pela tribo Chiluco e tendo feito muitos amigos no seu seio.

Uma dessas amizades fiz eu com um antigo xamane, de seu nome Umtaggas. Outros membros do nosso grupo consideravam-no uma espécie de bruxo primitivo que se relacionava com demónios. Ajuizavam eles que se diferenciava um degrau apenas dos animais selvagens que abundam por aquelas paragens do Sul. Dei-me conta, todavia, de que ele era um homem sábio, com grande entendimento sobre muitas coisas que a nós, aos intrusos do Norte, escapavam. Ensinou-me, pois, bem mais do que pude eu ensinar-lhe a ele.

Quando por fim o peso dos anos se tornou excessivo para ele, e lhe restavam apenas seis dias de vida, fez questão de depositar nas minhas mãos uma pequena bolsa de couro com um género de cogumelos negros secos ao sol que eu nunca vira antes. Vinham

cheios de um espesso pedaço de fungo verde, e advertiu-me para que não o removesse, posto tratar-se de um elemento essencial das faculdades curativas dessa medicina. Mostrou-me, então, como, a partir desses fungos, havia eu de preparar uma poção, que, tratou de me avisar, matava mais do que curava, pelo que deveria usá-la apenas quando fosse tudo o que se interpusesse entre o enfermo e o nada.

Ao longo de todos os anos que se seguiram ao regresso a este nosso bem-amado Egito, atrevi-me a usar esta infusão apenas em sete ocasiões, e, em todos esses momentos, achava-se o enfermo já moribundo, tendo apenas o peso da pluma de uma ave canora a evitar que se precipitasse por sobre o rebordo da eternidade. Cinco dos meus pacientes expiraram quase em simultâneo à passagem daquela beberragem pelos seus lábios. Para o sexto deles, era já o décimo dia em que se debatia entre a vida e a morte, durante os quais pareceu recuperar com ligeiras melhorias até o seu fim chegar de um modo abrupto e inesperado. Apenas o sétimo enfermo sobreviveu a um ferimento provocado pelo trespassar de um pulmão por uma flecha, bem como aos humores malignos que logo se expeliram do mesmo. Além de ter recuperado bem todas as forças, ainda vive em Tebas, e, todos os anos, no aniversário daquilo a que se refere como «o meu milagre», vem visitar-me acompanhado de todos os netos.

Sabia perfeitamente que um em sete não era uma cifra de grande alento, todavia, conseguia ver que a Zaras restava cerca de uma hora de vida e que Tehuti continuava a lançar-me os mesmos olhares recriminadores com aqueles seus olhos enormes.

Na pequena bolsa de pele de gazela, restava-me menos de uma mão-cheia daqueles cogumelos bolorentos. Fervi-os em água numa panela de cobre até o caldo se ter tornado negro e pegadiço. Após isso, deixei-o esfriar antes de introduzir uma cunha de madeira no canto da mandíbula de Zaras para que assim mantivesse a boca aberta, enquanto eu lhe administrava a poção por mim preparada. Numa outra ocasião anterior, eu mesmo havia provado uma gota daquele elixir, tendo resultado numa experiência que não tinha a menor intenção de repetir.

A reação de Zaras ao sabor daquela bebida foi semelhante à minha. Debateu-se com tamanha veemência que foram necessários os seis homens e Tehuti para o imobilizar, tendo logo vomitado mais de metade do que eu o obrigara a tragar. Reuni as partes aproveitáveis e administrei-lhas uma segunda vez. Após isso, retirei a cunha que lhe conservava abertas as mandíbulas e cerrei-lhe a boca até estar plenamente convicto de que os preciosos cogumelos se mantinham em bom lugar, apesar das repetidas tentativas por ele feitas para tornar a expulsá-los da boca.

Em seguida, Tehuti e eu envolvemo-lo num casulo de mantas de sela e mandámos os homens sair dali. Sentámo-nos a seu lado, em cada um dos seus flancos, e aguardámos pela chegada da sua morte.

Com o cair da noite, parecia ter atingido aquele estado. Apesar das mantas que o envolviam, a temperatura corporal havia caído a pique até se equiparar à de um peixe-gato acabado de pescar, mas a respiração era praticamente inaudível. Alternámo-nos então no gesto de aproximarmos ambos as nossas orelhas da boca de Zaras para escutarmos o seu anélito.

Um pouco depois da meia-noite, quando a Lua brilhava bem alto no firmamento, Tehuti disse-me num tom de voz resolutivo:

— Ele está frio como um cadáver. Terei de me deitar com ele para lhe aquecer o corpo. — Com estas palavras, despojou Zaras dos panos retorcidos e manchados de sangue que eu havia mandado retirar aos cadáveres dos beduínos e deitou-se debaixo da manta com ele.

Ainda que, nos últimos três dias, nenhum de nós tivesse dormido, também não foi naqueles instantes que o fizemos. Do mesmo modo, também não trocámos uma única palavra. Nada mais tínhamos a dizer um ao outro. Havíamos abdicado de toda a esperança.

Chegou a hora do sepulcrário, ou seja, a hora mais obscura da noite inteira. Havia uma fresta no teto do refúgio, sobre a qual, de modo um tanto tosco, havíamos instalado dois cobertores com o intuito de a tapar, todavia, ao levantar os olhos para a mesma, vi distintamente como a grande estrela vermelha e fugaz, que sabemos ser o olho de Set, se delineava com toda a perfeição.

O deus maligno observava-nos lá do alto. O meu espírito estremeceu. Sabia bem que Zaras havia perdido a batalha e que Set viera para o levar.

Foi então que aconteceu uma coisa estranha mas maravilhosa. A luz da estrela apagou-se apenas por um instante. Com um sobressalto, senti o coração bater-me nas costelas. Ainda que fosse incapaz de interpretar aquele augúrio, sabia ser este dos bons. Levantei-me em silêncio para não despertar nem assustar Tehuti, que continuava aninhada na liteira de Zaras a seu lado. Assomei a cabeça pela entrada do refúgio e levantei-a para olhar para o céu noturno.

O firmamento inteiro resplandecia com o brilho de incontáveis estrelas, salvo no ponto diretamente por cima da minha cabeça onde um instante antes eu tinha avistado o olho vermelho de Set a observar-me. Agora, esse olho havia ficado obscurecido. Tapava-o uma diminuta nuvem escura, a única que se avistava no céu. Apesar de não ser maior do que o meu punho cerrado, o malévolo deus Set havia ficado cego por causa da nuvem.

Foi então que ouvi vozes. Não eram elas provenientes da cúpula celeste estrelada que se estendia por sobre mim, mas do tosco refúgio improvisado que eu acabara de deixar.

— Onde estou? — sussurrou a voz de Zaras. — E por que razão o meu estômago me dói deste modo tão execrável?

Então, a voz que eu tão bem conhecia respondeu-lhe de pronto:

— Não tentais levantar-vos, Zaras, não sejais tonto. Deitai-vos, tendes de descansar. Fostes ferido com extrema gravidade.

— Princesa Tehuti! Estais no meu leito! — A voz de Zaras elevou-se de espanto e inquietação. — E estais desnuda. Se o Taita der connosco nestes propósitos pela certa que nos matará a ambos.

— Não desta vez, Zaras — assegurei-lhe ao mesmo tempo que me curvava para tornar a entrar no refúgio de coração rejubiloso, e me ajoelhei ao lado da liteira sobre a qual estava o casal deitado. — Todavia, da próxima vez é bem certo que o farei.

Tão de pronto quanto a luz do dia se foi intensificando, também eu fui tendo a possibilidade de examinar Zaras com maior minúcia, e

a temperatura da sua pele havia esfriado a ponto de se equiparar à da minha mão. Reduzira-se ainda a inflamação vivaz das incisões dos pontos que eu havia aplicado no ferimento principal do estômago. Inalei as crostas e senti-as limpas.

Zaras tinha sede, porquanto, Tehuti trouxe-lhe uma grande tigela de água, que ele bebeu toda e pediu por mais. Senti-me rejubilar. Aquele era um sinal claro de que se achava no processo de recuperação. Todavia, isso fez-me também lembrar que os cantis de água estavam quase vazios e o depósito de água doce mais próximo era na caverna onde havíamos deixado Bekatha e a nossa restante companhia. Teríamos de empreender o nosso regresso de imediato.

Ainda que com protestos Zaras nos garantisse que era bem capaz de caminhar, ou, no mínimo, de seguir caminho montado num camelo, fiz caso omissa da sua valentia e mandei que armassem para ele uma maca de viagem. Composta por duas longas lanças firmadas com cobertores de sela bem esticados entre si, uni-as a cada um dos lados da sela de um camelo com as pontas das lanças a serem puxadas atrás do animal. Após isso, deitámo-lo nessa mesma padiola.

Tehuti insistiu em viajar no dorso do camelo de Zaras. Sentou-se virada para trás de molde a poder vigiá-lo o tempo todo. Sempre que o terreno se tornava irregular e rochoso, saltava do camelo e subia para a padiola para se juntar a Zaras e poder abraçá-lo e protegê-lo, posto assim evitar que fosse sacudido com demasiada brusquidão.

Durante todo o transcurso da travessia, não parou ela de estardalhar-se em cima dele e de o obsidiar com modos despudorados; apesar dos protestos dele, pude perceber que regozijava com aquelas atenções.

Na tarde do terceiro dia, insistiu ele em sair da padiola e caminhar um pouco a seu lado, fê-lo porém todo curvado e manco como um ancião. Com uma mão, apoiou-se na padiola, e, de pronto, Tehuti lhe tomou o outro braço para que não perdesse o equilíbrio e se sentisse mais animado. Tagarelava com ele, distribuindo gracejos tolos e dizendo-lhe como ele era um rapaz esperto. Quando o fazia

rir, ele tinha de se deter para, com as duas mãos, apertar o estômago; isso todavia não parecia limitar em nada a sua capacidade de se divertir.

Quando nos detivemos para descansar, foi com apreensão que examinei os pontos de Zaras e com alívio que descobri que continuavam intactos. Administrei-lhe o último trago do xarope de flor vermelha bosquímana que restava no frasco, o que o pôs a dormir como um bebê.

No dia seguinte, despertou mais fortalecido, tendo caminhado um pouco mais e num passo mais expedito. Dei-me conta de que, para ele, a companhia de Tehuti era bem mais terapêutica do que a minha, pelo que avancei para a dianteira da coluna. Ainda que me mantivesse discretamente fora do alcance das suas conversas, mesmo assim conseguia segui-las.

Nenhum dos dois estava de todo consciente da minha capacidade de ler os lábios, desse modo, falaram um com o outro sem se refrearem o mínimo que fosse. Alguns dos seus gracejos eram indecorosos e indelicados para uma jovem dama de tão elevada estirpe. Deixei-os, porém, desfrutar daquele momento, posto nenhum de nós saber quando poderiam vir a ter outro igual.

Uma das conversas havidas entre eles permaneceu comigo até ao dia de hoje, ainda que devessem achar que eram as únicas pessoas à face da Terra a participarem na mesma.

O ritmo da progressão havia ficado limitado ao estado de Zaras, desse modo, o regresso a Miyah Keiv resultou bem mais lento do que a perseguição que havíamos feito ao Chacal e ao seu grupo de bandidos. Ao quinto dia, ainda sem termos chegado ao destino, ordenara eu que cinco camelos velozes partissem antes de nós para irem buscar água, porém, ainda não haviam regressado. Quase todos os nossos cantis de água estavam vazios e restavam-nos muito poucas provisões. Tinha-me visto forçado a diminuir a ração diária para três malgas pequenas de água e meia fatia de pão por cabeça. Naturalmente que esta restrição não se aplicava à princesa. Por imperativo real, ela podia comer e beber o que bem lhe aprouvesse das reservas quase esgotadas. Deixei, por isso, de parte alguns artigos para seu uso exclusivo, como meio pedaço de

queijo e uma quantidade ainda menor de carne seca salgada. Todavia, apesar da minha insistência, recusou-se a tirar proveito da minha generosidade e limitou o seu consumo à ração do restante grupo.

Então, na noite do quarto dia, vi-a retirar discretamente da manga do vestido uma grossa fatia de queijo enrijecido e outra de carne seca salgada e tentar convencer Zaras a aceitá-las.

— Estais ferido, Zaras. Tendes de recuperar as forças.

— Eu não passo de um soldado raso, Vossa Alteza — protestou. — Sois demasiado condescendente para comigo. Fico muito reconhecido pela vossa amabilidade, mas não tenho fome absolutamente alguma.

— Meu valente Zaras — replicou Tehuti num tom de voz tão baixo e com tamanha timidez que eu mesmo tive uma certa dificuldade em interpretar o que os seus lábios diziam. — Salvastes-me a vida, e, para o fazer, quase sacrificastes a vossa. De bom grado vos daria fosse o que fosse que quisésseis de mim — Ainda que as suas palavras fossem insinuanes, o seu semblante não dava mostras de equívoco algum.

Senti o meu coração ganhar brandura por eles. É que o seu amor ainda em germinação era algo formoso de se contemplar. De entre todos os homens, eu sabia perfeitamente que em breve se veria ser suplantado e reprimido pelos rigores do dever.

Por fim, ao chegarmos aos penhascos estriados que se elevavam acima de Miyah Keiv, os membros da nossa companhia que ali nos aguardavam acorreram aos tropeções para nos receber. Rodearam-nos com gritos de júbilo e prostraram-se aos pés da Princesa Tehuti. Em seguida, levantaram-na bem alto e transportaram-na até ao sítio onde a irmã, Bekatha, a aguardava, acompanhada do Senhor Remrem e do Coronel Hui, para assim lhe darem as boas-vindas.

Festejámos o nosso regresso durante três noites consecutivas. Sacrificámos três camelos jovens e assámos a sua carne adocicada nas brasas de cinquenta fogueiras. Todas as noites, a Princesa Tehuti ordenava que fossem encetadas quinze grandes ânforas de cerveja e que o conteúdo fosse repartido por todos. Ainda que o

considerasse excessivo, fiz caso omisso dos meus escrúpulos e provei um ou dois canecos daquela bebida. Todavia, ainda que menos abundantes, sentia um maior respeito pelas oferendas de vinho provenientes das adegas do palácio do Faraó. Justifiquei-me com o facto de saber que não podia malbaratar aquele néctar com uma chusma de soldados sem a menor sofisticação.

Os músicos da corte tocaram para nós e toda a comitiva que os acompanhava bailou e cantou em redor das fogueiras até a Lua desaparecer por completo. Nesse momento, as princesas reais instaram-me a cantar, porém, convenci Zaras a juntar-se a mim. Eu havia-o instruído naquela matéria sempre que tivera oportunidade para o fazer. Fora eu capaz de polir a sua habilidade natural até lhe dar brilho e sofisticação, características excedidas apenas por esses meus dotes. Quando os dois cantámos um dueto, o público mal se atreveu a respirar para não perder o refinamento de cada nota.

Fui deitar-me, sentindo-me bastante satisfeito comigo mesmo, e, num curtíssimo espaço de tempo, dormia já a sono solto. São raras as vezes em que durmo tão profundamente. De habitual, a minha mente está demasiado ativa e alerta para me permitir semelhante tipo de benevolência.

Despertei com a certeza de que alguém havia entrado na minha tenda por meio de um sigilo cuidadoso, e, apesar da mais completa escuridão, apercebi-me de que aquela presença pairava por sobre o meu leito. Conseguia ouvir a sua respiração, e tive a certeza de que se havia esquivado à atenção das sentinelas, que se achavam junto aos portões da entrada para o recinto real, que as suas intenções eram maliciosas e devia tratar-se de um perigo e ameaça sérios.

Sem alterar o ritmo da minha própria respiração, nem deixar escapar o ruído mais débil nem nefasto que fosse, aproximei a mão da adaga que sempre pende da bainha, colocada na cabeceira do meu leito.

A luz das estrelas era filtrada por meio da lona da minha tenda, e, posto a minha visão noturna ser excelente, fui capaz de discernir os contornos da cabeça do assassino por sobre mim. Com a mão direita, desembainhei a minha adaga da funda, ao mesmo tempo

que imobilizava o braço esquerdo em redor do pescoço do patife, aplicando-lhe uma imobilização estranguladora.

— Se te mexes, mato-te! — adverti-o, pondo-se logo a gritar como uma menina pequenina. Foi então que pude sentir o odor leitoso e adocicado do seu hálito e senti as inconfundíveis protuberâncias e depressões do seu corpo que eu sustinha imóvel de encontro ao meu.

— Não me mates, Taita. Sou eu, a Bekatha! A morrer já eu estou. Acorri até ti para que me salves, pois me esvaio toda em sangue. Por favor, não me deixes morrer.

De pronto a soltei e com um salto rápido me ergui do leito. Demorei ao todo um minuto apenas a reacender a mecha da candeia, por essa altura, porém, já Bekatha se achava encolhida e toda aninhada no leito, a soluçar num estado deplorável e a amparar o estômago.

— Dói-me tanto, Taita. Por favor, faz com que esta dor desapareça.

Com uma enorme ternura, tomei-a nos meus braços.

— De onde sangras tu, minha pequenina?

— Sangro de entre as pernas. Por favor, faz com que pare. Não quero morrer.

Gemi baixinho para mim próprio. Significava aquilo que, de agora em diante, teria eu de me haver não com uma, mas com duas potras com cio.

Em breve, o Coronel Hui teria de se ocupar de outras coisas mais que não simplesmente esticar-se e curvar-se por sobre a mesa do jantar para apanhar as bolinhas de pão que eram lançadas à sua figura.

Permanecemos em Miyah Keiv apenas o tempo suficiente para Zaras se recompor dos ferimentos que havia sofrido e até estarem sarados o bastante para lhe permitir dar início à última parte da viagem à Terra dos Dois Rios e à cidade da Babilónia. Posto vir a ser esse o trajeto mais longo e o mais árduo, mostrei-me determinado em não correr quaisquer riscos relativamente à sua saúde.

Ainda é frequente surpreender-me com o grau de sofrimento que um jovem corpo consegue suportar, embora também seja capaz de recuperar do mesmo bem depressa. Apesar de ter sido ainda há poucos dias que aqueles ferimentos tão grandes lhe haviam sido infligidos pela espada que o Chacal empunhara e impelira para dentro das suas entranhas, e que eu o havia eviscerado e suturado, Zaras comportava-se como se se achasse em treinos para os jogos anuais de atletismo, oficiados pelo Faraó na primeira semana de Epifi, em Tebas, diante do templo de Hórus, com o intuito de celebrar as colheitas.

A princípio, essas suas incursões pelo exercício físico limitaram-se a uma curta e laboriosa caminhada ao longo do sopé do desfiladeiro, acompanhado por Tehuti. A cada cinquenta passos, aproximadamente, via-se ele obrigado a parar e a levar a mão ao estômago para o agarrar, tentando não gemer nem soltar-se da mão estendida de Tehuti.

Apesar das minhas advertências e protestos, a cada dia que passava, aumentava ele a distância e acelerava a velocidade da marcha. Não tardou, desse modo, a vestir a armadura completa e a carregar ao ombro uma laje de arenito.

Em cada um desses dias, ordenava-lhe eu que se desnudasse para poder examinar os ferimentos, que então pareciam fechar e enrugar-se em cicatrizes pálidas, mesmo enquanto eu ainda as observava. Tinha ele a invulgar capacidade de ignorar e suportar as dores corporais. Forçava os músculos feridos a trabalhar, quando outra pessoa menos corajosa se teria sentido paralisada e incapacitada ao longo de várias semanas e inclusivamente por mais tempo ainda. No seu caso, aquela atividade parecia acelerar todo o processo de cura, ao invés de o retardar e prolongar.

Não obstante, os ferimentos de Zaras haviam-no levado mesmo à beira do precipício. Os meus vastos conhecimentos tinham, todavia, sido suficientes apenas para o salvar, mas ainda se conservavam bem frescas na minha memória as lembranças que eu guardava dos outros enfermos que havia tratado com os cogumelos bolorentos.

Muito além do apreço que eu havia desenvolvido por Zaras, e bem além do facto de ele se ter convertido num símbolo e numa

prova real dos meus dotes curativos, dei-me conta de que a sua condição física debilitada me brindava com a oportunidade perfeita para o separar da Princesa Tehuti, antes de ambos terem a possibilidade de arruinar por completo os planos que eu cuidadosamente delineara para estabelecer uma aliança entre o Supremo Rei Minos de Creta e o meu próprio Faraó Tamose, uma aliança essencial à sobrevivência do Egito, enquanto nação soberana.

Foi, pois, na quinta noite a seguir ao nosso regresso ao penhasco estriado que chamei à minha tenda o Senhor Remrem e Hui para lhes dar novas ordens. Mandeí também que Zaras estivesse presente naquela mesma reunião para, assim, assistir à mesma. Naturalmente que era minha intenção que ele e Hui ali estivessem apenas como meros observadores e não como participantes em nenhuma das deliberações mais importantes.

Havíamos os quatro acabado de nos concentrar no assunto que ali nos trouxera, cada um com uma taça de vinho de qualidade sobre a mesa à frente para apaziguar a angústia de termos de tomar as decisões difíceis com que nos deparávamos, quando, de repente, senti no pescoço uma pontada do ar frio da noite. Virei-me depressa na esperança de descobrir a identidade do intercetador das nossas deliberações. Não obstante, para meu grande espanto, vi Tehuti transpor com ligeireza a entrada da tenda, entrando com ela um rasto do seu odor perfumado tão peculiar.

— Não deixeis que a minha entrada interrompa as vossas deliberações, senhores. Por favor, ignorai por completo a minha presença aqui. Não pronunciarei uma única palavra sequer. Ficarei aqui sentada tão silenciosamente, que em breve vos tereis esquecido por completo da minha presença.

Com o intuito de passar totalmente despercebida, Tehuti vestira um esplendoroso vestido feito de uma invulgar seda dourada e brilhante que eu lhe havia comprado no *souq* de Tebas por um avultado preço. Nessa altura, concordara ela de bom grado com a minha restrição de o usar apenas quando chegássemos a Creta e ela fosse, pela primeira vez, apresentada ao Supremo Rei Minos. Ter-se-ia ela esquecido daquele nosso acordo? Trazia calçadas

umas sandálias prateadas. Ao pescoço, pendurara o colar de Hathor, bem como outras pedras coloridas e resplandecentes, principalmente safiras e esmeraldas. O brilho acetinado do cabelo era um assombro, excedido apenas pelo sorriso.

Estava mais encantadora do que nunca.

Com um volteio da saia dourada do vestido, Tehuti sentou-se a meus pés, pôs os cotovelos sobre os joelhos e apoiou o queixo na palma da mão aberta em concha, de modo que o anel de diamantes que eu lhe dera refletisse um brilho esplendoroso sob o efeito das luzes. Em seguida, lançou a Zaras um olhar de soslaio, ao mesmo tempo que tentava parecer inocente.

Como podem as mulheres saber estas coisas que são tão misteriosas para nós, inferiores mortais do sexo oposto? Eu não a tinha informado da nossa reunião; na verdade, ainda apenas há uma hora havia eu convocado os outros homens, e não lhes havia dado pista alguma sobre o que tinha intenção de discutir. Ela não podia saber de antemão do que se tratava. Ainda assim, ali estava ela toda vestida para a batalha e com o firme esplendor no olhar, que eu conhecia tão bem.

— Por favor, prossegue com o que te preparavas para dizer, querido Taita. Já prometi que não vos interrompo.

— Obrigado, Vossa Alteza — hesitei. Haverá alguma maneira de eu conseguir evitar um confronto?, indaguei. Sem dúvida que havia. Eu era o portador do selo faraónico do falcão. Falava, pois, com a autoridade de um rei. Ninguém se atreveria a desafiar-me, não era assim? Enchi-me, então, de toda a ousadia.

— Meu senhor e cavalheiros, falei com o Al Namjoo, o nosso guia, e com o Condos, o Guardião dos Estábulos Reais. Ambos concordam comigo quanto ao facto de este nosso grupo ser demasiado numeroso para se manter aqui em Miyah Keiv por mais tempo. Deixem-me que vos relembre que detemos para cima de trezentos cavalos e camelos, sem contar com o nosso número de homens e de damas reais. A avaliar por este nosso ritmo de consumo, dentro de muito poucos dias, toda a água da gruta se terá esgotado por completo. Como todos vós concordarão comigo, isto seria uma catástrofe.

— Pois claro! Não há a menor dúvida quanto a isso; temos de prosseguir viagem! — Enquanto manifestava a sua opinião em voz bem alta, Remrem cofiava a barba, que eu sabia ser já de um grisalho prateado, mas que ele tingia com hena de um ruivo brilhante com o propósito de ocultar a verdadeira idade. É ele um magnífico senhor e um astucioso e valente guerreiro. Gosto dele como se de um irmão meu se tratasse, que, em muitos sentidos, o é, de facto. Remrem tem, todavia, um único defeito. É insuportavelmente vaidoso quanto à sua aparência.

Fiz um gesto de assentimento com a cabeça para corroborar as suas palavras, e prossegui, dizendo:

— Não é tão simples como tudo isso, meu senhor. O Al Namjoo comentou comigo que o próximo oásis existente na rota se denomina Zaynab, que significa «Joia Preciosa». Encontra-se a mais de duzentas léguas adiante de nós, pelo que levaremos dez dias a percorrer toda essa distância. Significa isso que, quando o alcançarmos, os nossos animais estarão exaustos e sofrerão de desidratação grave. Teremos de deixá-los em Zaynab por, pelo menos, duas semanas, para que se restabeleçam. Zaynab, todavia, é um oásis pequeno. A água que contém não é suficiente para suprir as necessidades de toda a nossa companhia além de muito poucos dias mais. — Fiz uma pausa para deixar Remrem ou algum outro sugerir a solução lógica para este dilema. Permitir-me-ia com isso desviar ainda alguma da minha culpa para qualquer outro quando a Princesa Tehuti irrompesse num enorme tumulto e alvoroço, que era o que sem dúvida faria quando tomasse conhecimento de todas as ramificações do meu plano. Instalou-se, porém, um silêncio tão longo e pesado que me vi forçado a prosseguir e a enfrentar as consequências sozinho. — A única solução que nos resta é dividirmo-nos em dois grupos: enviarmos adiante para Zaynab metade dos nossos homens e animais, enquanto a outra metade permanecerá aqui durante duas semanas para lhes dar um avanço razoável. Manter-nos-emos assim separados durante toda a restante viagem até voltarmos a reunir-nos já na Terra dos Dois Rios. Deste modo, estaremos sempre a salvo do perigo de esgotarmos por completo as reservas de água de

qualquer oásis, o que não acontecerá se nos mantivermos assim juntos neste número.

Seguiu-se um novo silêncio, enquanto todos consideravam as minhas palavras.

— Como sempre, o vosso plano é de grande mérito, Taita. — Era Remrem quem finalmente falava com a sua voz retumbante e magnífica. — E, se bem vos conheço, também já decidistes como será feita a divisão dessas nossas duas forças. — Limitei-me a sorrir e inclinei um pouco a cabeça num gesto de aquiescência.

— Vós, meu Senhor Remrem, assumireis o comando da força de vanguarda, que será composta por metade dos homens e por todos os camelos. Tomareis ainda sob o vosso cuidado as damas reais, a Princesa Bekatha e a Princesa Tehuti. Naturalmente que a rapariga cretense, Loxias, viajará com elas na qualidade de dama de companhia.

— Será um prazer fazê-lo, Senhor Taita. A confiança que depositais em mim enche-me de enorme gratificação. — Remrem tinha a habilidade de fazer com que até aqueles sentimentos mais nobres parecessem pomposos.

Respirei fundo e prossegui, dizendo:

— Quando, duas semanas depois, vos seguir, levarei os cavalos comigo. Permanecerão também comigo, no segundo grupo, o Capitão Zaras e o Coronel Hui. Necessitarei do Hui para que se ocupe das montadas. — Olhei para ele e vi-o responder-me com um aceno de cabeça. Hui não suportava ser separado dos seus bem-amados animais. Em seguida, voltei-me para Zaras e disse: — Dentro de duas semanas, deverás estar quase todo recuperado dos teus ferimentos para poderes seguir viagem são e salvo.

O meu plano era praticamente genial. As princesas iriam à frente com Remrem, enquanto eu manteria Zaras e Hui comigo. Com uma única manobra, eu conseguia separar as raparigas dos rapazes, e fazer com que tanto Zaras como todo o meu gado chegassem à Babilónia bem alimentados e com as reservas de água suficientes. Mais importante ainda, eu conseguia, desse modo, garantir que as minhas princesas também chegariam ao destino intactas e inexploradas.

Não me apetecia olhar para Tehuti. Acalentava a esperança de a ter deixado sem espaço algum de manobra, por forma a poder capitular com elegância.

— Não. — O tom da sua voz era suave, porém, contundente. — Não creio de modo algum que essa seja uma boa ideia, Senhor Taita. — Mais uma vez, havia-me ela transformado no Senhor Taita, em vez do querido Taita.

Percebi que havia sido demasiado otimista. Levei a mão ao interior da manga e agarrei o selo real do falcão, que sempre me acompanhava, posto nesse momento necessitar eu de toda a autoridade de que conseguisse valer-me.

— Lamento muitíssimo ouvir isso, Vossa Alteza. Estava certo de que veríeis a necessidade de tomarmos semelhantes providências, tal como prontamente fez o Senhor Remrem. — Retirei o selo do falcão do interior da manga e friccionei-o entre os dedos, como se a minha mente estivesse absorta desse gesto.

— Ah, estais a oferecer-me essa frioleira? — Sem aguardar pela minha resposta, a princesa ergueu-se do assento e arrebatou-o das minhas mãos. Fui apanhado tão de surpresa que não lhe opus qualquer resistência nem protesto algum. — É verdade o que dizem, Senhor Taita?

— E o que dizem, Vossa Alteza?

— Dizem que aquele que detiver o selo do falcão, falará com a voz do Faraó.

— Assim é, Alteza. Isso é bem verdade.

— Vede então quem agora o detém, meu senhor.

Naquele momento, os outros três homens presentes naquela tenda ganharam consciência de que ali se travava uma guerra de vontades, tentando por meio de todas as forças ocultar a sua estupefacção, mas sem sucesso. Inclusivamente para mim, tornava-se evidente que eu começava a parecer ridículo. Senti na minha testa o cenho começar a enrugar-se, mas de pronto voltei a suavizá-lo ao mesmo tempo que me inclinava respeitosamente para Tehuti.

— Aguardo ouvir-vos falar com a nobre voz do Faraó! — exclamei, tentando fazer uma pequena zombaria. Não foi bem recebida. O sorriso de Tehuti esmoreceu por completo até o seu

semblante se transmutar num profundo abatimento trágico e os seus olhos encantadores se inundarem de lágrimas.

— Oh, querido Taita — murmurou quase como se deixasse escapar um soluço —, por favor, não sejas tão cruel comigo. És o único pai que alguma vez conheci. Não me afastes de ti, rogo-te. Prometeste ao meu irmão e à minha mãe que sempre te ocuparias de mim. És o único homem que amo e em quem confio — prosseguiu, com a voz embargada, ao mesmo tempo que me devolia o real selo do falcão. — Toma! Pega nele. Manda-me para longe de ti, se assim tiver de ser. Farei tudo o que me ordenares.

A nossa interessada audiência deixou de sorrir. Os seus semblantes revelaram consternação e espanto, e, num movimento único, voltaram para mim os seus olhares fixos e recriminatórios. Num repente, havia eu sido transformado no vilão.

Claro está que nenhum deles se havia ainda apercebido da muito experiente atriz que ela era, fazendo com que eu parecesse um abusador e um grandessíssimo pulha. Em breves instantes apenas, perdi toda a vantagem de que dispunha naquela disputa.

— Perdoa-me, Tehuti. Diz-me o que pretendes e eu to concederei.

— A Bekatha e eu queremos apenas ficar contigo, o nosso verdadeiro pai. Nada mais. — Dito isto de novo com a voz embargada, reprimiu um novo soluço, todavia, fê-lo com menor convicção, posto saber já que havia saído vitoriosa do confronto. Conseguira levar os seus intentos por diante sem mencionar sequer uma única vez o nome do homem que nos levara àquela nossa questiúncula.

Quatro dias passados, pelo ar fresco da última hora da tarde, o Senhor Remrem, acompanhado por metade da companhia, partiu em direção ao oásis de Zaynab, situado a duzentas léguas para norte. Levei Tehuti comigo e partimos a cavalo com Remrem para vê-lo encetar são e salvo as primeiras cinco léguas daquela viagem. Por fim, despedimo-nos deles e voltámos ambos a encaminhar-nos para Miyah Keiv. A guarda de vinte elementos dos Guardas dos Crocodilos Azuis seguia logo atrás de nós a uma distância discreta,

suficientemente próxima para de pronto nos resgatar se surgisse algum perigo, porém, não demasiado para conseguirem escutar as nossas conversas.

Antes de deixarmos Miyah Keiv, havia eu convidado a Princesa Bekatha a montar um cavalo e a acompanhar-nos, todavia, foi com alguma surpresa que soube ter declinado esse convite com a desculpa de que pretendia concluir o rolo de hieróglifos que eu lhe havia designado como uma das tarefas das suas lições. De costume, Bekatha não era uma pupila tão diligente nem dedicada. Agora, dispunha-me eu a saber o que instigara aquele seu repentino interesse pela escrita.

Durante toda a primeira légua percorrida, Tehuti e eu cavalgámos estribo com estribo num amigável silêncio. Depois, de repente, perguntou-me:

— Conheceste muito bem o meu pai, não é verdade? Quase não sei nada acerca dele, posto nunca antes me teres falado da sua pessoa. Por favor, fala-me um pouco dele, Taita.

— Toda a gente no Egito conhece muito bem o teu pai. Ele foi o deus divino Faraó Mamose, o oitavo desse nome e linhagem. Foi o pilar do reino, o justo, o grande, o misericordioso que tudo vê...

— Não, não foi — contradisse-me sem a menor contemplação. — Por favor, não me mintas, querido Taita. — Esta acusação deixou-me desarmado ali em pleno deserto. Sentado na minha sela, rodei o tronco e fitei-a com uma expressão alarmada ao mesmo tempo que tentava tranquilizar-me de novo.

— Ao que parece, fui mal informado! — exclamei, tratando de dar uma gargalhada de desdém, mas que até a mim soou demasiado impessoal. — Se não foi o Faraó, diz-me então, por favor, quem foi o afortunado que te teve como filha. Sem dúvida alguma que o invejo.

— O meu verdadeiro pai foi o Senhor Tanus, e o seu pai foi Pianki, o Senhor Harrab. A sua mãe era uma escrava livre de Tehenu, que tinha os mesmos cabelos claros e olhos azuis por mim herdados. Dizem que ela era muito bonita. Dizem que o meu pai tinha parecenças com ela e que também ele era muito bem-

parecido. Garantem que ele era o homem mais atraente de todo o Egito.

— Quem te contou tudo isso... — preparava-me para lhe perguntar. — ... todo esse monte de tontarias. — Fiz, contudo, um esforço e consegui controlar-me.

— Foi a minha própria mãe que mo disse. A Rainha Lostris. Agora, diz-me que ela me mentiu.

Aquilo desconcertou-me, deixando-me mais do que nunca à beira de um autêntico ataque de pânico. O trono do Faraó e todas as fundações do meu bem-amado Egito estremeceram violentamente e o firmamento esteve prestes a desabar sobre mim, pois aquela era a afirmação mais perigosa que havia eu escutado em toda a vida.

— A quem mais o disseste? — perguntei, por fim, ofegante.

— A mais ninguém. Apenas a ti.

— Sabes o que acontecerá se alguma vez o disseres a alguém?

— Querido Taita, não sou uma autêntica idiota — respondeu-me, inclinando-se para diante sobre a sela e tomando a minha mão, como se fosse uma mãe que acalmasse o filho amedrontado.

— Tens a certeza de que não disseste nada disso ao teu irmão? — perguntei-lhe, elevando o tom da voz a ponto de soar estridente aos meus próprios ouvidos. — O Faraó sabe disto? A Bekatha? Disseste-lhe a ela?

— Não. — O tom de voz soou sereno e tranquilizador. — A Bekatha é ainda uma menina pequena e pateta. E o choque poderia matar Mem, se soubesse que não é o verdadeiro Faraó.

— Também foi a tua mãe que te disse isso? — desejei eu saber, agitando a sua mão com insistência; naquele momento, estava aterrorizado. — Contou-te ela tudo? Por favor, diz-me que te interpretei mal, peço-te.

— Entendeste-me perfeitamente. A minha mãe contou-me que nós os três somos descendentes do Senhor Tanus e não do Faraó Mamose. Somos três filhos bastardos.

— Por que razão me contas tu tudo isso neste momento, Tehuti?

— Porque não tardarei a encontrar-me numa situação muito semelhante àquela em que a minha mãe foi apanhada. Foste tu que

a salvaste... — começou por dizer, após o que abanei a cabeça num gesto reprovador.

— Não mo negues, Senhor Taita! — Exclamou, dando uma gargalhada. Na verdade, estava a rir-se na minha cara! — Salvaste a minha mãe, e agora deves fazer o mesmo por mim.

Isso era bem certo. A Rainha Lostris havia sido o único verdadeiro amor da minha vida, agora, porém, havia partido e Tehuti tomara o seu lugar. Eu não conseguia negar-lhe nada, mas, ao menos, podia determinar as minhas próprias regras e condições. Era quase certo que havia ela de as ignorar, tal como fizera a sua própria mãe, mas, ao menos, esforçar-me-ia eu por fazê-lo.

— Diz-me exatamente o que pretendes saber de mim, Tehuti.

— A minha mãe estava casada com um rei, todavia, tinha por marido um homem que ela própria escolhera, tendo dado à luz os seus filhos e não os do rei. Uma vez que não podia ter feito ela tudo isso sozinha, foste tu quem a ajudou a consegui-lo. Não foi assim que tudo se passou?

— Sim, foi exatamente assim que tudo aconteceu — confessei, pois pareceu-me ser aquela a única via livre que se me afigurava.

— Tenho vivido no harém do meu irmão a maior parte da vida — prosseguiu Tehuti. — Ele tem vinte e duas esposas, todavia, ama apenas uma delas. A Masara foi a primeira de todas, tendo-lhe dado três filhos varões. Pudesse eu ter o que ela teve e ter-me-ia sentido satisfeita. Fui, contudo, testemunha da grande tristeza das suas outras esposas, tendo a maioria delas recebido a visita do meu irmão não mais de uma ou duas vezes em todo o tempo em que haviam sido suas esposas. Sabes o que fazem elas, Taita? — perguntou-me, num tom de voz que denotava toda a sua desaprovação. Depois de eu abanar a cabeça negativamente, continuou: — Brincam consigo mesmas ou com as outras mulheres do harém, em vez de o fazerem com um homem... um homem a quem amem e queiram. Elas têm brinquedos com a forma de pénis feitos de marfim ou de prata. Introduzem esses artefactos horríveis no seu interior ou umas nas outras. — Interrompeu o relato e toda ela estremeceu. — É muito triste. Não quero acabar como elas.

Vi como o seu semblante mudava e empalidecia de pesar. Vi que de repente se acumulavam lágrimas nos cantos interiores dos seus olhos. Agora, já não representava.

— Sei que estás a levar-me para um país estrangeiro e desconhecido. Aí hás de entregar-me a um ancião, todo ele enrugado e grisalho; alguém que tem as mãos frias e mau hálito e cujo membro me penetrará até à boca do estômago. Far-me-á coisas horríveis... — sufocou com um soluço. — Antes, porém, de isso mesmo acontecer, quero ter o que deste à minha mãe. Quero ter um homem que me faça rir e que faça o meu coração bater mais depressa. Quero um homem que me ame de verdade e a quem eu também ame de modo genuíno.

— Queres o Zaras — afirmei em voz baixa, e logo ela levantou o queixo e os seus olhos rasos de lágrimas encontraram os meus.

— Sim, quero o Zaras. Por uma única vez apenas quero estar enamorada e apertar aquela preciosidade de encontro ao meu coração. Quero ter o Zaras como esposo e guardá-lo bem fundo dentro de mim. Se me concederes isso, ainda que por um período de tempo breve, acederei de bom grado a partir e a cumprir o meu dever para com o Faraó, o Egito e mesmo para contigo, meu querido Taita.

— Prometes-me isso, Tehuti? E nunca o contarás a ninguém; nem mesmo aos teus próprios filhos?

— A minha mãe... — começou por dizer, mas interrompeu de imediato o protesto.

— No caso da tua mãe, existiam circunstâncias especiais, que não se repetirão contigo. Tens de mo prometer com toda a verdade.

— Prometo-to com toda a verdade — acedeu, e não tive motivos alguns para duvidar dela.

— Deves compreender que não poderás ser a mãe dos filhos do Zaras. Nunca. Estás de acordo?

— Era meu desejo que fosse de outro modo, Taita. Adoraria ter um pequeno Zaras para mim, porém, sei que terá de ser do modo como me dizes.

— Todos os meses, quando a flor vermelha da tua feminidade estiver prestes a desabrochar, dar-te-ei a beber um xarope, que fará

com que o bebé seja expelido do teu ventre com o fluxo do teu próprio sangue.

— Chorarei só de pensar nisso.

— Quando te tornares esposa do Supremo Rei Minos, renunciarás ao Zaras em definitivo. Viverás no harém real de Creta e o Zaras regressará ao Egito. Não tornarás a vê-lo nunca mais. Compreendes isso, Tehuti? — Ela abanou a cabeça em sinal de assentimento.

— Fala! — exigiu-lhe. — Diz-me que entendeste isso.

— Compreendo-o — respondeu, em voz alta e com toda a clareza.

— Na noite em que forem celebradas as bodas entre ti e o Rei Minos, tratarei de preparar uma bexiga de sangue de cordeiro para te dar, que rebentará quando ele te levar para o leito. Isso convencê-lo-á da tua virgindade e castidade.

— Compreendo-o — sussurrou.

— Não o contarás a ninguém — insisti. — Nem tão-pouco à Bekatha; em especial, nunca a ela. — A irmã mais nova era uma lingüeira incorrigível e tinha fama de não saber guardar segredo algum.

— Não o contarei a ninguém — concordou —, nem sequer à minha irmã mais nova.

— Compreendes o perigo a que te estás a expor, Tehuti? O Rei Minos terá todo o poder da vida e da morte sobre ti. É muito imprudente enganar um rei, pelo que, deverás guardar o máximo de cuidado para que o teu segredo nunca seja descoberto.

— Compreendo-o. Sei bem que estás a assumir o mesmo risco que eu, e amo-te ainda mais por esse motivo.

Sem dúvida que era uma autêntica loucura, todavia, cometera eu muitas loucuras ao longo de toda a vida. O meu único consolo era restar-me ainda uma diminuta margem e, por conseguinte, espaço de manobra, para me ocupar dos preparativos. Os ferimentos de Zaras impunham-lhe certas restrições, pelo que ainda não estava em condições de embarcar nos excessos mais selvagens do amor. Não obstante, a recuperação estava a fazer-se com grande rapidez.

Passados dois dias, Zaras aproximou-se de mim e pediu-me autorização para me falar.

— Desde quando precisas tu de me pedir autorização para o fazer? A falta dessa permissão nunca te deteve antes. — Perante estas minhas palavras, pareceu encabulado.

— A Princesa Tehuti quer que lhe ensine o manual de armas, e ainda que a instrua no manuseio da espada. Disse-lhe que necessitava da vossa autorização para o fazer.

— Creio não ser essa uma ideia muito sensata, Zaras. O que Sua Alteza quer, quase sempre Sua Alteza consegue.

— Não foi minha intenção faltar-lhe ao respeito — apressou-se a garantir-mo, o que me levou a rir da sua inquietação.

— A princesa é uma excelente arqueira — denotei. — É muito rápida. Tem olhos argutos e braços fortes e capazes. Desse modo, não tenho a menor dúvida de que acabará por se tornar numa espadachim magnífica. É uma aptidão que poderá vir a servir-lhe de muito no futuro. Quem sabe? Inclusivamente, um dia, poderá mesmo vir a salvar-lhe a vida. — Não estou muito certo da razão que me levou a dizer isto. O passar do tempo demonstrou ser esta uma das subestimações mais flagrantes que fiz em toda a vida. — Tens alguma objeção a fazer ao que ela te pede, Zaras?

— De modo algum, senhor — apressou-se Zaras a garantir-me. — Pelo contrário, seria para mim uma grande honra e privilégio fazê-lo.

— Pois, então, apressa-te a executá-lo. Na verdade, seria muito interessante ver o que conseguirias fazer com ela nesses termos. — Não tornei a pensar naquele assunto, ainda que não se trate esta de uma verdade literal, pois o certo é que mal conseguia pensar noutra

coisa. Nas semanas que se seguiram a esta conversa, muito atormentado andei com a sorte de Zaras e de Tehuti.

Zaras ia-se tornando cada vez mais forte a cada dia que passava. Se se mostrava muito exigente com os seus homens, era totalmente impiedoso consigo próprio.

Todas as manhãs, da alvorada ao meio-dia, levava ele os seus homens a correr pelos terrenos mais acidentados e difíceis. Eu próprio corria com eles. Tenho sido abençoado com uma força e capacidade de resistência extraordinárias, sendo mesmo capaz de me equiparar a homens que têm metade da minha idade, ou uma diferença de mim ainda maior.

No princípio, eu via bem como Zaras sofria, e ficava impressionado com a maneira como conseguia ocultar o seu sofrimento de toda a gente, exceto de mim mesmo. Numa questão de poucos dias, porém, já ele conseguia acompanhar bem o meu passo, e conduzia os seus homens ao som das canções da marcha militar do batalhão, dando gargalhadas francas em resposta às minhas piadas e gracejos.

Agradava-me a capacidade de trabalho e a busca constante em se superar a si próprio. Por outro lado, tudo tem um limite. Uma conduta que é aceitável nas pessoas comuns, nem sempre é a que melhor serve a dignidade dos estratos superiores da nossa sociedade.

Quando, sem me consultar, Zaras decidiu que em futuras caminhadas matutinas cada homem deveria carregar com um saco de areia, equivalente a uma quarta parte do peso do seu próprio corpo, apercebi-me de que havia estado a negligenciar outras responsabilidades mais importantes. Em vez de insensatamente entrar pelo deserto dentro, tentando competir com um grupo de jovens canalhas, devia antes ter instruído as minhas princesas nas ciências da matemática e da astrologia; do mesmo modo, tinha também ainda de concluir os últimos capítulos do meu tratado sobre a genealogia dos deuses. É minha convicção que a mente deve sempre prevalecer sobre os músculos.

Enquanto nos mantivemos em Miyah Keiv, para permitir ao Senhor Remrem e ao seu grupo adiantarem-se em relação a nós até ao oásis Zaynab, tive tempo suficiente para ler e fazer planos relativamente à nossa chegada à Babilónia. Todavia, o tempo não passava depressa, mas veloz.

Aos restantes membros da nossa comitiva aguardava-os outros acontecimentos mais espantosos e arrebatadores, o mais importante dos quais foi o fim da amizade entre Bekatha e o Coronel Hui.

Bekatha insistira para que Hui lhe desse aulas de equitação todas as tardes. Graças a essa tutoria, estava ela a tornar-se rapidamente num intrépido ginete. Sempre fora audaz, e o seu equilíbrio e acomodação sobre a sela superavam os da maior parte dos soldados de Hui. Esses nobres cavaleiros sempre haviam sido quadrigas por natureza, e a maioria deles preferia estar atrás de um cavalo a estar em cima dele.

Por outro lado, Bekatha adorava montar com elegância, tal como eu lhe havia ensinado. Conseguia retirar sempre o melhor da montada, e tinha um gosto especial por exhibir as suas habilidades, esmerando-se sempre ao máximo quando atuava em público.

Certo final de tarde, encontrava-se Hui a ensinar-lhe o jogo das esferas. Tratava-se a esfera de uma bola grande e pesada, composta por tiras de couro entrançado. As equipas adversárias eram constituídas por quatro ginetes cada, consistindo o objetivo em fazer passar a esfera por entre dois postes erguidos no extremo de um campo marcado, ao mesmo tempo que a equipa adversária se esforçava por impedir que isso acontecesse. Era um jogo difícil e barulhento, que de habitual atraía grandes multidões que gritavam e aplaudiam ruidosamente.

Nesse referido final de tarde, Hui tentava fazer com que Bekatha praticasse inclinada para fora da sela, tentando pegar numa esfera que estivesse em movimento e aos saltos por sobre a superfície de areia que havia diante do cavalo. Como de costume, encontrava-se ali uma assistência de uns cinquenta guardas, que não estavam de serviço, e outros ociosos que se haviam alinhado em torno do campo para assistirem ao jogo.

Bekatha desceu o campo de jogo em pleno galope. Trazia as duas mãos fora das rédeas e guiava a montada com os joelhos.

Hui aguardava-a, parado na linha lateral a segurar na esfera. Quando ela se aproximou, ele tirou a esfera da frente do cavalo. Ela inclinou-se, saindo da sela, para a apanhar e apoiou todo o peso do corpo sobre o estribo mais próximo. Na minha opinião informada e crítica, achei que se tratava daquele de um desempenho muito elegante e atlético. A multidão lançou-lhe urros de encorajamento, e eu juntei os meus aos deles.

Bekatha parecia quase uma delicada figura sobrenatural sentada em cima do dorso de um animal enorme, ainda assim, conseguiu esticar-se o suficiente para agarrar numa das quatro pegadas de couro da esfera rolante. Num gesto de triunfo, começou a erguer o prémio.

Nesse mesmo instante, o estribo de couro partiu-se com um estalo, e, para minha enorme consternação, Bekatha foi projetada para fora da sela. Desatei a correr antes mesmo de ela cair no chão, pois estava certo de que morreria, ou, no mínimo, ficaria gravemente ferida. Hui foi tão rápido quanto eu, todavia, como se achava mais próximo dela, alcançou-a antes mesmo de ela ter desmontado completamente.

Para meu radiante alívio, Bekatha conseguiu recuperar o equilíbrio e ficou ali parada, trémula de vexame e de fúria. Havia caído num montão de esterco de cavalo ainda fresco. Isso permitira amortecer o impacto da queda e provavelmente salvar-lhe a vida, todavia, de muito pouco valia para manter a imagem e absolutamente nada para lhe conservar a dignidade.

Ficou empapada em esterco verde e mole desde o alto dos fogosos caracóis até à planta dos pés. Hui parou pouco antes de a alcançar, ficando especado e imóvel a olhá-la. Apercebi-me de que não fazia a mais pálida ideia do que havia de fazer a seguir. Antes de eu conseguir alcançá-lo para tranquilizar Bekatha e resolver aquela situação difícil, Hui fez a única coisa que podia garantir uma escalada daquele incidente. Desatou a rir.

Bekatha respondeu da única maneira que era natural nela — deu rédea solta ao seu famoso temperamento. Continuava a segurar na esfera com a mão direita, pelo que foi com ela que a arremessou à

cabeça dele. Hui, que não estava à espera de ser atacado daquela forma, foi apanhado completamente desprevenido. Tratou-se de um golpe à queima-roupa. A esfera era pesada e o couro seco ao sol era rijo como osso. Acertou-lhe na cana do proeminente nariz, fazendo logo o sangue jorrar em esguicho. Todavia, nem por isso todo aquele aparato foi suficiente para apaziguar o orgulho ferido de Bekatha.

Ela inclinou-se, e, com um movimento rápido e ágil, recolheu do montículo sobre o qual se achava duas mãos-cheias de estrume de cavalo; em seguida, investiu sobre Hui e, com toda aquela massa, esbofeteou por diversas vezes o seu nariz ferido.

— Se achais que é muito divertido ver como eu fiquei, havíeis de ver agora a sua figura, Coronel Hui — disse-lhe ela, numa fúria contida. Depois de estas palavras, deu meia-volta e abandonou o campo em passo largo, dirigindo-se ao complexo real. Mais nenhum dos espectadores se atreveu a rir, nem mesmo eu.

Hui não mais voltaria a ser convidado para cear na mesa real. Nunca mais voltaria a desfrutar da distinção de ser bombardeado com pedacinhos de comida, nem de ter de dar aulas de equitação à realeza.

Alguns dias mais tarde, pude escutar uma conversa entre Bekatha e Loxias. Falavam em minoico quando se encontravam na tenda do complexo real, que eu mesmo havia designado como estando destinada às aulas das meninas. Achava-me eu no lado de fora, na retaguarda dessa mesma tenda, a admirar a paisagem de escarpas multicolores que se elevavam acima do acampamento. Não que eu estivesse deliberadamente à socapa a escutar as minhas pupilas, mas, às vezes, quando, antes de entrar na tenda, me detinha por um momento naquele sítio em particular, mesmo sem querer, ouvia interessantes trocas de palavras entre elas.

— Já perdoaste o Coronel Hui? — ouvi Loxias perguntar e Bekatha responder-lhe com veemência:

— Nunca lhe perdoarei. Ele é um tolo e um bárbaro. Quando eu for Rainha de Creta, o mais provável é ordenar a sua decapitação.

— Isso seria divertido. Convidas-me para assistir?

— Não estou a brincar, Loxias. Estou a falar a sério.

— Mas disseste-nos, a mim e a Tehuti, que ele era o único homem que te interessava.

— Mudei de opinião. — O tom de voz de Bekatha soou altivo. — Para que havia eu de querer um homem feio, velho e sem maneiras, que tem quarenta esposas tão feias quanto ele?

— Ele não é assim tão velho, Bekatha, e, além disso, até é bastante bem-parecido. Sei de fonte segura que, em Tebas, tem ele apenas cinco esposas e que algumas delas são até bastante bonitas.

— Ele é velho — ripostou Bekatha, com firmeza. — É bem possível que seja mais velho até do que o Taita. E não me parece um homem muito atraente com aquele nariz partido e a cara coberta de excrementos de cavalo. As suas cinco esposas bem podem ficar com ele. Nunca mais quero ter nada que ver com ele.

Perdoei a Bekatha a severa escolha de palavras, bem como o comentário depreciativo em relação à minha idade, mas, ao menos, um dos meus problemas mais imediatos havia assim ficado já resolvido. Ficara eu a salvo da necessidade de montar guarda à virgindade de Bekatha, como tinha ainda de fazer em relação à da irmã mais velha.

Permiti-me ser surpreendido por um ataque de tosse, e as vozes que soavam do interior daquela tenda calaram-se. Quando fiz silêncio e passei a cabeça pela abertura de acesso, encontrei as cabeças das duas senhorinhas pendidas sobre as tábuas de escrita. Mostravam-se ambas assaz virtuosamente absorvidas na tarefa de que eu mesmo as havia incumbido, e que era copiarem um rolo de pergaminho com a história do Egito, a partir da versão original que eu mesmo havia escrito alguns anos antes, para logo a traduzirem para o idioma cretense. Bekatha mal levantou os olhos para mim quando me detive ao seu lado.

— Estou deveras impressionado com a vossa capacidade de trabalho, bem como com a perfeição dos vossos hieróglifos, Alteza. Todavia, por que razão não vos acompanha nessa tarefa a vossa irmã?

— Ah, anda por aí muito ocupada com assuntos particulares — respondeu, indicando uma direção com o pincel. — Comentou

comigo que havia de vir juntar-se a nós mais tarde. — Estas palavras ditas, tornou a dirigir toda a atenção para o rolo de pergaminho em que estava a trabalhar.

Tive plena consciência dos cânticos dos guardas que se aproximavam, vindos do campo de instrução, improvisado numa das extremidades do acampamento, todavia, aquilo era algo tão comum que nem lhes prestei a menor atenção. Agora que Bekatha havia despertado em mim a curiosidade, abandonei a tenda e fui averiguar o que se passava. Povoava o campo de instrução toda uma multidão constituída por moços de estrebaria, artistas, criados, escravos e outros não-combatentes. De tal modo estavam eles absortos nas suas ocupações que tive de cutucá-los com o meu bastão para que abrissem alas e me deixassem passar. Cheguei ao extremo do campo de instrução e detive-me, olhando em redor, sem que de imediato conseguisse ver Tehuti.

Zaras encontrava-se de pé diante das fileiras dos seus homens, todos eles envergando apenas metade da armadura completa. Haviam, contudo, levantado as viseiras dos elmos de molde a revelarem os próprios rostos. Depois de se terem posto em posição firme, agora escutavam atentamente em pose de saudação e empunhavam as espadas desembainhadas com as pontas das lâminas a tocarem umas nas outras.

— Apresentar armas! — ordenou Zaras com um grito. — Os doze cortes e arremessos para diante. Um...

— Um! — entoaram os seus homens, e, num perfeito movimento em uníssonos, arremeteram à parte inferior esquerda, para logo retornarem à posição inicial, com as lâminas a brilhar como ouro quando reluzem sob o efeito da luz do Sol.

Foi então que, de repente, os meus olhos pousaram numa figura mais pequena, posicionada no centro da fileira principal. Por alguns instantes apenas, tive dúvidas quanto ao que via, mas depressa percebi que não me havia equivocado, posto, na realidade, ser bem de Tehuti que se tratava. Envergava ela um uniforme da guarda, que lhe caía na perfeição. Pelo menos três das suas ajudantes de câmara núbias eram exímias costureiras, e bem podiam ter elas confeccionado aquela indumentária numa única tarde. Também

qualquer um dos ferreiros do regimento bem podia ter modificado a metade da armadura com que agora estava ataviada, por forma a adaptá-la às suas formas mais esguias e esbeltas. A princesa brandia uma pesada espada regulamentar, que havia sido forjada para um homem com mais uma metade da sua altura.

Tehuti tinha o rosto ruborizado e os cabelos ensopados em suor, à semelhança da túnica. Fiquei estarelecido. Parecia uma campesina que tivesse passado o dia a ceifar milho ou a arar os campos de cultivo do marido. Rodeava-a um grupo de soldados escabrosos e comportava-se como se não sentisse vergonha alguma da sua aparência, nem tão-pouco qualquer respeito pela casta elevada a que pertencia, nem pela posição privilegiada que detinha.

Era certo que eu havia aceitado que Zaras lhe ensinasse a manejar uma espada, e reconheço inclusivamente ter encorajado esse mesmo plano. No entanto, havia eu partido do princípio de que essas aulas seriam dadas em privado e que sobremaneira seriam bem ocultadas dos olhares da comum população.

Os deuses benévolos podem bem atestar o facto de eu não ser um homem presunçoso; creio, no entanto, que deverá haver limites para a condescendência real.

A primeira reação impulsiva que tive foi precipitar-me para a arena da instrução, agarrar em Tehuti pelo pescoço, arrastá-la para a privacidade do complexo real e, da forma mais contundente, insistir com ela que de futuro deveria prestar maior atenção à indumentária e o seu comportamento deveria ser bem mais conveniente quando se submetesse ao escrutínio público.

Em seguida, porém, o meu bom senso prevaleceu. Sabia eu bem que ela não hesitaria em me desafiar diante de um regimento inteiro e em pulverizar todo o respeito e admiração que os homens nutriam por mim. Enquanto me tardava num momento de hesitação, deparei-me com uma oportunidade.

Vi-a deslizar pelo Passo das Armas com tamanha graça e habilidade consumada que levou a que os guerreiros veteranos que a rodeavam parecessem lavradores compactos e desairosos com o arado. Sem nunca perder o ritmo nem a marcação de um único passo, foi passando a espada de uma mão para a outra, investindo

e cortando com grande rapidez e precisão tanto com a mão esquerda quanto com a direita. A sua expressão facial tornara-se uma máscara de concentração e determinação. O seu desempenho denotava grande habilidade e beleza nos gestos, e não restava qualquer dúvida quanto à capacidade de aqueles braços esguios e esbeltos saberem empunhar a pesada espada. À medida que evoluía de um exercício para outro, a princesa fazia a espada sussurrar e entoar um cântico de ameaça mortal. Ao concluir o último, permaneceu imóvel como uma estátua de marfim, mantendo o equilíbrio em toda a sua extensão e segurando na espada como se esta fosse feita de uma seda fina e não de um metal pesado.

— À vontade! — ordenou Zaras. Em coro, os espectadores irromperam numa salva de palmas, aclamações e batimentos dos pés. Após isso, uma única voz gritou o seu nome, destacando-o em três sílabas distintas:

— Te-Hoo-Tee! — E, de imediato, o coro das restantes vozes se juntou à invocação: — Te-Hoo-Tee!

A sua adulação era contagiosa. Por me sentir cheio de orgulho e de amor pela minha pequena protegida, deixei-me levar como todos os restantes pelo fervor próprio do culto dos heróis.

— Te-Hoo-Tee.

Esqueci-me da minha própria dignidade, enquanto me juntava ao coro de vozes.

Por fim, chegou a Miyah Keiv um cameleiro vindo de norte. Era ele portador de uma mensagem do Senhor Remrem a informar-me de que a linha avançada da sua companhia estava prestes a partir do oásis de Zaynab, onde haviam estado a recuperar forças durante pelo menos duas semanas.

Remrem asseverou-me que tudo corria pelo melhor. Não havia perdido homem nenhum, apenas um camelo, que havia partido uma pata numa disputa com outro macho. Vira-se ele, então, forçado a sacrificar o animal e a transformar a carne em rações para os seus homens. Incitou-me a partir para Zaynab o mais depressa possível, pois aí encontraria o oásis abandonado e a superfície das suas

águas completamente reaprovisionada graças ao seu manancial subterrâneo.

Comuniquei a ordem a Zaras, todavia, tomaram-nos ainda outros dois dias o desmantelamento do acampamento e o carregamento dos animais de carga. No decurso desse tempo, chamei Zaras aos meus aposentos e obriguei-o a desnudar-se para que eu pudesse comprovar o estado sanado dos ferimentos. Apercebi-me, então, de que a sua condição física era formidável. As cicatrizes cirúrgicas eram difíceis de detetar, em particular, devido ao facto de a pilosidade escura do seu corpo ter crescido profusamente nesse sítio, ocultando-as. Ele próprio me assegurou que, apesar da laceração interna infligida aos intestinos, o seu bom funcionamento era tão efetivo como sempre havia sido, julgando eu não ser necessário pedir-lhe uma prova do que clamava ser verdadeiro. Ainda nessa manhã, eu mesmo o havia visto regressar na dianteira de um grupo que percorrera dez léguas em passo de corrida, ataviado com a armadura completa e a carregar um pesado saco de areia por sobre um dos ombros.

A nossa companhia partiu de Miyah Keiv às últimas horas da tarde, depois de o Sol ter perdido a virulência do calor, pelo que prosseguimos viagem durante toda a noite, com a Lua em quarto crescente a iluminar-nos o caminho. Tornámos a montar acampamento quando o Sol já brilhava de novo em todo o seu esplendor e depois de termos percorrido perto de vinte léguas de caminho. Sentia-me satisfeito. Antes de também eu descansar, percorri todo o novo acampamento para me certificar de que tudo se encontrava em boa ordem. Fico sempre surpreendido quando comprovo como umas quantas palavras minhas de alento são sempre tão valorizadas mesmo pelos membros mais humildes do nosso séquito. É muito comum as pessoas esquecerem-se do modo como outras de menor talento veneram aquelas de talento superior.

Não obstante, naquela mesma ocasião, a minha serenidade foi abalada pelo alvoroço com que fui recebido ao regressar ao complexo real. Na verdade, dei-me conta do mesmo quando ainda me encontrava a alguma distância dali, mas os prantos, os gemidos de desespero e os gritos de amargo ressentimento, todos ecoavam

claramente por toda a atmosfera do deserto. Desatei a correr, convencido de que a tragédia e a morte se haviam abatido sobre o acampamento.

Quando entrei no complexo real, percebi que as donzelas e as criadas da corte estavam apavoradas de terror e incapazes de responder às minhas prementes e insistentes perguntas. Tornei-me de tal modo impaciente com a sua estupidez que agarrei numa das criadas núbias pelos ombros e tentei abaná-la para trazê-la de novo à razão. Todavia, provaram ser inúteis todos aqueles esforços, pois o mero alvoroço que havia em redor acabou por se transformar num completo tumulto. Soltei de imediato a mocita e tranquilizei-a, garantindo-lhe que não iria castigá-la, após o que me dirigi para a tenda central, que pertencia a Tehuti. Quando entrei, para conseguir chegar junto da minha princesa, que jazia no seu leito, vi-me obrigado a abrir caminho por entre uma horda de mulheres que se lamentava aos gritos. Achava-se ela deitada de borco com o rosto enterrado entre os braços e todo o corpo se agitava ao som e aos compassos dos soluços.

No momento exato em que ouviu a minha voz, de um salto a princesa saiu do leito e lançou-se para os meus braços.

— O que aconteceu, minha pequenina? Morreu alguém? Que tragédia terrível te aflige dessa maneira?

— O meu anel! Perdi o meu anel... e estou convencida de que foi alguém que mo roubou.

— Qual anel? — Por alguns instantes, eu próprio estava perplexo.

Ela levantou a mão esquerda com todos os dedos bem esticados e firmes.

— O meu anel desapareceu. O anel que tu me deste; o anel do diamante mágico que me trouxeste da fortaleza de Tamiat.

— Aquieta-te. Havemos de o encontrar — sosseguei-a, sentindo-me mais tranquilo com a natureza benigna da calamidade.

— Então e se tu não conseguires encontrá-lo? É o objeto que mais amo neste mundo. Matar-me-ei, se o tiver perdido.

— Antes de mais nada, põe todas estas mulheres daqui para fora, e logo falaremos sobre esse assunto com a maior calma e sensatez.

— Usei o meu bastão e o meu tom de voz mais persuasivo para levar aquelas intrusas cacarejantes a abandonarem a tenda. Em seguida, regressei para junto de Tehuti e, após me sentar no leito, tomei a sua mão.

— Agora, diz-me onde e quando foi a última vez que o viste? — convidei-a a refletir. Ponderou sobre a questão ao mesmo tempo que lhe observava o rosto e me apercebia de que, apesar de todo aquele pranto, lamentos e ameaças de suicídio, os seus encantadores olhos se achavam desprovidos de lágrimas. Na verdade, agora que nos encontrávamos sozinhos, parecia-me ela até bastante descontraída, dir-se-ia mesmo que desfrutava daquela situação, pelo que as minhas suspeitas se confirmaram de imediato.

— Ah, sim! Tenho-o ainda! — O seu semblante iluminou-se com um alívio teatral. — Agora me lembro. Sei bem onde posso tê-lo perdido. Ontem à tarde, pouco antes de sairmos de Miyah Keiv, Loxias, Bekatha e eu fomos nadar uma última vez nas águas do interior da gruta. Recordo-me de, para não o perder, ter retirado o anel do dedo antes de entrar na água e de o ter colocado na mesma greta da rocha onde sempre o pusera. Devo tê-lo deixado ali.

— Estás certa disso? Não podes tu tê-lo deixado cair em qualquer outro lugar? — perguntei-lhe com seriedade, prosseguindo o seu jogo de mentiras e fantasias.

— Sim, estou certa disso. Não, não podia tê-lo deixado cair em nenhum outro lugar — garantiu-me com a mesma veemência.

— Pois bem, nesse caso tudo se torna mais simples — disse-lhe, com um sorriso. — As tuas preocupações já não têm razão de ser, Tehuti. Enviarei o Coronel Hui de volta a Miyah Keiv para que o resgate para ti. Montado no seu cavalo mais veloz, não tardará a chegar lá e a regressar antes mesmo de amanhã de manhã.

— Mas... — começou por dizer, desconcertada. Após isso, esfregou as mãos uma na outra, mostrando uma certa inquietação. — Não, não quero que envies o Hui.

— Porque não? — perguntei com inocência. — O Hui é um bom homem.

— Creio... — interrompeu-se enquanto tentava encontrar uma explicação convincente. E eu dei-lhe alguns instantes para que

pudesse refletir sobre a invenção seguinte.

— Será difícil descrever ao Hui o sítio exato onde o deixei. O Hui é um estrangeiro e não fala muito bem egípcio.

Olhei-a com atenção e percebi que os seus olhos não conseguiam encontrar diretamente os meus.

— Ele pode ter um sotaque estrangeiro, mas o seu egípcio é suficientemente bom para comandar um regimento. — Embora com estas palavras eu refutasse a sua escusa, ela persistiu em seguir a mesma linha de pensamento.

— Não confio no Hui. Sabes bem como humilhou a nossa pobre e pequenina Bekatha. É até bem possível que roube o anel. Eu não confiaria nada à sua guarda.

— Muito bem, nesse caso, talvez devesse tu mesma ir àquela gruta para o recuperares.

— Não me tinha ocorrido tal coisa! — exclamou com entusiasmo, tendo-me assim manipulado e levado à conclusão que ela mesma havia desejado desde o princípio. — Todavia, tens razão, Taita. Terei de lá ir sozinha.

— Mas não podes ir sozinha. Terei de mandar alguém acompanhar-te. Por certo que não será o Hui, posto não confiares nos estrangeiros — fingi refletir ponderadamente sobre essa questão. — Enviaria o Senhor Remrem, porém, não se encontra ele aqui. Em qualquer outra altura, eu mesmo montaria o meu cavalo ao teu lado, mas tenho as costas doridas e preciso de descansar. — Levei as duas mãos à região inferior das costas e soltei um leve gemido de dor.

— Meu pobre Taita! Nunca me permitiria dar-te motivos para te magoares mais. — Perscrutou o meu rosto com ansiedade.

— Já sei! — exclamei. — Enviarei o Capitão Zaras contigo!

A princesa baixou os olhos, pois dera-se conta de que eu havia estado a zombar dela, e teve a elegância de se sentir envergonhada. Levantou os olhos para mim e percebeu que a expressão do meu rosto era benévola. Deixou de representar e desatou a rir num jeito encantador. Em seguida, lançou os braços em volta do meu pescoço e abraçou-me com tanta força que me magoou.

— Amo-te! — sussurrou. — Digo-o de verdade.

Devolvi-lhe o abraço e sussurrei-lhe também ao ouvido:

— Talvez fosse mais discreto se deixasses comigo esse velho e impertinente anel, para o caso de te sair efetivamente do dedo.

Enfiou uma mão na própria manga, e, quando a retirou, trazia-a fechada num punho cerrado, exibindo-o num gesto de desafio diante do meu rosto.

— Poderei confiar-te qualquer outra coisa minha, exceto isto.

Abriu a mão que escondia o conspícuo anel de diamantes e mostrou-mo na palma.

— Quando eu regressar, hei de trazê-lo no dedo, e jamais tornarei a tirá-lo. Será para todo o sempre o símbolo do meu amor pelo Zaras. Ainda que as minhas obrigações me façam renunciar ao seu amor, este anel permanecerá comigo para que não mais me esqueça dele.

Ao cabo de uma hora, a princesa e Zaras partiram. Cavalgaram tão depressa direitos ao sul que a sua escolta se deixou atrasar meia légua, enquanto o par desaparecia por detrás de uma duna distante.

Senti-me um tanto culpado por esta incúria flagrante do meu dever. Todavia, a minha culpa foi suplantada pelo júbilo que senti por poder proporcionar aquele fugaz interlúdio de felicidade a dois jovens que me eram tão queridos.

Não havia eu previsto que algum deles se apressasse a regressar de Miyah Keiv para voltar a juntar-se à caravana, e não me dececionaram nessa minha expectativa. Aguardámos no oásis de Zaynab durante bem perto de uma semana até ambos por fim tornarem a aparecer.

Enquanto no exterior desmontavam em frente à minha tenda de comando, Tehuti sussurrou a Zaras:

— Aguarda-me aqui. Devo falar com ele a sós.

Por força da brilhante luz do Sol, não deram comigo a observá-los da penumbra da minha tenda, pelo que pude ler os lábios de Tehuti sem que ela se apercebesse disso.

A jovem princesa correu, então, para a entrada da minha tenda. Ao me ver, enquanto me dirigia ao seu encontro, soltou um grito de alegria abafado e precipitou-se para os meus braços abertos. Naqueles instantes em que nos mantivemos assim nos braços um do outro, apercebi-me de que, há pouco desde a última vez que a vira, se havia ela milagrosamente transmutado de criança em mulher feita, o mesmo é dizer, passado de ouro em bruto para ouro verdadeiro.

— Achaste aquilo de que foste à procura? — interpelei-a sem a soltar.

— Oh, achei-o, sim — respondeu-me, estendendo a mão diante da minha cara. Ainda que o diamante tremeluzisse cintilante, não o fazia de um modo tão brilhante como os seus olhos. — Gosto muito deste, porém, amo muito mais ainda o outro tesouro que encontrei naquela gruta.

— Não creio que devamos conversar sobre esse assunto — apressei-me a interrompê-la, após o que me soltei do seu abraço. — Não quero ouvir falar sobre isso.

— Ainda assim, vou contar-te tudo; todos os pormenores, por mais insignificantes que sejam, porque é a coisa mais maravilhosa que alguma vez me aconteceu. — Disse estas palavras com absoluta sinceridade.

Olhei lá para fora pela ranhura da entrada da minha tenda e vi que o pobre Zaras ali continuava parado à espera com ar envergonhado, como se de um menino pequeno que tivesse sido apanhado no quintal a roubar maçãs se tratasse, e, na expectativa, esperasse apanhar por causa disso. Deixei cair o assunto sem lhe dar mais conversa.

No que diz respeito à espiritualidade, sentia-me tão próximo de Tehuti que um pouco da sua disposição extasiante pareceu transferir-se para mim, tendo em seguida sido transcorrida para todos os da nossa companhia.

Passou o acampamento a ser um lugar feliz, repleto de sorrisos, risos e gargalhadas. Fiquei todavia agradavelmente surpreendido com o modo discreto com que Tehuti e Zaras se mostraram ao darem continuidade ao seu romance. Creio na altura ter sido eu

talvez o único a saber o que se passava, pois nem tão-pouco Bekatha, que não suporta que se lhe escape nada, parecia ter o menor conhecimento disso. Fiquei contente e inclusive orgulhoso da minha decisão de me tornar no guardião do amor de ambos, em vez de ser um seu impedimento. Foi também com alguma angústia que me lembrei como tanto tempo antes me havia investido daquele mesmo papel em relação ao pai e à mãe de Tehuti.

A nossa permanência no oásis Zaynab revelou-se ser demasiado curta para todos nós. Tínhamos, porém, de prosseguir viagem. Uma semana após outra, seguimos os rastros marcados na magnífica imensidão do deserto, ali deixados por Remrem e a sua companhia. Nenhum outro lugar na Terra além do deserto tem uma beleza e uma magnificência semelhantes, capazes de nos aquietar o coração arrebatado e nos fazer chegar mais próximo dos nossos deuses. Foi esta, deste modo, uma das épocas mais memoráveis e felizes de toda a minha vida.

Todavia, cada passo que dávamos para norte nos aproximava mais do Senhor Remrem e da sua coluna, até acabarmos por alcançá-los e juntarmos as nossas às suas forças. Tudo isto fazia parte dos meus planos, meticulosamente delineados, tendo esse reencontro ocorrido quando nos achávamos tão-só a quarenta léguas a sul do Eufrates, ainda que não houvesse o mais pequeno indício de que esse rio tão caudaloso se encontrasse logo um tanto adiante, assim tão próximo de nós. Rodeavam-nos ainda colinas rasas de verdura, mas aspergidas de rochas e vales poeirentos, expostos à torreia do sol.

Al Namjoo, o nosso guia com um único olho, havia-nos conduzido ao último oásis antes de alcançarmos o mesmo rio. Tratava-se de um lugar chamado Khrus, onde havia um conglomerado de quinze poços, emanando de todos uma excelente água de paladar adocicado. Este aprovisionamento abastecia todo um povoado bem populoso, assim como uma extensa plantação de tamareiras e de outras culturas agrícolas. Disponível, havia água suficiente para provisionar inclusive o grande número de homens e animais da nossa caravana durante um breve período de tempo.

Tão de pronto quanto havíamos montado acampamento, Al Namjoo veio ao meu encontro com uma expressão ainda mais séria do que aquela que de hábito adorna o seu feio rosto.

— Honorável Senhor Taita! — exclamou, fazendo uma vénia diante de mim. Por ocasião da execução do seu filho por traição, ficara eu a saber que conduta tão servil de hábito prenuncia uma ultrajante encomenda ou um qualquer aviso particularmente desagradável ou mal-avinhado. — Daqui em diante, até Ur, cidade da Caldeia, situada nas margens do rio Eufrates, a rota da caravana encontra-se perfeitamente transitável e está claramente demarcada. O rio corre pelas imediações, pelo que seria impossível perder-vos — disse-me.

— Posto isso, não terás dificuldade alguma em nos guiar até Ur, conforme ficou acordado entre nós anteriormente, não é verdade, Al Namjoo?

— Poderoso Senhor Taita, peço-vos compreensão e piedade. Não me atrevo a entrar na cidade de Ur, posto exceder isso grandemente o valor da minha desditosa vida. Tenho inimigos de sangue nesse lugar. Os Ácades são um povo vingativo e perigoso. Rogo-vos, pois, que me desobrigueis de o fazer e me deixeis regressar ao Sul, a Zuba, onde poderei chorar a morte do meu primogénito. — Com estas palavras, da órbita do olho vazado, comprimiu a saída de uma lágrima, não sendo essa uma imagem agradável de se contemplar.

— Naturalmente queres tu que te pague a quantia devida por todos os serviços acordados entre nós? — perguntei-lhe, perante o que se deixou ele de pronto cair de joelhos e, da barba, repuxou torvelinhos de cabelos ondulados.

— Sois meu pai e meu amo. A escolha é vossa, sou porém um homem muito modesto, tendo ainda ficado com a viúva do meu filho Haroun e toda a sua prole a meu cargo. A sorte tem sido bem nefanda para mim.

Escutei todo o rol das suas apoquentações ao mesmo tempo que considerava aquelas suas deprecações. Não posso eu desatender o facto de ele ser o pai de um filho traidor, além de um filho ser feito da mesma cepa que os seus ascendentes diretos. Por outro lado,

obriguei-o eu a matar o próprio filho. Acaso não saldará isso essa dívida?, interrogava-me. Talvez tivesse já sofrido o bastante.

A minha índole natural faz de mim um homem amável e generoso, todavia, é possível que se trate isto mais de um defeito do que de uma virtude. Encolhi os ombros e disse-lhe assim:

— Prestaste-me sempre bons serviços, Al Namjoo. Podes ir-te com a minha bênção. — Abri a bolsa e de dentro dela retirei duas moedas *mems* de prata, que deixei cair nas suas mãos abertas em concha. Em seguida, permiti-lhe que me beijasse os pés e partisse.

Quatro dias passados, achava-me eu parado nas diminutas colinas sobranceiras à cidade de Ur dos Caldeus a contemplá-la de cima, pela primeira vez, bem como ao verde rio Eufrates. Senti-me desapontado ao observar como aquele rio era mais largo do que a nossa Mãe Nilo, porque até esse momento em ocasião alguma duvidara eu ser o maior rio do mundo.

As margens do Eufrates estavam cobertas de bosques cerrados, pelo menos até onde a minha vista conseguia alcançar em ambas as direções. A partir desses bosques haviam sido escavados extensos campos de cultivo. Depois do rigor da paisagem desértica que havíamos percorrido durante tanto tempo, acolhi aquela imagem de verde luxuriante como uma autêntica bênção para os olhos. Na margem inferior do rio, onde agora me encontrava, estendia-se a cidade de Ur, onde, no centro, se achava um enorme zigurate, um templo dedicado à deusa Ishtar, a principal divindade dos Sumérios e do povo Ácade. Este, em concreto, era um edifício piramidal com cinco terraços de tamanho variável, montados uns por sobre os outros. Não se tratava este tão-só de um templo, servindo também em certas ocasiões de refúgio para os sacerdotes e as sacerdotisas, nas alturas em que o rio transbordava das margens e inundava a cidade e as suas cercanias.

Enfileirámos pelo caminho abaixo que conduzia à cidade. Eu próprio seguia a cavalo na dianteira da coluna, acompanhado pelo Senhor Remrem e pelas princesas. Antes de alcançarmos o sopé das colinas, uma procissão de sacerdotes e sacerdotisas emergiu do portão principal da muralha da cidade, construída com tijolos de barro seco, e veio ao nosso encontro para nos dar as boas-vindas.

Embora a Babilónia se situasse ainda a umas cento e vinte léguas rio acima, não queria eu chegar à cidade capital do rei Nimrod logo de seguida a termos concluído a nossa travessia do deserto. Era minha pretensão impressionar os Sumérios com toda a nossa riqueza e grande pompa, ao passo que, no estado atual em que nos achávamos, esgotados pela viagem, tínhamos mais o aspeto de um bando de beduínos do deserto do que o dos representantes de uma das nações mais importantes e mais prósperas do mundo.

À medida que a procissão se ia aproximando, reconheci o Senhor Phat Tur a caminhar na dianteira, ladeado pelos sumos sacerdote e sacerdotisa do templo. Phat Tur era o embaixador egípcio na Suméria e conhecíamos-nos ambos desde há muito, antes mesmo da sua partida para Tebas para ocupar o seu cargo atual. Era um alto funcionário diligente e de confiança, desse modo, estava eu convencido de que todos os preparativos para a nossa chegada à Babilónia haviam sido adequadamente atendidos. Desmontei do cavalo para o obsequiar com uma afetuosa saudação, após o que, enquanto caminhávamos juntos de regresso aos portões da cidade, conversámos como velhos amigos.

— Tal como me pediste, Taita, mandei que preparassem dez barças fluviais de bom tamanho e com todo o conforto para vos transportar, a ti, às princesas e aos membros mais idosos da vossa delegação, rio acima até à Babilónia. Estaremos a postos para zarpar quando assim o dispuseres por estarem todos prontos para realizar essa viagem. Naturalmente que te acompanharei. Entretanto, porém, é com venerando respeito que te sugiro que a grande parte da tua caravana deverá seguir viagem adiante de ti pelo caminho que conduz à Babilónia, para, já na cidade, aguardar pela tua chegada.

Começava já a entardecer, quando nos instalámos nos aposentos que Phat Tur havia preparado para nós no majestoso zigurate. Deixei as princesas e as mulheres suas acompanhantes a desembrulharem todos os faustosos presentes que consigo haviam trazido de Tebas, pois, desse modo, pelo menos começariam a

sentir a emoção de se pentearem e prepararem para a grande chegada à corte do Rei Nimrod da Babilónia.

Havia eu explicado às herdeiras reais quão importante era fazerem uma grandiosa aparição, por forma a deixarem impressionados Sua Majestade o Rei Nimrod, bem como o embaixador de Creta, posto este ir de pronto reportá-lo ao seu superior, o Supremo Rei Minos de Creta.

Nessa noite, tomei a ceia com Phat Tur e Remrem. Sentados no terraço mais amplo do zigurate, sob uma abóbada de estrelas, saciámos o nosso apetite com uma enorme perca dourada do rio, tão comprida como o meu braço, que havia sido capturada do Eufrates à rede, nessa mesma manhã. Acompanhámos a deliciosa e rosada carne daquele peixe com vários tragos de um agradável vinho tinto, feito das uvas dos vinhedos que cresciam ao longo das margens do rio.

Depois de termos comido, pudemos concentrar toda a nossa atenção no meu grande plano para ajuizar da guerra contra os Hicsos e levá-la à sua derradeira conclusão.

— Como bem deverá ser do vosso conhecimento, é minha firme intenção instar ambos, o Rei Nimrod e o Supremo Minos, a estabelecerem uma aliança militar com o nosso bem-amado Faraó. Tão pronto quanto tivermos conseguido isso, logo teremos o Rei Gorrard estendido na bigorna com três grandes malhos a golpeá-lo até serem frutíferos na sua aniquilação.

— Como de costume, a vossa escolha de palavras é aliciante, porém, não se mostra particularmente edificante, meu bom Taita. Para mim, não ficou inteiramente claro quem fará as vezes da bigorna e quem serão esses malhos, dos quais falais com tanta eloquência — argumentou Remrem. Soltei um suspiro para mim próprio. Em certas ocasiões, as conversas com Remrem assemelham-se em muito a levar um coxo a subir uma montanha. Ao longo de todo o caminho, ele tem de ser guiado a cada passo.

— Tendes de me perdoar. Usava eu uma metáfora. Devia, pois, ser mais claro. O Sáara é a bigorna e os exércitos de Creta, da Suméria e do nosso Egito são os malhos.

— Nesse caso, o que podeis ter acabado de dizer é que teríamos o Gorrab cercado — palestrou Remrem, encarando-me com pedantismo. — A vossa alusão a bigornas e a malhos resultou um tanto confusa. É sempre preferível o uso de uma linguagem clara, não vos parecei?

— Sem dúvida alguma; e estou-vos muito agradecido, senhor, pelo vosso académico conselho — respondi-lhe com tamanha moderação que inclusive me surpreendi a mim mesmo com a dita. — Não obstante, o que estava eu a pretender dizer era que nem Creta nem a Suméria estão tão comprometidos na luta contra os Hicsos quanto nós. — Com algum alívio, consegui desviar a atenção de Remrem para Phat Tur. — Agradar-me-ia sobremaneira ouvir as tuas opiniões sobre a posição do Rei Nimrod. Talvez nos consigas elucidar um pouco mais a esse propósito.

Phat Tur inclinou a cabeça num gesto de aquiescência.

— Achava-me eu impaciente por ter esta oportunidade de me encontrar cara a cara contigo, e de te explicar estas questões com maior vagar do que nos permitem as mensagens atadas à pata de um pombo. Decerto que sabes que o Nimrod herdou a coroa do seu pai, o Rei Marduk, que faleceu há já catorze anos.

— Com efeito — concordei. — Estou a par de tudo isso.

— O período dos últimos trinta anos do reinado do Marduk passámo-lo nós a reconstruir a Babilónia e a transformá-la na cidade mais bela e mais esplendorosa de todas as que já foram criadas.

— Na verdade, ouvira já eu dizer que o Marduk havia empreendido obras em grande escala. Duvido, todavia, que a Babilónia consiga sequer equiparar a sua beleza à de Tebas.

— Nesse caso, creio que tenho uma surpresa reservada para ti — retorquiu Phat Tur a sorrir. — É uma crença generalizada que o Rei Marduk gastou para cima de 600 *lakhs* de prata neste projeto. O que é sabido com toda a certeza é que esvaziou as arcas do tesouro no processo de levar essa sua obsessão por diante.

Deixei-me ficar a fitá-lo, abismado. Tardei algum tempo a articular uma resposta para lhe dar.

— Fui, então, levado a crer que a Suméria era uma nação rica, se não mais abastada ainda do que Creta? — perguntei, movendo a cabeça e mostrando a minha dúvida.

— Assim é. É isso o que a maior parte das pessoas pensa. Nos últimos cinco anos, tenho vivido na Babilónia, e, no princípio, também eu acreditava no mito das desmesuradas riquezas da Suméria. Foi, porém, só muito recentemente que fiquei a saber a verdade. O Rei Nimrod não tem fundos suficientes para pagar aos próprios ministros. A administração pública está depauperada. O exército está paralisado por falta de armamento e de equipamento. As tropas estão a desertar em massa por ele não poder pagar-lhes. Seria impossível ele organizar uma ofensiva contra os Hicsos, ainda que tenha plena consciência de que, não fazendo isso, põe o país sob uma ameaça fatal.

Tanto Remrem quanto eu fitámos o nosso interlocutor sem pronunciarmos uma única palavra.

O semblante de Remrem era de total consternação, pelo que percebi que estava a passar-lhe pela ideia que todo o nosso projeto se desmoronava por completo. Tivera a mais absoluta certeza de que Nimrod da Suméria seria para nós um poderoso aliado. Phat Tur mostrava-se empenhado em destruir essas nossas esperanças.

Em contrapartida, eu estava eufórico por ouvir aquela notícia. Para mim, daí em diante, tínhamos o nosso caminho desimpedido. Nimrod achava-se insolvente, estava a perder o exército e o país, pelo que tinha de estar desesperado. Eu levava perto de 10 *lakhs* de prata escondidos nos carros, debaixo de tábuas de soalho falsas, e nos alforjes dos camelos, além de ainda ter outras centenas de *lakhs* depositadas em pilhas nos depósitos do tesouro do Faraó instalado no Vale dos Reis. O Rei Nimrod e a Suméria pertenciam-nos. Eu poderia agora ditar o nosso próprio preço. Nimrod nem se atreveria a recusar-mo.

Eu tinha o meu primeiro martelo na mão, apesar das grandes reservas que Remrem fazia por mostrar e das suas observações picuinhas em relação à minha escolha de palavras. O meu outro martelo aguardava-me na ilha de Creta. O seu preço em prata era

diminuto, todavia, o seu preço em penúria e sofrimento poderia revelar-se exorbitante.

Na manhã seguinte, levantei-me todo eufórico quando o meu escravo principal, Rustie, me serviu o pequeno-almoço, e, com este, um copo de prata com o meu vinho predileto. Diluí o vinho com água de rosas e bebi-o em pequenos golos, ao mesmo tempo que caminhava pelo terraço sobranceiro ao portentoso rio, que, desde o início dos tempos, desempenhava um papel tão fundamental na História.

Apesar da informação que recentemente obtivera sobre o estado impecunioso das arcas do Rei Nimrod, da magnífica vista do rio e dos cimos nevados das montanhas, que se estendiam diante de mim, e do excelente vinho que tinha no meu copo, senti aquele meu estado de espírito desvanecer-se. Sabia eu existir algo importante que estava a desconsiderar, como se um mosquito que estivesse a zumbir em torno da minha cabeça me estivesse a escapar, e, por muito que tentasse, não conseguisse esmagá-lo com uma palmada.

Dei ainda mais uma volta pelo terraço, e, de repente, detive-me a meio de um passo com o pé direito levantado. Rustie fitava-me de semblante assustado.

— Passa-se algo de errado, amo? — perguntou-me.

Pousei o pé no chão.

— Nada que não possa ser resolvido — assegurei-lhe. Encaminhei-me para a escrivãzinha e garatujei umas quantas palavras num pedaço de papiro. Dobrei-o e selei-o antes de o entregar a Rustie. — Leva e entrega de imediato este documento a Sua Alteza, a Princesa Tehuti, por favor, e assegura-te de que lho entregas em mão. Após isso, vai ter com o moço responsável pela estrebaria e diz-lhe que me prepare dois dos seus melhores cavalos para serem montados e me aguarde no pátio. Estarei lá imediatamente, se não antes. Não quero que me façam esperar. — Rustie apressou-se a cumprir as ordens que eu lhe dera.

Aquilo que necessitava de fazer não podia ser feito dentro do zigurate. Eu não tinha a menor dúvida de que havia câmaras ocultas, construídas dentro dessas paredes de pedra, assim como

janelas secretas e postos de escuta, operados pelos lacaios do Rei Nimrod, ou, no mínimo, pelo sumo sacerdote. Podia bem imaginar com que alegria estavam eles a dar conta aos seus amos do facto de eu estar a fornecer fruta mais do que madura.

Traguei do copo o restante vinho com bem menos parcimónia do que era seu merecimento e apressei-me a entrar nos aposentos para vestir a túnica de montar. Em seguida, desci até aos estábulos, instalados na parte traseira do zigurate, onde Tehuti me deixou ficar à espera menos de meia hora. Contudo, quando fez a sua aparição vinha alegre e sorridente. O seu rosto formoso irradiava felicidade e boa disposição, assim como uma nova e delicada beleza que eu não havia visto antes. Começou a correr para vir abraçar-me e pôs-se em bicos dos pés para segredar ao meu ouvido.

— O Rustie disse-me que tens uma surpresa para mim. Por isso, não tinha de dizer às outras raparigas que vinha ter contigo. — Depois de proferir estas palavras, riu-se com descaramento. — Conta-me! Conta-me! Sabes bem que não suporto segredos, querido Tata...

— Vamos para um sítio onde possamos estar a sós. — Apesar da sua insistência no facto de estar a contorcer-se e a morrer de curiosidade por toda aquela expectativa, impulsionei-a para cima da sela e prontamente segui a galope diante dela, descendo pelo trilho que ia dar à margem do rio Eufrates. Quando entrei no caminho à beira-rio, diminuí a marcha da minha montada para que seguisse a passo e deixei que Tehuti viesse pôr-se a meu lado.

— Como podes tu ser tão cruel? Sei que tens um presente para mim. Juro pelo meu amor a Osíris que não posso suportar mais esta tua tortura, nem um minuto sequer.

— Desta vez não tenho presente algum para ti. A única coisa que quero é fazer-te uma perguntinha muito simples. Quanto tempo se passou desde que regressaste com o Zaras do reservatório de Miyah Keiv?

— Bom, essa é uma pergunta fácil. Há quarenta e três dias e... — redarguiu ela, olhando de relance para o Sol para avaliar a sua altura — ... e umas sete horas.

Assenti com a cabeça sem sorrir.

— E desde então não notaste falta de nada?

— Oh, não! Olha para aqui! Ainda tenho o meu anel mágico — exclamou, estendendo a mão para mim e mostrando-me o diamante no dedo quase tão cintilante como o brilho dos seus olhos.

Não lhe devolvi o sorriso, limitando-me todavia a observar imperturbável, mas profundamente, aqueles seus olhos adoráveis. Ao cabo de um momento breve no meu silêncio, a alegria que impregnava as suas feições desvaneceu-se, surgindo a substituí-la uma expressão confusa, até que, de repente, se apercebeu do objetivo para o qual a encaminhavam exatamente as minhas perguntas. Baixou os olhos, desviando-os de mim.

— Esqueceste-te de mo dizer, não foi, Tehuti? — O tom da minha voz era implacável e desapiedado. — Fizeste caso omissa da tua lua vermelha em quase um mês; e tentaste ocultar esse facto de mim, ainda que mo tivesses prometido com a tua palavra.

— Não tive a intenção de te enganar — respondeu num sussurro. — Eu queria era conservar o meu bebé vivo dentro de mim um pouco mais. Ter-te-ia dito, Tata, a verdade é que o teria feito.

— Sim — acedi —, estou certo de que mo terias dito quando já fosse demasiado tarde. Puseste a tua própria vida e o trono do Egito em grande perigo por causa desse teu imprudente egoísmo.

— Nunca mais voltarei a fazê-lo, querido Tata. — A sua voz soou embargada e desviou o rosto de mim para ocultar as lágrimas que brotavam dos seus olhos e que secava com as costas da mão que tinha o cintilante anel de diamantes.

— Isso é o que tu dizes. — Eu estava zangado e não fiz esforço algum para esconder essa circunstância. — Agora, vem comigo.

— Aonde vamos?

— De volta aos meus aposentos no zigurate.

Antes de descer para os estábulos com o intuito de ir ao seu encontro, havia eu preparado aquele xarope, aferventando um pouco de casca seca de acácia nodosa, que trouxera comigo das regiões bravias que se estendem para lá das cataratas da Mãe Nilo. No momento em que chegámos aos meus aposentos, já os virulentos sucos do xarope haviam arrefecido. Levei Tehuti para os meus aposentos e sentei-a na poltrona. Após isso, trouxe-lhe um

vaso daquela bebesteira e forcei-a a beber até à última gota daquele xarope enegrecido. Sabia eu que tinha um gosto amargo como bÍlis, mas não faria nada para a poupar àquilo. Por três vezes, ensaiou o vômito, tendo estado a ponto de regurgitar, todavia, mostrei-me implacável.

Apenas quando vi o vaso vazio me compadeci dela. Por essa altura, tinha ela o rosto empalidecido como um osso esbranquiçado pela luz do Sol muito intensa e os olhos raiados e marejados de lágrimas.

— Lamento muito, Tata. Foi um ato infame e grosseiro da minha parte. Traí a tua confiança e sei que nunca mais poderás perdoar-me.

Sentei-me ao seu lado, após o que a tomei nos meus braços e a embalei até deixar de soluçar. Assim que caiu no sono, cobri-a com uma manta de pele e descí as escadas com a firme disposição de ir falar com as outras duas raparigas. Expliquei-lhes que Tehuti havia sido afetada por umas febres contagiosas e deveras malignas e que, devido ao perigo de a infeção também as atingir, não podia eu permitir a ambas que fossem visitá-la enquanto não estivesse curada.

Regressei para o mesmo sítio onde Tehuti descansava e permaneci ao seu lado nos angustiantes dias e noites que se seguiram. Durante o dia, eu lia para ela, tocava a cítara e cantava-lhe todas as suas baladas preferidas. Durante a noite, levava-a para o meu leito e acalmava-a como se de uma menina pequena enferma se tratasse até que surtisse efeito a poção que eu lhe dava para dormir.

À terceira noite, despertou-me ela com gemidos e queixumes de dor. Tomei-a nos meus braços e embalei-a ao mesmo tempo que murmurava palavras de afeto e encorajamento até sentir o começo das contrações do seu útero. De pronto massajei-lhe o estômago para aplacar aquelas dores e invocar o auxílio dos deuses benévolos para que a ajudassem a expulsar aquela criatura morta do seu interior.

Quando, por fim, aquilo foi expelido com um rasto e derramamento de sangue e muco vaginal, ela debateu-se para se

apoiar sobre os cotovelos e suplicou-me:

— Por favor, deixa-me vê-lo. Peço-te, deixa-me ver o meu bebé.

Apegado à placenta, havia um pequeno e obscuro homúnculo feito de mucosidade e sangue, cuja visão eu sabia bem que havia de a perseguir pelo resto da vida, pelo que não podia aceder aos seus rogos. Arrastei aquele retalho inerte para dentro do meu cálice de vinho de prata, e, ao cair a noite, dirigi-me aos estábulos para escolher um cavalo e embrenhei-me nos bosques cerrados, que haviam despontado junto às margens do rio, para o enterrar no minúsculo sarcófago de prata na mesma terra que alimentava um enorme plátano. Ajoelhei-me junto à sepultura sem nome e orei a Ísis, a ditosa deusa das crianças, para que se apiedasse daquela pequena alma e cuidasse dela.

Regressei aos meus aposentos privados no zigurate. Era minha convicção que Tehuti estaria a dormir, porém, quando me meti no leito ao seu lado percebi que continuava a chorar. Abracei-a com firmeza e chorei também pela dor que lhe havia causado e mais ainda pela minha própria culpa por me ver obrigado a extinguir aquela inestimável centelha de vida, que havia surgido do encontro entre um homem e uma mulher, a quem eu tanto amava.

Passámos apenas outras doze noites no zigurate de Ur, altura pela qual Tehuti havia já recuperado da experiência tormentosa, mantendo-se, apesar disso, a sua beleza intangível.

Na nossa última manhã, acompanhado do Senhor Remrem transpus a cavalo as portas da cidade. A caravana havia montado acampamento do lado de fora das muralhas, mesmo junto a estas, todavia, por essa altura, já as tendas haviam sido desmontadas e guardadas, todos os animais se achavam carregados com as respetivas cargas e toda a comitiva estava aprestada para partir para o último curto troço da longa viagem até à Babilónia.

A guarda pessoal de Remrem foi convocada para o receber, tendo-lhe eu consagrado uma calorosa despedida. Ainda que Remrem seja um hábil soldado e um cavalheiro, um côvado da sua companhia pode medir uma boa légua e uma hora com ele pode

bem parecer um mês inteiro, pelo que fiquei satisfeito por deixá-lo ir embora.

Esperei enquanto tomava o seu lugar na dianteira da caravana, ficando com os seus oficiais em todo o seu redor. Levantou a mão direita e das trombetas retumbou a ordem de saída. Depois de soar o rufar dos tambores, ele mesmo deu início à marcha. Rodei a cabeça da minha montada e regressei a Ur francamente animado.

Enquanto descia o rio, vi as minhas princesas e o seu séquito a aguardarem por mim no ancoradouro. As barçaças que Phat Tur havia requisitado encontravam-se ancoradas a meio do caminho e estavam decoradas com bandeiras e flâmulas. Tão pronto quanto desmontei do cavalo e em largas braçadas tomei as minhas duas meninas, a barçaça principal levantou âncora e encaminhou-se para o molhe para que se desse início ao embarque.

Phat Tur havia organizado os tripulantes com a eficácia habitual. Ajudara as princesas a subirem a bordo e conduzira-as aos seus leitos de repouso diurno, colocados debaixo de um toldo exterior, instalado na popa da barçaça principal. Os pajens serviam-lhes sorvete de mel em cálices dourados, que eram mantidos frescos graças ao gelo trazido dos cumes das montanhas de Zagros por meio de uns carros rápidos e acondicionado em caixas com isolamento especial. As meninas, que nunca haviam provado algo tão doce e frio, deram guinchos de surpresa e deleite.

Soprava uma suave brisa capaz de ufanar o velame e favorecer a carga dos remadores, que assim imprimiriam maior velocidade às barçaças para subirem o impetuoso rio. Nas cobertas desabrigadas, os músicos tocavam, alguns palhaços faziam os seus números engraçados e uns quantos malabaristas faziam equilibrismo. Permiti a Bekatha que me ganhasse diante do tabuleiro de *bao* e Zaras recitou o seu último poema para puro deleite de Tehuti. Esses versos não se aproximavam sequer da excelsa qualidade do relato que havia feito sobre o confronto de legiões e batalhas defrontadas até à morte. Em vez disso, porém, versavam estes sobre corações destroçados e uma paixão não correspondida, que abateu pelo menos um dos membros da audiência real a ponto de os seus olhos se mostrarem rasos de água, ainda que a mim não me comovesse

em absoluto, antes me deixasse ansioso para que chegasse ao seu termo.

Nos momentos em que não estávamos ocupados com o entretenimento das princesas, Phat Tur e eu congeminávamos a maneira de, com melhores garantias, conseguirmos usurpar o comando das legiões e dos carros do Rei Nimrod. Posto o Senhor Remrem não estar presente e desse modo não ter intervindo nessa maneira de proceder, foi-nos dado livre curso para polirmos, refinarmos e finalizarmos esses mesmos planos, muito antes de a barçaça dobrar para o derradeiro cotovelo do rio e se abrir diante de nós todo o esplendor da Babilónia.

Foi essa uma daquelas muito escassas vezes na vida em que fiquei verdadeiramente siderado de assombro. Percebi de imediato que as descrições que me haviam sido feitas daquela cidade e que eu havia rejeitado, convencido de que eram excessivamente exageradas, na verdade, antes eram bastante subestimadas e coibidas.

A minha bem-amada Tebas, a muito bela cidade das cem portas, era um modesto povoado quando comparada com esta magnificente cidade, que se estendia pelo longo de ambas as margens do rio. Reconheci muitos dos monumentos a partir de desenhos e bosques que já havia visto antes. Todavia, as descrições daquelas obras esplendorosas feitas num rolo de papiro eram tão fiéis à realidade como se tentasse mostrar o grande mar Interior como um balde de água salgada.

O palácio de Marduk dominava a margem sul. Fora na totalidade construído a partir de um mármore branco reluzente. Phat Tur parou ao meu lado na proa da barçaça, confirmando aquilo que os meus olhos punham em dúvida.

— A fachada do palácio mede meia légua de comprimento, desde leste a oeste, e suplanta por três vezes a altura do palácio do Faraó, em Tebas — observou, regozijando-se com o meu assombro. — Defronte dele, na margem norte do rio, encontram-se os Jardins Suspensos. O Marduk instalou-os ali para que de cada terraço e

janela do palácio, com uma visão panorâmica, se pudesse apreciar todo o seu esplendor.

Os jardins tinham a constituição uma série de galerias abertas que excediam em muitas vezes a altura do palácio que tínhamos diante de nós. A genialidade dos arquitetos de Marduk havia criado a ilusão de que não haviam sido erigidos por sobre uma superfície sólida, antes ficavam prodigiosamente suspensos do céu. A sua inclinação apresentava-se num ângulo tal que levava um observador do palácio, posicionado na margem oposta do rio, a ter uma visão mais completa de cada árvore e planta que cobriam as galerias como se de um bosque se tratasse.

Desde aquele dia em que o Faraó me brindara com a propriedade de Mechir, que se estende ao longo das margens do Nilo, que o meu fascínio pelo cultivo de plantas se tornara uma obsessão. Aquele maravilhoso jardim celeste, todavia, fazia com que todos os meus campos férteis parecessem coisas insignificantes.

— Adoro árvores e todas as plantas, posto reconfortarem-me o coração e fulgirem-me a alma — comentei com Phat Tur, enquanto lado a lado contemplávamos aqueles jardins suspensos.

— O Rei Marduk havia de ter adorado as plantas tanto quanto tu — denotou Phat Tur com frieza. — Empobreceu a nação para levar por diante a sua vontade.

Pareceu-me prudente mudar de assunto. O embaixador desconhecia a existência de um enorme tesouro de prata nos alforjes da minha cáfila. Uma palavra pouco conveniente da sua parte podia bem pôr o Rei Nimrod de sobreaviso quanto à sua existência, e, na sua essência, todos os governantes são uns bandidos que andam ansiosos por deitar a mão ao metal precioso. Eu não tinha razão alguma para crer que Nimrod fosse uma exceção a essa regra.

— Como conseguem eles arranjar água suficiente para regar estas árvores? — perguntei a Phat Tur.

— Os engenheiros do Rei Marduk desenharam aqueles sifões de água — informou-me, apontando ao longe para umas colunas de bronze que se erguiam, formando um ângulo da superfície do rio até aos pontos mais elevados da galeria superior dos jardins. Quando

os estudei com maior atenção, vi que as colunas eram caleiras ocas que rodavam muito lentamente.

— O que as mantém assim em funcionamento? — quis eu saber.

— No cimo dos sifões existem uns moinhos de vento, como podes comprovar. Abaixo da superfície do rio, encontram-se umas bombas de água de palhetas — explicou-me Phat Tur. — A corrente do rio faz girar os sifões que estão no interior das caleiras, levando-os a apanhar a água e a elevá-la até à parte de cima das caleiras — prosseguiu, apontando para o topo. — Olha! Consegues ver?

Ergui a cabeça e espreitei, conseguindo ver então a água do rio a cair em cascata do extremo superior das caleiras para o interior das mesmas calhas, que a partir daí a transportavam a todos os recantos das galerias inferiores. À semelhança de todas as ideias magníficas, esta havia sido de uma tão grande simplicidade. Martirizava-me pensar que não tinha sido eu mesmo a tê-la em primeiro lugar. Todavia, a sua concretização seria o meu grande projeto assim que chegasse à propriedade de Mechir. Havia eu quadruplicado a produção dos campos com a introdução da compostagem e dos fertilizantes, agora, podia duplicá-la de novo com a instalação de sifões deste tipo para regar os campos. Bem entendido que não seria necessário dizer a habitante algum de Tebas que a invenção não era minha. No Egito, toda a gente tomava a minha genialidade como um dado adquirido, pelo que não havia razão alguma para os desiludir.

— Que edifício é aquele além que se erige mais para lá dos jardins? — perguntei, apontando para a torre de pedra que, em toda a sua altura, parecia roçar no bojo das nuvens procedentes do golfo Pérsico.

— Aquela é a torre das Nuvens, sagrada para a deusa Ishtar. Também foi mandada erigir pelo Rei Marduk, depois de ele próprio se ter elevado à condição de deus, pois era seu desejo desposar a deusa Ishtar. Como bem sabes, Taita, Ishtar é a deusa do amor, do sexo e da vitória na guerra, e essas eram as qualidades primordiais mais altamente valorizadas e ambicionadas pelo próprio Marduk. Pelo que, ordenou ele que essa torre fosse construída para impressionar Ishtar com a sua riqueza e pujança, bem como para

tentá-la descender até ao topo da torre para aí ele poder desposá-la. A partir desse momento, ambos reinariam sobre toda a criação como esposo e esposa. Desafortunadamente para ambos, Marduk morreu antes de a torre atingir a altura projetada de trezentos côvados. Por essa razão, Ishtar conseguiu resistir à tentação de descer à Terra. — Phat Tur riu por entredentes perante a ironia do destino, dispondo-me eu a acompanhá-lo com um sorriso.

— Que propósito servirá essa torre, agora que o Marduk já não lhe dá qualquer uso? — quis eu saber.

— O Marduk legou-a ao filho, o atual Rei Nimrod, a quem irás conhecer muito em breve. A Nimrod falta, porém, a riqueza e a intenção de levar por diante o plano do seu pai de seduzir Ishtar e fazê-la descer da sua morada divina.

— Ouvi alguns homens referirem-se a Nimrod como o Grande Caçador, que matou para cima de uma centena de leões e outro cento de touros-auroques nas montanhas de Zagros — comentei. — Se ele é um tão grande caçador, não será ele também um grande apreciador das mulheres? Porque não aproveita ele a oportunidade de galantear a deusa e ter um caso amoroso com ela?

— Creio que nenhuma outra coisa lhe daria maior prazer do que agradar à deusa no leito. Tem ele a reputação de ser tão prodigioso atleta sexual quanto é um portentoso caçador. É uma grande lástima que o conteúdo do seu tesouro não alcance a mesma envergadura do seu membro genital.

Tomei o braço de Phat Tur e conduzi-o até bombordo da embarcação, de cuja localização tínhamos melhor vista do palácio do Rei Nimrod. O tamanho e o esplendor do edifício deixaram-me fascinado por algum tempo, após o que o meu olhar se desviou um tanto mais para cima para se fixar num zigurate que se erigia por sobre a margem do rio na qual se achava o palácio.

Era este outro edifício espaçoso, três ou quatro vezes maior do que o zigurate da cidade de Ur dos Caldeus, onde havíamos ficado instalados da primeira vez que alcançáramos o Eufrates. Este, em concreto, tinha uma forma circular, em vez de ser piramidal, ascendendo o terraço numa espiral contínua em redor de todo o edifício principal, do piso térreo até à cúpula.

Phat Tur viu como a minha atenção se fixava agora naquele edifício, pelo que me disse:

— Este é o templo de Ishtar, não devendo, porém, ser confundido com a torre da Deusa. Trata-se de um lugar fascinante. Não consigo descrever-te a natureza das cerimónias que ocorrem no interior daquelas paredes, mas sinto-me impelido a mostrar-to na primeira oportunidade que surja e a deixar que sejas tu mesmo a julgá-las.

— Despertaste a minha curiosidade, Phat Tur — assegurei-lhe.

— Será, para mim, um prazer enorme satisfazer essa tua curiosidade — declarou com um sorriso misterioso. Em seguida, apontou adiante para uma multidão vestida de modo espalhafatoso, que se aglomerava no local de desembarque de pedra, instalado na margem do rio, abaixo dos muros do palácio.

— O Senhor Tuggarta, o camareiro-mor, bem como outros distintos membros da nobreza da corte do Rei Nimrod estão ali reunidos para te dar as boas-vindas na qualidade de emissário do Faraó e portador do selo do falcão. Esta é uma demonstração de profundo respeito. Sua Majestade, em pessoa, aguardará no salão do trono do palácio para te receber.

Apressei-me a descer a coberta, regressando ao sítio onde as minhas duas princesas se encontravam rodeadas pelos escravos e serviçais. Mostrei-me solícito diante delas, fazendo uma grande reverência para sermos vistos pela comissão de boas-vindas que nos observava do desembarcadouro do palácio. Naquele mesmo instante, todavia, num sussurro apenas, relembrei às meninas os modos com que eu esperava que se comportassem, na qualidade de representantes da Faraónica Casa do Egito. De pronto, tomei a minha posição atrás delas, pondo-se Phat Tur a meu lado.

Enquanto os remadores nos transportavam para junto da zona de desembarque, aproveitei a oportunidade para estudar a nobreza suméria que aguardava para nos dar as boas-vindas.

Apercebi-me de imediato terem as mulheres, inclusivamente as mais velhas, uma aparência bem mais decente e agradável à vista do que os homens, circunstância que, como de costume, tenho verificado em quase todas as nações que conheço. As peles bronzeadas de todas elas eram luzidias e imaculadas, e, sem

exceção, os cabelos eram negros como a meia-noite e os olhos amendoados estavam elegantemente pintados. Possuíam elas uma dignidade inata, que se expandia mesmo às mulheres mais jovens.

Em geral, os homens eram altos e de traços duros e agressivos. Tinham narizes proeminentes e arqueados, as maçãs do rosto altas, os cabelos escuros chegavam-lhes à altura dos ombros e encrespavam-se em pequenos e fechados caracóis. As longas barbas pendiam em ondas esculturais pela altura da cintura. As túnicas, tanto dos homens quanto das mulheres, que lhes roçavam pelos tornozelos, eram feitas de uma lã estampada com motivos muito elaborados. Não havia a menor dúvida de que se tratava aquele de um povo nobre, guerreiro e formidável.

Entre o molhe de pedra e a coberta do nosso navio foi descido um passadiço com profusas decorações, por cujo tabuado desembarcámos, tendo no fim do qual sido recebidos pelo Senhor Tuggarta. Phat Tur fez as vezes de tradutor, enquanto me mantinha recatadamente em segundo plano, sem querer que os nossos anfitriões se apercebessem de como eu falava fluentemente o seu idioma. Sabia eu bem que tínhamos pela frente difíceis negociações, pelo que estava na disposição de aproveitar todas as vantagens que se me apresentassem.

Conduzidos pelo Senhor Tuggarta, em majestosa procissão, avançámos do embarcadouro até ao salão do trono do palácio. Tratava-se aquele de um espaço cavernoso com um teto alto de perfil curvo. Nas paredes, viam-se pendurados os troféus ganhos nos campos de batalha e nos terrenos de caça. Por aquela exposição, parecia-me por demais evidente que o Rei Nimrod havia matado um número bem mais considerável de leões e touros-auroques do que uma centena de cada uma dessas espécies, conforme lhe atribuíam os rumores e os boatos. A atmosfera do salão do trono estava impregnada do odor a peles e caveiras de animais insuficientemente curtidas, assim como a corpos humanos transpirados e sem asseio. Phat Tur havia-me advertido para o facto de os Sumérios considerarem ser o banho um esmero altamente prejudicial para a saúde.

Quando o Rei Nimrod se levantou do trono de ouro e marfim, acomodado sobre um plinto de mármore ornamentado com incrustações de pedras semipreciosas, apercebi-me de que o monarca sobressaía inclusive por sobre os súbditos mais altos. Tinha os ombros largos e os braços abundantemente musculados. Logo que levantou a mão direita e esticou os dedos repletos de peças de joalheria, num gesto de saudação e boas-vindas, achei que a sua mão era tão grande que conseguiria envolver a minha cabeça inteira. Inclinou a cabeça e fitou as minhas duas princesas com um lampejo lascivo nos olhos escuros, tendo eu de imediato antevisto tratar-se ele não apenas de um insigne caçador, mas igualmente de um mulherengo de idêntico calibre.

Por intermédio dos intérpretes, dedicámos a hora seguinte à troca de adulações e lisonjas refalsadas e demais felicitações. Após isso, o Rei Nimrod retirou-se e fomos conduzidos aos aposentos que nos haviam sido destinados no precinto do palácio e que ocuparíamos durante toda aquela estada.

Senti-me verdadeiramente agradado por descobrir que os nossos anfitriões haviam reconhecido a minha importância e posição de prestígio, tendo-o eles demonstrado pela escolha dos aposentos reservados à minha pessoa. Eram estes espaços amplos e bem ventilados que davam para o rio e para o templo de Ishtar, situado em paralelo e muito próximo do palácio. Os compartimentos estavam decorados com um mobiliário magnífico, talhado em madeiras pouco comuns e materiais exóticos, e os reposteiros eram manufaturados em lã e seda valiosas. Em tamanho, o leito era avantajado, porém, o traçado, nada acolhedor, pelo que, sem pensar duas vezes, decidi que dormiria noutro lugar.

Com a ajuda de Phat Tur, consegui convencer o pessoal do palácio a trazer vários baldes grandes de água quente para o terraço exterior dos meus aposentos. De pronto me despi por completo, enquanto os meus escravos me derramavam água por sobre a cabeça e o corpo. No momento em que dei por terminado aquele banho, já o Sol quase tocava no horizonte. A temperatura diurna manteve-se, todavia, extenuante, até se fazer sentir uma

brisa fria e agradável, proveniente do horizonte oriental, das montanhas de Zagros, cujos picos se achavam cobertos de neve.

Dispensei os meus escravos e atardei-me um pouco mais no terraço, ainda despido das minhas abluções, a disfrutar do pôr do sol e do jogo de luzes por sobre a superfície do rio que se abria a meus pés.

De repente, tomei consciência do facto de alguém estar a observar-me. Virei-me de imediato para o elevado templo do zigurate, que se erguia junto ao palácio. O terraço em espiral, que se erigia do piso térreo até à parte superior do templo, achava-se tão próximo do meu posicionamento atual que tinha a sensação de conseguir arremessar facilmente um pequeno seixo e fazê-lo passar pelo fosso que nos separava.

No terraço do templo, que agora se apresentava diante de mim, apercebi-me da presença de uma figura vestida com uma túnica e a cabeça coberta por um capuz, cuja sombra lhe ocultava o rosto inteiro e me impedia de ver os seus olhos. Conseguia eu, todavia, pressenti-los a fitar-me. Senti-me perfeitamente confortável com aquele escrutínio, porém, intrigado com a identidade da figura desconhecida. Tenho plena consciência de que, à parte os ferimentos que me foram infligidos há longo tempo, o meu corpo é alto e excecionalmente bem torneado. A minha musculatura está tonificada graças às deslocações rápidas a cavalo e aos exercícios a que exponho os meus braços. De habitual, a modéstia impede-me de empregar a palavra «belo» quando faço uma descrição de mim mesmo, todavia, nesta circunstância a honestidade impele-me a definir-me desse modo.

Tanto a figura desconhecida quanto eu nos mantivemos serenamente e em silêncio a observar-nos. Após isso, aos poucos, a figura da túnica elevou as duas mãos e retirou o capuz da cabeça, deixando-o cair em distintas pregas por sobre os ombros. De certo modo, confundi-me ao supor ser aquele desconhecido um homem, agora, porém, deparava-me eu com abundantes provas de que me havia equivocado.

Era uma mulher que estava diante de mim. Tratava-se de uma mulher cujo encanto ia muito além dos sonhos mais extravagantes

sobre a beleza que alguma vez eu tivera. O seu rosto era de tal modo divino que, contemplá-lo, me provocava uma angústia requintada. Procurei palavras para o descrever, todavia, todos os superlativos do nosso glorioso idioma se mostravam insuficientes e me pareciam banais e mundanos diante do mesmo. Nunca antes havia eu experimentado uma emoção daquele modo tão arrebatador. Eis ali tudo aquilo por que eu sempre havia almejado e que me fora negado, tudo o que tinha valor e que um cruel destino há muito pusera bem longe do meu alcance para todo o sempre. Eis ali toda a glória encarnada em feminilidade.

Bem devagar, estendi uma mão para ela, ainda que estivesse bem ciente de se tratar aquele de um gesto inglorio, pois sabia eu que semelhante magnificência estaria sempre fora do meu alcance. Não obstante, havia ela também de se conservar íntegra na minha memória para me atormentar por toda a eternidade.

Aquela mulher dirigiu-me um sorriso triste, como um gesto de compaixão pelo meu suplício e um lamento profundo por tê-lo chamado a mim. Após isso, tornou a cobrir a cabeça com o capuz da túnica, virou-me as costas, e, planando, afastou-se para as cercanias do templo, deixando-me daquele modo despojado.

Julguei que não mais voltaria a conseguir conciliar o sono, que, de ora em diante até ao fim dos meus dias, todas as minhas noites se encheriam de imagens daquela mulher de capuz. Todavia, assim não foi.

Nessa mesma noite, no instante em que me estendia no leito instalado no terraço do palácio, sob uma cúpula de estrelas, fechei os olhos e caí de imediato num sono profundo, sem sonhos. A única coisa de que tive consciência após isso foi de as mãos de Phar Tur me abanarem e a sua voz me incitar a despertar.

Sentei-me no leito e dei-me conta de que o Sol se achava acima do horizonte e uma hoste de servos e escravos meus se alinhava por detrás de Phat Tur, segurando em todos os meus ornamentos e adornos pessoais, que me identificavam como um enviado da Faraónica Casa de Mamose e o portador do selo do falcão.

— Desperta, senhor! — incitou-me Phat Tur. — O Rei Nimrod acaba de convocar o Conselho de Guerra e convida-te para o conclave.

Pestanejei diante da radiante luz daquele Sol tão matinal. Esperava eu sentir-me exausto e sorumbático perante as recordações da estranha visita da noite anterior. Ao invés disso, porém, fiquei deveras surpreendido por me sentir muitíssimo bem.

— Se Sua Majestade nos aguarda, diz-me então, Phat Tur, por que razão me fazes tu andar para aqui a deambular? Ponhamos as mãos à obra — O facto de eu ser capaz de brincar a uma hora tão matutina indiciava o meu estado de ânimo leve e entusiasmado.

No momento em que chegámos à câmara do Conselho, a maioria dos chefes militares sumérios já ali se encontrava reunida; todos eles envergavam trajes de gala a rigor e usavam as suas luzidias condecorações e distinções. O único ausente era o próprio Rei Nimrod. O trono vazio, colocado à cabeceira da comprida mesa, era uma advertência, a mim dirigida, de que era sua intenção manter-se em segundo plano naquelas negociações até ao momento em que eu tivesse exposto as minhas propostas para a constituição de uma aliança.

Depois de havermos observado o cerimonial, respondi aos elóquios de boas-vindas, continuando a valer-me de Phat Tur como intérprete, posto não querer ainda que a outra parte soubesse que eu conseguia falar o seu idioma com grande fluência. Após isso, abri as negociações com um engodo para tentar Nimrod e levá-lo a juntar-se a nós naquela mesa.

— Cavalheiros, tenho plena consciência de que a vossa armada é uma das mais formidáveis que sulcam todos os mares; os vossos navios são os mais resistentes, os vossos oficiais os mais experimentados e os vossos marinheiros os de maior galhardia. — Todos pareceram satisfeitos com estes meus elogios, que eram por demais exagerados. O Supremo Minos de Creta é possuidor de uma frota bem maior e mais poderosa, e o volume do seu comércio marítimo suplanta bastas vezes o do comércio da Suméria. Não obstante, prossegui na exposição da minha proposta àquele Conselho. — É meu ensejo comprar seis dos vossos grandes e

belos navios com o propósito de os usarmos na nossa luta contra o impostor e usurpador hicsu, Gorrab.

O Almirante Alorus era o comandante-chefe da armada suméria. Tratava-se de um homem alto e esguio com mechas de cabelo grisalho na barba cuidadosamente frisada, tinha umas bolsas muito escuras debaixo dos olhos e uns dentes tortos e manchados pelas cáries. Mostrou ele reconhecimento pela minha solicitação, soerguendo uma sobrancelha e rindo por entredentes, de um modo que não pretendia ser trocista, mas apenas um tanto divertido.

— Senhor Taita, sei que o Rei Nimrod aclama as vossas intenções bélicas para com o nosso inimigo comum, mas sei também que falo em nome de Sua Majestade quando vos relembro o facto de um único navio de guerra ser uma peça muito onerosa, pelo que para uma frota desse número... — declarou, interrompendo-se de um modo expressivo com um meneio de cabeça.

— Não há nada de valor que seja barato — respondi-lhe, mostrando o meu acordo para com o que dizia. — O meu Faraó está tão ciente disso quanto o vosso Rei Nimrod. O Egito encontra-se numa posição nada invejável. Os Hicsus controlam o rio Nilo, a norte, de Akhenaten até paragens tão longínquas como o mar Interior. Não dispomos de navios de guerra de alto-mar, com os quais poderíamos opor resistência ao usurpador hicsu, Gorrab. Logramos apenas ter galés fluviais, e mesmo essas encontram-se sitiadas no Nilo. No caso de conseguirmos lançar em mar aberto uma ofensiva-surpresa sobre a sua frota, é bem possível que causemos grandes e graves danos a nós próprios.

Retirei da manga um rolo de papiro e coloquei-o sobre a mesa entre ambos. O Almirante Alorus lançou-lhe um olhar despreocupado, porém, assim que se apercebeu de que neste eu havia escrito numa lista os nomes e as especificações de seis das galés de combate mais importantes da Suméria, agarrou no rolo e esquadrinhou-o com avidez. Pouco depois, levantou os olhos para mim por sobre o rebordo do papiro.

— De onde foi que retirastes esta informação? — perguntou-me com uma certa brusquidão. — É altamente confidencial. — Agora

chegava a minha vez de encolher os ombros e abanar a cabeça, como se não tivesse conseguido perceber a pergunta. Claro está que tinham sido os agentes de Phat Tur que haviam preparado aquela lista para nós.

— Concordeis em nos vender esses navios de guerra? — falei tranquilamente e com modos razoáveis. — E, nesse caso, qual seria o preço considerado aceitável para o Rei Nimrod?

— Rogo-vos a vossa indulgência. — Alorus levantou-se e fez-me uma vénia. — Naturalmente terei de consultar Sua Majestade antes de poder responder a todas essas perguntas. — Abandonou à pressa a câmara do Conselho, e, antes de regressar, passou-se perto de uma hora, marcada pelo relógio de água, encostado à parede para a qual estava eu virado.

— O Rei Nimrod deseja que vos informe que a construção e o lançamento daqueles navios, em particular, que haveis escolhido têm o custo de 150 *deben* de prata. No caso de ele decidir vender-vos esses navios, o que é muito pouco provável, não poderia considerar um preço mais baixo do que esse — anunciou o Almirante Alorus. Fiz um cálculo rápido, enquanto Phat Tur ainda se mantinha a traduzir o oferecimento. Posto que 1 *lakh* de prata comportava 10 mil *deben*, num único alforge, levava eu metal valioso suficiente para comprar quarenta navios de guerra, todavia, a contraproposta que fiz a Alorus foi de 75 *deben* de prata por embarcação. Alorus abandonou de novo a câmara para ir falar com o rei, e, quando Nimrod regressou com ele, percebi que estava ansioso por nos vender ao meu preço.

Sua Majestade e eu estivemos a regatear como dois comerciantes de cavalos árabes, durante a restante manhã e a maior parte dessa tarde. Por fim, acordámos no preço de 500 *deben* de prata por todos os seis navios de guerra, que me deveriam ser entregues no porto sumério de Sídón, situado na costa oriental do mar Interior, pelo final do mês de Famenoth.

Deveras satisfeito com o que considerava ser um acordo astucioso, o Rei Nimrod convidou-nos, a mim e às minhas princesas, para estarmos presentes num banquete especial, que se

realizaria essa mesma noite, com o propósito de celebrarmos esse acordo.

No momento em que deixámos a câmara do Conselho, Phat Tur, que caminhava a meu lado, murmurou em voz suficientemente alta para que eu o ouvisse dizer:

— Prometi levar-te a visitar o templo de Ishtar. Dado que nunca chega a estar encerrado, podemos lá ir assim que o desejares. Faltam ainda algumas horas para o banquete real desta noite.

Estava eu tão satisfeito com a aquisição que fizera a Nimrod dos seus navios de guerra quanto ele se mostrara jubiloso por nos vender. Eu mesmo estivera na disposição de lhe pagar o dobro daquela quantia, pelo que estava agora com um humor tão jovial que de imediato respondi assim à sugestão de Phat Tur:

— Se for tão instrutiva e interessante quanto sugeriste, é neste mesmo instante que vamos fazer essa visita a esse templo.

Sáímos do palácio e, enquanto caminhávamos ao longo da margem do rio na direção do templo de Ishtar, Phat Tur relembrou-me a história daquele templo.

— Como já te disse, o Rei Marduk tinha para cima de cem esposas e concubinas, todavia, a sua grande paixão era a deusa Ishtar. No princípio, construiu ele o templo para ganhar o seu favor, todavia, quando isso se revelou não ser suficiente para a tentar, começou ele a trabalhar na grande torre, instalada na outra margem do rio. — Ambos virámos a cabeça para contemplar a parte alta da torre inacabada, que se elevava inclusive acima da galeria superior dos magnificentes Jardins Suspensos. — Conte-te já que o Marduk morreu antes de conseguir consumir a sua paixão pela deusa. Ainda que os afetos do Marduk estivessem concentrados num único objeto amoroso, os do seu filho, Nimrod, encontram-se bem mais dispersos. Vangloria-se ele de, antes de morrer, ser seu desejo ter conhecimento carnal com todas as mulheres nubentes da Suméria, sejam elas jovens ou velhas, casadas ou virginais.

— Essa não é uma ambição inteiramente irracional, tratando-se ele de um rei — denotei com o semblante sério. — De modo idêntico ao que acontece com as suas proezas na caça, parece

quanto a esse respeito que o Nimrod está mais preocupado com a quantidade do que com a qualidade. Não são, todavia, os seus olhos de tamanho bem maior do que os outros órgãos do seu corpo?

— É um facto de todos bem conhecido que o Rei Nimrod é insaciável — disse Phat Tur, abanando a cabeça. — E, até este momento, mostrou-se irredutível naquela sua resolução.

— Não compreendo, porém, como pode tudo isso estar relacionado com o templo do seu pai — instiguei-o a prosseguir.

— Seis meses depois de o Rei Nimrod ter ascendido ao trono, promulgou ele um decreto em que obriga todas as mulheres do reino a, uma vez na vida, se sentarem durante um dia inteiro no templo. Em troca de uma quantia monetária, que pode ser grande ou pequena, devem elas ter relações sexuais com qualquer homem que lho peça, independentemente de ser ele amigo, inimigo ou desconhecido. Mulher alguma pode negar-se a fazê-lo, nem a marido algum é permitido proibir tal união.

— Significa isso que o Rei Nimrod deverá manter-se na fila, juntamente com todos esses súbditos, com o único propósito de fazer a sua escolha de uma dentre as senhoras que ali se ofereçam? — perguntei-lhe. Phat Tur sorriu com picardia e abanou a cabeça.

— De acordo com o real decreto, as mulheres devem ocupar esses seus postos ao amanhecer, sendo, todavia, permitida a entrada no templo antes do meio-dia apenas a um único homem para aí fazer a sua escolha. Claro está que adivinharás quem possa ser esse homem — disse, dirigindo-me um largo sorriso cúmplice. — Depois do meio-dia, qualquer outro cidadão sumério pode entrar para fazer a sua escolha dentre as mulheres que ainda se mantiverem no interior do templo.

No momento em que chegámos à entrada principal do templo, atingia a tarde o seu ocaso. Havia uma fileira de uns cinquenta homens, ou talvez mais, que aguardavam a sua vez de transporem o portão principal do recinto sagrado. Alguns deles eram soldados fora de serviço, ou marinheiros, outros usavam os protetores de cabeça brancos, que os distinguiam como juristas, ou as túnicas

negras manchadas de sangue, que eram o uniforme dos esculápios. Os remanescentes integravam um grupo heterogêneo de velhos e jovens, pertencentes a todas as escalas sociais do reino, desde nobres a aldeãos.

— Os sacerdotes e as sacerdotisas da deusa diferenciam-se pelas túnicas verdes — explicou-me Phat Tur. — Aí vem um deles —, acrescentou, apontando com um dedo um homem que acabava de transpor o portão e se apressava a vir ao nosso encontro. — Chama-se Onyos, e falei com ele para que nos fizesse uma visita guiada ao templo e te explicasse todos os seus mistérios.

Depois de nos saudar respeitosamente, Onyos conduziu-nos a uma porta de postigo vedada, incrustada no muro junto ao portão principal. Com a nossa aproximação, o postigo foi aberto a partir do interior e atravessámo-lo para assim penetrarmos na nave central do templo.

Era de tal modo amplo que o teto em arco pleno, que ascendia bem acima das nossas cabeças, se achava envolto em escuridão e soturnidade. Um único raio de luz abraseava de cima a baixo, iluminando a estátua de ouro da deusa, que se erguia no centro do piso térreo.

— No telhado do templo, encontra-se instalado um enorme espelho de bronze — disse-me Phat Tur, antecipando a minha pergunta. — Está ele apoiado em cima de umas rodas, que são giradas por dez escravos, enquanto seguem a trajetória do Sol, desde o amanhecer ao crepúsculo, para que a estátua possa refletir os seus raios. — O efeito era assombroso, dado que os estilhaços flamejantes de luz em movimento que emanavam da estátua eram projetados nas paredes da nave.

— Tomaste bem nota dos murais, Senhor Taita? — perguntou-me Phat Tur. — Dizem que para os pintar foram necessários duzentos artistas a trabalhar durante vinte anos.

— São espantosos — concedi com relutância. — Nunca vi nada que se lhes fosse comparável em outro templo algum que eu tivesse visitado, nem mesmo no templo funerário do Faraó Mamose. — Eu mesmo havia desenhado os murais do túmulo de Mamose, pelo que

não estava a ser muito sincero quanto à absurda comparação que me dispusera fazer.

— Os temas são fascinantes, como estou bem certo que concordarás? — Era de tal modo grande o orgulho demonstrado por Phat Tur naquela obra de arte que quase parecia ser seu proprietário. — Aqui estão representadas todas as ardentes paixões da deusa Ishtar — disse, apontando-as, uma após outra. — A guerra...

Legiões armadas marchavam em formação de combate, transpondo os altos muros do templo. Carros em andamento carregavam pelo meio de autênticas tempestades de pó. O voo das setas disparadas enchia os céus. Cidades incendiadas e hordas de foragidos alvoravam-se diante dos exércitos assoladores. Mulheres em pranto sustinham alto os filhos mortos, suplicando clemência aos conquistadores. Enormes navios de guerra com arietes bronzeados nos flancos investiam sobre os navios mais pequenos e lançavam as suas tripulações para um mar já repleto de cadáveres e destroços flutuantes. Por sobre o campo de batalha, a deusa pairava, apontando para os vencedores e condenando os vencidos.

— A guerra, o amor e o sexo... — Phat Tur virou-se muito devagar, apontando para as demais paredes e inclinando-se para trás para desse modo chamar a minha atenção para os arcos e a abóbada do teto, localizada a cinquenta côvados de altura por cima de nós. — Nunca ouvi falar de outro templo algum que apresentasse uma semelhante exibição de arte erótica e sexual.

Segui o gesto varrido dos seus braços. Para onde quer que eu olhasse, via descrições vívidas de homens a ejacular e mulheres efusivas, presos num abraço sem sentido, ou de alguns deuses com uns genitais monstruosos, enterrados bem fundo num dos orifícios do corpo da deusa. Flutuando num mar de esperma fumegante e de orgasmos ejaculatórios femininos, os participantes haviam sido congelados para todo o sempre naquelas suas voluptuosas contorções.

Por sobre todos eles, pairava Ishtar com as suas resplandecentes asas brancas, a sua bela cabeça circundada por um halo de fogo, exortando-os a um abandono ainda maior.

Devagar, Phat Tur e eu percorremos a nave toda em volta, ambos maravilhados com a imaginação dos duzentos supostos artistas que haviam trabalhado durante vinte anos para criarem aquelas monumentais obras.

Ao longo de cada parede da nave, a intervalos regulares, eram visíveis grandes cubículos ou câmaras, por mim contadas num total de catorze, sete de cada lado da nave. Não nos era possível vislumbrar o interior desses compartimentos, dado estarem repletos de gente, homens e mulheres, numa contemplação fascinada das suas reentrâncias e recantos. Eu sabia bem que Phat Tur esperava que eu lhe perguntasse o que estava a acontecer ali dentro, recusei-me, contudo, a depreciar a minha dignidade. Por fim, dirigiu-se ele ao nosso guia, o sacerdote da túnica verde, que nos conduziu ao cubículo mais próximo e, com o bastão que empunhava, se precipitou sobre os curiosos apinhados à entrada, e, aos gritos, lhes disse:

— Deixai passar os ilustres convidados do Rei Nimrod! — Com expressões sorumbáticas e murmúrios de protesto, o aglomerado de gente abriu alas para nos dar passagem, tornando a unir-se e a apinhar-se atrás de nós quando fomos chegados à primeira fila. Daí, sem demais estorvos, pudemos contemplar todo o interior do cubículo.

Encostados a todas as paredes interiores daquela estância, com uma forma circular, achavam-se colchões cobertos por mantas de lã matizadas com cores vivas.

— Catorze compartimentos, cada um deles com catorze mulheres em catorze colchões. Catorze é o número mágico da deusa Ishtar, a quem é dedicada toda esta atividade frenética — explicou-me Phat Tur, regozijante. Eu sabia bem que ele era um devoto da deusa Hathor e que tinha muito pouco respeito por qualquer outra divindade.

Espreitei para o interior da câmara e contei as mulheres para comprovar o que me havia dito. Os números que me dera estavam corretos. Todavia, nenhuma das catorze mulheres que ali se encontravam era particularmente atraente. Na maioria, haviam mesmo excedido de forma considerável a meia-idade, sendo

algumas delas absolutamente repulsivas. Comentei esta evidência com Phat Tur, que de pronto se mostrou de acordo com a minha opinião.

— O Rei Nimrod escolheu já as mais jovens e as mais bonitas. Ficou ele com a nata e a aprimorada flor e apanhou do galho as cerejas mais maduras. Estas pobres criaturas que aqui restam são aquelas que ele rejeitou.

Voltei a dirigir a atenção para as mulheres que estavam presentes naquela estância. Cinco delas estavam sentadas, com as pernas cruzadas por sobre os respectivos colchões. Todas ostentavam na cabeça coroas feitas de rosas vermelhas, sendo essa a única coisa que tinham posta, já que todo o restante corpo se apresentava desnudo. Aguardavam pacientemente de olhos baixos.

— A rosa vermelha é a flor da deusa — explicou-me Phat Tur, referindo-se aos enfeites de cabeça.

Os restantes nove colchões estavam ocupados com mulheres que se haviam despojado das coroas de flores e copulavam abrasadoramente com homens que também se mostravam em distintos estados de nudez. Os homens grunhiam quando arremetiam para dentro delas, ao passo que as mulheres, por baixo deles, entoavam louvores à deusa enquanto recebiam e retribuía o seu ardor devoto em toda a sua plenitude.

Com um repúdio crescente, vi um dos homens de repente arquear as costas num paroxismo de êxtase, e, com um grito prolongado e envolto em estremecimento, derrubar-se para fora e para o lado da criatura feminina que estava por debaixo dele. Logo a sua parceira se levantou, apanhou a túnica que havia deixado na cabeceira do colchão e passou-a por cima da cabeça. Deteve-se apenas o tempo suficiente para lançar à cara do homem a pequena moeda de cobre que ele lhe havia pago, após o que, chorando em silêncio, abriu caminho pelo meio do aglomerado de gente, enfeitizada, que se havia amontoado junto à porta e saía mesmo para a rua, para lá dos portões do templo.

Parado, atrás de mim, achava-se um marinheiro. Com uma cotovelada, afastou-me para o lado e entrou naquele cubículo,

dirigindo-se de pronto a uma das mulheres que ainda ali estavam sentadas com as coroas de flores na cabeça.

— Venho ter contigo para que saldes a dívida que tens para com a deusa — desafiou-a ele, e, ato contínuo, lançou uma moeda para o seu regaço. Ela levantou a cabeça e olhou-o com frieza durante todo o tempo em que ele, com uma mão, arregaçava o saio bem para cima da cintura, enquanto a outra mão livre massajava vigorosamente o membro viril até estar completamente ereto. Aquele homem tinha uma barriga proeminente, coberta por um abundante tapete de pilosidade negra. Foi por entre esgares e momices que a mulher retirou a coroa de flores da cabeça, se deitou de costas sobre o colchão e deixou que os joelhos se afastassem.

Tomei o braço de Phat Tur e levei-o para fora do ajuntamento de espectadores, após o que, com determinação, o conduzi para fora dos portões do templo.

O espetáculo daquela gentilha sórdida a representar uma paródia grotesca sobre algo belo na sua essência provocava em mim mais melancolia do que prazer.

A tarde do dia seguinte, passei-a eu na companhia de Nimrod, depois de ele ter regressado das suas devoções matutinas no templo de Ishtar. Durante as nossas deliberações, o rei contou com a presença dos chefes militares e conselheiros de maior confiança.

O Senhor Remrem e eu tentámos convencê-los a prosseguir com a campanha contra os Hicsos com maior determinação e vigor. Não obstante, quando um arsenal bélico perde o rumo e o dinamismo, é por demais dificultoso que as suas rodas voltem a girar.

Tudo isto era devido à falta de recursos de Nimrod, e o montante que eu lhe havia pagado pela flotilha de seis navios de guerra era insignificante quando comparado com as suas necessidades. O monarca sumério havia sugado os súbditos até à última gota de sangue com a cobrança de impostos, ainda assim há perto de dois anos que não estava a conseguir pagar ao exército nem à marinha. As armas, carros e demais equipagem bélica encontravam-se num estado ruinoso e as tropas que ainda lhe restavam estavam a ponto de se amotinar.

Para o Faraó e para o nosso bem-amado Egito, a situação achava-se instável e à beira da catástrofe. No caso de a Suméria nos faltar, toda a nossa frente oriental ficaria exposta e desprotegida, pelo que, fosse como fosse, eu tinha de encontrar uma maneira de retirar o Rei Nimrod daquela situação tão difícil. Não por causa dele, mas pela nossa sobrevivência enquanto nação.

Segundo os meus cálculos, o Rei Nimrod devia necessitar, no mínimo, de 30 *lakhs* de prata para tornar a fazer da Suméria uma potência militar de alguma relevância.

A crise que estava nas minhas mãos evitar apresentava uma dupla vertente. Nimrod era o primeiro cume, ao passo que o segundo, por muito que me custasse admiti-lo, era o meu bem-amado Faraó. Nimrod estava necessitado, ao passo que Memnon Tamose se banhava num oceano de prata. Se Nimrod acabara por se resignar ao seu estado de penúria, o Faraó havia-se tornado num novo-rico avarento, que estava sentado em cima de um tesouro fabuloso de perto de 600 *lakhs* de prata. Não tinha significado algum que tivesse sido eu, praticamente sem a ajuda de ninguém, a ter conseguido ganhar todo aquele tesouro para ele. Era seu todo aquele tesouro, todavia, conhecia eu tão bem o meu Mem. Eu próprio o havia educado desde a mais tenra infância e lhe tinha ensinado tudo o que sabia. Ensinara-lhe eu que a prata é muitíssimo custosa de ganhar, ainda que seja absurdamente fácil de gastar. Agora, porém, de algum modo havia-o feito esquecer essa minha lição. Tinha eu de conseguir fazê-lo separar-se de 30 *lakhs* de prata e de os entregar a um homem que ele não conhecia nem em quem confiava. Nem mesmo eu estava inteiramente certo de confiar em Nimrod. Apesar disso, sabia eu bem que não tínhamos outra hipótese. Teríamos de confiar nele, se queríamos que o nosso bem-amado Egito sobrevivesse.

Nessa mesma noite, ainda cedo, depois de ter passado um dia de grandes desafios na companhia do Rei Nimrod e dos seus homens de confiança, retirei-me para os meus aposentos. Jantei sozinho um único figo maduro, um pouco de queijo e pão duro, pois não tinha apetite algum. Bem entendido que me servi de um pouco de vinho, ainda que o primeiro trago me soubesse a vinagre puro. Afastei a

taça e concentrei-me na escrita da mensagem para Mem. Era esta uma mensagem que tinha de caber num pedaço de pergaminho fino e que um pombo me pudesse levar até Tebas, uma mensagem que conseguisse convencer o Faraó Mamose a cometer um ato que ele mesmo consideraria uma catastrófica loucura.

Muitas horas mais tarde, depois de ter rejeitado o sexto esboço da mensagem, achava-me desesperado. Ainda que tivesse em mente o facto de ser um homem que resolvia grandes questões com as palavras, não era capaz de encontrar os termos certos para convencer o Faraó. Sabia que havia fracassado, antes mesmo de começar. Estiquei as pernas intumescidas, levantei-me da mesa de escrita e aproximei-me da porta de acesso ao terraço pronto para a transpor. Levantei os olhos para a lua nova, e, pela altura a que subira, percebi ter já metade da noite passado.

Enquanto ali me encontrava em contemplação, uma nuvem não maior do que a minha mão pairou à deriva pela frente da Lua e fez o mundo inteiro em torno de mim mergulhar na obscuridade. Ocorreu-me que, sem dúvida alguma, ter-me visto ficar assim sem a luz da Lua, intensificaria a minha angústia. Todavia, como que por artes de magia, teve aquilo justamente o efeito contrário sobre o meu estado de ânimo. Senti que descia por sobre mim uma profunda calma, que fez com que se esfumasse o desespero que até àquele preciso instante me atormentava.

Foi então que ouvi uma voz chamar por mim. Era suave, porém, clara como o canto de um tordo pelo dealbar da manhã; tão clara era que olhei em meu redor para ver quem falava. Estava, contudo, sozinho.

De pronto, a solução para a minha difícil situação apresentou-se-me com tamanha nitidez que me deixou a questionar como podia eu ter hesitado.

Peguei no real selo do falcão. Naquela minha mão, detinha eu todo o poder do Faraó. Sabia bem que, para salvar a minha pátria da fatalidade e o meu Faraó da ruína, devia eu exercer todo esse poder; ainda que os meus atos fossem contrários à vontade do Faraó, ainda que invocassem a sua fúria.

Enquanto tomava essa resolução, perguntei-me de onde e de quem me viria semelhante orientação. Parecia tão distante de mim aquela solução, devido à minha lealdade e às minhas crenças de conduta, tão profundamente enraizadas, que, com uma compassiva sensação de assombro, me apercebi de que aquela decisão não havia sido tomada apenas por mim.

A pequena nuvem que havia encoberto a Lua afastou-se e a tênue luz lunar irrompeu de novo para banhar aquele pedaço de mundo à meia-noite, refletindo-se nos muros do templo de Ishtar.

A dama com o capuz tornava a aparecer ali, no terraço oposto àquele onde me encontrava, no sítio exato onde eu a havia visto da última vez. Como naquela ocasião acontecera, o capuz da túnica de cor cinzenta prateada ocultava-lhe agora o rosto. Foi então que eu soube de onde me viera aquela inspiração.

Ansiara eu desesperadamente tornar a ver o seu semblante, e, de alguma forma milagrosa, havia ela pressentido essa minha necessidade. Com um arremesso de cabeça, lançou o capuz para trás por sobre os ombros, deixando desse modo as feições a descoberto. Tinha o rosto mais esmaecido do que a luz da Lua que caía sobre o mesmo. Era ainda mais bela do que me lembrava, mais bonita do que alguma coisa ou alguém que eu alguma vez tivesse visto ou sequer imaginado.

Entendi as mãos para ela, pelo meio do vazio profundo que nos separava, todavia, a expressão do seu rosto tornou-se triste e distante. Recuou, afastando-se de mim, e, após isso, a pouco e pouco, foi-se desvanecendo na noite até desaparecer, e com ela esvaeceu-se também a luz da Lua.

Pela manhã, quando Phat Tur se apresentou nos meus aposentos, havia-me inteiramente vestido e aguardava já a sua chegada. Com a minha força e determinação perfeitamente restauradas, sentia-me agora com a máxima confiança, pelo que irrompi pelos salões e corredores do palácio em passo de tal sorte ligeiro e inquieto que o Senhor Remrem, Phat Tur e o restante séquito se viram forçados a estugar o passo para acompanharem o meu ritmo.

Quando entrámos na câmara do Conselho, o trono de Nimrod encontrava-se vazio, todavia, os conselheiros e chefes militares, que enchiam toda a estância, levantaram-se dos lugares que ocupavam em volta da longa mesa para me darem as boas-vindas. Pouco depois de termos ocupado os nossos lugares, as trombetas que se achavam no lado de fora das portas principais fizeram soar uma fanfarra.

O Rei Nimrod entrou na câmara por entre bastas honras solenes. O primeiro pensamento que me ocorreu assim que o vi aparecer àquela hora tão matutina foi que, naquele dia, abdicara ele da sua triagem e escolha seletiva no templo de Ishtar para estar connosco.

Eu estava consciente do respeito que ele tinha por mim, e esse facto reforçou a minha confiança no que eu estava prestes a fazer. Após termos observado o protocolo real, levantei-me, e, com as seguintes palavras, dirigi-me ao rei:

— Vossa Majestade, tenho uma proposta tão delicada e confidencial que gostaria de a reservar à vossa real pessoa e à do homem da vossa maior confiança. Dou-vos a minha palavra em como a minha oferta redundará em grande medida em nosso benefício mútuo e se desenrolará de molde a levar-nos a resolver a difícil situação em que nos encontramos neste momento.

Era notório que Nimrod havia sido apanhado de surpresa, pelo que, por um instante, tentou evitar tomar uma decisão, porém, como eu não lhe deixasse alternativa alguma, por fim, acedeu à minha insistência.

Mantive o Senhor Remrem à minha direita e Phat Tur à minha esquerda para fazerem a tradução. Nimrod dirigiu um gesto ao Almirante Alorus, mostrando-lhe assim que devia manter-se sentado à mesa, e, ato contínuo, dispensou os restantes membros do Conselho.

Quando ficámos os cinco a sós naquela estância, retirei da manga da túnica o selo do falcão e depositei-o em cima da mesa entre nós os dois.

— Estou certo de que Vossa Majestade estará ciente da importância deste símbolo.

— Embora seja esta a primeira vez que o vejo, é meu entendimento que se trata esse do real selo do falcão, confirmando isso que falais pela voz e a autoridade do Faraó Tamose do Egito.

— Assim é, Majestade.

O Rei Nimrod fixou em mim o seu olhar frio e enigmático. Ainda que mais nada tenha dito, aguardou com a mesma intensidade com que, num charco, um leopardo pressente a aproximação da presa. Olhei-o com uma intensidade quase semelhante.

— Majestade, somos ambos guerreiros forjados nos campos de batalha, com experiência e conhecimentos suficientes para sabermos que as guerras são vencidas não apenas com um espírito galhardo e uma lâmina bem afiada, mas igualmente com o peso da prata que somos capazes de arremessar contra o inimigo.

— Nunca antes ouvi ninguém expressar-se nesses termos, todavia, essas palavras que proferis são sábias e impregnadas de verdade — replicou Nimrod em voz baixa.

— Em nome de Tamose, o Faraó do Egito, e pela autoridade que me concede o real selo do falcão, ofereço-vos prata com a ponderação e o valor de 30 *lakhs*, na única condição de estabelecerdes uma aliança militar com o Egito e de investirdes todo esse prémio em exclusivo na destruição do Rei Gorrab e da sua horda de Hicsos.

Escutei Remrem expirar rápida e profundamente ao meu lado. Ele sabia bem que eu não tinha autorização do Faraó para fazer aquela oferta, e teve consciência do risco que eu corria. Todavia, nem me dignei olhá-lo de soslaio. Nimrod recostou-se no trono, após o que me fitou num silêncio incrédulo. Por debaixo do rebordo da coroa, da pele da testa, vi assomarem-se umas gotinhas de suor.

Por fim, quando falou, a sua voz soou rouca de incredulidade e avareza.

— Pode o vosso Faraó dispor de uma soma de semelhante magnitude?

— Asseguro-vos que assim é, Majestade. Ordenou-me o Faraó que selasse este acordo entre as nossas duas nações, mediante a entrega imediata a Vossa Majestade, em pessoa, de 3 *lakhs* de

prata. E isso mais não será do que um compromisso do que está para vir.

Durante um bom tempo, Nimrod manteve-se a fitar-me em silêncio. Depois, de repente, levantou-se de um salto e desatou a caminhar à pressa para trás e para diante naquela estância. Tinha o rosto franzido numa carranca assassina e mordeu o lábio até uma gota de sangue escorrer, pingar do queixo e lhe manchar a túnica bordada. Não mostrou sinal de dor alguma.

De pronto, deteve-se à minha frente e olhou intensamente para o meu rosto.

— 3 *lakhs* agora mesmo e mais 27 ao longo deste ano? — perguntou-me. Esperei que Phat Tur fizesse a tradução antes de lhe dizer que concordava.

— Assim será como Vossa Majestade diz. Deveis, contudo, enviar um dos vossos melhores regimentos a Tebas para receber a entrega desse saldo do tesouro, posto o Faraó não aceitar correr o risco de serem os seus próprios homens a transportá-lo.

Nimrod rodou o corpo sobre si próprio e prosseguiu com aquela mesma caminhada. As suas sandálias de sola de bronze ressoavam nas lajes do pavimento, enquanto deambulava para cima e para baixo, batendo com os pés no chão da estância. Começou a discutir consigo mesmo em sumério, dizendo:

— Como posso eu confiar nesta aberração ínvia e sem testículos? Não é segredo algum que ele fez um pacto com Set e com todos os demónios das trevas. Inclusivamente há quem acredite que ele mesmo é um dos espíritos mais malévolos do mais além — murmurou. Então, ao dar-se conta do que havia dito, virou-se, e, aos gritos, dirigiu-se a Phat Tur nos seguintes termos: — Traduzes estas minhas palavras apenas por tua conta e risco! Se o fizeres, estrangulo-te com os teus próprios intestinos, estamos entendidos?

Phat Tur empalideceu e baixou os olhos.

— Seja como Vossa Majestade ordenar — aquiesceu. Nimrod retomou aquela marcha na câmara para um lado e para o outro e a mesma discussão consigo mesmo. De pronto, tornou a deter-se à minha frente.

— Diz-lhe que confio nele — ordenou a Phat Tur. — Antes, porém, de aceder a empreender uma aliança, devo fazer um pacto vinculativo com Tamose, o Faraó do Egito. — Enquanto impunha esta condição, apercebi-me de uma ponta de maliciosa lascívia nos seus olhos.

— Se isso for, de todo, possível, estou certo de que o Faraó acederá a fazê-lo — esquivei-me com cautela.

— Pretendo unir a minha própria família à família real do Egito — declarou Nimrod. — É meu desejo tomar as duas irmãs do Faraó, Tehuti e Bekatha, como minhas esposas. Desse modo, o Faraó e eu mesmo nos tornaremos cunhados.

Deixou-me perplexo o alcance da sua ganância, desfaçatez e luxúria. Aquele trapaceiro queria ambos, tanto o dinheiro quanto a carne.

— É uma grande honra esse oferecimento com que presenteais o Egito. Sei bem que, em quaisquer outras circunstâncias, o meu Faraó não hesitaria um instante sequer em concordar com essa vossa sugestão — Por detrás de um tom de voz razoável, ocultei a minha fúria para com aquela odiosa criatura, que me havia coberto de insultos e que agora, de um modo tão ostensivo, exhibia o seu desejo para com as minhas queridas meninas. — Todavia, o Faraó comprometeu já as suas duas irmãs em matrimónio com o Supremo Rei Minos de Creta, para assim selar a aliança militar entre as nossas duas nações. Nem ele ousaria renegar essa sua promessa, nem o rei minoico aceitaria semelhante ultraje à sua honra.

Com um encolher de ombros, Nimrod murmurou uma qualquer obscenidade, não obstante, percebi perfeitamente que não ficara demasiado desagradado com aquela minha recusa. Ambos sabíamos ter sido da sua parte uma tentativa oportunista de retirar daquele nosso acordo a maior vantagem possível. Por muito que se ofereça a determinados homens, tentam sempre ganhar um pouco mais.

Enquanto tentava recuperar a engenhosidade, Nimrod deu outra volta em redor de toda a câmara, após o que fez uma nova tentativa, dizendo:

— Gostaria de ver esses 3 *lakhs* de prata de que haveis falado há pouco. Não é de modo algum por não confiar em vós, nem no vosso Faraó no momento de honrar o nosso acordo, mas é simplesmente por estar interessado em ver como os haveis ocultado até este momento... — Era comigo diretamente que Nimrod falava, estou bem certo, na esperança de me armar uma cilada na qual eu pudesse cair e trair-me, admitindo que compreendia o sumério. Uma vez mais, porém, frustrei as suas expectativas quando olhei para Phat Tur à espera que me traduzisse o que ele dissera. Começavam a divertir-me aquelas minhas esquivas às insídias de Nimrod, posto serem em tudo semelhantes às partidas do jogo de *bao* que eu disputava com o Senhor Aton.

Mandei que Zaras e Hui fossem buscar as moedas de prata ao acampamento do nosso regimento, montado do lado de fora das muralhas da cidade, tendo sido necessários dois carros e cinquenta homens para as transportar. Quando finalmente foi dada por concluída a arrumação de todo aquele metal precioso no chão da câmara do Conselho, havia-se formado uma impressionante pilha de lingotes. Nimrod passeou-se em todo o redor da magnífica pilha, acariciando cada lingote e dedicando-lhes palavras de carinho, como se dos seus bem-queridos animais de estimação se tratasse.

Nessa noite, desfrutámos de um novo banquete à mesa de Nimrod. Pareceu-me ser o vinho em absoluto mais tragável do que as putrefactas entranhas que da primeira vez nos haviam servido. Não obstante, o efeito que teve sobre as maneiras e o comportamento do meu anfitrião e dos seus lacaios foi bem menos louvável.

O Rei Nimrod havia perdido o seu exercício físico matinal no templo de Ishtar, pelo que, consensual ou não, fomos obsequiados com uma exibição da insaciabilidade do Grande Caçador. Uma metade das mulheres que participavam no banquete terminou a noite num estado de abandono lascivo, pelo que me congratulei com a minha decisão de ter deixado as minhas duas princesas fechadas à chave nos seus aposentos com Zaras e uma dúzia dos seus homens a montarem guarda à porta.

Os seis navios de guerra que eu havia adquirido a Nimrod encontravam-se no porto de Sídón a fazer uma reaparelhagem, porém, não estariam prontos para eu assumir o comando antes do final do mês de Famenoth.

Aproveitei este interregno para planejar e arquitetar com o Rei Nimrod e os seus homens a nossa campanha conjunta contra os Hicsos, tendo eu escolhido o Senhor Remrem para se manter na Babilónia e atuar como adido militar do Faraó.

Com relutância, acabei por aceitar que o Coronel Hui ficasse com Remrem, na qualidade de seu assistente. Sob a minha tutela, Hui havia-se tornado num dos peritos mais qualificados na arte do combate com carros de guerra. Eu sabia bem que havia de sentir grandemente a sua falta, bem como da sua proficiência, quando dessemos início às hostilidades contra as hordas de Hicsos, no Norte do Egito e na costa do mar Interior. Todavia, Bekatha havia deixado bem clara a aversão que sentia para com ele, e sabia eu bem que ficaria furiosa se eu levasse Hui connosco para Creta.

Poucas semanas depois de Nimrod ter recebido o seu incentivo em prata, as oficinas do seu exército empenharam-se a fundo no fabrico de novas armas e armaduras, na reparação dos velhos carros de combate e na construção de centenas de outros novos, seguindo as minhas indicações específicas e os meus próprios bosquejos de qualidade superior. As ruas da Babilónia encheram-se de colunas de soldados recrutados e os *souqs* tornaram-se num tumulto de gente a comprar e a vender por meio de um grande regateio.

Através de Phat Tur e dos seus agentes, fui posto ao corrente do facto de todas as restantes cidades da Suméria estarem a desfrutar deste mesmo ressuscitar marcial. Contados aos milhares, os antigos guerreiros sumérios, agora desocupados, acorriam em barda ao encontro do estandarte real... e das moedas de prata do rei.

O trabalho que eu mesmo me havia atribuído era por si só já bastante dificultoso e complicado, sem que eu o agravasse mais ainda com a simulação de que carecia de fluência no idioma sumério. Com os meus anfitriões, comecei, então, a falar um

sumério infantil e titubeante, ainda que, a cada dia que passava, fosse ganhando maior fluência e correção em termos gramaticais. Até que Sua Majestade o Rei Nimrod se viu na obrigação de, para com os seus bajuladores e na minha presença, deixar de fazer aqueles comentários insultuosos acerca da minha pessoa. Muito em breve, fui mesmo capaz de deixar os nossos anfitriões desconcertados com os meus rápidos gracejos e os meus engenhosos trocadilhos e jogos de palavras no seu próprio idioma.

Certa manhã, no extremo mais distante do terreno sulcado pelos carros de combate, observei o Almirante Alorus a comentar com Nimrod que a minha rápida aprendizagem do idioma sumério não havia sido mais do que um milagre. Depois de percorrer todo aquele terreno tão vasto e me aproximar para lhe agradecer o cumprimento, Alorus afastou-se de mim com um temor supersticioso, fazendo o sinal contra o mau-olhado. Não creio que alguma vez lhe tivesse constado a existência da leitura dos lábios. Era, todavia, por demais evidente que acreditava em bruxaria, como faz toda a pessoa sensata e educada.

Pela tardinha, quando começava a refrescar, aproveitava eu para nadar no Eufrates ou para caminhar pelas colinas a sul, situadas fora dos limites da cidade, com as minhas duas princesas por companhia. Divertia-me comprovar o grande número de vezes em que nos cruzávamos com Zaras, durante aquelas nossas incursões, mesmo pelos lugares mais remotos. Era quase como se alguém o tivesse alertado para a nossa aproximação. Bem entendido que não podia ter-se tratado de Tehuti, posto a sua surpresa, ao dar com ele a devanear muito próximo daqueles nossos caminhos, quase suplantar a minha própria.

À noite, tínhamos sempre convites para jantar com os nossos anfitriões sumérios ou com os meus próprios oficiais. Caso o Rei Nimrod estivesse presente, insistia eu para que as minhas princesas se sentassem perto de mim, onde eu as pudesse vigiar.

Quando a maior parte dos outros já se havia retirado, sentava-me eu sozinho no terraço dos meus aposentos, aguardando até longo tempo depois da meia-noite o momento em que a dama com capuz voltaria a aparecer. Uma noite após outra, ela desapontou-me.

Com todos estes buliçosos afazeres, os dias passaram bem depressa. Certo dia, chegou um mensageiro da base naval de Sídón com a notícia de que os seis navios de guerra, que eu havia adquirido a Nimrod, se encontravam prontos para serem lançados à água vinte dias antes do previsto. À nossa morosa caravana seria necessário praticamente metade desse tempo para chegar a Sídón, cidade situada na costa do mar Interior. Ordenei a Zaras e a Hui que ultimassem os preparativos para a partida da Babilónia rumo àquela costa.

Nessa mesma noite, depois de ter acompanhado as minhas princesas aos seus reais aposentos, instalados na ala leste daquele palácio, regressei aos meus próprios aposentos antes de a Lua se ter escondido. Os meus escravos haviam deixado as candeias acesas no quarto e no terraço, junto ao leito. Tendo seguido as minhas instruções, nessas candeias haviam misturado o azeite com umas ervas, cujas emanações afugentavam os mosquitos e outros insetos noturnos, ao mesmo tempo que induziam um sono reparador e sonhos agradáveis.

Rustie aguardava ainda que me deitasse. Aproximou-se para levar consigo as minhas vestes usadas e depositar um cálice de prata cheio de vinho junto ao leito.

— Passa já bastante da meia-noite, senhor — censurou-me ele. — Haveis dormido apenas um par de horas desde o início da semana. — Rustie é meu escravo há tantos anos que ambos já perdemos a conta aos que entretanto passaram. Desde há muito que se permite tratar-me como se fosse minha ama.

Com a sua ajuda, despojei-me das vestes, após o que saí para o terraço e peguei no cálice de vinho. Molhei os lábios e suspirei de satisfação, posto tratar-se aquele de um vinho dos meus próprios vinhedos, cultivados na propriedade de Mechir. Em seguida, virei-me para contemplar, do outro lado do terraço, o templo da deusa. Senti-me desiludido, porém, resignei-me ao comprovar que se mantinha deserto. Haviam passado algumas semanas desde a última vez que eu havia vislumbrado a dama de capuz.

Dispensei e mandei embora Rustie, que se afastou sem parar de resmungar, deixando-me a caminhar sobre o chão de mármore,

enquanto revia mentalmente os aspetos mais importantes das negociações que fizera nessa noite com o rei.

Num repente, detive-me a meio de um passo. A tonalidade do luar havia-se alterado, adquirindo então uma ténue luminosidade dourada. No preciso instante em que levantei os olhos para a mesma, percebi logo que estavam em jogo forças sobrenaturais, ainda que não conseguisse determinar de pronto se se tratava de forças benignas ou malignas. Com dois dedos, fiz o sinal de Hórus para afastar o mal, e, em silêncio, aguardei que as forças misteriosas se manifestassem.

Aos poucos, fui ganhando consciência de um aroma subtil e elusivo no ar quente da noite. Nunca antes havia sentido um cheiro igual, todavia, ainda que não conseguisse identificar aquele perfume, todos os meus sentidos foram estimulados. Senti uma invulgar, porém, agradável sensação a intensificar-se pelo pescoço e ombros e a descer pela espinha dorsal. Alertou-me esse facto para uma presença poderosa bem próximo, logo atrás de mim.

Voltei-me para a encarar. Estava de tal modo assustado que o cálice de vinho me caiu da mão e se quebrou ao tocar no chão. Por um instante apenas, o meu coração parou de bater, recomeçando a fazê-lo logo de seguida, golpeando-me de novo o peito como as batidas dos cascos de um cavalo que fugisse a galope.

A misteriosa dama do templo estava parada diante de mim; tão próxima que quase conseguia distinguir as suas distintas feições por baixo da escuridão do capuz. Tivesse eu estendido a mão, e ter-lhe-ia tocado, porém, fui incapaz de me mexer.

Por fim, consegui recuperar a voz, que, depois de falar, foi abafada pela veneração.

— Quem és?

— Chamo-me Inana.

Fui surpreendido até ao âmago de mim mesmo, tanto pelo som quanto pelo significado da sua resposta tão pronta. Ressoou nos meus ouvidos como uma música celestial, fazendo-me perceber de imediato que som tão belo algum como aquele alguma vez poderia ser emitido por uma boca humana. O significado do que dissera era

mais surpreendente ainda. Desde o princípio dos tempos, Inana era o antigo nome da deusa Ishtar.

— Chamo-me Taita. — Foi esta a única resposta em que fui capaz de pensar.

— Além do teu nome, sabes muito pouco acerca de ti, não é verdade? Nem tão-pouco sabes o nome do teu pai nem da tua mãe.

— Enquanto me dirigia estas palavras, sorriu com uma delicada simpatia.

— Não. Nunca os conheci — admiti a verdade do que afirmava. Com compaixão, estendeu-me uma mão, que tomei sem hesitar. De pronto, senti o seu calor e a sua força fluírem para dentro de mim.

— Não tenhas medo, Taita. Sou tua amiga; mais ainda do que apenas tua amiga.

— Não me fazes medo, Inana. — Estendeu-me a outra mão. Ao tomar eu essa também, senti que entre nós os dois existia ainda um poderoso vínculo de sangue e uma ligação mental. — Conheço-te! — exclamei num assombro. — Sinto que te conheço desde sempre. Diz-me quem és tu.

— Não vim para te falar de mim. Vim para te dizer algumas coisas sobre ti. Vem comigo, Taita. — Sem me soltar as mãos, recuou, levando-me do terraço ao ar livre para os meus aposentos privados. Os seus passos, se é que os dava sequer, eram silenciosos, pois ouvia-se apenas o leve roçar das vestes. Tive a sensação de que, por debaixo dela, os seus pés não tocavam no chão, e que apenas pairava por sobre a superfície.

O aposento em que agora entrávamos, assim tão maravilhosamente iluminado pelas candeias, havia sido o meu lar durante todas aquelas últimas semanas, achando eu que conhecia bem cada centímetro quadrado da mesma, via agora, porém, que existia uma porta na parede oposta na qual eu nunca antes havia reparado. Enquanto Inana me conduzia para lá, a porta abriu-se por sua livre vontade. Para lá da ombreira, vislumbrava-se a mais absoluta escuridão. Sem soltarmos as mãos, mergulhámos naquela obscuridade, que nos engoliu a ambos. Precipitámo-nos por ali abaixo, todavia, ela apertou-me as mãos com força, pelo que não tive medo. Enquanto descíamos, senti o vento soprar de encontro

ao rosto com tamanha força que tive de semicerrar os olhos para os proteger. Voámos pela escuridão durante aquilo que me pareceu ser uma eternidade, embora soubesse que o tempo era uma ilusão. Foi então que senti uma superfície compacta e estável por debaixo dos pés, e deixámos de nos deslocar. Agora, vislumbrava-se luz, ainda que, no princípio, tão-só de um lampejo se tratasse. Ainda assim consegui discernir de novo os contornos da cabeça de Inana, e, logo em seguida, aos poucos, a sua figura tornou a aparecer debaixo da mesma. Vi como depois disso se apresentava desnuda, do mesmo modo que eu.

Ao longo de toda a vida, havia eu visto os corpos de muitas mulheres bonitas, todavia, o de Inana superava em larga medida qualquer um deles. Os contornos elegantes das ancas voluptuosas eram, contudo, realçados pela cintura estreita. Ainda que ela fosse tão alta quanto eu, os membros eram de uma suavidade e modelação de tal modo delicada e escultural que não pude deixar de os tomar para acariciar. Toquei-lhes, ao de leve, fazendo os meus dedos subir dos pulsos até à curvatura dos ombros. Tão sedosa era a pele, todavia, os músculos por debaixo da mesma eram adamantinos.

Tinha o cabelo preso no alto da cabeça, porém, assim que a abanou, soltou-se, desmanchou-se, e, como uma onda reluzente, caiu em cascata por sobre os ombros, desenrolando-se todo até à altura dos joelhos. Esta cortina ondulante não lhe cobriu os seios, que, como se de criaturas vivas se tratasse, despontaram por entre a mesma. Tinham eles um arredondado perfeito, eram tão brancos como o leite de uma égua e estavam coroados por mamilos cor de rubi, que se encrespavam quando os percorri com o olhar.

O corpo não tinha pilosidade alguma, e bem assim se mostravam as partes pudendas. Os rebordos dos pequenos lábios sobressaíam timidamente da fissura vertical e o doce orvalho da excitação feminina brilhava sobre os mesmos.

A luz ganhou maior intensidade e apercebi-me de que estávamos parados nos Jardins Suspensos, situados bem acima da cidade da Babilónia. O denso aglomerado de arbustos e flores que nos rodeava era de uma beleza extraordinária, ainda que parecesse um tanto mundano quando comparado com a beleza de Inana. Após retirar as minhas mãos dos seus ombros, beijou-mas, uma a uma. Estremeci perante a sensação, que invadiu todo o meu ser.

— O que pretendes tu de mim, Inana? — A voz que disse estas palavras em nada soou como a minha.

— Disponho-me a unir-me contigo.

— Estou certo de que sabes bem que sou um homem incompleto — sussurrei-lhe, envergonhado. — Fui castrado há muito tempo.

— Sei-o bem — afirmou ela num tom de voz amável e condolente. — Eu estava presente quando te fizeram isso. Senti o fio daquela lâmina tão acerado como tu, e chorei por ti, Taita. Regozijei-me, todavia, por mim própria. Copular não é o mesmo que unir-se. Não me referia eu à breve junção da carne que demasiado depressa termina com um insignificante espasmo muscular, sendo essa tão-só uma esparsa recompensa para um homem que entrega a sua semente ou para uma mulher que a acolhe no seu ventre. Esse é um mero recurso de que a natureza se vale para arremessar outra vida mortal numa existência breve e inconsequente, que demasiado cedo se extingue com a morte.

Ela guiou a minha mão direita até à parte inferior dos seus lábios e empurrou os meus dedos bem para o fundo da fenda que tinha entre as deliciosas coxas. Era ela lúbrica e estreita como os meus dois dedos, pelo que senti as minhas próprias entranhas derreterem-se com o calor das suas. — Eu não estava a referir-me a isto. — Com a ponta dos dedos, acariciou suavemente a brutal cicatriz que eu tinha entre as pernas, onde um dia havia estado a minha virilidade, e tornou a dizer: — Nem a isto.

— O que mais existe que consegue unir um homem e uma mulher, Inana?

— Existe a união das almas, ao invés da dos corpos. A fusão de mentes superiores. Esse é seguramente o verdadeiro milagre da existência, que muito raras vezes consegue ser consumado.

Descendo pelo caminho, ela conduziu-me ao relvado do jardim secreto, que senti sedoso e macio por debaixo dos nossos pés, como se pisássemos a plumagem de um pato-êider. Num movimento rápido e ondulante, ela aproximou-se de mim, e, no instante seguinte, os nossos corpos estavam entrelaçados de um modo tão estreito e íntimo quanto os deuses haviam imaginado que se pusessem. Os nossos braços e as nossas pernas entrelaçaram-se uns nos outros, ao mesmo tempo que as nossas respirações se misturavam e eu conseguia sentir o bater do seu coração de encontro ao meu.

Aos poucos, os nossos dois corações tornaram-se num único órgão, partilhado por ambos, que batia como um só. A nossa respiração combinada concertou e susteve os nossos dois aparelhos pulmonares. Esta foi a sensação mais estimulante e gratificante que alguma vez eu havia experimentado, pelo que foi meu desejo sentir-me ainda mais profundamente envolvido pelo seu corpo, bem como envolver o seu completamente com o meu até conseguirmos tornar-nos num único organismo.

Foi, então, que, ao sentir a sua mente controlar a minha, experimentei uma fugaz sensação de pânico e impotência. Tentei ainda evitá-lo, contudo, logo me apercebi de que eu mesmo usurpava a sua mente, ao mesmo tempo que ela fazia o mesmo à minha. Enquanto ela se apoderava das minhas memórias, também

eu me apossava das suas. Nada ficava perdido, nem nada era esquecido entre nós, posto partilharmos uma existência que remontava a um passado muito longínquo.

— Agora já sei quem é o meu pai — disse-lhe eu num sussurro, apercebendo-me da perplexidade contida na minha voz.

— Quem é ele? — perguntou-me. Ela sabia bem qual era a resposta, antes mesmo de formular a pergunta, e eu ouvi a sua pergunta, ainda que ela não a tivesse pronunciado.

— Ele é Meniotos, o deus da ira e da moral — respondi por entre o silêncio que partilhávamos.

— Quem é, então, a tua mãe? — perguntou-me Inana, tendo eu ido buscar a resposta à mente unificada que partilhávamos.

— A minha mãe foi Selias, todavia, ela era humana e mortal. Morreu no momento em que me dava à luz.

— Tu és um semideus, Taita. Não és inteiramente humano, nem completamente divino. Ainda que tenhas uma longa vida, um dia, também tu terás de morrer. — Proferidas estas palavras, ela estreitou a minha alma com a sua num abraço mais forte e protetor. — Não obstante, isso acontecerá num dia ainda longínquo, e eu estarei lá para te proteger e dar apoio quando essa tua hora chegar. Nos mil anos seguintes a teres partido, não hei de parar de chorar por ti.

— Quem és tu, Inana? Porque me sinto assim tão ligado a ti, em corpo e espírito? Quem é o teu pai?

— O meu pai é Hiperion, o deus da luz. Ele é irmão de Meniotos. Desse modo, tu e eu temos o mesmo sangue divino — respondeu-me ela, diretamente.

— Escutei a tua resposta antes mesmo de formular essa pergunta — disse-lhe em silêncio. — E a tua mãe? Era ela uma humana mortal ou uma deusa?

— A minha mãe é Artemisa — respondeu-me Inana.

— Artemisa é a deusa da caça e de todos os animais selvagens — reconheci. — Ela é também a deusa virgem e a deusa das donzelas. Como é possível que ela seja virgem e, em simultâneo, a tua mãe natural?

— Deves saber, Taita, que com aqueles de nós que são deuses e semideuses todas as coisas são possíveis. Hiperion, o meu pai, restituiu a virgindade à minha mãe logo após o meu nascimento. — Disse ela, sorrindo perante a encantadora praticabilidade da solução do seu pai, tendo eu pressentido o sorriso que ela ia dirigir-me antes mesmo de prosseguir deste modo: — Eu, todavia, sou virgem como a minha mãe. E, por decreto de Zeus, que é o pai de todos os deuses, devo continuar a sê-lo sempre. É esse o meu castigo por ter rejeitado Zeus, que é meu avô, quando procurou levar por diante os seus modos incestuosos e copular comigo.

— É esse um castigo cruel para uma ofensa tão trivial — redargui, compadecendo-me dela.

— Creio bem que não, Taita. Julgo mesmo ser esta a mais doce das recompensas, pois, como de outro modo poderíamos nós, tu e eu, ser amantes por todos os séculos que tivessem passado e por todos aqueles que ainda estivessem para vir, continuando porém a conservar a nossa virgindade e pureza?

— Como poderia alguém conhecer o nosso destino, Inana? Eu nem tão-pouco era ainda nascido nesses tempos remotos de que falas.

— Eu estava presente quando tu nasceste, Taita. Eu estava lá quando a tua virilidade te foi esventrada, e, nesse momento, chorei por ti, ainda que soubesse quão grande proveito havíamos de ter por vários milénios devido a esse ato tão terrível.

— Falas tu em milénios. Estaremos nós, tu e eu, juntos durante todo esse tempo, Inana?

Ela não respondeu diretamente à minha pergunta.

— Embora não tenhas tido consciência disso, desde o dia em que nasceste, tenho-te seguido sempre de muito perto. Conheci tudo aquilo que te assolou, fossem todas as breves alegrias ou todos os excruciantes martírios.

— Porquê eu, Inana?

— Porque nós os dois somos um, Taita. Somos do mesmo sangue e de um único sopro de vida.

— Não consigo esconder nada de ti — reconheci. — Não obstante, não sou virgem como tu. Ao longo da vida, tive relações

carnais com outras mulheres.

Abanando a cabeça com tristeza, Inana disse:

— Conheceste tão-só uma mulher, Taita. Eu estava presente quando isso aconteceu. Bem podia ter-te prevenido quanto a isso, porque pagaste por esse breve momento de prazer com a lâmina da lanceta que te castrou. — Senti a sua respiração na minha boca e a sua dor no meu próprio coração, enquanto prosseguia, dizendo: — Eu podia ter-te poupado àquela agonia, contudo, se o tivesse feito, se te tivesse advertido para as consequências, tu e eu nunca teríamos podido unir-nos como estamos a fazer neste momento, em eterna e divina castidade.

Refleti sobre o que acabava de me dizer, e logo suspirei, do mesmo modo que ela suspirava para dentro de mim.

— Tudo isso aconteceu há tanto tempo. Não me recordo da cara da rapariga, nem tão-pouco do seu nome — admiti.

— Isso foi porque expurguei essa recordação da tua memória — sussurrou-me. — Se o desejares, poderei devolver-ta, e poderás conservá-la contigo durante os próximos cinco mil anos, todavia, não te proporcionará ela alegria alguma. É isso o que tu pretendes?

— Sabes bem que não pretendo isso. — Eu renunciava a essa pobre alma perdida, que comigo se havia tornado uma escrava. Na dor partilhada por ambos, havíamos nós dado um pouco de consolo um ao outro. Ela havia-me dado amor, todavia, há muito já que fora tragada pelo abismo do espaço e do tempo e havia ido para um lugar para o qual ninguém podia segui-la, nem mesmo um semideus castrado.

Entreguei-me àquele momento, deleitando-me com os pensamentos de Inana e aquela recordação, ao mesmo tempo que ela se comprazia com os meus. Com as nossas almas e os nossos corpos unidos naquele enlace, o tempo deixava de ser um rio que corresse anelante para se tornar num oceano tranquilo no qual vogávamos juntos, saboreando cada momento como se de um fragmento de eternidade se tratasse. Ela tornou mais fortes as muralhas da minha alma, fazendo-me incomensuravelmente mais sábio e ainda mais incólume ao mal.

Juntos alcançámos um estado de graça espiritual.

Depois de uma eternidade passada, a minha alma dirigiu-se à sua nos seguintes termos:

— Não quero que isto alguma vez acabe, Inana. Quero ficar contigo assim para todo o sempre. — Foi, então, que ouvi a sua voz responder-me do mais profundo do meu ser:

— Tu és uma parte de mim, Taita, e eu sou uma parte de ti. Todavia, ao mesmo tempo, estamos separados e somos para nós próprios seres completos. Temos a nossa própria existência, em tudo distinta do outro, para a qual temos de voltar. Temos o nosso próprio destino, que devemos enfrentar sozinhos.

— Por favor, não me abandones — implorei-lhe.

— Agora, vou-te deixar. Chegou o momento de me ir embora. — A sua voz não mais se infundia com a minha.

— Vais voltar para mim?

— Sim.

— Onde? — quis eu saber.

— Onde quer que te encontres.

— Quando, Inana? Quando voltarei eu a ver-te?

— Dentro de um dia, de um ano ou pode mesmo acontecer que seja daqui a mil anos. — Senti o seu corpo desenrolar-se para me libertar do seu abraço, após o que os seus braços começaram a afastar-se de mim.

— Fica só mais um pouco — implorei-lhe, porém, já se havia ido embora. Endireitei-me e, perplexo e confuso, olhei em todo o meu redor, percebendo que me encontrava deitado no leito, no terraço do palácio. Levantei-me de um salto e precipitei-me para o interior do meu aposento privado principal. Aí chegado, detive-me no centro da grande estância e aí fiquei de olhar fixo na parede do fundo, onde havia visto a porta de acesso ao jardim secreto, pelo qual Inana havia voado comigo. Agora, porém, não havia ali porta alguma.

Atravessei a estância devagar e, com grande minúcia, comecei a examinar a parede que tinha diante de mim, percorrendo a superfície com os dedos em busca da dobradiça colocada entre a porta e a moldura. O revestimento era polido e sem fissuras. Lembrei-me, então, do que Inana me havia dito. *Deves saber, Taita,*

que com aqueles de nós que são deuses e semideuses todas as coisas são possíveis.

A sensação que eu tinha era que se haviam passado muitos anos desde a última vez que havia estado naquele sítio, pelo que me interroguei: Existirá uma dimensão como a do tempo naquele lugar longínquo até onde Inana me transportou? Ainda que a mesma exista, será possível que o tempo tivesse ficado suspenso neste mundo, enquanto me encontrava nesse outro mundo com ela?

Enquanto tentava separar a realidade da fantasia e a verdade da falsidade, os meus olhos pousaram na exposição floral de rosas vermelhas, colocadas na enorme ânfora de bronze que ocupava o centro daquela estância. Aproximei-me e examinei as flores nos caules espinhosos, vendo-as tão frescas como da última vez que as havia visto.

— Podiam bem tê-las mudado muitas vezes na minha ausência — disse eu em voz alta. Após isso, baixei os olhos e vi que, nas lajes do chão de mármore, estava depositada uma única flor vermelha. Lembrei-me que, na tarde anterior, a tinha eu arrancado do ramo principal para me deleitar a aspirar o seu perfume, após o que a deitara para o chão para que os criados do palácio a tomassem e deitassem fora.

Baixei-me para pegar na flor e a cheirar. Tinha a mesma fragrância da última vez que eu a havia cheirado, e, quando a examinei com maior atenção, descobri que, ainda que tivesse estado fora da água, não só não havia murchado, como estava agora tão fresca e tão firme como quando a retirara do caule.

É possível que Inana e eu tenhamos passado uma única noite naquele abraço divino, em vez de toda uma vida, como eu havia imaginado?, indaguei-me. Não parecia possível. Perplexo, rocei as pétalas da rosa vermelha pelos lábios.

Ouvi, então, as portas principais da casa abrirem-se e umas vozes abafadas falarem em egípcio.

— Quem está aí? — gritei, respondendo-me uma delas aos gritos:

— Sou eu, senhor. — Reconheci a voz de Rustie. Instantes depois, apareceu ele na ombreira da porta dos meus aposentos

privados.

— Onde te meteste? — perguntei-lhe.

— Haveis-me dito para não vos despertar enquanto o Sol não assomasse acima do horizonte, senhor — protestou ele com uma indignação mal dissimulada.

— Quando foi que te disse eu isso?

— A noite passada, quando me ordenastes que me retirasse. — Significava, então, que eu havia estado ausente apenas uma noite. Porém, novamente, podia bem ser que aquilo nunca tivesse acontecido. Talvez tudo aquilo tivesse sido apenas um sonho, embora eu esperasse desesperadamente que não. Esperava já ansiosamente voltar a ter aquele encontro marcado com Inana, no caso, bem entendido, de ela ser real e não uma fantasia da minha mente. Viria eu alguma vez a conhecer a resposta para aquele mistério: fantasia ou realidade, o quê e quem era Inana?

— Tinha-me esquecido. Por favor, desculpa-me, Rustie.

— Naturalmente, senhor. Todavia, sou eu que devo pedir-vos desculpa. — Rustie é muito fácil de apaziguar. É um homem encantador e tenho um muito grande apreço por ele. Não obstante, em tom severo, lembrei-o:

— Não te esqueças que, dentro de cinco dias, partimos para Sídon. Nessa altura, deverá tudo estar preparado para retomarmos a viagem.

— Carreguei já os carros com a maior parte dos nossos pertences. Posso estar pronto para partir dentro de uma hora.

Cada hora desses últimos cinco dias que passámos na Babilónia pareceu ser preenchida por uma atividade frenética. Realizámos as últimas reuniões com Nimrod e o Conselho, assinámos acordos entre as duas nações e pusemos em prática as disposições acordadas com respeito aos restantes lingotes do metal precioso, que eu lhe havia prometido, e que os lacaios de Nimrod haviam de ir receber a Tebas. Fiquei deveras agradado por não estar presente no momento em que fosse entregue ao Faraó Tamose a promessa de garantia, relativamente aos 27 *lakhs* de prata, por mim mesmo firmada com o real selo do falcão.

Acrescia a tudo isto a chegada à Babilónia do emissário que o Supremo Rei Minos havia enviado para esta cidade, com o propósito de dar as boas-vindas à minha delegação e de nos acompanhar na restante viagem até Creta. Guarnecido de todo o seu séquito, zarpara ele de Cnossos numa armada de galés de guerra. Após isso, havia deixado essas suas embarcações fundeadas no porto sumério de Sídón e, com todo esse seu séquito, seguira viagem por via terrestre para vir reunir-se comigo.

Chamava-se esse emissário Toran, que, em minoico, pode ser vertido para «o Filho do Touro». Tratava-se ele de um homem bem-apegoado, na pujança da vida, que viajava de tal sorte que mais próprio era aquilo de um representante do monarca mais rico e mais poderoso da Terra inteira. O Rei Nimrod reservou uma ala inteira do palácio para acomodar todo o seu séquito. Tão-só para alimentar e entreter os visitantes de Creta, viu-se Nimrod na obrigação de despende de uma grande parte dos 3 *lakhs* de prata com que eu o havia agraciado. Por essa razão, estava ele ansioso por ver Toran regressar à sua ilha, tendo feito todos os possíveis por apressar essa partida.

Não obstante a beleza física e os modos régios, Toran revelou ser um dos homens mais astutos e inteligentes que eu alguma vez havia conhecido. Logo no nosso primeiro encontro, estabelecemos ambos um forte vínculo de respeito mútuo, tendo quase de imediato cada um de nós reconhecido as qualidades superiores do outro.

Uma das muitas virtudes que partilhávamos era uma aversão odiosa aos bárbaros Hicsos e a qualquer coisa que com eles estivesse associada, ainda que apenas remotamente. Passei perto de uma hora com ele a compadecermo-nos pelo desprezível e injustificado ataque que eles haviam lançado contra a fortaleza minoica de Tamiat, bem assim como pelas atrocidades por eles cometidas contra as tropas cretenses que nesse mesmo sítio haviam capturado. O filho mais novo de Toran havia sido um dos jovens oficiais que eles haviam decapitado, após ter-se-lhes rendido.

Não obstante, nenhum de nós os dois mencionou as três grandes trirremes, autênticos tesouros cretenses, nem os 580 *lakhs* em

lingotes da preciosa prata que os Hicsos haviam roubado ao Supremo Rei Minos. Fizemos ambos como se esse fabuloso tesouro jamais tivesse existido. Da minha parte, teria eu até prontamente jurado, diante de todos os deuses, que nada sabia acerca desse assunto.

O que em definitivo me convenceu acerca dos superiores talentos de Toran e do seu muito favorecido intelecto foi o fluente domínio do idioma egípcio que revelava possuir, bem como o facto de haver lido e estudado muito do que eu mesmo havia escrito sobre os mais diversos assuntos. Confessou-me ainda considerar ele ser o meu tratado sobre as táticas e as batalhas navais obra de um génio e ter mesmo traduzido muita da minha poesia para a língua minoica.

Foi apenas pelo segundo dia das nossas deliberações que abordámos o assunto da aliança proposta entre as nossas duas poderosas nações, bem assim como a maneira como poderíamos confirmar e consolidar esse mesmo pacto. Essas deliberações prolongaram-se por outros três dias, no decurso dos quais, até ao limite, um diante do outro pusemos à prova todo o nosso poder de negociação. Por fim, ao quarto dia, achámo-nos na disposição de assinar um acordo, por mim próprio redigido, tanto em hieróglifos egípcios quanto na escrita Linear A minoica.

Considereei ser aquele o momento oportuno para apresentar as minhas princesas a Toran, pelo que o convidei, a ele e ao seu séquito, para jantarem connosco na noite seguinte.

Supervisionei pessoalmente a seleção dos vinhos e decidi quais os pratos que haviam de nos ser servidos. Ainda que o meu menu fosse quase tão extenso como o tratado que eu acabara de assinar com Creta, era consideravelmente mais fascinante do que este último. Pelo que, dediquei a tarde inteira à preparação das minhas duas princesas para a ocasião. Era essencial para o meu propósito, já para não referir as grandes vantagens para o nosso bem-amado Egito, que Toran fosse induzido a levar uma resplandecente descrição de todos os seus atributos quando regressasse ao palácio de Cnossos.

Com extremo cuidado, do colossal guarda-roupa que eu havia trazido de Tebas, escolhi os tecidos e as cores que melhor

adornavam a beleza das minhas duas meninas: o rosa para Bekatha e o verde para Tehuti.

Sentei-me junto às duas mulheres que lhes aplicavam a maquilhagem no rosto, posto não aceitar eu de nenhuma delas nada que não roçasse a perfeição. Quando, por fim, me senti satisfeito com os seus esforços, havia levado ambas às lágrimas, todavia, os resultados eram bem merecedores de toda aquela minha perseverança. A única beleza que eu havia contemplado naquela noite em particular e que excedia a das minhas meninas era a do rosto da deusa Inana sob a luz da Lua. Sabia eu bem que nem Toran nem o seu senhor em Creta seriam capazes de resistir às minhas duas meninas, do mesmo modo que nem mesmo eu havia sido capaz de o fazer.

Nessa noite, aguardei que Toran e os restantes comensais estivessem sentados à mesa magnificamente decorada, que havia sido toda preparada por mim, e que todos eles tivessem sido servidos de vinho, antes de, a um sinal meu, as minhas meninas fazerem a sua entrada.

Quando surgiram, deslizantes, uma ao lado da outra e transpuseram a porta dupla que havia ao fundo da sala, um imediato e profundo silêncio desceu sobre todos os convivas. Enquanto os homens ficavam cativos do deslumbramento, as mulheres eram confrangidas pela inveja.

As minhas princesas detiveram-se em frente a Toran, fazendo-lhe ambas uma elegante reverência. Loxias, que seguia atrás delas, também se inclinou, fazendo uma vénia. Bem entendido que não havia eu malbaratado nenhuma da minha atenção com a rapariga cretense, que trazia um vestido de uma cor bem mais do que apenas um tanto pardacenta e lhe deixava os joelhos a descoberto. Ainda que o seu rosto e os seus joelhos fossem bastante bonitos, não eram de uma beleza excecional. Era bem notório que havia sido ela mesma a atender ao arranjo do seu próprio cabelo e maquilhagem. Afinal de contas, não passava ela de uma serva, e muito afortunada por eu lhe ter dado autorização para participar naquele banquete.

Espreitei pelo canto do olho para ajuizar da reação de Toran àquela pletora de pulcritude feminina e apercebi-me de que olhava fixamente por sobre as cabeças das minhas duas princesas e sorria. Desviei a minha atenção para essa mesma direção, e, para meu grande espanto e desgosto, vi Loxias devolver-lhe um sorriso tímido. Foi nesse mesmo instante que me lembrei da admiração que a rapariga havia manifestado sentir pelo Senhor Remrem e percebi como aquela criança devia ter uma predileção por homens mais velhos.

De imediato, moderei a minha insuflada opinião acerca de Toran. Ainda que ele pudesse ser um afável e erudito homem de Estado com um gosto literário requintado, no que dizia respeito às mulheres, tornava-se manifesto que não conseguia distinguir um resplandecente colibri de um pardalito pardacento.

Com um gesto, indiquei às minhas meninas os lugares livres de cada um dos lados de Toran, para que os ocupassem, tendo ambas recebido previamente instruções da minha parte para que o deixassem deslumbrado com o seu domínio do idioma minoico. Então, com um movimento de cabeça, desterreí Loxias para o extremo mais distante da sala, onde gozaria de total liberdade para exercitar os seus triviais encantos com alguns dos meus jovens oficiais, mais próximos dela em idade e em estatuto social.

No decurso das semanas seguintes, vi-me na obrigação de passar a maior parte do tempo em solene conclave com Toran, o Senhor Remrem e o alto comando militar sumério a fazer o planeamento e a coordenação da nossa campanha conjunta contra o Rei Gorrab. Os dias passaram sem nos apercebermos, tendo eu ficado com a sensação de que não me era deixado sequer um momento para respirar.

Dois dias antes da partida da caravana da Babilónia com destino ao porto de Sídón, não pude resistir mais à tentação que sentia de fazer uma visita de despedida ao templo de Ishtar. Tinha eu a fervorosa esperança de conseguir encontrar naquela bizarra construção um qualquer vestígio persistente de Inana, talvez uma

mensagem críptica sua ou, pelo menos, um vestígio esotérico da presença da deusa.

Combinei com Onyos, o sacerdote da túnica verde daquela deusa, que me deixaria ter acesso ao templo depois de o ter encerrado para os restantes fiéis. Fui sozinho, vestido com uma túnica cinzenta com capuz, muito semelhante à que Inana havia usado sempre. Passava bem uma hora da meia-noite quando cheguei à porta de postigo do templo, onde Onyos me aguardava.

— Desejo permanecer sozinho — dispensei-o, depositando uma moeda na palma da sua mão. Afastou-se de mim respeitosamente, inclinando a cabeça numa reverência solene e desaparecendo pelo meio da escuridão da nave hipostilo.

Sem o reflexo do enorme espelho solar instalado no telhado para o iluminar, o templo era um lugar sombrio e inquietante. Achava-se deserto, salvo a presença de uns quantos sacerdotes e sacerdotisas de túnicas verdes vestidas. Os cubículos nos quais de habitual as mulheres aguardavam para prestar o seu serviço obrigatório à deusa estavam agora vazios. Alguns dos *frescos* mais extraordinários tinham a iluminá-los candeias com refletores de cobre polido.

A luz vacilante tripudiava por sobre as figuras pintadas, imbuindo-as de uma vida dissoluta muito particular. Detive-me diante de algumas, demorando-me ali em pensamentos sobre o abismo que separava aquelas imagens da verdadeira natureza casta e sagrada da divindade a quem eram dedicadas. Durante a viagem de exploração que Inana me levava a fazer, havia eu ficado a saber que aquilo em que os homens acreditam sobre os deuses é, na maior parte, o que a sua imaginação deseja. É absurda a ideia de que um homem consegue vergar os seres imortais à sua vontade por meio da oração e do sacrifício ou da confissão piedosa. Os seres imortais fazem tão-só o que mais lhes apraz, ou seja, velam pelo seu próprio poder e prazer.

Lenta e atentamente, perscrutei os lóbregos corredores e claustros, sem que em algum deles conseguisse detetar o mais pequeno vestígio da existência de Inana. O Rei Marduk havia erigido aquela enorme construção na tentativa de atrair a deusa

para ele e desse modo a capturar, todavia, sabia eu agora, a deusa nunca era a presa, posto ser ela antes a caçadora.

Subi para o terraço, que circundava em espiral os muros exteriores do templo. Havia sido nesse mesmo lugar que ela me aparecera em tantas ocasiões, agora, porém, não encontrava eu ali vestígio algum da sua presença. Uma vez chegado à açoteia, sentei-me ao lado do gigantesco espelho de metal, que, nas horas de luz, projetava os raios de sol para o interior da nave.

Procurei-a na cintilante abóbada estelar do céu da meia-noite que se estendia por sobre a minha cabeça, contudo, não havia ela deixado ali nada para mim. Tudo quanto me restava era a memória que guardava dela e a sua promessa de um dia voltar para mim.

Tinha o Rei Nimrod ordenado que, do lado de fora das grandes portas de entrada na cidade, fosse erigido um pavilhão real, decorado com bandeiras, flores e folhagem de palmeira. No próprio dia em que partimos para Sídón, Sua Majestade ocupou o púlpito, instalado no palanque de reverência. Ficou o rei rodeado pelos nobres sumérios, pelos altos comandos militares e pelos dignitários da cidade. O Senhor Remrem, o Coronel Hui e os restantes oficiais egípcios, que deviam permanecer na Babilónia com ele, ocupavam também posições privilegiadas naquele estrado.

No dia anterior, tinha eu mandado toda a criadagem, escravos e demais não-combatentes avançarem na dianteira das nossas forças principais. Com eles, haviam ainda seguido viagem os carros com a bagagem e as manadas de cavalos e camelos. Deste modo, quando desfilámos perante o Rei Nimrod, tinha eu a acompanhar-me apenas os meus oficiais e combatentes.

Todos os carros, armas e armaduras haviam sido reparados, renovados e polidos para que se mostrassem reluzentes ao sol. Os cavalos e os camelos haviam sido alimentados, escovados e deixados a descansar até se acharem nas melhores condições. Zaras ficara com a incumbência de reservar aos homens essa mesma atenção, sendo-lhes interdito sequer o menor descuido. Parecíamos mesmo o pequeno exército de duros combatentes que na realidade éramos.

Muitos daqueles homens haviam estabelecido relações com a população local, pelo que havia incontáveis mulheres chorosas nas beiras dos caminhos, que desciam até à costa, trazendo mesmo algumas delas filhos nos ventres. Tudo isto mais não fazia do que incrementar grandemente a emoção e o drama do momento.

Toran seguia a cavalo à minha esquerda, tendo-se posto as minhas duas princesas à minha direita. De alguma maneira, Loxias havia conseguido arranjar um lugar logo atrás, bem próximo do embaixador monoico, sendo isso algo que deixara de me surpreender ou inquietar. Ficara eu a saber que não mais dormia ela nos mesmos aposentos privados que as minhas meninas, e que, desde a chegada de Toran à Babilônia, encontrara ela novas acomodações, assunto sobre o qual me havia escusado a fazer novas indagações.

Com o embaixador e as minhas princesas reais a ladearem-me e a banda do regimento, composta pelas trombetas de cornos, as flautas e os tambores, logo atrás de nós, conduzi os meus homens para fora das portas da cidade. Detive aquela coluna militar apenas quando alcançámos o patamar do pavilhão real, momento em que desmontei e subi as escadas até ao púlpito onde o Rei Nimrod se encontrava.

A banda parou de tocar e a multidão guardou um respeitoso silêncio no momento em que pousei um joelho no chão diante do Rei Nimrod. Sua Majestade soergueu-me e abraçou-me com o mesmo carinho com que o meu próprio irmão, caso o tivesse, teria feito. Era aquele o único gesto condizente com a restituição que eu lhe havia feito do seu reino e do seu exército. Além disso, transformara-o eu num homem rico e conseguira mesmo restituir-lhe uma grande parte da fortuna que o seu pai, o Rei Marduk, havia dilapidado.

Depois de trocarmos votos de eterna amizade, que, da minha parte, não foram inteiramente sinceros, separámo-nos.

Depois de tornar a montar o meu garanhão, num gesto preparativo, ergui a mão direita para dar a ordem de marcha e a banda fez soar os primeiros acordes do hino do nosso regimento.

Naquele momento repleto de tensão, à minha esquerda, de uma voz minha muito bem-querida, soou um grito que se repercutiu pelas muralhas maciças da cidade.

— Alto! — gritou a Princesa Bekatha, e todos obedecemos à sua ordem. A música tocada pela banda, bem como o júbilo do aglomerado de gente titubearam até mergulharem num silêncio confrangedor. Todos os olhos, entre os quais os meus, se voltaram para ela e a fitaram.

— O que te aflige, querida? — perguntei-lhe em tom de voz tranquilizador, posto aperceber-me logo de que se achava ela à beira de uma das suas famosas birras. É possível que eu seja em parte responsável pelo temperamento descontrolado de Bekatha. Talvez tenha eu sido demasiado complacente com ela no passado.

— O que julga o Hui que está a fazer ali em cima, naquela plataforma, a esconder-se por detrás do Senhor Remrem, enquanto eu me vejo forçada a partir sozinha para uma desoladora e ímpia ilha, situada no extremo mais distante do mundo? — Bekatha arremessou a mão direita para diante, apontando para a pessoa que lhe havia feito tamanha ofensa terrível. — Vejam como ele se esconde ali! — Todas as cabeças ali reunidas, incluindo a do Rei Nimrod, se voltaram para Hui.

— Disseste que nunca mais querias voltar a ver o Hui — Loxias relembrou a Bekatha.

Rodando o corpo sobre si própria, Bekatha voltou-se para ela.

— Não te metas nisto, ou vais ver o quanto te arrependes!

— A Loxias tem razão. Disseste que odiavas o Hui. — Com galhardia, Tehuti correu em defesa da rapariga cretense.

— Eu nunca disse isso. Nunca empreguei a palavra «ódio»!

— É bem certo que sim — disseram as outras duas raparigas em uníssonos, chegando mesmo Tehuti a ir um pouco mais longe, ao dizer:

— Chegaste inclusive a dizer que ias ordenar a sua decapitação.

— Eu nunca falei em «decapitação» — insistiu Bekatha com os olhos rasos de lágrimas de fúria. — Eu falei em «castigo». Disse que queria que o castigassem.

Aqueles da assistência que se achavam atrás da tribuna apinhada de gente começaram a perguntar aos que estavam mais à frente e percebiam um pouco de egípcio:

— O que foi que ela disse?

— Ela disse que queria que decapitassem alguém. — De pronto, as crianças que se encontravam pelo meio da multidão começaram a choramingar com descaro, pedindo aos pais para as levantarem e porem aos ombros para assim melhor assistirem à execução.

— Eu, inclusive, ouvi-te dizer que o Hui é um imbecil e um bárbaro — atalhei, entrando na conversa, ainda que com prudência, a coberto do burburinho.

— Eu disse simplesmente que o Hui não devia ter-se rido de mim.

— Não o achas feio?

Bekatha baixou os olhos e a voz.

— Realmente, não. Na verdade, acho-o até adorável, de uma forma um tanto estranha.

— Então, e o que tens a dizer das suas cinco esposas?

— Ele prometeu-me que as mandaria de volta para as suas mães.

Pestanejei. Era evidente que aquele assunto tivera já um desenvolvimento que estava completamente fora do meu controlo.

— O melhor seria, talvez, deixá-lo aqui, na Babilónia, ou cumprir a tua promessa e decapitá-lo — sugeri.

— Não sejas tão cruento, Tata.

— Tens a certeza absoluta que a tua vontade é que o Hui venha para Creta connosco?

A princesa assentiu com a cabeça, mostrando um sorriso irresistível, pelo menos para mim. Soergui-me sobre os estribos e gritei por sobre as cabeças da multidão.

— Hui! Pega nas tuas coisas e vem para a formatura. Não vou ficar aqui à tua espera. Se não te tiveres juntado ao teu regimento antes de Sol desaparecer, direi que te ausentaste sem autorização.

Toquei com os calcanhares nos flancos do meu cavalo, e, em passo de marcha, dirigimo-nos para a costa. Pelo canto do olho, vi como o Coronel Hui se despachava a descer do púlpito real com uma pressa inconveniente, após o que, ignorando os protestos do

Senhor Remrem, desatou a correr na direção das portas da cidade para ir recolher os seus pertences.

Perguntei-me por que razão me sentia tão satisfeito comigo mesmo. Acabara de tomar uma decisão quase totalmente insustentável. Não iria retirar dela proveito próprio algum, a não ser ter agora de novo sob as minhas ordens o melhor auriga do Egito e ter tornado a deixar feliz a minha pequenina Bekatha.

Nos seis dias seguintes, progredimos pelo rio Eufrates, tomando a direção noroeste, até chegarmos ao cruzamento do Caminho Real, situado na cidade de Resafa. Nesse ponto, desviámo-nos para seguirmos pelo caminho principal, que descia pelo meio das montanhas, até chegarmos a um sítio tão distante quanto Ash-Sham, a cidade de Jasmine.

Desde que havíamos deixado o mar Vermelho para trás, a viagem levava-nos a descrever um enorme círculo, que, em momento algum, nos aproximaria mais de setecentas léguas das terras dominadas pelos Hicsos em todo o entorno norte da Mãe Nilo.

A partir da cidade de Jasmine, pudemos, enfim, avançar sem mais desvios para oeste até ao porto de Sídón, situado nas costas mais orientais do mar Interior. Foi esta a etapa mais bonita e mais agradável da longa viagem, levando-nos a descer pelo meio das montanhas e das florestas do Líbano.

Gigantescos cedros, que nunca haviam sido tocados pelo machado, emolduravam o caminho principal. Pareciam ser os pilares que sustinham o céu inteiro, chegando, desse modo, a alcançar a verdadeira morada dos deuses. Naquela época do ano, os ramos mais altos encontravam-se engalanados com encanecidas grinaldas de neve fresca e cristalina e o ar achava-se impregnado do perfume da resina.

À medida que íamos descendo para a costa e aproximando-nos da mesma, a temperatura ia subindo, pelo que pudemos despojar-nos das peles e dos pesados xales de lã que havíamos comprado na cidade de Jasmine. Ao sairmos das florestas de cedro, descobrimos outra montanha que se erguia diante de nós, tendo-me garantido os meus guias ser aquele o monte Rana, que, no idioma

cananeu, significa «Perfeito na sua Beleza». Situa-se no litoral do mar Interior, entre os portos fenícios de Tiro e Sídón, tendo a separá-los uma distância de perto de vinte léguas.

Essa montanha dividia a rota comercial pela qual seguíamos. Tomámos o desvio da direita, e, ao contornarmos o flanco do monte Rana, fomos brindados com o nosso primeiro vislumbre do mar. Era uma maravilhosa tonalidade de azul-celeste forte que se estendia até ao horizonte. Até os ventres das eminentes montanhas de nuvens por cima do mesmo estavam tingidos de azul, graças ao reflexo das águas que estavam por debaixo.

Sídón era uma das cidades comerciais mais prósperas e fervilhantes daquela costa, e o seu porto achava-se apinhado de navios mercantes. Mesmo a longa distância, consegui distinguir no velame de muitas das embarcações maiores o machado de cabeça dupla, as insígnias de Creta, entre as quais se achava a flotilha que havia levado Toran da sua cidade até àquele porto. Aproximou-se de mim para se despedir, antes de, montado no cavalo, descer até ao porto para aí embarcar no seu navio porta-estandarte real e assumir o comando. Ele zarparia antes de nós para ir avisar o Supremo Rei Minos da nossa chegada iminente.

Escolhi uma zona de terreno aberto junto à raia do caminho, a meia légua de distância dos muros de pedra do porto. Nesse sítio, um ribeiro que corria das encostas do monte Rana havia de nos prover um suprimento de água adequado. Dei ordem a Zaras para que naquele mesmo local montasse o acampamento do regimento, mas, antes de estar todo concluído e pronto para ser ocupado, uma delegação transpôs as portas da cidade e desceu o caminho para vir ao nosso encontro.

Vi que o homem que seguia a cavalo na dianteira trazia vestida a túnica dos oficiais sumérios de maior graduação, mal foi chegado ao pé de mim, desmontou e disse:

— Eu sou Naram Sin, o governador da província de Sídón — apresentou-se, batendo com o punho cerrado no peito, num gesto de respeito. — Bem entendido que sei bem que sois o Senhor Taita, posto o vosso nome ser já conhecido e venerado por toda a Suméria. Sua Majestade o Rei Nimrod deu-me ordens estritas para

vos outorgar todo o meu respeito e obedecer às vossas instruções no mesmo instante e sem protesto algum. Devo velar para que a vós mesmo e às damas reais não lhes falte nada.

— Agradeço-vos por estas amistosas boas-vindas. O primeiro pedido que tenho para vos fazer é se podeis prover-nos de forragem para os nossos animais.

Naram Sin rodou sobre os calcanhares e gritou um sem-número de ordens para os seus subordinados, que se apressaram a executá-las. O governador tornou a voltar-se para mim, interpelando-me assim:

— Há mais alguma coisa em que eu possa ajudar-vos, senhor?

— Levai-me, por favor, aos estaleiros onde se encontra a minha armada a ser reequipada. Estou ansioso por inspecionar esse trabalho.

A um primeiro olhar, as seis galés por mim adquiridas a Nimrod haviam de ser uma grande decepção. Achavam-se todas assentes sobre estaleiros para desse modo eu melhor poder inspecionar os cascos abaixo da linha de flutuação. Cometi o erro de as comparar com as magníficas trirremes minoicas, que eu mesmo havia capturado na fortaleza de Tamiat. Estas embarcações sumérias tinham quase metade do tamanho, e, pelo traçado dos cascos, deduzi deverem ser bem mais lentas e não tão manobráveis assim.

Foi com algum esforço que consegui afastar do espírito essa minha desilusão e me determinei em concentrar toda a atenção em fazer o melhor que conseguisse com aquilo que ali tinha em mãos.

Ao longo das semanas seguintes, a maior parte das horas em que me mantive acordado foi passada com Zaras e os carpinteiros naqueles depósitos. Todos eles faziam o melhor que podiam de um mau trabalho, não sendo isso, porém, o bastante para me deixar satisfeito, posto exigir eu sempre a perfeição.

Inspecionei cada prancha e cada verga; ao acaso, despreguei algumas cavilhas dos cascos e vistoriei-as em busca de sinais de corrosão, o mesmo tendo eu feito com as guarnições de bronze. Para atestar da qualidade da mão de obra e do acabamento, escavei com a ponta da espada no interior da calafetagem. Dei

ordem para que todo o velame fosse desfraldado e estendido sobre o areal da praia, de molde a eu poder examiná-lo com a maior minúcia, procurando rasgaduras e pontos fracos na lona para depois serem reparados.

Em seguida, dei ordem para que se procedesse a uma série de alterações nos cascos, cujos pormenores haviam sido discutidos entre mim e Zaras durante a longa viagem que havíamos feito da Babilónia. Quando mostrei ao capataz do estaleiro os meus desenhos, ele resmungou, queixou-se e inventou uma dúzia de contrariedades, todas por mim rebatidas de modo implacável.

Era minha vontade utilizar aquelas galés no apoio estrito ao nosso exército terrestre, que em breve havia de se defrontar contra as legiões hicsas, por todo o litoral norte do Egito. Apesar da minha apreensão inicial, estava eu agora persuadido de que aquelas embarcações seriam bem capazes de, com boa rapidez, deslocar grandes contingentes de homens de qualquer ponto do delta para onde quer que eles fossem mais necessários. Não obstante, as tropas eram inoperantes sem os carros e os cavalos.

Por fim, o capataz do estaleiro capitulou perante aquelas minhas exigências e construiu rampas de carregamento de acesso ao interior das popas das galés, obrigando-o eu ainda a reforçar o tabuado entre os bancos dos remadores, por forma a aguentar este a carga de doze carros com os respectivos cavalos, mesmo em mar tempestuoso.

Seríamos capazes de inverter a marcha dessas embarcações, por forma a abrigarem-se em qualquer praia conveniente ou em qualquer outro local de desembarque adequado, para aí fazerem saltar em terra um esquadrão de mais de setenta carros de combate com as respectivas parelhas de cavalos presas a estes pelos arneses e os seus homens nas cabinas, prontos para de imediato entrarem em ação. Assim que tivessem alcançado o seu objetivo, poderiam ser recolhidos da dita praia com igual presteza.

Enquanto este trabalho estava a ser levado a cabo, Toran recebeu ordens do Supremo Rei Minos para retardar a sua partida, para dessa feita poder navegar em comboio connosco. Pôs ele à minha disposição as suas grandes e confortáveis galés para

fazerem o transporte das princesas reais e de todo o seu séquito em bem maiores comodidades do que desfrutariam nas minhas embarcações muito mais pequenas.

Foi uma sorte o soberano cretense ter-me concedido esta cortesia, de contrário, Toran não teria tido a oportunidade de testemunhar as capacidades bélicas do meu pequeno exército.

No momento em que se achavam concluídas as modificações nos cascos das embarcações, a estação das tormentas chegava ao seu termo, pelo que os deuses nos favoreciam agora com o bom tempo e os mares bonançosos. Todavia, antes de zarparmos para Creta, determinei eu a obrigatoriedade de pormos à prova a navegabilidade dos renovados cascos, bem como a operacionalidade das alterações executadas por mim. Naquele entretanto, seria eu capaz de habituar os aurigas à utilização das rampas de carregamento à popa.

Fizemo-nos ao mar e, por vários dias inteiros, navegámos para cima e para baixo, sempre com a costa à vista, e desembarcando os carros em todas as praias ou promontórios que nos permitissem fazê-lo, para logo em seguida tornarmos a trazê-los para bordo. Mantive este exercício até os homens e as respectivas montadas se acharem treinados com grande minúcia e demonstrarem possuir perícia bastante naquelas manobras. Quando, por fim, me senti satisfeito, regressámos, então, ao porto de Sídon.

Dois dias antes de partirmos em definitivo para Creta, logo às primeiras horas da manhã, quando descia eu pelo caminho que me levava do acampamento ao estaleiro, com o propósito de supervisionar os trabalhos do dia, já nas imediações do porto, um mendigo com um olho apenas aproximou-se de mim. Tentei afastá-lo para o lado e prosseguir com a conversa que vinha a ter com Zaras e Hui, que então me acompanhavam, todavia, aquele safado imundo era deveras obstinado. Lamuriando-se, catrafilou-se ele à minha manga, pelo que me voltei e elevei o meu bastão ao ar para o repelir, porém, não demonstrou ele ter a mais pequena réstia de medo, mostrando-me, ao invés disso, um sorriso insolente.

— O Senhor Aton desafia-vos para uma partida de *bao* — disse-me em tom desbragado. Baixei o bastão e olhei-o, embasbacado. O

que acabara de dizer era de tal modo incongruente com aquelas fauces desdentadas e fétidas que, por um instante, fiquei inteiramente perplexo. Antes de conseguir recuperar o discernimento, o sujeito enfiou um rolo de papiro minúsculo na minha mão e afastou-se, correndo pela ruela abaixo apinhada de gente. De imediato, Zaras correu no seu encalço, porém, gritei-lhe para que voltasse.

— Deixa-o ir, Zaras. É amigo de um amigo meu.

Zaras deteve-se com alguma relutância e olhou para mim.

— Tendes a certeza de que não vos roubou a bolsa? Não quereis que lhe arranque a verdade à pancada, pelo sim e pelo não?

— Deixa lá! — respondi-lhe. — Deixa-o ir! Volta para aqui, Zaras!

— O meu capitão obedeceu-me, ainda que, desconfiado, continuasse a olhar por cima do ombro.

Regressei de imediato ao acampamento e isolei-me na minha tenda para desdobrar e ler aquele papiro. Num relance, vi que se tratava aquela, de facto, de uma mensagem de Aton. A sua caligrafia é inconfundível. À semelhança dos seus modos, é pretensiosa.

Ao quinto dia de Pajon, o abutre enviou uma alcateia de duzentos chacais para leste, a partir de Zanat, para intercetar o falcão ferido no buraco da parede e evitar o seu voo até ao ninho da nova ilha.

O próprio conteúdo da mensagem confirmava de um modo inequívoco a identidade do seu autor. No código secreto usado entre mim e Aton, o abutre era o Rei Gorrab. Referiam-se os duzentos chacais ao número de carros hicsos. Zanat era o nosso nome de código para a cidade fronteiriça de Nello, situada entre a região norte do Egito e o Sinai. O buraco na parede era Sídón e o ninho da nova ilha era Creta. O falcão ferido era, bem entendido, o meu hieróglifo pessoal.

Numa linguagem simples, Aton advertia-me para o facto de, há dezasseis dias, Gorrab ter enviado um destacamento de duzentos carros para Sídón, pelo caminho costeiro de Nello, para me intercetar e impedir-me de zarpar rumo a Creta.

Não me provocava nem uma grande comoção nem uma desmedida surpresa o facto de Gorrab e os seus sequazes terem

tido conhecimento desta minha missão. Em qualquer comitiva tão grande e tão dispersa quanto esta, que eu havia conduzido de Tebas à Babilónia e agora levava até ao porto de Sídón, havia sempre alguém que falava demais e outro qualquer com ouvidos atentos. Havíamos passado tempo suficiente no caminho para que aquela notícia tivesse chegado ao covil de Gorrab, em Mênfis, e para que ele conseguisse reagir à mesma a tempo. Ainda que eu tivesse tomado todas as precauções possíveis para apagar o nosso rasto, havia-me resignado ao facto de Gorrab saber bem que era eu quem estava no comando desta missão. A minha reputação precede-me. Todavia, também devia ele saber o formidável adversário que eu sou.

Não desperdicei nem mais um instante sequer a descortinar como Aton havia conseguido reunir toda aquela informação, nem se era autêntica, nem como havia ele conseguido fazê-la chegar até mim. Do mesmo modo que acontece comigo, Aton dispõe dos meios necessários para fazer as coisas. De novo, tal como eu, ele não cometeu erros.

Passei a cabeça pela abertura da tenda e gritei por Zaras, que, por se achar ali próximo à minha espera, chegou quase de imediato com Hui bem próximo no seu encalço.

— Embarquem os homens e carreguem os carros nos navios de imediato. Pretendo zarpar antes do meio-dia — ordenei-lhes.

— Para onde? — quis saber Hui. — Trata-se esta de outra manobra para nos exercitarmos?

— Não faças perguntas estúpidas. — Zaras voltou-se para ele, arremessando-lhe com violência. — Limita-te a fazer o que Taita te manda, e fá-lo depressa.

Faltava uma hora inteira para o meio-dia quando conduzi a armada para fora do porto de Sídón. Por obséquio meu, Toran viera pôr-se a meu lado na popa do meu navio porta-estandarte real, ao qual dera eu o nome de *Fúria* por ter sido essa a primeira reação que tive, mal os meus olhos pousaram nele.

Tão pronto quanto deixámos para trás o quebra-mar, virei eu de bordo para sul. As restantes embarcações da armada amuraram em

sucessão atrás de mim e assim corremos em paralelo à costa pela linha de popa, posto ter eu feito alguns cálculos rápidos com base na informação sucinta que Aton me havia fornecido.

Se, como Aton me advertira, os atacantes hicsos haviam, na verdade, saído de Zanat ao quinto dia do Shemu, teriam tido de afrontar ainda uma viagem para cima de quatrocentas léguas antes de chegarem a Sídón. Num trajeto de uma extensão similar, com os carros tão abarrotados de carga, conseguiriam eles cobrir apenas umas vinte léguas por dia sem castigar demasiado os cavalos; e os animais teriam de descansar e de pastar. Deste modo, no total, essa viagem havia de lhes tomar perto de vinte dias. Pelos cálculos de Aton, levavam eles já dezasseis dias de caminho, pelo que, era provável que se encontrassem na nossa dianteira tão-só a umas oitenta léguas de distância. Lançámos para o fundo o ferro dos nossos navios, tão pronto quando o Sol se pôs.

Quando Toran me inquiriu acerca da minha relutância em navegar por todo o período noturno, dei-lhe a minha explicação nestes termos:

— Não posso correr o risco de navegar perto do inimigo durante a noite cerrada. Todavia, o facto de lançarmos ferro não irá retardar demasiado o nosso encontro. Os carros hicsos hão de precipitar-se no nosso encalço a toda a velocidade. Podemos esperar encontrar-nos com eles passado o dia de amanhã, por volta do meio-dia. — Depois de fornecer a Toran todos estes cálculos, fez-me ele outra pergunta perspicaz.

— Como sabemos nós que estamos no mesmo alinhamento que eles? Decerto que, da coberta deste navio, teremos não mais do que ocasionais vislumbres do caminho junto à costa.

— Pó e fumo — respondi-lhe.

— Não compreendo.

— Duzentos carros hão de levantar uma nuvem de pó tal que seremos capazes de a ver a grande distância a partir do mar.

Ainda que assentisse com a cabeça, Toran insistiu:

— Então, e o fumo?

— Um dos hábitos deveras distintivo dos Hicsos é queimarem todas as aldeias por eles tomadas, de preferência com os respetivos

habitantes entrincheirados nas próprias casas. Podeis estar certo de que a sua progressão será bem notada através de nuvens de pó e de colunas de fumo. São um povo realmente detestável.

Tal como eu havia conjecturado, ao segundo dia, passada uma hora do meio-dia, vislumbrei uma densa fumaça a subir para lá de um pequeno bosque, a não mais de algumas centenas de passos terra adentro, passada a pequena ondulação que rebentava na costa.

Subi ao alto do mastro e, daquele ponto vantajoso, vi como aquele braseiro havia sido provocado ainda há muito pouco tempo. O que me fez perceber isso foi a coluna de fumo estar a tornar-se mais espessa e a elevar-se mais alto em todo o tempo em que eu a observava. Foi então que, para lá da primeira coluna, apareceram ainda em outras três localizações separadas outras tantas colunas de fumo.

— Aí está mais outra aldeia arrasada com a chacina de todas as criaturas vivas que habitavam nela — murmurei. Nesse mesmo instante, vi duas figuras femininas surgirem do meio dos arbustos e do matagal, que se achavam na zona por cima da praia. Ambas fugiam aterrorizadas e sem amparo. Uma das mulheres trazia uma criança de tenra idade aos ombros e olhava para trás ao mesmo tempo que fugia. Correram pela descida que dava acesso ao areal gemado da praia, direitas à borda da água, virando depois para continuarem a correr ao longo da mesma, onde a areia que pisavam estava mais firme. Olhavam para as nossas embarcações e agitavam freneticamente os braços na nossa direção.

De pronto, um carro com as linhas hicsas precipitou-se a toda a velocidade por um caminho de terra batida abaixo, que corria pelo meio do matagal e se estendia pela parte de cima daquela praia. Nele seguiam três homens, todos eles com a inconfundível armadura hicsa e com os elmos de bronze em forma de tigela. O auriga deu rédea solta ao cavalo antes de alcançarem as areias moles e traiçoeiras da orla da praia. Aí chegados, os três saltaram da cabina e desataram a correr em perseguição das fugitivas. Não prestaram eles grande atenção às nossas embarcações, posto estarmos demasiado longe da costa para os fazermos supor sermos

nós uma ameaça evidente. É estranho como os homens das forças terrestres sabem tão pouco acerca dos navios e daquilo de que eles são bem capazes. Toda a sua atenção se achava, pois, concentrada naquelas mulheres que perseguiram. Dizia-me a minha amarga experiência que, quando tivessem terminado o que queriam fazer com a mãe, haviam eles de usar no seu filho pequeno toda a mesma brutalidade.

— Ides resgatar aquelas mulheres? — Toran havia posto as mãos em concha em volta da boca para me gritar do castelo.

— Não há lugar seguro algum onde desembarcar. O melhor será deixarmos aqueles porcos com vida; mais tarde, poderemos massacrá-los juntamente com outros duzentos dos seus companheiros — gritei-lhe, após o que dei ordem ao timoneiro para que rumasse o navio para o alto-mar. Toran manteve-se no carril de popa do navio de olhos fixos postos na praia a ver o tratamento que os aurigas hicsos iam dar às mulheres que haviam capturado. Ignorei os seus indignados berros de horror e fúria.

Nem tão-pouco olhei de relance para ver o que estava a passar-se no areal. Havia-o eu visto tudo aquilo antes em centenas de ocasiões, senão mais, ainda que isso não significasse ser aquilo mais fácil de assistir. Em vez disso, concentrei toda a atenção em afastar a minha pequena flotilha para bem longe de terra, para logo navegar em paralelo à costa, do mesmo modo que havíamos feito à chegada.

Umas quantas horas antes havíamos nós passado por uma pequena enseada, bem resguardada por promontórios rochosos, que haviam sido arrancados à terra firme por um rio com um caudal considerável. Nesta estação seca, porém, o referido rio havia ficado reduzido a um rego apenas. O caminho que corria junto à costa atravessava o rio num vau resguardado de ambos os lados por escarpados e rochosos declives, que haviam de constituir um sério obstáculo à coluna de carros que ascendia pelo caminho e que os conduziria ao porto de Sídón. Os Hicsos haviam de se ver forçados a danificar todos os carros para atravessarem o rego a vau. E, quando o fizessem, desprovidos da capacidade de manobra, ficariam vulneráveis.

Às primeiras horas do dia, quando deixávamos para trás essa baía, havia eu tomado bem nota de uma praia estreita de areal gemado, escondida por detrás do promontório mais setentrional, que assim a protegia da ondulação marítima mais bravia. O declive era gradual e as areias pareciam ser suficientemente firmes para permitir que os nossos carros rodassem por sobre as mesmas até alcançarem terreno mais firme, um tanto mais adiante.

Naveguei de novo em paralelo à costa, tomando a direção desse sítio para aí organizar uma emboscada. Ao passar com a minha embarcação junto a cada uma das minhas outras galés, manobrei-a de modo que me acercasse o bastante para gritar as minhas ordens aos homens que seguiam a bordo delas. Uma após outra, todas fizeram a mesma manobra e seguiram o *Fúria* com a rota traçada ao desembarcadouro por mim escolhido. Todos havíamos dado as velas ao vento e os remadores haviam aumentado a força da remada de velocidade cruzeiro para velocidade de ataque. Velocidade cruzeiro é a remada que os homens dos remos conseguem manter durante três horas sem descanso, ao passo que a velocidade de ataque os deixará totalmente esgotados numa hora.

Na água, as esteiras revolviam-se de branco e a ondulação enrolava-se por debaixo das popas, enquanto navegávamos bem em direção a terra firme. Seguíamos com tamanha velocidade que tive dúvidas que os remadores conseguissem manter aquele ritmo de remada. Ainda assim, o seu sangue fervilhava e nunca fraquejaram até ao momento em que vimos aquela enseada diante das proas.

Observei-a ansioso e cheio de entusiasmo ao me aperceber de que era ainda mais adequada ao meu propósito do que inicialmente havia imaginado. A praia tinha amplitude bastante para albergar duas das galés de uma só vez, pelo que esse facto havia de acelerar todo o trabalho de desembarcar os homens.

Além desta vantagem, via eu agora que o caminho pelo qual a coluna de carros hicsos se veria forçada a seguir para se aproximar do vau se achava cheio de arbustos e árvores cerradas e quase impenetráveis. Isso havia de entravar grandemente a progressão do grupo da retaguarda dos carros, que se veriam incapazes de

avançar por o vau se achar bloqueado pelos veículos da frente, dado terem sido empurrados para aí e agora não conseguirem retirar-se dali com rapidez suficiente, posto o vau ser demasiado estreito para permitir que os carros fizessem as manobras necessárias com maior agilidade. Se eu ocultasse os arqueiros pelo meio dos arbustos existentes de cada um dos lados do caminho, poderiam eles disparar as flechas a uma distância mortal sobre aqueles carros encalhados.

Enquanto nos aproximávamos daquela baía, fiz sinal a Hui para que avançasse com a sua galé para junto da minha, e gritei as minhas ordens através do estreito espaço que separava os dois navios. Compreendeu ele de imediato o que eu lhe pedia, e, enquanto navegávamos por detrás da proteção do promontório, arriámos o pano em uníssonos e mudámos em meio círculo a linha de vento dos nossos bancos dos remadores para desse modo orientarmos as popas para a praia. Os carros achavam-se agora de frente para as rampas de desembarque, na popa, os cavalos estavam enganchados aos arneses, e os homens, nas cabinas dos carros, com as armas e as armaduras completas vestidas.

No último momento, Toran apressou-se a descer da cobertura superior e pediu-me para o deixar subir comigo para o carro da frente. Eu admirava a sua coragem, contudo, não era ele um guerreiro. Em terra firme, seria tão-só um estorvo. Ele era o meu contacto com o Supremo Minos e não me atrevia a correr o risco de o deixar morrer naquela batalha iminente.

— Ficai a bordo e observai toda a ação, pois assim logo podeis reportá-la ao Supremo Minos! — dispensei-o com brusquidão. Naquele momento, a popa do navio encalhou com tamanho impulso na areia dura e molhada que Toran perdeu o equilíbrio e rebolou para dentro dos embornais. Aquilo resolveu o meu problema, e deixei-o entregue à sua sorte.

— Vamos! Vamos! Vamos! — gritei, enquanto a rampa da popa se abria com grande estrondo. Instiguei os homens e guiei-os pela rampa abaixo. Os cavalos patinharam na água, que lhes dava apenas pela altura dos jarretes. Enquanto se lançavam sobre a areia seca, os homens e eu saltámos da cabina, apoiando todo o

nosso peso na mesma para desse modo ajudarmos os cavalos a melhor arrastarem o carro por sobre a areia seca e difícil. Logo em seguida, tornámos a saltar para dentro da cabina e, a meio galope, dirigimo-nos terra dentro. Um após outro, os carros rolaram pela rampa abaixo, seguindo o meu numa sucessão rápida.

Antes de alcançarmos o caminho rente à costa, num repente, deparámo-nos com uma pequena aldeia envilecida, que até àquele momento havia estado oculta da minha vista por uma depressão do terreno. Não tinha a constituí-la mais de uma dúzia de esqueléticos casebres. Enquanto passávamos a galope pelo meio destes, os seus ocupantes saíram do interior a correr, surgindo as mulheres e os pirralhos a guinchar de terror, acompanhados por dez homens. Todos eles estavam de andrajos vestidos e a imundície que os cobria era tal que mal conseguíamos reconhecer as suas feições como sendo humanas. Apesar disso, os homens haviam-se armado de tacos de madeira, e encaravam-nos numa patética demonstração de desafio.

Sem me deter, gritei-lhes em sumério:

— Peguem nas vossas mulheres e crianças e busquem um lugar seguro na floresta! Vem próximo um exército de violadores e assassinos; estão a subir pelo caminho que vem de sul. Estarão aqui antes do meio-dia. Fugam! Saiam daqui quanto antes. — Sabia eu bem que haviam eles de ter um esconderijo na floresta não muito longe dali, dado que, sem terem um lugar onde se refugiar, não teriam eles sobrevivido tanto tempo. Olhei para trás e vi como haviam acatado bem o meu aviso, posto estarem eles a pegar nas crianças ao colo e em alguns fardos com os seus magros pertences, a abandonarem os barracos e a correr para o meio do matagal, como se de uma manada de animais selvagens aterrorizados se tratasse. Não lhes prestei mais outro cuidado algum, dirigindo-me antes para o caminho que seguia junto à costa e que agora podia ver diante de mim.

Quando o alcancei, detive-me sem o atravessar. Todos os setenta carros haviam desembarcado em segurança e agrupavam-se em boa ordem atrás de mim. Olhei para o mar e vi como a flotilha se achava já a meia légua de distância da costa e se preparava agora

para contornar o promontório seguinte, atrás do qual iria de pronto lançar ferro. Bem entendido que os remos eram levados a bordo, posto aí não existirem remadores em número suficiente para os manobrar a preceito. Todos os homens que não eram necessários para manejar o velame haviam pegado em armas e desembarcado sob as ordens de Zaras, e agora, em passo ligeiro, seguiam todos o meu esquadrão de carros de combate.

Sem certezas, podia eu apenas conjecturar quanto tempo a coluna dos Hicsos iria demorar a chegar ao vau, contudo, a menos que fosse retardada pelo prazer da pilhagem e da violação, calculava eu não demorarem eles mais de duas ou três horas, tempo apenas suficiente para eu aprontar aquilo que me dispusera fazer para os defrontar. Enquanto pacientemente aguardava eu que Zaras ali chegasse com os seus soldados de infantaria, estudei detidamente o terreno de ambas as margens do rio.

Para lá do vau, o bosque era demasiado denso para os carros, pelo que mandaria Zaras e os seus soldados de infantaria passarem para o outro lado do rio para aí tirarem partido daquela cobertura cerrada. Não obstante, neste lado do rio, na praia onde havíamos desembarcado, havia um campo aberto até à orla do bosque, a umas duzentas jardas do caminho ao longo do qual nos encontrávamos agora estacionados. Aí, dispunha eu de espaço suficiente para instalar os carros e dos mesmos retirar o máximo proveito.

Uma vez decidido o meu plano de ataque, ordenei a Hui que avançasse com o seu esquadrão pelo caminho empoeirado e se escondessem por toda a correnteza da orla do bosque, onde deveriam aguardar por novas ordens minhas. Hui era um grande mestre no manejo dos carros, pelo que sabia eu bem que podia confiar nele. Vi-o ordenar aos seus aurigas que se apeassem dos veículos e lentamente fizessem os cavalos atravessar o caminho, para desse modo não levantarem uma nuvem de poeira que pudesse alertar os Hicsos para a nossa presença ali.

Logo que todos os carros concluíram aquela travessia em segurança, os aurigas tornaram a subir para os carros e seguiram a trote por sobre a erva fofa até à orla do bosque, onde tornaram a

desmontar e fizeram os carros recuar para a proteção da densa vegetação rasteira. Após isso, regressaram ao bosque para cortar os ramos mais frondosos das árvores, que de arrasto trouxeram para diante para construírem um anteparo em frente àquela linha de carros. Voltei com Hui à orla do caminho para nos certificarmos de que os carros se achavam todos completamente ocultos.

Enquanto tudo isto acontecia, Zaras chegou ao caminho com os seus arqueiros. Além do potente arco recurvo, cada um deles levava uma meada de cordas de arco de reserva, metida em volta do pescoço, e três aljavas de couro, ao ombro, no total, artilhado com cinquenta flechas.

Dei a todos eles alguns minutos para recuperarem o fôlego, enquanto indicava a Zaras o sítio onde queria que ele tomasse posição, no extremo mais distante do vau. Após isso, mandei-os embora de novo, ficando a observá-los do cimo da margem, enquanto cruzavam a corrente, a umas duzentas jardas abaixo do vau.

Enquanto cada um deles atravessava o rio, foi mascarrando a cara e as costas das mãos com o lodo negro do rio, antes de subir para a outra margem. Zaras e Akemi, o seu tenente de confiança, foram os dois últimos homens a subir o desnível, certificando-se de que não deixavam rasto algum que pudesse alertar os Hicsos para a nossa presença ali.

Mal foram chegados ao terreno nivelado, por cima do barranco, Zaras escondeu os seus homens pelo meio do bosque cerrado que bordejava o caminho, colocando-os a intervalos de vinte passos de ambos os lados do trilho. A densa folhagem e as máscaras de lodo negro mantinham-nos encobertos, mesmo a curta distância, enquanto a coluna dos Hicsos teria de passar pelo meio destas duas fileiras mortíferas de hábeis arqueiros.

Depois de os homens de Zaras terem tomado as suas posições de emboscada, apressei-me a regressar à orla do bosque, ao lugar onde a minha fileira de carros camuflados me aguardava.

Uma vez completamente satisfeito por todos se encontrarem ocultos na perfeição, escolhi uma árvore muito alta, que crescia logo atrás do sítio onde o meu próprio carro se achava posicionado. Sem

fazer um grande esforço, trepei até aos ramos mais altos, pois, daquele ponto vantajoso, teria eu uma excelente perspectiva do caminho que passava pelo meio dos dois lados do vau. Fiquei satisfeito por, nem mesmo daquela altura, conseguir eu ver vestígio algum dos homens que Zaras havia posicionado no lado mais distante do rio.

Finalmente satisfeito com os preparativos para recebermos os invasores hicsos, olhei para o mar e comprovei que também a flotilha havia desaparecido por completo por detrás do rochoso promontório, a norte da foz do rio. O mar achava-se sem ninguém e o bosque, em torno de mim, mostrava-se quieto e em silêncio, imperturbável mesmo pelo ruído provocado pelo movimento de algum animal selvagem ou pelo chamamento de um pássaro.

Aguardei em cima do ramo até conseguir ajuizar, pela mudança da altura e do ângulo em que o Sol se posicionava, que outra hora havia passado tão devagar quanto um aleijado caminha sem as muletas. Então, no limite do meu campo de visão, discerni um esmaecido laivo de poeira a levantar-se por cima do bosque, bem para lá do sítio onde Zaras aguardava com os seus arqueiros.

Aos poucos, à medida que se aproximava de nós, aquela nuvem de poeira foi ganhando maior volume e densidade. De súbito, na base da nuvem, vi o lampejo de um raio de sol, refletido de uma superfície de metal polido, podendo tratar-se de um elmo ou então da lâmina de uma arma.

Pouco depois disto, vi a primeira parelha de carros assomar-se na longínqua curva do caminho. Não havia dúvida alguma de que se tratava dos Hicsos, posto aquela estrutura da cabina, alta e canhestra, e aquelas rodas grosseiras, com as lâminas reluzentes colocadas nos rebordos, serem-lhes por demais características.

A coluna dos Hicsos entrou no troço do caminho onde Zaras aguardava com os seus arqueiros. No momento em que o topete da coluna chegou ao rebordo do baixio, o oficial hicsos que seguia no primeiro carro levantou um punho enluvado para dar ordem de paragem ao esquadrão que vinha atrás dele.

Então, com a maior minúcia, o comandante examinou aquele vau que declinava por baixo dele, bem como todo o terreno do nosso

lado do rio. Até mesmo a toda aquela distância, consegui ver que se tratava ele de um janota, com aquela capa tingida de um azul-vivo de Tiro, três ou quatro colares reluzentes pendurados ao pescoço e o elmo, que logo cobicei, de bronze polido, com proteções laterais de prata, que lhe cobriam as maçãs do rosto e se moviam sobre dobradiças decoradas com hábeis gravações.

Quando por fim se convenceu de que nada de desfavorável os aguardava, o oficial hicsu saltou do carro e correu pelo trilho rochoso abaixo até alcançar a zona mais baixa do rio. Sem hesitar, e com três dos seus homens a segui-lo, lançou-se à água e nadou até à outra margem do rio. Satisfeito por comprovar ser ele transitável, deu meia-volta e tornou para onde havia deixado o carro. Entrou nele e, lançando gritos de incentivo aos seus cavalos, conduziu-o pela ladeira abaixo.

Os cavalos mostraram-se relutantes, o oficial fez estalar o chicote por sobre as suas cabeças e, com alguma renitência, avançaram até a água lhes molhar as barrigas. Então, de repente, uma das rodas embateu contra uma pedra submersa e o carro foi lançado ao ar, caindo de lado. Os cavalos, apoiados nos joelhos, foram arrastados para o fundo, onde ficaram presos devido ao peso do veículo tombado e à pressão da corrente. O condutor e os dois tripulantes foram atirados pela borda fora e esmagados sob o peso das armaduras e demais apetrechos.

De imediato, os homens que vinham nos veículos seguintes saltaram deles e entraram na água, dirigindo-se logo aos homens e aos cavalos que se debatiam dentro de água. No meio de um burburinho de ordens e contraordens, lançadas aos gritos, arrastaram eles os homens até à superfície, antes que se afogassem, e, ato contínuo, tornaram a pôr o carro com as rodas no chão. Depois de os cavalos terem recuperado o equilíbrio, puxaram o veículo para fora da água e fizeram-no subir pela ravina até chegarem ao terreno plano, aparecendo mesmo em frente ao sítio onde os nossos carros se encontravam escondidos.

Com cautela, os outros aurigas inimigos fizeram os carros avançar, descendo o barranco até ao vau, onde o grupo que os aguardava, à mão, os empurrou e ajudou a atravessarem o rio. Da

minha posição sobranceira, tinha eu uma boa perspectiva da coluna de carros inimigos que faziam fila a esperarem pela sua vez de fazer a travessia. Tive desse modo a possibilidade de fazer um cálculo bastante exato do seu número, chegando à conclusão de que se tratava, no máximo, de cento e sessenta carros, contra os duzentos que Aton me havia advertido que esperasse. Sabia eu que aquela diferença podia ser explicada pelas baixas que os Hicsos deviam ter sofrido durante a longa e dura viagem por eles empreendida do Norte do Egito, iniciada há dezasseis dias. O traçado dos seus carros propiciava a quebra dos eixos, bem como o estilhaçar dos aros das rodas, sem contar com o atrito dos cavalos, provocado pelas longas horas de marcha por terrenos tortuosos e caminhos acidentados.

À medida que cada carro fazia a travessia do baixio e subia a margem para se deter no outro lado do rio, os tripulantes fizeram parar os cavalos, deixando-os de pronto soltos para pastarem. Nesse momento, também os homens se lançavam sobre a erva para descansarem e dormirem, ou para se reunirem em volta de fogueiras acesas à pressa para prepararem uma refeição quente.

Fiquei surpreendido, porém agradado, por o seu comandante ter permitido que um comportamento de tal modo descuidado e uma disciplina tão relaxada ali imperassem, enquanto se achavam eles em território desconhecido e potencialmente hostil. Não havia ele feito o destacamento de sentinelas, nem havia estabelecido postos de observação, nem tão-pouco havia ele enviado adiante uns quantos batedores para fazerem o reconhecimento do terreno. Permitira ele mesmo que os seus homens se despojassem das pesadas armaduras e das armas, enquanto descansavam. A maior parte deles parecia quase esgotada, não tendo nenhum deles decidido aproximar-se do perímetro do bosque, onde os nossos carros estavam escondidos. Mesmo aqueles que se viram forçados a responder à chamada da natureza, não se afastaram demasiado dos companheiros para fazer as suas necessidades. Aqui, nesta terra desconhecida e estrangeira, os homens das tropas hicsas mantinham-se instintivamente juntos para se protegerem uns aos outros.

Do outro lado do rio, o congestionamento de homens, carros e cavalos no caminho que corria pelo meio do bosque, aos poucos, foi-se desaglomerando. Ia eu contando os carros à medida que iam chegando a esta margem, antecipando eu o momento em que o inimigo se tivesse dividido em dois grupos iguais e todos os homens se achassem absolutamente convencidos da ausência de uma ameaça evidente. Quando esse momento se achou mais próximo, retirei o lenço amarelo-vivo do bolso, onde o trazia escondido, e desenrolei-o.

O comandante dos Hicsos, que trazia posta a capa azul e o vistoso elmo, achava-se ainda de pé na beira da ravina por cima do baixio, a supervisionar a travessia das suas tropas. Não obstante, continuava eu a não ver sinal de Zaras, nem de nenhum dos seus homens, ainda que eu soubesse com toda a precisão onde cada um deles se achava escondido. Quando me vira trepar para o meio da ramagem, Zaras havia-me saudado alegremente com uma mão, antes de se agachar no seu próprio esconderijo.

O carro hicsso seguinte subiu pelo trilho até sair do barranco do rio, com os cavalos a arremeterem contra os arneses e os homens atrás deles a oscilarem e a puxarem-nos. Aquele era o número oitenta e cinco dos que então haviam atravessado o rio, pelo que a força hicsso se achava naquele momento na crucial situação de estar dividida em duas metades praticamente iguais, sem que alguma delas estivesse em condições de proporcionar apoio à outra.

No meu tomo sobre a arte da guerra havia eu escrito: *Um inimigo dividido é um inimigo dominado*. Tinha eu agora uma oportunidade para demonstrar a sabedoria deste meu ensinamento.

Levantei-me devagar, baloiçando com facilidade o ramo da árvore e agitei por três vezes o lenço amarelo-vivo à volta da cabeça. Do outro lado do rio, vi Zaras levantar-se de imediato e erguer um punho cerrado na minha direção, mostrando assim ter reconhecido o sinal. Na outra mão, segurava ele o arco de guerra com uma flecha com a ranhura da haste engastada na corda do arco e pronta a disparar.

Esperei o tempo suficiente para ver como, de ambos os lados do caminho, a densa vegetação rasteira ganhava vida com os homens

de Zaras a emergirem do esconderijo. Como se de um único homem se tratasse, levantaram os arcos, prontos a receberem a ordem para lançarem a primeira saraivada de flechas.

Zaras foi o primeiro a pôr a flecha no ar, elevando-a bem alto contra a tela de fundo das distantes montanhas azuis. Sabia eu bem qual o destino que ele havia escolhido para a flecha, antes mesmo de esta iniciar a descida. O comandante dos Hicsos continuava parado na beira do barranco, de costas voltadas para Zaras, desse modo, o forte impacto da flecha arremessou-o para diante e fê-lo cair pela íngreme ravina, para fora do alcance da minha vista.

O meu capitão havia já lançado três outras flechas. Ele é muito rápido; quase tanto como eu mesmo. Os seus homens seguiram-lhe o exemplo e as flechas elevaram-se no céu como uma escura e veloz nuvem de gafanhotos, caindo sobre a fileira de carros hicsos encailhados ao longo do caminho, entre as duas divisões de arqueiros.

Com o calor, a maior parte dos aurigas hicsos havia retirado os elmos e despido as armaduras, e os cavalos tinham a protegê-los apenas as grossas mantas de batalha de feltro, que lhes cobriam o dorso, deixando-lhes porém expostos o garrote e os quartos traseiros. Eu conseguia ouvir claramente o baque surdo das pontas de sílex das cabeças das flechas a penetrar profundamente na carne viva. Logo a seguir a isto, ouviram-se os gritos de homens feridos e os estridentes relinchos dos cavalos quando também eles eram trespassados. O pandemónio estendeu-se por todas as sobrelotadas fileiras dos nossos inimigos.

Tomados pelo pânico, os cavalos recuavam e, com os cascos dianteiros, patinhavam os homens que tentavam guiá-los. Os animais que haviam sido atingidos nos quartos traseiros, tomados pelas dores, arremetiam coices com as patas traseiras, amassando a dianteira dos veículos que eles próprios rebocavam e lançando os ocupantes borda fora.

Quando os aurigas perderam o controlo dos cavalos, desvairados pelas dores, tentaram sair dos próprios carros a correr, porém, não tinham espaço para fazer manobra alguma, pelo que mais não conseguiram do que chocar com o carro que à sua frente bloqueava

o caminho, empurrando esse mesmo carro de encontro ao que o seguia. Depressa isso se transformou numa reação em cadeia, que envolveu alguns carros, arrancou as rodas de outros, ferindo e mutilando aurigas e cavalos, até por fim chegarem aos carros das fileiras da frente e os atirarem ao rio pela íngreme ravina.

Cavalos, carros e homens escorregaram e rebolaram pelo barranco por sobre os outros homens e carros que já se encontravam no fundo do baixio com a água a dar-lhes pela cintura e a debaterem-se para alcançar a margem mais distante. Aquela amálgama de homens e de animais ensandecidos, juntamente com os destroços dos carros, na verdade, bloqueavam o vau, não havendo desse modo maneira alguma de escaparem por essa direção.

Cada um dos arqueiros de Zaras trazia consigo cinquenta flechas, e, a uma distância tão curta como aquela, foram muito poucas as que falharam o alvo. Vi um homem lançar-se de cabeça da plataforma do seu carro, que milagrosamente ele havia conseguido manter de pé sem que fosse espezinhado, nem retalhado pelas lâminas das rodas. Desatou a correr para se afastar do tumulto, porém, deteve-se bruscamente depois de dar apenas alguns passos quando três flechas o atingiram em simultâneo nas costas desnudas, e as afiadas pontas de sílex se projetaram abruptamente do seu peito peludo. Com a elegância de uma bailarina, ele fez uma pirueta antes de sucumbir e, do alcance da minha vista, ser sugado por aquela voragem mortífera.

Na margem do rio onde me encontrava, os aurigas hicsos que haviam conseguido atravessar o vau levantaram-se da erva sobre a qual se haviam deitado ou dos locais onde se tinham sentado, junto às fogueiras onde cozinhavam, e, impotentes, contemplavam aterrorizados o massacre dos seus companheiros na outra margem.

Havia eu já deixado de olhar para tudo aquilo, e apressava-me a descer pelo tronco da árvore para me lançar para dentro do meu carro. Um membro da minha tripulação inclinou-se e agarrou-me no braço, para me ajudar a rodar o corpo e a entrar na cabina. Ao mesmo tempo que pegava nas rédeas, dei a ordem: «Legião, vamos

avançar. A passo! A trote! À carga!», que foi repetida ao longo de toda a fileira.

Dispostos lado a lado, numa linha muito extensa, os meus carros irromperam do bosque a todo o galope. Hui e eu encontrávamo-nos no centro, rolando com as rodas dos carros quase encostadas, e, de cada um dos nossos lados, os esquadrões seguiam em formação de ponta de flecha.

À nossa frente, a maior parte dos Hicsos, que se haviam dispersado pelo campo aberto, haviam corrido de novo para a margem do rio, sendo aí que agora se achavam apinhados, olhando impotentes e horrorizados para a sorte que se havia abatido sobre os seus companheiros no vau, por baixo deles, e no caminho do bosque repleto de homens, que Zaras continuava a cercar com uma saraivada de flechas.

Nenhum dos carros dos Hicsos que se achavam nesta margem do rio tinha tripulantes, nem nenhum tinha cavalos presos pelos arreios que pudessem puxá-los. Os cavalos com cabrestos nos jarretes, que haviam sido soltos, tinham-se dispersado pelo campo aberto de erva. A maior parte dos aurigas inimigos afastaram-se da margem do rio e correram atrás dos animais numa tentativa vã de tornarem a capturá-los. Todavia, assustados com o repentino tumulto e confusão, os cavalos desataram a fugir espavoridos, e, nem mesmo as patas mancas conseguiram fazer com que a sua velocidade fosse inferior à de qualquer homem a correr.

Lancei a cabeça para trás e vozeei qualquer coisa entre o grito e o riso para aliviar o medo e expressar o júbilo. Mesmo por cima de todo o ribombar das rodas e do tropel dos cascos contra o terreno duro consegui ouvir Hui a ecoar a minha gargalhada. Lançámo-nos por sobre eles numa falange compacta, avançando com as rodas a par umas das outras, sem deixar espaço algum pelo qual algum hicsos pudesse escapar. Não obstante, pareciam eles alheios à nossa carga, dado que a maior parte nem tão-pouco olhava na nossa direção. Apenas aqueles que haviam desistido de correr para alcançar os seus companheiros se achavam agora como que hipnotizados pelo terror, parados em silêncio e a fitar-nos de olhos arregalados, pois sabiam não ser capazes de escapar à nossa

carga. Os nossos arcos estavam levantados e as nossas flechas prontas a serem disparadas. Quando nos encontrávamos a menos de setenta passos daquele que se achava mais próximo de nós, gritei a ordem para que as flechas fossem disparadas. Mesmo de um carro em boa velocidade, a maior parte dos meus rapazes era capaz de, a uns cinquenta passos de distância, acertar num homem a correr, pelo que a maioria dos fugitivos tombou antes mesmo de conseguir alcançar os veículos. Vi apenas um deles conseguir chegar ao sítio onde havia deixado o carro. Do alforge das armas, retirou ele o arco, e, da aljava, um punhado de flechas, após o que se voltou para nós para nos encarar. Aquele homem era uma enorme besta peluda e forte, e estava louco de raiva, como se se tratasse de um javali selvagem parado a certa distância de uma matilha de cães de caça. Levantou o arco e disparou uma única flecha antes de as nossas começarem a atingi-lo. A flecha atingiu o condutor do terceiro carro que se achava à minha frente. Era ele um dos filhos do Senhor Kratas. Um bom rapaz, tão valente como o pai e cinquenta vezes mais bonito do que ele. Era ele um dos meus favoritos; aquela flecha matou-o no mesmo instante.

Disparei três flechas sobre aquele brutamontes hicsó, antes de ele conseguir armar ainda outra sua. Em seguida, à vez, cada segundo arqueiro das nossas linhas disparou sobre ele até se achar todo farpeado com as nossas flechas, como se fosse um porco-espinho com os espinhos todos erriçados. Não obstante, continuou ele de pé e ainda ripostou, disparando outra flecha contra mim. Levantei ao ar o meu elmo e, com a parte da frente, desviei-a, ficando a vê-la extraviar-se com um zunido, ainda que o impacto quase me tivesse lançado para fora do carro.

Nunca tão-pouco sugeri que os Hicsos fossem cobardes. Afinal, foram necessárias dezassete flechas para acabar com aquele homem. Cinco delas, contei-as mais tarde, foram minhas.

A seguir a isto, aconteceu uma carnificina. Não sou avesso a um pequeno massacre, quando a boa ocasião se apresenta, sobretudo numa circunstância como esta. Não obstante, a escravatura é consideravelmente mais lucrativa do que a carnificina, pelo que fui o

primeiro a gritar aos fugitivos hicsos na sua própria língua: «Rendei-vos, seus cães lamurientos do Gorrab, ou morrei!»

«Rendei-vos ou morrei!» Este grito propagou-se ao longo de toda a nossa linha de carros em carga. «Rendei-vos ou morrei!»

A maior parte dos Hicsos em fuga deixou-se cair de joelhos logo à minha primeira ordem, lançando as mãos ao ar em sinal de rendição, porém, outros houve que continuaram a correr até a minha linha de carros se abrir e distender para os encerrar no interior de um círculo, obrigando-os a deter-se, ofegantes pelo esforço e o terror. Olharam em redor, em todas as direções, para os arcos apontados para eles e prontos a disparar, após o que o seu terror se converteu em resignação e, um após outro, caíram por terra, gritando:

— Tende misericórdia, em nome de todos os deuses! Poupei a nossa vida, grande Senhor Taita. Não queremos o vosso mal. — O bom deus Hórus pode bem atestar que, de todo em todo, não busco eu a glória. Não obstante, sou suficientemente sincero para admitir que me senti agrado e lisonjeado por ser reconhecido pelos meus próprios inimigos no campo de batalha.

— Amarra estes pequenos heróis — ordenei a Hui. — Varre o campo e traz para aqui todos os cavalos. Não deixes escapar nem um.

Reuni os meus próprios cavalos num estreito semicírculo e obriguei-os a retroceder até ao rebordo da ravina, situada por cima do rio, em cujo cume lhes retirei as rédeas e olhei para baixo para ver a carnificina que obstruía o vau e o caminho que se estendia para lá do mesmo.

Também ali o confronto havia terminado e os homens de Zaras reuniam os prisioneiros e recolhiam o saque. A um rápido olhar, vi que os seus ferimentos haviam sido mais ou menos idênticos aos dos nossos, deste lado do rio, isto é, apenas leves ou menores. Fiquei satisfeito por Zaras ter saído ileso e estar a supervisionar o trabalho de reunir os prisioneiros e capturar e recolher os cavalos dos Hicsos, posto serem estes animais tão valiosos como os homens.

De repente, Zaras levantou a cabeça e viu-me parado no cimo da margem. Saudou-me e, em seguida, pôs as mãos em concha em volta da boca e gritou por cima da ravina:

— Mais poder para a vossa espada, Senhor Taita! Outro dia de boa caçada, sem dúvida. Em breve, poderei comprar uma esposa!

Aquela era uma piada um tanto absurda, dado já eu ter feito de Zaras um homem abastado com o quinhão que lhe coubera do prémio que havíamos capturado na fortaleza de Tamiat. E o seu gracejo sobre comprar uma esposa não devia muito à subtileza. Apesar disso, esbocei um sorriso e devolvi-lhe um aceno antes de me afastar.

Mandeí um ginete ao promontório, por detrás do qual se achava escondida a flotilha, com ordens expressas para que fosse hasteada a bandeira azul de chamamento a bordo.

Naquele momento, o meu júbilo havia-se esfumado com bastante rapidez, dado que a pior parte do dia ainda estava para vir. Teria eu de tratar ainda dos cavalos hicsos, muitos dos quais haviam ficado feridos. Sempre nutri um profundo afeto por estes animais. Fui o primeiro homem do Egito a vergar e a domar um destes maravilhosos animais, tendo isso, no mínimo, tornado mais oneroso o meu dever para com eles.

Montando sem sela dez desses cavalos que haviam ficado ilesos, eu e os meus moços de estrebaria juntámos e recolhemos esses cavalos sobreviventes que ainda estavam capazes de se manter de pé. Separei rapidamente os que não haviam ficado feridos, ou que tinham apenas ferimentos ligeiros, e enviei-os para norte, para Sídon, pelo caminho que se estende ao longo da costa, uma vez que foram estes animais treinados para puxar carros e portanto são eles particularmente valiosos.

Dos que haviam ficado grave ou fatalmente feridos, desembaraçara-me eu de imediato, para pôr fim ao seu sofrimento. Primeiro, depusitei uma oferta de paz sob a forma de um punhado de milho triturado diante de cada um deles, e, quando baixaram as cabeças e abocanharam um bom bocado dele, um dos meus homens levantou um pesado porrete com cabeça de bronze e

desferiu-o entre as orelhas dos animais para esmigalhar a protrusão occipital dos crânios. As mortes foram misericordiosamente rápidas.

Uma vez levada a cabo esta abominável tarefa, dirigi a atenção para os prisioneiros hicsos. A minha ordem de preferência ficava deste modo muito clara. O desmedido afeto que eu sentia pelos cavalos era proporcional à profunda e cruenta aversão com que eu odiava os seus donos. Em passo rápido, caminhei ao longo das fileiras de homens ajoelhados, perscrutando cada um deles de modo superficial. Aos que estavam ilesos ou tinham apenas ferimentos ligeiros, mandei eu que fossem levados para a praia para aí aguardarem pelo regresso das galés.

Havia, no entanto, muitos prisioneiros que estavam gravemente feridos para nos serem de maior préstimo, mesmo para escravos. Um homem com uma flecha cravada bem fundo na caixa torácica não tem muito mais tempo para manobrar um remo. Dei, então, ordem para que aquelas desprezíveis criaturas fossem dispostas à sombra, que lhes fosse dada água a beber, para assim se manterem um pouco mais com vida, e, após isso, fossem abandonadas aos seus próprios destinos e às mãos do seu abominável deus, que, estava eu certo, andaria a pairar ali por perto.

Sei que deveria ter aliviado o seu sofrimento com um golpe com o porrete na cabeça, tal como fizera com os cavalos feridos, mas eles eram Hicsos, pelo que não lhes devia eu trato especial algum.

Por fim, tinha eu um momento para pensar em mim e nos meus dois encargos reais. Tornei a subir para o meu carro e dirigi-me para o vau do rio, parando no cimo da margem. Entreguei as rédeas ao meu auriga e caminhei até ao rebordo da ravina. Aquela zona do campo de batalha estava agora desprovida de qualquer alma com vida. Ainda que eu soubesse onde devia procurar o corpo do comandante inimigo, não consegui de pronto identificá-lo por entre os destroços de carros, o armamento espalhado e os cadáveres que se amontoavam na margem contrária. Reparei, então, numa distinta mancha de azul anil bastante mais abaixo do declive do que esperava encontrá-lo, próximo da margem do rio.

Comecei a descer o íngreme declive, conseguindo equilibrar-me, mesmo com as pedras soltas a rolares-me por debaixo dos pés.

Quando cheguei ao fundo, saltei para a água e atravessei a vau para a margem contrária. Encontrei o corpo do capitão hicsó entalado entre dois grandes pedregulhos. Tinha ele rebolado pela ravina até chegar perto da beira da água, e só uma prega da capa me revelara o sítio onde repousava. Agachei-me, agarrei-lhe numa das pernas pelo tornozelo e retirei o corpo da fenda onde havia ficado entalado. Eram visíveis na capa copiosos respingos de sangue, todavia, o meu criado era um excelente lavadeiro, pelo que dobrei a capa e a pus de parte. Em seguida, procurei o elmo daquele homem morto. Tinha eu de voltar a subir a ravina até ao sítio onde ele havia batido contra os pedregulhos. Foi aí que o encontrei, também providencialmente escondido debaixo dos destroços de um carro. Os saqueadores que ali tinham estado antes de mim não haviam reparado nem no elmo nem no cadáver.

Sentei-me com o elmo no colo e comecei a admirar as gravações. Eram imagens de deuses egípcios maravilhosamente executadas: Hathor e Osíris estavam gravados nas proteções laterais e Hórus na testa. O capitão dos Hicsos devia tê-lo retirado do cadáver de um dos nossos oficiais de graduação elevada noutro campo de batalha. Era um tesouro de um valor quase incalculável, que fez o meu próprio protetor de cabeça parecer pelintrão e vulgar, já que ficara muito amolgado com o impacto da flecha hicsó. Retirei-o da cabeça, sem remorso algum, e logo o substituí por aquela obra-prima feita de ouro e prata. O interior estava forrado a couro, e servia-me como se tivesse sido feito especialmente para mim. Naquele momento, teria eu dado uma boa maquia por um espelho.

Tornei a descer, de gatas, até ao sítio onde havia deixado o cadáver do capitão, que ainda tinha a adorná-lo três colares. À semelhança do elmo, também todos eram peças muito bonitas. Um, contudo, estava decorado com uma cabeça de Set, talhada em cristal de rocha. De pronto o lancei para dentro do rio. Os outros eram duas representações de elefantes e camelos maravilhosamente talhadas em marfim. As princesas haviam de os adorar, ainda que nunca tivessem visto um elefante nas suas jovens vidas.

Subi de novo até ao sítio onde havia deixado o carro. O meu auriga admirou o elmo com os olhos cheios de cobiça e mudo de assombro. Dirigi-me de volta à praia, onde a maior parte dos meus homens pararam o que estavam a fazer para ficarem especados a olhar para mim. Eu devia ser uma visão assombrosa.

Os navios da flotilha contornaram o promontório para entrarem na baía, e, de popa adiante, dirigiram-se para a praia, onde deixaram cair abertas as rampas de carga.

Os prisioneiros por mim escolhidos foram mandados subir a bordo e conduzidos para a coberta mais inferior e aí agrilhoados, pelos dois tornozelos, aos bancos dos remadores. Haviam de permanecer aí em baixo com os pés descalços nas águas de porão até que Set enviasse o anjo negro para os libertar daquele seu cativoiro.

Uma hora antes de o Sol se pôr, havíamos nós embarcado todos os nossos homens e metido a bordo todos os carros, achando-nos desse modo prontos para levantar ferro e nos fazermos à vela para Sídon. Toran estava parado a meu lado no castelo, de novo, de olhos postos na costa; com um gesto da cabeça, acenou para os hicsos feridos que eu havia deixado no terreno sobranceiro à praia.

— Vejo que haveis poupado a vida aos inimigos feridos. Jamais ouvi falar em semelhante clemência da parte de um general vitorioso.

— Lamento desiludir-vos, mas deixei-os ali para que sejam outros a encarregar-se deles. Ei-los.

Os habitantes da aldeia a quem eu antes havia mandado esconderem-se dos carros hicsos, que se aproximavam, estavam agora a regressar. Os homens continuavam armados com as espadas e as enxadas de madeira com que umas horas antes haviam tentado ameaçar-nos. Agora, porém, ignoravam-nos por completo. Vimos como o homem que parecia ser o chefe daquele bando miserável se colocou diante de um hicsso ferido e levantou a espada, e como depois, com as duas mãos, a impeliu por sobre a sua cabeça, como se estivesse a cortar um toro de madeira para fazer lenha. Mesmo àquela distância, conseguimos ouvir o crânio da

vítima rebentar como um melão demasiado maduro que fosse deixado cair sobre um chão de pedra. Em seguida, o homem que empunhava a espada prosseguiu implacável, deixando ficar o corpo do guerreiro hicsso a sacudir-se e a contorcer-se naqueles últimos estertores da morte.

O homem ferido que se seguiu viu-o aproximar-se e tentou arrastar-se dali com a ajuda dos cotovelos. A haste da flecha que lhe havia dividido as vértebras da espinha dorsal ainda se projetava das suas costas, deslizando atrás dele as duas pernas paralisadas. O homem gritava como uma mulher que estivesse a dar à luz. O camponês riu a bom rir enquanto parava diante dele e, com a própria espada, o acossava para que se pusesse numa posição mais conveniente para receber o golpe misericordioso.

As desleixadas mulheres e as crianças imundas seguiam de perto os homens, pululando como enxames de varejeiras por sobre os frescos cadáveres hicsos, despojando-os de cada costura da roupa ensanguentada e de cada bugiganga com algum possível valor. Os guinchos dos seus risos estridentes chegavam-nos claramente por sobre as águas.

— Senhor, ficou agora bem claro que, apesar das aparências, sois um homem com quem não se pode brincar — disse-me Toran, olhando-me com renovado respeito.

No dia seguinte, uma hora antes do meio-dia, enquanto eu levava o *Fúria* a entrar no porto de Sídon, vi que as minhas duas meninas estavam no cais, acenando e bailando cheias de entusiasmo. Quando eu regressava de qualquer uma das minhas periódicas ausências, havia sempre uma disputa entre ambas para verem qual delas era a primeira a dar-me as boas-vindas. De habitual, Tehuti era a mais modesta e a mais comedida, porém, naquela ocasião, surpreendeu-nos, tanto a mim quanto à sua irmã. Com o treino a que Zaras a submetera recentemente, havia-se ela desenvolvido numa atleta excecional e manejava a espada com grande perícia.

Naquele momento, exibiu ela algumas dessas novas habilidades. Com dois pontapés, descalçou as sandálias e desatou a correr descalça pelas lajes de pedra do molhe, após o que saltou por cima

do espaço que ainda separava o navio da terra firme, uma distância de umas boas cinco jardas. Tivesse ela calculado mal aquela distância e teria ficado comprimida entre o casco e o molhe, tendo-se afogado antes mesmo de eu ter conseguido resgatá-la.

Vivi doze mortes agonizantes durante o breve momento em que ela esteve suspensa no ar, porém, no mesmo instante em que os seus pés tocaram na coberta, o meu terror converteu-se na cólera do alívio. Apressei-me a descer a coberta, decidido a repreendê-la por tão inconveniente conduta.

— Estás tão elegante nessa tua nova capa e com esse elmo, bem-amado Taita. Onde foste tu buscá-los? Dão-te uma aparência tão nobre quanto a qualquer rei! Não nos trouxeste um presente? — Tudo isto, disse-o ela sem respirar. A minha cólera esfumou-se, e estreitei-a de encontro ao peito.

— Pois claro que vos trouxe um presente. Porém, diz-me primeiro, se te portaste bem enquanto estive fora?

— Não me deixaste alternativa alguma. Levaste contigo todas as minhas tentações. — O seu sorriso era malicioso, enquanto olhava ao longe para a galé que seguia a minha para dentro do porto. Zaras achava-se no convés de manobra, e, apesar da distância que os separava, uma troca de olhares entre os dois alumiou-os como o lampejo de um corisco.

Tomaram-nos outros quatro dias a ultição dos preparativos para a derradeira viagem até Cnossos, em Creta. Toran convidou-nos a viajar a bordo do seu navio porta-estandarte real, uma magnífica trirreme com, pelo menos, duas vezes o tamanho de qualquer uma das minhas galés de construção suméria.

— Vós e as vossas princesas estareis bem mais confortáveis a bordo do *Touro Sagrado* do que em qualquer um dos vossos pequenos lugres. — Era este o nome do seu navio. Um nome bastante pretensioso, pensei. Por outro lado, também não me agradou, em particular, aquela sua referência depreciativa às minhas galés de combate, quando haviam acabado de demonstrar a sua valia naquela primeira e significativa vitória sobre os Hicsos. Hesitei.

— Se viajardes comigo, teremos o tempo e a ocasião para discutir com mais pormenor o que deveis esperar quando formos chegados a Cnossos. A política e o protocolo da corte do Supremo Minos são altamente complexos, porém, deverão ser observados da maneira mais estrita — Ainda assim, hesitei, circunstância que o fez prosseguir com persuasão, dizendo: — O meu cozinheiro é considerado um dos melhores de todo o mundo helénico, e também devo dizer-vos que levo a bordo vinte grandes ânforas dos melhores vinhos tintos das Cíclades. Compreendo que, para vós, se trate este de um parco incentivo para passardes duas semanas na minha companhia, porém, o certo é que estou enamorado da vossa inteligência e me deixam assombrado os vossos conhecimentos e a vossa erudição. Rogo-vos que me deixeis feliz, senhor, ao aceitardes a minha oferta de hospitalidade. — As reservas que eu ainda tinha dissiparam-se diante de um argumento de tão grande peso.

— Sois muito amável, embaixador — aceitei, interrogando-me, porém, se o que ele valorizava daquele modo tão extremo era a minha companhia, ou antes a da pequena Loxias, a serviçal minoica das minhas princesas.

Tanto Tehuti quanto Bekatha se opuseram categoricamente a estes planos de viagem por mim acordados com Toran. Vieram ao meu camarote do *Fúria* apresentar-me um longo rol de objeções, cada uma menos convincente do que a anterior.

Exibi perante elas a minha expressão mais imponente e escutei-as sem as interromper até os seus protestos chegarem ao fim, e ambas me olharem com tamanha angústia que senti uma enorme pena delas.

— Devo crer, então, que ambas desconfiam do embaixador Toran e acreditam que ele conspira para vos atrair a ambas a bordo do seu navio e aí vos assassinar enquanto dormis? — Ambas se contorceram, envergonhadas. — E desde quando vos ocorreu que o *Touro Sagrado* é um navio tão grande que não é capaz de flutuar, e que, desse modo, há de afundar-se e levar-nos a todos ao fundo e a morrermos afogados?

O silêncio de ambas persistiu até que, de repente, as lágrimas de Bekatha transbordaram das suas pestanas e começaram a correr-lhe em fio pelas faces abaixo. Fiquei consternado. Tivesse eu sabido do alcance da sua angústia e não teria zombado dela daquele modo tão cruel. Levantei-me depressa da minha banqueta para a consolar, mas ela afastou-me e virou-me o rosto.

— Nunca mais tornarei a vê-lo — disse, por entre soluços. Fingi ficar perplexo diante daquela declaração.

— Quem é que nunca mais tornarás a ver? Acaso estarás tu a falar do embaixador Toran?

Ela ignorou a minha pergunta e irrompeu numa torrente de palavras.

— Prometeste a Tehuti que poderíamos estar juntos, pelo menos até chegarmos a Creta, e que somente então teríamos de ser confinadas no serralho do Supremo Minos. Porém, prometeste ainda que, sempre que fôssemos discretas, poderíamos continuar a vê-los até desembarcarmos em Creta. Agora, assim, nunca mais voltaremos a vê-los. A minha vida chegou ao fim.

— Preciso que me clarifiques uma coisa, querida Bekatha — interrompi-a. — De quem estamos nós aqui a falar?

Bekatha tornou a virar-se para me encarar, porém, desta vez a sua expressão era de fúria.

— Sabes muito bem de quem estamos nós aqui a falar. Estamos a falar do meu Hui.

— E do meu Zaras — Tehuti falou em voz baixa, mas com a mesma clareza da irmã mais nova.

Na verdade, havia sido minha intenção, de forma amena e subtil, desuni-las ambas das suas respetivas e perigosas relações, antes mesmo de chegarmos a Creta e de instalarem elas residência no palácio de Minos. Agora, o meu plano havia colidido com o recife da sua intransigência, e afundava-se por completo sob o meu peso.

Fiz todos os possíveis para as animar, todavia, ambas rejeitavam de pronto cada tentativa que eu fazia. Acabei por capitular e ceder.

Quando, por fim, zarpámos do porto de Sídón, Zaras e Hui viajavam a bordo do *Touro Sagrado*.

Sete navios constituíam a flotilha. O *Touro Sagrado* navegava ao centro desta formação, duas das galés mais velozes, que deveriam ser comandadas por Zaras e por mim próprio, seguiam na dianteira, sendo, porém, Dilbar e Akemi os seus capitães.

As restantes quatro galés faziam as vezes de navios flanqueadores e de retaguarda da flotilha. Todas estas embarcações mantinham contacto visual com os seus vizinhos mais próximos, pelo que, podíamos varrer o mar inteiro em redondo por sessenta léguas de distância. Havia eu idealizado um sistema de sinais rudimentares com bandeiras, de tal sorte que eu, no navio porta-estandarte real, podia ser avisado de qualquer perigo muito tempo antes de este se corporizar de facto.

Todas estas precauções eram fundamentais, visto ser esta parte do mar Interior o terreno de caça dos povos dos mares, que tinham a constituí-los os renegados e os proscritos de todas as nações civilizadas e respeitadoras das leis. No exílio, haviam-se eles associado numa afiliação livre de piratas, não observando lealdade alguma para com ninguém, nem reconhecendo ninguém como chefe. Careciam, pois, por completo, de moral, consciência e remorso. Eram eles tão perigosos como leões vorazes ou como cobras venenosas ou escorpiões, tornando o mar mais perigoso do que qualquer recife oculto ou cardume de tubarões devoradores de homens. No Egito, referimo-nos a eles como «os Filhos de Yamm», sendo Yamm o deus do mar quando este se torna turbulento e tormentoso, não se contando ele como um dos deuses bonançosos.

Ainda assim, era esta a época do ano mais propícia à navegação no Grande Verde, a designação egípcia para esta parte do mar Interior. O clima era temperado, os ventos calmosos e o mar morto. Na qualidade de passageiros do *Touro Sagrado*, desfrutávamos do momento.

Zaras prosseguia com o treino de Tehuti no manejo das armas, tendo ele improvisado um alvo de madeira flutuante para as flechas, por ele posto a ser rebocado à popa da embarcação, para que ela pudesse dispará-las de distâncias variáveis.

Do mesmo modo, havia ele trazido consigo escudos de madeira e espadas de treino desse mesmo material, cujas lâminas haviam sido

recobertas por pele de ovelha. O meu capitão e Tehuti defrontavam-se no pavimento descoberto. Os gritos de triunfo da princesa anunciavam que atingira novamente o alvo. Ela nunca continha a crueza das suas estocadas nem dos seus cortes, pelo que eram sempre genuínos e vigorosos, parecendo, por vezes, mostrar Zaras, um distinto espadachim, uma certa dificuldade em evitá-los. Por estranho que pareça, ele nunca conseguia alcançá-la com a espada em gestos de contra-ataque.

Bekatha resumiu-se às lições de tiro ao arco, todavia, não tinha ela força suficiente para o tensionar com tanta amplitude quanto a irmã mais velha, pelo que não era capaz de disparar uma flecha tão longe, nem com a mesma precisão que ela. Esteve amuada um dia inteiro, após o que desafiou Tehuti para um único combate com espadas de madeira. Os hematomas que a irmã lhe provocou nessa peleja demoraram uma semana a desaparecer.

Retirou-se com dignidade daquela disputa e concentrou todas as energias a ensinar ao Coronel Hui o jogo de *bao*. Hui era um lastimoso aluno, pelo que ela o submetia a impiedosas surras. Quando, por fim, ele se rebelava contra aquele suplício, ela mudava as lições de *bao* para as de canto, dança e de charadas.

Para grande surpresa de todos nós, Hui tinha uma bonita voz e um passo ligeiro, pelo que se distinguia nas duas primeiras disciplinas, sobretudo porque a dança lhe dava uma desculpa para abraçar a sua mestra. Não obstante, o seu forte eram as charadas. Bekatha esforçava-se por manter o ritmo dos seus tortuosos raciocínios.

— Duas mães e três filhas vão dar um passeio a cavalo. De quantos cavalos precisam? — perguntou-lhe Hui.

— De cinco, claro está.

— Errado! — exclamou ele em tom jocoso. — Precisam tão-só de três, porque são avó, mãe e filha.

— Oh, que tonto és! — exclamou ela e atirou-lhe à cabeça a romã que estava a comer. Hui apanhou-a e deu-lhe uma dentada antes de lha atirar, devolvendo-a.

O cozinheiro do embaixador Toran satisfazia na perfeição as promessas de excelência do seu senhor, servindo-nos uma

sucessão de deliciosas refeições, que consumíamos na coberta da popa por debaixo de um toldo de lona, que nos protegia do sol, ao som da música tocada por um grupo de quatro homens tocadores de flauta e de outros instrumentos de sopro.

Os vinhos das Cíclades que Toran nos serviu tinham um paladar magnificante e faziam as conversas fluir com muito maior animação.

Foram aqueles uns dias felizes, e, como crianças alegres e despreocupadas, rimo-nos bastante.

Bem entendido, nunca nada é sempre perfeito. Ao que parecia, o *Touro Sagrado* estava infestado de ratos e ratazanas, ou de quaisquer outras estranhas criaturas noturnas. Depois de todos nos termos retirado para os beliches, ouvia-as eu a correrem sub-repticiamente para cima e para baixo pelo passadiço do lado de fora do meu camarote, ou aos sussurros e guinchinhos nos camarotes contíguos ao meu, onde eu tinha a certeza de que as minhas inocentes meninas há muito dormiam profundamente.

Nem mesmo o camarote principal do embaixador Toran, situado em frente ao meu, estava livre destes misteriosos ruídos. Conforme parecia, não tinha consciência deles, porque, de quando em vez, ouvia eu o seu riso abafado e os seus cochichos, e as respostas que recebia pareciam-me ser mais exortações femininas minoicas a um empenho bem maior.

Há catorze dias que já nos encontrávamos no mar, e Toran e eu estávamos sentados à sombra que a vela maior projetava sobre a coberta da proa. Havíamos-nos embrenhado numa conversa por sobre um jarro do seu excelente vinho quando a nossa atenção foi desviada por uma repentina atividade na coberta da popa.

Levantei a cabeça e vi que o Capitão Hypatos, o oficial minoico que seguia aos comandos do *Touro Sagrado*, do cimo do mastro, fazia sinais com as bandeiras. Pus-me de pé bruscamente, interrompendo Toran a meio de uma frase.

— Passa-se alguma coisa que pode ser importante. Vinde comigo. — Apressámo-nos a percorrer a coberta e a ir ao encontro do grupo de oficiais que se achava reunido na coberta da popa. Todos olhavam atentamente para diante.

— O que se passa, Hypatos? — perguntou Toran ao seu capitão, que logo apontou por cima da proa.

— Um sinal de uma das galés de exploração, senhor. Peço desculpa, mas, a distância é demasiado grande e a mensagem não é clara — desculpou-se o Capitão Hypatos.

Olhei de relance para o navio cujo casco se recortava contra o horizonte, e vi tratar-se ele do meu próprio navio, o *Fúria*, que agora tinha Akemi aos comandos.

— Estão a informar-nos de que o seu navio gémeo está a ser atacado e abordado pela tripulação de uma embarcação desconhecida — traduzi o sinal da bandeira numa linguagem simples e compreensível para todos. — O Akemi diz que vai em auxílio do Dilbar.

— Como conseguis obter toda essa informação, senhor? — Hypatos mostrava-se realmente espantado.

— Mais não fiz do que ler o sinal de Akemi — expliquei-lhe, pacientemente.

— A esta distância? — interveio Toran. — Isso parece-me mais coisa de bruxaria, Taita.

— O falcão é o meu hieróglifo pessoal — expliquei-lhes com toda a clareza. — Essa ave e eu temos a mesma visão arguta. Por favor, dai ordem ao Hypatos para dar com todo o velame em baixo e fazer os remadores puxarem à velocidade de ataque.

Tardámos para cima de uma hora a alcançar as galés de exploração, momento em que as encontrámos de través, com os remos recolhidos e o velame todo arriado. Estavam retidas numa batalha com um *dhow* árabe, um navio maior do que qualquer uma das minhas embarcações, com duas velas latinas e uma vela de proa maior, que agora estavam todas dadas em baixo e em grande desordem. Saltava à vista que a luta se achava praticamente terminada, dado a tripulação do *dhow* estar a arremessar as armas para o chão e a levantar ao alto as mãos bem abertas.

Enquanto nos íamos aproximando, vi o nome do *dhow* capturado gravado na proa em hieróglifos egípcios. *Pomba*, era como se chamava. A incongruência de tudo aquilo fez-me sorrir, dado não se tratar, com toda a certeza, da pomba da paz.

— Levai-nos a ficar borda com borda com o inimigo! — ordenei a Hypatos. Após completar ele aquela manobra com habilidade, desci pela escada de quebra-costas e saltei para a cobertura do *dhow* derrotado. Zaras seguiu-me de muito perto como um cão pastor, conseguindo eu pressentir o seu desapontamento por ter perdido aquela batalha. Dilbar e Akemi vieram ao meu encontro de espadas em riste.

— O que temos aqui? — perguntei-lhes enquanto me saudavam. Com a lâmina ensanguentada da arma, Dilbar indicou-me os prisioneiros que se achavam enfileirados de joelhos na cobertura, com as mãos atadas atrás do pescoço e as testas comprimidas de encontro ao tabuado.

— Estes marrufecos acharam que navegávamos sozinhos — explicou-me Dilbar. — Fingiram estar a naufragar e pediram-nos ajuda. Mostravam-se na cobertura apenas uns poucos deles, mas quando nos aproximámos mais apareceram de rompante todos os outros que haviam estado escondidos, e, depois de nos lançarem os ferros de abordagem, irromperam todos pelo nosso bordo para nos tomarem de assalto. — E rematou com presunção: — É claro que estávamos preparados para os receber, e mantivemo-los ocupados até o Akemi chegar e vir juntar-se à festa.

— Quantos homens capturaram? — perguntei-lhes.

— Receio bem termo-nos visto forçados a matar alguns deles, antes de estes órfãos degenerados terem recuperado o bom senso e terem-se rendido — desculpou-se Akemi, posto saber ele bem que eu preferia escravos a cadáveres. — Mesmo assim, ainda recolhemos trinta e oito com vida.

— Fizeram ambos um bom trabalho. Repartam-nos em igual número pelas vossas duas galés, e arranjem-lhes que fazer nos bancos dos remadores.

Enquanto os nossos homens começavam a levantar os prisioneiros e a empurrá-los até aos seus novos postos nas cobertas dos escravos das minhas galés, vi que um dos cativos tentava passar despercebido na fileira da retaguarda. Era aquele um esforço inútil. Tratava-se ele, sem sombra de dúvida, do chefe dos piratas, posto ter vestidas as vestes mais ricas, e, apesar das suas

tentativas para parecer servil, havia nele uma aura de elegância e segurança que lhe eram naturais. Não obstante, tentava ele evitar o contacto visual comigo.

— Nakati! — interpelei-o. Ele endireitou as costas e ergueu o queixo, antes de olhar diretamente para mim. Em seguida, saudou-me como um guarda, cerrando o punho sobre o peito.

— Senhor! — exclamou ao me reconhecer. — Rezei para que nunca mais voltasse a ver-vos.

— Nem sempre os deuses estão atentos às nossas súplicas — respondi-lhe, dele compadecido.

— Conheceis esta besta, senhor? — Dilbar intrometeu-se na nossa conversa.

— Foi capitão do batalhão vermelho da guarda do Faraó. Há cinco ou seis anos, em Abido, matou à facada o próprio coronel numa briga de bêbados, por causa de uma rameira de taberna. Desapareceu antes que conseguissem prendê-lo e enforcá-lo.

— Quereis que o mate agora mesmo?

Neguei-o com um meneio de cabeça.

— Vamos retardar um pouco mais esse prazer. — Tinha havido um tempo em que Nakati tinha sido um oficial de combate de grande excelência, estando, pelo menos na aparência, talhado para postos mais elevados e empresas bem mais grandiosas. — Por enquanto, mantém-no ocupado com os remos.

— Devo poupar o chicote nele?

— Por certo, estarás tu a zombar, Dilbar! Trata mas é de lhe dar o tratamento completo que cabe a qualquer escravo, incluindo as chibatadas.

— Recordo-me de sempre terdes sido benevolente, Senhor Taita — disse-me Nakati com uma expressão séria. Dadas as circunstâncias, considereei o seu sentido de humor louvável, tendo ele pronunciado o meu nome com todo o respeito. Com um gesto de cabeça, dei indicação ao oficial de coberta para o levar a juntar-se aos demais prisioneiros, após o que me dirigi à escotilha principal do porão de carga do *Pomba*.

— Dilbar, dá aos teus homens ordem para rebentarem com os calços e arrombarem esta escotilha. — Quando a porta da escotilha

se partiu e caiu no chão da coberta, espreitei para dentro do porão e vi-o cheio de lingotes de cobre e de estanho. Ficava, daquele modo, claro que não éramos os primeiros clientes a receberem as atenções de Nakati e da sua tripulação.

— Transfere este açambarcamento para o *Fúria* — ordenei a Dilbar. — Em seguida, manda uma tripulação de saque para o navio pirata para que o navegue em comboio connosco até Creta. — A minha mente estava já a dar forma a um imaginativo plano. Era meu ensejo, porém, deixar Nakati passar tempo suficiente nos bancos dos remadores, para que o seu estado de ânimo fosse o adequado para escutar a minha proposta com toda a atenção.

Aguardei até não faltarem mais de quatro ou cinco dias para a nossa chegada à ilha de Creta, tendo sido nessa altura que dei ordem para que mo transportassem ao *Touro Sagrado* e, sob escolta, o levassem ao meu camarote.

Havia-lhe sido extirpado o bom sentido de humor, tendo agora a cobri-lo apenas as grilhetas e uma tanga exígua e imunda. Os seus modos arrogantes haviam melhorado. Tinha as costas marcadas pelo chicote, os braços estavam enxutos e enrijecidos pelo manejo dos remos e o seu ventre estava tão côncavo como o de um galgo faminto. Na sua figura não sobrava nem um átomo de carne.

Não obstante, considerei que, embora estivesse ele bem batido, não se achava ainda derrotado, posto as brasas ainda luzirem sob as cinzas do seu orgulho. Não me havia ele desiludido.

— Ainda tens uma esposa em Tebas ou ela já fugiu com outro qualquer? — perguntei-lhe, deixando-o a olhar-me fixamente. Os seus olhos eram duros e chispantes. O famoso sentido de humor que lhe conhecíamos achava-se agora contido.

— Filhos? — persisti. — Quantos? Rapazes ou raparigas? Pergunto-me se alguma vez pensarão em ti. Alguma vez pensas neles?

— Porque não fazei com que vos cresçam outros órgãos genitais e depois ide morrer para o inferno? — sugeriu-me, e eu reprimi um sorriso. Admirava, de facto, a sua petulância. Ignorei a sugestão e prossegui como se não a tivesse feito sequer.

— Suspeito que, no fundo do teu coração, continuas a ser um filho do nosso Egito; um homem civilizado e não um maldito pirata.
— Embora não revelasse reação alguma, continuava eu a olhá-lo.
— Cometeste um erro, que te custou tudo aquilo que era valioso para ti. — Num ato irrefletido, estremeceu. De modo infalível, havia eu posto o dedo noutra ferida, pelo que ele me lançou outro contra-ataque, dizendo:

— E vós, o que tendes que ver com isso, presunçoso d'um raio?

— Eu, não tanto assim — concordei. — Contudo, suspeito que isso deva significar bastante para a tua esposa e os teus filhos.

— Agora é demasiado tarde. Já ninguém pode fazer grande coisa quanto a isso. — O tom da sua voz tornava a mudar, havendo nela um oceano inteiro de tristeza.

— Eu posso fazer com que sejas perdoado — disse-lhe.

Com um resfôlego, riu com amargura.

— Não sois o Faraó.

— Não, não sou, mas sou o portador do real selo do falcão. A minha palavra vale tanto como a do Faraó. — Vi uma centelha de esperança luzir nos seus olhos, sentindo-me muito agradado com isso.

— O que quereis de mim, senhor? — Agora, suplicava-me ele. O tom de desafio havia desaparecido por completo.

— Quero que me ajudes a libertar o nosso bem-amado Egito das hordas dos Hicsos.

— Fazeis com que isso pareça muito simples, todavia, dediquei eu já mais de metade da vida a essa causa desesperada.

— Parece-me por demais evidente que, desde que fugiste de Tebas, te converteste num dos príncipes dos povos dos mares. Estou convencido de que muitos dos teus companheiros também são párias egípcios que estariam prontos a lutar pela possibilidade de conseguirem regressar à sua terra-pátria.

Nakati inclinou a cabeça em sinal de assentimento.

— E haviam eles de lutar com mais afínco ainda em troca de um pouco de prata e um pedaço de solo egípcio para ararem — sugeriu ele.

— É essa a recompensa que te posso prometer, a ti e a eles — assegurei-lhe. — Traz-me cinquenta navios como o *Pomba* com homens que os sirvam e combatam com eles, e, tão pronto, te devolverei o orgulho, a honra e a liberdade.

Refletiu sobre o que eu lhe propunha, e, por fim, abanou a cabeça.

— Nunca conseguiria arranjar-vos cinquenta desses navios. Devolvi-me, porém, o *Pomba* e a sua tripulação e, dentro de três meses, voltarei acompanhado de, pelo menos, outros quinze navios como esse. Juro-vos solenemente!

Dirigi-me à porta do camarote e abri-a. Zaras e três dos seus homens aguardavam-nos ali com as espadas desembainhadas, prontos a acorrer em meu auxílio.

— Vão às cozinhas e ordenem ao cozinheiro que nos traga vinho e de que comer.

Quando Zaras regressou, estava eu sentado à mesa com Nakati à minha frente. Havia lavado a cara na minha bacia e penteado o cabelo molhado. Vestia agora a roupa que eu mesmo lhe dera. Apesar da altura e dos ombros largos, era ele tão esguio quanto eu, pelo que a minha roupa lhe assentava na perfeição.

O grumete que vinha atrás de Zaras deixou diante de Nakati uma grande tigela com carne de porco salgada, tendo-lhe eu servido três generosos copos de vinho tinto e feito sinal a Zaras para que nos fizesse companhia à mesa. Começámos a falar, e, aos primeiros raios da manhã seguinte, ainda continuávamos a conversar.

O Capitão Hypatos desfraldou as velas e a nossa marinhagem trouxe o *Pomba*. Após Nakati descer para a coberta, retomou os comandos do seu *dhow* e navegou-o até junto das galés em que eu havia feito prisioneiros todos os seus tripulantes. Em cada uma delas, desceu ele até à coberta dos escravos, e, entre eles, escolheu os seus homens, que continuavam agrilhoados e presos aos bancos dos remadores, trazendo-os em seguida para cima, até à claridade da luz do Sol.

Achavam-se estes homens num estado lastimoso. Vestiam tão-só uma tanga igual à de Nakati e vinham todos bem marcados do chicote. Seguindo as minhas ordens, Akemi e Dilbar haviam-se ensaiado bem com eles, a ponto de os terem feito passar mesmo para lá dos limites do desespero e da resignação. Sabia eu bem que

se havia alguém que conseguia trazê-los de volta, essa pessoa era Nakati, um desafio do qual, estou certo, eu não havia de desfrutar.

Nakati saudou-me da coberta da popa do *Pomba*, após o que, tomou o leme e navegou rumo a norte. Era algures por aí que se achava a frota pirata, oculta nos seus esconderijos, disseminados por entre os milhares de ilhas desabitadas do arquipélago egeu.

— Pergunto-me se algum dia tornaremos a vê-lo — questionou-se Zaras. Encolhi os ombros. Não quis eu tentar os deuses da obscuridade, respondendo de modo afirmativo à sua pergunta, todavia, havia eu feito um trato com Nakati, e, sendo eu bastante bom a ajuizar as pessoas, acreditava poder confiar nele e no facto de ir fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para cumpri-lo.

Para minha plena satisfação e grande decepção dos meus inimigos, havia eu já provado conseguir desembarcar um grande destacamento de carros em qualquer enclave mal defendido da costa ocupada pelos Hicsos e semear a morte e o caos entre as forças de Gorrab, para logo regressarmos de novo aos nossos navios, antes de o inimigo conseguir retaliar sobre nós. Bem entendido que o meu pequeno exército nunca poderia aspirar a empreender uma campanha em grande escala contra o tirano, todavia, podia eu bem forçá-lo a desviar da fronteira sul com o nosso bem-amado Egito um grande número das suas principais tropas para acorrerem em defesa da sua extensa frente norte.

Havia eu acordado com Nakati pagar-lhes, a ele e a cada um dos seus homens, 1000 *mems* de prata como prémio para os compensar pelas pilhagens a que teriam de renunciar enquanto estivessem a navegar sob as minhas ordens. Então, quando finalmente a campanha contra os Hicsos resultasse na libertação de todo o Egito, os seus homens seriam perdoados por quaisquer delitos que tivessem cometido, incluindo por crimes como a pirataria e o assassinio. Todos eles seriam exonerados da marinha com honras e louvores, após o que lhes seria concedida a cidadania egípcia. Seriam, além disso, recompensados com quinhentos *kha-ta* de terra fértil e de regadio na propriedade do Senhor Taita de Mechir, situada às margens do rio Nilo, a sul da cidade de Tebas.

Naqueles instantes em que eu observava o *Pomba* a afastar-se de nós, perguntava-me que parte de toda aquela generosidade que eu havia prometido a Nakati poderia ir resgatar ao tesouro do Faraó e que parte dela deveria eu garantir com os fundos dos meus próprios cofres. Sem dúvida alguma que havia o Faraó de ficar muito agradecido, todavia, estava eu bem menos otimista quanto a expressar ele a sua gratidão com moedas. O meu Mem não se separava da sua prata assim com tão grande facilidade.

Sabia eu bem ter o Capitão Hypatos realizado, em variadas outras ocasiões, aquela mesma travessia entre a Suméria e Creta, não obstante, quando lhe perguntei quanto tempo pensava ele que ainda havíamos de demorar a chegar a Cnossos, mostrou-se evasivo.

— Por certo haverá isso de depender dos ventos e das correntes com que nos depararmos, todavia, apostaria eu que dentro dos próximos dezasseis dias estaremos nós a fazer a nossa entrada na sagrada ilha de Creta.

Fiquei satisfeito com este cálculo, porquanto os cavalos que puxavam os carros se acharem há tempo demasiado confinados aos estábulos, pelo que estava o seu estado geral a deteriorar-se, como a terem o pelo já seco, a terem perdido peso e a mostrarem-se apáticos. Hui estava tão preocupado com isso quanto eu.

No decurso do jantar da décima quarta noite, das dezasseis que o Capitão Hypatos me havia prenunciado, relembrei-o eu do que me havia dito, ao que ele respondeu, largando um tanto o velame:

— Senhor Taita, deveis entender que todos os marinheiros se acham sujeitos à vontade e aos caprichos do grande deus Posídon, que é quem governa todos os mares. Dezasseis dias foi tão-só uma estimativa minha, e atentai que sou até bastante bom nisso.

Uma das coisas de que Hypatos e eu estávamos razoavelmente seguros era de não mais correremos o risco de sermos atacados pelos piratas. Corsário algum ousaria levar a cabo operações tão próximo do porto principal da frota mais poderosa de todos os mares, pelo que enviei um sinal de aviso a todas as minhas galés.

Muito antes de o Sol se pôr, haviam-se estas reunido numa formação cerrada em torno do *Touro Sagrado*.

Na manhã seguinte, bem antes do romper da aurora, deixei o camarote em silêncio, saí para a coberta e subi até ao alto do mastro. À primeira luminosidade enevoadada e cinzento-clara do amanhecer, varri todo o horizonte que se estendia para diante das proas e deparei-me com o mesmo vazio, posto não haver terra alguma à vista.

Preparava-me eu para descer do mastro e regressar ao camarote quando um albatroz surgiu por entre a neblina e planou por cima de mim com as asas todas estendidas, virando a cabeça de um lado e do outro para assim me espreitar. Tudo o que se relaciona com a vida das aves me fascina, sendo aquela a primeira vez que eu tinha a oportunidade de estudar uma das mais deslumbrantes de todas as aves a uma distância tão curta quanto aquela. Também a ave parecia estar deveras interessada em mim, posto deslizar quase tão próximo o bastante para conseguir eu tocar-lhe, enquanto me estudava com os seus olhos negros brilhantes. Contudo, mal estendi uma mão para esta, afastou-se abruptamente e tornou a desaparecer por entre a mesma bruma da qual se havia materializado.

Antes de começar a descer, baixei os olhos para a coberta e fiquei surpreendido ao ver que, durante todo o tempo em que aquela ave havia estado a captar a minha atenção, um casal tinha saído das cobertas inferiores e parado na proa do navio a olhar ao longe para o horizonte com a mesma intensidade que eu mesmo o fizera apenas uns quantos minutos antes. Não podia estar eu certo de quem eles eram, posto estarem envoltos em grossas capas para se protegerem do frio do amanhecer e os seus rostos se acharem virados para longe de mim.

Quando, por fim, se viraram para olharem um para o outro, pude ver tratar-se eles de Zaras e Tehuti. Num relance, olharam em volta para a coberta, sem, porém, levantarem os olhos para o mastro. Satisfeitos por não estarem a ser observados, Zaras tomou-a nos braços e beijou-a, ao mesmo tempo que ela se punha em bicos dos pés e o agarrava com um desespero evidente. Senti-me, então,

como um mirone que se tivesse imiscuído naquele momento de intimidade, todavia, antes de conseguir desviar o meu olhar espantado, Tehuti afastou-se um tanto dele, pelo que pude ler nos seus lábios:

— Como de costume, Taita tinha razão. Não há sinal algum de terra. Os deuses concederam-nos ao menos outro inestimável dia para estarmos juntos, antes de sermos separados para sempre — disse com um semblante trágico.

— Tu és uma princesa — lembrou-a Zaras —, e eu sou um guerreiro. Temos ambos um dever sagrado a cumprir, custe o que custar. Havemos de o suportar.

— Sei bem ser verdade o que dizes, porém, quando partires, hás de levar contigo o meu coração e o meu desejo de estar contigo. Deixar-me-ás ficar como uma casca vazia. — E, com estas palavras, aproximou-se dele e voltou a beijá-lo.

Virei a cabeça para o outro lado, pois não conseguia ver por mais tempo aquele seu desespero profundo. Também eu tinha um dever sagrado a cumprir. Somos todos meros insetos apanhados na rede que os deuses nos lançam, e não temos forma alguma de lhe escapar.

Aguardei que tivessem abandonado a coberta para eu descer do mastro e me encaminhar para o camarote.

Não mais havia eu chorado desde aquele longínquo dia da morte da mãe de Tehuti. Agora, porém, tornava eu a fazê-lo.

Na manhã seguinte, tornei a subir ao alto do mastro, desta vez, porém, não tive decepção alguma. Às primeiras horas do dia, a ilha de Creta surgiu, baixa e azul, no nosso horizonte de estibordo. Não era ali que eu esperava encontrá-la, posto, em vez de estar mesmo à nossa frente, estender-se umas cinquenta léguas, ou mais, para norte.

Em boa verdade, este pequeno contratempo não me deixou nada incomodado. Não tinha eu uma pressa desmedida de conhecer o Supremo Minos, posto, para isso acontecer, ter eu de privar as minhas princesas de mais alguns dias de felicidade. Decidi, pois, aproveitar ao máximo essa oportunidade inesperada de conhecer

mais a fundo aquele reino de mitos e lendas. O romance e a sua força mítica pareciam estar a aproximar-se de mim por sobre as águas.

Queria eu desfrutar dos mesmos plenamente, sem a intromissão de outros, porém, não havia isso de ser possível. Vindo do *Fúria*, que navegava diante de nós, ouviu-se um repentino tumulto e gritos de «Terra à vista!»

Quase no mesmo instante a coberta que se achava por debaixo de mim pareceu enxamear-se com uma entusiástica humanidade. Todos se apinharam junto ao bordo de estibordo e treparam para cima dos aprestos para assim melhor vislumbrarem terra.

Não pude, por muito mais tempo, desfrutar daqueles instantes sozinho, dado ter o embaixador Toran subido ao mesmo mastro para vir juntar-se a mim. Estava ele bem mais em júbilo do que eu, porém, à semelhança de mim, não se mostrava ele demasiado preocupado por todo o atraso no termo da viagem.

— É desculpável o erro de navegação cometido pelo Hypatos, dado termos nós mareado por longo tempo sem terra à vista e dadas as bizarras do vento e das correntes. A navegação marítima jamais é uma ciência precisa, antes, porém, um instinto bem desenvolvido. Na verdade, o erro de cálculo do Hypatos bem pode ter sido fortuito.

Olhei-o, interpelativo, de soslaio.

— Quereis fazer o obséquio de explicar isso melhor?

— Estou certo de que vos recordareis de, antes de zarparmos de Sídon, vos ter eu elucidado acerca do decreto do Supremo Rei Minos que diz que nenhum navio de guerra estrangeiro tem autorização para entrar no porto de Cnossos pela costa norte do reino, posto ser justamente aí que se encontram fundeadas as galés de guerra.

— Sim, de facto, haveis-me dito que os meus navios teriam de usar o porto de Krimad, situado na costa sul. Na verdade, essa mesma localização será bem mais conveniente para as minhas galés, pois que, desse modo, não terão elas de navegar muito mais para alcançar as posições dos Hicsos no delta do Nilo.

Toran fez-me dirigir a atenção para a terra distante.

— Estais a ver aquelas edificações brancas no sopé do monte Ida? Constituem elas os estaleiros do porto de Krimad. Deveis separar de nós de imediato a vossa esquadra e mandá-la ocupar naquele porto os ancoradouros que lhes estão destinados. O Capitão Hypatos enviará um dos seus oficiais para que faça as vezes de piloto para os vossos capitães.

— Excelente! — aprovei. — É pretensão do Supremo Minos que eu permaneça com a minha flotilha em Krimad?

— Não, não, Taita! — apressou-se ele a tranquilizar-me. — O Supremo Minos está bem ciente de serdes vós o digno representante do Faraó Tamose, pelo que sois bem merecedor de superior respeito. Nas encostas do monte Ida, altaneiras à cidade de Cnossos, foi disposta uma mansão para vosso uso exclusivo. Não obstante... — fez uma pausa, e, descaindo uma pálpebra, prosseguiu em tom conspirativo: — ... a bordo deste navio, há alguns membros do vosso séquito que ficariam bem melhor acomodados em Krimad do que em Cnossos.

— Ah! — exclamei, fingindo ignorância. — E quem poderão ser essas pessoas?

— Não é minha intenção insinuar que alguém tenha tido um comportamento menos próprio, todavia, há-os que têm demonstrado ter uma confiança um tanto mais familiar com as futuras noivas do Supremo Minos.

— Não estais, por certo, a referir-vos à pequena Loxias, a serviçal real? — Toran baixou os olhos. Com algum recato, havia-lhe eu já lembrado de termos ambos segredos a ocultar.

— Deixo-o ao vosso irrepreensível juízo — com estas palavras, Toran retirou-se com elegância da discussão.

No momento em que descemos para a coberta principal, o Capitão Hypatos aguardava-me com um sorriso.

— E foram mesmo dezasseis dias, Senhor Taita.

— Devo felicitar-vos pela vossa mestria na arte da navegação, Hypatos — elogiei-o. — Por favor, dissei aos capitães das minhas galés para subirem a bordo de imediato.

Hypatos deu ordem para que fosse arriado o velame do navio porta-estandarte real e içado o sinal «A Todos os Capitães».

Os comandantes das minhas galés puseram os esquifes na água e ordenaram aos seus tripulantes que os remassem até alcançarem o *Touro Sagrado*. Por ordem de antiguidade, com Dilbar e Akemi na dianteira, todos subiram a bordo. Apontei-lhes ao longe o porto de Krimad e informei-os de que seria aquela a futura base de operações.

Nesse momento, Zaras e Hui assumiram formalmente o comando dos seus próprios navios, e aprestaram-se a abandonar o navio porta-estandarte real. Havia já os respetivos serviçais preparado toda a equipagem, que agora faziam descer para os esquifes, para assim ser embarcada nas respetivas galés.

Deliberadamente, havia eu com muito pouca antecedência avisado Zaras e Hui sobre a sua transferência, tendo-me mesmo absterido de informar Tehuti e Bekatha sobre a sua partida iminente. Pretendia eu, a todo o custo, evitar qualquer manifestação pública de emoções.

Não obstante, não é tão fácil assim ludibriar as minhas meninas, pelo que quase de imediato se haviam elas apercebido de que algo de estranho estava a acontecer. Saíram dos camarotes e subiram para a coberta da popa para virem ver do que se tratava. O ânimo leve e descontraído com que vinham, alterou-se abruptamente assim que se depararam com Zaras e Hui na coberta principal, parados diante dos seus homens.

Dissimuladamente, observei as minhas duas meninas a verem-se confrontadas com a dura e fria realidade de que o tão temido momento havia chegado e a partida era agora iminente.

O semblante de Tehuti tornou-se frio e empalidecido como o de um cadáver depositado sobre uma laje pronto a ser sepultado. No mesmo instante em que o lábio inferior de Bekatha tremulou, ela pestanejou para desse modo reprimir as lágrimas.

Na coberta principal, Zaras chamou a atenção dos seus oficiais, que de pronto saudaram o castelo da popa. Vi Bekatha tatear à procura da mão da irmã mais velha e agarrá-la com tamanha força que os nós dos dedos ganharam um gélido tom esbranquiçado.

Os lábios de Tehuti moveram-se, enquanto lhe sussurrava:

— Deves ser valente, Bekatha. Estão todos a olhar para nós.

Loxias, que havia estado parada logo atrás delas, avançou para se pôr ao lado de Bekatha e deu-lhe a mão.

Zaras dirigiu-se formalmente ao Capitão Hypatos:

— Peço autorização para abandonar o navio, capitão. — Diante destas palavras, Hypatos respondeu-lhe com a mesma formalidade:

— Autorização concedida, capitão!

Zaras virou-se para a amurada do navio e, com o seu contingente, desceu pela escada de quebra-costas para os esquifes que os aguardavam. Hui seguiu-o. Nenhum deles se havia apercebido da presença das raparigas paradas na popa atrás deles, nem se haviam voltado para trás.

Enquanto víamos Hui partir, Bekatha vacilou um tanto e deixou escapar um ruído breve e abafado. Em seguida, ainda de mãos dadas, as três meninas encaminharam-se para as escadas que as haviam de levar aos camarotes. Bekatha tropeçou ao de leve no primeiro degrau, porém, Tehuti amparou-a discretamente, evitando assim que a irmã caísse.

Toran estava parado à minha frente, a bombordo da coberta. Depois de as três meninas terem desaparecido por debaixo da coberta, olhou ele de relance na minha direção e com um aceno de cabeça quase impercetível mostrou-me a sua aprovação.

Com esse gesto simples, havíamos-nos tornado cúmplices, sabendo eu bem que no futuro havíamos ambos de ser capazes de confiar um no outro.

Depois de terem os esquifes zarpado do bordo do *Touro Sagrado* e estarem a dirigir-se de volta para as galés, Hypatos amurou o navio porta-estandarte real e inverteu o rumo, contornando o cabo oriental da ilha.

Olhei por sobre a ferragem polida do navio porta-estandarte real e fiquei a observar as minhas galés em linha de popa a afastarem-se em direção ao porto de Krimad. Ainda me sentia entristecido por ter sido testemunha da angústia das minhas meninas, pelo que tratei de

me distrair disso, indo pôr-me ao lado de Toran, junto à amurada, para lhe fazer uma pergunta banal, cuja resposta eu conhecia bem.

— Qual é, em linha reta, a distância por terra entre Cnossos e Krimad?

— Não é tanto a distância efetiva que é significativa, posto tratar-se tão-só de umas quarenta léguas, ou um tudo-nada menos do que isso — explicou-me Toran. — O problema é o caminho ser íngreme e traiçoeiro no troço que contorna o sopé do monte Ida, e o trajeto ser difícil de percorrer daí para diante. Poderão talvez os vossos cavalos levar dois dias a completar essa viagem, contudo, no caso de serem forçados a abreviar esse tempo, acabareis com eles.

Sabia eu bem que teria de percorrer aquele caminho com regularidade, se queria manter-me em contacto com os oficiais dos meus navios, mas também com as minhas meninas, que se encontrariam no serranho real. Em contrapartida, não podia eu aceitar as demoras estimadas por Toran, pelo que decidi estabelecer uma cadeia de revezamentos por toda a ilha. Com cavalos descansados à minha espera em intervalos de dez léguas, ao longo do caminho, poderia eu estugar-lhes mais o passo e levá-los a atravessar toda a ilha em sete horas apenas, ou num pouco menos. Seria essa a minha prioridade, mal tivesse deixado as minhas meninas no seu novo lar.

Por breves instantes, desci à coberta inferior com a intenção de as aliciar a subirem para que se distraíssem e esquecessem a sua tristeza, todavia, não quiseram elas acompanhar-me. Era de tal modo profundo o seu sofrimento que mal conseguiram abrir a boca para responderem às minhas solícitas perguntas. Sentaram-se numa liteira, agarrando-se uma à outra em busca de um pouco de consolo, enquanto Loxias se sentou no chão, a seus pés, de pernas cruzadas. Não era a primeira vez que me sentia comovido com a lealdade da rapariga minoica.

As minhas meninas tinham necessidade de passar algum tempo sozinhas para aceitarem a crueldade do destino e a impiedade dos deuses. As exigências da vida são multiplicadas cem vezes pela juventude, todavia, são aliviadas em igual medida pela levedade da idade. Todos devemos aprender a resistir.

Deixei-as e regressei à coberta. Toran tinha já descido, pelo que tornei a subir ao cordame.

Eram aquelas águas da pátria de Hypatos, pelo que ele as conhecia a fundo. Por vezes, contornava ele os recifes e promontórios tão rente que eu ficava com a sensação de poder sair da coberta para terra sem sequer molhar os pés.

Foi fascinado que contemplei a paisagem em movimento. Não estava eu à espera que fosse tão montanhosa, nem que tivesse uns bosques com tamanha exuberância. Por ter passado uma tão grande parte da vida em paragens secas e desérticas, pareceram-me aquelas exóticas e belas.

Passava já do meio-dia quando dobrámos a ponta mais oriental da ilha e mudámos de rumo para nos dirigirmos para Cnossos pela costa norte. Achava-se o ângulo da luz do Sol de tal modo alterado que, por debaixo da quilha, a água adquiriu um tom de azul admirável.

Diante de nós, achava-se todo o mar salpicado de embarcações, desde os minúsculos barcos de pesca ancorados até às enormes trirremes mercantes com bancos agitados de longos remos e nuvens de velas vibrantes.

Ao passarmos diante das bocas das enseadas e dos portos que recortavam a linha de costa, vi que também se achavam cheios de barcos fundeados a fazerem o embarque ou o desembarque de mercadorias. As cargas faziam parte do forte contingente comercial que havia gerado toda a riqueza que transformara aquela pequena ilha num colosso que dominava todo o mundo civilizado.

Pelos estudos que eu mesmo havia levado a cabo, sabia, porém, tratar-se aquele de um terreno rochoso e escarpado. O solo era pobre, desprovido de minerais preciosos e inadequado para o cultivo. Ainda que grandes bosques crescessem em profusão sobre o mesmo, proporcionavam as suas raízes mais uma barreira à plantação de valiosas safras.

Haviam os Minoicos achado a solução para este problema, enviando os seus navios mar dentro para irem buscar as matérias-primas a outras paragens que as produziam. Após terem aí pagado

uma ninharia por essas riquezas, transportavam-nas eles para Creta, onde, depois de aí aplicarem todos os seus conhecimentos de engenharia e o seu talento para o desenho e a inovação, as transformavam em produtos francamente atrativos e muito cobiçados pelo resto do mundo.

Refinavam eles os minerais que outros povos mais primitivos haviam escavado da terra com paus afiados, e, com esses metais, fabricavam eles espadas e punhais, elmos e armaduras, para os guerreiros, e enxadas e forquilhas, para os agricultores.

Haviam eles aperfeiçoado o cozimento das areias de sílica e de outros minerais com que fabricavam vidro, um material extraordinário ao qual davam a forma de travessas e de pratos e ainda de outros utensílios, que adornavam as mesas dos banquetes reais, ornamentos e joias de uma miríade de cores, para grande deleite das esposas dos homens abastados, bem como as contas que algumas tribos usavam como moeda corrente. Em alguns destes países primitivos, um cordão dessas contas de cristal permitia comprar um cavalo puro-sangue ou uma bonita jovem virgem.

Faziam os Minoicos o intercâmbio entre estes seus produtos e o cânhamo, o algodão, o linho e a lã, que agricultores de subsistência de outras terras haviam cultivado. Trabalhavam e teciam eles estas matérias-primas de molde a converterem-nas em tecidos para peças de vestuário ou em telas para tendas de campanha e velas para os barcos.

Estes, por sua vez, saíam para fazer comércio, repetindo este ciclo interminável até que nenhuma outra nação conseguisse igualar a sua riqueza; nem mesmo o nosso bem-amado Egito.

Toda esta incessante e inquebrantável busca de riqueza tinha, todavia, um custo oculto.

Da minha vantajosa posição altaneira no cordame do *Touro Sagrado*, olhei bem para o longe para terra e vi o fumo elevar-se das incontáveis fráguas e fornalhas nas quais os minerais eram refinados, os metais eram caldeados em ligas metálicas e as areias transmutadas em vidro.

Nas vertentes das montanhas, sobranceiras às cidades e aos engenhos, vislumbravam-se extensas áreas de devastação, mostrando a terra as suas cicatrizes onde os bosques haviam sido retalhados à machadada para fornecerem madeira para a construção dos cascos dos navios mercantes minoicos ou para ser queimada até se tornar carvão e desse modo alimentar as fornalhas dos moinhos.

Vi as águas costeiras manchadas e sujas dos pigmentos venenosos e dos fluidos corrosivos por eles usados nos moinhos, e que de imediato escoavam para o mar.

Como acontece com qualquer homem vivo, também eu aprecio ter nas minhas mãos o peso e o fausto da prata e do ouro, todavia, ao deparar-me com todo aquele desmate da pristina natureza, perguntei-me qual o derradeiro preço que o homem estaria disposto a pagar para alimentar a sua insaciável cupidez.

Todos estes meus pensamentos foram interrompidos por um grito vindo da coberta, pelo que espreitei para baixo e vi que o embaixador Toran havia voltado ao convés e me acenava para que fosse fazer-lhe companhia. Chegado eu junto dele, desculpou-se com estas palavras:

— Não posso permanecer muito tempo aqui em cima — justificou-se. — Os giros do barco são para mim muito desagradáveis, devido à altura do mastro, e não gostaria de desperdiçar o excelente pequeno-almoço que o cozinheiro se esmerou tanto a preparar para mim. — Tomou-me pelo braço e levou-me para diante. — A vista da proa é tão boa quanto do cimo do mastro, e gostaria de vos mostrar alguns lugares de interesse quando deixarmos para trás a ilha Dragonada e tivermos uma visão completa de Cnossos e do monte Crono. — Instalámo-nos comodamente à sombra da vela de proa, enquanto o navio contornava o extremo da ilha e, adiante de nós, se estendia um panorama perfeito da costa norte de Creta.

Do nosso lado de bombordo, contemplámos uma vista maravilhosa do monte Ida, totalmente distinta da que havíamos desfrutado do lado sul da ilha. Desta perspetiva, parecia ser a montanha ainda mais alta, mais íngreme e mais escarpada. Abaixo

desta, a cidade de Cnossos e o seu porto abriam-se por completo à nossa vista.

Era enorme aquele porto, as águas, porém, não pareciam ser suficientemente amplas para acolher a frota de navios de guerra minoicos e ainda os navios mercantes, que se achavam lá fundeados. Alguns desses navios tinham um comprimento capaz de fazer parecer pequena a coberta do *Touro Sagrado* onde nos reclinávamos.

Acima do porto, elevavam-se os edifícios da cidade, percebendo eu de imediato ser em extensão muitas vezes maior do que Tebas e a Babilónia juntas. Não obstante, comparadas com Cnossos, essas duas cidades mais pequenas eram bonitas, alegres e acolhedoras.

Cnossos era um lugar sombrio e escuro, mau grado surgir esta cidade recortada sobre um fundo de altas e majestosas montanhas e pese a importância e grandeza da sua arquitetura. Os meus sentidos estão tão delicadamente sintonizados com as subtis correntes subterrâneas e os matizes ocultos do preternatural que de pronto percebi ter sido a cidade de Cnossos construída sobre um desses raros campos de energia nos quais os deuses concentravam todo o seu poder.

Nesta época de progresso, os homens cultos aceitavam já que a Terra é um ser vivo que respira, uma tartaruga gigante que nada perpetuamente no obscuro oceano da eternidade. As placas que formam a carapaça que cobre as suas costas estão fundidas ao longo dessas linhas de energia. Quando a Terra se move, essas articulações permitem-lhe flexionar o corpo e as extremidades, que são centros de uma força inimaginável, alguns, para o bem, outros, todavia, para o mal.

Naquele caso era para o mal. Na parte posterior da língua, notei eu o sabor desagradável, e, nas fossas nasais, o cheiro fétido.

Estremeci enquanto tentava aceitar toda aquela enormidade.

— Tendes frio, Taita? — perguntou-me Toran, solícito.

Ainda que o negasse com a cabeça e sorrisse, não estava eu certo de o meu rosto não estar a revelar os meus verdadeiros sentimentos. Desviei o olhar dele e contemplei o mar em frente. Longe de me tranquilizar os pressentimentos, as águas pareceram-

me estar ainda mais agitadas por, pela primeira vez, admirar eu de perto os picos gêmeos do monte Crono. A minha perturbação deve ter-se revelado de modo tão evidente que Toran se riu entredentes e me deu uma palmada no ombro de um modo paternal.

— Ânimo, Taita. A maior parte das pessoas experiencia essa mesma reação quando, pela primeira vez, vê a cidadela de Crono, o pai de todos os deuses. Conheceis a história deste lugar e de como todos os seus mistérios se desenvolveram?

— Pouco ou nada sei a esse respeito. — Na verdade, estava eu certo de conhecer bem melhor toda aquela história do que o próprio Toran, todavia, bastas vezes, o melhor é fingir ignorância, pois assim mais provável será ficarmos a saber de segredos que de outro modo nos seriam negados.

Toran acolheu aquela minha informação com entusiasmo.

— Como homem de letras e instruído, por certo que estareis de acordo com a afirmação de que Crono é o pai de todos os deuses. Antes dele, existia apenas a Terra, Gaia, e o céu, Urano. Fruto da união de ambos, nasceu Crono.

— Esse tanto, sei eu bem — admiti, com prudência. Não queria eu ser arrastado para uma discussão, ainda que conhecesse bem outras explicações mais plausíveis para a criação. — Mas, por favor, bom Toran, prossegui.

— Algum tempo passado, Crono rebelou-se contra o pai, Urano, e derrotou-o. De pronto o castrou e o tornou seu escravo. Crono governou ao longo de toda a idade de ouro dos deuses. Todavia, estava ele ciente da profecia segundo a qual um dos seus filhos havia de lhe declarar guerra, do mesmo modo que havia ele feito com o próprio pai, pelo que devorou todos os filhos à nascença para assim evitar que isso acontecesse.

— Dadas as circunstâncias, devorá-los era, talvez, uma decisão razoável. Sei de mais de um pai mortal que desejaria ter atuado desse modo — graciei com uma expressão séria, porém, Toran tomou a minha observação a sério e assentiu.

— Assim é! Não obstante, e seguindo com o restante relato, quando Reia, que era a esposa mais velha de Crono, deu à luz o sexto filho, ao qual deu o nome de Zeus, escondeu-o do seu pai

numa gruta, no alto do monte Ida. — Com estas palavras, apontou para a montanha, que se elevava do outro lado da baía. — Deste modo, Zeus sobreviveu e atingiu a idade madura. Então, tal como havia sido profetizado, defrontou-se ele numa batalha com Crono. Depois de o derrotar, com a espada abriu o ventre do pai, devolvendo assim todos os irmãos à liberdade.

— Então, vogaram Zeus e os seus irmãos e irmãs até ao cume do monte Olimpo, onde ainda hoje continua a ser a sua morada, governando as nossas vidas com mão dura. — Fiz o relato avançar a um passo acelerado. Por vezes, Toran consegue ser um pedante. — Zeus é agora o pai de todos os deuses e o senhor das tormentas. Os seus irmãos são Héstia, a deusa do lar e do fogo doméstico, Deméter, a deusa da agricultura e das colheitas abundantes, Hera, a deusa do matrimónio, Hades, o deus do inframundo e Posídon, o deus do mar.

— Haveis-me dito que não conhecíeis a sua história. — Toran pareceu um tudo-nada ofendido, contudo, apressou-se a prosseguir antes que eu pudesse relatar o resto da história. — Zeus não podia matar o pai, devido à sua condição de mortal, pelo que, antes de Zeus partir para o monte Olimpo, encarcerou Crono nas ardentes profundezas do vulcão que tem agora o seu nome.

Durante alguns instantes, observámos ambos a montanha em silêncio.

— É o vulcão mais antigo e mais poderoso do mundo inteiro. — Foi Toran quem rompeu com o silêncio. — É Crono quem controla todo o poder do vulcão. Por meio dele, protege-nos este deus da inveja dos reis estrangeiros e da avareza das nações menos civilizadas. Foi apenas numa certa ocasião, quando os Eubeus enviaram a sua frota para nos atacar, que, das alturas da montanha, Crono arremessou sobre eles enormes e temíveis rochas ardentes, afundando a maior parte dos navios e fazendo com que os sobreviventes voltassem para o mesmo sítio de onde haviam partido.

Olhei assombrado para aquela montanha. Na verdade, era uma visão estarrecedora. Em nenhum dos íngremes antemuros em forma de pirâmide se avistava sinais, por menores que fossem, de

vida animal, vegetal, ou de qualquer outro tipo. Caíam, abruptos, quase na vertical sobre a beira-mar, neles reluzindo lençóis negros e vermelhos acetinados de vítrea lava solidificada.

Das duas aberturas gémeas que perfuravam os ardentes cumes dos picos, a lava fundida, incandescente e reluzente ainda pingava e se derramava em autênticos rios de fogo que estalavam em nuvens de vapor quando tocavam as águas marítimas que banhavam a base da montanha.

— Esteja Crono muito contente ou deveras irritado, expele ele fumo e fogo — explicou-me Toran. — A exuberância da sua ira ou do seu prazer pode ser ajuizada pelo volume e pela força do sopro incandescente. Pela mansidão das exalações, podeis ver que, neste momento, dorme ele ou está de ânimo jovial. Nas alturas em que está verdadeiramente encolerizado, expele tão alto rocha fundida e nuvens de fumo sulfuroso que ambas de pronto se confundem no céu com as próprias nuvens. Essas vociferações e crepitações podem, então, ser escutadas por toda a parte de Creta, e os seus violentos estremecimentos e tremores são sentidos em terras bem distantes, localizadas do outro lado do mar.

— O que pode pô-lo irritado a esse ponto? — perguntei a Toran.

— Ele é o mais poderoso de todos os deuses. Crono não precisa de ter um motivo para se zangar, e por certo que não tem ele de nos dar conta dos seus caprichos nem extravagâncias. Ele fica irritado, porque fica irritado; é tão simples quanto isso.

Assenti com sensatez com a cabeça, enquanto escutava Toran a exaltar os poderes e a justificar os excessos do seu deus particular. Bem entendido que não estava eu de acordo com ele, posto ter estudado a história e a genealogia de todos os deuses. Há-os às centenas, e, à semelhança dos mortais e dos semideuses, distinguem-se amplamente entre si no poder, no temperamento, nas virtudes e na iniquidade.

O que me deixava desconcertado era o facto de um homem tão culto como Toran preferir render tributo e fidelidade a um monstro furioso, em vez de o fazer a uma divindade nobre e benevolente como Hórus.

Não confio nem em Crono, nem em Set. Além do mais, nunca estive inteiramente seguro quanto a Zeus. Como podeis confiar em alguém, inclusive num deus, que se compraz em usar artes malévolas na humanidade e na própria família mais próxima?

Não, sou um homem de Hórus até à medula.

O acúmulo de embarcações no porto de Cnossos e nas suas imediações era de tal modo grande que, enquanto nos aproximávamos do mesmo, o capitão do porto enviou-nos um lugre com uma mensagem, negando ao *Touro Sagrado* a entrada imediata e dando-nos ordem para largarmos âncora na angra até que dispuséssemos de um ancoradouro no interior do porto.

O embaixador Toran desceu para o lugre do capitão do porto para ir a terra informar o palácio da nossa chegada.

Uma hora passada sobre a partida de Toran, aproximou-se de nós um cúter para nos indicar o nosso fundeadouro. Exibia o estandarte real de Creta. Na parte dianteira, estava o touro dourado, e, no lado inverso, o machado de cabeça dupla do verdugo, significando estes os poderes sobre a vida e a morte brandidos pelo Supremo Minos.

Antes de Toran desembarcar para ir a terra, havia-me ele advertido para o facto de Tehuti e Bekatha, na qualidade de futuras esposas reais, deverem manter-se confinadas aos camarotes, longe dos olhares masculinos. Quando aparecessem em público, deveriam elas ter os rostos completamente tapados com um véu, bem assim estarem as mãos e os pés totalmente cobertos, até terem elas sido depositadas em toda a segurança no serralho real.

Quando lhes transmiti o código de indumentária minoico, as meninas ficaram indignadas, pois estavam elas habituadas a andar completamente desnudas quando assim bem lhes aprouvesse. Tive de me valer de todo o meu tato e capacidade de negociação para as convencer a serem respeitadoras dos modos e costumes minoicos, bem como a comportarem-se como membros da família real minoica.

Tendo em grande consideração estas restrições, era eu o único não-minoico na coberta da popa do *Touro Sagrado* a poder receber

a delegação do palácio.

Na proa do cúter que se aproximava, de pé ao lado do embaixador Toran, vinham três oficiais do palácio. Quando se achavam já a pouca distância, um deles, que nos falou em nome do Supremo Minos, solicitou autorização para subir a bordo, um pedido concedido com presteza pelo Capitão Hypatos.

Vinham aqueles três visitantes com túnicas negras a todo o comprimento vestidas, cujas bainhas arrastavam pelos conveses à medida que desciam a coberta em passos calculados e majestosos para virem ao meu encontro. Traziam postos chapéus altos sem abas, adornados com fitas negras. As barbas haviam sido tingidas com tisne negra, achando-se muito frisadas com pinças quentes. Haviam eles empoado os rostos com giz branco, porém, os olhos mostravam um círculo desenhado com *kohl*, o que fazia um contraste realmente impressionante, ficando eles com expressões faciais lúgubres.

O embaixador Toran seguia-os de perto, e apresentou-mos à medida que se iam detendo à minha frente. Inclinei a cabeça para cada um deles, enquanto Toran pronunciava os seus múltiplos nomes e enumerava os seus rebuscados títulos.

— Senhor Taita! — exclamou o emissário principal, devolvendo-me a reverência. — Ordenou-me o Supremo Minos que vos desse as boas-vindas ao Reino de Creta... — E prosseguiu, garantindo-me que a nossa chegada havia sido antecipada com grande entusiasmo, ainda que, no palácio, se desconhecesse a data e a hora exatas desse feliz acontecimento. Agora, solicitavam eles vinte e quatro horas mais para que fossem preparadas as boas-vindas convenientes às damas reais egípcias, que estavam prometidas ao Supremo Minos.

— Uma barcaça real chegará a este navio ao meio-dia de amanhã para vos transportar, a vós e às noivas reais, ao palácio, onde o Supremo Minos vos aguardará para vos dar as boas-vindas e acolher na sua família.

— O vosso Supremo Minos é muito amável! — respondi àquilo que, no essencial, não era tanto um convite, mas uma ordem real expressa com diplomacia.

— Sua Majestade ordenou-me que, para sua satisfação, à sua chegada, me encarregasse eu das damas reais. Pedi-me ainda para lhes oferecer estes testemunhos do seu favor régio. — E com estas palavras, indicou os pesados cofres de prata, transportados pelos ajudantes vestidos de negro que o flanqueavam e que, depois de depositarem os presentes sobre a coberta, recuaram por entre profundas vénias.

As formalidades haviam chegado ao fim, pelo que a comitiva regressou ao cúter que a havia trazido até ali. Apercebi-me naquele momento de que os Minoicos eram um povo sério, que quase não perdiam tempo em cerimónias, nem noutras formalidades de cortesia. O embaixador Toran acompanhou-os a terra, não sem antes porém me dirigir um sorriso breve e um aceno discreto no momento em que embarcou no cúter.

Tinha eu a esperança de que os presentes enviados pelo Supremo Rei Minos pudessem aliviar a profunda tristeza das minhas princesas, posto, na verdade, darem boas mostras de serem dignos do monarca mais rico do mundo. O ouro e a prata reluziam e as pedras preciosas faziam o camarote fulgir com raios de luz multicolores. Tehuti e Bekatha avaliaram-nos com indiferença antes de os abandonarem e voltarem a mergulhar na sua melancolia.

Até àquele momento, havia eu instaurado severas restrições para que nenhuma das minhas meninas desfrutasse do consolo da uva, todavia, reconheci ser chegado o momento de aliviar a sua grande tribulação por meio de um remédio drástico. Desci, pois, ao porão do navio, abri uma das ânforas do embaixador Toran e enchi pela metade três grandes jarros de cobre com o delicioso vinho tinto das Cíclades. De pronto, acabei de os encher com água e ordenei ao comissário de bordo do navio que os levasse ao camarote onde as minhas meninas elanguesciam.

— Queres tu que bebamos este veneno? — interrogou-me Tehuti.
— Mas disseste-nos que isso nos deixaria calvas.

— Acontece isso apenas se o tomais enquanto sois muito jovens, todavia, agora sois adultas — expliquei-lhes. — Olhem para mim. Acaso estou eu calvo? — Com alguma relutância, admitiram não estar eu assim.

— Também nos disseste que nos faria cair os dentes — lembrou-me Bekatha. Para bem refutar o que ela dizia, mostrei-lhe de imediato a minha dentadura perfeita. Por breves instantes, meditaram ambas em silêncio sobre o que lhes acabara eu de dizer.

— Isto fará com que se sintam mais alegres e felizes — disse-lhes com mansidão na voz.

— Não quero sentir-me alegre nem feliz — declarou Bekatha com firmeza. — Só quero morrer.

— Pelo menos, morrerás feliz — argumentei ponderadamente.

— Talvez devêssemos obrigar a Loxias a prová-lo primeiro — pensativa, Tehuti observava a menina minoica. Bekatha empurrou para junto dela um dos jarros que estavam sobre a mesa. Loxias suspirou com resignação, pois estava sobremaneira habituada a que lhe fossem incumbidas as tarefas menos agradáveis e potencialmente perigosas. Levou o vaso aos lábios e bebeu um gole mínimo; após isso, endireitou-se e manteve o vinho na boca.

— Engole-o! — ordenou-lhe Tehuti. Loxias obedeceu e as duas princesas observaram-na com a máxima atenção, aguardando para ver se ficava sem cabelo ou sem dentes. Loxias sorriu.

— Sabe bem — declarou, inclinando de novo a cabeça sobre o jarro.

— Já chega! Não tens de o beber todo — protestou Tehuti, após o que lhe arrancou o jarro das mãos. Em seguida, foram-no passando de mão em mão por todo o círculo que formavam, comentando animadamente o sabor do vinho. Bekatha disse saber a ameixas, ainda que, na opinião de Tehuti, soubesse, com toda a certeza, a romã madura. Loxias não emitiu opinião alguma, porém, assegurou-se de que lhe cabia sempre o seu justo quinhão. Foi a primeira a rir, ficando as outras duas a fitarem-na com surpresa. Então, Bekatha também começou aos risinhos.

Ao cabo de uma hora, haviam elas as três despido toda a roupa que vestiam e posto as resplandecentes peças de joalheria que o Supremo Rei Minos lhes havia mandado. Na lira, toquei uma das melodias que elas mais gostavam de dançar e as três cabriolaram por todo o camarote aos guinchos e gargalhadas. Passava já da meia-noite quando Bekatha finalmente se deixou cair sobre a liteira,

não tendo, porém, demorado muito até que as outras duas raparigas lhe seguissem os passos. Cobri-as com as sabenas, dei a cada uma um beijo de boas-noites, soprei sobre a mecha da candeia e subi a escada de quebra-costas até ao convés principal para desfrutar do ar da noite, sentindo-me bastante satisfeito comigo mesmo.

No dia seguinte, vestidas ao estilo minoico, as minhas princesas aguardavam no convés principal que a barcaça real zarpasse do porto ao meio-dia e remasse até ao *Touro Sagrado*. Enquanto se mantiveram elas ali, sem subir para essa embarcação, nada fazia supor haver um ser vivo por debaixo das sucessivas camadas de pano negro e véus que as cobriam. Nessa mesma manhã, bem cedo, o embaixador Toran havia-nos enviado essas indumentárias e acessórios por uma outra embarcação, tendo eu tido de me valer de todo o meu engenho e astúcia para convencer as minhas meninas a envergarem aquelas espantosas vestimentas. Loxias havia sido poupada à humilhação. Ainda que as suas vestes também fossem compridas e negras e o chapéu igualmente alto, de forma cônica e ornamentado com fitas pretas, levava ela ao menos as mãos e o rosto descobertos. Porém, não passava ela de uma porca servente, estando eu absolutamente convicto de que tivesse ela ido com os seios desnudos, e ninguém teria dado por isso.

Acompanhei-as enquanto desciam para a barcaça ao ritmo solene das batidas dos tambores rufados por quatro sacerdotes do templo de Crono que iam sentados na popa. Fomos, em seguida, conduzidos em voga apertada até à doca interior do porto, tendo eu tido a ocasião de apreciar mais de perto as imponentes edificações em todo o entorno da bacia e que se aglomeravam pela encosta abaixo até à borda da água. Havia sido todas construídas com blocos de pedra de um cinzento acastanhado, que, mais tarde viria eu a saber, tinham sido extraídas das montanhas. Pouco havia que distinguísse qualquer um daqueles edifícios dos que lhes eram confinantes. Eram todos impressionantemente feios, com os telhados planos e as janelas, umas fendas estreitas, cobertas com vidro opaco de cor cinzenta.

O edifício maior elevava-se exatamente diante da entrada do porto, sem que precisasse de ter a estátua do touro dourado de Creta no cimo da açoteia para nos deixar claro tratar-se aquele de um dos quatro grandiosos palácios do Supremo Minos.

Com uma precisão experiente, os remadores conduziram a barça até ficar quieta junto ao molhe, instalado diante do palácio, onde uma falange de dignitários aguardava para dar as boas-vindas a terra ao meu pequeno destacamento. Todos eles vestiam o mesmo uniforme preto comprido e usavam o mesmo chapéu alto com forma cônica, tinham os rostos brancos de giz e os olhos contornados com *kohl*. Uns quantos traziam postas correntes de ouro e prata e outras decorações por sobre as túnicas, revelando desse modo a sua ordem e estatuto superiores. Eu mesmo incluído me achava indumentado com vestes negras e compridas que o embaixador Toran me havia feito chegar. Usava eu, porém, o deslumbrante elmo dourado com a crista de penas e o rosto livre de artifícios como o giz ou o *kohl*.

De todas as pessoas que ali se achavam reunidas, as únicas que não estavam totalmente vestidas de negro eram os quatro ágeis guerreiros de pele muito escura, que vestiam túnicas de um verde brilhante com correias de couro cruzadas por cima do peito e elmos também de couro a cobrir-lhes a cabeça, tendo-se eles de pronto aproximado das minhas princesas para as ajudar a desembarcar. Estavam eles armados com espadas curtas e adagas, e dois deles traziam mesmo látégos, cuja função, esperava eu, fosse mais cerimonial do que funcional. Tomaram posição de cada um dos lados das minhas meninas.

Havia nestas escoltas vestidas de verde algo de estranhamente feminino. Os rostos eram imberbes e suaves, e as feições, à semelhança das próprias mãos, eram gráceis e finamente esculpidas. Faltava-lhes apenas as protuberâncias dos seios femininos, sendo os seus peitos tão rasos como os de qualquer rapaz. Concluí tratar-se eles de uma espécie de seres hermafroditas, apenas mais uma das tantas peculiaridades que havia eu já encontrado naquela terra tão peculiar. Esqueci-me deles

e segui as minhas meninas, transpondo a porta da entrada para o cavernoso vestíbulo do palácio.

Achava-se o mesmo repleto de uma multidão indumentada de negro e de rostos pintados com giz, todavia, não vi no meio de toda esta uma única mulher. Nós, os Egípcios, sentimo-nos orgulhosos das nossas mulheres e esperamos que desempenhem elas um papel importante e altamente notório na vida da nossa nação, pelo que me pareceu repugnante e antinatural aquele retiro com motivações de género.

No centro do chão de mármore, havia sido deixada uma passagem suficientemente larga para deixar passar as minhas meninas e os seus acompanhantes de uniforme verde vestido, que as conduziram diretamente a outro conjunto de portas que se achavam no extremo mais distante do vestíbulo. O nosso pequeno grupo começou a avançar por aquela passagem, porém, não havia eu coberto mais de uma dúzia de passos quando alguém saiu do meio da multidão e se depôs a meu lado. Por um momento breve, não me apercebi que se tratava do embaixador Toran, dado também estar todo vestido de negro e trazer o rosto mortalmente branco e as órbitas cadavericamente negras. Todavia, trazia ele uma corrente de ouro que reconheci e, ainda que falasse num tom sepulcral, a sua voz era inconfundível.

— Tudo está a decorrer conforme o previsto. O Supremo Minos e todo o Conselho aguardam-nos no salão do trono, que fica por detrás daquelas portas além — disse, assinalando-as com um arremesso do queixo para diante. — Até a Rainha-Mãe está com ele. Honra rara, essa. Não se espera que tomeis parte na sessão de hoje, contudo, de amanhã em diante, ireis trabalhar em estreita colaboração com o Senhor Almirante e o Conselho de Guerra no planeamento da campanha contra os Hicsos.

— Sinto-me aliviado e feliz por ouvi-vos dizer-me isso. — Ainda que mantivesse a minha voz tão baixa quanto a dele, era aquilo bem verdade. Haviam-me consumido anos de intenso planeamento e esforços ainda mais intensos para chegar eu a este ponto. Achávamo-nos parados à soleira do sucesso. — Dizei-me, porém, quando ocorrerá a cerimónia matrimonial? — perguntei-lhe.

Toran lançou-me um olhar alarmado através dos olhos anelados com *kohl*, todavia, antes de conseguir responder-me, as portas de madeira de cedro polida, com os ornamentos do touro dourado, abriram-se em silêncio diante de nós. Ao ritmo solene do rufar de um único tambor oculto, entrámos no salão do trono em passo ritmado, detendo-nos enquanto as portas eram, de novo, fechadas em silêncio atrás de nós.

O interior estava muito tenuemente iluminado. Não havia luminárias algumas, as escassas e estreitas fendas nas janelas estavam cobertas por obscuras cortinas de lã e o teto era de tal modo alto que se fundia com a própria escuridão. Não obstante, os meus olhos adaptaram-se depressa à sua acuidade habitual, pelo que os detalhes das formas e das figuras de pronto emergiram da soturnidade.

No centro do salão, assente em cima de um estrado elevado, achava-se o trono. Em todo o entorno da base, via-se um aglomerado de homens, e, à esquerda, reuniam-se os sacerdotes de Crono, vestidos com longas capas e capuzes que lhes encobriam as feições. Estas indumentárias eram de uma cor avermelhada-escura, que, como viria eu a saber mais tarde por Toran, era conhecida como cor de sangue taurino. No lado oposto ao trono, encontrava-se um outro grupo de nobres e cortesãos, alguns dos quais envergavam as tradicionais túnicas negras compridas e os chapéus altos. Diante deles, achavam-se as altas patentes militares e da marinha, cujos uniformes coloridos e chamativos contrastavam com as pardas indumentárias dos nobres.

O próprio trono era monumental. Havia sido talhado em ébano e tinha incrustações de madrepérola. Embora o acento fosse suficientemente amplo para acomodar cinco homens corpulentos vestidos com as respetivas armaduras, naquele momento, ocupavam-no apenas duas pessoas. Uma delas era a única mulher presente no salão do trono, à exceção das minhas duas princesas e de Loxias.

Fitei-a, incrédulo, pois era a mulher mais idosa que eu alguma vez vira. Parecia ser ela tão velha como o tempo. O corpo e as extremidades descarnadas estavam cobertas por rendas negras

empoeiradas, todavia, as mãos não se mostravam enluvadas. Os dedos retorciam-se em grotescas formas, devido à artrite e à idade, e as costas das mãos esqueléticas achavam-se cheias de nós e de aglomerados de veias azuis. Mostrava-se o rosto macilento e enrugado como a casca de uma maçã lançada ao chão por um vento inesperado e que aí tivesse permanecido ao sol durante toda uma estação. Não mais parecia ser este um rosto humano. Os ralos e untuosos fios de cabelo, tingidos de um vermelho-vivo, ou estavam espalmados de encontro ao crânio ou se encaracolavam em torno das orelhas. Os olhos afundavam-se nas órbitas cavadas, sendo um deles negro e lúcido como uma obsidiana polida, enquanto o outro se mostrava opaco, deixando pingar lágrimas, que lhe escorriam pela face murcha e gotejavam para a renda negra que cobria a parte superior do corpo.

No meio de todo aquele silêncio, ela pigarreou, e, com um arranco de tosse, expeliu uma massa verde e amarela de muco. No momento em que abriu a boca para cuspi-la por sobre as lajes de mármore, vi serem os dentes negros e andrajosos como os tocos queimados das árvores de uma floresta devastada por um incêndio.

— É Pasífae, a Rainha-Mãe — sussurrou-me Toran num tom de voz tão baixo que fui eu o único a conseguir ouvi-lo.

A seu lado, erguia-se uma gigantesca figura hominídea, vestida com uma túnica de filigrana de prata e uma couraça com relevos de ouro. Todavia, aquela criatura parecia ser demasiado grande para ser humana. Tratar-se-á de uma besta preternatural ou de um ser do panteão minoico dos imortais?, interroguei-me.

Tinha as mãos cobertas por luvas feitas de uma pele negra pelosa, que presumi ser de búfalo selvagem, ao passo que as extremidades inferiores estavam enfiadas numas botas altas do mesmo material.

Era todavia na cabeça que se achava a característica mais distintiva e surpreendente daquela criatura. Apresentava-se esta toda tapada por uma máscara de metais preciosos, e havia sido moldada com os contornos da cabeça de um touro-auroque, mostrando inclusive umas fossas nasais dilatadas e enfurecidas e uma melena desgrenhada. O par de chifres gigantescos aferrados à

máscara eram autênticos, posto terem sido retirados da carcaça do próprio animal. Curvavam-se para diante e eram longos e sanguinolentamente pontiagudos, tendo eu visto na Babilónia, entre os troféus de caça do Rei Nimrod, espécimes em tudo idênticos àquele.

As órbitas da máscara davam a impressão de ser negras e vazias, enquanto não me movi um tudo-nada para um dos lados. A cabeça mascarada virou-se para seguir aquele meu movimento, e, ao fazê-lo, mudou o ângulo da luz que penetrava pelas altas janelas. Nas órbitas profundas, consegui, então, discernir o brilho e o movimento cintilante de uns olhos dotados de vida. Seriam eles humanos, animais ou divinos? Não havia forma alguma de o saber.

O tambor oculto rufou por duas vezes e emudeceu. Naquele silêncio repentino, nada nem ninguém se moveu. Então, a figura mascarada que ocupava o trono levantou-se e estendeu os braços, deixando escapar um berro mungido como um touro selvagem que tivesse o odor do cio entranhado nas fossas nasais. Aquele berro mungido ressoou com tamanha intensidade no interior da cabeça mascarada da criatura que me ocorreu que os construtores minoicos devessem ter idealizado um qualquer sistema para o amplificarem a ponto de atingir aquele volume tão extraordinário.

Em uníssonos, todos os que ali se achavam reunidos, inclusive os sacerdotes, emitiram um vagido de veneração de tal sorte profundo e intenso que mais parecia expressar este terror, após o que todos se prostraram. Os guardas ataviados de verde, que flanqueavam as minhas meninas, obrigaram-nas a ajoelhar-se no chão de mármore.

O embaixador Toran agarrou-me pelo pulso e obrigou-me a ajoelhar com ele.

— Mantende-vos imóvel — ciciou. — Por tudo o que mais quereis, não olhai para cima!

Obedeci-lhe. Eu não fazia a mais pequena ideia do que estava ali a passar-se, sabia, porém, não ser aquele o momento oportuno para discutir, nem para levantar quaisquer objeções. Mantive-me, portanto, imóvel, gemendo tão-só quando a restante congregação vagia e batendo ao de leve com a testa no chão nos momentos em que todos os outros o faziam. A diatribe procedente do trono

manteve-se ininterrupta, chegando mesmo a aumentar de volume até começar eu a sentir a cabeça latejar.

Embora tivesse eu estudado o idioma minoico com autêntica devoção, não conseguia perceber uma palavra que fosse do que o Supremo Minos dizia. Ou bem que nos arengava ele numa língua arcana, ou a amplificação sonora distorcia de tal modo as palavras que pronunciava que era eu incapaz de as perceber.

Em ocasiões semelhantes, costumo colocar no pulso direito uma pulseira que trago comigo. De uma corrente fina pende um pequeno disco dourado, que poli até chegar próximo da perfeição de um espelho. No seu reflexo, consigo eu ver qualquer coisa ou qualquer pessoa que esteja à minha frente ou atrás de mim, sem que precise de me mover ou de levantar a cabeça. Deste modo, consegui eu ficar a saber muitas coisas interessantes, e, mais de uma vez e pelo mesmo estratagema, consegui mesmo escapar à morte.

De súbito, no meu pequeno espelho, vi uma cortina circular de cor preta cair em silêncio do meio da escuridão do teto. Era esta do tamanho exato do palanque sobre o qual havia sido deposto o trono, envolvendo assim por completo o Supremo Rei Minos e a mãe, Pasífae.

De pronto, foi ela novamente recolhida com a mesma rapidez com que havia descido, sendo deixados vazios tanto o trono quanto o palanque. O Supremo Rei Minos e a mãe tinham desaparecido. Aquele era o maior golpe de efeito cénico que eu alguma vez havia testemunhado.

O tambor oculto tornou a rufar, e, àquele sinal, todos nos pusemos de pé e levantámos a cabeça. Soou um murmúrio reverente e gritos de perplexidade quando todos se aperceberam de que o Supremo Rei Minos e a mãe haviam desaparecido. Juntei-me a eles sem que Toran tivesse de me encorajar a fazê-lo. Depois de ter manifestado o meu espanto perante os milagrosos poderes do Rei de Creta, levantei-me ao lado de Toran e perguntei-lhe:

— Presumo que o Supremo Rei Minos tenha determinado uma data e uma hora precisas para a cerimónia do matrimónio, não estou certo?

— Peço-vos que me desculpeis, Senhor Taita, pois, deveria eu ter-me explicado com maior detalhe. Supus terdes entendido o que estava aqui a passar-se. — E, ao dizer estas palavras, parecia estar realmente embaraçado. — Aquilo a que acabámos de assistir foi a cerimónia do matrimónio.

Não conseguia lembrar-me da última vez em que não fora capaz de dizer algo inteligente ou espirituoso. Por fim, consegui fazê-lo, ainda que, ao falar, a minha voz soasse como um coxo.

— Não compreendo, Toran. A minha pergunta referia-se ao matrimónio das minhas princesas egípcias.

— Isto foi a boda. Elas não mais são princesas. Agora, são rainhas minoicas. Conseguimos ambos aquilo a que nos propusemos. — Tomou-me o braço, como que para me sustentar, mas, com um abanão, libertei-me da sua mão, sem deixar de o olhar fixamente.

— E agora o que vai ser das minhas meninas? — insisti.

— As viragos hão de conduzi-las ao serralho real — respondeu-me, indicando com um meneio de cabeça as escoltas de uniforme verde.

— Ainda não estou pronto para as acompanhar — protestei. — Antes disso, terei de ir buscar os meus pertences ao *Touro Sagrado*.

— Os homens têm a entrada vedada no Palácio das Esposas Reais. Lamento muitíssimo, senhor.

— Vós sabeis perfeitamente que não sou um homem completo, Toran. Nunca fui separado à força das minhas meninas.

— De acordo com a lei minoica, sois um homem — declarou ele.

— Então, e aquelas criaturas além? — interpelei-o, indicando os guardas de uniforme verde que já começavam a levantar as minhas princesas. — Acaso não são eles homens; inclusive bem mais do que eu, Toran?

— Não, Taita. São mulheres da tribo Mbelala, da África Ocidental.

— Mas não têm seios! — protestei.

— Foram-lhes amputados na adolescência para que pudessem manejar a espada com maior habilidade, todavia, da cintura para baixo são mulheres feitas. Dar-vos-ei a prova disso. — E, com estas palavras, virou-se para a capitã das viragos e falou-lhe com

aspereza. Obedecendo-lhe, esta levantou a saia da própria túnica verde e mostrou a sua vagina perfeita.

— Podeis tocar-lhe, se assim o desejais, senhor. Todavia, apenas se estiverdes na disposição de sacrificar o vosso braço por esse privilégio. — Com a mão no punho da espada, a virago sorriu, desafiando-me a tentar fazê-lo. Neguei-o com a cabeça e voltei-me novamente para Toran.

— Quando poderei tornar a ver as minhas meninas? — perguntei-lhe, escutando um tom de súplica na minha voz.

— Abomino ter de ser eu a responder-vos a essa pergunta, posto ser essa resposta «nunca mais». — Toran sublinhou o carácter definitivo. — Nenhum outro homem, além do Supremo Rei Minos, tornará a ver os seus rostos... até ao dia em que morrerem.

Mais tarde, refletindo sobre isto com a clarividência que nos concede a retrospectiva, apercebi-me de que a última parte da sua declaração pretendia ser uma advertência encapotada; todavia, estava eu tão perturbado com a minha perda iminente que naquele momento a deixei escapar.

As quatro viragos levantaram as minhas princesas, cujos rostos estavam encobertos por véus que lhes chegavam aos pés. Loxias seguiu-as, não sem antes olhar de relance para trás e me sussurrar ao ouvido algo em voz tão baixa que nem mesmo eu consegui perceber. Não obstante, pude ainda ler nos seus lábios:

— Protegê-las-ei com a minha própria vida.

Incapaz de me refrear por mais tempo, comecei a avançar para impedir que semelhante coisa acontecesse, mas Toran agarrou-me pelo braço, detendo-me de pronto.

— Estais desarmado, Taita. Estas viragos são assassinas treinadas. Elas não sabem o que é a misericórdia.

Ali parado, fiquei a vê-las afastarem-se. Vi que Bekatha chorava, posto, debaixo dos inúmeros véus, todo o seu corpo estremecer. Em contrapartida, Tehuti avançava para o desconhecido como uma heroína.

Na parede que estava atrás do trono de ébano, abriu-se uma porta em silêncio, e foi com doloroso desespero que fiquei a vê-las desaparecerem por detrás da mesma.

Senti como se a vida tivesse chegado ao seu termo. Aquelas duas pessoas que, durante todos aqueles anos, haviam sido a minha principal razão de viver, haviam, agora, sido separadas de mim para todo o sempre.

O embaixador Toran sabia bem com que profundidade estava eu ligado às minhas meninas e quão dolorosamente havia eu ficado magoado com aquela perda. Agora, dava-me ele provas da sua verdadeira amizade, chamando a si o encargo de me guiar pelas bizarras complexidades da sociedade minoica. No pátio das traseiras do palácio, tinha ele à nossa espera uma carruagem, que nos levou a subir por um caminho sinuoso até à grande mansão situada na encosta da montanha sobranceira à cidade de Cnossos, onde havia de ser instalada a embaixada do Egito, sendo eu mesmo nomeado embaixador.

Enquanto subíamos, Toran conversou alegremente comigo para me distrair, mostrando-me as particularidades mais marcantes da cidade, que agora se estendia aos nossos pés, e que, entre outras, incluía os quartéis-generais da marinha e o extenso complexo de edifícios do governo, por meio dos quais o Rei Minos reinava sobre todo o vastíssimo império.

— À frente do nosso governo está o Conselho de Estado, constituído por dez senhores nomeados pelo Supremo Minos. As suas obrigações e responsabilidades abrangem todas as facetas da nossa existência nacional, desde a veneração do deus Crono, obrigatória para todos os cidadãos, ao pagamento de impostos, que não é opcional. — Toran reagiu com um risinho à sua pequena piada. — Os restantes grandes ministérios são o Almirantado, o Departamento do Comércio e o Exército.

Com algum esforço, consegui pôr de lado a dor que sentia pela minha perda e concentrar a atenção naquela informação vital, sendo mesmo capaz de me imiscuir naquela conversa.

— Bem entendido que o mundo inteiro já ouviu falar na frota minoica, e de como supera a mesma a de qualquer outra nação, todavia, desconhecia eu que tivésseis um exército de uma tão grande envergadura.

— Integram o nosso exército perto de cinquenta mil homens, altamente treinados — explicou-me Toran, orgulhoso.

— Por Hórus, esse número deve constituir a maior parte do total da nossa população! — exclamei, assombrado.

— Todos os oficiais de graduação elevada são minoicos, todavia, as bases são constituídas por mercenários. O grosso da nossa população não é composto por soldados, mas antes por artífices qualificados.

— Agora percebo — concluí, deslumbrado com aquela informação. — E estou certo de que a vossa magnífica frota de navios estará em condições de, muito rapidamente, transportar esses guerreiros para onde quer que eles sejam mais necessários.

Toran enumerou-me os nomes e os cargos de todos os oficiais militares de elevada patente. Em seguida, falou-me dos pontos fortes e das fraquezas de cada um desses homens poderosos.

— Alguns deles são hábeis e sagazes guerreiros, todavia, muitos dos restantes não veem mais além das suas bolsas, barrigas ou virilhas.

Não obstante, quando tentei perguntar a Toran alguma coisa relacionada com o Supremo Rei Minos e a natureza do facto de aparecer ele escondido por detrás da máscara dourada, mostrou-se o embaixador tão assustado como um potro não domado e fugiu do assunto com uma breve advertência.

— É um crime de lesa-majestade punível com a morte falar sobre a pessoa do Supremo Rei Minos. Basta-vos saber que encarna ele o espírito da nossa nação. Desta vez, terei em consideração o facto de terdes feito essa pergunta por desconhecimento, contudo, aconselho-vos a tomar muito a sério esta minha advertência, Taita.

Mergulhámos ambos num silêncio confrangedor durante todo o tempo em que contornámos uma parte rochosa do sopé da montanha e, de repente, chegámos aos aposentos que haviam sido postos à minha disposição. Tratava-se aquele de um grande edifício, porém, sombrio e feio como todos os outros que eu havia visto até àquele momento. Não dispunha de jardim algum que embelezasse a estólida cantaria cinzenta, estando ao invés rodeado de latadas de videira.

O pessoal doméstico da minha habitação perfilava-se diante das portas da entrada principal para me dar as boas-vindas, embora o seu acolhimento fosse tão soturno como as paredes que estavam atrás deles.

— Claro está que eles são escravos — apressou-se Toran a explicar-me. — A todos foi cortada a língua e extirpadas as cordas vocais, para que não vos sintais incomodado com a sua tagarelice ociosa.

Nem fique eu a saber por eles de nada de interesse ou de importante, pensei, embora não expressasse esta minha reserva em palavras.

— Este é Bessus, o vosso mordomo — disse, apontando para um velhaco musculado que exibia um sorriso amável. — Ele compreende egípcio, todavia, por razões óbvias, não o fala. Pedi-lhe tudo aquilo de que necessitais.

Toran moveu-se vigorosamente, enquanto me levava a ver o meu novo lar, cujos compartimentos eram cómodos ainda que austeros. As minhas mudas de roupa e os meus objetos pessoais haviam sido enviados do porto, antes da nossa chegada ali. Depois de os terem desembalado todos e os terem lavado, haviam-nos ordenado e disposto na minha zona de estar. Contígua aos meus aposentos privados, havia uma biblioteca com uma centena, ou mais, de enormes rolos de pergaminho empilhados nas estantes.

— Esta é a história definitiva do Império Minoico, tendo grande parte desta sido escrita por mim próprio. Tenho esperança que a considereis instrutiva — explicou-me Toran, indicando de pronto a mesa de escrita que ocupava o centro do aposento. — Tendes aqui tinta, pincéis e rolos de papiro em branco de boa qualidade para vosso uso exclusivo. Poderei tratar de fazer com que as vossas missivas sejam enviadas para qualquer parte do mundo.

— Sois de uma grande amabilidade, meu bom Toran — agradeceu-me com uma expressão grave, ainda que, para mim mesmo, sorrisse e fizesse a leitura da sua oferta. *Possivelmente só depois de ter feito as correspondentes cópias.* Compreendi, nesse momento, haver um limite para a sua amizade e a sua amabilidade.

— Existem cinquenta ânforas de bom vinho nas caves — prosseguiu. — Assim que estiverem vazias, de pronto tornarão a ser repletas. Todas as manhãs, o peixe fresco e a carne serão enviados do porto para aqui. Os dois cozinheiros são excelentes; sei-o por experiência própria. Fui eu mesmo quem os escolhi para vos servir.

Sáímos para o pátio das cavalariaçãs, onde o chefe dos moços de estrebaria se prostrou diante de mim, conseguindo eu ver marcas frescas de vergastadas nas suas costas nuas.

— Levanta-te, homem! — ordenei-lhe, ocultando os meus verdadeiros sentimentos por detrás de um tom amistoso. Noutros tempos, também eu havia sido escravo, e ainda me lembrava bem da carícia do chicote. — Como te chamas? — perguntei-lhe, após o que ele se esforçou por gorgolejar uma resposta. Tratava-se de um homenzinho alegre, deixando muito claro que não era cretense.

— Waaga? — repeti o som por ele emitido, fazendo-o rir entredentes. — Muito bem, Waaga, mostra-me os teus cavalos. — Após esta ordem, correu adiante de mim para os estábulos, emitindo pelo esófago vazio sons ininteligíveis, porém, entusiásticos.

No pequeno cercado por detrás dos estábulos, encontravam-se oito excelentes montadas. Waaga assobiou-lhes e logo estas vieram ter com ele, relinchando de contentamento. Da bolsa de couro que trazia apoiada sobre o quadril, retirou ele pequenos bolos de milho assado que deu a cada uma delas. Posto os cavalos confiarem nele, também eu me mostraria resoluto em fazer o mesmo, pelo menos enquanto ele não me desse provas de me ter enganado. Em geral, têm os cavalos bons prenúncios a esse respeito.

— Em breve, terei de viajar até Krimad, na costa sul. Precisarei de um guia que me mostre o caminho. Conhece-lo? — Waaga assentiu com grande ênfase. — Deverás, então, estar preparado — adverti-o. — Avisar-te-ei com pouco tempo de antecedência, e faremos esse trajeto bem depressa. — Waaga mostrou-me um sorriso largo. Parecia estarmos a entender-nos.

Na manhã seguinte, levantei-me antes de o Sol nascer, tomando o pequeno-almoço à pressa, antes de, a cavalo, descer a montanha até ao Almirantado. Ainda que não tivesse sido quase nada

proveitoso, estive ali o dia inteiro a falar e a negociar com o Vice-almirante Herakal e com os seus homens. Ofereceram-me eles oito birremes decrepitas que, sem dúvida alguma, haviam passado muitos anos a servir como navios mercantes e agora tinham atingido o limite da sua vida útil. E esperavam aqueles homens que, com aquelas embarcações, eu conseguisse dominar as hordas hicsas. Apercebia-me agora de que, em geral, os Minoicos eram um povo taciturno e difícil, além de se mostrarem extremamente hostis para com os desconhecidos e os estrangeiros. Até àquele momento, o embaixador Toran era o único que eu conhecera que era uma exceção a essa regra. Era ele, aliás, um homem de tal maneira afável e solícito que bem podia ter nascido egípcio.

Já de noite, regressei ao meu novo lar, animicamente esgotado e desanimado, pelo que mal provei a carne de cordeiro grelhada que o cozinheiro me havia preparado. Não obstante, um jarro do delicioso vinho que Toran havia deixado nas minhas adegas deu-me força suficiente para persistir, pelo que, no dia seguinte, ao amanhecer, tornei a descer a montanha a cavalo até ao Almirantado.

Tive de me valer de toda a minha capacidade de negociação e de uma pequena ajuda de Toran, todavia, só pelo décimo dia, consegui finalmente reunir uma flotilha de seis navios de três cobertas quase novos. Foi com alguma relutância que o Vice-almirante me facultou oficiais minoicos experimentados para os governar e uns quantos mercenários calejados, oriundos das tribos selvagens do Norte de Itália, para os tripular. Esses homens chamavam-se Latinos ou Etruscos, tendo-me garantido Toran serem eles excelentes marinheiros e guerreiros temíveis. Com cento e vinte desses selvagens a bordo de cada uma das trirremes, estava eu convencido de podermos equiparar-nos a qualquer uma das embarcações da frota hicsa.

Dei ordem aos meus novos capitães para navegarem a todo o entorno da ilha até ao porto de Krimad, onde Zaras e Hui haviam fundeado as birremes sumérias e se achavam prontos para zarpar. De agora em diante, seria aquela a nossa principal base de operações, da qual poderíamos atacar o inimigo, que se achava a

umas escassas seiscentas léguas para sul, e que, com ventos favoráveis, conseguiríamos alcançar em apenas cinco dias de navegação.

Na madrugada seguinte à partida de Cnossos da minha esquadra de trirremes acabadas de adquirir, Waaga e eu saímos a coberto do fim da noite para chegarmos a Krimad ainda antes dos navios. Seguindo as minhas instruções, Waaga pusera selas em dois dos seis cavalos, levando os restantes quatro pelas rédeas, para assim podermos mudar de montadas mal notássemos nelas os primeiros sinais de cansaço.

Toran havia-me advertido para a possível presença de bandos de ladrões e de salteadores que vagueavam de atalaia pelos bosques que cobriam o interior das montanhas, pelo que, tendo eu isso em mente, levava comigo uma espada pequena na bainha, que trazia suspensa no cinturão, e o longo arco recurvo, que tinha pendurado ao ombro direito.

Na qualidade de escravo, Waaga estava proibido de transportar consigo armas brancas, estando, porém, armado com uma fisga e uma bolsa de couro com seixos rolados do rio. Com aquela arma, havia-o eu visto matar perdizes que voavam muito alto e derrubado um veado que se havia disposto a pilhar a horta, pelo que estava bem certo de conseguir ele rachar o crânio a algum salteador com a mesma eficácia.

Partimos antes mesmo de o Sol romper, mal houve luz suficiente para divisarmos o acidentado e irregular caminho. Waaga era um hábil cavaleiro, pelo que conseguiu acompanhar o meu ritmo. Conhecia ele todos os recantos e desvios, bem como cada encruzilhada, daquele percurso, e cavalgando à minha direita, dirigiu-me constantes grunhidos animais e gestos de aviso com a mão.

Começámos por seguir na diagonal por um atalho que atravessava as vertentes mais baixas do monte Ida, dirigindo-nos para leste do pico mais alto, que, apesar de o verão já ir adiantado, ainda se achava coberto de neve. Àquela altitude, as árvores adultas da floresta haviam sido dizimadas para abastecer de

combustível as fráguas e as fornalhas dos engenhos. Aquela destruição entristeceu-me, posto não terem os lenhadores deixado uma única árvore de pé.

Chegámos, por fim, às florestas virgens, situadas a maior altitude, cavalgando por entre os magníficos troncos das árvores que se erguiam bem alto desde os tempos em que os deuses eram jovens. Com um silêncio fresco e catedralesco, os ramos mais cimeiros entrelaçavam-se por sobre as nossas cabeças, protegendo do sol as áleas existentes entre os mesmos. As batidas dos cascos dos cavalos eram abafadas pelos espessos tufo de musgo verde, pelo que os únicos sons ali audíveis eram o piar agudo dos pássaros e o barulho de pequenos animais. Demos de beber aos cavalos nos ribeiros de águas corredias, límpidas e gélidas, como o ar da montanha, assim tornado pelas neves derretidas.

Detivemo-nos numa clareira da floresta, na encosta da montanha, para vermos como Hélios, o deus do Sol, assomava a sua cabeça dourada acima do horizonte oriental.

Aquela era uma terra sagrada, na qual Crono, o pai de todos os deuses, havia nascido, bem como os seus filhos e as suas filhas depois dele. No ar adocicado e na argila da floresta, conseguia eu sentir a sua presença e o seu perfume, provocando-me uma sensação inquietante aquele contacto tão próximo com seres imortais. Talvez a minha sensibilidade exacerbada se devesse à consanguinidade que me corria nas veias, e da qual eu tivera conhecimento, pela primeira vez, através de Inana. Relembrei, então, severamente a mim mesmo que o mais certo era ser ela uma criatura que vivia apenas na minha imaginação, sendo eu, afinal, vítima da minha ociosa superstição. Aborrecia-me o facto de a sua imagem me ocorrer daquele modo tão persistente.

Com firmeza, decidi afastar Inana da minha mente, e, ao mesmo tempo que tomava essa decisão, ouvi o eco do seu riso indulgente. Fosse ela uma deusa ou fruto da minha imaginação, sabia eu bem que se achava ela próximo e que a minha corajosa resolução de pronto se desvaneceria.

Virei a cabeça do meu cavalo para descer a vertente íngreme até ao porto de Krimad, abrigado pela rochosa costa sul de Creta.

Faltavam ainda duas horas para o meio-dia, pelo que havíamos percorrido aquele trajeto num tempo recorde.

Mesmo à distância de vinte léguas, pareceu-me distinguir os mastros despídos das minhas embarcações sumérias apinhadas no porto. Quando me voltei na sela para ver o caminho que havíamos percorrido, vi o vulcão no qual o deus Crono se achava aprisionado. Dominava este sobre as águas do horizonte norte, com uma plácida coluna de fumo de cor creme a elevar-se dos cumes gémeos. Sorri. O deus estava de ânimo afável.

Waaga havia aproveitado esta breve pausa na viagem para desmontar e ir pôr-se de cócoras atrás da árvore mais próxima. O simples facto de ter agido daquele modo era um indício de que, antes de ter sido feito escravo, devia ele ser um homem de boa educação e com boas maneiras, posto apenas os homens e as mulheres de condição mais inferior e vulgar vazarem águas enquanto se achavam de pé.

De repente, Waaga levantou-se com um pulo, deixando cair o rebordo do saio curto em volta dos joelhos, ao mesmo tempo que apontava para o terreno junto ao sítio onde se agachara, proferindo bufidos e grunhidos incoerentes. Estava ele de tal modo perturbado que desmontei e me apressei a ir ao seu encontro para me inteirar da causa da inquietação.

Na base do tronco, a terra mole achava-se de tal modo remexida e fragmentada que demorei alguns instantes a identificar as pegadas de cascos fendidos impressas na mesma, sendo aquelas muitas vezes maiores do que as deixadas pelas vacas leiteiras na minha propriedade de Mechir, situada nas margens do Nilo.

Baixei-me, e, de joelhos, medi uma dessas pegadas com a planta da minha mão direita com os quatro dedos e o polegar, todos bem esticados. Não era a minha mão suficientemente grande, precisando eu, então, de esticar as duas mãos por sobre uma única pegada para abarcá-la por completo.

— Em nome de Set, o Maligno, que monstruosidade terá deixado estas pegadas? — desabafei o meu assombro com Waaga. Não fui capaz de interpretar a sua resposta. Ele repetiu o mesmo som com uma inflexão ascendente, de pronto envolvendo o próprio tronco

com os braços e tremendo, mimetizando medo. Em seguida, voltou-se e correu de volta para o seu cavalo, montando-o. Após isso, fez-me sinal para que também eu montasse, ao mesmo tempo que lançava furtivos olhares assustados para o meio do arvoredo que nos rodeava. A sua agitação era contagiante, pelo que saltei para o dorso da minha montada e a instiguei a prosseguir caminho.

Preparava-me para tentar encontrar uma explicação racional para aquelas pegadas de cascos gigantescos, pensando que aquelas suas dimensões mais pareciam pertencer ao reino da fantasia do que à realidade, quando me ocorreram os gigantescos crânios e chifres dos touros-auroques que eu havia visto na Babilônia entre os troféus de caça do Rei Nimrod. Não obstante, as remotas montanhas Zagros, situadas na orla nordeste do rio Eufrates, local donde eram oriundos, situavam-se a meio mundo de distância daquela pequena ilha densamente povoada.

Parecia ser altamente improvável que naquelas encantadoras florestas ainda sobrevivessem touros-auroques selvagens, a menos que estivessem sob a proteção de algum decreto do Supremo Rei Minos. Era possível que tivesse ele declarado aquelas monstruosas criaturas de caça real como um símbolo heráldico da nação minoica e o animal sagrado do deus Crono. A máscara de prata usada por Minos conferia credibilidade a essa possibilidade. Não obstante, duvidei da prudência de falar sobre aquilo, inclusivamente com Toran, posto ter-me ele já advertido para que não me intrometesse demasiado nos assuntos do governante minoico.

Virei a cabeça para olhar de relance para Waaga, vendo-o ainda muito inquieto. Transpirava e o seu lábio inferior tremia. Sentado na sela, não parava de se voltar para trás e para a frente, lançando olhares ansiosos para a vegetação rasteira que pululava em ambos os lados do caminho. Começava aquilo a irritar-me. Mesmo que houvesse touros-auroques naquelas montanhas, o seu comportamento exagerado não tinha qualquer justificação.

Apesar do enorme tamanho, no essencial, o touro-auroque era uma vaca, e as vacas são animais plácidos. Preparava-me para repreender severamente Waaga quando de repente ele gritou. Vindo

da sua boca e garganta mutiladas, o som foi tão inesperado que me assustei e me distraí.

O seu cavalo deu um sacolejo e assustou o meu com tamanha violência que, não tivera eu reagido de pronto e ter-me-ia este atirado ao chão. Endireitei-me em cima da sela e lancei um grunhido a Waaga. Ele, porém, gaguejou, aterrorizado, apontando para a vegetação rasteira que despontava acima do caminho pelo qual seguíamos.

— Acalma-te, idiota! — gritei-lhe, após o que me interrompi ao descobrir a enorme forma escura que se aproximava, saindo do meio do matagal. Ao primeiro olhar, julguei tratar-se de parte de uma formação rochosa da própria montanha, contudo, em seguida, mexeu-se e a imagem ganhou uma definição perfeita.

Sem dúvida alguma, tratava-se aquele de um animal vivo.

Até ao garrote, media o meu cavalo dezasseis palmos de altura, todavia, tive de me inclinar para trás na sela e de me levantar para olhar aquela criatura nos olhos. Eram enormes, e fitavam os meus com uma fixação tenebrosa e infernal. As enormes orelhas em forma de sino remetiam para diante para escutarem o pranto de Waaga. O dorso estava tão encurvado como o de um camelo e os chifres eram tão amplos como a extensão dos meus dois braços abertos, sendo tão grossos e afilados como as presas de um elefante, que eu vira em Tebas, no palácio do Faraó.

Aquela não era nenhuma vaca ruminante. Como prova do meu assombro, dei um grito cujo volume igualou o de Waaga.

A criatura baixou a cabeça, exibindo diante de nós aquelas hastes pontiagudas assassinas, ao mesmo tempo que arremetia as duas patas dianteiras contra o chão e arremessava torrões de terra mole da floresta por sobre o dorso. Em seguida, tal qual uma avalanche, lançou-se pela encosta abaixo, embatendo contra a vegetação rasteira, com os olhos ainda fixos em mim.

Eu estava preso no caminho estreito, sem saída possível, nem espaço para me virar, nem para fazer manobra alguma. Também não tinha tempo para desembainhar a espada, nem para tensionar o arco.

O corcel de Waaga foi tomado pelo pânico e tentou sair a correr para se pôr a salvo, levando consigo o seu ginete e entrando no caminho pelo qual o touro-auroque carregava. Todavia, mesmo diante da morte iminente, aquele homenzinho conseguiu ter um ato de incrível valentia. Trazia a sua clâmide de lã enrolada como uma bola e presa ao punho da sela. Soltou-a e, com um volteio do pulso, desfraldou-a como um estandarte e lançou-a por sobre a cabeça do touro-auroque. Nunca saberei se foi aquilo intencional se não, todavia, o manto enganchou-se na parte inferior dos chifres e enrolou-se em volta da cabeça, vendando por completo os olhos do animal.

Ainda que tivesse perdido de vista o cavalo e o ginete, instintivamente, o touro investiu na sua direção com a colossal e chifruda armação em riste. Vi a ponta de um dos cornos penetrar o peito de Waaga por baixo da axila direita, trespassá-lo por completo, e emergir do lado oposto do corpo, estraçalhando-lhe a caixa torácica. O touro sacudiu a cabeça e o corpo de Waaga foi lançado ao ar bem alto. Ainda com os olhos vendados, o touro investiu de novo e, desta vez, atingiu o cavalo, cujo corpo se vergou todo sobre os jarretes.

Por aquela altura, estava o touro completamente desorientado. Enfiava as patas no meio dos arbustos e esbarrava de encontro aos troncos das árvores, ao mesmo tempo que tentava desenvencilhar-se da capa, que continuava enfaixada em torno da cabeça e dos cornos.

Waaga havia-me proporcionado um precioso momento de trégua, que me permitiu arremessar os pés contra os estribos de madeira trabalhada, impulsionar o corpo e saltar da sela para o chão. Segurava eu já no arco, conseguindo encordoá-lo num único movimento.

A aljava ainda estava presa à sela, contudo, trazia eu sempre duas flechas soltas presas ao cinturão, para serem usadas em situações como aquela. Puxei por uma delas e tensionei o arco, resistindo alguns instantes à enorme pressão da barra recurva de madeira de freixo.

O touro deve ter-me ouvido ou sentido o meu cheiro, pelo que rodou todo o enorme corpo, ficando de frente para mim. Continuava ele a balançar a cabeça de um lado para o outro, tentando posicionar-se bem na minha direção, ou libertar-se da clâmide que ainda se enrodilhava em volta dos cornos. Aguardei até que esses movimentos abrissem o seu ombro direito e deixassem exposta a parte dianteira do peito. Então, disparei. A distância era de tal modo curta que a flecha, impulsionada com enorme velocidade, penetrou bem fundo, a ponto de desaparecer por completo na cavidade torácica do touro, deixando tão-só uma pequena ferida exterior, da qual saiu um jorro de sangue aórtico.

A segunda flecha cravou-se um dedo acima da primeira, porém, no mesmo alinhamento. O touro recuou aos cambaleios sobre os quartos traseiros antes de se afastar e estatelar às cegas no meio do matagal rasteiro. Após isso, ouvi-o resvalar pela encosta montanhosa e, instantes depois, precipitar-se por ali abaixo. Chegou-me ainda o som da carcaça a bater no chão com golpes secos, ao mesmo tempo que, em espasmos compassados, as patas traseiras escouceavam os arbustos. Por fim, deixou escapar um lúgubre grito de morte, que ressoou pelos penhascos em volta.

Demorei um instante apenas a recuperar o sangue-frio e a conseguir que as minhas mãos parassem de tremer. Comecei, então, por me aproximar do sítio onde Waaga jazia, percebendo depois ter sido ele todo estripado como um atum acabado de pescar. O sangue jorrava da ferida aberta, ainda que, enquanto fiquei ajoelhado ao seu lado, o charco em seu redor comesse a ficar ressequido. Tinha os olhos abertos e fixos, com as pupilas a apontarem para o crânio, e a boca escancarada. Havia de ser vão qualquer auxílio que eu pudesse prestar-lhe.

O cavalo estava caído ao seu lado, tendo o pobre animal sido corneado na garganta, pelo que, através da traqueia perfurada, o ar lhe saía dos pulmões aos gorgolejos. Além disso, vi que tinha a pata dianteira direita partida, posto vários fragmentos irregulares do osso da canela se projetarem para fora da pele. Levantei-me, pus-me junto dele e desembainhei a espada, após o que a cravei no seu cérebro, entre as orelhas, matando-o instantaneamente.

As rédeas das outras montadas continuavam atadas à sela do cavalo morto de Waaga, pelo que as conduzi à árvore mais próxima e as prendi a esta. De pronto, fui à procura da minha montada e dos restantes cavalos, que não se achavam longe, encontrando-os eu a pastar na clareira mais próxima da floresta. Levei-os de volta ao sítio onde eu havia deixado os outros e prendi-os à mesma árvore.

Quando verifiquei estarem todos bem presos, deslizei pela encosta abaixo até ao sítio onde jazia o touro-auroque. Circundei a enorme carcaça, uma vez mais maravilhado com todo o seu tamanho. Compreendia eu agora todo o terror que deixara Waaga estarrecido. Era aquele um dos animais mais ferozes que eu podia sequer imaginar, tendo-nos atacado sem a mínima provocação.

Também eu conseguia perceber agora na perfeição por que razão se vangloriava o Rei Nimrod de ter matado uma centena destes animais, e por que motivo os Minoicos o haviam escolhido como símbolo heráldico da sua nação.

Ajoelhei-me com deferência junto à carcaça do animal, mostrando todo o meu respeito diante de tão formidável opositor, ciente de quão próximo da morte me havia levado. Desenleei dos chifres a clâmide de Waaga manchada de sangue, dobrei-a e meti-a debaixo do braço. Então, levantei-me e, com o punho cerrado, saudei o touro morto, antes de me voltar e me afastar. Havia sido um adversário digno das minhas flechas.

Tornei a subir a encosta e a aproximar-me do jacente cadáver do destemido Waaga, limpei-lhe o sangue do rosto e envolvi-o na clâmide. Após isso, carreguei-o sobre o ombro, subi até um ramo bifurcado de uma das árvores da floresta e firmei-o ali, deixando-o suficientemente acima do solo para o manter a salvo dos animais necrófagos até conseguir fazer-lhe um funeral condigno, como era ele bem merecedor.

Sentei-me na árvore junto dele e fiz uma pequena oração, confiando-o ao cuidado do seu deus particular, fosse ele quem fosse. Em seguida, tornei a descer.

Quando os meus pés tocaram de novo no chão, este estremeceu com tamanha violência que quase perdi o equilíbrio. Tive mesmo de

me agarrar ao tronco da árvore para me manter de pé, posto estar esta a ser selvaticamente agitada, com os ramos a serem chicoteados e ondulados, via-o bem. Quando olhei para cima, uma chuva de ramos e de folhas caiu-me na cara. Ocorreu-me que, ainda que tivesse firmado bem o corpo de Waaga aos ramos, toda aquela agitação bem podia tê-lo soltado e deslocado.

Em meu redor, toda a floresta estava a ser violentamente sacudida, e a própria montanha dançava. Ouvia-se um rugido surdo, e, no momento em que olhei em volta para o cume do monte Ida, um grande bloco de granito desprendeuse e deslizou pela encosta abaixo até ao vale.

Tomados pelo pânico, os cavalos recuavam e abanavam a cabeça, ao mesmo tempo que se debatiam contra os próprios cabrestos, tentando libertar-se das amarras. Aproximei-me deles, cambaleando por sobre o solo trémulo, porém, apaziguei-os, falando-lhes com modos tranquilos. Tenho uma habilidade especial para lidar com os cavalos, como também tenho com a maior parte das aves e dos animais, tendo eu conseguido tranquilizá-los e convencê-los mesmo a deitarem-se no chão, evitando assim que desatassem a correr, ou caíssem e ficassem feridos.

Voltei, então, a olhar para norte, por sobre o porto de Cnossos e o mar aberto, na direção dos dois picos vulcânicos do monte Crono.

O deus estava furioso. Debatia-se para se libertar das correntes com que o seu filho Zeus o havia prendido, e, mesmo àquela distância, os rugidos eram ensurdecadores. Pelas chaminés de ventilação do seu calabouço na montanha, saía cada vez mais fumo, vapor e fogo, ocultando todo o horizonte a norte. Vi-o lançar para o céu rochas tão grandes como os edifícios da cidade.

Sentia-me pequeno e indefeso perante toda aquela ira devastadora. Inclusive Hélios, o Sol, nos ocultava o seu rosto, pelo que um desespero obscuro caiu sobre o nosso mundo. A própria terra tremia de medo, ao mesmo tempo que o fedor sulfuroso enchia o ar.

Sentei-me junto aos cavalos e enterrei o rosto entre os braços cruzados. Até eu tinha medo. Era um terror piedoso e devoto. Não

há sítio algum nesta terra onde nos possamos refugiar e escapar à ira dos deuses.

Eu havia matado a monstruosa criatura chifruda que era o alter ego do deus. Sem dúvida alguma que a fúria de Crono era dirigida a mim mesmo por tão sacrílega ofensa.

Durante uma hora inteira, e outra ainda, mostrou o deus toda a sua cólera, após o que, pelo meio-dia, a ira terminou da mesma forma abrupta como havia começado. As nuvens sulfurosas dissiparam-se, a montanha aquietou-se e o mundo recuperou a paz.

Soltei os cavalos, montei um e conduzi os restantes animais pela montanha abaixo, abrindo caminho por entre os fragmentos de ramos caídos e os pequenos desprendimentos de rocha e de terra que o deus havia expelido da montanha.

Três dias antes, havia eu enviado uma mensagem a Zaras a avisá-lo da minha chegada, pelo que, muito tempo antes de alcançar eu o porto de Krimad, vi Zaras e Hui subirem a meio-galope o mesmo caminho por onde eu descia. Mesmo ao longe, reconheceram-me, dando gritos de alívio e esporeando as montadas para que estugassem o passo a galope. Ao chegarem junto a mim, refrearam a progressão e desmontaram. Ambos quase me arrancaram da sela, e, cada um por sua vez, abraçaram-me. Juro pelo meu amor a Hórus e a Hathor que, quando Zaras me soltou do seu esmagador abraço ursídeo, limpou uma lágrima do olho, ao mesmo tempo que me dizia:

— Julgámos que finalmente nos havíamos visto livres de vós, porém, nem mesmo Crono conseguiu ajudar-nos nisso. — Bem entendido que os meus olhos estavam secos, porém, dei graças por não haver ali mais ninguém que testemunhasse tão embaraçosa cena.

— Digam-me, chegou já a Krimad a esquadra de guerra minoica?
— perguntei, tentando recuperar a sensatez.

— Não, senhor — respondeu-me Zaras, conseguindo apagar o sorriso do rosto, após o que apontou para baixo para o horizonte aquoso. — Como podeis ver, o mar está revolto por causa do

terramoto. O mais certo é terem eles sido desviados da rota, pelo que suponho que chegarão com um atraso de alguns dias.

— E a flotilha, como enfrentou o temporal? — Enquanto descíamos pela vertente montanhosa, certifiquei-me de que falávamos unicamente de assuntos navais. Fingi não me aperceber dos sinais que Hui fazia a Zaras com a mão, nem das recusas igualmente sub-reptícias que este lhe mostrava para não os acatar. Todavia, no preciso instante em que avistámos o porto de Krimad, sem conseguir conter-se mais e retorcendo-se de embaraço, Hui desabafou:

— Perguntávamo-nos se tendes alguma mensagem para nós, senhor.

— Mensagens? — franzi o sobrolho. — De quem estão vocês à espera de uma mensagem?

— Talvez do palácio... — A sua voz foi esmorecendo.

— Esperam vocês uma mensagem do Supremo Rei Minos? — fingi ignorância. Todavia, o olhar fixo e suplicante de ambos era de tal modo patético que, contrariando o meu bom juízo, lhes disse: — Não trago mensagem alguma; contudo, provavelmente ter-vos-á constado que as Princesas Tehuti e Bekatha desposaram o monarca minoico e se encontram recolhidas no harém real. Ambos cumpriram bem com o vosso dever e serão muitíssimo louvados nas recomendações que vos forem feitas. Hei de transmitir tudo isso ao próprio Faraó, mal tenha a primeira oportunidade. Sei bem que vos ficará ele muito agradecido. — Depois de recuperar o fôlego, prossegui: — Estou certo de que interrogam sobre a razão pela qual cheguei eu sem escolta alguma. Houve um acidente, no decurso do qual um animal selvagem matou o meu servo. Assim que possível, quero que mandem um cortejo fúnebre lá acima à montanha para localizar os seus restos mortais e dar-lhe uma sepultura condigna.

Continuei a falar e a dar ordens, impedindo-os, desse modo, de tornarem a abordar o assunto das princesas. Não queria reconhecer perante eles que nem mesmo eu estava em contacto com as minhas meninas, nem fazia a mais pequena ideia de como estavam elas a sair-se no serralho.

Uma vez chegados ao porto, fiquei estupefacto ao descobrir que, mesmo naquele lado da ilha, protegido das erupções vulcânicas do monte Crono, o mar havia sido de tal modo agitado e encrespado que as ondas se quebravam de encontro ao muro do porto e galgavam à altura de uma coberta, chegando assim ao ancoradouro. Não obstante, Zaras e Hui haviam tomado todas as precauções possíveis para protegerem os navios, firmando as amarras por duas vezes à pedra do cais com as boças mais pesadas que o capitão do porto havia sido capaz de lhes fornecer; destas pendiam grossas defensas de corda entrançada para evitar que as embarcações chocassem umas com as outras, ou de encontro às paredes do ancoradouro.

Haviam eles deixado apenas um marinheiro a bordo de cada navio para vigiar a âncora, enquanto os restantes se refugiram em terra num depósito vazio por obséquio do capitão do porto, de seu nome Poimen, um homem melancólico e pessimista, um minoico típico.

Naquela primeira noite, havia-nos ele convidado, a mim e aos meus oficiais, para jantar, tendo eu ficado surpreendido com aquele seu gesto de hospitalidade. Só mais tarde, viria a descobrir tratar-se ele não só do capitão do porto, mas também de um coronel da polícia secreta minoica, que se encontrava a elaborar um relatório sobre todos nós, Egípcios, por conta dos seus superiores de Cnossos.

A comida que a cozinha nos ofereceu estava muito salgada e demasiado cozinhada, e o vinho era aguado e amargo. A conversa revelou-se banal e entediante, centrada no terramoto e nos mares tormentosos por este gerados. Senti uma extrema necessidade de distração, pelo que perguntei a todos os presentes e a ninguém em particular:

— O que está na origem destes terramotos e erupções vulcânicas?

Ninguém tinha a menor dúvida de que eram estes infligidos à humanidade como castigo por um qualquer crime ou delito cometido contra os deuses.

— Que crime pode ser suficientemente grave para exigir um castigo tão oneroso? — perguntei, ingenuamente. Foi com alguma dificuldade que consegui manter uma expressão séria, enquanto escutava a diversidade e o absurdo das suas respostas, que cobriam todo o rol das fraquezas humanas e da arrogância divina.

Pouco depois, mesmo aquilo me aborrecia, pelo que lhes perguntei:

— De que maneira podemos nós expiar os nossos pecados diante dos deuses?

Todos viraram a cabeça para o capitão do porto, o mais alto representante do Supremo Rei Minos ali presente, que logo adotou uma expressão douta e um tom de voz pontifício.

— Não nos cabe a nós adivinhar a vontade dos deuses. Apenas o Supremo Rei Minos, bendito seja o seu nome por toda a eternidade, é possuidor de semelhante sabedoria. Podemos, contudo, regozijar-nos com a certeza de ter já Sua Majestade Suprema entendido as causas da fúria divina e a ter devida e plenamente compensado. — E, com esta conclusão, inclinou a cabeça para o lado para escutar o som da tormenta, para lá das paredes do depósito. — Escutai! A tormenta começa a amainar. A ira dos deuses foi já aplacada. Amanhã, por esta hora, estarão todos os mares mortos e as montanhas em silêncio.

— Como consegue o Supremo Rei Minos aplacar tão prontamente a ira divina? — persisti, inclemente, naquele assunto.

— Da única maneira que qualquer deus pode ser apaziguado — respondeu o capitão do porto com um encolher de ombros e uma expressão de superioridade. — Com um sacrifício, claro está!

Não tivesse eu recebido a advertência de Toran e talvez tivesse mesmo abordado o perigoso assunto da natureza do Supremo Rei Minos, porém, mordi a língua. O capitão do porto desviou os olhos de mim e envolveu-se numa animada discussão com os seus ajudantes sobre até que ponto os mares revoltosos afetavam a faina.

Fiquei com a incómoda e persistente certeza de a fúria divina de Crono se ter manifestado logo tão de seguida a eu ter matado o touro-auroque não poder ser considerada uma mera coincidência.

Perguntei-me que sacrifício de apaziguamento teria Crono exigido ao Supremo Rei Minos.

No alvor do dia seguinte, as ondas já não se quebravam de encontro às muralhas de proteção do porto de Krimad, podendo, desse modo, Zaras e Hui continuar os preparativos para a campanha naval contra os Hicsos.

Quatro dias mais tarde, as seis trirremes que me haviam sido atribuídas pelo Vice-almirante Herakal chegaram a Krimad. O mar revoltoso havia-as afastado muito para leste, para paragens tão distantes como as imediações da ilha de Chipre. Agora, restavam-lhes apenas alguns barris de água doce e os remadores achavam-se praticamente em estado de exaustão.

Deixei que as tripulações cretenses descansassem três dias inteiros e assegurei-me de que lhes eram administradas razoáveis quantidades de comida, azeite e vinho. Responderam elas muito bem a isso. Uma vez concluído esse período de descanso, dei início a manobras e a exercícios conjuntos com as duas flotilhas.

O principal problema com que nos deparávamos era com a língua, porém, certifiquei-me de que cada navio tivesse a bordo, pelo menos, dois intérpretes e que as bandeiras de sinalização tivessem o mesmo significado para os Minoicos e para os Egípcios.

Ambas as flotilhas integravam marinheiros bem treinados e bem experimentados, pelo que, uma semana passada, realizavam eles já manobras complicadas, como a navegação em formação e a formação em linha de combate. Em seguida, aprenderam os Minoicos a desembarcar os carros e a infantaria com ondulação agitada junto à rebentação, bem como a embarcar de novo homens, cavalos e veículos, após terem eles levado a cabo o assalto.

À medida que iam eles adquirindo experiência, também a confiança mútua e a camaradagem entre Egípcios e Cretenses foi desabrochando. Soldei-os, desse modo, numa pequena, todavia, formidável força de combate, sabendo eu bem que, de pronto, poderia lançá-los sobre os Hicsos. Bem entendido que a minha maior preocupação era decidir onde poderiam eles causar maior dano.

A boa inteligência vence batalhas muito antes de ser disparada a primeira flecha ou ser desembainhada a primeira espada.

Então, sem aviso prévio, chegou à entrada do porto de Krimad um pequeno e quase decrépito *dhow*. Trazia este a vela esfarrapada e crivada de manchas. No casco eram bem visíveis umas listras de excrementos por a tripulação ter defecado pelos bordos da embarcação. A desleixada tripulação de oito homens escoava freneticamente a água do porão para manter a embarcação à tona, parecendo eles mais párias do que marinheiros. Não trazia o barco bandeira alguma hasteada, e, já com o costado de rojo pela linha de água, via-se prestes a afundar-se. O mais provável era pirata algum digno desse nome lhe dedicar a menor atenção, razão pela qual havia sobrevivido à travessia de onde quer que tivesse zarpado.

Por outro lado, não sou tão ingênuo, nem tão arrogante como qualquer corsário. Achava-se aquele barco em condições demasiado lastimosas para ser inocente. Depois de sentir o odor da velha raposa, que me chegava com o vento, dei ordem a Zaras para lançar à água cinco dos nossos barcos longos e estreitos repletos de homens e de armamento para de imediato lhe fazer uma abordagem.

Assim que as nossas embarcações de ataque deixaram a entrada do porto livre, o misterioso *dhow* deixou cair a vela e hasteou o pavilhão egípcio. Zaras rebocou-o até ao porto e amarrou-o ao molhe para retardar o afundamento.

O suposto capitão foi levado à força para terra, insistindo em querer falar com o Senhor Taita. Apareci-lhe de cenho dramaticamente carregado e dei ordem para que lhe fossem dadas vinte chicotadas para que ficasse a saber quem mandava por aquelas paragens. O infeliz deixou-se cair de joelhos, apoiando a fronte contra as pedras do pontão do cais e fez um sinal de reconhecimento com um dedo da mão esquerda. Aton e eu havíamos usado aquele mesmo sinal havia muitos anos, quando ambos ainda éramos escravos.

Revoguei a ordem de açoitamento, e, em vez disso, mandei que, sem cerimónia, o levassem para o meu camarote a bordo do navio porta-estandarte real, o *Fúria*. Mal fomos aí chegados, dispensei os

guardas e ordenei aos meus servos que trouxessem água quente para o prisioneiro se lavar e um quíton limpo para substituir os pestilentos andrajos que o cobriam.

— Como te chamas, amigo? — perguntei-lhe, enquanto o cozinheiro punha à nossa frente uma refeição de marisco e filetes de atum e eu retirava o bujão de madeira de uma ânfora de vinho etrusco.

— *Amigo* é um nome tão bom como qualquer outro — respondeu com um sorriso largo. — Muito melhor do que aquele que a minha mãe escolheu dar-me.

— Como está o nosso amigo comum? — perguntei-lhe, então.

— Grande — respondeu. — Manda-vos saudações e presentes. — Aproximou-se do montão de andrajos que acabara de despir e remexeu-os até encontrar um rolo de papiro que trazia cosido à bainha de um deles. Após isso, entregou-mo. Enquanto o desenrolava, indiquei-lhe o prato de comida. Aproximou-se da mesa e lançou-se sobre a mesma com vontade.

Com um olhar rápido lançado ao papiro, de pronto vi que se tratava da «Ordem de Batalha» da armada de guerra hicsa. Para mais, havia Aton tomado nota dos objetivos no delta do Nilo que considerava serem os mais dignos da minha maior atenção.

De onde havia Aton desencantado semelhante documento, não consegui adivinhar sequer uma mera hipótese. Tornei a enrolar o papiro. Ainda que o mais provável fosse chegar este com semanas de atraso, merecia a minha atenção mais cuidada.

— Disseste que me trazias uns presentes, Amigo?

— Trouxe-vos quarenta e oito pombos mensageiros. Estão em gaiolas, no meu barco. — Parecia sentir-se satisfeito. Desenrolei a carta de Aton e estudei-a de novo.

— O homem grande escreve aqui que me envia cem pombos — disse-lhe num tom de voz afável. — O que aconteceu às restantes cinquenta e duas aves?

— Ficámos sem mantimentos.

— Comestes os meus pássaros? — Foi a sua desfaçatez que me deixou atónito. Encolheu os ombros e sorriu com descaro. Chamei Zaras com um berro, e, mal entrou, disse-lhe: — Vai imediatamente

ao barco deste tratante. A bordo encontrarás quarenta e oito pombos. Trá-los todos imediatamente para aqui, antes que desapareçam por mistério. — Zaras não me fez pergunta alguma, apressando-se antes a cumprir as minhas ordens.

O meu visitante serviu-se de outro jarro do meu magnífico vinho, e fez-me um brinde com o mesmo.

— Excelente vinho. Felicito-vos pelo vosso bom gosto. O nosso amigo pede que lhe mandeis um presente condicente com o que ele vos enviou, para assim poderdes comunicar com maior regularidade.

Não demorei mais de um instante a ponderar aquela sugestão. Sabia eu que o embaixador Toran tinha um grande pombal em Cnossos.

— Como queres tu que eu lhe mande mais pássaros quando podem também esses ser devorados por chacais e hienas?

Ele nem sequer pestanejou ao ouvir o meu insulto intencional.

— Eu mesmo lhos entregarei em pessoa; isto é, se um dos vossos belos navios me levar a atravessar este mar e me deixar numa zona despovoada do delta do Nilo.

— Posso fazer bem melhor do que isso, amigo — disse-lhe, após o que ele inclinou a cabeça de um modo inquisitivo. — Neste momento, encontra-se no porto de Krimad, um *dhow* mercante cartaginês, cujo capitão jantou comigo ontem. Está ele a fazer planos para, dentro de quatro dias, regressar a Cartago, fazendo escala no porto hicsa de Rosetta, situado no delta. Como hás de saber, o Sultão de Cartago e o Rei Gorrab dos Hicsos não são adversários, pelo que poderei conseguir que viajes com ele até Rosetta. Levarás contigo um cento de pombos que tenham sido incubados em Cnossos e que, por isso, estejam ansiosos por regressar ao pombal tão pronto quanto forem libertados. Desse modo, o homem grande e eu poderemos estar em contacto direto num prazo de tempo muito curto.

— Sei que ficará ele deveras radiante com este acordo. Inclusive, poderíeis ambos aproveitar a oportunidade para jogar algumas partidas de *bao* por pombo-correio.

Pareceu-me uma insubordinação aquela tentativa de humor de Amigo, e o conhecimento íntimo que ele tinha dos meus assuntos pessoais desconcertou-me. Nunca me sinto completamente à vontade na companhia destes agentes clandestinos, posto serem eles uns tipos desonestos e falaciosos. Como poderemos nós confiar em alguém que nos come os nossos próprios pombos?

Enquanto aguardava que Toran me enviasse os seus pombos de Cnossos, dei ordem para que o decrépito *dhow*, no qual o Amigo havia cruzado os mares desde o Egito, fosse levado para as águas profundas e fosse submerso, antes que despertasse a curiosidade de algum dos agentes hicsos, que, sabia eu bem, abundavam ali em Creta. Quanto aos restantes sete membros da tripulação, mandei-os ocupar os bancos dos remadores do *Fúria*.

Quatro dias passados, quando o navio mercante cartaginês zarpou rumo a Rosetta, no delta, Amigo seguia a bordo com uma centena de pombos saudáveis e bem alimentados, provenientes do pombal de Toran.

Antes de o navio cartaginês desaparecer no horizonte pelo lado sul, libertei um dos pombos de Aton com uma mensagem a agradecer-lhe o seu presente e a informá-lo da oferta que eu lhe fazia e que Amigo levava para Rosetta. Terminei a minha missiva com o meu primeiro lance com as pedras do jogo de *bao*: a libertação da garça do castelo oriental. Esta era uma tática que deixava Aton sempre apreensivo.

O facto de eu ter ficado ofendido com a frivolidade de Amigo não significava que devesse rejeitar aquela sua sensata sugestão de aproveitar essa rara oportunidade para continuar as minhas jogadas de *bao* com Aton.

O Sol começava a despontar no horizonte oriental quando, na manhã seguinte, me despedi de Zaras e de Hui e voltei a subir as vertentes do monte Ida, em direcção a Cnossos, orientando-me pelos postos de rendição que Hui havia estabelecido, de acordo com as minhas ordens. Fizera ele um bom trabalho.

Haviam os seus homens marcado o caminho com placas de bronze cravadas nas árvores ao longo de todo o trilho. Desse modo,

nunca tinha eu dúvidas quanto à minha posição, além de poder fazer todo o percurso em pleno galope. À medida que me ia aproximando de cada posto de rendição, soprava a trombeta para avisar os moços de estrebaria da minha chegada. Quando, a passo, os alcançava, já eles tinham a montada seguinte com a sela posta e estavam à minha espera, pelo que parava apenas para beber alguns bons tragos de vinho aguado. Tornava a montar e a seguir caminho, enquanto comia a carne e as salsichas de cebola que um dos moços de estrebaria tivesse depositado na minha mão.

Detive o cavalo junto a um montículo de terra fresca que assinalava o sítio onde se achava a sepultura do escravo que dera a sua vida por mim.

— Descansa, bom Waaga. Sei que de pronto nos reuniremos, e então hei de expressar-te em pleno a minha gratidão. — Saudei-o com o punho cerrado. Em seguida, esporeei o cavalo e comecei a descer a montanha em direção ao porto de Cnossos.

Quando entrei no pátio das cavaliças, situado na parte traseira da minha mansão de embaixador, levantei os olhos para o Sol da tarde, e, pela mudança do ângulo, calculei há quanto tempo havia eu saído de Krimad.

— Menos de seis horas para atravessar a ilha de uma ponta à outra! — exclamei, para mim mesmo, satisfeito. Apesar da cansativa viagem, dirigi-me de imediato para a mesa de escrita, colocada na biblioteca, para me ocupar de uma pilha de rolos de papiro que aguardavam pela minha atenção. A maior parte deles era do embaixador Toran.

Antes de jantar, sozinho, mandei um dos meus escravos ir à cidade, a casa de Toran, situada próximo do palácio, entregar-lhe as minhas respostas. De pronto me dirigi aos meus aposentos privados.

Nessa noite, voltei a sonhar com Inana. Estava ela de pé no terraço do meu quarto; a luz do luar fazia com que o seu manto e o respetivo capuz refulgissem, ainda que não conseguisse ver o seu rosto oculto debaixo do mesmo. Tentei levantar-me do leito para ir ao seu encontro, todavia, as minhas pernas pesavam como chumbo e não obedeciam às minhas ordens. Tentei falar-lhe, porém, a minha

voz desvanecia-se antes mesmo de chegar à ponta da língua. Não obstante, a minha incapacidade de comunicar com ela não provocou em mim inquietação alguma, nem ansiedade. Em contrapartida, senti-me ser invadido pela sua bondade e o seu poder divino a envolver-me todo e a proteger-me como um escudo. Confiante, deixei-me cair novamente no sono.

Tornei a despertar antes do amanhecer, e saltei do leito sentindo-me maravilhosamente revigorado e vivo. Não estava preparado para aquela sensação de bem-estar, até que, de repente, me lembrei do sonho. Então, um doce lamento de que não havia sido real mitigou a minha alegria.

Desnudo, saí para o terraço e enchi os pulmões com o ar que havia sido limpo pela passagem de mil léguas de oceano.

Contemplei o monte Crono. Uma vez mais, o deus estava tranquilo. Sorri quando arrotou uma nuvem de fumo mais negro. Talvez me tivesse visto no terraço e estivesse a dar-me os bons-dias, ou podia ser que, ao jantar, tivesse comido algo que lhe tivesse provocado alguma flatulência. O facto de ser eu capaz de desfrutar destas tolices infantis era um sinal do meu bom humor.

Não obstante, era aquela uma extravagância que não podia permitir-me. Planeava lançar a nossa primeira incursão contra as posições hicsas na costa norte do delta, dentro dos próximos dez dias, pelo que, até lá, cada hora devia ser ocupada com isso.

Determinado, voltei-me para a porta dos meus aposentos privados, porém, ao fazê-lo, esbarrou o meu pé em alguma coisa suave. Baixei os olhos para ver do que se tratava, a princípio, com pouco interesse, porém, com um assombro sempre crescente.

Era aquilo uma flor, ou, melhor dito, um lírio. Todavia, jamais vira coisa que se lhe assemelhasse, e eu sou um ávido horticultor. Era este do tamanho de um jarro de vinho. As pétalas eram de um tom dourado intenso, que se ia matizando até se tornar num vermelhão na corola. Os estames eram brancos como marfim talhado e as respectivas pontas azuis como safiras.

Era magnífica aquela flor. Havia sido cortada há tão pouco tempo que o caule ainda sangrava gotas de seiva translúcida. Com delicadeza, fi-la rodar entre os dedos e senti a fragrância suave. Era

um perfume que eu conhecia tão bem que senti os cabelos da nuca eriçarem-se.

Era o cheiro da deusa Inana; o perfume de Ishtar, a deusa das flores, que tinha como símbolo o lírio.

— Não foi um sonho — murmurei. — Ela esteve aqui.

Levei o lírio aos lábios e beijei-o. Senti-o murchar nas mãos, e as pétalas ressequirem e enrugarem-se. As cores vibrantes esmoreceram, ganhando, então, uma tonalidade castanha, opaca e caduca, como a que as manchas solares adquirem nas mãos de um homem muito velho. Após isso, as pétalas desfizeram-se num pó muito fino, que se escoou por entre os dedos, caindo sobre os ladrilhos do terraço. A leve brisa do amanhecer dispersou-as.

A essência da deusa parecia ter sido absorvida pelo lírio e passada para o meu próprio corpo, dando-me incentivo e força contra algo que eu não sabia o que era.

Tomei um banho de água quente dos baldes trazidos para o terraço pelos escravos, após o que vesti um quíton de lã azul e me dirigi à biblioteca. Achava-se a porta fechada, ainda que na noite anterior eu mesmo a tivesse deixado aberta. Empurrei-a em silêncio e fiquei paralisado, sentindo-me ser invadido por um pavor devoto, quando vi a figura feminina com a capa e o capuz, no outro extremo da sala, junto à janela, de costas voltadas para mim.

— Inana! — murmurei. Ela voltou-se depressa e, antes que eu conseguisse recuperar a voz, veio ajoelhar-se aos meus pés e beijar-me a mão.

— Senhor Taita! Quanta alegria por vos ver. Senti a vossa falta. Todas nós sentimos a vossa falta. — E, ao dizer isto, empurrou o capuz para trás por sobre os ombros.

— Loxias! — exclamei. — Pensei que eras outra pessoa. Como me encontraste?

— Perguntei ao meu bom amigo, Senhor Toran. Disse-me ele que era aqui que estáveis.

Levantei-a e encaminhei-a para o canapé. Depois de se sentar, fiz soar a campainha que estava em cima da mesa de escrita e três dos meus escravos subiram as escadas da cozinha a correr.

— Tragam de que comer e beber — ordenei-lhes.

Ficámos sentados um em frente do outro, enquanto devorávamos a enorme travessa de ovos cozidos, peixe seco, salsichas de porco e pão duro que os escravos haviam depositado entre nós os dois.

— É seguro para ti estares aqui comigo? Julgava-te com a Tehuti e a Bekatha em clausura no serralho real.

— Oh, não! — exclamou, abanando a cabeça e agitando os caracóis. — As viragos veem-me apenas como uma escrava de condição inferior. Deixam-me entrar e sair sempre que eu quiser.

— Claro está que a vida de escrava te assenta muito bem, Loxias. Estás, inclusive, mais bonita ainda do que da última vez que te vi.

— Sois um velho atrevido e adulator, Taita — vangloriou-se ela, com alguma timidez.

— Fala-me das minhas meninas. Estão elas tão felizes quanto tu?

— Confessam ambas estar a morrer de enfado. Anseiam por escutar uma das vossas histórias para que assim se distraiam.

— Será que o seu novo esposo não as entretém? — interpelei-a com muito tato.

— Estais a referir-vos ao Cabeça Velha de Lata, o Supremo Rei Minos? — ronronou a rir. — É como o tratamos, embora me pareça que *nos* cortaria a cabeça se nos ouvisse dizer isso. Nem a Tehuti nem a Bekatha o viram desde a cerimónia do matrimónio. Nenhuma das nossas novas amigas do harém tornou a vê-lo depois das bodas, e algumas delas já ali estão há vinte anos, e algumas mesmo há mais tempo. O certo é que nunca nenhuma delas o viu sem a cabeça de lata.

— Não estou a perceber — protestei. — Nenhuma das esposas teve contacto carnal com o rei? É isso o que estás a dizer-me?

Loxias era amiga do embaixador Toran havia bastante tempo, pelo menos o suficiente para compreender o significado daquela expressão. Depois de o seu rosto se ruborizar um pouco, baixou os olhos e disse:

— De vez em quando, o Minos manda as viragos irem lá buscar algumas das esposas. Todavia, uma vez levadas do serralho, nunca

mais voltam.

— O que lhes acontece? — perguntei-lhe, perplexo.

— Dizem as viragos que são elevadas à categoria de favoritas dos deuses e que ascendem ao templo Maior, situado nas montanhas.

Interroguei Loxias com alguma minúcia, mas, ao que parecia, salvo o que já me havia contado, sabia ela muito pouco acerca daquele assunto, além de não estar muito interessada em conhecer a localização daquele templo Maior. Experimentou mudar o assunto daquela nossa conversa, tentando saber onde e como se encontravam Zaras e Hui, sabendo eu bem que queria ela obter essa informação a pedido das amantes reais.

Por diversas vezes, tive eu de trazê-la de volta à nossa conversa sobre as numerosíssimas esposas do Supremo Rei Minos.

— Desde que tu e as princesas se instalaram no serralho, quantas das outras esposas do rei se tornaram as favoritas dos deuses? — insisti.

— Quarenta — respondeu ela sem a menor hesitação. Fiquei surpreendido com esse número e com a tamanha certeza que Loxias parecia ter daquele número exato.

— Nesse caso, foi praticamente uma esposa por dia, desde que tu e as princesas estão no serralho?

— Não, não, meu senhor. Todas essas quarenta abandonaram o serralho ao mesmo tempo. Saíram a dançar e a cantar, com grinaldas no cabelo.

— O Supremo Rei Minos deve ter tido uma noite muito agitada — observei, sem conseguir resistir ao gracejo. Foi com algum esforço que Loxias tentou manter uma expressão comedida, porém, vislumbrei nos seus olhos um lampejo de riso. Prossegui com as minhas perguntas: — Nenhuma dessas quarenta mulheres regressou ao serralho, tens a certeza disso?

— Tenho a certeza absoluta. Nós sabemos tudo o que se passa naqueles nossos aposentos do palácio.

Refleti bem nas suas respostas. Tinha eu a incômoda sensação de que havia algo de extrema importância que me escapava.

— Todas essas quarenta esposas saíram juntas do serralho e nenhuma delas voltou — disse eu, pensando em voz alta.

— Foi isso o que vos disse, Taita. — Mostrou-me ela uma expressão martirizada. — A Tehuti quer saber onde se encontra o Zaras neste momento. Está ele em Krimad, ou a patrulhar os seus barcos? Ela gostava de lhe enviar um presente. Podeis levar-lho? — Ignorei a pergunta, posto estar determinado em não me deixar ser sugado para o meio daquela intriga.

— Quando saíram essas esposas do serralho? — tornei, concretizando agora o meu ponto de vista.

— Elas partiram no dia do tremor de terra, ao meio-dia — apressou-se Loxias a responder com impaciência. — Não vos disse isso eu já?

Fiquei a fitá-la, enquanto as ideias me ocorriam velozes para manter o ritmo dos constantes revezes da nossa conversa.

— Estás a dizer-me que esse Cabeça de Lata se entretteve com quarenta virgens em pleno terramoto? — interpelei-a.

— Creio bem que sim — respondeu Loxias com um risinho. — Se tivesse sido mesmo assim, teria eu adorado ver — concluiu, levantando-se. — E agora tenho de ir, de contrário, as viragos não me deixarão entrar de novo no palácio. Quereis que leve às meninas uma mensagem vossa?

— Diz-lhes que as amo mais do que tudo neste mundo.

— Então, e eu? — redarguiu ela com um esgar dramático.

— Não sejas avarenta. Tens já um homem velho que te ama, Loxias.

— Ele não é tão velho assim — protestou ela. — Ele é até bastante jovem e muito rico. Há de casar-se comigo; ides ver só.

Depois de Loxias se ter ido embora, sentei-me sozinho no terraço a refletir sobre o que ela me dissera. Por ser muito pouco o sentido que encontrava em tudo aquilo, experimentei uma persistente sensação de inquietação e de catástrofe iminente.

Dispus-me a regressar de imediato a Krimad para me embrenhar nos preparativos bélicos de Zaras e Hui, posto saber eu bem que com isso me distrairia. Não obstante, teria de estar no pombal do

embaixador Toran quando regressasse um dos pombos-correios que Amigo havia levado a Aton, em Tebas.

Encontrava-me a conversar com o Senhor Almirante Herakal e os membros do Conselho quando se ouviu um pequeno alvoroço junto às portas fechadas da sala de comando.

— O que se passa? — gritou Herakal tão alto que a sua voz ecoou pelas cavernosas divisões do Almirantado. — Dei ordens para que não fôssemos incomodados!

O capitão da guarda abriu as portas de madeira de cedro polido e entrou, fazendo uma vénia e desfazendo-se em desculpas.

— Senhor Toran, do Conselho de Estado, envia uma mensagem. Diz ser de suma importância, pelo que deverá ser entregue em mão e sem demora a Senhor Taita, o egípcio.

De pronto Herakal me dirigiu um olhar sombrio de reprovação e lançou as mãos ao ar, simulando desespero.

— Deixai que entre esse traste! Que entrem todos! Vamos, desobedeçam às minhas ordens quando vos der na realíssima gana.

Levantei-me depressa para proteger o homem que se acobardava perante a fúria de Herakal.

— Devo assumir toda a responsabilidade por isso, Senhor Almirante. Aguardava uma expedição da máxima importância das minhas fontes instaladas no Egito.

— Aguardaremos aqui todos que trateis do que vos é mais conveniente, Senhor Taita. — Lamuriando-se entredentes, Herakal levantou-se da banquetta e aproximou-se da janela, onde ficou parado de olhar fixo no monte Crono, na margem oposta da baía. Arranquei a expedição da mão trémula do capitão.

Tratava-se de um apertado rolo de seda amarela, que não excedia o tamanho da articulação superior do dedo mindinho e quase não tinha peso algum. Quando o desdobrei, vi ser este tão longo como o meu braço e estar espessamente preenchido com os símbolos codificados que Aton e eu havíamos concebido em conjunto. Constituíam um grande avanço sobre qualquer outra língua escrita existente, quer pela compacidade, quer pela

diversidade e precisão dos significados que punha à disposição de quem os escrevia.

Li a mensagem rapidamente e levantei os olhos para o Senhor Almirante, antes mesmo de ter ele tempo de preparar e dar voz a outro protesto.

— Senhor Almirante, tenho excelentes notícias. Apresentou-se-nos a oportunidade para desferirmos um golpe no coração do nosso inimigo comum. O Rei Gorrab dos Hicsos reuniu uma força de mais de mil carros na planície de Shur, no extremo ocidental do delta do Nilo.

— Conheço essa zona! — exclamou Herakal, ao mesmo tempo que se voltava para nós e saía da janela. O tom da sua voz era bem outro. — Estende-se ao longo da costa do mar Interior, entre as cidades de Zin e Dhuara.

— Correto! — concordei. No último ano, o meu Faraó e o Senhor Kratas concentraram as suas ofensivas na orla ocidental do rio Nilo. Avançaram para norte, até ao lago Moeris, que fica a umas escassas oitenta milhas a sul de Zin. — Com estas palavras, estendi o quadrado de seda amarela sobre a mesa, e Herakal e o Conselho juntaram-se em torno do mesmo. Aton havia escrito a mensagem num dos lados, porém, no verso, desenhara ele um mapa pormenorizado do Norte do Egito, mostrando a disposição de ambos os exércitos, hicsos e egípcio.

— Informam-me as minhas fontes de que o Gorrab está a planear uma importante manobra de flanco, descaindo pela fronteira oriental do Egito para atacar a nossa linha expandida, aqui, em Quam — disse, assinalando com o dedo o mapa de seda. — É um plano astucioso, todavia, o ponto de reunião em Zin é extremamente vulnerável aos ataques por mar. Ao que parece, o Gorrab continua a desconhecer que a nossa frota combinada se encontra, neste momento, em Krimad a aguardar por uma oportunidade como esta.

— Dizeis que o Gorrab dispõe de mil carros? — perguntou-me Herakal. — Significa isso, então, que o mais provável é ter ele para cima de três mil aurigas, um número que excede largamente o vosso. Se o Gorrab se inteirar dos vossos planos, de pronto vos aniquilará, se tentardes atacá-lo.

De modo a refutar o que acabara de dizer, bati ao de leve no pedaço de seda amarela.

— Sim, de facto, o Gorrab tem mil carros concentrados em Zin, todavia, diz o meu informador, ainda não prescindiu ele dos aurigas que constituem a principal força de ataque contra o Faraó e o Senhor Kratas, no lago Moeris. Tal como se acham as coisas presentemente, dispõe de menos de quinhentos homens para manobrar os carros. — Havia eu lido esses números na mensagem que Aton me enviara escrita no pedaço de seda amarela. — Quinhentos homens e o dobro desse número em cavalos.

Pensativo, Herakal alisou os bigodes.

— Isso iguala praticamente a vossa própria força.

— A minha flotilha está pronta a zarpar para o alto-mar, podendo nós achar-nos nas imediações de Zin dentro dos próximos seis dias, antes de o Gorrab poder dispor dos seus restantes homens. Poderia eu conduzir os meus carros para a retaguarda e atacá-los aí antes de saberem eles, sequer, que havíamos desembarcado. Contaremos com a vantagem do fator surpresa, que vale bem mais do que mil carros com a tripulação completa.

— Digo-vos, desde já e sem rodeios, Senhor Taita, que isso não me agrada. Parece-me tudo demasiado perfeito e fortuito. Cheira-me a uma armadilha para ursos. Não obstante, concedeu-vos o Supremo Rei Minos um comando independente, pelo que não precisais da minha autorização para levardes por diante esse vosso plano absurdo.

— Nesse caso, nada mais temos para discutir, Senhor Almirante. Agradeço-vos os vossos conselhos e votos de boa sorte. Partirei logo que possível.

A galope, atravessei sozinho a montanha, esporeando intensamente os cavalos. Cheguei a Krimad uma hora antes do entardecer, indo dar com Zaras e Hui nos estábulos, e, apesar do seu enorme espanto por me verem, depressa a sua surpresa se transformou em profana alegria quando lhes disse o que tinha em mente.

— Embarca os cavalos enquanto ainda há luz — disse eu a Hui.
— Zaras, leva tantos homens quantos os que forem necessários

para te certificares de que, antes de zarparmos, os carros a bordo de todos os navios ficam perfeitamente amarrados por cordas firmes. — Depois de gritarem ordens aos seus homens, apressaram-se ambos a cumprir as minhas.

Dirigi-me ao pombal, que era o novo lar dos pombos de Aton que haviam sobrevivido à perigosa travessia desde o Egito. Escolhi dois dos mais gordos e fortes e preendi a mesma mensagem a uma pata de cada um deles. Após lhes dar um beijo na cabeça, lancei-os ao ar para assim os pôr a voar. Sobrevoaram o porto em círculos largos por quatro vezes antes de tomarem a direção sul-sudeste e desaparecerem na obscuridade crescente. Um voo noturno era mais seguro para eles. Ainda que os gaviões e os falcões não caçassem durante as horas noturnas, havia eu repetido a minha mensagem para Aton para estar duplamente certo de que chegaria esta ao seu destino.

Pedia-lhe eu para, dentro de seis dias, ter guias à nossa espera na praia de Zin. Juntar-se-iam eles a nós quando desembarcássemos para nos conduzirem até ao sítio onde o Rei Gorrab havia reunido os seus carros.

Uma hora antes da meia-noite, a minha flotilha de seis galés zarpou do porto, e, quando já mal o distinguíamos ao longe, virámos para sul em linha de popa, rumo ao Egito e à baía de Zin.

A obscuridade que antecede o amanhecer impediu-nos de nos encontrarmos com a esquadra de doze galés de guerra de Nakati, príncipe dos Povos dos Mares, comandada pelo seu próprio navio, o *Pomba*. Nakati apressava-se a ir para Krimad para me avisar do atoleiro de delação e traição para o qual estava eu daquele modo tão despreocupado a navegar com a minha pequena esquadra.

Nakati chegou ao porto de Krimad poucas horas depois de o Sol nascer, descobrindo, então, que eu e as minhas embarcações havíamos desaparecido. Todavia, deixara eu em terra cinco dos meus homens, que, por estarem feridos ou doentes, não se achavam em condições de embarcar e navegar comigo. Esses homens, agora inválidos, haviam feito comigo a viagem desde Sídon, na Suméria, quando havíamos capturado o *Pomba* e prendido Nakati ao banco dos remadores. Também haviam eles

estado presentes quando eu lhe havia retirado as grilhetas e devolvido os comandos do *Pomba*. Deste modo, sabiam bem tratar-se ele de um dos nossos, pelo que não hesitaram em lhe dizer para onde me dirigia, nem qual era o propósito da minha incursão a Zin.

Nakati permaneceu no porto de Krimad apenas o tempo suficiente para carregar água doce e provisões do meu entreposto. De pronto, perto de três horas depois de amanhecer, tornou ele a zarpar com a sua flotilha no encalço da minha, todavia, levava-lhe eu já uma vantagem de oito horas.

Bem entendido, por aquela altura da travessia, não podia eu saber que Nakati me seguia no máximo da velocidade. Bem pelo contrário, não tinha eu notícias algumas suas desde que havia confiado nele e o pusera em liberdade, pelo que, naquele momento, estava mais inclinado em lamentar aquela minha decisão apressada. Começava a crer ter-me ele enganado, ter retomado o seu papel de príncipe dos Povos dos Mares e eu nunca mais tornar a vê-lo, senão com a lâmina de uma espada cravada.

Só muito depois dos acontecimentos que aqui me encontro a narrar, soube eu que Nakati havia respeitado o nosso acordo. Havia ele, porém, dedicado todo esse tempo a recrutar as tripulações para os seus navios entre as fileiras de piratas e saqueadores que davam corpo à tribo dos Povos dos Mares.

Olhando hoje para então, devia eu saber isso bem melhor, contudo, sempre acreditara serem os Povos dos Mares uma chusma caótica e carente da organização e das estruturas da marinha moderna. Negligenciara eu o facto de muitos dos príncipes piratas serem homens de combate marítimo, hábeis e bem treinados, que apenas por força das circunstâncias se haviam convertido em renegados. Ademais, tinham eles à sua disposição uma extensa e bem organizada rede de espionagem, que, sem dúvida alguma, era mais eficaz do que a que dirigia o meu velho amigo Senhor Aton. Do mesmo modo, contava Nakati com agentes duplos infiltrados entre os homens de Aton, embora tivesse ele também espiões seus no quartel-general dos Hicsos, em Mênfis, e, não tenho a menor dúvida, havia ainda de ter penetrado na minha própria rede. Graças a essas fontes, estava ele perfeitamente ciente

da correspondência trocada entre Aton e eu próprio, pelo que conhecia bem as minhas intenções de tomar de assalto o depósito dos carros hicsos, sabendo ele também estarem os Hicsos a par dos meus planos. Não obstante, Nakati não tinha pombos-correios para me enviar a advertir do que se estava a passar, pelo que ocorrera ele mesmo em pessoa para me salvar do desastre certo; havia, no entanto, de chegar tarde demais.

Cinco dias depois de termos zarpado de Krimad a bordo do *Fúria*, desembarcámos nós na costa africana, no crepúsculo, uma hora antes de o Sol nascer. Havia eu navegado deliberadamente com um rumo um tudo-nada desviado para oeste. Navegador vivo algum conseguiria velejar durante cinco dias sem ser visto de terra e chegar a um destino tão preciso como a baía de Zin. Fazer o meu desembarque no lado oriental da baía teria sido perigoso, posto a linha de costa mais próxima do delta do Nilo ser densamente povoada, pelo que nos teriam de pronto descoberto, no momento exato em que nos tivéssemos assomado no horizonte. Se eu não tinha a certeza de poder navegar diretamente para a baía de Zin, o mais seguro seria, então, desviar-me para oeste. A orla ocidental confinava com o Sáara, uma zona escassamente habitada por uns quantos beduínos nómadas.

Mais importante ainda era o facto de eu estar absolutamente convencido do meu bom rumo, no momento exato em que avistei terra, pelo que, sem hesitar, dei ordem à flotilha para que, uns atrás dos outros, os navios virassem para o porto e navegassem em linha com o deserto a estibordo. Velejámos por três horas inteiras em paralelo à costa, antes de se tornar evidente haver eu exagerado no desvio deliberado. Embora, naquele momento, tivesse aquilo sido para mim motivo de enorme preocupação, provou ser antes uma sorte, porquanto deu a Nakati uma margem de manobra suplementar para encurtar o espaço que separava as nossas duas esquadras.

Por fim, chegámos à embocadura da baía de Zin, que de pronto reconheci pelos sobressalientes promontórios que protegiam o interior dos acessos setentrionais. Dei ordem para virarmos e, em sucessão, avançarmos pela entrada da baía.

Achavam-se os Hicsos ali à nossa espera, e, mal acabámos todos de passar por entre os dois promontórios da baía de Zin, avançaram para nós numa massa compacta. Deviam ter reunido tudo o que flutuava num raio de cem léguas em redor entre a costa e o delta do Nilo, porquanto eram eles em número tão desmedido que nem se conseguiam contar. Entre eles, havia embarcações tão pequenas como lugres e outras tão colossais como a única trirreme que liderava o ataque à nossa flotilha. As embarcações mais próximas cobriam as que vinham atrás dessas, enquanto os navios maiores protegiam os mais pequenos. Todavia, fazendo eu uma estimativa apressada, calculei acharem-se, pelo menos, vinte e cinco navios hicsos a postos para defrontar os nossos seis.

Todas as suas cobertas estavam repletas de homens armados, com os elmos, as couraças, as espadas e os escudos a brilharem sob o esplendor do Sol nascente. Os seus gritos de guerra e de desafio eram perfeitamente audíveis por sobre a água, enquanto vinham ao nosso encontro.

O vento do amanhecer soprava com intensidade do lado do mar aberto, transpondo a entrada da baía, exatamente por detrás da nossa esquadra e pela frente dos Hicsos, impedindo-me de inverter o rumo e tentar fugir pelo mesmo sítio por onde ali havia chegado.

Em contrapartida, dirigiam-se os navios hicsos diretamente para o vento, mantendo um rumo de bolina tão cerrada quanto o que os cascos lhes permitiam. Faziam eles tempo, mantendo apenas o rumo. Os nossos seis navios carregavam para diante, com o vento a ufanar-lhes todo o velame e a água branca a revolver-se em espuma por debaixo das popas, e, com uma dezena de remadas, alcançámos nós a velocidade máxima de ataque.

Apercebi-me de que vinham as cobertas dos navios inimigos tão atulhadas de homens que a ação dos seus arqueiros foi prejudicada pela pressão dos corpos e dos escudos. Por outro lado, Zaras, Hui, Akemi, Dilbar e os meus restantes capitães haviam retirado a maior vantagem dos nossos navios com menos tripulação. Mesmo antes de passarmos por entre os promontórios da baía e cairmos naquela emboscada, haviam-se preparado os nossos arqueiros para qualquer eventualidade, pelo que traziam eles os arcos tensionados

e as flechas em riste, prontas a ser disparadas. Enquanto diminuía o espaço entre o inimigo e os nossos navios da dianteira, Zaras deu ordem de disparo. O vento que entrava diretamente pela nossa popa foi nosso aliado, posto dar-nos uma vantagem de mais de cem metros. Os nossos arqueiros conseguiram, pois, lançar dez descargas antes de os Hicsos conseguirem atirar as suas flechas suficientemente alto para nos alcançarem.

A nossa nuvem de flechas caiu por sobre as suas cobertas e o massacre foi prodigioso. Os gritos dos feridos foram o contraponto aos impactos das nossas formidáveis flechas.

A trirreme inimiga era maior quase meio barco do que qualquer um dos navios pertencentes à minha esquadra, todavia, naquelas condições, com o vento em contrário, a sua envergadura era bem mais um desabono do que uma vantagem. Vi-a iniciar uma viragem para sotavento, pelo que o imenso espigão de bronze posto à proa deixou de vir ameaçadoramente apontado para nós. Ao realizar essa manobra, deixara a descoberto a entrada e o entremeio do costado, onde o entabuamento e os triplos bancos dos longos remos se mostravam mais suscetíveis ao nosso ataque.

— Carregar com o aríete quando virar! — gritei a Zaras, obedecendo ele de pronto à minha ordem e fazendo os nossos tambores aumentarem o ritmo para a velocidade de ataque. Os homens que trazíamos a ocupar os bancos dos remadores vinham revigorados e ansiosos, pelo que puxavam a voga com tamanha força que os olhos quase lhes saltavam das órbitas. Com a impulsão do vento e o ímpeto dos nossos remadores, o *Fúria* lançou-se depressa para diante, ao mesmo tempo que eu instava Zaras a fazer constantes ajustes no leme, por forma a manter o espigão de bronze do aríete bem apontado ao ponto mais vulnerável do casco da trirreme.

Fizemos desviarem-se do nosso caminho as barçaças e os lugres hicsos mais pequenos, posicionados entre nós e o nosso objetivo, até que, no último momento antes de embatermos na trirreme, Zaras gritou a ordem «Voga dentro!» Os remadores recolheram os remos com cuidado, e, com um estrondo estraçalhado, o espigão de bronze do aríete com a forma de uma cabeça de águia bicuda

embateu e perfurou o casco da trirreme, fazendo-a rolar e derrubar-se sobre um dos lados. Numa amálgama, confundiam-se os gritos dos tripulantes com o crepitar dos toros de madeira a serem rasgados e dos remos a quebrarem-se em estilhas e esquiúrolas. Os dois mastros partiram-se pela altura da cobertura, que rodou mais para lá do ponto de não-retorno, levando a que os escravos acorrentados aos bancos se afogassem quase de imediato e os guerreiros que enchiam a cobertura superior fossem lançados ao mar, juntamente com o titubeante casco.

Com a força do impacto, Zaras e eu fomos lançados para a cobertura do *Fúria*. Dentro de água, a progressão do nosso navio havia sido completamente travada, pelo que, quando conseguimos levantar-nos de novo, já as embarcações hicsas mais pequenas haviam conseguido amontoar-se em redor da nossa e lançar os arpéus para que se aferrassem às bordas dos nossos costados. A marinhagem abordadora, bem armada, lutava já furiosamente a bordo do *Fúria*, uivando como uma alcateia em torno da carcaça de um veado. Saltavam pelos nossos dois bordos, brandindo machados de guerra e estoqueando as espadas. Estávamos cercados.

Zaras, eu e os restantes oficiais de cobertura formámos um círculo, mantendo-nos de costas voltadas para dentro e ficando virados para fora. Éramos todos consumados espadachins, que, em numerosas ocasiões, havíamos pelejado juntos. Suplantávamos ainda em número aqueles atacantes hicsos, enfronhados nas suas gingaões selvagens e nos seus desafios torpes. Todavia, tão pronto quanto os vencíamos, em maior número eram os enxames deles que acorriam a abordar o *Fúria* e a ocuparem as suas posições.

Quase de imediato, os meus pés resvalaram no chão escorregadio por causa das matérias sanguinolentas e do sangue que também me molhava os braços até aos cotovelos. Todavia, ainda assim, os bárbaros hicsos continuavam a abordar-nos e a morrer. À minha direita, Zaras parecia incansável, eu, em contrapartida, depressa me senti cansado. Pesavam-me cada vez mais os braços, e os pés perdiam a graça e agilidade.

Matei outro homem e, enquanto o arrancava da ponta da espada com o pé, olhei por sobre o costado do navio e vi que todas as outras embarcações da minha flotilha se achavam em grandes apuros, rodeadas pelos navios inimigos e a lutarem pela sobrevivência. Foi, então, horrorizado que vi mais uma dezena de embarcações hicsas fazerem a sua aproximação à baía, vindas do mar aberto. Eram elas grandes galés de combate, repletas de homens em ruidosa ovação e remando vigorosamente. Sabia eu bem estarmos nós prestes a ser esmagados pelo peso descomunal do seu número e por não conseguirmos nós resistir-lhes muito mais tempo. Por um instante breve, pensei que podíamos bater em retirada e fugir para o mar aberto, todavia, apercebi-me de que essa ideia era, não só o último recurso do espírito cobarde, mas também uma fantasia, resultante do desespero. Não havia escapatória possível para aquele nosso banho de sangue. Continuámos o combate, enquanto novas ondas de inimigos se escoavam para bordo do nosso navio. Por fim, exausto, só me sustinha eu de pé aos cambaleios. Zaras amparou o meu escudo com o seu para me dar apoio, contudo, por essa altura, inclusive levantar a minha espada exigia de mim um esforço brutal. Tinha o rosto e os braços salpicados com o sangue dos homens que havia matado.

Então, outro rosto barbudo inimigo apareceu à minha frente e ataquei-o com a minha espada embotada. Por aquela altura, tinha esta já o fio rombo e lascado e a ponta partida. O meu golpe foi de tal modo frouxo e trapalhão que de pronto o meu novo adversário o desviou para o lado com uma desdenhosa torção do pulso.

— Taita! — gritou-me ele. Travei a minha investida seguinte e fitei-o, atónito. Por breves instantes, não o reconheci atrás da barba e do véu avermelhado de salpicos de sangue que me toldavam a vista, porém, logo me apercebi de que não se tratava ele de mais um daqueles brutamontes hicsos, mas eram as suas feições nobres e familiares.

— Embainhai a espada, senhor. Sou vosso vassalo. — Também pela voz o reconheci.

— Nakati? — perguntei-lhe, ofegante. — Pensei que nunca mais te tornaria a ver.

— Nem sempre os deuses atendem as nossas súplicas — respondeu-me com um sorriso largo, devolvendo-me assim as minhas próprias palavras. Assim dizendo, agarrou-me no braço para evitar que eu caísse, mas afastei a sua mão com um encolher de ombros. Uma nova esperança acabava de redobrar as minhas forças.

— Não podias chegar em melhor altura, Nakati. Ainda assim, fico contente por te ver. — Apontei por cima da proa do *Fúria*, para onde os sobreviventes hicsos haviam deixado de lutar. Fugiam eles agora para terra, em busca de refúgio; depois de terem encalhado os seus barcos, haviam-nos eles abandonado e corriam para as dunas. — Primeiro, dá-me caça àqueles bravos pés-ligeiros hicsos, depois, poderemos concentrar-nos na destruição do depósito dos seus carros, se conseguirmos dar com o mesmo.

Nakati riu da minha escolha de palavras.

— Aqueles não são nem suficientemente bravos, nem pés-ligeiros que chegue. As linhas da sua cavalaria encontram-se a menos de uma légua de distância daqui — garantiu-me.

— Tens a certeza disso? — indaguei.

— As minhas fontes não são em tão grande número como as vossas, ou as do Senhor Aton, porém, revestem-se as mesmas de idêntica eficácia. Informaram-me desta emboscada que os homens do Rei Gorrab vos haviam preparado. Zarpei rumo a Krimad para vos avisar, porém, quando lá cheguei, tínheis já partido. Dou graças a Hórus e a Ísis por ter eu chegado aqui a tempo e ainda vos ter encontrado com vida.

— Também eu lhes dou graças por isso! — exclamei, limpando o suor e o sangue do rosto com a ponta da clâmide. Baixei-me para apanhar do chão da coberta uma espada inimiga abandonada que substituísse a minha arma muito maltratada, e, enquanto me endireitava, gritei a Zaras: — Leva-nos para a praia. Não deixes fugir sequer um único desses animais hicsos!

Encalhámos os nossos navios na areia da praia. Obedecendo às minhas ordens, enquanto Nakati levava os seus homens a perseguirem os fugitivos hicsos, Zaras e Hui desembarcaram os carros e puseram os arneses nos cavalos.

Os guias beduínos que Aton havia mandado juntarem-se a nós saíram dos esconderijos nas dunas. Hui e eu montámos os cavalos, e, com metade dos carros, seguimos os guias até ao depósito da cavalaria hicsa.

Zaras juntou as suas forças aos homens de Nakati, e, com os restantes carros, partiram todos em perseguição dos fugitivos hicsos, que haviam tentado refugiar-se nas dunas.

Achavam-se os guardas hicsos do depósito da cavalaria demasiado distantes dos combates para terem sido alertados pelo tumulto e o clamor da batalha, pelo que, no momento em que Hui e eu fizemos os carros avançar até à barreira de segurança do depósito, gritei-lhes no seu idioma, ordenando que nos abrissem os portões. Tomando-nos por reforços enviados do sul pelo seu exército principal, abriram-nos de pronto para nos darem as boas-vindas.

Quando se aperceberam do erro que tinham cometido, já os nossos homens estavam espalhados pelo meio deles a desarmá-los e a obrigá-los a ajoelharem-se com as mãos atrás das costas, enquanto os maniatávamos.

Na zona do depósito onde os carros se achavam imobilizados, fomos nós encontrar oitocentos e cinquenta carros acabados de fabricar, todos alinhados em ordenadas filas de quatro.

Bem entendido, haviam os carpinteiros hicsos copiado o traçado dos nossos carros egípcios, mostrando ser aqueles muito melhores do que os tradicionais veículos hicsos. A caleça havia sido feita de cana e de bambu de Malaca, materiais muito mais leves e flexíveis do que o pinho maciço ou o cedro. As rodas eram raiadas, em vez de serem sólidas como as antigas, o que as tornava mais rápidas e duradouras.

Haviam aqueles carros acabado de ser envernizados, e haviam sido colocados tão próximo uns dos outros que os eixos bojudos das rodas se tocavam. Ungimo-los generosamente com azeite de candeia que havíamos trazido para o efeito, porquanto, no momento em que lançámos para o seu interior tochas a arder, de pronto as chamas se propagaram de um veículo para outro, reduzindo-os a todos a cinzas, tão-só no tempo que demora um homem sequioso a

tragar um vaso de bom vinho. Senti-me feliz por vê-los serem consumidos pelas chamas, em vez de os ver investirem contra mim, porém, haviam de ser formidáveis adversários.

Logo depois de nos termos ocupado dos carros hicsos, os guias de Aton levaram-nos às linhas da cavalaria, encontrando nós perto de dois mil cavalos de batalha nos estábulos com tetos de junco.

Uma coisa — porventura a única coisa — que reconheço aos Hicsos é a sua excelência no manejo dos cavalos. Era manifesto terem aqueles animais sido cuidadosamente criados e selecionados, após isso, meticulosamente treinados e preparados até à máxima perfeição. Prefiro os cavalos a qualquer outra espécie animal, incluindo a maior parte dos seres humanos. Ao menos num cavalo podemos confiar.

Levámo-los até à praia da baía onde havíamos atolado os nossos navios, sem que estivesse eu certo do modo como iríamos dispor deles, posto dois mil cavalos ser uma imensidão. Não tínhamos nós sítio para os acolher a todos nas nossas embarcações, mesmo contando eu com a esquadra de Nakati.

Quando um dos oficiais de Nakati sugeriu que sacrificássemos algumas daquelas magníficas criaturas, em vez de lhes permitir tornarem a ser capturadas pelos Hicsos, senti cada nervo e cada tendão do meu corpo arder de indignação, e, voltando-me para Nakati, interpelei-o:

— Acaso não haverá cinquenta homens sequer entre os teus rufiões que entendam os cavalos e os amem?

— Há-os, com toda a certeza, senhor — respondeu, apercebendo-se de quão furioso havia eu ficado.

— Traz-mos cá, Nakati. Vou dividir a manada entre eles. De pronto, cada um tratará de conduzir os seus animais para sul, para o interior do território egípcio. Escolherão rotas distintas. Pagarei uma recompensa de 1 *deben* de prata por cada cavalo desses que entregarem na minha propriedade de Mechir. Se algum desses homens morrer enquanto tenta levar por diante essa tarefa, ocupar-me-ei da viúva e dos filhos para o resto das suas vidas. Juro!

Em menos de uma hora, Nakati havia reunido todos os voluntários. Tiraram à sorte o seu quinhão dos animais capturados,

juntando-os de pronto sob a luz do entardecer e dividindo-os em grupos mais pequenos à medida que partiam.

Alguns homens haviam decidido levar os cavalos para o Sáara e tentar contornar por oeste as posições hicsas para chegarem ao Egito. Outros haviam decidido cruzar o delta do Nilo, atravessando a nado com os cavalos os afluentes do grande rio para desse modo alcançarem a península do Sinai, a leste, antes de virarem para sul, seguindo depois a costa do mar Vermelho antes de chegar a Tebas.

Fiquei a vê-los partir, dizendo uma fervorosa e devota oração a Hórus e a Inana, rogando-lhes para que cuidassem dos meus cavalos durante a perigosa viagem que os aguardava.

Agora, podia eu concentrar a atenção nos prisioneiros.

Com a guarnição do depósito de carros e os sobreviventes da batalha na baía de Zin, havíamos nós capturado setecentos e noventa e três aurigas e marinheiros hicsos. Zaras e Nakati haviam disposto esses prisioneiros de joelhos na praia, bem acima da linha de água, em longas filas. Estavam eles completamente despidos e tinham os braços presos atrás das costas. A sua atitude era resignada e taciturna, como era a dos homens que esperavam, junto ao patíbulo, a ordem do verdugo.

— O que havemos nós de fazer com estas miseráveis criaturas? — perguntei a Nakati e aos meus oficiais, porém, nenhum deles se mostrou muito interessado no assunto. Os nossos navios que haviam ficado danificados na batalha tinham sido rapidamente reparados e de novo postos a flutuar. Os que não podiam ser reparados haviam sido incendiados e queimados no areal. A batalha havia sido travada e havíamos-la vencido. Estávamos todos ansiosos por embarcar e zarpar antes da chegada de novas hordas de Hicsos a clamarem por sangue e vingança.

— Matá-los — sugeriu Hui, displicente.

— Estou de acordo — disse Zaras, assentindo com a cabeça. — Acabemos com todos eles. — Falou o meu capitão em hicsos e em voz suficientemente alta para que os prisioneiros mais próximos o ouvissem e percebessem.

— Esse é um bom conselho. — Foi a vez de Nakati dar a sua opinião. — Se os deixarmos partir, amanhã voltarão para matar os nossos homens e violar as nossas mulheres. — Os restantes grunhiram, mostrando a sua aprovação, contudo, Nakati levantou uma mão para pedir a atenção de todos e prosseguiu, dizendo: — Todavia, Senhor Taita, neste momento, conheço-vos eu já o bastante para ter a certeza que jamais estaríeis de acordo com a nossa sensata sugestão. Nunca conseguiríeis matar a sangue-frio um homem que se tivesse rendido diante de vós.

— Vê lá se não estás a dar demasiado crédito ao cavalheirismo — respondi-lhe, encolhendo os ombros. — Pode ser que tenhas uma surpresa comigo. — Não obstante, sabia ele bem que o meu protesto não era sincero. Mostrou-me um sorriso largo.

— Deixai-me fazer uma sugestão — propôs. — Permitti-me que vos mostre como podemos nós assegurar-nos de que estes porcos nunca mais voltarão a disparar uma flecha, nem a brandir uma espada contra o Faraó e o nosso bem-amado Egito. Depois, podereis soltá-los, conforme vos dita a vossa boa consciência, senhor.

— E o que propões tu para conseguirmos isso? Pedirmos-lhes que nos deem a sua palavra e confiarmos nela? — Irritava-me a inutilidade daquela conversa, além de também estar ansioso por subir a bordo do *Fúria* e zarpar para Creta, onde se encontravam as minhas princesas. Havia eu já tomado a decisão de libertar os prisioneiros no mesmo instante em que zarpássemos.

— Peço-vos só mais um instante da vossa atenção. — Nakati dirigiu um meneio de cabeça a um grupo dos seus homens dos Povos dos Mares que se achavam parados junto aos prisioneiros ajoelhados. Arrastaram pela areia um dos aurigas hicsos, sem lhe soltarem os braços presos atrás das costas. Nakati pôs-se junto dele e desembainhou a espada.

— Levanta os polegares, anda! — ordenou-lhe, ao que o prisioneiro obedeceu, ingenuamente. Com um movimento duplo da espada, Nakati cortou-lhe os polegares de ambas as mãos pela altura da segunda articulação. O cativo gritou de dor e desespero,

enquanto o sangue lhe jorrava dos cotos e a parte superior, contraída, dos seus polegares tombava sobre a areia.

— Aposto em como este homem nunca mais volta a brandir uma espada, nem a disparar uma flecha contra o Egito — declarou Nakati. Por breves instantes, ficámos boquiabertos a fitá-lo, chocados e mudos de assombro, antes de todos os meus homens irromperem em extasiadas gargalhadas.

Então, Zaras deu um passo em frente antes de eu mesmo conseguir reagir. Com o pé, obrigou o desnudo e estropiado prisioneiro a rolar o corpo e a ficar deitado de costas. Desembainhou a espada e pôs a ponta por baixo do pénis flácido do homem.

— E esta é a forma de nos assegurarmos de que nunca mais volta a violar mulher egípcia alguma, nem alguma das nossas meninas recém-nascidas. — Com um movimento ascendente da lâmina, cortou o membro viril do homem à altura da junção com a virilha. Em seguida, picou-o com a ponta da espada e lançou-o para as ondas que lambiam a praia.

— Uma oferenda a Posídon, o deus dos mares, se é que ele aceita como tal esse pedaço de carne porcina.

Ainda que os homens que me rodeavam gritassem a sua aprovação, a minha voz soou mais forte do que a de qualquer um deles.

— Para de uma vez por todas com essa brutalidade, Zaras! Embainha a tua espada. Estás a descer ao mesmo nível de qualquer um destes animais hicsos!

Zaras fez a lâmina da espada deslizar para dentro da bainha, todavia, quando se voltou para me encarar, tinha o queixo levantado e o olhar tão feroz quanto o meu.

— Senhor Taita, nos navios não temos nós espaço para os levarmos como prisioneiros — desafiou-me. — Se deixardes livres e ilesos estes animais, quantos mais dos nossos hão de eles matar? Quantas mais mulheres e crianças nossas morrerão?

Aos poucos, senti a minha raiva esmorecer perante a sua lógica obstinada. Apercebi-me de que o meu próprio juízo se toldava pela memória dos ferimentos que me haviam sido infligidos pela lâmina

que me castrara. Senti-me relutante em dar autorização para que se cometesse aquela mesma brutalidade com outro ser humano, por muito malvado e monstruoso que ele fosse. Respirei longa e profundamente para me tranquilizar e modulei a minha voz para da mesma afastar qualquer vestígio de ira.

— Tens razão, Zaras. Proponho-te, todavia, uma negociação. Cortamos-lhes os polegares, mas deixamos que seja Set a vir buscar os seus pirilaus. — Foi deliberadamente que usei o eufemismo infantil para pénis. Tentava eu, com isso, aliviar a tensão que se havia criado entre nós. Hui e os outros desataram a rir à gargalhada, enquanto Dilbar agarrava na braguilha de Akemi.

— Acaso não está o teu pirilau com alguma fomeca? Ainda não provaste uma coninha madura desde que zarpámos de Krimad. — No fundo, todos os meus homens eram rapazolas. Forcei-me a acompanhá-los com um sorriso. Todavia, quando me voltei para Zaras, o sorriso desapareceu dos meus lábios.

Zaras olhava-me com ferocidade. Aos poucos, o silêncio desceu sobre os outros homens. Os únicos sons que se ouvia eram o vento e os gemidos do prisioneiro ferido, que continuava a contorcer-se na areia. Quando Zaras voltou a falar, a sua voz soou fria e clara. Chegou a cada um de nós e gelou-nos o coração.

— As minhas irmãs tinham 7 e 8 anos quando os Hicsos invadiram a nossa aldeia. O meu pai estava com o seu regimento. Primeiro, os Hicsos violaram a minha mãe, depois, as minhas duas irmãs, revezando-se uns aos outros durante quase meio dia. Eu tinha 5 anos, mas consegui fugir e esconder-me nos campos, donde pude ver tudo. Depois de terem eles acabado de fazer isso à minha mãe e às minhas irmãs, lançaram-nas para o meio das chamas que consumiam a nossa casa, enquanto ainda estavam vivas e gritavam. — Zaras inspirou fundo, após o que me perguntou: — O que quereis que eu faça agora?

Não havia resposta alguma que eu pudesse dar-lhe. Abanei a cabeça e disse-lhe:

— Cumpre o teu dever para com o Faraó, e fá-lo em memória da tua família.

— Obrigado, senhor — respondeu Zaras. Após isso, desembainhou a espada e foi juntar-se a Nakati.

Entre ambos, escolheram os seus melhores lenhadores para levarem a cabo as amputações, tendo sido designados para cada um deles quatro ajudantes que trouxessem os prisioneiros para diante e os imobilizassem. As primeiras vítimas cerraram os punhos e recusaram-se a esticar os polegares para a lâmina, todavia, os lenhadores não perderam tempo a tentar convencê-los a fazê-lo, limitando-se pura e simples a cortar-lhes a mão toda à altura do pulso. Os prisioneiros que se seguiram foram bem mais cooperantes.

Em seguida, os ajudantes faziam os prisioneiros rodar o tronco para ficarem de costas, e, sem grande cerimónia, os genitais eram-lhes decepados à machadada e eles soltos para fugirem aos tropeções para o meio das dunas a gemer e a apertar as suas feridas, na tentativa de estancarem a hemorragia.

As gaivotas foram atraídas pelo cheiro a sangue, pelo que se juntaram bandos rucos dessas necrófagas, grasnando e volteando por sobre os montes cada vez maiores de polegares e órgãos sexuais. Bicavam e engoliam essas guloseimas quase com a mesma velocidade com que os lenhadores as haviam cortado.

Senti-me mal disposto com tudo aquilo. Virei-lhes as costas e dirigi-me para o sítio da praia onde os nossos navios se achavam encalhados. Tentei ignorar os gritos e as súplicas dos prisioneiros hicsos e concentrar-me na supervisão do carregamento dos carros e cavalos, bem como das ânforas de água doce e das provisões que havíamos encontrado no depósito da cavalaria.

Depois de terminar a sangrenta tarefa na praia, Nakati veio ter comigo para se despedir. Conforme havíamos determinado no nosso acordo, mantinha ele a intenção de continuar a fazer estragos nas povoações e nos portos hicsos, situados ao longo das costas do mar Interior.

Quando, por fim, subiu para a coberta do *Fúria*, de pronto Zaras veio ter comigo e se ajoelhou à minha frente, dizendo:

— Desobedeci-vos, senhor — admitiu. — Desafiei as vossas ordens diante dos vossos homens. Estará plenamente justificada a

vossa decisão, se me destituirdes do meu posto e me mandardes engrossar as fileiras.

— Fizeste o que achaste ser o correto — respondi-lhe. — Homem algum o teria feito melhor. Assume o comando do navio e zarpa rumo a Krimad.

Zaras levantou-se e disse:

— Obrigado, Taita. Nunca mais tornarei a dececionar-vos.

Enquanto o Sol descia languidamente no horizonte a oriente, subi ao mastro do *Fúria*, donde esquadrinhei o mar que se estendia atrás de nós, assegurando-me assim de que não via sinal algum da perseguição de alguma esquadra hicsa. Estava tudo livre. A costa norte do Egito não era mais do que uma delgada franja azul por sobre o azul profundo do mar. A flotilha seguia ainda aprovisionada de lanternas de popa acesas para que os navegadores conseguissem manter com precisão as suas posições na formação durante as horas noturnas.

O marinheiro da gávea à proa gritou:

— Não cato a fundura desta posição.

Encontrávamo-nos nós em águas profundas, rumo a Creta, achando-me eu no cimo do mastro, o meu lugar preferido. Ouvi Zaras, em baixo, dispensar o marinheiro de quarto. Os remadores recolheram os remos e aninharam-se na cobertura para dormir. O vento era fresco no nosso quarto e todo o velame seguia bem estendido e largo.

De repente, senti-me cansado no mais profundo do corpo e da alma. A batalha havia sido extenuante, e o meu confronto com Zaras mais ainda. Cheguei a pensar descer do mastro e retirar-me para me ir deitar na estreita liteira do meu camarote à popa, contudo, a brisa seguinte era quente e ainda estava impregnada dos aromas do meu bem-amado Egito. A suave oscilação do mastro grande punha-me sonolento. Doía-me o corpo das feridas e das contusões que me haviam feito na batalha da baía de Zin. O meu camarote parecia-me ficar demasiado longe. Antes de fechar os olhos e deixar o queixo pender-me sobre o peito, certifiquei-me de

que estava bem presa a corda que eu tinha à cintura e que me segurava ao mastro, contra o qual firmava eu as costas.

Quando voltei a acordar, a Lua atingira já o zénite, e o seu reflexo na superfície marítima espelhava o nosso ritmo, traçando um brilhante caminho de prata sobre as ondas. O cheiro de África havia sido substituído pelo salgado formiguejar do oceano, e os únicos barulhos audíveis eram o murmúrio das águas por baixo do casco, o ranger regular do mastro na enora ou na carlinga e o sussurro do vento no cordame.

As dores haviam-se dissipado, e com estas o cansaço, pelo que tornei a sentir-me vigoroso e vigilante. Enchia-me aquela estranha sensação de euforia que havia eu chegado a identificar como um sinal inequívoco de que a deusa Inana estava próximo de mim. Procurei-a, ansioso, pelo que não foi com surpresa quando a vi deslizar pelo caminho de luz da Lua para vir ao encontro do navio. O capuz do manto estava puxado para trás, e o luar tremeluziu no seu rosto. A sua beleza excedia o que se podia imaginar.

Quando chegou à altura do *Fúria*, subiu ela da superfície marítima para a coberta e levantou os olhos para mim.

A sua expressão mudou, e o meu estado de ânimo também. De repente, fui tomado por uma sensação de temor e apreensão. Sabia eu bem não ter Inana vindo felicitar-me pela minha vitória nas planícies de Zin. Embora não dissesse nada, ouvi a sua voz ressoar com suavidade na minha cabeça.

— O deus está zangado. Crono exige um derradeiro sacrifício.

— Não compreendo — tentei dizer, porém, as palavras estavam presas na minha garganta.

— Vai ter com elas. Elas correm perigo de vida. — A sua voz era silenciosa, mas eu ouvia claramente a advertência por sobre o ruído do vento e do mar.

Tentei mexer-me para ir ter com ela, porém, fui incapaz de o fazer. Queria que ela me explicasse a sua enigmática mensagem, mas não conseguia eu falar.

Foi então que as sombras escuras do sono caíram sobre mim como uma rede, e ela desapareceu. Fiz um esforço para manter a lucidez e tentei gritar para a escuridão:

— Não te vás, Inana! Espera por mim! Não compreendo. —
Porém, a escuridão engoliu-me.

Não sei quanto tempo dormi daquela segunda vez, mas, quando consegui sair de novo da escuridão, começava já a despontar o dia e as gaivotas de asas negras mergulhavam e banhavam-se na esteira do navio.

Olhei para baixo e vi como a coberta fervilhava de atividade. O primeiro turno de remadores descia, naquele instante, a escada de quebra-costas para irem ocupar os seus lugares nos bancos dos remadores.

Desatei a corda que me segurava ao mastro e deslizei pelo estai de popa da coberta superior. Quando os meus pés tocaram no tabuado, Zaras apressou-se a vir ao meu encontro. Sorria e abanava a cabeça.

— Senhor, haveis dormido outra vez preso ao cordame, não foi? Acaso não vos agrada a vossa liteira? — Só então viu ele o meu semblante e o seu sorriso esvaneceu. — O que se...?

— Atira imediatamente todos os carros borda fora — ordenei-lhe.
— Transfere todos os cavalos para os outros navios da esquadra.

Zaras olhou-me boquiaberto.

— Porquê, Taita?

— Não questiones as minhas ordens. Não tenho tempo para voltar a discutir contigo. — Estava eu tão impaciente que o agarrei pelos ombros e lhos sacudi. — Traz de cada um dos outros navios uma equipa completa de remadores. Quero que possam eles render-se a cada hora.

— A cada hora? — perguntou-me Zaras, confuso.

— Quero navegar em velocidade de ataque até chegarmos a Krimad.

— Em velocidade de ataque? — olhou-me, incrédulo.

— Não continues a repetir todas as ordens que te dou, Zaras. Que Set te amaldiçoe! — imprequei contra ele. — Quero estar em Krimad dentro de cinco dias, ou ainda antes, se for possível.

— Ides matar os meus homens — protestou ele.

— Melhor seja que morram eles do que as princesas reais.

Zaras fitou-me, horrorizado.

— Não compreendo...

— As duas princesas correm perigo de vida. Podemos já lá chegar demasiado tarde. Cada hora que perdermos significa que elas estão uma hora mais próximo do fim certo.

Zaras afastou-se de mim a gritar uma ordem para o oficial da gávea:

— Iça o sinal «A Todos os Capitães».

Dois a dois, vieram os outros navios pôr-se junto ao nosso, um a bombordo, o outro a estibordo. Cada um fez embarcar no *Fúria* vinte dos seus melhores remadores com água e rações para cinco dias, enquanto, em contrapartida, lhes entregámos os nossos escravos e os homens mais débeis da nossa tripulação.

Fizemos a transferência de todos os cavalos, içando-os com as roldanas de carga e balançando-os por sobre o espaço vazio que havia entre os navios, usando essa mesma estratégia para levantar os carros e lançá-los borda fora. Eu queria que o *Fúria* navegasse leve e ligeiro. Ainda assim, cinco dias para chegar a Creta não seria tarefa fácil.

Quando chegou a vez de o navio de Hui se aproximar do bordo do nosso, Zaras chamou-o de parte e falou-lhe em voz baixa, ainda que eu tivesse lido os seus lábios. Hui afastou-se dele e, percorrendo a coberta em passada larga e semblante determinado, aproximou-se de mim.

— Muito bem, Hui — disse-lhe, antecipando-me aos seus argumentos —, põe o teu melhor homem aos comandos do teu navio e vem connosco. Porém, previno-te que terás de tomar a tua vez no banco dos remadores.

Assim que ficámos com toda a tripulação completa e a bordo e o primeiro turno de remadores ocupava os respetivos lugares nos bancos, o tambor começou a rufar, marcando o ritmo e passando aos poucos da velocidade de cruzeiro para a de ataque de dez remadas por minuto.

O *Fúria* ganhou asas e voou por sobre as águas. Ao cabo de uma hora, havíamos nós deixado os restantes navios da flotilha para trás, colados ao horizonte.

Quando mudei de equipas, os homens que foram libertados dos bancos caíram dos mesmos, ensopados em suor e a asfixiar de cansaço. Dia e noite, durante os três dias seguintes, nunca diminuámos aquela nossa velocidade.

Zaras e Hui fizeram os seus turnos nos bancos dos remadores, e mesmo eu remei uma hora completa em cada doze. Enquanto alguns homens com metade da minha idade vacilavam, eu nunca perdia o ritmo. A lembrança da muda advertência de Inana mantinha a minha determinação acesa.

Vai ter com elas. Elas correm perigo de vida.

Encontrávamo-nos na tarde do quarto dia. Acabara eu de abandonar o meu posto no banco dos remadores, quando, sem deixar de arquejar e pingar suor, me dirigi para a proa do navio para catar o mar adiante de nós.

Não tinha eu forma alguma de calcular a distância que ainda nos faltava navegar para avistarmos a ilha. Tão-pouco tinha eu a certeza de termos mantido o rumo certo, porém, confiava que Inana havia de nos guiar. Não obstante, o mar que se estendia à nossa frente continuava a aparecer vazio e a linha do horizonte intacta.

Não havia vento. O céu estava limpo, brilhante e impiedoso como a lâmina do machado do verdugo. O ar estava pesado e opressivo; tinha um ténue, porém, desagradável sabor sulfuroso que me queimava o fundo da garganta. Tossi e cuspi por sobre o bordo da amurada, após o que voltei a olhar para lá da popa. O único movimento visível era o da ondulação da esteira e dos redemoinhos acuminados deixados pelas pás dos remos na superfície lustrosa quando subiam e desciam.

Estava prestes a voltar-me para ir descansar um pouco no meu camarote, pois mal dormira desde que havíamos zarpado da baía de Zin, quando, nesse mesmo instante, algo no horizonte chamou a minha atenção. Era uma fina e escura linha ondulada. Permaneci ali um bocado a observá-la até perceber tratar-se aquilo de um bando de pássaros que voava diretamente para nós. Tenho um gosto especial por todas as espécies voadoras, todavia não fui capaz de reconhecer aquelas até se aproximarem bem mais de nós. Fiquei,

então, espantado quando vi tratar-se eles de corvos comuns. De habitual, o corvo de Creta é uma ave solitária, ou que voa na companhia daquela com que acasala; além disso, mantêm-se sempre os corvos próximo da costa. Por todas estas razões, não os havia eu identificado ao longe. Era aquele um bando de várias centenas de pássaros, achando-se eles, pelo menos, a cem léguas, ou talvez mais, da terra mais próxima. Admirei-os enquanto passavam por cima de mim e grasnavam uns aos outros com uma insistência que me soou como um pedido de socorro, ou, no mínimo, como um grito de advertência.

Quando se afastaram, tornei a olhar para norte e vi mais pássaros voarem na nossa direção. Alguns daqueles também eram corvos, todavia, entre eles havia ainda muitas outras espécies. Íbis, garças, peneireiros, águias e outras aves de rapina passaram a voar por cima de nós. Em seguida, apareceram pássaros mais pequenos, como pintarroxos, cotovias, papagaios, pombas e picanços. O céu estava de tal modo cheio de aves que o seu volume quase obscureceu o Sol, e o seu piado gritado resultava numa estridente cacofonia quase ensurdecedora. Havia uma sensação de desespero em todo aquele êxodo de plumas.

Um pequeníssimo canário amarelo caiu do céu e aterrou no meu ombro. Achava-se visivelmente exausto. Todo o seu corpo tremia e gorjeou pateticamente quando o pus na minha mão e lhe acariciei a cabeça.

Maravilhado, voltei a olhar para o céu, enquanto continuavam a passar múltiplos bandos de pássaros. Hui e Zaras aproximaram-se e puseram-se ao meu lado, de cabeça inclinada para trás a olharem para cima.

— O que se passa, Taita? — perguntou-me Hui.

— Parece ser uma migração em massa; porém, nunca vi nada como isto.

— É como se estivessem a fugir de alguma ameaça mortal — opinou Hui.

— Os animais selvagens, e as aves, em especial, instintivamente, pressentem o perigo — concordou Zaras, olhando-me de pronto em busca da minha aprovação. — Não é assim, senhor? — Ignorei a

sua interpelação, não por não saber eu a resposta, mas por, naquele momento, se ouvir um jorro de água à proa do navio, produzido por um corpo pesado.

Olhei por sobre o bordo da amurada e vi a superfície marítima a fervilhar de vida. Grandes corpos reluzentes movimentavam-se velozmente debaixo do casco. Outro enorme cardume de atuns seguia na mesma direção dos bandos de pássaros, que enchiam o céu por cima de nós. Olhei em frente e vi que aquele cardume se estendia até ao horizonte norte.

As suas formas prateadas passavam por nós velozes e intermináveis, após o que outras criaturas se misturaram no meio delas. Uns botos negros lustrosos apareceram à superfície com as suas afiadas barbatanas dorsais em forma de adaga a cuspirem esguichos de água, que formavam espuma atrás destes. Baleias quase tão grandes como o próprio navio lançavam nuvens de vapor de água através dos orifícios que tinham no alto das cabeças quando vinham à tona para respirar. Tubarões raiados como tigres e com bocas maliciosamente sorridentes cheias de afiados dentes passaram por nós a grande velocidade, em direção a sul.

Dava a ideia de toda a criação ter sido tomada de pânico por causa de algum terrível cataclismo que estivesse a acontecer para lá do horizonte norte.

À medida que as horas foram passando, também esse imenso aglomerado de aves e criaturas marinhas foi diminuindo, até as perdermos de vista por completo.

Achávamo-nos agora sozinhos num mundo deserto; nós, uns quantos mortais, e aquele pequeno canário amarelo que havia ficado comigo, pousado no meu ombro e a trinar suavemente ao meu ouvido.

A noite caiu sobre nós, enquanto remávamos obstinadamente pelo meio da escuridão, contando apenas com as estrelas como luzeiro para nos alumiar o caminho. Com o nascer do Sol, vi que o céu e o mar continuavam sem vitalma, pelo que a solidão e o silêncio me pareceram cada vez mais inquietantes e opressivos.

Os únicos ruídos audíveis pareciam ser o rangido dos remos nas toleteiras ao serem puxados para nos levarem para Creta, o marulhar das águas ao longo do casco e o rufar do tambor a marcar o ritmo. Nenhum homem falava, nem ria.

Até o meu canário amarelo havia ficado em silêncio, e, pouco antes do meio-dia, resvalou do meu ombro e caiu sobre a coberta. Quando peguei nele, estava morto. Levei-o para a popa e, confiando o corpo minúsculo ao cuidado de Artemisa, a deusa dos pássaros, atirei-o para a esteira do navio. Após isso, subi para o meu ponto de observação no cimo do mastro.

Com entusiasmo, perscrutei o horizonte, contudo, achava-se este vazio, sendo difícil de suportar aquela decepção. Fiquei sentado no meu poleiro durante uma hora, depois, por outra ainda, à cata e à espera.

A desapiedada luz do Sol feria-me os olhos, e, pouco tempo passado, comecei a ver coisas que não existiam, como navios-fantasma e ilhas imaginárias, pelo que fechei os olhos para os descansar.

Quando tornei a abri-los, fiquei espantado ao descobrir que as alucinações se haviam tornado mais intensas. O aquoso horizonte que estava diante do pequeno navio elevava-se até ao céu, tal qual uma cadeia montanhosa; era esta sólida, em vez de líquida. A cada momento, aqueles imensos e poderosos Alpes oceânicos iam ficando cada vez mais altos e ameaçadores. Agora, tinham a cobri-los uma espuma reluzente, alva como a neve acabada de cair.

Ouvi, então, o murmúrio de vozes vindas da coberta. Olhei de relance para baixo e vi que Zaras, Hui e outros oficiais haviam corrido para a proa da embarcação. Amontoados aí, apontavam para diante e discutiam entre si. Os homens dos bancos da coberta superior haviam parado de remar e estavam de pé a espreitar para a frente, pelo que o navio perdera o rumo e seguia à deriva.

Saltei para o estai de popa e deslizei até à coberta. Mal os meus pés a tocaram, corri para diante, gritando aos homens para que tornassem a pegar nos remos e voltassem ao rumo.

Ao ouvirem a minha voz, os oficiais que se achavam à popa voltaram-se para mim. Zaras correu ao meu encontro.

— O que está a acontecer? Está o mundo a girar ao contrário? — assinalou-o com um gesto por cima do ombro. — O mar está a elevar-se até aos céus. — Zaras estava à beira do pânico.

— É uma onda. — Foi com um certo esforço que fiz a minha voz soar tranquila.

— Não. — O meu capitão abanou a cabeça com veemência. — É demasiado grande. Aproxima-se demasiado depressa para ser uma simples onda.

— É um maremoto — disse-lhe, plenamente seguro. — O mesmo que submergiu o Império da Atlântida na Antiguidade.

— Por todos os deuses benevolentes, não há nada que possamos fazer para escapar a isto?

Não parecia vir aquilo de Zaras, que não desistia sem lutar, pelo que gritei no seu rosto:

— Avisa a tripulação, que raio! Certifica-te de que têm à mão os remos de reserva. Quando aquela coisa nos atingir, havemos de sofrer grandes estragos. Vai-nos arrancar os remos do navio. Temos de manter o rumo e seguir em frente. Se nos atingir pelo costado, rolaremos que nem um toro e inunda-nos por completo. Fecha todas as escotilhas, desce os mastaréis e firma-os bem, passa ainda cordas de segurança nos bancos dos remadores, de contrário, a tripulação será arrastada borda fora.

Zaras respondeu de imediato às minhas ordens perentórias, gritando por Hui para que fosse juntar-se a ele. Sem interferir eu em mais nada, deixei tudo nas mãos de ambos, e, parado à proa, fiquei a ver como aquela onda se aproximava de nós.

Quanto mais perto de nós chegava, mais se elevava e mais depressa parecia avançar para nós, pelo que, antes de nos alcançar, apenas tivemos tempo para nos prepararmos para recebê-la.

Levantou a proa com tamanha velocidade que os meus joelhos se vergaram e senti o estômago ser pressionado de encontro aos pulmões, obrigando-me a arquejar com falta de ar. Não parávamos de subir. A popa caiu e a coberta inclinou-se para trás num ângulo de tal modo pronunciado que tive de me agarrar aos baluartes com

as duas mãos. O cordame solto resvalou e foi embater de encontro à popa.

Apesar do caos, Hui e Zaras mantiveram-nos de frente para a onda, gritando enérgicas ordens aos homens que naquele momento ocupavam os bancos dos remadores: «Puxar para bombordo!», «Puxar para estibordo!»

Sem nunca pararem de remar, os homens gritavam súplicas aos deuses e rogos às mães para que os salvassem.

Quanto mais subíamos, mais íngreme era a vertente, chegando mesmo a coberta a ficar praticamente na vertical e a proa a apontar para o céu.

Por um instante breve, pude olhar para diante por cima da poderosa onda. Estávamos tão alto que consegui distinguir claramente no horizonte distante a costa sul de Creta e, por sobre esta, o fumo que saía do monte Crono, no lado oposto da ilha. As nuvens de enxofre amarelo sobrepunham-se umas às outras, enchendo o céu inteiro do norte até ao firmamento mais longínquo. Foi nesse momento que a cremosa crista da onda nos envolveu, submergindo a coberta do *Fúria* debaixo de uma braçada de água verde.

Sem aguentar a pressão, uma das cordas de segurança estalou e quatro dos nossos membros da tripulação foram arrastados borda fora com a mesma. Nunca mais tornámos a vê-los. Os restantes de nós estavam encharcados que nem ratazanas presas num esgoto transbordante. A tosca corda de cânhamo que trazia presa à cintura cortava-me ao meio, porém, nem conseguia gritar para aliviar o terror. Comecei a ficar com a visão turva. Sabia que estava a afogar-me.

Então, de repente, a proa emergiu, furando a vertente posterior da onda, e fui capaz de inspirar uma golfada de ar limpo antes que se afundasse esta no vazio. Não parámos de cair durante aquilo que nos pareceu ser uma eternidade. Só as cordas de segurança nos valeram e evitaram sermos todos arrastados borda fora com a aparelhagem solta do navio.

Por fim, alcançámos de novo a superfície marítima com um embate e um impacto tais que ameaçaram destruir cada prancha do

tabuado, a antepara e a cinta do casco. Os remos pareciam ramos secos a serem arrancados das toleteiras.

Julguei que íamos ser submersos de novo, contudo, a pequena, mas aguerrida, embarcação conseguiu escapar a isso. Balanceávamos à superfície, inclinando-nos pesadamente com as cobertas inundadas, pelo que os homens e a aparelhagem se amalgamavam ali, uns por cima dos outros.

Zaras e Hui lançaram-se sobre eles, amaldiçoando-os e pontapeando-os para que voltassem rapidamente a ocupar os seus lugares nos bancos dos remadores. Não obstante, alguns dos tripulantes achavam-se feridos com gravidade, com membros fraturados e a caixa torácica esmagada. Depois de serem estes arrastados para um dos bordos, foram os remos de recurso atados à cobertura debaixo dos bancos. Os remadores retiraram os cotos dos remos partidos e, depois de os lançarem borda fora, colocaram os novos nas toleteiras.

Nesse momento, todos começámos a escoar a água como possessos. Aos poucos, o *Fúria* voltou a navegar alto e ligeiro com o tambor a marcar o ritmo. Aos cambaleios, os remadores tornaram a ocupar os seus lugares nos bancos e, uma vez mais, as pás dos remos deslizaram para dentro da água, cortando a superfície do mar. De pronto, carregámos em voga apertada rumo a Creta. Daquele ângulo agora tão baixo, havia aquela ilha tornado a desaparecer do horizonte, todavia, tinha eu o fumo do vulcão do monte Crono para me orientar.

Passava pouco do meio-dia quando se levantou um vento que parecia um pequeno vendaval vindo de sul, pelo que a tripulação voltou a posicionar os mastaréis e a içar todo o velame para desse modo bem o aproveitar. A nossa velocidade quase dobrou. A água deixada pelo maremoto estava tormentosa e revolta, eivada de entulho de árvores, navios e construções que haviam sido arrancadas à ilha para onde nos dirigíamos. Ainda assim, navegámos na sua direção com um grupo de homens à proa para afastar os detritos flutuantes mais perigosos.

Ao cabo de outras duas horas, voltámos a avistar a silhueta de Creta a sobrelevar-se do mar. Mostrava-se esta insignificante e

diminuta, quando comparada com a espessa coluna de fumo vulcânico que se elevava bem acima da mesma. Naquele instante, fomos assolados pelos rugidos e os bramidos do ensandecido deus Crono. A distância mal conseguia mitigar o clamor, e a própria superfície marítima bailava ao som da fúria divina.

À medida que avançávamos, os remadores lançavam olhares apreensivos e assustados por cima do ombro, enquanto a tripulação que não estava escalada para aquele serviço se reunia em pequenos grupos na coberta em torno dos feridos e dos moribundos. Todos estavam lívidos de terror, porém, implacável, continuava eu a conduzi-los para Creta. Quando pareceram estar à beira do motim, Zaras e Hui pegaram nos chicotes dos escravos e defrontaram-nos, parando diante deles, dispostos a usá-los.

Ao mesmo tempo que nos íamos aproximando mais de terra, ocorreram-me os danos provocados pelo maremoto, e, na verdade, quando por fim avistámos o porto de Krimad, mal o reconhecemos, identificando-o eu tão-só pela referência do cume do monte Ida, que se elevava por sobre as costas do mesmo.

Todas as edificações haviam sido arrastadas pela onda gigante, e, inclusivamente as pesadas lajes do molhe haviam desabado por sobre o mar, de modo idêntico às peças de um jogo de construção de uma criança caprichosa.

A floresta e os campos de cultivo que se estendiam ao longo do sopé da montanha haviam sido totalmente arrasados, com árvores de grande porte, os escombros dos edifícios e cascos de navios outrora poderosos a darem corpo a uma amálgama de entulho.

O que mais me deixou perturbado foi o facto de os estábulos terem pura e simplesmente desaparecido, pelo que o mais provável era os moços de estrebaria e os cavalos terem sido tragados pelas ondas e arrastados para o mar. Achavam-se as minhas princesas no extremo mais distante da ilha, apesar disso, sem cavalos, levaria eu vários dias a chegar junto delas, pelo meio do emaranhado que restara da floresta.

Considereei ainda circum-navegar a ilha, porém, abandonei igualmente essa hipótese. É que, em condições tão perigosas quanto aquelas, consumir-me-ia isso muito mais dias para lá chegar,

e não havia maneira alguma de eu saber o que poderíamos nós encontrar se acaso conseguíssemos chegar a Cnossos.

O mais que podia eu esperar era que alguns dos postos de revezamento que eu mandara repartir por aqueles caminhos montanhosos da ilha se achassem suficientemente alto para terem escapado à fúria do maremoto e que, ao menos, alguns cavalos tivessem sobrevivido.

Lançámos ferro no limite das águas profundas, a dois cabos de distância das ruínas de Krimad, onde o navio estaria protegido por toda a massa da ilha. Posto isto, chamei Zaras e Hui para lhes dizer:

— Cada um dos postos de revezamento que se acham repartidos pela montanha tem entre dez e vinte cavalos nos estábulos, caso tenham todos sobrevivido. Com um ginete e dois homens firmados aos estribos, poderá cada cavalo levar três homens. Escolham trinta dos vossos melhores homens para desembarcarem connosco. Que levem eles tão-só as armas, sem as armaduras que sobrecarreguem as montadas.

Quando esse destacamento de terra se achou pronto, lançámos ao mar os esquifes que haviam sobrevivido aos estragos da onda gigante e embarcámos, só então verificando eu como seguiam aquelas diminutas embarcações tão perigosamente sobrecarregadas.

Enquanto as ondas golpeavam os costados e a água marulhava e saltava por sobre as proas, rezei em silêncio a Inana, lembrando-a de que seguia eu simplesmente os seus ditames, pelo que havia ela de me ouvir. Chegámos às ruínas do molhe com a cifra de apenas três homens terem saltado borda fora, chegando um deles a conseguir mesmo voltar a nado para o *Fúria*.

Os esquifes fizeram-se em lascas quase ao mesmo tempo que tocámos nas rochas, todavia, fomos nós capazes de trepar para o que restava do molhe, agarrando-nos uns aos outros de braços dados e bem firmados, alcançando assim terra firme sem sofrer nenhuma outra baixa.

De imediato, Zaras deu ordem aos homens para que fizessem a formação em duas filas, após o que os conduzi pelo que restava da cidade inundada. Salvo uns quantos cadáveres semienterrados por

entre os escombros, achava-se esta deserta. De pronto subimos nós pelas encostas mais baixas da montanha, que também haviam sido inundadas. Procurava eu o princípio do caminho que conduzia ao primeiro posto de revezamento, contudo, não ficara rasto do mesmo. Podia bem ser que não mais o tivéssemos encontrado, não fora termos sido guiados pelo som de uma trombeta de caça que nos chegou vindo da floresta que se elevava acima de nós. Três homens dos postos de revezamento, lá do alto, haviam avistado a nossa chegada e haviam descido pelo caminho para virem ao nosso encontro.

Estavam eles aterrorizados, mas convencidos de que havíamos nós desembarcado para os resgatar. A sua decepção foi patética quando se aperceberam de que não o havíamos feito com esse fito. Conduzi, então, os meus homens ao posto de revezamento num trote que desafiava a íngreme vertente, ao mesmo tempo que, debaixo dos nossos pés, o chão tremia e estremecia, se sacudia e saltava como um pequeno bote na rebentação, na justa medida do temperamento do ensandecido Crono, ou estourava ou se partia de modo imprevisível.

Quando chegámos ao primeiro posto de revezamento, encontrámos apenas seis homens e vinte cavalos, que haviam sobrevivido à devastação. Os animais quase enlouqueceram de terror assim que a terra tremeu por baixo deles e o fedor do enxofre a arder, que chegava da baía, encheu a montanha e lhes feriu as fossas nasais. Exigiu de mim toda a perícia apaziguá-los o suficiente para conseguir pôr-lhes a sela e os arreios.

Permanecemos ali apenas o tempo suficiente para verificarmos com atenção as armas. Foi com alívio que vi que o meu arco ainda estava intacto no estojo de couro encerado e que não se havia molhado, porém, foi bem menos satisfeito que vi o estado das cordas avulsas que havia trazido. Para sua grande irritação, apropriei-me de um estojo de cordas de arco secas do capitão do posto. Mantive, porém, o olhar firme durante todo o tempo em que começou a protestar, gaguejou e, por fim, se calou. Após isso, ordenei-lhes, a ele e aos seus homens, que se mantivessem no

posto de revezamento para assim cobrirem a nossa retaguarda quando fosse chegado o momento da retirada.

Sem perder mais um minuto que fosse, gritei a Zaras e Hui para que montassem, após o que conduzi a pequena escolta pelo caminho que atravessava o monte Ida.

Chegávamos nós quase ao cume quando ouvimos uma troada de cascos, o resfolegar e o bramido de uma manada de animais selvagens, direita a nós, a descer o caminho por onde seguíamos. Tive tempo apenas para levar os meus homens para um bosque cerrado, situado junto ao caminho, antes de uma massa de monstruosos corpos o varrerem na nossa direção.

Escusado será dizer que os identifiquei de imediato. Eram eles uma manada de touros-auroques. Ao passarem por nós, golpeavam o chão com grande estrondo e com os olhos raiados de sangue. Tinham o dorso curvado e a pele era de uma cor acastanhada uniforme e escura. As línguas pendiam-lhes das bocas abertas e a saliva espumosa salpicava-lhes os quartos dianteiros, que arremetiam para diante. Estavam tomados pelo pânico e o terror, retumbando ao longo do caminho que bordejava a face íngreme da montanha.

Enquanto os observávamos, outro tremor sacudiu a montanha por baixo dos nossos pés e vi uma fenda profunda abrir-se no rebordo da falésia, mesmo no caminho da manada dos touros-auroques. Aquela escarpa era de tal modo empinada e o ímpeto da manada tão forte que não tiveram os animais forma alguma de evitar a queda. Toda a manada se precipitou para a falésia, com os animais que vinham atrás a empurrar os da frente e a forçá-los a mergulhar no vazio. Ouvimos o barulho dos corpos maciços a embater contra as rochas que se encontravam centenas de metros mais abaixo. Depois, fez-se silêncio, até o rugido seguinte do vulcão se fazer sentir e ouvir.

Voltei a conduzir o destacamento até ao caminho e subimos a última parte da íngreme vertente até ao cume. Aí, voltámos a parar. Olhei para trás para o sítio onde o *Fúria* estava ancorado, em frente às ruínas daquela que outrora havia sido a cidade de Cnossos, a capital do império mais poderoso do mundo.

O enorme porto já não existia. Não havia sinal algum do farol, devendo, provavelmente, sido arrastado para a bacia do cais. As muralhas do porto haviam desaparecido, sem que ficassem sequer as fundações. O mar bravo ter-se-ia esmagado de encontro às rochas sobre as quais a cidade se erguia.

A tão famosa frota de dez mil navios do Supremo Rei Minos havia sido lançada acima da maré alta e completamente esmagada e reduzida a lenha e cavacos. Não havia vestígio algum de um único casco a vagar na extensa bacia. Todavia, achavam-se as águas repletas de escombros flutuantes e tumultuosos por causa das ondas que continuavam a desfazer-se contra a costa.

O palácio onde o Supremo Rei Minos havia desposado as minhas princesas tinha desaparecido, bem assim como o edifício do Almirantado e os demais edifícios erigidos em pedra que haviam estado alinhados no litoral. Para lá deste caos, os vulcões gémeos estrondeavam e expeliam chamas e fumo que enchiam os céus.

Incrédulo, deixei o meu olhar percorrer toda aquela devastação. O Império Minoico havia deixado de existir. Havia sido destruído pelo seu próprio deus ensandecido.

Onde estariam as minhas meninas? O meu coração soluçou com mais força do que alguma vez havia feito a minha voz. Porque me enviaste para aqui, Inana? Fizeste-o tão-só para escarneceres de mim e me atormentar?

Como que guiado por uma força interior, baixei os olhos para o sopé da montanha, mesmo por baixo do sítio onde havia deixado o cavalo, e vi que a embaixada egípcia, aquela que havia sido o meu lar, ainda que por um curto período de tempo, continuava de pé e intacta. O maremoto não havia chegado tão alto, ainda que fosse o único edifício da vertente norte da ilha a ter sobrevivido.

— Vamos! — gritei a Zaras e a Hui. — Sigam-me! — E com as esporas, atormentei as costelas do cavalo para que avançasse. Quando começámos a descer a encosta pelo meio da floresta, ocorreu outro movimento sísmico gerado pelos picos gémeos do monte Crono. O meu garanhão espantou-se violentamente. Debatime para o controlar, e, ainda que os homens que seguiam agarrados aos meus arreios de couro fossem perigosamente

sacudidos, conseguiram manter-se firmes até eu conseguir aquietar o cavalo e continuarmos a descida.

A embaixada parecia estar completamente deserta quando, a galope, me aproximei da entrada principal e, com um salto, desmontei do cavalo.

— Zaras e Hui! Vão ao estábulo, que fica nas traseiras, ver se lá está algum cavalo. Vamos precisar de mais montadas que nos levem a Krimad quando encontrarmos as meninas. — Estava eu determinado em não me deixar subjugar pelo desespero. Inana não me teria chamado se as minhas princesas não mais estivessem com vida.

As portas da embaixada estavam abertas de par em par, pelo que entrei no edifício a correr em busca de sobreviventes, porém, os ecos escarneceram demasiado de mim. Todas as divisões estavam desertas, porém, a maior parte delas havia sido saqueada. Havia lançado ao chão o que continham com um abandono selvagem. Em plena fuga, os meus servos, ou os refugiados da cidade, haviam-se servido e levado o que haviam desejado.

Não estava eu totalmente certo quanto ao que devia fazer a seguir. Senti a primeira pontada de desespero nas entranhas. Vali-me de todo o controlo sobre mim próprio e, em voz alta, pedi a Inana que me valesse.

— Inana! Onde estás? Não me abandones agora. Leva-me junto delas, imploro-te.

Respondeu-me ela de imediato; ressoando a sua voz e vindo do andar de cima do edifício.

— Taita! Sois vós, meu senhor? — Após estas palavras, escutei o som dos seus passos nas escadarias. — No princípio, julguei que se tratava de outro bando de saqueadores, que acorria a um novo saque — gritou.

Com a cabeça coberta com o capuz, desceu os últimos degraus a correr e lançou-se nos meus braços. Tomei o seu rosto entre as minhas mãos e levantei-lho. Olhei-a fixamente antes de conseguir recuperar a voz.

— Loxias! — exclamei. — O que fazes tu aqui, menina? Tomei-te por outra pessoa.

— Meu senhor, o Toran mandou-me aqui vir para vos esperar. Sabíamos que viríeis. Vou mostrar-vos o caminho até ao templo Maior do deus Crono, que fica nas montanhas. — Soluçava ela de um modo tão descontrolado que tive alguma dificuldade em perceber o que me dizia, pelo que a estreitei no meu abraço e a sosseguei.

— Fala mais devagar, pequenina! Não compreendo nada do que dizes. Respira fundo e fala mais devagar.

— A mando do Supremo Rei Minos, os sacerdotes levaram a Tehuti e a Bekatha para o templo Maior. É aí que irão sacrificá-las para aplacar a ira do deus Crono e evitar que ele destrua o império minoico com fogo e enxofre. — Depois de inspirar fundo mais uma vez, prosseguiu, dizendo: — Já sacrificaram eles quarenta das esposas virgens do Supremo Rei Minos, porém, Crono rejeitou-as. A sua ira ainda não foi aplacada e exige ele o sacrifício máximo: as princesas virgens da Faraónica Casa do Egito.

— Onde está o Toran neste momento?

— Foi para o templo Maior para tentar dissuadir o Supremo Minos de levar por diante este terrível ato, ou, pelo menos, para retardar o sacrifício até que chegueis. Diz ele que sois o único que pode salvar a Tehuti e a Bekatha. De algum modo, sabia ele que havíeis de vir. Nos seus sonhos, viu ele uma senhora de capuz que o avisou...

— Conheces o caminho para esse templo? — interrompi-a.

— Conheço — respondeu ela. — Não fica longe daqui. O Toran explicou-me como havia eu de dar com a entrada secreta e não me perder no labirinto.

Agarrei-a por um braço e corremos pelo meio das divisões desertas até à entrada principal da embaixada. Zaras e Hui estavam ali à minha espera com todos os seus homens. Zaras saltou da sela e correu ao meu encontro.

— Encontrei-as? — começou o meu capitão por dizer, mas depois reconheceu Loxias sob o capuz. — Onde estão as princesas?

— Basta! — exclamei, atalhando as suas perguntas. — Explico-te tudo no caminho, enquanto cavalgarmos. A Loxias sabe onde podemos encontrá-las e leva-nos lá.

Nos estábulos da embaixada, Hui havia encontrado mais seis cavalos, um número suficiente para que todos os homens montassem. Sentei Loxias na sela atrás de mim, após o que ela firmou os braços em volta da minha cintura, enquanto eu esporeava o garanhão.

Cavalgámos bem junto uns dos outros com Loxias a guiar-me até ao caminho que se estendia para oeste pela montanhosa espinha dorsal daquela ilha. Depois de percorridas duas léguas, chegámos a uma encruzilhada, com o caminho principal a seguir por diante, enquanto outro mais estreito bifurcava para cima em direção ao cume do monte Ida. Achava-se aquela rota marcada por um gigantesco cedro, cujos ramos cimeiros, já mortos, olhavam para cima na direção das ondulantes nuvens vulcânicas.

— Diz o Senhor Toran que esta árvore tem mil anos — disse-me Loxias por cima do ombro. — E que é o símbolo do deus Crono. — Com estas palavras, apontou para o crânio de um enorme touro-auroque que se achava cravado no tronco do mesmo cedro. Eram os chifres quase duas vezes o tamanho dos que haviam matado Waaga, o escravo, deixando-os o tempo e a luz do Sol com uma ofuscante cor branca.

Sem perder mais um instante sequer a contemplá-los, dirigi a montada para a vereda que Loxias me indicava, que subia pelo meio da densa floresta, mas cuja largura acolhia apenas dois cavalos a galope. Terminava abruptamente num elevado despenhadeiro de pedras negras, em cuja base era visível uma porta de bronze maciça, em cujo centro se achava uma roda de segurança do mesmo metal.

Loxias saltou da sela atrás de mim e, como um gato, aterrou com os pés e as mãos no chão. Correu para a porta e começou a girar a roda de segurança para a esquerda e para a direita, contando em voz alta o número de voltas que dava.

De pronto lhe segui os gestos e também desmontei, colocando uma das cordas secas no arco. Após isso, retirei duas flechas da aljava e preendi-as no cinturão de onde pudesse sacá-las num instante. Puxei de uma terceira e, com a mão esquerda, segurei no aro do arco. Ato contínuo, com a mão direita, assegurei-me de que a

espada continuava na bainha. Zaras, Hui e os restantes homens seguiram o meu exemplo, e, depois de prepararem as armas, puseram-se atrás de Loxias e de mim.

Loxias deu a última volta à roda de segurança e o mecanismo soltou um ruidoso clique. Fiz sinal a Zaras para que a ajudasse a puxar pela roda, ao mesmo tempo que me afastava para o lado e puxava ao máximo o arco, apontando por cima do ombro do capitão.

A porta abriu-se pesadamente. Logo atrás dela, encontravam-se duas viragos com os uniformes verdes do serranho real. Ambas estavam com as espadas em riste e prontas a atacar, apressando-se a investir para atacar Zaras e Loxias.

Zaras estava à espera disso, pelo que matou logo uma delas com uma estocada limpa, desferida sobre o seu peito desnudo de rapaz. A outra, matei-a eu com uma flecha. A tão curta distância, a flecha trespassou-lhe o torso, fez-lhe a coluna vertebral em estilhaços e saiu entre as omoplatas, fazendo saltar chispas do muro de pedra que existia atrás dela. As duas guerreiras tombaram sem emitir um único som. Passámos por cima dos cadáveres e, ombro com ombro, Zaras e eu corremos pelo túnel, escassamente iluminado por umas tochas fumegantes apoiadas nuns suportes cravados nas paredes laterais.

— O Toran diz para virarmos à esquerda, de contrário, perdemos-nos no labirinto. — Loxias vinha logo atrás de mim, falando-me por cima do ombro.

Virei à esquerda três vezes seguidas. Após isso, ouvi o débil som do eco de um cântico no túnel, que se ia tornando cada vez mais distinto à medida que nos aproximávamos dele. Virei novamente à esquerda e, de repente, vi diante de nós um raio de luz diurna.

Adverti Loxias e o resto dos homens para que ficassem onde estavam, seguindo eu acompanhado por Zaras e Hui, a ladearem-me. A luz ganhou maior intensidade e voltámos a virar à esquerda.

Encontravam-se outras duas viragos a bloquear a passagem, contudo, desta vez, estavam ambas de costas voltadas para nós. Toda a sua atenção estava concentrada no que se passava à sua frente, não tendo elas por isso dado pela nossa presença. Aproximámo-nos das duas guerreiras por trás. Zaras e Hui taparam-

lhes as bocas com uma mão para as impedir de gritar, e houve um rápido lampejo de lâminas antes de os corpos flácidos de ambas caírem no chão. Passámos por cima dos cadáveres e demos connosco numa varanda que havia sido escavada na própria rocha.

Vinte côvados, senão mais, por baixo de nós, abria-se uma enorme caverna, naquele momento iluminada pela luz do dia que ali penetrava por uma entrada com pilares, situada na parede contrária. Através daqueles portais, conseguíamos nós ver as ruínas da cidade de Cnossos e a extensa baía até ao cume do monte Crono, que enchia o horizonte.

Mesmo por baixo de nós, havia uma espaçosa arena em semicírculo, cujo chão se achava coberto por uma fina areia branca em cima da qual havia um altar de ouro e prata. Em cima dele, elevava-se a estátua dourada de um touro-auroque, toda rodeada de flores e de uns fumegantes potes de incenso.

A arena e o altar tinham em todo o entorno fileiras de bancos de pedra. As duas filas inferiores estavam cheias de nobres minoicos, vestidos de negro e com chapéus altos. Tinham os rostos empoados com giz branco e os olhos delineados com *kohl*, à maneira tradicional. Só as bocas se moviam, enquanto entoavam um cântico fúnebre.

Fiquei surpreendido por ali se acharem tão poucos, quando no palácio do porto, no dia em que Tehuti e Bekatha haviam contraído matrimónio com o Supremo Rei Minos, se contarem eles nuns quantos milhares. Naquele dia, porém, estavam ali menos de cinquenta. A erupção e o maremoto deviam ter dizimado a fina flor da sociedade minoica.

Logo atrás daqueles escassos sobreviventes, elevava-se outra fileira de assentos, que não estavam ocupados, no meio da qual estava um trono alto, todo de ouro. Também este estava vazio.

Diretamente por detrás do trono achava-se a entrada daquele templo subterrâneo, uma abertura cavernosa, que emoldurava a distante vista do monte Crono através das águas turvas da baía de Krimad. Os vulcões gémeos cuspiam colunas de fumo que se elevavam para os céus, quase escondendo o Sol e convertendo-o numa esfera amarela mortíça.

Era tão alta a varanda na qual nos havíamos agachado que nos encontrávamos bem acima do alcance da vista do público que estava diante de nós. Também ficávamos parcialmente escondidos por umas cortinas altas de cor escura, penduradas do teto da gruta, pouco acima do chão arenoso. Ainda assim, com um murmúrio, adverti Zaras e Hui para que recuassem para a penumbra e embainhassem as espadas por forma a evitar que qualquer reflexo da luz natural pudesse denunciar a nossa presença naquele templo.

Mal havia eu acabado de falar e já duas fileiras de sacerdotes ataviados com as suas túnicas cor de sangue taurino apareciam de cada um dos lados do anfiteatro. Ocuparam os seus lugares em redor do trono de ouro e juntaram as suas vozes às dos nobres para assim encherem todo o templo com o seu lamento fúnebre.

Então, de repente, pararam de cantar, tornando-se assim o pesado silêncio mais opressivo do que o canto. Toda a congregação gemeu, e, como um só, todos os membros se ajoelharam e apoiaram as testas nas lajes de mármore.

Aguardava eu pelo aparecimento do Supremo Rei Minos, olhando para o trono com a máxima atenção, esperando por outro efeito cénico qualquer. Contudo, apesar disso, fui apanhado de surpresa.

Se, num momento, estava vazio, no instante seguinte, já o monarca minoico se achava sentado nele com a frágil e esquelética mãe a seu lado.

Vinha ela ataviada com a roupa de luto, tenebrosa e deprimente. Ele, por seu lado, estava resplandecente no fato de gala, elevando-se acima de todos os súbditos, a ponto de parecer encher toda a gruta com a sua presença, com a armadura e a hedionda máscara taurina de metais preciosos a lançarem chispas de luz para a penumbra.

A música marcial que saía de uma orquestra escondida enchia a gruta com o seu som tumultuoso, e a congregação gritava, transportada por um êxtase idólatra.

O Supremo Rei Minos levantou o punho direito enluvado e o silêncio, de uma intensidade quase sufocante, apoderou-se por completo da gruta. Mesmo os três que nos achávamos na varanda, bem acima da arena, nos sentimos intimidados com tudo aquilo.

Fez o Rei Minos outro gesto e a congregação tornou a ganhar voz. Era todavia aquele um som selvagem, pleno de uma raiva primitiva. Então, a cortina que estava pendurada no teto da gruta foi afastada para um lado para deixar a descoberto duas portas perfuradas na parede rochosa, uma de cada lado do anfiteatro. A voz em uníssono da congregação elevou-se num frenesim de antecipação. Inclusive os sacerdotes vestidos de vermelho se juntaram ao clamor, que agora se revestia de um novo elemento. O som já não era o da oração nem da adoração, tendo-se convertido num bramido de excitação lasciva e êxtase sádico.

Pelo meio das cortinas abertas, em passo marcial, entrou uma falange de viragos vestidas de verde. Traziam elas protetores de cabeça postos, adornados com lustrosas plumagens de flamingo. Os escudos levantados eram de pele de crocodilo curtida, encontrando-se estes sobrepostos para ocultarem algo que vinha no meio da formação. Quando chegaram ao centro da arena, detiveram-se. Nesse momento, obedecendo a algum sinal previamente determinado, descerraram fileiras para exibirem as minhas princesas.

Ali paradas de mãos dadas, Tehuti e Bekatha olhavam no mais completo assombro para a multidão que gritava nas fileiras desniveladas por sobre elas. Nas suas cabeças luziam grinaldas de rosas brancas.

Era, todavia, a única coisa que as cobria, posto estarem os seus corpos totalmente despidos. Pareciam assim muito jovens, tenras e quase infantis. As viragos voltaram-se em uníssono e, em passo de marcha, abandonaram a arena, deixando Tehuti e Bekatha ali sozinhas.

A troada em que a multidão irrompeu abateu-se sobre as minhas duas pequeninas, fazendo-as estremecer. O Supremo Rei Minos levantou-se e o alvoroço foi novamente silenciado. Virou-se ele devagar para que a máscara dourada ficasse voltada de frente para a abertura da parede traseira do templo, na qual se achava enquadrada a distante imagem do monte Crono, elevando-se, então, a voz quando deu início a uma invocação do seu deus. Por

entre os mugidos e os uivos que emitia e que reverberavam no interior do elmo, não consegui captar sentido algum do que dizia.

Não obstante, a sensação que provocavam era inconfundível, e mais ainda quando, da bainha cravejada de joias, retirou ele uma enorme espada de bronze, tão longa quanto a minha altura. Virou-se o rei para as duas meninas desnudas paradas no chão sacrificial, em baixo de onde ele se encontrava.

Agora, pela primeira vez, compreendia eu as palavras que pronunciava, ainda que soassem distorcidas pela máscara que lhe cobria o rosto e se tornassem confusas pelo eco que faziam ao bater nas paredes de rocha.

— Muito amado Crono! Crono, o primeiro de todos os deuses! Eu sou teu filho, o fruto do teu sexo, a carne da tua carne e o sangue do teu sangue. Durante mil anos te adorei. Durante mil anos te amei e te obedeci. Uma vez mais me apresento diante de ti para renovar os meus votos. Ofereço-te o sacrifício pelo qual a tua alma divina anseia. Ofereço-te sangue real virgem para que o bebas. Ofereço-te carne real virgem para que a devores. Mostra-te sob a tua aparência terrena e participa no festim que deponho diante de ti! Mata! Come!

Levantou a espada e, com ela, apontou para a porta que estava diante de Tehuti e Bekatha.

A porta dupla abriu-se, porém, o interior estava às escuras. Ainda que o fitasse bem, não conseguia eu ver nada mais para lá das ombreiras. Foi então que algo se moveu ali dentro, algo tão enorme e ameaçador que desafiou a minha imaginação.

Bekatha gemeu e encolheu-se contra a irmã mais velha. Estava lívida de terror. Tehuti envolveu-a com um braço num gesto protetor e Bekatha agarrou-se a ela com os dois braços. Ambas recuaram até à porta da entrada.

Um silêncio denso e palpável caiu sobre toda a arena, bem como sobre o mundo para lá daquela gruta. A retumbante troada dos vulcões cessou bruscamente. Debaixo dos nossos pés, a terra aquietou-se. Parecia que inclusive o grande deus Crono havia ficado fascinado com todo aquele espetáculo que estava a desenrolar-se no seu próprio templo.

O silêncio foi quebrado por uns raivosos resfôlegos bovinos e pelas batidas surdas de grandes cascos no chão arenoso. Um touro-auroque precipitou-se pela porta aberta, mas parou de repente ao ouvir o repentino urro da congregação, ficando ali a bater com as patas dianteiras no chão de areia e a levantar uma nuvem de pó.

Ainda que todos os touro-auroques que eu vira antes apresentassem manchas negras e castanho-escuras, aquele exemplar era de um branco resplandecente, como a espuma da onda gigante que havia destruído a cidade de Cnossos. Tinha o mesmo uns olhos tão brilhantes como rubis polidos e o corpo, opado pela raiva, parecia tornar-se ainda maior à medida que movia a enorme cabeça de um lado para o outro, à procura de um alvo para descarregar a ira.

Os cornos descomunais eram brancos como o marfim e as pontas eram de um negro reluzente e afiadas como a ponta de uma lança. Tinham estes uma envergadura duas vezes maior do que os braços de um homem estendidos.

Em seguida, a criatura fixou o olhar nas duas meninas desnudas que estavam diante da mesma e esta baixou a cabeça. A enorme bossa que tinha entre as omoplatas parecia crescer mais ainda com a raiva; pateou a criatura o chão.

Apercebi-me de imediato que, pela cor e o tamanho que apresentava, bem como pela aura de maldade que exalava, não era aquela uma criatura da floresta, nem da montanha, mas algo que havia sido enviado das ardentes profundezas do vulcão para aceitar o sacrifício em nome do demoníaco amo.

A besta grunhiu para as presas. O lábio superior curvou-se para trás, deixando a descoberto os grandes caninos, os dentes de um animal carnívoro, não de um herbívoro.

«Ofereço-te sangue real virgem para que o bebas. Ofereço-te carne real virgem para que a devores», havia o Supremo Rei Minos instado aquela criatura. «Mata! Come!»

Afastei o terror que ameaçava paralisar-me.

— Zaras! Hui! — levantei a voz acima do ensurdecido tumulto da congregação minoica. — Temos de ir lá abaixo protegê-las. Nem que seja usando as cortinas, mas temos de ir lá abaixo.

Ambos saíram dali a correr, quase me pisando com a pressa. Um atrás do outro, subiram para a balaustrada da varanda e agarraram-se às cortinas para assim conseguirem descer até ao chão da arena. Todavia, percebi que já não chegariam eles a tempo de salvar Tehuti.

O luzidio touro branco havia centrado toda a sua atenção naquele alvo e começava agora a carregar sobre ela, rugindo diretamente para ela. Bekatha gritou, e sem dúvida que esse som inflamou mais ainda a fúria daquele monstro. Zaras e Hui haviam apenas alcançado o solo, tendo ainda de atravessar metade da arena para conseguirem intervir.

Tensioneiei o arco e disparei uma flecha, que atingiu o touro no ombro, no sítio exato para onde havia eu feito pontaria. Apesar disso, apercebi-me de que se havia cravado no osso e, por isso, se havia desviado. A besta gemeu e corneou um dos nobres do público. O homem desapareceu da vista de todos.

Havia o touro ficado com um simples arranhão com a flecha. Não me atrevi a disparar de novo, posto Bekatha se ter separado da irmã, e, tomada pelo pânico, estar a correr diretamente para a linha de carga da besta taurina.

O animal dirigiu-se para ela com a monstruosa cabeça baixa. Um dos cornos apanhou-a na parte superior de um dos braços. Vi o osso partir-se e um esguicho de sangue sair do ferimento quando foi lançada ao ar por sobre o dorso do touro. Caiu ela no chão, parecendo-me que a areia havia amortecido o impacto. O touro voltou-se para ir atrás dela.

Tehuti reagiu mais depressa do que qualquer um de nós. Correu para diante para intercetar a investida do touro, gritando com a voz aguda e agitando os braços para desviar a sua atenção. Corria ela para a besta, de cujas fossas nasais saía uma respiração quente e fétida que invadia o ar húmido da gruta. Ao passar junto ao animal, tirou a grinalda de rosas que trazia à cabeça e atirou-lha ao focinho.

Desconcertado, o descomunal touro hesitou um instante, dando a Tehuti margem de manobra suficiente para se voltar e correr para o sítio onde havia visto Zaras, ainda agarrado às cortinas a meio da descida para o chão da arena.

— Zaras! — gritou ela. O touro hesitou um instante breve antes de voltar as costas ao sítio onde Bekatha estava caída e carregar sobre Tehuti. Foi ela rápida como uma gazela, porém, o touro foi mais veloz ainda. Estava este prestes a tocar-lhe quando ela desviou o tronco e mudou de direção, ganhando um metro antes de o touro conseguir continuar a persegui-la.

Vi que, agora, ela ia passar mesmo por baixo do sítio onde me encontrava, apoiado na balaustrada da varanda. Retirei a espada da bainha que tinha presa ao cinturão, levantei-a bem alto e lancei-a para a arena. Cravou-se a mesma com a ponta no chão, ficando o punho levantado mesmo à sua frente.

— Pega na espada! — gritei lá para baixo para Tehuti.

Mais uma vez, reagiu ela com a velocidade e a força de uma atleta nata. Desviou-se um pouco da direção que tomava, e, ao passar junto à espada, arrancou-a da arena, empunhando-a com a mão direita.

O touro estava prestes a alcançá-la de novo. Balanceou a cabeça, fazendo com que a ponta do chifre esquerdo silvasse ao cortar o ar junto ao ombro de Tehuti. Ela esgueirou-se por baixo do animal, encolhendo o estômago. Então, enquanto o touro sacudia a cabeça para recuperar o equilíbrio, Tehuti agarrou-se ao corno que estava mais próximo de si com a mão livre, logo atrás da ponta. Quando o touro-auroque a levantou com o corno, ela não lhe resistiu, antes seguiu o seu movimento, saltando nessa mesma direção. Flutuou ela bem por cima do torso do touro-auroque, e, quando se deixava cair, levantou o braço com que empunhava a espada e dirigiu a ponta da arma para o lombo do animal. Não havia aí osso algum que pudesse desviar a ponta da espada. Valendo-se de todo o seu peso, Tehuti cravou-lhe a lâmina inteira entre as omoplatas, trespassando o coração da criatura, após o que largou o punho, deixando a espada na ferida.

Em seguida, arqueou ela as costas enquanto se deixava cair suavemente atrás do touro vencido, afastando-se com uma pirueta e os braços levantados bem acima da cabeça. Endireitou-se calmamente e foi com serenidade que olhou para o monstruoso animal, que havia estacado. Separou ele bem as patas dianteiras,

estendendo-as, e baixou a cabeça até a boca quase tocar no chão arenoso da arena. Abriu bem a boca e soltou um bramido. Da garganta jorrou uma torrente de sangue brilhante. Após isto, cambaleou para trás até as patas traseiras cederem sob o seu peso e bater no chão da arena com um som em tudo semelhante ao de um cedro a cair depois de ser abatido. O corpo rolou para um dos lados e as patas traseiras escoicearam espasmodicamente até, por fim, pararem de se mexer. O silêncio no interior da gruta durou o mesmo tempo que demorei a encher os pulmões de ar.

Então, o grande deus Crono, no vulcão que estava para lá da baía, deu rédea solta à sua ira. Haviam-lhe negado o sacrifício. A criatura que era o seu *alter ego* havia sido derrotada no recinto do seu próprio templo.

Levantei a cabeça, afastando a atenção do espetáculo que se desenrolava na arena e olhei para o outro lado, na direção da baía de Cnossos. O que vi era maravilhoso.

Na sua fúria mais extrema, Crono havia destruído a sua fortaleza. Tudo parecia acontecer muito lentamente. Toda a montanha explodiu em milhares de enormes pedaços de rocha, alguns deles tão grandes como a própria Creta, porém, outros ainda bem maiores do que isso. Eram estes lançados para o alto pelas forças catastróficas libertadas do próprio centro do vulcão, situado a milhares de metros abaixo da superfície marítima. As rochas haviam-se sobreaquecido naquela fornalha profunda até se fundirem e queimarem com uma luz branca que parecia obscurecer o Sol e iluminar todo o nosso mundo. Quando as rochas submergiam na água, o mar começava a ferver. O vapor de água libertado das águas ferventes estalava numas nuvens brancas que giravam e tornavam a subir ao céu, destruindo tudo. O mar, a terra e o céu haviam desaparecido. Permanecia apenas aquela densa muralha de vapor.

Tudo isto parecia acontecer em silêncio, enquanto o mundo e todas as criaturas vivas continham a respiração.

Só então nos chegou o fragor do cataclismo, posto ter o mesmo demorado muito tempo a cruzar as águas da baía. O som embateu contra a ilha de Creta como um objeto sólido, algo quase tão pesado

como as próprias rochas que haviam caído. Ainda que, em parte, estivéssemos protegidos pelas paredes da gruta que nos rodeava, a ferocidade e o volume daquele som atirou-nos ao chão, onde ficámos caídos a gemer e a tapar os ouvidos atroados.

O som e o tremor de terra soltaram enormes blocos de rocha do teto da gruta. Ao meu redor, via eu apenas homens esmagados pelas rochas que se haviam soltado do teto a gemerem e a lançarem gritos de morte, enquanto o chão saltava e balanceava como a coberta de um navio no meio de um furacão.

Fui um dos primeiros a recuperar a consciência, ainda que os meus olhos estivessem ofuscados pela luz da montanha a arder e os meus ouvidos zumbissem pelo ruído atroador. Virei-me para me pôr de joelhos e assim olhar para toda a gruta. Não era eu o único que se movia. Zaras havia-se arrastado até ao sítio onde estava Tehuti caída junto à carcaça do touro. Embalava-a ele nos braços, vendo eu bem como ela estava aturdida e desconcertada.

Hui estava ajoelhado ao lado de Bekatha, parecendo recear tocá-la. Na qualidade de guerreiro, havia ele pelejado em muitos campos de batalha, agora, porém, estava aterrorizado por ver o sangue da mulher que amava. Ela sustinha contra o peito o braço partido e levantava os olhos para Hui como uma menina que buscasse consolo no pai amado.

Olhei para lá do sítio onde ambos se encontravam e vi o Supremo Rei Minos. Estava ele parado na abertura da gruta a contemplar as nuvens de vapor de água que haviam arrasado o sítio onde outrora se achava o monte Crono. Com as duas mãos elevadas bem acima da cabeça, sustinha o rei o frágil corpo da mãe. Vi que tinha a anciã o crânio esmagado e os olhos fora das órbitas. Havia sido atingida e morta pelas rochas que se haviam desprendido do teto da gruta.

— Porque nos fizeste isto? Eu sou teu filho, poderoso Crono — gritou Minos. — A minha mãe era tua amante e tua esposa. Não podias ter aceitado o sacrifício que te ofereci e ter-lhe poupado a vida?

Sabia eu bem que tinha de o matar antes de poder ele continuar a semear o mal por aquele nosso mundo, pois, desta vez, tinha eu a

certeza disso, havia ele de nos matar a todos, às minhas princesas, aos meus amigos, aos meus companheiros e a mim mesmo.

Tensionei o arco e disparei uma flecha que atravessou toda a gruta. Atingiu Minos bem no centro da couraça dourada e trespassou-lhe o corpo, fazendo brotar sangue negro do buraco que a flecha havia feito na armadura. Todo o templo se encheu do seu fedor, semelhante ao de corpos em decomposição que tivessem estado ao sol por dez dias inteiros.

A força do golpe com que a flecha o atingiu lançou o corpo de Minos pela abertura da parede da gruta, desaparecendo ele do alcance da minha vista. O cadáver da mãe jazia no sítio onde ele o deixara cair, como uma pilha de trapos velhos negros.

Saltei para cima da balaustrada da varanda e deslizei pelas cortinas abaixo até chegar ao chão da arena. Enquanto corria até ao sítio onde Bekatha estava caída, desprendi a bainha da espada para a retirar do cinturão, ajoelhei-me junto dela e disse a Hui:

— Agarra nela com força. Isto vai doer-lhe.

Bekatha gemeu enquanto lhe endireitei os ossos partidos do braço e usei a bainha da espada como uma tala para os imobilizar. De pronto peguei num frasco de vinho, que levava na bolsa, e entreguei-o a Hui.

— Dá-lhe tudo o que ela queira beber — disse-lhe. — Contudo, é este das Cíclades, um vinho demasiado bom para um rufião como tu o beber.

Bekatha sorriu com um esgar de dor e sussurrou:

— O Hui é o meu homem. De agora em diante, irei para onde ele quiser ir. A sua casa é a minha casa, e o vinho que eu beber será para o partilhar com ele. — Eu estava orgulhoso dela.

Olhei em volta para todo o templo e vi que as viragos que montavam guarda ao serralho real haviam fugido. Pensei que todos os nobres minoicos haviam fugido com elas, mas então vi Toran parado junto a Zaras e Tehuti com o braço em volta de Loxias.

— Queres vir connosco, velho amigo? — perguntei-lhe. Toran fez uma pausa breve antes de me responder.

— O Império Minoico pereceu aqui hoje. Não mais tornará o mesmo a levantar-se. Isto foi profetizado há quinhentos anos. — A

sua expressão era sombria, contudo, ao cabo de alguns instantes, prosseguiu, dizendo: — Eu perdi a minha pátria, porém, perdeu o Egito o seu aliado mais poderoso contra o flagelo dos Hicsos. — Após isto suspirou antes de concluir: — Ainda assim, a Loxias e eu iremos convosco para Tebas e torná-la-emos como a nossa nova pátria.

— Tenho eu receio de vos perguntar a mesma coisa, Zaras e Tehuti — disse-lhes quando me voltei para ambos. Fiquei surpreso por ser Tehuti a falar pelos dois.

— Querido Taita, amo-vos aos dois, a ti e ao Egito, mas amo o Zaras mais ainda — disse-me ela sem mais. — Se eu regressar contigo para Tebas, tentará o meu irmão desposar-me com outro rei ensandecido de algum país bárbaro. Servi o meu Faraó e a minha pátria até ao limite do meu dever. Agora, quero ser livre para passar o resto da vida com o homem que amo. E, com estas palavras, tomou ela a mão de Zaras. — Partiremos com o Hui e a Bekatha e buscaremos um novo lar nas terras do Norte, que ficam mais além do mar Jónico.

— Gostaria eu de vos acompanhar, mas não posso — disse-lhe. — O meu dever é estar com o Faraó, em Tebas. Dir-lhe-ei que a Bekatha e tu pereceram, para que desse modo nunca ele vos mande buscar.

— Obrigada, querido Tata — agradeceu-me ela. Depois de uma breve hesitação, prosseguiu, dizendo: — Pode ser que um dia, se os deuses forem benevolentes, voltemos a ver-nos.

— Pode ser que sim! — concordei.

— Hei de pôr o teu nome ao meu primeiro filho — prometeu-me, e eu virei-me de costas para que não visse as lágrimas que me enchiam os olhos. Após isso, subi os degraus dos bancos de pedra, que agora estavam vazios, e cheguei à abertura na parede da gruta através da qual a flecha havia lançado o corpo de Minos. Aproximei-me do rebordo do precipício e olhei para cem metros mais abaixo, para o sítio onde o cadáver jazia com as pernas abertas, por sobre umas rochas, no meio de um charco do seu próprio sangue coagulado. A flecha sobressaía da couraça prateada. O elmo ainda

lhe cobria a cabeça. Através dos escuros orifícios não vi nada que parecesse estar a olhar-me fixamente.

— O que eras? — Fiz a pergunta em voz alta, ainda que num sussurro apenas. — Eras um homem ou um monstro? Um demónio ou um pequeno deus? — Depois, abanei a cabeça. — Rezo para nunca saber a resposta a esta pergunta.

O corpo de Pasífae, a mãe de Minos, jazia a meus pés. Peguei nele e deixei-o cair pelo precipício. Quando tornei a olhar, vi que jaziam juntos, com os braços e as pernas obscenamente entrelaçados como dois amantes, em vez de serem mãe e filho.

Voltei-me e encaminhei-me para a arena, onde as minhas meninas me aguardavam. Saímos todos do templo e percorremos todo o labirinto até chegarmos à floresta onde havíamos deixado os cavalos. Montámos e, pela última vez, cavalgámos em conjunto como uma família. Subimos a vertente do monte Ida e, com as rédeas ao ombro, olhámos para trás para contemplar a baía de Cnossos.

O monte Crono havia desaparecido, de novo sugado pelas abissais profundezas do oceano. Só as águas turvas do mar fervente assinalavam a sua sepultura.

Então, olhámos para a frente, para o sítio onde outrora estivera o porto de Krimad, e vimos que todos os seis navios da flotilha haviam sobrevivido ao maremoto, achando-se ancorados em segurança no alto-mar à nossa espera.

Ao meu redor, todos gritaram de alegria e emoção, esporeando os cavalos pelo caminho que cruzava a floresta. Seguiam eles aos pares, Senhor Toran e Loxias, Hui embalando Bekatha contra o peito para proteger o braço magoado e Zaras com Tehuti, que o instava a prosseguir mais depressa.

Fiquei para trás, deixando-os assim que partissem.

— Que as suas viagens comecem aqui e para todos terminem nas Colinas da Felicidade — murmurei em voz alta. Todavia, a alegria que sentia por eles foi atenuada pela melancolia que sentia por mim próprio: pobre e solitário Taita. Foi então que ouvi uma voz, ainda que bem pudesse ter sido simplesmente o vento da tarde nas copas das árvores.

— Tu nunca estarás sozinho, Taita, pois um nobre coração é o íman que atrai para si o amor dos outros.

Olhei em redor com emocionado assombro e pensei que a via aproximar-se de mim pela floresta, usando a túnica vestida e o capuz. Todavia, a luz desvanecia-se e bem podia isso ter-me confundido.

[Unidade de medida antiga com a seguinte correspondência: 1 *lakh* equivale a cem mil unidades, 10 *lakhs* correspondem a um milhão e 20 *lakhs* a dois milhões. (NT).

Table of Contents

- FICHA TÉCNICA
- DEDICATÓRIA
-